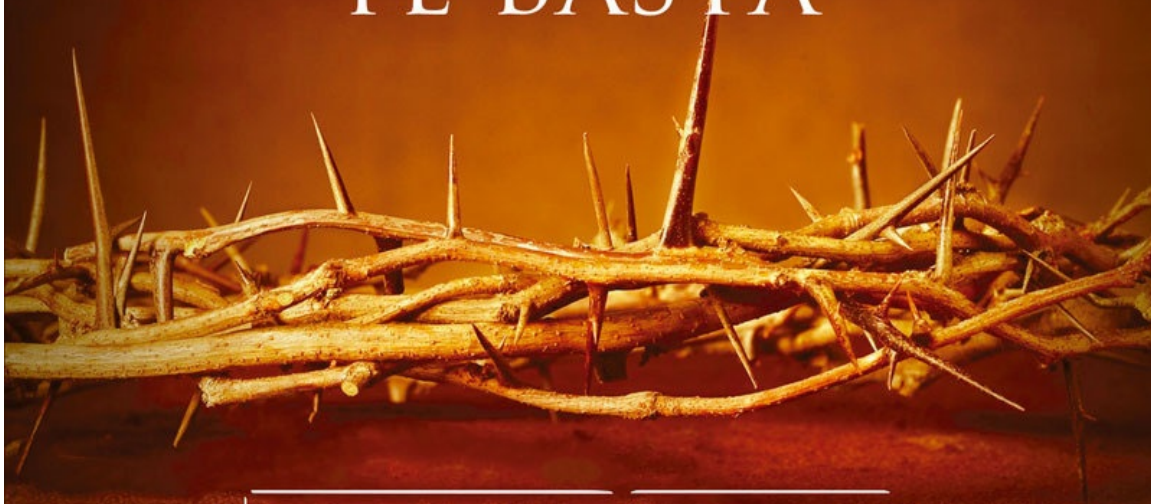


AUGUSTUS NICODEMUS

A MINHA
GRANÇA
TE BASTA



A MENSAGEM DE 2CORÍNTIOS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA



AUGUSTUS NICODEMUS

A MINHA
GRANÇA
TE BASTA



A MENSAGEM DE 2CORÍNTIOS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

A minha

graça

te basta



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

■

Nicodemus, Augustus

A minha graça te basta: a mensagem de 2Coríntos para a igreja de hoje / Augustus Nicodemus. — São Paulo: Vida Nova, 2022.

ePub3.

ISBN 978-65-5967-095-6

1. Bíblia. N.T. Coríntios 2. Teologia dogmática I. Título I

■

Índices para catálogo sistemático

1. Bíblia. N.T. Coríntios

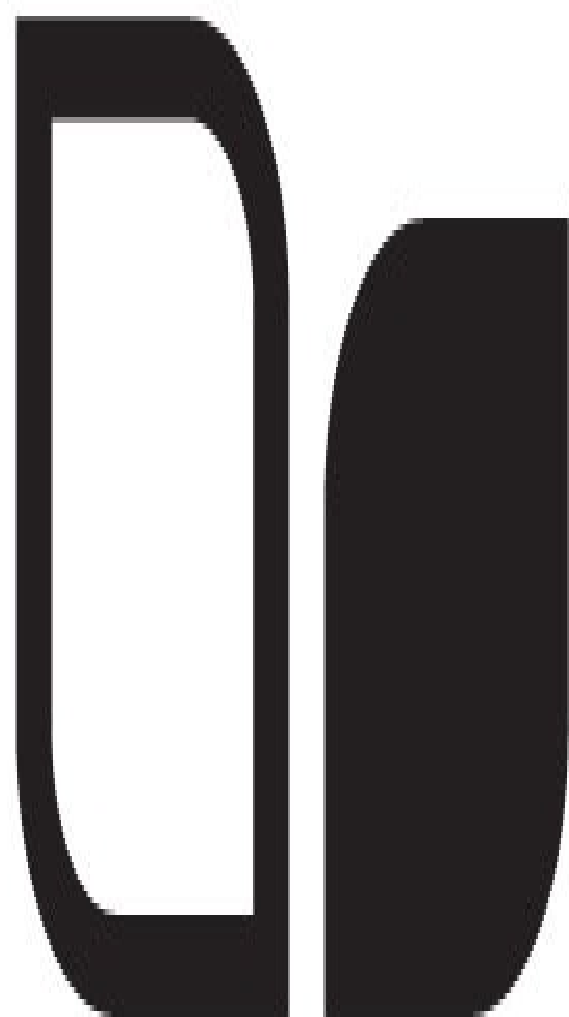
Augustus Nicodemus

**A minha
graça
te basta**

■

A mensagem de 2Coríntios para a igreja de hoje

■



VIDA NOVA

©2022 de Edições Vida Nova

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2022

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil/ Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21 (A21). As citações bíblicas com indicação da versão in loco foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA), da Nova Versão Internacional (NVI), da Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) e da Nova Almeida Atualizada (NAA). Todo grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade do autor.

Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial

Jonas Madureira

Edição de texto

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

Preparação de texto

Pedro Guimarães Marchi

Revisão de provas

Rosa M. Ferreira

Coordenação de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

Wesley Mendonça

Livro digital

Lucas Camargo

Para Chloe.

Sumário

[*Prefácio*](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[Entendendo 2Coríntios \(1.1,2\)](#)

[Capítulo 2](#)

[O objetivo das provações \(1.3-7\)](#)

[Capítulo 3](#)

[No limite \(1.8-11\)](#)

[Capítulo 4](#)

[Mudança de planos \(1.12—2.4\)](#)

[Capítulo 5](#)

[Como tratar um irmão em pecado \(2.5-11\)](#)

[Capítulo 6](#)

[O conhecimento de Cristo: cheiro de morte e aroma de vida \(2.12-17\)](#)

[Capítulo 7](#)

[Autoridade inegável \(3.1-6\)](#)

[Capítulo 8](#)

[Glória crescente \(3.7-18\)](#)

[Capítulo 9](#)

[Cegueira espiritual \(4.1-6\)](#)

[Capítulo 10](#)

[Alegria em meio aos sofrimentos \(4.7-15\)](#)

[Capítulo 11](#)

[Quatro atitudes para com o sofrimento \(4.16—5.10\)](#)

[Capítulo 12](#)

[As coisas velhas já passaram \(5.11-17\)](#)

[Capítulo 13](#)

[Tudo isso provém de Deus \(5.18—6.2\)](#)

[Capítulo 14](#)

[Apelo para reconciliação com os coríntios \(6.3-13\)](#)

[Capítulo 15](#)

[Jugo desigual \(6.14—7.1\)](#)

[Capítulo 16](#)

[A alegria com a chegada de Tito \(7.2-7\)](#)

[Capítulo 17](#)

[Os efeitos das palavras de Paulo \(7.8-16\)](#)

[Capítulo 18](#)

[A graça de contribuir \(8.1-7\)](#)

[Capítulo 19](#)

[Ensinando a contribuir \(8.6-15\)](#)

[Capítulo 20](#)

[Não haja dúvidas sobre a honestidade \(8.16-24\)](#)

[Capítulo 21](#)

[Princípios da contribuição \(9.1-7\)](#)

[Capítulo 22](#)

[A generosidade como testemunho cristão \(9.8-15\)](#)

[Capítulo 23](#)

[A mudança de Paulo \(10.1,2\)](#)

[Capítulo 24](#)

[A primeira acusação contra Paulo \(10.1-12\)](#)

[Capítulo 25](#)

[Quem se gloria, glorie-se no Senhor \(10.13-18\)](#)

[Capítulo 26](#)

[Justificativas para o apostolado de Paulo \(11.1-6\)](#)

[Capítulo 27](#)

[Anjo de luz \(11.7-15\)](#)

[Capítulo 28](#)

[A insensatez de Paulo \(11.16-33\)](#)

[Capítulo 29](#)

[Gloriando-se nos sofrimentos \(11.21-33\)](#)

[Capítulo 30](#)

[Arrebatado ao céu \(12.1-6\)](#)

[Capítulo 31](#)

[O espinho na carne \(12.7-10\)](#)

[Capítulo 32](#)

[As credenciais do apostolado \(12.11-13\)](#)

[Capítulo 33](#)

[O dinheiro e o ministério \(12.14-18\)](#)

[Capítulo 34](#)

[Os receios de Paulo \(12.19-21\)](#)

[Capítulo 35](#)

[Providências tomadas por Paulo \(13\)](#)

[Considerações finais](#)

PREFÁCIO

Vivemos na era das séries! Em 2021, estimou-se que mais de um bilhão de pessoas assinaram alguma plataforma digital de séries, filmes, documentários etc.¹ Sem dúvida o carro-chefe dessas plataformas são as séries, com seus vários temas e gêneros. Pessoas do mundo inteiro aproveitam seu tempo de lazer e descanso para “maratonar”, prática que consiste em assistir a diversos episódios ininterruptamente.

Um pastor “antenado” poderia dizer, sem medo de errar, que um dos métodos de pregação mais efetivo hoje são as séries contínuas de sermões, tradicionalmente chamadas de lectio continua. Mas ele não precisaria dessas estatísticas para dizer isso. A história da igreja tem mostrado que a pregação sequencial não só é uma das tradições mais antigas como também tem se mostrado pelos milênios o meio natural de proclamação e ensino das Sagradas Escrituras.² Em geral, a igreja cristã tem entendido que pregar todo o conselho de Deus³ envolve a exposição dos livros bíblicos em sua sequência, em outras palavras, a exposição do livro todo semana após semana.

Quando falamos de pregadores expositivos no Brasil um dos primeiros nomes que surge é o do Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes. A pregação expositiva tem marcado o ministério dele, e não é difícil achar na internet as centenas de sermões que pregou durante esses mais de 30 anos de ministério. Agora, o leitor tem em mãos mais uma obra fruto de suas pregações.

A série expositiva sobre a Segunda Carta de Paulo aos Coríntios foi pregada no ano de 2019 todas as segundas-feiras na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, onde o Rev. Augustus serve como pastor auxiliar. Assim, esta obra é testemunho do valor da pregação expositiva e da exposição continuada das Escrituras.

Neste livro, portanto, o leitor encontrará uma profunda pesquisa exegética, com o rigor devido de alguém que tem a intimidade com o texto sagrado de forma técnica. Mas também encontrará as aplicações práticas e devocionais de um pregador e profeta que se preocupa em expor o texto bíblico de forma clara e simples aos seus ouvintes e leitores.

Resta-nos agora sentar-nos confortavelmente na poltrona e maratonar essa série produzida pelo Espírito Santo que inspirou o apóstolo Paulo e iluminou o pregador para nos ensinar e edificar. Não perca nenhum episódio! Deus está falando com sua igreja.

A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós (2Co 13.13).

Rev. Ronaldo Barboza de Vasconcelos

Pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Casa Caiada

¹ Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/infografico-qual-o-streaming-com-mais-assinantes-no-mundo/>. Acesso em 09 de set. de 2021.

² [Hughes Oliphant Old, no primeiro de sete volumes da sua série de livros sobre a leitura e pregação das Escrituras na adoração cristã, ao tratar da pregação na era apostólica, afirma: “Havia um contraste distinto entre a pregação das Escrituras com base em uma lectio continua e a discussão sistemática de uma questão doutrinária ou um tema ético ou um problema de ordem da igreja após o outro. Parece, entretanto, que a igreja primitiva, como a sinagoga antes dela, tinha as duas coisas. Esse ensino sistemático estava, com certeza, relacionado às Escrituras tanto quanto a pregação expositiva, mas de uma maneira diferente”. Cf. Hughes Oliphant Old, The biblical period, the reading and preaching of the Scriptures in the worship of the Christian church \(Grand Rapids; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998\), vol. 1, p. 248.](#)

³ [Atos 20.27.](#)

INTRODUÇÃO

Esse comentário à Segunda Carta de Paulo aos Coríntios é baseado numa série de exposições que fiz durante os estudos bíblicos de segunda-feira na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife. Durante vários meses preguei verso a verso nessa desafiadora correspondência do apóstolo dos gentios. Fui muito provocado pelo que Paulo escreveu aqui a pesquisar mais, examinar meu próprio ministério e entender os sofrimentos inerentes a ele.

Primeiro, 2Coríntios é um choque de realidade para o pastor e para os crentes em geral que vivem a ilusão de que, se formos fiéis ao Senhor em nossa vocação, sempre seremos populares e bem aceitos. Praticamente em cada capítulo dessa carta encontramos o dedicado apóstolo se defendendo de acusações e questionamentos, às vezes da parte de seus próprios filhos espirituais. Com certeza, Paulo sabia o que era a falta de popularidade e de aceitação. Numa época em que as redes sociais praticamente nos induzem a medir o sucesso do nosso ministério pelo número de seguidores, essa carta sem dúvida é um corretivo necessário, ainda que amargo, para os que caíram na ilusão do sucesso mensurável por números.

Segundo, a epístola renovou minha convicção quanto à importância e à necessidade de ser fiel ao Senhor mesmo em meio à oposição. Um dos argumentos recorrentes do apóstolo Paulo contra os seus acusadores é a sua própria vida e pregação, as quais poderiam ser vistas comprovadamente como exemplos de fidelidade ao Senhor Jesus. E contra fatos, não há argumentos. A melhor resposta que podemos dar aos que se opõem ao nosso ministério é a nossa própria vida e a nossa pregação. Fui desafiado a examinar ambas e checar diante de Deus a integridade da minha vida como pastor e cristão.

Terceiro, percebi mais uma vez a necessidade de termos colegas ao nosso redor que nos ajudem nos momentos difíceis. O ministério de Tito foi uma bênção na vida de Paulo. Quantas vezes esse servo dedicado alegrou o coração ferido do apóstolo trazendo boas notícias e informando sobre o bom andamento da sua querida igreja em Corinto! Sabemos que muitos pastores hoje sofrem pela falta de colegas a quem possam confiar não somente aspectos de seu ministério como também os sofrimentos pelos quais estão passando. Agradei a Deus pelas

pessoas que ele colocou em minha vida e que são um bálsamo nas minhas lides pastorais.

Quarto, impressionou-me a transparência de Paulo ao lidar com os problemas da igreja de Corinto, especialmente aqueles em que as suas motivações estavam sendo questionadas. Mais do que em outras cartas, é aqui que Paulo abre seu coração e revela seus sentimentos, mesmo diante de uma igreja que lhe faltava com o devido amor e respeito como seu pai espiritual. Paulo cria que a verdade haveria de triunfar e, portanto, não se furta a dizê-la. O princípio permanece o mesmo hoje. Pastores precisam crer na verdade e estar prontos a confessá-la quando forem questionados. A sinceridade e a transparência de motivos serão sempre honradas por Deus.

Quinto, animei meu coração em perceber como a escatologia mantinha Paulo sempre motivado e disposto a superar os piores sofrimentos e os mais difíceis obstáculos. A esperança da ressurreição dos mortos, a futura presença física de Cristo, a glória do corpo ressurreto... tudo isso serve de base para Paulo perseverar num ministério que poucos pastores gostariam de ter — só aqui nessa carta ele apresenta cinco listas dos sofrimentos que enfrenta em seus labores, desde prisão até fome e sede. Tudo isso, porém, não era para se comparar com a glória ainda por ser revelada em Cristo, em sua parousia. Percebi o quanto me falta essa consolação — não porque não creia nela, pois creio de todo coração —, mas porque deixo de me apropriar dela pela fé diariamente. As demandas da vida e do ministério de tal forma me aprisionam no presente e nas suas angústias que o brilho da esperança futura quase se desvanece em meio às ansiedades diárias.

Sexto, essa epístola me motivou a não desistir da igreja de Cristo, por mais desfigurada que possa estar. Quanto amor, quanto zelo, quanto cuidado de Paulo pelos coríntios, apesar da ingratidão e teimosia de muitos deles. Cheios de problemas morais e espirituais, eram, contudo, “a igreja de Deus em Corinto” (2Co 1.1). Como pastor dedicado, o apóstolo responde suas perguntas, apresenta sua defesa, corrige seus erros morais e doutrinários e os assegura do amor que tem por eles.

Por fim, 2Coríntios foi um bálsamo para meu coração. Aqui renovei meu apreço pelas consolações que Deus nos concede em meio ao sofrimento. A cada passo da carta vemos Paulo reconhecendo e agradecendo as consolações de Deus para com ele, quer mediante uma visita de Tito (2Co 7.6), quer mediante uma

revelação do céu (2Co 12.4). O Senhor nunca permitiu que seu servo sofresse mais do que poderia suportar.

Minha oração é que esse livro seja instrumento de Deus na vida de meus colegas pastores e dos meus irmãos em Cristo em geral, como foi na minha.

Capítulo 1

entendendo 2coríntios

2Coríntios 1.1,2

A correspondência apostólica

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus em Corinto, com todos os santos em toda a Acaia; graça e paz sejam convosco, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Neste capítulo trataremos apenas de questões introdutórias da carta, cujo conteúdo, a partir do versículo 3, será abordado no próximo capítulo.

Esses dois versículos são o que chamamos de prefácio ou introdução da segunda carta que Paulo escreve aos coríntios. As cartas daquela época eram escritas de forma diferente de hoje. Quando escrevemos uma carta — se é que escrevemos, porque hoje em dia quase tudo é enviado por e-mail —, colocamos o nome do destinatário no início (endereçando-a para fulano de tal) e, no final, nos identificamos como o remetente, ao assinar: “Abraços, beltrano de tal”. Na época de Paulo, porém, as cartas eram prefaciadas, e o autor já indicava a quem ela se destinava e manifestava seu voto ou desejo de bem-estar, paz e prosperidade para aqueles que receberiam a carta.

Paulo está seguindo exatamente o modelo de carta usado naquela época. É interessante que só descobrimos isso, por incrível que pareça, cerca de cem anos

atrás. Até essa época se acreditava que o grego do Novo Testamento, bem como esse estilo de carta, eram peculiares aos cristãos, e que tinham sido estes os criadores desse tipo de epístola, de carta. Também se acreditava que o grego do Novo Testamento era típico dos cristãos, pois as outras fontes que tínhamos para o conhecimento do grego eram o grego clássico e o grego da Septuaginta, a qual era a versão em grego das Escrituras do Antigo Testamento. O grego do Novo Testamento, porém, era diferente. Até que, um dia, os arqueólogos descobriram na cidade de Nag Hammadi, no Egito, uma biblioteca enorme de escritos em grego que datam do século 2. E, então, eles descobriram que o grego do Novo Testamento nada tinha de “sagrado”. Era o grego comum da época, que recebeu, então, o nome de grego koiné. Koiné é uma palavra que significa “comum”, que pertence a todo mundo. Eles desenterraram centenas e centenas de milhares de cartas e de cópias de cartas enviadas naquela época, e descobriram que era exatamente assim que se escreviam cartas na época de Paulo. As cartas dessa época traziam o nome do autor, a quem se destinavam e um voto. Ou seja, embora o cristianismo tenha dado origem a muita inovação quando surgiu — a saber, nova música, novo estilo literário, como o dos evangelhos, por exemplo —, no que diz respeito a cartas, entretanto, Paulo estava seguindo o costume da época, que era justamente escrever cartas que começavam com esse tipo de introdução.

Quando Paulo se apresenta no versículo 1, ele diz que é “apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus”. Existe pouca discussão entre os estudiosos quanto a essa carta ter sido realmente escrita pelo apóstolo Paulo. Sei que talvez para você isso possa parecer chocante, mas, hoje, se você for estudar teologia nas grandes universidades do mundo em que existe um departamento de teologia, provavelmente o seu professor irá dizer que poucas cartas atribuídas a Paulo no Novo Testamento foram realmente escritas por ele.

Essa carta especificamente foi escrita, dentre outras coisas, para a defesa do apostolado de Paulo. Por isso, quando se apresenta, ele já diz: sou “apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus”, e não foi pela vontade dele mesmo, nem pela vontade de homem nenhum. Em outras palavras, Paulo estava dizendo que não era um apóstolo cujo apostolado fora dado por homens, que lhe impuseram as mãos e lhe deram cobertura.

Não, o apostolado de Paulo fora dado diretamente pelo Senhor Jesus Cristo, na estrada de Damasco, quando ele o havia chamado e constituído pregador entre os gentios. Portanto, é assim que o apóstolo se apresenta no início da carta.

O apóstolo ainda acrescenta que, junto com ele, está o “irmão Timóteo”. Sempre me impressiona a educação de Paulo. Ele não tem receio de concorrência. Ao escrever essa importante carta, coloca o “irmão Timóteo” como seu coautor. Ele é o “apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus”, mas diz que está escrevendo essa carta junto com o “irmão Timóteo”. Poucos pastores e líderes valorizam tanto seus colaboradores como o apóstolo. Ele não se sente ameaçado pela presença de Timóteo, ao contrário, Paulo o traz para perto de si e eleva Timóteo, perante a igreja de Corinto, à categoria de coautor dessa carta. Com Paulo aprendemos a fazer o mesmo: a estimar os outros; a tê-los em alta consideração; a apoiá-los; a dar-lhes o apoio necessário; a encorajá-los no trabalho que fazem. Paulo é mestre em fazer tudo isso.

Em primeiro lugar, portanto, os remetentes da carta se identificavam. Em segundo lugar, na introdução, seguindo o modelo da época, vinham os destinatários. A carta é destinada à “igreja de Deus em Corinto, com todos os santos em toda a Acaia”. Acaia era uma das grandes províncias do império romano; outras aparecem no Novo Testamento, como a Ásia e a Macedônia. A Acaia tinha como capital Corinto, cidade portuária cosmopolita, que ficava em uma península e cuja população era composta de muitos estrangeiros. Era uma cidade de costumes variados e bem conhecidos no mundo daquela época. Corinto era tão famosa pela corrupção e pela prostituição, que na Antiguidade seus inimigos criaram o verbo “corintinizar”, que significava corromper alguém. Então, dizer para alguém “você é um coríntio” equivaleria a dizer “você é um corrupto”, ou “você é alguém que corrompe pessoas”. Tal era a fama da cidade.

Mas bem ali, no meio daquela cidade, uma das mais depravadas do mundo antigo, Deus plantou uma igreja através do esforço de Paulo. Veja como o apóstolo se refere a ela como “igreja de Deus em Corinto”. A igreja não é de Paulo, apesar de o apóstolo ter sido o instrumento por meio do qual ela surgiu. Antes, a igreja é “de Deus”. Ou seja, pertencia a Deus e teve sua origem e começo na vontade de Deus e em sua ação poderosa através do apóstolo Paulo.

O que mais no impressiona ainda, quando Paulo se dirige a essa congregação chamando-a de igreja de Deus, é o fato de ela ser a mais complicada de todo o Novo Testamento. Era uma igreja marcada por divisões. Nela havia problema de imoralidade, havia falta de disciplina dos membros faltosos. A igreja estava dividida sobre questões como casar ou não casar; comer carne sacrificada a ídolos ou não. Quando se reuniam para celebrar a ceia do Senhor, os crentes dessa igreja se envolviam em brigas e discussões. Também havia problema em

relação à participação dos dons espirituais no culto, com desvirtuamento no uso dos dons. Havia até um grupo que não acreditava na ressurreição de Cristo dentre os mortos. Ainda assim, Paulo, no melhor estilo espiritual, movido por amor a essa igreja que era fruto do seu trabalho, dirige-se a eles como “igreja de Deus em Corinto”. Isso por si só já é uma lição. Às vezes perdemos a paciência muito rápido com a nossa igreja e dizemos coisas assim: “A igreja de que faço parte não pode ser ‘de Deus’”. Você deveria ser membro da igreja de Corinto para ter uma ideia de como eram as coisas naquela época. Dificilmente encontraremos uma igreja que chegue perto dos problemas que a igreja de Corinto representava para seus pastores e o apóstolo Paulo, seu fundador.

Mas, apesar de todas as dificuldades da igreja, e veremos que não eram poucas, Paulo a chama de “igreja de Deus em Corinto”. Quando ele a chama assim, pode ser que em nossa mente surja a figura de um templo religioso no centro da cidade de Corinto, onde os cristãos se reuniam todos os domingos para cultuar a Deus. Nada mais longe da realidade! Os primeiros templos cristãos só aparecem na história da igreja depois que Constantino, no século 4, elevou o cristianismo à condição de religião oficial do império. Então, os cristãos saíram do submundo, da marginalidade, e puderam construir seus locais de adoração. Antes disso, porém, eles se reuniam em casas, em espaços abertos, em cemitérios e grutas. A arqueologia encontrou em suas escavações, em muitas cidades do mundo antigo, inscrições antiquíssimas em grutas e cemitérios que indicavam a presença dos cristãos ali, sem contar as referências que temos de outras fontes de autores gregos e romanos.

O ponto é que, embora houvesse uma igreja em Corinto, ela se reunia nas casas, subdividida em muitas outras pequenas igrejas. Era uma igreja em casas. O cristianismo funcionou assim, durante seus primeiros três séculos de existência. Era nas casas dos irmãos que eles ministravam os dons, exortavam-se, aconselhavam-se, confortavam-se e se preparavam para enfrentar as dificuldades vindas das perseguições que eram comuns naquela época. Temos de nos lembrar disso.

Aparentemente, a carta não era destinada somente à igreja de Corinto, pois observe que, no final do versículo 1, Paulo diz: “com todos os santos em toda a Acaia”. Como eu disse, a Acaia era uma província, como se fosse um dos estados do nosso país hoje. E Corinto era uma cidade dessa província (como se fosse uma das cidades de um estado brasileiro nos dias atuais). Paulo está escrevendo à igreja da cidade de Corinto, mas ele diz que também está

escrevendo a todos os santos da província, ou seja, da região de Acaia. Isso nos permite imaginar que Paulo desejava que essa carta, depois de ter sido lida na igreja de Corinto — porque era lá o seu primeiro destino —, fosse copiada e lida também nas demais igrejas da região da Acaia. Isso explica por que, logo cedo, coleções dos escritos das cartas começaram a circular entre as igrejas.

Os pais da igreja, no primeiro século, já mencionam os escritos de Paulo quase na totalidade que temos hoje. A primeira referência que temos a esses escritos é do próprio Pedro. Em sua segunda carta, no último capítulo, Pedro faz referência aos escritos do apóstolo Paulo. Ou seja, esses escritos — a Carta aos Romanos, as Cartas aos Coríntios, a Carta aos Efésios — já estavam em circulação. Todas as cartas de Paulo logo cedo já estavam em circulação por todo o Império Romano, exatamente por isto: porque a ideia, quando ele escrevia uma carta, era que, depois de lida na igreja destinatária, ela fosse também enviada e lida nas igrejas próximas, para que dessa forma a Palavra de Deus se espalhasse rapidamente.

Temos de lembrar que as cartas dos apóstolos eram uma espécie de substituto da presença deles, pois não podiam estar em todas as igrejas ao mesmo tempo, pela extensão do Império Romano e por outras dificuldades de viagem. Então, as cartas substituíam a presença dos apóstolos. Tanto é assim, que eles geralmente pediam que a carta fosse lida perante a igreja, como se o próprio apóstolo estivesse lá, pregando. E é por isso que, no final, eles geralmente encerram com uma bênção: “Que a graça do nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco”. É daí que vem o costume nas igrejas de encerrar o culto com uma bênção. Vem justamente do fato de que, nas cartas enviadas para serem lidas nas igrejas, os apóstolos e os escritores do Novo Testamento frequentemente terminavam com uma bênção. Portanto, a carta representava a figura e a presença do apóstolo, como se ele estivesse pessoalmente fazendo isso.

Saudação

Em seguida, Paulo faz a saudação que está no versículo 2: “graça e paz sejam convosco, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”.

Naquela época a saudação padrão entre os gregos era “graça”, somente isso: “A graça seja contigo, Fulano”. Quando alguém mandava uma carta a um amigo, era assim que escrevia no início. Os cristãos modificaram um pouco isso, acrescentando a palavra “paz”. “Paz” era uma saudação comum entre os judeus, não entre os gregos; os gregos se saudavam dizendo “graça”; os judeus se saudavam dizendo “Shalom”, que significa “paz”. Como hoje, por exemplo, os irmãos pentecostais se saúdam com “a paz do Senhor”, e os presbiterianos dizem: “boa noite”. O apóstolo Paulo e os autores bíblicos juntam essas duas saudações: “Graça e paz”. Talvez tenha sido porque, via de regra, as igrejas às quais eles escreveram eram compostas de judeus e de gentios (ou seja, de gregos e de outras pessoas que não pertenciam ao povo judeu). Daí, não somente Paulo, mas outros autores neotestamentários também usarem em suas cartas, em geral, a saudação inicial: “Graça e paz”.

A graça e a paz de Deus, segundo Paulo diz, vêm através do Senhor Jesus Cristo. Esse é um vocabulário comum a todas as cartas paulinas e ao próprio Novo Testamento. Toda vez que alguma bênção da parte de Deus é reconhecida, os autores do Novo Testamento se apressam em dizer que ela vem “em Cristo” ou “através de Cristo” ou de “Cristo Jesus”. Isso reflete a profunda convicção dos autores do Novo Testamento de que todas as bênçãos que recebemos vêm apenas por causa de Jesus, por causa daquilo que ele fez na cruz: o seu sacrifício ali, a sua morte vicária e a sua mediação. É por causa dele e por meio dele que todas as coisas nos chegam. Por isso, graça e paz não somente da parte de Deus, nosso Pai “sejam convosco”, mas também da parte do “Senhor Jesus Cristo”. Isso também já nos chama a atenção para outra característica dos escritos do Novo Testamento: há sempre uma associação de Jesus Cristo a Deus Pai e, em algumas ocasiões, ao Espírito Santo de Deus.

As seitas, que não creem na Trindade, usam como argumento o fato de que não se encontra na Bíblia a palavra “trindade”. Entretanto, a base para nossa crença de que o nosso Deus é triúno não está firmada num versículo que fale da Trindade, mas primeiramente no fato de que a Bíblia se refere sempre a Deus como sendo único: só há um Deus! Em segundo lugar, está firmada no fato de que a Bíblia constantemente se refere a três pessoas como Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo. Em diferentes passagens isoladas, e às vezes em uma mesma perícopes ou em um mesmo parágrafo, encontramos Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo associados, Jesus Cristo com o Deus Filho. Essas três pessoas aparecem associadas, fazendo alguma coisa. Veremos que, mesmo nessa carta aos coríntios, há várias dessas instâncias em que Paulo fala do Pai, do Filho, e do

Espírito Santo agindo em conjunto.

Então, já na saudação Paulo expressa sua convicção trinitária, sua convicção de que esse Deus o chamou para ser apóstolo de Jesus Cristo. Ele expressa também a sua percepção de que aquela igreja complicada, apesar dos seus problemas, é uma “igreja de Deus”. E é justamente por isso que Paulo escreve: com o objetivo de pastorear aquela igreja tão cheia de dificuldades.

Uma igreja problemática

O relacionamento de Paulo com a igreja de Corinto foi complicado. Deixe-me, porém, aprofundar um pouco mais nisso, pois quero destacar o seguinte fato. Na maioria das vezes, se uma igreja é complicada, problemática, nós costumamos responsabilizar a liderança. Sempre procuramos encontrar um erro na liderança. Mas isso nem sempre é verdade. Às vezes a igreja tem a melhor liderança possível, bons pastores, homens de Deus, mas é uma igreja problemática, com uma membresia complicada, difícil. Esse era o caso da igreja de Corinto.

A igreja de Corinto teve o melhor de todos os pastores, o próprio apóstolo Paulo, mas foi a igreja mais complicada de todo o Novo Testamento. Assim, antes de colocarmos a culpa nos pastores e líderes pelo fato de uma igreja ser complicada, precisamos parar um pouquinho e pensar no caso de Corinto, que teve o melhor de todos os pastores. Aliás, até Apolo foi pastor ali em Corinto, mas a igreja era um verdadeiro “nó cego”, ou, como diz o povo, era uma igreja “carne de pescoço”; não era fácil, não. O obreiro ali suava sangue.

Veja só como foi conturbado o relacionamento de Paulo com a igreja de Corinto. Paulo fundou a igreja durante a sua segunda viagem missionária, de acordo com o que lemos no livro de Atos, capítulo 18. Ele esteve na cidade, pregou na sinagoga e em outros lugares, e muitos judeus moradores de Corinto se converteram a Jesus; assim nasceu a igreja de Corinto.

Paulo passou algum tempo em Corinto, discipulando os membros da igreja e preparando a liderança; de lá, saiu para pregar em outros locais, pois esse era o seu chamado. Depois que deixou a cidade, ele escreveu à igreja de Corinto uma

carta que é mencionada em 1Coríntios 5. Mas essa carta, de alguma maneira, se perdeu. Nós não a temos. Veja o que Paulo diz em 1Coríntios 5.9-11:

Já vos escrevi por carta que não vos associásseis com os imorais. Não me referia aos imorais deste mundo, nem aos avarentos, ladrões ou idólatras. Nesse caso, seria necessário que saísseis do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for imoral ou ganancioso, idólatra ou caluniador, bêbado ou ladrão. Com esse homem não deveis nem sequer comer.

Nessa passagem, Paulo faz menção a uma carta anterior, a primeira, na qual ele teria dito aos coríntios para que não se associassem com os imorais. Portanto, Paulo tinha escrito essa carta. Então, ele já tinha tomado conhecimento de que as coisas começaram a dar errado na igreja, depois que ele deixou a cidade. A igreja estava se associando com gente impura. Assim, ele escreveu a primeira carta dizendo: “Irmãos, não façam isso”. Essa carta se perdeu, no entanto. Não a temos. Ela foi escrita antes da que nós conhecemos como a carta de 1Coríntios. Então, 1Coríntios, na verdade, é 2Coríntios, pois houve uma carta antes dela que nós não sabemos onde está. E espero que não a encontremos! Já pensou o problema que seria, se a arqueologia encontrasse essa carta num vaso antigo, no deserto? O que faríamos com o cânon do Novo Testamento que dizemos já estar fechado? Então, espero que não apareça. Que fique onde está! Foi providência divina que ela se perdesse.

Algum tempo depois de ter escrito essa primeira carta, Paulo recebe informações de que a situação em Corinto se agravava. Quem lhe trouxe essas informações foram membros da casa de Cloé, mencionados no capítulo 1 de 1Coríntios. Além disso, uma comissão de membros da igreja de Corinto foi visitar o apóstolo Paulo, levando consigo uma oferta e uma carta com perguntas dos coríntios. Paulo, então, senta-se para escrever a segunda carta aos coríntios — a carta que temos e que conhecemos como 1Coríntios. Nessa primeira carta que conhecemos, ele procura responder às perguntas, sanar as dúvidas, resolver os problemas doutrinários e práticos da igreja, e envia a carta para ser lida para a igreja.

Aparentemente, essa carta que conhecemos como 1Coríntios foi recebida pela

igreja, foi lida, mas não surtiu efeito nenhum, não produziu o efeito desejado. Paulo resolve, então, num esforço pessoal para remediar a situação, fazer uma visita a Corinto, em uma segunda viagem. A primeira fora para fundar a igreja, e a segunda viagem foi feita para resolver o problema. Então, ele faz essa segunda visita, que também não obteve êxito. Paulo se refere a essa visita como algo desagradável, pois foi afrontado e saiu triste dali. Deixe-me apenas dar umas referências. Em 2Coríntios 2.1, Paulo diz: “Assim, decidi que não mais iria visitar-vos com tristeza”. É como se Paulo dissesse: “Eu nunca mais vou para Corinto me encontrar com vocês em tristeza”, ou seja, “para que eu não saia de lá triste, como eu saí da visita que eu fiz a vocês”.

Observe também o versículo 5, quando ele diz assim: “Se alguém tem causado tristeza, não tem entristecido somente a mim, mas, em parte, para não ser severo demais, a todos vós”. Provavelmente, Paulo se refere ao fato de que, quando esteve na cidade, foi afrontado pelo líder que fazia oposição a ele, alguém que estava questionando a autoridade dele, o direito que ele tinha de pastorear a igreja e tudo mais. E aquela afronta entristeceu profundamente o apóstolo Paulo.

Você pode ler também no capítulo 12, versículo 14, de 2Coríntios: “Agora, já pela terceira vez estou pronto para visitar-vos”. Na primeira vez ele fundou a igreja; a segunda vez foi essa visita triste. Então, ele diz: “estou pronto para fazer uma terceira visita”. E continua, ainda no versículo 14: “Eu não serei um peso para vós, porque não procuro o que é vosso, mas sim a vós mesmos. Pois não são os filhos que devem guardar seus bens para os pais, mas os pais para os filhos”.

Então, em 2Coríntios 13.1, ele repete: “Esta é a terceira vez que vou visitar-vos. Pela declaração de duas ou três testemunhas toda questão será confirmada”. Ou seja, o assunto não estava resolvido. A visita anterior não dera certo. Paulo, então, está planejando uma terceira visita para ver se consegue resolver o problema da igreja. Muitos pastores já teriam desistido na segunda visita. Mas Paulo não desiste da igreja, e se dispõe a ir uma terceira vez para falar àqueles irmãos.

Depois que saiu daquela visita, ele escreveu a terceira carta. A primeira foi a que se perdeu; a segunda é 1Coríntios; e há uma terceira carta que não é 2Coríntios. Ele a chama de “carta severa”. Encontramos traços dessa carta em 2Coríntios, capítulo 4. Vamos resumir para esclarecer a questão. Em 2Coríntios 2.4, ele diz assim: “Porque vos escrevi em meio a muita tribulação e angústia de coração,

com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que soubésseis do amor intenso que tenho por vós”. A que carta ele está se referindo aqui? Não pode ser 1Coríntios, porque ela é uma carta branda, uma carta pastoral; não há nada de agravo ali. Paulo está se referindo a outra carta em que ele exortou a igreja. Ele estivera na igreja; fora afrontado; saiu de lá e escreveu uma terceira carta em que ele os exortou para valer. Essa carta também se perdeu. Só nos resta a referência que Paulo faz a ela.

Outra referência a essa “carta severa” está em 2Coríntios, no capítulo 7, versículo 8: “Porque, ainda que vos tenha entristecido com a minha carta, não me arrependo disso. Embora anteriormente tivesse me arrependido, pois percebo que aquela carta vos entristeceu, ainda que por pouco tempo”. E no versículo 12: “Portanto, ainda que eu vos tenha escrito, não foi por causa daquele que praticou o mal, nem por causa daquele que o sofreu, mas para que a vossa grande preocupação por nós se manifestasse diante de Deus”.

Essa terceira carta surtiu resultado. Às vezes parece que uma repreensão firme funciona melhor do que o afago. No caso, a carta pastoral de 1Coríntios não deu resultado. Paulo, então, escreveu uma carta severa, que balançou a igreja de Corinto. Timóteo veio de lá trazendo boas notícias. Paulo lhes agradece por terem disciplinado o líder da oposição, mas pede que ele seja restaurado à igreja.

Havia também algumas más notícias. Os falsos mestres ainda continuavam causando alguma confusão dentro da igreja. Por isso Paulo escreve a quarta carta aos coríntios, que é, na verdade, esta que vamos estudar: a Carta de 2Coríntios.

Entenderam por que eu disse que a relação de Paulo com essa igreja era tensa? O que nos enche de admiração é o amor de Paulo, sua preocupação, sua tenacidade, a perseverança em pastorear com bondade aquela igreja ferida, problemática, cheia de erros doutrinários e práticos, mesmo tendo Paulo sido seu fundador e o pastor que a orientara.

Os motivos da carta

Para terminar, vou citar rapidamente os quatro motivos que levaram Paulo a

escrever essa carta, os quais sintetizam o esboço da carta que vamos seguir em nosso estudo.

Primeiro, Paulo explica a razão dos seus sofrimentos, e expressa alegria pelo efeito alcançado pela carta anterior, a terceira carta. Isso encontra-se nos capítulos 1 e 2 de 2Coríntios. Como já vimos, o apóstolo estava sendo atacado. Na carta anterior, ele confrontara os líderes desse movimento de oposição. E está feliz porque a carta surtiu efeito; ele trata disso nos capítulos 1 e 2.

Em segundo lugar, ele passa a apresentar uma defesa do seu ministério contra os ataques dos falsos apóstolos, que haviam se infiltrado na igreja e lá ainda continuavam. Esse é o assunto do capítulo 3 ao capítulo 4. Para mim esse é o coração da carta. Como é muito denso, vamos gastar um bom tempo nessa seção, procurando entender o que Paulo está falando.

Em terceiro lugar, o apóstolo dá orientações aos crentes em Corinto sobre uma coleta que estava sendo levantada para os irmãos em Jerusalém. Isso encontra-se nos capítulos 8 e 9. São os dois capítulos mais conhecidos no Novo Testamento a respeito de contribuição, oferta, doação, generosidade. Também vamos gastar um bom tempo nesses capítulos.

Em quarto lugar, a carta termina com uma mudança, e isso é um desafio à integridade da carta. Alguns acham que os capítulos finais (de 10 a 13) fazem parte da “carta severa”, porque tudo corre bem até o capítulo 9, mas, quando começa o capítulo 10, o tom de Paulo muda, e ele começa a exortar com firmeza a igreja, por ela estar dando ouvido a falsos profetas. Aí surge a pergunta: A que se deve essa mudança no humor de Paulo? Estava tudo bem e, de repente, ele dá uma guinada como essa. Vamos tratar mais detalhadamente disso quando chegarmos lá. Como eu disse, alguns, porém, defendem que os capítulos de 10 a 13 são um pedaço da “carta severa” que algum escriba juntou ao final de 2Coríntios, por causa do peso e da severidade da carta.

Eu não creio nessa hipótese porque, dos 5 mil manuscritos que temos do Novo Testamento, não há nenhum em que 2Coríntios apareça sem o final que conhecemos. Falta prova material de que os capítulos de 10 a 13 são um pedaço da “carta severa” que algum escriba acrescentou ao final de 2Coríntios. Isso não passa de uma hipótese que não tem confirmação nenhuma. A meu ver, há razões suficientes para a mudança de atitude de Paulo do capítulo 9 para o capítulo 10. Quando chegarmos lá, veremos isso mais detalhadamente.

Conclusão e aplicações práticas

Podemos extrair quatro lições desse texto. A primeira delas é que, desde a época de Paulo, vemos que já existia gente querendo ser apóstolo. Não é interessante? Desde a época de Paulo já havia pessoas que se infiltravam na igreja, dizendo ser apóstolo e querendo ter a mesma autoridade de Paulo e tudo mais.

O movimento apostólico moderno começou na década de 1990, principalmente através de Peter Wagner, fundador do dito “Movimento Apostólico Moderno”. Só no Brasil existem mais de 10 mil pessoas que se consideram apóstolos. Há igrejas que são comandadas por “apóstolos”. Quando eles usam o termo “apóstolo”, não estão com isso querendo dizer que são enviados ou missionários. Usam o termo no mesmo sentido aplicado aos Doze e ao apóstolo Paulo, o que nos leva a perguntar se, de fato, nos dias de hoje, Deus tem levantado apóstolos como aqueles que foram discípulos de Jesus e o apóstolo Paulo. Durante a exposição da carta, nossa resposta será claramente que “não”, que os Doze e Paulo representam uma classe peculiar, exclusiva e particular de homens, os quais Deus levantou para um período especial de transição da Antiga Aliança para a Nova. Eles foram instrumentos de Deus para lançar as bases da igreja, escrever as Escrituras e nos dar o fundamento de que precisamos. E, uma vez encerrado o trabalho deles, nós não temos mais apóstolos, pois estamos edificadas sobre o fundamento deles. O que temos são pastores e mestres que explicam a palavra dos apóstolos para os cristãos. Essa é a primeira lição.

A segunda lição é que Paulo precisou defender a sua autoridade apostólica porque a verdade do evangelho estava em jogo. Observamos nessa passagem uma coisa perturbadora. Trata-se da quantidade de tempo que Paulo gasta defendendo sua posição: eu sou “apóstolo de Cristo Jesus”. Digo que isso é perturbador pelo fato de indagarmos: “Por que ele faz tanta defesa de si mesmo? Acaso está se autopromovendo?”. Mas o que estava em jogo não era a posição de Paulo. Ele não estava preocupado com isso. O que estava em jogo era o que aquilo representava, e o que Paulo estava ensinando. Ele estava ensinando a justificação pela fé sem as obras da lei; ele estava ensinando que, em Cristo, Deus estava chamando os não judeus a participarem do evangelho. Paulo estava anunciando as grandes verdades fundamentais do evangelho, e o que lhe conferia

autoridade para fazer isso era o fato de ele ser um apóstolo de Jesus Cristo. Então, quando ele defende a sua posição, o seu ofício de apóstolo, não se trata de uma autodefesa. Ele está defendendo a verdade do evangelho. E às vezes é preciso fazer o que Paulo fez. Essa é a área da cristandade a que chamamos de “apologética”, que faz a defesa do cristianismo perante seus inimigos.

Alguém pode dizer assim: “Mas Deus não precisa de defensores”. Ora, isso não bate com o que vemos na Bíblia. É claro que Deus, sendo Deus, não precisa de defensores; ele pode estalar os dedos e os defensores somem. Entretanto, aprouve a Deus levantar pessoas através da história para estabelecer e firmar a verdade que ele revelou. E Paulo se vê engajado exatamente nesse processo.

A terceira lição que extraímos é que Deus orientou a formação do cânon, até mesmo no que diz respeito à preservação das cartas que deveriam sobreviver e serem aceitas. Essa é uma discussão que inclusive está na raiz da diferença entre as igrejas católica e protestante em torno do número de livros que temos na Bíblia. O cânon da igreja católica é maior que o nosso porque eles incluem livros que nós não consideramos inspirados. A decisão a respeito do cânon da Bíblia, do Antigo e do Novo Testamento, oficialmente se deu por volta do século 3, podendo chegar ao século 4. Mas logo no início, no século 1, já circulavam livros do apóstolo Paulo que eram considerados inspirados, infalíveis e palavra de Deus e que eram citados com a mesma autoridade do Antigo Testamento. Logo, não foi a igreja que determinou o cânon, mas foram os livros bíblicos que se impuseram sobre a igreja. O que a igreja fez foi apenas reconhecer a autoridade deles.

Por isso digo que, se descobrirmos a primeira carta de Paulo, que se perdeu, ou a terceira, que é a tal “carta severa”, isso em nada afetará a Escritura Sagrada. Diremos que elas não devem ser incluídas no cânon, pois a providência divina já selecionou, fechou e determinou aquilo que ele queria que recebêssemos como a Palavra de Deus.

A última lição que extraímos, sobre a qual já falei bastante, é que mesmo os melhores pastores enfrentam igrejas problemáticas. Mais uma vez repito: se você está em uma igreja e sente que ela tem problemas, seja caridoso e misericordioso. Pense na igreja de Corinto; pense no amor do apóstolo Paulo por aquela igreja, a ponto de chamá-la de “igreja de Deus”. Pense nas viagens que ele fez a Corinto; nas afrontas que recebeu; nas cartas que escreveu; pense em como ele não desistiu dessa igreja. Antes de resolver tomar uma decisão ou dar

um passo precipitado, pense no amor de Deus. O reino de Deus é maior do que pensamos. E o número daqueles que são de Deus somente ele sabe. É um mistério! Portanto, julgamentos a respeito do coração e do relacionamento das pessoas com Deus, a não ser que sejam aspectos manifestados por meio de atitudes, de obras e de frutos, pertencem somente a Deus. Por isso precisamos ter cautela e agir sempre com misericórdia, como Paulo fez em 2Coríntios.

Capítulo 2

o objetivo das provações

2Coríntios 1.3-7

O consolo que vem de Deus

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus. Pois, assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo. “Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; se somos consolados, é para vossa consolação, a qual produz perseverança, para que suporteis as mesmas aflições que nós também sofremos.” E a nossa esperança a vosso respeito está firme, sabendo que, visto que sois participantes dos sofrimentos, assim também sereis da consolação.

Nesse trecho, o apóstolo fala dos sofrimentos e de como Deus lida com ele em meio às dores. Mas fala de maneira geral, por meio de alguns versículos. A partir do versículo 8, porém, ele cita um caso em particular, o sofrimento que passou na Ásia, mais especificamente na cidade de Éfeso. Mas deixarei isso para o próximo capítulo. Toda a passagem de 2Coríntios 1, dos versículos 3 a 11, tem um assunto só: Paulo está mostrando como Deus usa o sofrimento na vida dele ou qual é a razão pela qual o apóstolo sofre tanto.

Antes de entrar no assunto propriamente dito, vamos relembrar o que vimos no capítulo anterior, para não perder o fio da meada. É sempre bom ter uma visão geral.

No capítulo anterior tivemos uma visão geral do que é essa Segunda Carta aos Coríntios. Lembramos que, na verdade, ela é a quarta carta de Paulo para a igreja de Corinto, e foi escrita com alguns objetivos. Paulo queria agradecer pelo bom resultado de uma carta anterior — a terceira carta, chamada a “carta severa”, a qual não chegou até nós. Essa carta foi escrita com rigor da parte de Paulo, para corrigir algumas coisas na igreja de Corinto, especialmente o fato de que os coríntios estavam ainda aceitando a influência de falsos apóstolos e mestres na igreja que atacavam o ministério dele. Assim, Paulo escreve essa carta severa, a qual aparentemente foi bem recebida pela igreja. E então, escreve uma carta posterior para agradecer. Através de Tito, ele tem notícias de que a carta surtiu efeito, e está feliz e grato por isso. Mas ainda era preciso esclarecer algumas coisas a respeito do seu ministério, e é a isso que ele se dedica em parte da carta, do capítulo 2 até o capítulo 7, nos quais Paulo defende o seu ministério e explica algumas coisas a respeito de seu trabalho, para que não reste nenhuma dúvida na igreja que ele próprio havia fundado.

Vimos também que a partir do capítulo 10 ele ataca com muita veemência os falsos profetas que ainda circulavam por aquela região. A mudança de tom é tão grande, que alguns estudiosos chegam a achar que os capítulos 10 a 13 são parte daquela terceira carta que se perdeu por conta de sua severidade. Mas vimos também que não existem evidências para comprovar isso. O que aconteceu, provavelmente, é que Paulo, quando chegou ao final da carta, recebeu a notícia de que a situação havia piorado em Corinto e, então, agrava o tom em que escreve, para corrigir aquela igreja.

Sempre ficamos impressionados com o amor e a paciência de Paulo ao lidar com a igreja de Corinto, uma igreja extremamente complicada e difícil, mas da qual ele não desiste jamais.

Os sofrimentos de Paulo

Um dos argumentos que os falsos profetas usavam contra o ministério de Paulo, dizendo que ele era um falso apóstolo ou um apóstolo meia-boca, tinha a ver com o fato de ele ser rejeitado por seus próprios contemporâneos, os judeus, e de levar uma vida de sofrimento. Isso é verdade. Por onde o apóstolo Paulo passava, ele apanhava, era apedrejado, preso, rejeitado. Ou seja, isso servia de motivo ou pretexto para os críticos de Paulo perguntarem se ele era realmente um enviado de Deus, um enviado de Jesus Cristo, pois, se ele era, por que Deus deixava que seu embaixador, seu representante apanhasse e sofresse tanto? Portanto, os sofrimentos que Paulo enfrentava eram uma questão sempre levantada em relação à autenticidade do seu ministério. Era um assunto que os falsos apóstolos exploravam demais: “Ah! Paulo não é apóstolo, não! Por onde ele passa, ele apanha. Os judeus o rejeitam, apedrejam-no. Por tudo isso, ele não pode ser um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo!”.

O ponto defendido por Paulo nessa passagem de abertura da carta e que será o mesmo ponto explorado em outras passagens dessa segunda carta, é explicar a razão pela qual Deus o deixava sofrer tanto. Ele sabia que as pessoas levantavam essa questão; por isso, quer explicar a razão dos sofrimentos dele. E faz isso nesta passagem e em outras mais adiante.

Para entendermos bem do que estamos falando, vamos dar uma olhada em pelo menos quatro listas que o próprio apóstolo Paulo fez dos sofrimentos que enfrentava.

A primeira lista está na primeira carta aos coríntios. Ele já havia tocado no assunto em 1Coríntios, que na verdade é a sua segunda carta, na qual já estava em discussão a questão dos seus sofrimentos, e ele então diz: “Porque me parece que Deus colocou a nós, os apóstolos, como últimos, como condenados à morte; pois nos tornamos um espetáculo para o mundo, tanto para anjos como para homens” (1Co 4.9). A figura usada nesse versículo é a do Coliseu romano, em cuja arena eram atirados os condenados à morte como espetáculo, e Paulo diz “eu tenho para mim que Deus pegou a nós, os apóstolos, como condenados à morte, nos tornando espetáculo para o mundo”. É como se Paulo estivesse dizendo: “Eu tenho para mim que sou como um daqueles condenados a morrer na boca dos leões, em público, como motivo de diversão e de chacota. Parece que Deus colocou os apóstolos nessa mesma condição”. Mas só os apóstolos daquela época, certo? Porque com os de hoje é bem diferente. Naquela época os apóstolos eram, como diz Paulo, “como [se fôssemos] condenados à morte; pois nos tornamos um espetáculo para o mundo, tanto para anjos como para homens.

Somos um absurdo por causa de Cristo” (1Co 4.9,10). Em outras palavras, ele quer dizer: “Vocês dizem que somos um absurdo, que somos loucos, mas, se somos, é por conta de Cristo, ‘mas vós, sábios em Cristo’” (1Co 4.10). Note a ironia de Paulo aqui. Ele diz: “Vocês dizem que nós somos loucos e que vocês são sábios”. E continua:

somos fracos, mas vós, fortes; sois estimados, mas nós, desprezados. Até o presente passamos fome e sede; vestimo-nos de trapos e somos esbofeteados, e não temos pousada certa. Cansamo-nos, trabalhando com as próprias mãos. Quando somos ofendidos, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando difamados, respondemos amigavelmente. Até o momento, somos o lixo do mundo e a escória de todos (1Co 4.10-13).

Essa é a primeira lista que Paulo apresenta, em sua correspondência enviada aos coríntios, acerca dos sofrimentos que enfrentava. Nela encontramos itens como passar fome, sede, nudez, ser esbofeteado, viver sem teto, ser injuriado, perseguido, caluniado. Enfim, ele resume os sofrimentos no versículo 13: “somos o lixo do mundo”. Era assim que ele se sentia, e diz: “Não só eu, mas os demais apóstolos. É assim que nós nos sentimos, como condenados à morte, como espetáculo, e como lixo do mundo”.

A segunda lista dos sofrimentos de Paulo encontra-se em 2Coríntios 6.4-10. Nós vamos chegar lá nos capítulos mais adiante, mas já vou antecipar um pouco o assunto. Ele começa com: “Antes, em tudo nos recomendamos como servos de Deus”. A seguir, ele lista o que o recomenda como servo de Deus, ou seja, o que prova, quais são as credenciais de que ele é um servo ou ministro de Deus? Então, ele apresenta uma lista dessas credenciais:

em muita perseverança, em tribulações, em dificuldades, em angústias, em chicoteamentos, em prisões, em tumultos, em trabalhos, em noites sem dormir, em jejuns, em pureza, em conhecimento, em paciência, em bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na mensagem da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, tanto de ataque como de defesa, por honra e por desonra, por difamação e por boa reputação; como se fôssemos mentirosos, sendo, porém

verdadeiros; como desconhecidos, porém bem conhecidos; como quem está morrendo, mas de fato vivendo; castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo (2Co 6.4-10).

Nessa segunda lista, ele coloca tudo o que passa por amor a Cristo, os sofrimentos que enfrenta como apóstolo de Jesus Cristo. Nela, há muita coisa parecida com a primeira lista.

A terceira lista dos sofrimentos de Paulo está no capítulo 11 dessa mesma carta (2Co), a partir do versículo 23. Essa é mais impressionante ainda. Ele, agora, já está abertamente brigando com os falsos apóstolos que estavam em Corinto. Ele diz:

São servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco), muito mais em trabalhos; muito mais em prisões; em chicotadas sem medida; em perigo de morte muitas vezes; cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas. Três vezes fui espancado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei um dia e uma noite em mar aberto. Muitas vezes passei por perigos em viagens, perigos em rios, perigos entre bandidos, perigos entre os do meu próprio povo, perigos entre gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos; em trabalho e cansaço, muitas vezes em noites sem dormir, com fome e com sede, muitas vezes sem comida, com frio e com falta de roupas. Além de outras coisas, ainda pesa diariamente sobre mim a preocupação com todas as igrejas. Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado? Se é preciso orgulhar-me, haverei de me orgulhar de minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não estou mentindo. Em Damasco, o governador da cidade, sob a autoridade do rei Aretas, vigiava a cidade dos damascenos a fim de prender-me. Mas desceram-me muralha abaixo, num cesto através de uma janela. Assim, escapei das mãos dele (2Co 11.23-33).

Imagine o grande apóstolo Paulo, escondido em um cesto de vime que é baixado pela muralha para poder escapar da morte. Era disso que ele se gloriava.

Eu citaria ainda a quarta lista como a mais curta, na qual ele menciona apenas uma provação, que se encontra aí mesmo no capítulo 12, versículo 7, quando ele diz: “até mesmo sobre essas extraordinárias revelações. Portanto, para que eu não me tornasse arrogante, foi-me posto um espinho na carne [que não sabemos o que é], um mensageiro de Satanás para me atormentar, para que eu não me tornasse arrogante”. Além de todos esses sofrimentos, ainda havia esse tal desse espinho na carne, que era como se houvesse uma pessoa que esbofeteasse o apóstolo Paulo constantemente, para que ele não se ensoberbecesse; a isso ele chama de “um espinho na carne, um mensageiro de Satanás”.

Quando, portanto, Paulo fala de provações e sofrimentos no trecho desse capítulo, temos de ter em mente essas coisas. Paulo está falando disso: ser preso; apedrejado; correr o risco de morrer afogado; passar fome; passar frio; ser açoitado. Ele diz que houve uma vez em que ele foi açoitado 5 vezes com 40 açoites, e que uma vez o carrasco errou, pois ele contou 39 açoites, mas ficou quieto. Ele não disse: “Carrasco, faltou um”. Ele ficou quieto. Mas ele contou, foram 40 chibatadas. E esse era o castigo dado pela lei romana. E o carrasco errou e deu só 39, mas ele estava contando as que recebia. Era isso que sofria e que provocava o questionamento: Como um homem que tem um histórico desses pode ser um homem de Deus? Por que esses sofrimentos? Se ele é de Deus, por que todo esse sofrimento? Por que ele enfrenta todas essas coisas? Isso é o que Paulo procura responder em 2Coríntios 1.3-7. Vamos ver as razões de Paulo e como Deus usava os seus sofrimentos.

A razão dos sofrimentos

De maneira geral, do versículo 3 ao 7, os pontos que destaco como a razão de tantos sofrimentos são os que apresento a seguir.

Em primeiro lugar, Paulo menciona que no meio de todas essas provações Deus o confortava, ou seja, ele até podia passar por tudo aquilo, como de fato passava, mas sentia da parte de Deus o conforto em meio a todo aquele sofrimento. Tanto é que ele começa essa passagem dizendo: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação” (2Co 1.3,4). É impressionante uma pessoa

que passa por tudo isso e não tem revolta no coração com Deus. Paulo não se sente injustiçado. Ele não sente que Deus não está lhe dando o devido valor, ou que não ouve a sua oração, sendo que ele inclusive orou para que Deus tirasse o espinho na carne. Vamos ver melhor mais adiante que ele por três vezes pediu que Deus lhe tirasse o espinho da carne, um dos muitos sofrimentos pelos quais ele passava. E a resposta de Deus foi “não”, embora tenha lhe dado graça para que ele pudesse suportar tudo aquilo. Mas realmente impressiona a capacidade que o apóstolo tem de passar por todas essas coisas e ainda ter essa atitude de gratidão, de louvor a Deus. Ele bendizia a Deus, dizendo “bendito seja Deus”, e chama Deus de “Pai das misericórdias”. A misericórdia de Deus não consistia em livrar Paulo do sofrimento, mas em confortá-lo em meio ao sofrimento. Deus não livrou o apóstolo, não tirou o espinho da carne de Paulo, mas deu graça para que ele pudesse suportá-lo. E Paulo vê isso como misericórdia, e entende que Deus teve compaixão dele. Ele chama Deus de “Pai das misericórdias”, ou seja, todas as misericórdias lhe pertencem porque ele é o Pai de toda misericórdia que existe, e ele também é o “Deus de toda consolação”. Todo tipo de consolação vem desse Deus.

Consolar é confortar, é trazer alegria num momento de tristeza, de necessidade, é chegar junto, ajudar, encorajar quando a pessoa está desanimada; é isso que Deus fazia com Paulo em meio a todo esse sofrimento que acabamos de ver. Então, Paulo tinha essa convicção e experimentava todo esse consolo de Deus em meio a esse sofrimento.

E fazia isso porque sabia por qual razão Deus permitia todas essas coisas. E essa razão está no versículo 4: “[É ele] que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus”. Ou seja, Paulo sabia que a razão pela qual ele experimentava todo aquele sofrimento, e era consolado por Deus, é para que ele pudesse também consolar e confortar outras pessoas que estavam sofrendo. Era como se Paulo fosse um rato de laboratório, uma cobaia, e Deus primeiro vivesse essas experiências com ele. E, uma vez que Paulo tinha experiência do consolo divino em meio às tribulações, quando ele encontrava irmãos que também estavam sofrendo, passando por dificuldades e angústias, Paulo tinha uma palavra de experiência, uma palavra do que ele mesmo tinha vivido, para consolar aqueles irmãos. Era por isso que Deus permitia que ele passasse por sofrimentos, porque os sofrimentos de Paulo seguidos da consolação davam ao apóstolo Paulo autoridade para ele ministrar, aconselhar e abençoar as outras pessoas que Deus

colocara sob seus cuidados, e que também experimentavam sofrimentos e dificuldades. Paulo sabia que Deus permitia tudo aquilo a fim de fazer dele um instrumento para consolar outras pessoas, como ele diz no versículo 4, em outras palavras: “Deus me consola para que eu possa consolar outros. Por isso ele permite que eu sofra: para que eu possa consolar quem está sofrendo”. Saber disso animava o coração do apóstolo Paulo.

Como Deus fazia isso na vida de Paulo? Ele explica no versículo 5. O “porquê” está introduzindo uma explicação. Ele diz: “Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo.” (v. 5, ARA). O que ele quer dizer aqui? Quer dizer que ser um discípulo de Jesus Cristo, e particularmente um apóstolo de Jesus Cristo, significa participar dos sofrimentos de Jesus Cristo. É isso que muita gente não entende a respeito do cristianismo. O cristianismo tem no seu coração a redenção humana mediante o sofrimento e a morte de um homem, que é o nosso representante, Jesus Cristo. Então, se somos seguidores de Cristo e salvos por Cristo, coisas como teologia da vitória, do triunfalismo, do sucesso, e de bênçãos materiais são uma contradição ao próprio espírito do cristianismo. Nós somos discípulos do crucificado. Nós seguimos aquele cuja vida foi de sacrifícios e renúncias, que nasceu para morrer na cruz, e durante a sua vida não teve os confortos e privilégios que outras pessoas tiveram, mas assumiu de forma voluntária esse papel precisamente para nos redimir das nossas iniquidades. Então, quem quiser ser discípulo de Jesus Cristo tem de estar disposto, como ele diz no versículo 5, a que “os sofrimentos de Cristo se manifest[e]m em grande medida em nosso favor”, ou seja, tem de estar disposto a participar dos sofrimentos de Cristo Jesus.

O cristianismo não é uma religião triunfalista com relação ao mundo presente. A perspectiva e a visão que o cristianismo traz da nossa vida neste mundo não é como se a Terra fosse o paraíso, como se fosse o céu, e como se fôssemos experimentar tudo de bom que Deus tem para nós. Essa não é a verdade. O cristianismo é bastante realista quanto à situação da humanidade e daquilo que nos espera aqui. E Jesus e os apóstolos nunca enganaram ninguém com um falso evangelho. Sempre o chamado foi: “Você quer me seguir? A porta é estreita. Quem ama pai, mãe, filho, seus bens, suas coisas mais do que a mim não é digno de mim. Quem quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e me siga”. Só esse chamado de Cristo já mostra desde cedo que tipo de religião é o cristianismo. Então, pessoas que pensam em ser cristãs ou em aceitar Jesus ou em frequentar uma igreja na expectativa de receber bênção material e sucesso

neste mundo estão seguindo, na verdade, outro evangelho, que não é o evangelho bíblico, aquele que nos é apresentado seja pelo próprio Jesus, seja por seus seguidores, como o apóstolo Paulo. É o que ele fala no versículo 5: “Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor”, ou seja, porque sou cristão, participo também dos sofrimentos de Cristo Jesus e dos benefícios que esses sofrimentos representam a nosso favor.

Mas há uma contrapartida, também no final do versículo 5: “assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo”. Da mesma forma que Deus permite que eu sofra como Cristo sofreu, Deus também me consola como Cristo foi consolado na ressurreição dos mortos, quando Deus o tira da sepultura e o exalta. Entretanto, a ordem é esta: primeiro, o sofrimento, e em seguida, a consolação. Então, da mesma forma que Paulo sofria, ele também era consolado. E tudo isso ele diz no versículo 6: “Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação”. Como funciona isso? Paulo diz: “Olha, se eu sou atribulado e passo por tudo isso, é para consolo e salvação de vocês”. Ou seja, para que o rebanho seja salvo e consolado, o pastor tem de sofrer. Em outras palavras, é isso o que Paulo está dizendo, ao tentar explicar à igreja de Corinto por que ele sofre, pois era essa acusação dos falsos mestres, que diziam: “Ele sofre porque é um renegado de Deus”. Paulo diz: “Não! Quanto mais eu sofro, mais consolo e salvação há para vocês!”. Por que ele sofria? Porque ele pregava a Palavra, porque era um discípulo de Jesus Cristo, porque anunciava o evangelho. E, quanto mais ele pregava, mais sofria e mais era perseguido. Mas, quanto mais ele pregava, também mais gente ouvia o evangelho e era chamada pelo Espírito Santo, através da pregação, e mais gente era salva e recebia o consolo da redenção que vinha através de Jesus. Ou seja, quanto mais Paulo sofria, mais gente se salvava e recebia consolo do Espírito Santo: “se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação”.

Paulo continua: “se somos consolados, é para vossa consolação” (v. 6). Quando Paulo recebia consolo da parte de Deus, ele não só era consolado, mas podia passar isso também para as pessoas que estavam sob a sua responsabilidade, os membros da igreja de Corinto e das demais igrejas que ele fundou e pastoreou. Ou seja, quer Paulo estivesse sofrendo, quer estivesse sendo consolado, ele era um canal através do qual Deus salvava e consolava as pessoas ao seu redor. E essa era a razão pela qual ele sofria.

Suportando os mesmos sofrimentos

No final do versículo 6, ele coloca uma condição para que o consolo funcione. Ele diz: “a qual produz perseverança, para que suporteis as mesmas aflições que nós também sofremos” (v. 6). O grego permite uma tradução seguida por várias versões (ARA, NAA, por exemplo), em que Paulo estaria dizendo que o conforto de Deus atua na medida em que os cristãos aguentam pacientemente os sofrimentos como os de Paulo. Ou seja, Paulo diz: “Há uma parte que cabe a vocês, que é suportarem com paciência os mesmos sofrimentos que nós suportamos. Se vocês são cristãos, conhecem a Jesus, são discípulos de Cristo Jesus, e estão vendo esses sofrimentos que eu estou passando por amor do evangelho, então isso deveria servir de exemplo e de estímulo para que vocês suportem com paciência os sofrimentos deste mundo, porque é dessa forma que Deus vai trazer conforto e consolo para vocês”.

Quando a dificuldade bate, quando o sofrimento chega, nos impacientamos, questionamos a Deus, queremos achar um atalho, ou mesmo brigar com Deus, quando não jogar tudo para o alto. Mas o alvo de Deus com o sofrimento é exatamente nos trazer o conforto e a consolação espirituais. Isso, porém, só vai acontecer se suportarmos com paciência, perseverança e resiliência a provação que vier sobre nós.

No versículo 7, o apóstolo Paulo reforça a certeza que ele tem de que aqueles irmãos em Corinto seriam abençoados com o sofrimento que enfrentavam: “E a nossa esperança a vosso respeito está firme, sabendo que, visto que sois participantes dos sofrimentos, assim também sereis da consolação” (v. 7). Paulo estava dizendo aos coríntios que ele tinha certeza de que esse processo que descrevera — por meio do qual ele sofre e é consolado para que eles fossem salvos e consolados, desde que fossem pacientes — também estava acontecendo com eles. Ou seja, Paulo sabia que, assim como eles participavam dos sofrimentos, assim também eles participariam da consolação.

Conclusão e aplicações práticas

Gostaria de trazer algumas lições e aplicações que creio serem importantes.

A primeira delas é que passagens bíblicas como essa mostram a verdade a nosso respeito neste mundo, e servem para destruir qualquer ilusão de que o evangelho é uma filosofia ou uma religião cujo objetivo é promover o bem-estar dos seus adeptos. E com isso estou combatendo a teologia da prosperidade, bem como outras formas de teologia que querem utilizar alguns princípios da Bíblia fora de contexto, para dar esperanças falsas a seus seguidores. Não estou dizendo que todo mundo que segue por esse caminho seja um falso profeta, mas estou dizendo que está ensinando um falso evangelho. Pode ser que haja alguém sincero que aprendeu isso de outrem; mas que ele está ensinando um falso evangelho, isso ele está. Não estou negando que Deus nos console neste mundo com bens materiais. Ele faz isso. Não estou negando que Deus nos livre de situações difíceis. Ele faz isso. Mas não há nenhuma garantia de que ele fará isso sempre, o tempo todo, com todo mundo. Portanto, o sofrimento vai bater na sua porta também. A crise chegará até você também. Problemas aparecerão na sua vida, e, quando aparecerem, você não deve ficar surpreso, nem pensar algo do tipo: “Mas de que adiantou eu servir a Deus, ir à igreja, orar, dar o dízimo, contribuir, fazer campanha, andar certinho, se no fim estou sofrendo do mesmo jeito que as outras pessoas deste mundo?”. A razão é uma só: Deus não promete nos isentar dos sofrimentos, pois estes são peculiares à natureza humana, por causa da nossa situação de raça caída e pecaminosa.

A segunda lição é que devemos entender por que pastores, presbíteros e líderes às vezes sofrem. Como aprendemos pela passagem que estudamos, eles sofrem para que possam ser canais para abençoar outras pessoas. Alguns precisam ser quebrados. São como um vaso que carrega dentro de si um tesouro ou um perfume, e que primeiro precisa ser quebrado para que a riqueza ou o aroma se espalhe. Essa é a razão pela qual os verdadeiros homens de Deus não raro com muita frequência passam por tribulações, provações e sofrimentos muito grandes: justamente para que — como no caso de Paulo —, através do quebrantamento e do sofrimento deles, Deus venha a transmitir o sopro de vida para outras pessoas. Eles precisam ser quebrantados e consolados para que possam consolar e mostrar o caminho da salvação aos quebrantados. E muitas vezes Deus coloca os líderes como exemplo disso. Ele fez isso com os profetas do Antigo Testamento. A vida do profeta era um sermão. Deus diz para Isaías andar nu durante algum tempo, (Ainda bem que ele não diz mais isso hoje!). Ele mandou o profeta Jeremias passar por uma situação de crise. Oseias teve que casar com uma mulher que era prostituta. Assim, a vida desses líderes era um

sermão que Deus pregava ao vivo e a cores. Ele não usa mais esse tipo de estratégia, mas o princípio permanece o mesmo: Deus levanta pessoas para abençoar o seu povo, mas a vida dessas pessoas, para que seja bênção, com frequência tem que passar pelo pilão de Deus, tem que passar por dificuldades e sofrimentos, para que possa ser um canal de bênção.

Chegamos, então, à terceira lição. Por esse motivo, temos de orar por aqueles líderes que Deus colocou em nossa vida. Observe que, no versículo 11, que será abordado no próximo capítulo, Paulo conclui essa parte pedindo as orações da igreja por ele, em meio a todo aquele sofrimento, em meio a toda aquela dificuldade que ele enfrentava. Portanto, nós também devemos orar para que Deus abençoe nossos pastores e líderes, para que eles possam cumprir o seu papel.

Por último, precisamos aprender a ser pacientes quando as provações vierem sobre nós, nos espelhando também no que é dito em outra carta, a epístola de Tiago: “Irmãos, tomai os profetas que falaram em nome do Senhor como exemplo de paciência e de perseverança diante do sofrimento” (Tg 5.10). Em seguida, o versículo seguinte (Tg 5.11) cita o exemplo de Jó. Com a mesma paciência e perseverança que eles tiveram, nós também devemos suportar os sofrimentos que nos vêm.

Capítulo 3

no limite

2Coríntios 1.8-11

A sentença de morte

Irmãos, não queremos que ignoreis a tribulação pela qual passamos na Ásia, porque foi muito acima das nossas forças, de tal modo que chegamos a desesperar da própria vida. Na verdade, tínhamos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos. Ele nos livrou de tão horrível perigo de morte e continuará nos livrando. É nele que esperamos, e ele ainda nos livrará, com a ajuda também de vossas orações por nós, para que, pelo favor que nos foi concedido pela intercessão de muitos, também por muitos sejam dadas graças a nosso respeito.

Nós começamos a estudar 2Coríntios com o objetivo de entender o seu significado e de que maneira essa carta fala à nossa vida hoje. Já vimos que, na verdade, essa é a quarta carta que Paulo escreveu à igreja de Corinto. Mas ela é chamada “segunda carta” porque, das quatro cartas que Paulo escreveu aos coríntios, foram preservadas duas — justamente a segunda e a quarta, as quais entraram no cânon respectivamente como a primeira e a segunda carta aos coríntios.

A quarta carta foi escrita com os seguintes objetivos: agradecer o resultado alcançado pela terceira — a tal carta severa que Paulo menciona —; defender o

apostolado dele contra alguns na igreja que ainda o questionavam; denunciar falsos apóstolos que estavam infiltrando-se na igreja e eram os autores desse questionamento sobre o apostolado de Paulo.

Uma das coisas que esses falsos apóstolos argumentavam contra Paulo é que não tinha como ele ser um ministro de Deus ou um apóstolo de Jesus Cristo, levando-se em consideração todos os sofrimentos que ele enfrentava. Por onde Paulo passava, ele apanhava, era preso, expulso de cidades, assediado. Logo, como uma pessoa rejeitada por seu próprio povo podia ser de Deus? Se ele fosse de Deus, seria protegido, abençoado, teria livramento o tempo todo, não sofreria tanto. Mas como alguém que sofria como ele podia ser apóstolo de Jesus Cristo? Desse modo, os sofrimentos de Paulo eram parte da argumentação que os falsos mestres, na cidade de Corinto, usavam contra a autenticidade do ministério de Paulo. E uma das razões pela qual ele escreveu 2Coríntios foi justamente para dizer que seus sofrimentos — ao contrário do que diziam os falsos mestres — eram uma prova de que ele era um verdadeiro ministro de Jesus Cristo.

Então, o que Paulo faz já no início da carta, como vimos no último capítulo, é explicar o propósito daqueles sofrimentos. Por que ele sofria tanto? Como vimos no capítulo anterior, Paulo diz que, em meio a todas as tribulações por que ele passava, Deus o consolava e desse modo o preparava para poder consolar a outros. É por isto que ele sofria: porque, com o sofrimento e a consolação que recebia da parte de Deus, ele podia também consolar outras pessoas que estavam passando pelos mesmos sofrimentos que ele passava.

A seguir, veremos mais quatro lições que podemos extrair de uma experiência particular que Paulo menciona. Foi uma experiência de sofrimento tão intenso que o apóstolo a coloca agora como referencial de quem ele é ou da razão pela qual ele sofre. As quatro lições que podemos extrair dela são estas. A primeira é que Deus permite que seus servos passem por experiências extremas e desesperadoras. A segunda lição é que Deus faz isso para que nós aprendamos a confiar nele. A terceira é que Deus costuma nos livrar dos perigos de morte e das grandes tribulações até certo ponto. E a última lição é que as orações são um instrumento precioso de Deus, para que possamos enfrentar as tribulações da vida. Essas são as quatro lições que podemos extrair dos versículos que estudaremos neste capítulo.

Primeira lição

A primeira lição está no versículo oito: Deus, às vezes, permite que até mesmo os seus servos passem por tribulações extremas e desesperadoras. Veja o que Paulo diz nesse versículo: “Irmãos, não queremos que ignoreis a tribulação pela qual passamos na Ásia, porque foi muito acima das nossas forças, de tal modo que chegamos a desesperar da própria vida”. A qual experiência Paulo se refere?

Há discussão entre os estudiosos com relação a isso, mas a maioria está inclinada a entender que Paulo se refere ao que aconteceu na cidade de Éfeso, episódio que encontramos no livro de Atos, no capítulo 19.

Em Atos 19, temos o relato de como Paulo foi pregar o evangelho em Éfeso e como Deus o abençoou ali. Muita gente se converteu, inclusive muita gente que praticava artes mágicas, entre os quais havia muitos adoradores da deusa Diana. A deusa Diana tinha seu santuário nacional na cidade de Éfeso. Muita gente ganhava dinheiro fazendo estátuas e nichos da deusa Diana (que eram templos em miniatura contendo a imagem da deusa). Eram os santeiros daquela época. Da mesma forma que hoje tem gente que ganha dinheiro fazendo imagens de Maria e dos santos, naquela época os santeiros ganhavam dinheiro fazendo imagens da deusa Diana.

Paulo, então, prega o evangelho em Éfeso. Multidões se convertem, param de adorar a deusa Diana, e o comércio de santos entra em crise. Ninguém mais comprava estátuas da deusa Diana. E de quem era a culpa? De Paulo, porque ele estava levando muita gente da idolatria para o verdadeiro evangelho. Então, os santeiros de Éfeso são liderados pelo chefe do sindicato, um homem chamado Demétrio, que reúne o pessoal e diz: “Nós temos de fazer alguma coisa, porque a nossa profissão está correndo risco”. Ele, então, apela para motivos religiosos e começa a dizer que Paulo estava atacando a deusa Diana; com isso, gerou um tumulto muito grande. Saíram à procura de Paulo, para pegá-lo. A multidão enfurecida queria pegar o apóstolo, mas não conseguiu. Lemos a respeito do tumulto gerado por Demétrio a partir do versículo 23 de Atos 19. O versículo 29 relata que a cidade virou uma grande confusão, e que as pessoas foram para o teatro — lugar onde se realizavam as assembleias para discutir assuntos referentes à vida da cidade, uma espécie de assembleia municipal. Lá pegaram dois companheiros de Paulo: Gaio e Aristarco. Quando Paulo soube que estavam

atrás dele, que aquela confusão era por causa dele, quis ir até o teatro e se apresentar. Mas seus amigos o aconselharam a não fazer isso de jeito nenhum, porque, se aparecesse por lá, eles o matariam na mesma hora! Então, a muito custo eles conseguiram segurar Paulo, mas, mesmo assim, pegaram Alexandre (v. 33), o escrivão da cidade, que ainda conseguiu amainar a situação e, finalmente, a confusão acabou. Mas Paulo quase morreu nesse episódio. Ele teve de sair da cidade depois disso: “Cessado o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos e, tendo-os encorajado, despediu-se e partiu para a Macedônia” (At 20.1). Foram justamente para a cidade de Corinto.

Foi um momento difícil na vida do apóstolo. Esse tumulto provocado por Demétrio, que era o chefe dos santeiros, provavelmente teve o apoio dos judeus ligados à liderança da sinagoga. Os judeus sempre estavam procurando motivo para perseguir o apóstolo Paulo. Ele esteve muito próximo da morte. A situação foi extremamente difícil.

Provavelmente é a essa situação que Paulo se refere aqui, em 2Coríntios 1.8. Lembramos que, antes de ter passado por isso, ele fora a Corinto, e depois retornou a Corinto, passado o tumulto. Ele diz, em outras palavras: “Eu não quero que vocês ignorem. Quero que se lembrem daquilo que passei na Ásia”.

A Ásia era uma província romana cuja capital era Éfeso. Por causa da proximidade de Corinto e da cronologia, os estudiosos acham que aqui, em 2Coríntios 1.8, Paulo está se referindo àquele tumulto que aconteceu em Éfeso, no qual ele quase perdeu a vida. Ele se refere àquela situação de duas maneiras. Ele diz, primeiro, que foi “muito acima das nossas forças”. E diz “nossas” porque não estava sozinho; estavam com ele alguns companheiros que, inclusive, chegaram a ser presos, ameaçados e assediados. Então, ele diz que aquilo foi acima das forças deles, ou seja, foi uma provação muitíssimo grande e dura sobre eles. Isso corrobora o ponto de que já falei: Deus às vezes permite que seus servos enfrentem situações que eles consideram estar acima do que podem suportar, acima das próprias forças. Tratam-se de coisas muito severas, muito pesadas e muito duras do ponto de vista emocional e físico, muita pressão vinda de fora e de dentro. Foi o que Paulo sentiu ali, que aquilo era mais do que ele podia suportar.

Vemos, então, a segunda maneira pela qual Paulo se refere à essa situação. Ele já tinha passado por muita coisa antes, mas aquela em particular parecia ter sido uma provação tão grande que, como ele diz ainda no versículo 8, “chegamos a

desesperar da própria vida”. Ou seja, ali ele perdeu a esperança de sobreviver àquela situação. Foi talvez o momento da vida de Paulo em que ele disse: “Pronto! Chegou o meu fim. Eu não vou escapar com vida disso. Chegou a minha hora! Esse é o momento em que Deus vai me levar. Eu vou morrer na mão dessa multidão, que vai me levar do teatro para o meio da rua e me apedrejar ou vai me entregar às autoridades e eu vou morrer decapitado. Chegou a minha hora!”. Paulo chegou a esse ponto de dizer: “É hoje! De hoje eu não passo! Chegou o momento!”.

Esta é a questão que quero destacar: Deus, às vezes permite situações extremamente radicais em nossa vida, extremamente perigosas, difíceis, situações de grande angústia e sofrimento a ponto de dizermos assim: “Eu não vou sobreviver a isso! Chegou o meu fim! É a minha hora!”.

Nenhum crente está livre de passar por isso. Pode ser uma situação de doença, um acidente, um assalto. Certa vez um ladrão entrou em minha casa e apontou uma arma para a minha cabeça. Eu pensei: “Chegou o meu fim!”. Minha esposa estava comigo também. Já passamos por tantas outras situações que até podemos enumerar. Tenho certeza de que você pode dizer o mesmo.

Mas, por que Paulo queria que os coríntios se lembrassem disso? Ele começa o versículo dizendo, em outras palavras: “Eu não quero que vocês ignorem o tipo de tribulação que passei em Éfeso, algo que estava acima das minhas forças humanas suportar, a ponto de eu pensar que não tinha mais saída”. Por que Paulo queria que eles se lembrassem disso? Talvez, primeiro, porque os falsos mestres, aqueles que estavam atacando Paulo, estivessem dizendo que Paulo havia sido covarde ao fugir da cidade de Éfeso. É como se Paulo estivesse dizendo: “Não, eu não fui covarde. Veja a natureza da tribulação. Veja a que ponto chegou”. Se Paulo tivesse ficado em Éfeso, seria como tentar a Deus, pois estava claro que ele seria morto se ficasse ali.

O crente não é chamado para ser mártir. Nós só devemos enfrentar o martírio se ele nos é imposto. Então, se vierem ameaçar nossa vida, como acontece nos países em que os cristãos são perseguidos, Deus nos dará a graça de, naquela hora, enfrentarmos o sofrimento e morrermos por Cristo, se essa for a vontade dele. Mas não há nada na Bíblia que diga que eu deva procurar o martírio. Se eu puder fugir, se eu puder escapar da situação, devo aproveitar a oportunidade de escapar. E foi exatamente isso que Paulo fez.

Seus adversários talvez estivessem dizendo: “Ele foi covarde”. Mas Paulo diz: “Esperem aí! Vamos lembrar o que eu passei ali. Eu estava correndo o risco de perder minha vida. E há muito trabalho a ser feito”. Então, ele aproveitou a oportunidade no dia seguinte, quando a situação melhorou, e chamou os discípulos, deu as últimas ordens, e foi para a Macedônia pregar o evangelho noutro lugar.

Talvez seja por esse motivo que ele começou a passagem dizendo algo assim: “Não quero que vocês ignorem a natureza da tribulação que passei lá, para depois não fiquem acreditando no que esses falsos mestres estão dizendo por aí, que eu fui um covarde, que diante do primeiro contratempo eu fui embora. Não foi um contratempo! Eu cheguei a desesperar da vida e a pensar que tinha chegado ao meu limite, mas ainda não estava na hora de eu entregar minha vida na mão desses perseguidores”.

Ao mesmo tempo, Paulo queria que eles soubessem da gravidade dos sofrimentos que ele enfrentava por Jesus Cristo, pois, mais adiante na carta, o apóstolo vai apresentar três listas de sofrimentos. Nelas ele enumera tudo que passou por Jesus Cristo. Assim, está já preparando o caminho para dizer que o verdadeiro apóstolo de Cristo é alguém que está disposto a passar por tudo isso, ou é alguém que, em consequência do seu trabalho, levanta esse tipo de perseguição a ponto de desesperar da própria vida. Essa experiência relatada é importante para o restante da carta e para o argumento do apóstolo Paulo. Ele não quer que os coríntios ignorem a natureza dos sofrimentos pelos quais ele passou.

Esses sofrimentos de Paulo são similares aos de muitos servos de Deus do Antigo Testamento, descritos como heróis da fé em Hebreus 11, a partir do versículo 35, onde o autor da Carta aos Hebreus se refere a homens e mulheres do Antigo Testamento como pessoas de fé, mas que nem por isso deixaram de sofrer. Olhe o que ele diz:

Algumas mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos. Alguns foram torturados e não aceitaram ser livrados, para alcançar uma melhor ressurreição; e outros experimentaram zombaria e espancamentos, correntes e prisões. Foram apedrejados e provados, serrados ao meio [uma referência a Isaías, apesar de não haver referências nos livros bíblicos, mas nos escritos testamentários há

referências de que ele foi serrado ao meio], morreram ao fio da espada, andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras [referência ao profeta Jeremias], necessitados, aflitos e maltratados. O mundo não era digno dessas pessoas. Andaram vagando por desertos e montes, por cavernas e buracos da terra (Hb 11.35-38).

Nesse trecho está registrado como o autor da Carta aos Hebreus se referia aos homens de fé do Antigo Testamento. O fato de eles serem tementes a Deus, de confiarem nele, e de terem se tornado exemplos para nós não os livrou de passar por todo esse tipo de situação limítrofe. Em alguns casos eles enfrentaram a morte, como no caso de Isaías, que foi serrado ao meio, e de outros ainda, que morreram ao fio da espada.

Esse é o primeiro ponto dessa passagem. O que aprendemos nela sobre a tribulação? Aprendemos que às vezes Deus permite que sofram até o limite da morte, até bem próximo dela. Ele vai esticando até o limite, como se “para ver até onde a pessoa aguenta”. E somos provados até nosso limite e além, a ponto de dizermos: “Acabou! Não aguento mais! Cheguei ao fim”.

Segunda lição

O segundo ponto que quero destacar está no versículo 9: o alvo de Deus sempre é que aprendamos a confiar nele. A confiança que temos em nós mesmos, em nossas habilidades e capacidades, e a confiança que temos no outro é tão grande que às vezes fica muito difícil confiarmos em Deus somente. Nós confiamos em Deus e em nós; confiamos em Deus e no cartão de crédito; confiamos em Deus e naquele nosso amigo da polícia que pode dar um “jeitinho” na situação; confiamos em Deus e em uma pessoa importante e influente que pode “quebrar nosso galho”.

Para aprendermos a confiar somente em Deus, Deus permite, então, que passemos por certas situações em que todo auxílio humano, toda ajuda humana é inútil, como foi no caso de Paulo em Éfeso. Paulo estava à mercê dos seus

inimigos, e não tinha como sair daquela situação. Observe que, no versículo 9, ele diz: “Na verdade”. Essa expressão é o contraponto do que ele falou no versículo 8, quando disse que chegaram a desesperar da vida: “Na verdade, tínhamos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos” (v. 9).

Ele enfrentou aquele momento consciente de que tinha uma sentença de morte sobre si. O que Paulo quer dizer com isso? Pode simplesmente estar se referindo ao fato de que ele se sentiu como alguém condenado à morte, que caminhava pelo corredor da morte para ser eletrocutado ou morto de alguma forma. Ou o mais provável é que isso representava a consciência que Paulo tinha de que, desde aquele dia em que creu em Jesus Cristo, no caminho de Damasco, e recebeu o chamado de Deus para ser seu apóstolo, ali foi como se Deus tivesse sentenciado Paulo à morte. Dito de outra forma, ele passou a ser um condenado à morte a partir do dia em que recebeu Jesus como seu Senhor e Salvador.

Mas não é isso mesmo que Jesus disse aos seus seguidores? O que foi que ele falou? “Se alguém quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser preservar a sua vida, este a perderá; mas quem perder a vida por amor de mim, este a preservará” (Lc 9.23,24). Então, na mesma hora em que alguém se torna discípulo de Jesus Cristo, já tem sobre si uma sentença de morte. O que é uma pessoa sentenciada à morte? Às vezes essa figura não é tão clara para nós, porque no Brasil não temos pena de morte. Mas no Antigo Oriente havia essa pena, e as autoridades aplicavam-na com muita frequência. Dependendo do tipo do crime, as pessoas eram apenadas com a morte; ficavam presas por um tempo, e depois eram levadas para serem executadas.

Havia várias formas de execução. Havia as formas mais “humanas”, como cortar a cabeça do condenado; e havia aquelas que eram mais desumanas, como, por exemplo, ser lançado às feras num anfiteatro ou arena, como o coliseu, ou ser lançado nessa arena para ser morto pelos gladiadores. Ou, então, a morte de cruz que o Império Romano praticava, uma das formas mais vergonhosas e dolorosas de matar as pessoas que eram condenadas. Era assim que haveria de morrer Barrabás, que tinha sido condenado à morte. Ele haveria de morrer pendurado numa cruz, fora de Jerusalém, um método cruel de execução, mas que era usado pelo Império Romano. O Império Romano executou provavelmente milhares de pessoas usando esse método da cruz, a crucificação.

Paulo se sentia como alguém que tinha sido condenado à morte. Isso significava que ele esperava a morte a qualquer momento, de modo que o carrasco poderia chegar à prisão e dizer: “Será hoje!”. Ele não sabia sequer se viveria mais um dia. Então, como um condenado à morte, ele não podia fazer planos, pois não era dono da própria vida, não tinha esperanças e era impotente para reverter a sua situação. Ele vivia à sombra da morte. Portanto, ele não era apegado a nada. Não tinha propriedades, pessoas, nada a que se apegar. Ele vivia naquela expectativa. Era assim que Paulo se sentia; era assim que ele se considerava, desde o dia em que Cristo lhe apareceu, no caminho de Damasco, chamou-o para ser seu discípulo e lhe deu a missão de ser apóstolo.

Na verdade, tudo isso também se aplica a cada um de nós. Somos como condenados à morte. Ou seja, nós não temos convicção do amanhã; vivemos desapegados das coisas que nos cercam; sabemos que essa situação é irreversível, e que nossa única esperança é Deus. É isso que Paulo está dizendo: “Na verdade, tínhamos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos” (2Co 1.9). O que Paulo quer dizer é o seguinte: todo sofrimento e provação que Deus permite que nós passemos é exatamente para que nos desapeguemos deste mundo, para que nos vejamos aqui como condenados à morte, e que nossa vida, na verdade, é no mundo vindouro. Por isso ele cita o “Deus que ressuscita os mortos”. O que isso significa? Deus pode não me livrar dos sofrimentos neste mundo, mas, se ele não me livrar, ele vai me ressuscitar. Minha esperança sempre será a ressurreição dos mortos: os novos céus e a nova terra onde habita a justiça.

Para que desapeguemos de carro, casa, confortos, segurança, pessoas, e de qualquer coisa deste mundo, Deus envia a provação. E às vezes provação extrema, porque infelizmente é só assim que desapegamos das coisas deste mundo e aprendemos a depender somente de Deus. Isso só funciona mesmo para o crente, porque, quanto mais sofrimento vem para o descrente, mais ele maldiz a Deus, mais se revolta contra Deus, mais vai se lançar na bebida ou nas drogas ou em qualquer outra coisa em rebelião contra Deus. Portanto, esse tipo de procedimento didático só funciona com os filhos de Deus. Um filho de Deus, quando sente o sofrimento e a provação, pode até passar por um período de questionar a Deus, como Jó fez: “Por que isso está acontecendo comigo?”. Mas, no final, isso tudo vai contribuir para o crescimento dele.

Essa é a segunda lição que tiramos daqui. A primeira foi: Deus permite o

sofrimento extremo. E a segunda é: O propósito de Deus ao permitir o sofrimento é que aprendamos a confiar nele somente, e não em nós mesmos.

Terceira lição

Terceiro ponto: Deus eventualmente livra seus servos dessas provações. No final do versículo 10, Paulo diz: [Nós confiamos no Deus que ressuscita os mortos], pois “Ele nos livrou de tão horrível perigo de morte [relembrando o livramento de Éfeso] e continuará nos livrando. É nele que esperamos, e ele ainda nos livrará”.

Voltando ao episódio de Atos 19, nós vemos que Deus de fato livrou o apóstolo Paulo. Como Deus o livrou? Paulo estava indo se apresentar no anfiteatro, onde ele seria morto; os amigos chegaram e impediram que ele fosse, dizendo, em outras palavras: “Você não vai, Paulo! Se for, você morre”. Eles detiveram o apóstolo, episódio que pode ser lido em Atos 19.29-31. E disseram que Paulo não deveria ir lá se apresentar. Impediram que Paulo se apresentasse, pois isso seria morte certa.

Deus usou os amigos naquela hora para livrar Paulo da morte. É a isso que ele se refere nesse trecho de 2Coríntios 1, como se dissesse: “Deus me livrou quando eu já tinha perdido toda a esperança; eu sabia que tinha chegado a minha hora; estava pronto para morrer, mas Deus, usando os meus amigos, livrou-me. E creio que ele continuará a me livrar”. E, de fato, depois dessa experiência, Paulo passou por muitas outras experiências de perseguição, de sofrimento, e Deus o livrou de todas. Paulo ainda viveria por alguns anos, pregando o evangelho. Mas, quando chegou de fato o tempo dele, Deus não o livrou da espada de Nero. Paulo foi preso, condenado pelos romanos, levado para a Via Ápia, no ano 66, e foi decapitado pelos soldados romanos, em um local que é marcado até hoje em Roma como o local da decapitação do apóstolo Paulo.

O mesmo se deu com os profetas. Deus também os livrou durante um tempo. Mas, quando chegou a hora do profeta Isaías, por exemplo, o tempo dele chegou. Isso também aconteceu com João Batista, outro servo de Deus: quando chegou sua hora, ele foi preso e decapitado na prisão. Vemos o mesmo acontecer aos

mártires do primeiro e do segundo século e aos mártires de hoje: Deus os livra durante algum tempo, mas chega a hora em que Deus os chama para si. Quando isso acontece, os servos glorificam a Deus com a sua morte. Deus nos livra a todos só até certo tempo; mas chegará um momento em que ele, finalmente, nos entregará à morte, final que aguarda a todos nós.

Essa é a lição que extraímos aqui. Mas o que as palavras de Paulo querem dizer? Querem dizer que ele confiava nos livramentos de Deus, mas somente porque ele confiava no Deus que ressuscita os mortos. O último livramento será a ressurreição dos mortos, e, então, não precisaremos mais ser livrados de nada, porque entraremos no novo céu e na nova terra, onde habita a justiça.

Quarta lição

A quarta lição vem a ser o último ponto dessa passagem, que trata do papel das orações dos irmãos em meio a tudo isso. Vejam o que Paulo diz nos versículos 10 e 11: “[É nele que esperamos, e ele ainda nos livrará], com a ajuda também de vossas orações por nós, para que, pelo favor que nos foi concedido pela intercessão de muitos, também por muitos sejam dadas graças a nosso respeito”.

Dá para ver por esses versículos que Paulo vê os livramentos que espera de Deus como algo que tem ligação com as orações feitas pelos irmãos. Ele escreve de tal maneira no grego que essas duas coisas — a saber, os livramentos de Deus e a intercessão dos irmãos — acontecem ao mesmo tempo: “Deus continuará a nos livrar, enquanto vocês orarem por nós”. Ele percebe, então, uma relação de causa e efeito: as orações dos irmãos trariam o livramento de Deus.

Paulo acrescenta que Deus ouvirá essas muitas orações e apreciará isso. O processo é mais ou menos assim: os coríntios oram por Paulo; Paulo é livrado por Deus; os coríntios agradecerão a Deus por esse livramento; e Deus receberá a glória que lhe é devida. É como se Paulo dissesse que, no final, tudo é para a glória de Deus; ele receberá a gratidão dos coríntios porque, quando eles oraram por Paulo, Deus os ouviu e o livrou; e eles, então, agradecerão a Deus. Vemos nesse versículo a importância das orações.

Conclusão e aplicações práticas

Termino com algumas aplicações que já foram antecipadas.

Primeira, estamos todos sujeitos a intensos sofrimentos nesta vida, não somente por causa de Cristo, mas também por sermos membros integrantes de uma humanidade caída. Por que é importante insistir nesse ponto? Porque em nossos dias há uma forma de evangelho que não é o evangelho, mas sim outro evangelho. Ela é muito popular hoje em dia, e engana os cristãos, dizendo que o caminho dos discípulos de Cristo neste mundo é um caminho suave. Em outras palavras, se eles forem fiéis na contribuição e perseverantes em cumprir determinados votos, só coisas boas lhes acontecerão. Isso não é verdade. Deus pode livrar, mas ele não livra sempre. Ele às vezes permite que percamos o que temos. Permite que passemos por dificuldades. Qual é a preocupação de Deus? É que aprendamos a confiar nele somente, porque aquilo que ele tem a nos dar de mais precioso — a ressurreição dos mortos — ainda é futuro, ainda se aproxima. Por isso, neste mundo, a nossa maior luta é aprender a andar pela fé, confiando em Deus somente, no Deus que não vemos, que não ouvimos e que nem sempre sentimos, mas em quem temos de aprender a confiar durante a vida, pois as coisas que são sensíveis, materiais, e que estão ao nosso redor estão sujeitas a este mundo caído, que está condenado à sentença de morte, assim como nós.

Os sofrimentos vêm por conta disso. Quando eles baterem em nossa porta, devemos nos lembrar do propósito de Deus, cujo objetivo é nos chamar para si, trazer-nos para mais perto dele mesmo, humildes.

A segunda aplicação que gostaria de destacar é o papel das nossas orações. Veja a importância que Paulo dá às orações dos irmãos, no final dessa passagem: ele diz aos irmãos que orassem por ele, que intercedessem por ele, pois, no fim, isso redundaria em livramento para Paulo e em ações de graças para Deus.

Precisamos de orações; precisamos orar por aqueles que estão sofrendo, porque Deus atende; Deus ouve; ele escuta o clamor do aflito, e nós não devemos duvidar disso, jamais.

Capítulo 4

MUDANÇA DE PLANOS

2Coríntios 1.12—2.4

O motivo de Paulo não ter voltado a Corinto

Pois nosso motivo de orgulho é este: o testemunho da nossa consciência de que temos vivido no mundo, principalmente em relação a vós, em santidade e sinceridade que vêm de Deus, não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus. Pois não vos escrevemos coisa alguma, a não ser aquelas que ledes ou que compreendeis. E espero que também as compreendais plenamente, como também já em parte nos compreendestes, de que somos o vosso motivo de orgulho, assim como sereis o nosso no dia do Senhor Jesus. E, confiante nisso, quis primeiro visitar-vos, para que recebêsseis o segundo benefício de visitá-los enquanto ia para a Macedônia, e de lá voltar até vós, e por vosso intermédio ser encaminhado à Judeia. Será que, ao decidir isso, usei de levandade? Ou será que, ao decidir algo, faço-o como homem, para que haja de minha parte tanto um sim quanto um não? Mas, assim como Deus é fiel, a nossa palavra em relação a vós não é um sim e um não, “pois Jesus Cristo, o Filho de Deus, que entre vós foi pregado por nós, isto é, por mim, Silvano e Timóteo, não foi um sim e um não; mas nele sempre houve sim”. Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele está o sim. Portanto, também é por meio dele que o amém é dado para a glória de Deus por nosso intermédio. Mas é Deus quem nos mantém firmes convosco em Cristo, e foi ele quem nos ungiu. Foi ele também quem nos selou e pôs o Espírito como garantia em nosso coração. Invoco a Deus por minha testemunha de que foi para vos poupar que não voltei mais a Corinto. Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas somos vossos cooperadores

para que tenhais alegria, pois é pela fé que estais firmados. Assim, decidi que não mais iria visitar-vos com tristeza. Porque, se vos entristeço, quem então me alegra, a não ser quem tem sido entristecido por mim? Isso escrevi para que, ao chegar, não tenha tristeza da parte dos que deveriam alegrar-me. Quanto a todos vós, eu estava convencido de que a minha alegria é a de todos vós. Porque vos escrevi em meio a muita tribulação e angústia de coração, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que soubésseis do amor intenso que tenho por vós.

Neste capítulo estudaremos uma porção um tanto quanto extensa de 2Coríntios, mas que representa uma unidade e, por isso, não quero quebrar esse bloco de texto. O assunto de que Paulo trata nele parece pouco espiritual e nada teológico. Ele está simplesmente explicando por que razão mudou de planos. Paulo tinha prometido visitar a igreja de Corinto a caminho da Macedônia; depois mandou dizer que a visitaria na ida e na volta. Mas não foi da primeira vez, nem da segunda. Em seguida, escreveu uma carta pesada; e, então, os membros daquela igreja estavam achando que o apóstolo estava procedendo com leviandade, que tinha duas palavras. Paulo escreve em defesa própria, dizendo que não agiu com leviandade, mas teve suas razões e seus propósitos, quando deixou de cumprir os planos que havia estabelecido a princípio.

Quando estava estudando essa parte, eu me vi pensando que estamos acostumados a ler os textos de Paulo como o da Carta aos Romanos, por exemplo, em que cada linha trata de um tema teológico profundo. De repente, deparamos com 2Coríntios, texto em que ele está se justificando por não ter feito uma visita. Mas, ainda assim, apesar de estar tratando de algo trivial, pouco espiritual, Paulo não consegue dar essas explicações sem tocar na questão teológica. Portanto, 2Coríntios acaba sendo também fonte de muitas lições preciosas para nós, tanto práticas quanto teológicas. Assim, espero que seu estudo contribua nesse sentido.

Primeira parte

No capítulo anterior, vimos as explicações que Paulo deu à igreja de Corinto sobre a razão de seus sofrimentos, os quais estavam sendo usados como desculpa, por seus inimigos, para dizer que o apóstolo não era um homem de Deus. Eles usavam contra Paulo argumentos deste tipo: “Como pode um homem de Deus apanhar em todo lugar por onde passa, ser rejeitado por seus compatriotas, ser preso em cada cidade, ser expulso a pedradas? Como essa pessoa pode ser de Deus?”.

Paulo, então, explica que os sofrimentos pelos quais ele passa por causa do evangelho são usados por Deus para moldá-lo e fazer dele um instrumento para abençoar outras pessoas. Foi isso que vimos no capítulo anterior.

No presente capítulo, vemos Paulo rebatendo outra crítica da igreja de Corinto: a acusação de levandade, ou de falta de consideração, pelo fato de ele ter mudado ao menos duas vezes os planos que tinha feito de visitar a cidade e estar com os irmãos da igreja de Corinto. Em razão dessa crítica, Paulo responde, em primeiro lugar, fazendo uma declaração geral da sua integridade. Ele não é homem de duas palavras. Ele não é leviano em suas decisões. E pode até mesmo apelar para seu testemunho pessoal, pois os coríntios, em especial, haviam testemunhado a integridade do apóstolo Paulo, durante o período em que esteve com eles. Esse é o primeiro ponto da explicação dada por Paulo: essa declaração geral da sua integridade, que se encontra em 2Coríntios 1.12-14.

Destacamos, porém, três pontos nesses versículos. O primeiro é que Paulo tinha a consciência tranquila de que vivia neste mundo de maneira íntegra, com santidade e sinceridade da parte de Deus, e não com sabedoria humana, como está dito no versículo 12: “Pois nosso motivo de orgulho é este: o testemunho da nossa consciência de que temos vivido no mundo, principalmente em relação a vós, em santidade e sinceridade que vêm de Deus, não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus”. Ele está dizendo que tem a consciência tranquila — e isso era, inclusive, motivo de orgulho para ele — de que vinha vivendo neste mundo em santidade. Ou seja, sua vida era marcada pela pureza de intenções e de atitudes, era uma vida que seguia no caminho de Deus, vivida com sinceridade, ou seja, com transparência, e que não tinha motivos ocultos: o que Paulo sentia e pensava, ele dizia; não recorria a disfarces; e não vivia com base em sabedoria humana (“sabedoria carnal”). Isso ele voltará a dizer em 2.17. Sabedoria carnal ou humana é o nome que Paulo dará, mais adiante, àquela capacidade que as pessoas têm de distorcer a verdade de Deus por propósitos errados. Paulo diz, em outras palavras: “Estou com a minha consciência tranquila de que minha vida

neste mundo não é marcada por esse tipo de procedimento voltado para enganar as pessoas, mas sim por santidade de vida, transparência e sinceridade, especialmente em relação a vocês”. Observe o final do versículo 12.

Mas por que ele está dizendo isso? Porque passou pelo menos três anos na cidade de Corinto. Aqueles irmãos conheciam o apóstolo Paulo e seu trabalho sério. De todas as pessoas, os coríntios eram os que mais poderiam confirmar isso que Paulo está dizendo. Colocando em outros termos, ele diz: “Minha consciência está muito tranquila, e vocês podem confirmar a verdade do que estou dizendo. Sempre fui íntegro com vocês e sempre lhes disse a verdade. Não sou homem de duas palavras. As minhas intenções sempre foram claras”. Esse, portanto, é o primeiro ponto que Paulo levanta nos versículos 12 a 14.

O segundo ponto é que, assim como Paulo era em sua maneira de viver, ele também o era nas cartas que escrevia: “Pois não vos escrevemos coisa alguma, a não ser aquelas que ledes ou que compreendeis. E espero que também as compreendeis plenamente” (2Co 1.13). Paulo já tinha escrito uma primeira carta para os coríntios, a qual se perdeu. Sabemos dessa carta porque ele a menciona na que é chamada de 1Coríntios (mas que, na verdade, é a segunda carta escrita pelo apóstolo). Então, em 1Coríntios 5, ele fala de uma primeira carta que havia escrito. Nela — nessa primeira carta que se perdeu —, Paulo estava orientando a igreja a não se associar com quem não andasse de acordo com os caminhos de Deus.

Depois, o apóstolo lhes escreveu uma segunda carta, que entrou para a Bíblia como 1Coríntios. Então, Paulo escreveu uma terceira carta, à qual ele se refere como uma carta pesada, severa, escrita depois dessa visita que ele fez, que fora uma visita penosa. Essa carta foi motivo de consternação, tanto para Paulo escrevê-la como para os coríntios lê-la. E, por fim, o apóstolo escreve uma quarta carta, que é esta que estamos estudando, a qual entrou na Bíblia com o nome de 2Coríntios.

Paulo diz estas palavras no versículo 13 — “Pois não vos escrevemos coisa alguma, a não ser aquelas que ledes ou que compreendeis” — porque já era a terceira correspondência que ele estava enviando para a igreja de Corinto. Em outras palavras, o que ele está dizendo é o seguinte: “O que escrevo a vocês é o que eu quero dizer mesmo”. “Pois não vos escrevemos coisa alguma, a não ser aquelas que ledes ou que compreendeis”, ou seja, não há na carta segundas intenções; não há nada para ser lido nas entrelinhas. Trocando em miúdos, o

apóstolo está dizendo: “Não estou mandando recado por meio das minhas cartas. Aquilo que vocês leem é o que eu estou querendo dizer mesmo. Minhas cartas se equiparam ao meu testemunho: tal como sou na minha vida (v. 12) também sou quando escrevo. Ou seja, minhas cartas, assim como eu, são completamente transparentes, íntegras, verdadeiras. Não mando recado; não estou escrevendo uma coisa e querendo dizer outra. Por isso, espero que, quando lerem minhas cartas, vocês compreendam o que estou dizendo”. Assim, esse é o segundo ponto que Paulo levanta em 2Coríntios 1.12-14.

Veja, ele está primeiro querendo demonstrar sua integridade pessoal, que não é homem de duas palavras; não é falso com as pessoas; é completamente transparente, e seus motivos são corretos. Ele apela para sua consciência, para o testemunho dos coríntios, e agora diz: “As minhas cartas são do mesmo jeito. O que vocês leem nelas é o que eu penso. Não estou mandando recado para vocês por meio das cartas que lhes envio”.

O terceiro ponto que Paulo levanta, o qual está no versículo 14, é que ele esperava que os coríntios reconhecessem isto: a integridade de Paulo na vida, no ministério, e nas cartas, e, com isso, se gloriassem em Paulo. Quando diz “somos o vosso motivo de orgulho” (ou, conforme a ARA, “somos a vossa glória”), as palavras de Paulo são ditas no bom sentido, como se os coríntios pudessem dizer: “Deus, nós te agradecemos porque o Senhor nos deu um missionário e um pastor como o apóstolo Paulo”.

Observe que, no versículo 14, Paulo argumenta: “como também já em parte nos compreendestes”. Ora, no versículo 13, ele tinha dito, em outras palavras: “espero que vocês compreendam plenamente as coisas que eu escrevo”; e aqui, no versículo 14, ele continua: “como também já em parte nos compreendestes, de que somos o vosso motivo de orgulho (ou, conforme a ARA, “somos a vossa glória”). Quando diz isso, “somos a vossa glória”, ele está falando de si mesmo. Em outras palavras, está dizendo: “Vocês já compreenderam que eu sou motivo de glória para vocês. E, em vez de ficarem pensando outras coisas de mim, na realidade vocês deveriam estar agradecendo a Deus, pois deu a vocês a oportunidade de serem ministrados por mim”. Mas se engana quem vê nessas palavras uma atitude arrogante do apóstolo. Paulo não está sendo nem um pouco vaidoso. Temos de lembrar que humildade não é a pessoa diminuir aquilo que sabe que é. Quando alguém chega para outra pessoa e diz “Você é um excelente professor”, e aquela pessoa sabe que de fato é, não será humildade se disser: “Não. Que nada! Eu não sou nada disso!”. Humildade não é a pessoa negar os

próprios dons, mas sim reconhecê-los, embora sabendo que tudo o que é foi Deus que lhe deu. É justamente esse o caso de Paulo nos versículos que estamos analisando. Quando diz que é a glória dos coríntios, ele não está sendo vaidoso. Está sendo humilde, pois sabe que é a glória (ou motivo de orgulho) dos coríntios somente pela graça e pela misericórdia de Deus.

Portanto, da próxima vez que você receber um elogio, aceite-o. Se o elogio for verdadeiro, diga: “Amém. Obrigado. Só pela graça de Deus mesmo”. Negar aquilo que o Espírito Santo tem feito na sua vida e o modo como ele o tem capacitado não é humildade. Precisamente por isso Paulo diz aqui: “Vocês já compreenderam que eu sou a glória de vocês, quero dizer, já compreenderam o privilégio que têm de me ter como pastor e pregador de vocês”.

E, no final do versículo 14, ainda acrescenta: “assim como sereis o nosso [motivo de orgulho] no dia do Senhor Jesus”, ou seja, no dia em que Cristo voltar, no dia do juízo, quando todos comparecerão diante do Senhor Jesus. Paulo, então, está dizendo que se gloriará neles nesse dia, e dirá que se alegra com a igreja de Corinto e agradece ao Senhor Jesus por essa igreja, por esse povo, a quem ele teve o privilégio de ministrar e de servir como instrumento para a salvação. Em resumo, Paulo está dizendo: “Da mesma forma que no dia do juízo eu vou me gloriar em vocês, então, gloriem-se em mim”. Por quê? Porque Paulo nunca os tratara de maneira errada. Se retomarmos os pontos do argumento de Paulo, veremos que ele disse o seguinte: 1) vocês sabem que eu me portei de maneira santa, de maneira íntegra, e não com sabedoria humana; 2) dessa mesma forma como vivi (como me portei), eu também escrevo; 3) compreendam isso e, no dia do juízo, eu vou me gloriar em vocês, como vocês se gloriam em mim. Ou seja, nessa parte Paulo faz uma declaração geral da própria integridade, da sinceridade de seus motivos. Infelizmente, às vezes, é necessário a gente fazer isso, porque, eventualmente, os motivos, as intenções e os atos, especialmente dos líderes, são questionados por pessoas que não sabem de todos os fatos, que não conhecem todas as coisas, e muito menos conhecem a mente e o coração dos outros. E, de fato, às vezes algumas atitudes e decisões que a liderança toma podem parecer estranhas para quem está de fora, para quem não sabe todos os motivos e todas as coisas. Por isso, às vezes é importante que o líder, ou os líderes, venham à frente, como Paulo está fazendo nesses versículos, e se expliquem, revelem a verdade, para que as pessoas possam compreender.

Algumas pessoas questionam porque têm o costume de questionar mesmo, e

estão no direito de fazê-lo. Em algumas há malícia, em outras não. Então, por amor daquelas que questionam sem malícia, a liderança deveria prestar contas das decisões e dos motivos pelos quais foram feitas determinadas escolhas que afetam a vida da igreja.

Segunda parte

Na segunda parte do texto, dos versículos 15 a 24, Paulo defende sua integridade no que diz respeito à questão da mudança dos planos de viagem. O ponto é que Paulo havia prometido na segunda carta que escreveu — que é 1Coríntios — que ele iria visitar os coríntios. Isso está em 1Coríntios 16.5: “Depois de passar pela Macedônia, por onde tenho de passar, irei até vós”. Destaco que Corinto era a capital da província da Macedônia. Paulo tinha de passar por aquela região, por isso disse que passaria pela Macedônia e iria ao encontro deles, na cidade de Corinto. Ele continua: “Talvez me demore convosco algum tempo” (1Co 15.6). Ele estava dizendo que a visita não seria curta, tendo inclusive afirmado: “ou até mesmo passe o inverno, a fim de que me encaminheis para onde eu for” (1Co 15.6). Ora, o inverno dura cerca de três a quatro meses. Trocando em miúdos, Paulo estava dizendo: “Meu plano é ir para a Macedônia, depois vou ficar com vocês uns 3 a 4 meses, e em seguida vocês me encaminham para as viagens que eu tenho de fazer”. Encaminhar significa dar apoio financeiro, moral, em oração e encorajar o apóstolo, a fim de que ele continuasse seu trabalho missionário.

“Pois desta vez não vos quero ver apenas de passagem; pelo contrário, espero ficar convosco algum tempo, se o Senhor permitir” (1Co 16.7). Esse era o plano inicial de Paulo.

Mas o que aconteceu, afinal? Confiado no amor dos coríntios e na estima que a igreja de Corinto tinha por ele, Paulo mudou seus planos e resolveu fazer não uma visita só, mas sim duas. Depois de ter escrito que lhes faria uma visita “depois de passar pela Macedônia” (1Co 16.5), Paulo disse que, na verdade, ele talvez ficasse por lá um tempo, viajasse mais para a frente, e na volta lhes fizesse outra visita. Ou seja, em vez de uma visita na ida, o apóstolo lhes faria duas visitas: uma na ida, e depois outra na volta. É isso que ele diz nos versículos 15 e 16: “E, confiante nisso [ou seja, confiante no que ele disse no versículo anterior,

de que ele era motivo de orgulho dos coríntios], quis primeiro visitar-vos, para que recebêsseis o segundo benefício [ou seja, em vez de visitá-los uma vez, ele os visitaria duas]; de visitá-los enquanto ia para a Macedônia, e de lá voltar até vós”. Percebe, pelo que é dito aqui, como o plano mudou? Primeiro o apóstolo iria ter com eles, e depois, na volta, também, pois queria que eles tivessem dois benefícios. O primeiro benefício, quando estivesse ali e os coríntios pudessem desfrutar da presença dele; e, na volta, o benefício de que eles desfrutassem da presença do apóstolo uma segunda vez, pois Paulo era motivo de orgulho deles, assim como os irmãos da igreja de Corinto eram motivo de orgulho dele. Paulo estava confiante de que os coríntios receberiam bem esse plano e mandou avisá-los.

E o que sucedeu no final? Ele acabou não voltando pela segunda vez. O que aconteceu? Ele fez a primeira visita prometida, a qual foi extremamente penosa. Havia muitas críticas na igreja, e Paulo deve ter sido mal recebido. O ambiente deve ter ficado tenso. E aquele clima de bom relacionamento entre pastor e igreja foi por água abaixo. Os coríntios devem ter reclamado muito da carta de 1Coríntios, na qual Paulo corrige uma série de coisas: problemas doutrinários, morais, de relacionamento. Parece que os coríntios não receberam muito bem essa carta. Então, aproveitaram que Paulo estava lá e foram dizendo: “Quem você pensa que é para enviar uma carta daquelas, corrigindo a gente?!”. O clima ficou feio, e o resultado foi que a segunda visita não aconteceu. Paulo fez só a primeira. Como fora uma visita triste, ele então resolveu não voltar lá. Em vez disso, mandou uma carta. E dessa vez foi uma carta realmente pesada. Nela Paulo assume a postura de líder da igreja mesmo, como se fosse um pai espiritual deles, e pega pesado até mesmo entre os coríntios. Veja o que diz o versículo 17: “Será que, ao decidir isso [ou seja, que iria visitá-los duas vezes], usei de leviandade? Ou será que, ao decidir algo, faço-o como homem, para que haja de minha parte tanto um sim quanto um não?”. Paulo diz isso porque essa é a crítica que ele estava recebendo. É como se eles lhe dissessem: “Afimal, Paulo, que tipo de homem é você, que faz planos e depois os altera, e não nos leva em consideração? Você disse que ia passar o inverno aqui. O irmão João já tinha até arrumado o apartamento. Fulano de tal já tinha cevado um bezerro. Como funciona isso?”. Paulo lhes pergunta, então: “Será que, ao decidir isso, usei de leviandade? Ou será que, ao decidir algo, faço-o como homem, para que haja de minha parte tanto um sim quanto um não?”.

Veja que a defesa que Paulo apresenta a partir do versículo 18 foi a seguinte: “Vocês se lembram do evangelho que eu prego? O evangelho que eu prego não é

sim e não; quando ele é sim, ele é sim; quando ele é não, ele é não”. Em outras palavras, uma pessoa que prega esse tipo de mensagem por acaso se comportaria de modo diferente disso? Esse é o argumento de Paulo. Ele apela para sua pregação, dizendo: “Mas, assim como Deus é fiel, a nossa palavra em relação a vós não é um sim e um não” (v. 18). Ou seja, porque Deus é fiel, quando diz uma coisa, ele segue naquele rumo o tempo todo. Deus não muda. Ora, se esse Deus que não muda é o Deus que Paulo prega, então Paulo também não muda.

“Pois Jesus Cristo, o Filho de Deus, que entre vós foi pregado por nós, isto é, por mim, Silvano e Timóteo [os dois companheiros que acompanharam Paulo quando ele visitou os coríntios], não foi um sim e um não; mas nele sempre houve sim”. Em outras palavras, Paulo estava dizendo: “O evangelho que eu, Timóteo e Silas pregamos a vocês foi o evangelho do Cristo, em quem sempre há o sim. Em Cristo não há sim e não ao mesmo tempo, mas o sim de Deus”.

“Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele está o sim. Portanto, também é por meio dele que o amém é dado para a glória de Deus por nosso intermédio” (v. 20). Paulo está dizendo que o evangelho que pregou é aquele em que todas as promessas de Deus têm o sim em Jesus Cristo. Tudo que Deus prometeu ele cumpre por meio de Jesus Cristo. Em Cristo, todas as promessas têm o “amém” de Deus. Amém quer dizer “assim seja”.

Paulo está dizendo: “Ora, se essa é a minha mensagem, se esse é o evangelho que eu preguei, vocês acham que eu me comportaria de forma diferente, como se eu estivesse dizendo o sim e o não ao mesmo tempo? Eu sou homem de uma só palavra. Se eu mudei de planos foi porque houve uma razão para isso, um propósito. Não foi por leviandade que essas coisas aconteceram”.

“Mas é Deus quem nos mantém firmes convosco em Cristo, e foi ele quem nos ungiu” (v. 21). Em outras palavras, Paulo está dizendo que esse Deus do evangelho que ele prega é o mesmo Deus que faz quatro coisas: 1) “quem nos mantém firmes convosco em Cristo” (v. 21); 2) “quem nos ungiu” (v. 21) para pregar o evangelho aos coríntios; 3) “quem nos selou” (v. 22); 4) e “pôs o Espírito como garantia em nosso coração” (v. 22). Esse Deus, cuja palavra é sempre sim em Cristo Jesus, é o mesmo Deus que separou, ungiu, confirmou e selou Paulo, para que ele fosse apóstolo, pregador e ministro do evangelho entre os coríntios. Como, então, haveria em Paulo um sim e um não? Como ele poderia ser homem de duas palavras? Ora, a mensagem que ele prega é uma só. Ele não adulterou essa mensagem nem agiu com sabedoria humana. Paulo

retomará isso no capítulo 2. É como se ele dissesse: “Eu não torci o evangelho; não manipulei o evangelho. Sempre fui verdadeiro, portanto vocês devem confiar que as minhas decisões são verdadeiras”.

Assim, a partir do versículo 23, o apóstolo explica por que não foi visitá-los pela segunda vez. Primeiro ele preparou o terreno todo, pois achava que as suspeitas dos coríntios eram infundadas, uma vez que eles tinham o exemplo de vida de Paulo por testemunho. Afinal, se você conhece uma pessoa; se conviveu com ela; se sabe que ela é íntegra e sempre agiu com verdade, e se você vir alguma coisa naquela pessoa que parece destoar disso, antes de presumir que aquela pessoa está fazendo algo errado, você deveria ao menos conversar com ela, pois tudo que conhece a respeito dela não bate com aquilo. Mas os coríntios já estavam julgando o apóstolo Paulo, achando que ele era leviano, apesar do tempo que ele passara lá, da mensagem que havia pregado lá, e das cartas que ele tinha mandado. Por isso Paulo primeiro rebate os pressupostos. E, finalmente, do versículo 23 até o capítulo 2, versículo 4, ele apresenta as duas razões pelas quais não voltou a Corinto pela segunda vez, como havia anunciado que faria.

Primeira razão

A primeira razão dada por Paulo é que queria poupar os coríntios de serem disciplinados por ele: “Invoco a Deus por minha testemunha de que foi para vos poupar que não voltei mais a Corinto [aquela segunda vez que havia dito que voltaria]” (v. 23). Em outras palavras, ele está dizendo: “Eu só não voltei porque queria poupar vocês”. O que Paulo quer dizer com isso?

Ele era apóstolo de Jesus Cristo. Como tal, tinha autoridade da parte de Deus não somente para pregar o evangelho e plantar igrejas, mas também para entregar pessoas rebeldes a Satanás e para disciplinar pessoas.

Um exemplo desse feito está em 1Coríntios 5. Em Corinto, havia o caso de um membro da igreja que estava vivendo com a mulher do seu pai, vivendo sexualmente com a madrasta. E a igreja de Corinto não tinha feito nada a esse respeito. Paulo, então, usou de sua autoridade de apóstolo:

Embora eu esteja ausente fisicamente, estou presente em espírito, e já julguei quem fez isso, como se estivesse presente. Quando vos reunirdes em nome de nosso Senhor Jesus, e eu estando convosco em espírito, junto com o poder de nosso Senhor Jesus, entregai esse homem a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus (1Co 5.3-5).

Tal era a autoridade do apóstolo. Paulo sentiu que, se voltasse a Corinto, depois daquela visita triste, ele teria que fazer a mesma coisa: disciplinar a igreja em massa. Entregá-los a Satanás e fazer coisas terríveis da parte de Deus contra a igreja. Mas ele não queria fazer isso, tal o amor que tinha por aquela igreja. E pense numa igreja complicada! Mas parece que a igreja com que Paulo mais tinha paciência era essa de Corinto.

Ele diz, em resumo: “Foi para poupar vocês que eu não voltei a segunda vez”. Ele acrescenta no versículo 24: “Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas somos vossos cooperadores para que tenhais alegria, pois é pela fé que estais firmados”. Paulo está dizendo que não queria ir para Corinto e fazer o que ele achava que deveria ter feito, porque isso entristeceria muito os coríntios. E diz que não tinha domínio sobre a fé deles, mas era cooperador da alegria deles. O seu ministério era fazer com que eles se alegrassem sempre no Senhor, que crescessem no Senhor. Por isso, uma visita de Paulo naquele momento não daria certo. Seria mais séria do que a primeira visita que ele fez. Esse, portanto, é o primeiro motivo pelo qual Paulo não voltou a Corinto pela segunda vez, como havia dito.

Segunda razão

O segundo motivo que Paulo dá é que ele não queria ter de passar outra vez pela tristeza que passou na primeira visita. Em 2Coríntios 2.1, ele diz que a primeira visita já fora muito penosa. “Assim, decidi que não mais iria visitar-vos com tristeza” (v. 1). É como se ele estivesse dizendo: “Quando estive aí, da última

vez, foi só tristeza: conflito, discussão; não chegamos a um acordo, e saí daí com o coração pesado. Então, tomei uma decisão: não vou me encontrar outra vez com vocês em tristeza. Se for para nos entristecermos de novo, eu não volto à igreja. Se eu voltasse, a minha segunda visita seria pior, e não restaria ninguém para alegrar meu coração”. Veja o que ele diz em 2Coríntios 2.2: “Porque, se vos entristeço, quem então me alegra, a não ser quem tem sido entristecido por mim?”. Em outras palavras, Paulo está dizendo: “Vocês são a alegria do meu coração; se eu for aí e entristecer vocês, quem vai me alegrar, se eu entristeço quem me alegra?”. Paulo tem esse jeito de inverter as coisas ao se expressar. Ele coloca a responsabilidade sobre si mesmo, mas o faz de um jeito que todos que estão por dentro do que está acontecendo sabem que a responsabilidade é dos coríntios. Ele está dizendo: “Eu não fui ainda porque quero poupar vocês, e não quero tirar a sua alegria, porque vocês são a minha alegria”. Essa é a razão. Vejam o amor e a preocupação desse homem de Deus, ao justificar por que ele não tinha voltado naquela igreja.

Em vez de voltar, portanto, ele resolveu escrever uma carta, e foi uma carta difícil de escrever: “Isso escrevi para que, ao chegar, não tenha tristeza da parte dos que deveriam alegrar-me. Quanto a todos vós, eu estava convencido de que a minha alegria é a de todos vós” (v. 3). Essa carta que Paulo escreveu tinha como objetivo resolver os problemas. Já que a visita pessoal não resolveu, ele mandou uma carta, tentando resolver o problema, como havia feito com a carta anterior, que conhecemos como 1Coríntios. Ele tinha escrito ainda aos coríntios uma terceira carta que nós não temos: ela se perdeu.

Em outras palavras, ele está dizendo: “Escrevi para resolver o problema, para que, quando eu for aí da próxima vez, eu não tenha tristeza, mas sim alegria”. E veja o que ele diz no versículo 4: “Porque vos escrevi em meio a muita tribulação e angústia de coração, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que soubésseis do amor intenso que tenho por vós”.

Resumiremos os passos de Paulo aqui, portanto. Na primeira carta aos coríntios, Paulo escreve que vai para a Macedônia, e vai parar em Corinto para passar o inverno com eles. Depois, ele manda avisar que, na verdade, ele faria duas paradas em Corinto: uma na ida, e outra na volta. Ele foi, mas nessa primeira parada a visita não foi boa. Não sabemos quanto tempo ele passou em Corinto, mas foi um tempo de tristeza. Ele não deve ter ficado muito tempo na cidade. Os problemas não são mencionados aqui, mas provavelmente são os mesmos tratados na primeira carta, que esta não resolvera. Paulo teve de enfrentar todos

aqueles problemas; acusações de todo tipo e resistência contra ele. Fato é que Paulo sai de Corinto preocupado. E pensa que é melhor não voltar à igreja, mas escrever-lhes uma carta. Talvez uma carta resolvesse. E ele escreve uma carta grave, severa, mas com lágrimas nos olhos, com dor no coração, com aflição de espírito, porque ama aquela igreja. Ele quer que ela resolva seus problemas para que, quando ele for visitá-los da próxima vez, seja recebido com alegria e não com tristeza, pois não quer mais se encontrar com igreja sentindo tristeza no coração. Paulo quer que os coríntios vejam o amor que tem por eles. E quer poupá-los. Por isso ele não voltou uma segunda vez, mas mandou essa carta.

Veremos que essa carta produziu efeito, pois Tito esteve em Corinto e trouxe notícias para Paulo de que a carta tinha surtido efeito que a própria igreja tinha disciplinado os rebeldes, humilhado perante Paulo e mandado dizer que amava o apóstolo. A carta resolveu, enfim. Mas veremos isso mais adiante.

Conclusão e aplicações práticas

Vamos tirar algumas lições da passagem que estudamos, para concluir o capítulo.

A primeira lição é a necessidade de transparência em tudo que fazemos. Motivos ocultos não podem existir. Costumamos chamá-los de motivos noturnos. Existem os motivos diurnos, que são aqueles que todos podem ver. E existem os motivos noturnos: aqueles que ficam escondidos nas trevas e as pessoas não veem.

Quanto mais transparentes formos, menos problemas teremos. Devemos ser francos e sinceros. Às vezes o brasileiro sente dificuldade de abrir o coração e dizer o que realmente está sentindo. Às vezes as pessoas chegam a nós e perguntam: “Você está com raiva de mim?”. E respondemos: “Eu? Não! Imagine!”. Mas nós estamos! E continuamos dizendo: “É bobagem! Não ligue pra isso não!”. Em vez de dizer: “Eu estou, meu irmão. Não gostei daquela situação; daquelas suas palavras. Vamos conversar sobre isso e colocar nossa vida em ordem”. Por isso, repito: transparência é importante. Veja o esforço que Paulo está fazendo para desfazer aquele mal-entendido. Essa é a primeira lição,

portanto.

A segunda lição é que sempre haverá ocasiões em que os líderes serão mal compreendidos nas decisões que tomam, especialmente se as pessoas já estão indispostas contra eles. É o caso de Paulo. Ele tinha decidido ir para Corinto duas vezes, mas acabou indo uma só. Ele teve motivo, porém, para mudar sua decisão. O motivo era o amor que ele tinha pela igreja. Se ele fosse visitá-los uma segunda vez, a situação iria piorar ainda mais. Como diz o ditado, o caldo iria entornar. Então, ele optou por escrever uma carta, foi criticado e chamado de leviano. “Ora, Paulo diz que vem para cá e depois não vem.” “A palavra dele uma hora é sim, outra hora é não”. Portanto, isso mostra que líderes podem, com frequência, ser mal compreendidos, especialmente se já houver uma indisposição da igreja ou de um grupo em relação a eles. Então, esse é um fardo que a liderança espiritual de uma comunidade tem de carregar: estar preparada para ser incompreendida, para dar explicações, porque o tempo todo vai haver gente fazendo a mesma coisa que os coríntios fizeram com o apóstolo Paulo. Se fizeram com Paulo, imagine com os outros! E o líder tem de estar preparado para enfrentar esse tipo de crítica e de questionamento.

A terceira lição que aprendemos é a importância de poder apontar para nossa vida como prova de que somos íntegros nas coisas que decidimos e escolhemos. Paulo podia dizer para aqueles irmãos: “Irmãos, eu estive aí por três anos! Vocês sabem da maneira santa, íntegra e sincera que eu vivi entre vocês. Nunca usei de sabedoria do mundo! Como vocês podem estar desconfiados de que usei de astúcia quando mudei de plano, e acabei fazendo uma só visita das duas que prometi? Vocês deveriam pelo menos me dar o benefício da dúvida, e imaginar que eu deveria ter um bom motivo para não cumprir aquele plano que foi inicialmente estabelecido”.

A última lição que quero destacar é a necessidade de irmos até o fim para acertar as coisas que deram errado. Mesmo que cause muita dor e muito conflito, enquanto houver possibilidade de resolver um mal-entendido, de reatar um relacionamento, de restaurar a comunhão, devemos dar esse passo. Ainda que cause muita dor.

Na passagem que estudamos, vemos as idas e vindas no relacionamento de Paulo com a igreja de Corinto. O apóstolo envia cartas, faz visitas, dá explicações etc. Ele podia simplesmente entregar a igreja inteira ao Diabo e plantar outra igreja noutro lugar, mas ele insistiu no relacionamento com aquela igreja. E acho que,

disso tudo, fica para nós uma lição de resiliência, de perseverança, que pode ser aplicada ao casamento, às relações na igreja, às relações de trabalho, enfim, em quaisquer áreas, da vida onde haja conflitos. Em todas essas áreas esse princípio permanece: “Se possível, no que depender de vós, vivei em paz com todos os homens” (Rm 12.18). É isso que o próprio Paulo vai dizer na Carta aos Romanos, capítulo 12.

No próximo capítulo, veremos os efeitos que a carta gerou na igreja de Corinto, e mais uma vez teremos lições práticas e muita coisa para aprender com esse homem extraordinário que é o apóstolo Paulo.

Capítulo 5

como tratar um irmão em pecado

2Coríntios 2.5-11

Se alguém tem causado tristeza, não tem entristecido somente a mim, mas, em parte, para não ser severo demais, a todos vós. Basta a tal pessoa a repreensão dada pela maioria. Assim, pelo contrário, deveis perdoá-lo e consolá-lo, para que não seja consumido por tristeza excessiva. Portanto, insisto convosco que confirmeis o vosso amor para com ele. Foi por isso que também vos escrevi: para saber se, por meio dessa prova, sois obedientes em tudo. “Se perdoardes alguma coisa a alguém, também eu lhe perdoo; se é que tenho perdoado alguma coisa, foi por vossa causa que o fiz na presença de Cristo, para que Satanás não leve vantagem sobre nós,” porque não ignoramos as suas artimanhas.

Nesse trecho, o apóstolo Paulo está dando instruções à igreja de Corinto sobre como eles deveriam tratar um irmão que foi disciplinado e estava arrependido.

Um dos temas mais polêmicos no meio evangélico é a questão da disciplina: como tratar um irmão em pecado. Não somente como tratar esse irmão, mas também como fazer a disciplina gerar efeito. Às vezes a pessoa é disciplinada, restaurada à comunhão, mas se queixa de que as coisas não são mais as mesmas e de que não é recebida nem vista como era antes. É evidente que não se pode esperar que as coisas sejam exatamente como eram antes, depois de alguém ter caído em pecado e passado por um processo disciplinar público. Mas, de qualquer forma, creio que há muito engano no meio da igreja com respeito a essa questão em particular, que diz respeito à restauração e à recepção de um irmão que caiu em pecado e se arrependeu.

Nessa passagem que estudaremos, o apóstolo Paulo nos dá uma lição extraordinária a respeito dessa questão. E meu objetivo neste capítulo é ver como ele tratou desse assunto na igreja de Corinto e extrair lições importantes para nós.

A disciplina é uma das três marcas da verdadeira igreja, de acordo com o pensamento da Reforma. As duas primeiras são a pregação da Palavra e a celebração dos sacramentos ou ordenanças: o batismo e a santa ceia. Portanto, a terceira marca da igreja é a disciplina, ou seja, a maneira como a igreja trata os membros que estão em pecado. Por isso a importância desse assunto, ao qual devemos dedicar atenção especial.

Recapitulação

Vamos lembrar o que vimos nos últimos capítulos. No último capítulo, vimos como Paulo explicou para a igreja de Corinto sua mudança de planos quanto às visitas que ele havia programado fazer à igreja. Paulo tinha dito, primeiro, que ele iria uma vez à igreja de Corinto, para visitar os irmãos, a caminho de um trabalho missionário. Depois, ele disse que havia pensado melhor e decidido que iria visitá-los duas vezes: na ida e na volta. Mas acabou indo visitá-los apenas a primeira vez, e cancelou a segunda visita.

Ora, havia resistência a Paulo na igreja de Corinto, e alguns aproveitaram a oportunidade para criticar o apóstolo e chamá-lo de leviano, por fazer planos precipitados e ser superficial no cumprimento dos seus compromissos. Paulo, então, usa a carta, que é a segunda, entre outras coisas, para justificar por que ele não foi visitá-los uma segunda vez, como tinha dito que iria. Ele não tinha sido leviano ao cancelar aquela segunda visita, porque tivera uma razão muito forte para não ir: Paulo não queria ter outro encontro triste com eles, porque a primeira visita fora desastrosa.

Aparentemente, nela Paulo foi confrontado por um grupo que questionava a sua autoridade e seus motivos, e esse grupo, pelo que veremos a seguir, tinha um líder, que parece haver exagerado em seu confronto com o apóstolo Paulo, tratando-o de maneira humilhante, de forma que o apóstolo achou que voltar a

Corinto naquela situação não seria apropriado. Em vez de voltar, portanto, ele escreveu uma carta pesada para a igreja, exortando-os ao arrependimento, em particular com relação a como ele havia sido tratado. A carta produziu o efeito desejado. Essa carta, que não temos e é chamada a “carta severa”, é uma das cartas da correspondência paulina que se perdeu. Ela teve o efeito de fazer com que a maioria dos membros da igreja de Corinto assumisse uma postura contrária àquela pessoa que havia liderado a oposição contra Paulo e sido extremamente incisiva com o apóstolo.

Paulo se refere a isso no capítulo 7, do versículo 9 em diante. Ele fala do bom efeito que aquela carta pesada teve na vida da igreja:

... agora me alegre, não porque fostes entristecidos, mas porque fostes entristecidos visando ao arrependimento. Pois, fostes entristecidos segundo a vontade de Deus, para que não sofrêsseis dano algum por nossa causa. “Pois a tristeza segundo a vontade de Deus produz o arrependimento que conduz à salvação, o qual não traz remorso; mas a tristeza do mundo traz a morte.” Pois vede o que essa tristeza segundo a vontade de Deus produziu em vós: que dedicação, mas também que defesa própria, que indignação, que temor, que saudade, que preocupação, que punição! Em tudo provastes estar inocentes nesse assunto. Portanto, ainda que eu vos tenha escrito, não foi por causa daquele que praticou o mal, nem por causa daquele que o sofreu, mas para que a vossa grande preocupação por nós se manifestasse diante de Deus (2Co 7.9-12).

Nessa passagem, Paulo fala dos efeitos que aquela carta teve: entristeceu os coríntios; eles se arrependeram e disciplinaram aquele irmão. Agora é hora de Paulo orientá-los sobre como tratar o irmão que havia sido disciplinado. E nisso percebemos o cuidado pastoral de Paulo, seu amor e sua preocupação, mesmo com uma pessoa que o havia ofendido e confrontado de maneira injusta.

Veremos agora primeiro a punição do rebelde e a atitude que a igreja tomou em relação a ele (v. 5,6) e, em segundo lugar, a sua restauração a pedido de Paulo (v. 7-11).

A punição do rebelde

Em primeiro lugar, Paulo reconhece que, de fato, o homem havia causado tristeza: “Se alguém tem causado tristeza” (v. 5). Ora, deduzimos que esse “alguém” é o líder da oposição contra o apóstolo Paulo na igreja de Corinto. Era aquela pessoa que estava insuflando os ânimos e disseminando calúnias e mentiras contra o apóstolo Paulo, acusando-o de uma série de coisas, entre elas de não ser sincero em sua motivação e de ser um mercenário, que queria lucrar com sua liderança e seu relacionamento com a igreja de Corinto. Esse quadro nos parece típico, pois nunca deixou de existir na história da igreja. As igrejas sempre sofrem quando determinadas pessoas que desejam assumir a liderança começam a difamar, ou espalhar histórias ou críticas infundadas contra a liderança existente. Via de regra, isso leva a cisma, a uma divisão, a uma separação. E um grupo deixa a igreja, causando grandes prejuízos para a sua unidade e grande tristeza para todos os envolvidos. Isso é o que Paulo está dizendo no versículo 5: que aquela pessoa havia, de fato, causado tristeza.

E causava essa tristeza, segundo Paulo, “não somente a mim”. Paulo havia ficado triste com aquilo que o homem tinha feito contra ele. Educadamente, porém, ele estende o dano a toda a igreja, para não parecer pessoal: “Se alguém tem causado tristeza, não tem entristecido somente a mim” (v. 5). A atitude daquele homem tinha sido dirigida contra Paulo, mas os efeitos haviam sido bem mais amplos, como ele mesmo diz: “mas, em parte, para não ser severo demais, a todos vós” (v. 5). Paulo diz que o dano causado por aquela atitude não atingira somente a ele, mas tivera efeito sobre a igreja toda.

Temos que nos lembrar disto: que a igreja é um corpo. E, quando há uma situação como essa, embora seja direcionada a uma pessoa, afeta a igreja toda, causando essa tristeza. É uma tristeza que tem o sentido de desânimo, perplexidade, questionamento diante de Deus sobre por que esse tipo de coisa acontece dentro da igreja. Às vezes, pessoas desistem de pertencer a uma igreja exatamente por esse tipo de coisa; porque essas brigas internas dentro da igreja causam tristeza e desânimo. Não é à toa que cresce no Brasil e no mundo o movimento dos “desigrejados”, de pessoas que querem se considerar cristãs, mas não querem participar de comunidades cristãs, pois dizem que igrejas são complicadas, têm muitos problemas, crises, divisão, fofoca. E o pior é que é verdade. Porque a igreja é constituída de pecadores, como você e como eu.

Assim, nunca haverá uma igreja em que não haja esse tipo de coisa.

Como já vimos, a igreja de Corinto foi fundada pelo melhor pastor, pregador e missionário que o cristianismo já conheceu: o apóstolo Paulo. Assim mesmo, era uma igreja que tinha todo tipo de problema.

De fato, aquele homem tinha causado um transtorno muito grande na igreja de Corinto, mas Paulo, em seguida, diz que a punição que ele recebeu fora suficiente: “Basta a tal pessoa a repreensão dada pela maioria” (v. 6). Esse versículo é o mais curto de toda a passagem, mas é também o mais complicado. Há várias coisas a serem consideradas aqui. O que aconteceu? A que Paulo está se referindo aqui?

A sequência dos acontecimentos foi esta: Paulo estivera na igreja de Corinto; fora confrontado por aquele homem, juntamente com o grupo que ele havia seduzido; Paulo sai de Corinto profundamente entristecido com a maneira pela qual fora tratado lá; em vez de voltar uma segunda vez, como ele tinha dito que faria, Paulo escreve uma carta severa, uma carta onde ele exorta a igreja. Nós não temos o conteúdo, mas sabemos que falava a respeito disto: exortava a igreja sobre o modo como ele havia sido tratado e mencionava outras questões afins, expostas na segunda carta. A maioria da igreja, quando leu a carta de Paulo, conscientizou-se de que, de fato, eles haviam errado em permitir que Paulo fosse tratado daquela maneira. Porque não era toda a igreja que estava fazendo resistência a Paulo; era apenas um grupo, liderado por esse homem. Então, a igreja, ao ler a carta de Paulo, se conscientiza da sua omissão, de que eles não deveriam deixar aquela pessoa fazer o que fez com o apóstolo Paulo. A maioria resolve, então, punir aquela pessoa. E a punição provavelmente foi dizer-lhe: “Você não faz mais parte de nossa comunidade. Nós não concordamos com o que você fez. Agora vemos que a sua atitude está errada. É injusto o que você fez. Então, não queremos mais você em nosso meio, participando e ensinando nas casas onde nos reunimos”.

Outra possibilidade para interpretar essa passagem é que não se tratou de uma punição oficial. Talvez, quando a carta foi lida nas diversas casas-igrejas, em todas elas provocou indignação contra aquela pessoa. E houve a iniciativa dos membros da igreja de dizer: “Não queremos mais você conosco”. Não teria sido necessariamente uma disciplina formal. Não se reuniu a liderança da igreja em assembleia e decidiu-se excluir o membro. Foi uma iniciativa dos membros da igreja, que disseram: “Você não vai mais na minha casa, onde nos reunimos

como igreja. A sua maneira de proceder vai contra aquilo em que acreditamos e contra a Palavra de Deus”. Talvez tenha sido isso o que aconteceu.

Paulo, então, tomou conhecimento do que a igreja tinha feito. E isso alegrou o coração do apóstolo, por um lado, pois ele viu que a maioria da igreja havia compreendido o que ele tinha falado e o apoiava, embora ainda houvesse aquela minoria contrária. Veja que o voto foi da maioria, e não de todos. Então, ainda havia um grupo em Corinto que resistia ao apóstolo Paulo, algo de que ele vai tratar a partir do capítulo 10. Mas a maioria dos membros tinha resolvido tomar essa atitude em defesa de Paulo.

Quando tomou conhecimento, Paulo ficou alegre, pois viu que a carta surtira um efeito bom na igreja, levando-a ao arrependimento. Mas, para surpresa geral, naquele momento em que Paulo recebeu esse apoio e estava “por cima” — e eles esperavam ouvir: “Vocês fizeram muito bem. Botem esse cabra para correr! Nunca mais deixem esse cidadão voltar para a igreja” —, veja a resposta de Paulo: “Basta a tal pessoa a repreensão dada pela maioria”. Em outras palavras, Paulo está dizendo: “Não é preciso fazer mais nada. Nada mais é requerido. Não vou exigir nada além do que já foi feito. Ele foi excluído da comunhão das igrejas pelos próprios membros. Isso é suficiente”, diz o apóstolo Paulo.

Vemos que Paulo entendeu que aquele irmão havia tomado a atitude correta, quando se sentiu excluído pela maioria da igreja. Ele percebeu que estava errado naquilo que tinha feito contra o apóstolo e se quebrantou, humilhou-se, e reconheceu que havia pecado diante de Deus. Diante desse quadro, Paulo, então, diz: “Não é preciso fazer mais nada. O efeito desejado já foi alcançado. A punição imposta pela igreja é suficiente. Nada mais é preciso”.

A restauração do irmão

A partir do versículo 7 até o versículo 11, Paulo pede a restauração do seu opositor. Que grandeza de alma do apóstolo! Que grandeza de espírito! Que fruto cristão vemos na vida de Paulo! Ele é capaz de pedir à igreja a restauração de um homem que fora excluído porque o tinha insultado, provocado, e era o seu opositor público. Paulo era capaz de fazer algo extraordinário assim. Quantos de

nós seríamos capazes de fazer esse tipo de coisa?

Veja o que ele diz no versículo 7: “Assim, pelo contrário”, ou seja, em vez de aplicar ao rebelde uma punição maior, “deveis perdoá-lo e consolá-lo, para que não seja consumido por tristeza excessiva”. Paulo, agora, está preocupado com o cidadão, pois, aquele homem que o entristecera, agora estava triste porque foi disciplinado. Ele foi punido pela maioria da igreja. E Paulo diz que a “tristeza excessiva” pode ser perigosa, pode consumir a pessoa. Ela é danosa. E o apóstolo não queria que essa pessoa que o havia ofendido fosse consumida por tristeza excessiva. Ou seja, embora o alvo da disciplina seja, em parte, entristecer o ofensor, não podemos carregar a mão, porque, se assim fizermos, a tristeza excessiva vai causar dano à pessoa que foi disciplinada. E o alvo da disciplina não é destruir a pessoa, mas sim restaurá-la. E esta era a grande preocupação de Paulo: que a igreja, no afã de dizer para Paulo que eles estavam arrependidos, fizesse aquele irmão de bode expiatório, e descarregasse em cima dele toda a raiva. Mas Paulo diz, em síntese: “Não! Basta. O que vocês fizeram é suficiente. Minha preocupação é que ele seja consumido pela tristeza excessiva. Ele está triste pelo que fez, já está arrependido”. Em outras palavras, nós não podemos “esmagar cana quebrada”, pois ela já está quebrada. Não é preciso pisar no irmão. Ele já recebeu a disciplina de que precisava.

O que Paulo pede que eles façam, então? No versículo 7, ele diz: “Assim, pelo contrário, deveis perdoá-lo”, porque ele de fato tinha cometido um pecado diante de Deus. O perdão da igreja significaria a aceitação dele de volta à comunhão. Não seria um perdão da boca para fora, mas sim um perdão que significa aceitação, como Paulo diz em seguida: “deveis perdoá-lo e consolá-lo”. Eles deviam chegar para esse irmão e dizer: “Irmão, você de fato errou. Mas está arrependido agora. Fique em paz! Nós ainda o amamos! Você faz parte da nossa igreja. Todos somos pecadores. Esse tipo de coisa poderia acontecer com qualquer um de nós. Que bom que o irmão enxergou seu erro. Que bom tê-lo de volta! Venha comer lá em casa. Amanhã você almoça conosco! No domingo, esperamos vê-lo no culto em nossa igreja. Por favor, participe! Você é um dos nossos. Você tropeçou, caiu e foi disciplinado, mas agora mostrou arrependimento e pode voltar à comunhão da igreja”. É dessa maneira que Paulo queria que aquele irmão fosse tratado pela igreja. Ele tinha que ser perdoado e consolado para que não fosse consumido pela tristeza excessiva.

Paulo pede, ainda, no versículo 8: “Portanto, insisto convosco que confirmeis o vosso amor para com ele”. Em outras palavras: “Confirmem que vocês o amam,

que a disciplina foi feita para corrigi-lo”. Porque, a pessoa que é disciplinada — e eu tenho enfrentado muitos casos de disciplina ao longo de meu ministério —, ainda que tenha sido disciplinada, corrigida, repreendida com todo amor e cuidado, com frequência não é assim que lhe parecem as coisas. Ela pensa que está sendo maltratada, injustiçada, e que tudo aquilo é pesado demais. Por isso é tão importante que a igreja mostre amor para com o faltoso que caiu, foi disciplinado e se arrependeu. Pois, com muita frequência, pessoas que são disciplinadas na igreja se queixam, dizendo: “Fui disciplinado publicamente. Eu errei e estou arrependido. Mas não apareceu sequer um irmão da igreja para me estender a mão. Ninguém foi à minha casa. Ninguém ligou nem mandou mensagem perguntando como eu estava. Ninguém foi me procurar para saber de tudo isso”.

Paulo conhecia a natureza humana e sabia que crente, às vezes, também sabe ser rancoroso. E ele diz: “Portanto, insisto convosco que confirmeis o vosso amor para com ele” (v. 8). Paulo lhes pede que não somente o perdoassem e consolassem, mas que confirmassem seu amor pelo irmão. Que eles fossem atrás do irmão, que o chamassem para sair, que o trouxessem de volta para a comunhão da igreja e lhe mostrassem que eram irmãos dele. E lhes pedia que fizessem isso para acabar com a ideia de superioridade, como se eles fossem santarrões e que o irmão punido fosse o pior de todos os pecadores. A verdade é que somos todos pecadores, e qualquer um de nós poderia estar na posição desse irmão ofensor da igreja de Corinto.

Paulo diz que o alvo que queria atingir com a carta já havia sido alcançado; portanto, não era preciso mais nada: “Foi por isso que também vos escrevi: para saber se, por meio dessa prova, sois obedientes em tudo” (v. 9). Paulo diz, em resumo: “Era isso mesmo que eu queria que acontecesse, quando escrevi aquela carta pesada para vocês. Minha intenção era ver se vocês de fato seriam obedientes e seguiriam a minha liderança. E estou vendo que vocês seguiram, mas não devem ir longe demais para não esmagar o irmão arrependido. Tragam-no de volta à comunhão para que não ele não sofra nenhum dano”. Com essas palavras, Paulo quis dizer que já havia alcançado seu alvo.

No versículo 10, o apóstolo afirma que ele mesmo também perdoou: “Se perdoardes alguma coisa a alguém [se referindo ao infrator], também eu lhe perdoo” (v. 10). É uma maneira elegante de Paulo dizer: “Estamos juntos! Se vocês perdoam o irmão, eu o perdoo também, porque confio no discernimento de vocês. Vocês estão vendo o arrependimento dele, julgam que é verdadeiro, vão

perdoá-lo como estou pedindo, então eu também o perdoo”.

Paulo foi a pessoa mais atingida em tudo isso. Mesmo assim, ele diz que perdoa o seu ofensor. Não sabemos se esse homem chegou a pedir perdão a Paulo. Uma das perguntas que recebemos com frequência é a seguinte: “Se a pessoa não me pedir perdão, eu devo perdoá-la ou não? Alguém me ofendeu, e não me pediu perdão: eu devo perdoar a pessoa? Sim ou não?”. Às vezes me perguntam isso. E aqui está uma resposta. Não há nada no texto bíblico dizendo que esse homem tenha pedido perdão ao apóstolo Paulo. É Paulo que já se antecipa, dizendo: “Eu perdoo essa pessoa. Ela está perdoada, pois demonstrou arrependimento. Deu sinais de que reconhece que errou; portanto, está perdoada”.

É importante que, mesmo de nossa parte, exija-se essa grandeza de coração, essa disposição de perdoar como Cristo na cruz: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Devemos lembrar, porém, que a confissão de pecados é importante para restaurar a comunhão na vida da igreja. Quando uma pessoa peca contra a outra, dentro da nossa comunidade, e se arrepende, é bom que diga isso à pessoa que ofendeu. Deve procurá-la e dizer: “Pequei contra você; errei com você; e estou pedindo o seu perdão”. A outra pessoa não deve precisar disso para perdoar o erro cometido, mas ajuda muito quando a pessoa chega para você e diz assim: “Eu errei contra você. E quero lhe pedir perdão”. Então, nosso coração se derrete, não é? Você já passou por essa experiência, em que você estava fechado, amuado com alguém que tinha dito alguma coisa contra você, e acaba dizendo que não quer mais falar com essa pessoa que, não quer nem ver essa pessoa”. De repente, a pessoa chega e diz assim: “Quero lhe dizer uma coisa. Eu pequei contra você, e quero pedir que me perdoe”. Ao ouvir isso, nós nos derretemos. Até dizemos: “Claro, meu irmão! Você está perdoado! Dê-me um abraço!”.

Se você se arrependeu, se reconheceu que pecou contra um irmão, é importante, então, que vá até esse irmão e confesse isso. Peça perdão a ele. Isso vai ajudar esse irmão ofendido a perdoar como se deve perdoar. Mas Paulo já toma a dianteira: “Se perdoardes alguma coisa a alguém, também eu lhe perdoo”. Vejam que o perdão de Paulo não está baseado na confissão do infrator. Ele diz, em outras palavras: “Eu perdoo. Ele está perdoado, juntamente com o perdão de vocês; porque, de fato, o que tenho perdoado, ‘se é que tenho perdoado alguma coisa, foi por vossa causa que o fiz na presença de Cristo’” (v. 10)”. Paulo diz que o perdão que ele estende àquele irmão não é tanto uma questão pessoal, é mais para o bem da própria igreja de Corinto, para que haja restauração daquele

irmão à comunhão, e para que a igreja possa caminhar sem divisões e sem problemas internos. Observe como Paulo sempre estava pensando no bem da igreja. Embora a ofensa tenha sido pessoal, ele diz que a perdoou por causa dos coríntios, por amor a eles; e na presença de Cristo. Não foi porque ele quisesse tirar satisfação. Nem porque quisesse lavar a alma e sair por cima. Mas sim porque ele queria que a igreja andasse em paz e que houvesse comunhão verdadeira entre os irmãos.

Ele acrescenta, no versículo 11, mais um motivo pelo qual a igreja deveria restaurar aquele irmão que havia sido disciplinado e que havia se arrependido: “para que Satanás não leve vantagem sobre nós”, porque não ignoramos as suas artimanhas” (v. 11).

Paulo tinha uma visão bem ampla da situação. A questão era mais extensa do que simplesmente uma ofensa pessoal, um irmão disciplinado e uma igreja que perdoou. Havia forças espirituais do mal em torno de toda aquela situação. Paulo sempre estava atento para as realidades espirituais dos conflitos que enfrentava. Você encontrará nas cartas de Paulo frequentes referências para que estejamos atentos às astutas ciladas do Diabo, pois nós temos um inimigo espiritual invisível, maligno, poderoso, que procura destruir a obra de Deus. Ele sempre está consciente disso. Veremos que, no capítulo 3, ele vai fazer outra vez menção ao Diabo, dizendo que este cega o entendimento dos incrédulos. Ou seja, Paulo está sintonizado nessa realidade. Ele sabe que nossa luta não é contra carne e sangue, mas sim contra principados e potestades. Por isso, depois de explicar todo esse processo de como a igreja deve tratar o irmão caído e arrependido — ou seja, perdoá-lo e confortá-lo, confirmar seu amor para com ele —, Paulo assegura que ele também já o perdoou e diz que temos de fazer isso para não dar vantagem a Satanás.

O que o Diabo ganharia com isso? Por que mencionar o Diabo é importante para o apóstolo Paulo? Eu creio que algumas razões podem ser ditas a esse respeito. Primeiro, quando uma disciplina não é exercida da forma correta, é dada uma oportunidade para que o Diabo cause discórdia, confusão e críticas no meio da igreja. Primeiro, ele faz isso despertando sentimentos de ódio e de rancor no coração das pessoas que foram disciplinadas injustamente ou além da medida, quando a medida usada foi pesada demais. E, então, são comuns pensamentos e emoções do tipo: “Estou sendo injustiçado aqui. Essa igreja não é um lugar de gente de Deus, porque estão fazendo isso comigo. Eu sei que errei, mas eles estão sendo desproporcionais. Estou sendo penalizado muito mais do que eu

deveria ser”. O Diabo usa isso para gerar descontentamento, questionamentos, e críticas no meio da igreja, causando confusão. Se uma disciplina não for feita da forma correta, abre-se uma porta para que o Diabo inflame os corações, tanto das pessoas disciplinadas quanto das demais pessoas envolvidas.

Além disso, quando a disciplina se estende por muito tempo além do que devia, não é retirada e não há restauração no tempo certo, Satanás pode oprimir, pode entristecer aquela pessoa que está sendo disciplinada, dizendo coisas assim: “Olha, não tem jeito para você. O seu pecado é imperdoável. Você não tem condições de jamais voltar a ser membro ativo da igreja. As pessoas nunca mais vão olhar você de frente; vão sempre olhar de lado”. O Diabo faz isso com gente que caiu em pecado e que não está sendo tratada da maneira correta, e é uma vantagem que Satanás tem. Ele vai desviar aquela ovelha do rebanho. O Diabo faz isso, sim.

Não sei se você está familiarizado com as obras de John Bunyan. Foi ele quem escreveu aquele livro muito conhecido, O peregrino. Mas há outro livro dele, cujo título é Graça abundante ao principal dos pecadores, no qual ele fala um pouco da própria vida. Ele conta uma experiência que aconteceu certa vez, durante o culto, quando ele era jovem e ainda não era pastor, mas estava no processo de conversão, por assim dizer. Na época, ele frequentava uma igreja reformada independente. Nessa ocasião, durante o culto, veio-lhe à mente um pensamento: blasfeme contra Deus. E ele resistiu aquilo. Então, o pensamento mudou: “Diga alguma coisa ruim para Deus”. E ele, por fim, pensou algo assim, e imediatamente veio o pensamento: “Você blasfemou contra o Espírito Santo. Não há perdão para você. A melhor coisa que você pode fazer é abandonar a igreja”. E foi o que ele fez. Ele saiu da igreja. Durante um ano, John Bunyan viveu o inferno, sentindo-se longe de Deus, abandonado por Deus. Ele chegou a falar com o pastor, mas não recebeu uma resposta; não recebeu consolo nem oração a respeito daquele tipo de coisa. Isso não é blasfêmia contra o Espírito Santo. Depois de um ano de sofrimento e de angústia em que ele quase abandonou a fé cristã, finalmente a graça brilhou em seu coração, e ele compreendeu o perdão de Deus e o que seria, de fato, essa blasfêmia contra o Espírito Santo. Ele, então, retorna para ser um dos maiores pregadores e pastores da sua época, que foi até preso por pregar o evangelho. Na prisão, ele fabricava sapatos e cordões de sapatos para sustentar sua filhinha. Foi um homem que lá, da prisão, escreveu obras que influenciaram o mundo todo. Isso é um exemplo do que o Diabo faz. Aquilo, sem dúvida, foi uma opressão maligna sobre John Bunyan, durante um ano, para que ele se afastasse do evangelho.

Paulo sabe que o Diabo é capaz de fazer isso: “Irmãos, recebam esse irmão infrator. Não apertem demais, não esmaguem a cana quebrada, porque Satanás vai alcançar uma vantagem. Ele vai ter uma oportunidade de causar divisão na igreja e desanimar o irmão”. Além disso, o Diabo ainda pode usar isso para caluniar a igreja diante do mundo, dizendo: “Olhem lá! A igreja é o único exército que deixa os seus feridos para trás. O irmão foi disciplinado na igreja, e agora acabou! Todo mundo vai olhá-lo de lado. Aqueles crentes não perdoam ninguém! São cheios de justiça própria, arrogantes! Se uma pessoa caiu, mesmo que seja disciplinada e restaurada, ela nunca mais será tratada do mesmo jeito. O pessoal sempre vai olhá-la de lado. Vai ficar uma marca na vida dessa pessoa”. O Diabo faz isso. E sabemos que existe esse tipo de crítica contra a igreja evangélica.

Paulo, conhecendo as artimanhas do Diabo, diz, em resumo: “[Irmãos,] para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, [perdoem o irmão, restaurem-no à comunhão, assegurem o amor de vocês por ele, para que o Diabo não tenha essa vantagem sobre nós]”.

Conclusão e aplicações práticas

Esse texto é muito rico, ensina muitas coisas. Quero destacar pelo menos três delas. Em grande parte, será apenas uma repetição ou síntese do que já vimos.

A primeira lição que podemos extrair dele é a necessidade óbvia de disciplinar membros faltosos. Igreja que não disciplina membros faltosos não está agindo de acordo com o evangelho. Ela está faltando com uma das marcas da verdadeira igreja. A disciplina tem como objetivos: restaurar e ganhar de volta o irmão ofensor; restaurar a santidade da igreja; limpar o nome de Deus; e deixar claro para o mundo que não concordamos com aquele tipo de pecado que o irmão cometeu. Pois, se a igreja fizer vista grossa, se acobertar adúlteros, imorais, heréticos, desonestos, falastrões ou bêbados dentro da igreja, o mundo vai olhar para nós e pensar que concordamos com isso. Os jovens da igreja vão olhar e dizer: “Todo mundo sabe que Fulano tem outra mulher. O conselho da igreja sabe; os diáconos sabem; o pastor sabe; e ninguém faz nada. Então, quer dizer que pode, é? Se ele pode, eu também posso. Ou: “Todo mundo sabe que Fulano

de Tal é desonesto, bate na mulher, é violento, e continua na igreja. Ninguém faz nada; nada acontece. Ele é até oficial da igreja; e professor da escola dominical. Mas sua mulher aparece no culto de manhã com um olho roxo, e ninguém faz nada. Deve ser porque pode, não é?”. Tais coisas corrompem a consciência da juventude, quando o pecado na igreja não é disciplinado nem tratado como deveria. Os jovens e os adolescentes olham para aquilo e dizem: “Que modelo vou seguir? Que padrão vou seguir?”.

É importante que a igreja zele pela vida dos membros. Isso não quer dizer, entretanto, que vamos ficar vigiando e patrulhando a vida de cada um. Se, porém, chegar ao conhecimento da igreja — independentemente do seu sistema de governo (batista, congregacional, presbiteriano, etc.) — que um irmão está em falta, ele deve ser procurado e tratado segundo a Bíblia diz. Deve ser tratado pastoralmente, deve-se buscar seu arrependimento, e, depois, se necessário for, aplicar uma disciplina mais severa, que pode inclusive ser a exclusão, como parece ter sido feito na igreja de Corinto.

A segunda lição que esse texto nos ensina é a necessidade de perdão real e restauração dos membros que foram disciplinados. Porque, às vezes, a igreja usa a disciplina para se livrar de pessoas indesejáveis. Há pastores que fazem isso em igrejas onde o pastor tem poder de disciplinar sozinho. Note que a disciplina em Corinto foi aplicada pela maioria. Assim, não deveria haver uma igreja em que o pastor tenha poder isolado para disciplinar um membro da igreja. Ele deveria levar em consideração pelo menos o presbitério, os diáconos, os conselheiros, ou trazer o caso à assembleia, dependendo do sistema de governo adotado. Mas nunca deveria fazer isso sozinho, pois pode ser simplesmente uma maneira de se livrar de oposição indesejada. Imagine você, na sua igreja, chegando diante do seu pastor e dizendo assim: “Pastor, eu descobri um tal de Calvino. Comecei a ler uns pregadores e a conhecer umas doutrinas um pouco diferentes do que o senhor está ensinando”. E o pastor responde: “Quem és tu, que ousas falar contra um servo de Deus?”. Então, o próximo passo é a disciplina. Eu conheço várias histórias assim, as quais não posso contar, e imagino que você também conheça.

Precisamos deixar claro que a disciplina não tem como objetivo livrar-se de oposição indesejável ou de críticos indesejáveis dentro da igreja. Seu objetivo é restaurar um irmão que, de fato, tenha caído em pecado ou cometido um erro, e trazê-lo de volta à comunhão da igreja. Esse é o propósito da disciplina. Ela não é uma ferramenta para colocarmos para fora aqueles de quem não gostamos. Por

isso, restaurar é importante. Às vezes a pessoa é disciplinada e nós simplesmente esquecemos o assunto. Mas a pessoa se retrai, fica com vergonha de ir à igreja, o que de certa forma é natural. Fica com vergonha de voltar ao convívio, pois sabe que será olhada de um jeito diferente. E nós simplesmente deixamos a pessoa lá, no seu canto, isolada. Precisamos nos lembrar da necessidade de acompanhamento das pessoas que foram disciplinadas.

A terceira lição é que esse texto nos lembra a realidade das forças do mal, e de como o Diabo usa os pecados dos crentes para alcançar seus propósitos, seja o pecado da rebelião (que foi o pecado cometido por aquele irmão da igreja de Corinto), seja o pecado da disciplina excessiva (quando esta é aplicada com rigor excessivo), seja ainda o pecado de não perdoar e não restaurar plenamente um irmão que tenha dado provas sinceras de arrependimento.

Eu gostaria de terminar com uma aplicação.

A primeira é que talvez você, leitor, precise perdoar alguém que já se arrependeu de verdade. Às vezes acontece isto: um irmão peca contra você, depois ele se arrepende, pede perdão, mas você diz que não o perdoa, ou, então, diz que perdoa da boca para fora, mas continua com mágoa no coração. Talvez você esteja vivendo uma situação assim. Eu gostaria de que olhasse para sua vida, seus relacionamentos, e procurasse se lembrar de alguma situação em que, de fato, alguém tenha pecado contra você, pedido perdão, mas você até hoje não perdoou essa pessoa. Estou recomendando isso para que Satanás não tenha vantagem sobre você, sobre aquela pessoa ou sobre a igreja.

Talvez alguém tenha pecado contra você, mas não tenha se arrependido. Em vez de você ir para o Facebook dizer como existe gente chata neste mundo e ficar dando indiretas e atirando a esmo para todo lado, sugiro que procure diretamente a pessoa que pecou contra você. Faça como a igreja de Corinto fez com aquele irmão rebelde: chamou-o e lhe disse: “Por nós, se você não se arrepender e mudar de vida, está fora da igreja”. Sugiro, portanto, que trate as coisas direito, com a seriedade que a Bíblia ensina. Resolva a questão com seu ofensor, em vez de ir para as mídias sociais lavar a roupa suja diante dos olhos de todo mundo. Trate com aquela pessoa diretamente, pedindo a graça de Deus para que ele conceda arrependimento verdadeiro e restauração da comunhão que foi perdida.

Que isso seja realidade em nossa vida! Que Deus nos dê um coração generoso, cheio de amor, humilde, capaz de compreender o erro dos outros e que seja

nobre o suficiente para perdoar de verdade pessoas que tenham cometido erros diretamente contra nós.

Capítulo 6

o conhecimento de cristo: cheiro de MORTE E AROMA de vida

2Coríntios 2.12-17

O duplo efeito da pregação do Evangelho

Quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, ainda que uma porta me tivesse sido aberta pelo Senhor, não tive descanso no meu espírito, pois não encontrei ali meu irmão Tito. Assim, despedindo-me deles, parti para a Macedônia. “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo e por meio de nós manifesta em todo lugar o aroma do seu conhecimento;” porque para Deus somos o bom aroma de Cristo, tanto entre os que estão sendo salvos como entre os que estão perecendo. Para estes, somos cheiro de morte para morte, mas para aqueles, aroma de vida para vida. E quem está preparado para essas coisas? “Porque não somos mercenários da palavra de Deus, como tantos outros; mas falamos em Cristo com sinceridade, da parte de Deus e na sua presença.”

No último capítulo, vimos Paulo ensinar à igreja de Corinto como lidar com o irmão que tinha liderado uma rebelião ali dentro contra o apóstolo, e que posteriormente fora disciplinado pela maioria da igreja. A congregação agiu assim por entender que ele estava em pecado, pois o que estava espalhando a respeito de Paulo não era verdade. Aparentemente, esse irmão tinha dado

ouvidos a falsos mestres, que estavam se infiltrando na igreja de Corinto e tentando minar a autoridade do apóstolo. Ao que parece, ele funcionou como uma caixa de ressonância, repercutindo as palavras dos falsos mestres e levando alguns membros da igreja a se insurgirem contra o apóstolo. Paulo esteve na igreja e foi confrontado por essa pessoa. E, finalmente, depois desse encontro extremamente desagradável, do qual Paulo guardava tristes recordações, o apóstolo escreveu uma carta pesada para tratar dessa questão. Ao ler a carta, a igreja entendeu e atendeu ao apóstolo Paulo, por fim disciplinando aquele irmão e excluindo-o da comunhão. Paulo, ao tomar conhecimento disso, instruiu a igreja no sentido de que não deveria pesar demais a mão, uma vez que aquele irmão estava arrependido — e tudo indica que ele, de fato, arrependeu-se, sendo esse um dos propósitos da disciplina, a saber, levar a pessoa a reconhecer seu erro. Quem tem filhos sabe disso muito bem. Quando um filho erra, cabe aos pais corrigi-lo. Mas, se pesarmos demais a mão nessa correção, ela pode ter um efeito contrário. Em vez de provocar quebrantamento, reconhecimento e mudança, pode provocar rebelião, porque há em todos nós (e nas crianças também) um senso de justiça: quando somos tratados de maneira injusta, esse senso pode aflorar, e nem sempre essa reação se dará da maneira correta.

Paulo bem sabia disso. Assim, uma vez que aquele irmão demonstrou estar arrependido, o apóstolo recomenda à igreja que o perdoe e outra vez o receba como membro, como irmão querido, a fim de não dar oportunidade para que Satanás levasse vantagem sobre a igreja. Paulo termina dizendo, no versículo 11: “para que Satanás não leve vantagem sobre nós, porque não ignoramos as suas artimanhas” (2Co 2.11). Era intenção do Diabo destruir a igreja. E casos como esse, se não fossem bem resolvidos, dariam ao Diabo oportunidade de causar uma confusão muito grande na igreja. Por isso, Paulo estava preocupado no sentido de que o assunto fosse resolvido corretamente. Ele defendia que, se o irmão havia se arrependido, então, tinha de ser perdoado e trazido de volta ao convívio da igreja. A igreja tinha de abraçá-lo e restaurar sua comunhão com ele.

A oposição a Paulo

Contudo, permaneciam aquelas questões de que estamos tratando desde o início da carta. Ainda permaneciam na igreja os falsos mestres. De alguma forma, a

igreja de Corinto estava dando abrigo àquelas pessoas. Esses pregadores traziam acusações contra o apóstolo, e não eram acusações leves. Então, a partir do versículo 12 do capítulo 2, Paulo passa a tratar do assunto diretamente. Ele responderá a essas acusações e insinuações feitas por pregadores judeus, as quais tinham como objetivo minar a autoridade de Paulo na igreja, para que eles pudessem assumir o controle.

A primeira acusação de que Paulo vai tratar é a de que ele era um fracassado. Eles o acusavam de ser um pregador fracassado, um missionário fracassado, um pastor e um apóstolo mais fracassado ainda. Diziam que ele era um apóstolo que deixava a desejar; e que ele não podia ser alguém enviado da parte de Deus, pois por onde ele passava era rejeitado, apedrejado, expulso das cidades. Algumas vezes, antes de ser expulso, era até preso e chicoteado. O livro de Atos relata diversos episódios desses, em que Paulo passou por todo tipo de sofrimento e provação nas mãos de seu próprio povo. E a questão ardilosa levantada pelos opositores de Paulo era: Como alguém pode ter sido enviado por Deus, como pode ser um apóstolo de Jesus Cristo, um ministro do evangelho, se é tão rejeitado e sofre tanta oposição? Se a mensagem dele não era recebida nem crida pelo próprio povo de Deus, que eram os judeus? Ora, se nem mesmo os judeus acreditavam nele, então, na verdade, ele era um fracasso total. A prova disso era a rejeição que ele sofria nas cidades em que havia pregado o evangelho. Essa era uma das coisas que esses pregadores andavam dizendo na igreja de Corinto.

Essa igreja tinha sido fundada pelo próprio apóstolo Paulo. Esses falsos mestres vieram depois. Mas, de alguma forma, a igreja de Corinto resolveu abrigar essas pessoas, dar-lhes oportunidade de falar, e elas, então, estavam disseminando esse tipo de coisa contra o apóstolo Paulo. E o pior é que, naquele momento em que essas notícias estavam chegando ao conhecimento do apóstolo, ele estava realmente passando por um momento difícil no seu ministério, como está dito nos versículos 12 e 13, os versículos iniciais da passagem que estamos estudando.

O coração de Paulo está inquieto

No versículo 12, Paulo diz que tinha ido para a região de Trôade, a fim de pregar

o evangelho de Cristo. Era essa a prática dele. Trôade ficava mais ao norte de Corinto, mais para dentro da região da Acaia, e Paulo tinha ido para lá pregar o evangelho, pois esse era o seu chamado, uma vez que Deus o havia constituído como apóstolo para os gentios. Então, ele vai para Trôade, para pregar o evangelho de Cristo, e diz que, quando chegou lá, “uma porta se me abriu no Senhor” (v. 12, ARA). Provavelmente, uma sinagoga deu-lhe oportunidade de pregar, ou então, pessoas se converteram e iniciaram uma igreja em Trôade ou lhe disseram que queriam começar uma igreja ali. Pelas palavras de Paulo, ficamos sabendo, enfim, que essa missão em Trôade foi bem-sucedida. Paulo foi para lá, Deus abriu a porta, e o evangelho começou a prosperar naquele local. Apesar desse sucesso, no versículo 13, ele diz: “não tive descanso no meu espírito”. O coração de Paulo estava inquieto, ansioso. Sua alma estava conturbada. Por quê? Porque ele estava aguardando Tito chegar com notícias da igreja de Corinto. Como a igreja tinha reagido à carta de Paulo? Como ela tinha reagido às palavras do apóstolo? Será que eles as haviam aceitado bem?

Enquanto Paulo estava pregando em Trôade, e as coisas ali estavam correndo muitíssimo bem, seu coração estava pensando em Corinto. Ele estava aflito e ansioso, o que prova que nem sempre o sucesso no ministério aquietava o coração do obreiro. Às vezes a pessoa pode ser um bom pregador, um ministro bem-sucedido, um excelente missionário; pode estar fazendo um bom trabalho, e as pessoas, olhando de fora, dizem: “Esse pastor deve estar feliz, pois a igreja que pastoreia só cresce!”. Mas pode ser que seu coração esteja conturbado, e ele não sinta que tem “descanso no [s]eu espírito”. Essas foram as palavras ditas por Paulo, que estava aflito e preocupado com o que estava acontecendo em Corinto.

Ele diz que está aflito e revela o porquê: “não tive descanso no meu espírito, pois não encontrei ali meu irmão Tito” (v. 13). Ele tinha enviado Tito a Corinto, justamente para ter notícias da igreja. Deve ter marcado um encontro com ele em Trôade, e, enquanto Tito não chegava, ele plantou uma igreja naquele local. Mas Tito estava demorando, e Paulo se angustiava e se preocupava com aquilo, imaginando o pior. Talvez imaginasse que a demora de Tito já era um mau sinal, uma indicação de que as coisas em Corinto tinham ficado piores do que ele havia imaginado. Então, no final do versículo 13, Paulo diz: “Assim, despedindo-me deles, parti para a Macedônia”. Esses novos convertidos em Trôade gozaram da presença do apóstolo por, talvez, poucos meses ou poucas semanas. Paulo se despede deles e diz, em síntese: “Olha, não consigo mais ficar aqui. Meu coração está inquieto. Eu preciso resolver esse assunto da igreja de Corinto. Vou para a Macedônia”. Macedônia era a província onde ficava a cidade de Corinto. E

Paulo vai para a Macedônia atrás de notícias da igreja que fundara ali.

A acusação de fracasso

Ora, se Paulo já era acusado de ser um pastor fracassado, por conta das perseguições e da rejeição que sofria por onde passava, este episódio parecia reforçar essa tese. Ele estava numa situação em que as coisas corriam bem, mas, ao mesmo tempo, não corriam: uma porta se abria, mas ele não entrou por essa porta. Formou uma igreja em Trôade, mas não ficou ali para discipliná-los, pois seu coração estava inquieto. Tito não trazia notícias. Então, realmente, quando se olhava para o quadro completo, alguns diziam que Paulo era um fracassado mesmo, que o ministério dele era uma derrota atrás da outra, e que ele não conseguia fazer nada direito.

Por isso, a partir do versículo 14, Paulo começa a defender seu ministério. Ele estava consciente dessas questões. Sabia que as coisas que estavam acontecendo poderiam ser interpretadas como uma rejeição da palavra dele; como se parecesse que seu trabalho não ia adiante; como se ele pregasse e as pessoas não se convertessem; enfim, como se todas as coisas que eram ditas sobre ele fossem verdade. Portanto, a partir de 2.14 até o capítulo 5, o apóstolo faz uma defesa do seu ministério. Ele se defende das acusações feitas por aqueles pregadores que o difamavam. E a primeira que Paulo vai rebater é justamente a acusação de fracasso, da qual ele vai tratar do versículo 14 até o versículo 17.

A visão que Paulo tem do seu ministério é bem diferente daquela que aqueles pastores falsos estavam trazendo. Enquanto eles diziam que Paulo era um fracasso total, o apóstolo via seu ministério, na verdade, como um triunfo constante: “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo” (v. 14). Esse “Mas” introduz um contraste com o que ele havia dito antes. Antes, ele havia dito que não sentia tranquilidade, que a coisa estava difícil, pois não havia encontrado Tito. Por isso, havia deixado a igreja de Trôade e fora para a Macedônia. “Mas”, ou seja, apesar de todos esses dissabores, de todas essas alternâncias de coisas nem sempre boas, “graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo”. Ele usa o plural “nós” por elegância, para não parecer que está se exaltando, pois na verdade está falando de si mesmo.

Portanto, era assim que Paulo via seu ministério. Ele não o via como um fracasso. Ao contrário, ele se via como alguém que estava sendo conduzido por Deus numa procissão triunfal. Paulo usa uma figura à qual ele também recorre, várias vezes, em outras cartas suas: a imagem do famoso triunfo romano. Esta retratava uma procissão encabeçada por um general romano, que voltava vitorioso de uma batalha e entrava na vila sob os “vivas” e as manifestações de aprovação e alegria do povo, que o saudava e aplaudia. Então, ele era conduzido em triunfo numa carruagem, com uma coroa de louros na cabeça. Os inimigos vinham atrás, amarrados. Vinham também carroças cheias das armaduras dos vencidos. E, caso tivesse havido pilhagem durante a conquista de uma cidade, na procissão vinham ainda as joias e os tesouros que eram fruto da pilhagem. E o grande líder era conduzido em triunfo. Paulo usa a mesma figura neste versículo: “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo” (v. 14). Em outras palavras, ele está dizendo: “Sempre sou vitorioso, como um general invencível, que não perde uma batalha. E isso graças a Deus, que em Cristo — ele diz ‘em Cristo’ porque sua vitória é por causa de Cristo — sempre me conduz em triunfo”.

Alguém pode perguntar: Como Paulo podia ver seu ministério como um triunfo constante, quando não parecia ser assim? Veja o caso de Trôade; veja as perseguições e as rejeições que ele sofreu. Como ele podia ver seu ministério como um triunfo constante? A resposta está nas próprias palavras que Paulo usa nos versículos seguintes, e que são a aplicação do que ele havia dito. Como vimos, ele usa a figura da procissão do triunfo romano. Quando um general era conduzido em triunfo, as mulheres lançavam na direção dele perfume, pétalas de rosas ou outras flores aromáticas, e aquele cheiro suave, fragrante, enchia o ar. E o general aspirava aquele cheiro, que era para ele aroma de vida para a vida, cheiro da vitória. Para os prisioneiros que vinham atrás, porém, aquele mesmo perfume — que era aroma de vida para o general vitorioso — era cheiro de morte para a morte, pois, quando eles chegassem à praça principal, seriam degolados. Então, aquilo para eles era cheiro de morte, pois prenunciava a sua condenação. O mesmo perfume que significava vida para o vencedor significava morte para o vencido. E Paulo usa exatamente essa ilustração.

No versículo 14, ele diz: “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo e por meio de nós manifesta em todo lugar o aroma do seu conhecimento”. Aroma é fragrância, cheiro. No caso, o cheiro do conhecimento de Deus. Deus usava Paulo para em todo lugar manifestar o aroma do conhecimento do evangelho. Mas esse cheiro, como Paulo diz, é aroma de vida

para uns, e cheiro de morte para outros: “porque para Deus somos o bom aroma de Cristo, tanto entre os que estão sendo salvos como entre os que estão perecendo” (v. 15). Paulo divide, portanto, a humanidade em duas categorias: os que estão sendo salvos e os que estão perecendo. E ele se vê como o bom perfume do conhecimento de Deus em Cristo Jesus; como alguém que é usado por Deus para espalhar esse perfume em todo lugar: em Trôade, na Macedônia, em Corinto; onde quer que ele vá, ele é o bom perfume de Cristo.

Mas em que sentido ele é esse bom aroma de Cristo? Paulo continua a explicar no versículo 16: “Para estes [os que estão perecendo], somos cheiro de morte para morte, mas para aqueles [os que estão sendo salvos], aroma de vida para vida”. O que Paulo quer dizer com isso, afinal? Ele quer dizer que seu ministério é como um constante desfile triunfal, no qual a pregação que ele faz do evangelho equivale ao perfume lançado durante as procissões romanas de triunfo, que significava vida para uns e morte para outros. Trocando em miúdos e reduzindo a figura à sua expressão mínima, Paulo está dizendo que a pregação do evangelho é vida para os que se salvam e morte para os que se perdem. Em ambos os casos está se cumprindo a vontade de Deus. Por isso, Paulo sempre é vitorioso, quer as pessoas creiam, quer elas não creiam. Para ele, o cenário é sempre de triunfo. Se ele é fiel à palavra de Deus e está ensinando o evangelho, seu ministério sempre é vitorioso: seja por aqueles que vão crer e ser salvos — para quem ele é “aroma de vida para a vida”, é a fragrância de Cristo — ou, seja por aqueles que vão ouvir o evangelho, mas rejeitá-lo, e vão para o inferno — para quem ele é “cheiro de morte para morte”. Em ambos os casos foram realizados o propósito e a vontade de Deus. Sim, pois Paulo é triunfante mesmo em relação àqueles que se perdem. Por isso ele pode dizer: “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo” (v. 14).

Ele lança, porém, uma pergunta, no final do versículo 16: “E quem está preparado para essas coisas?”. Dito de outra forma: Que tipo de pessoa, de ministro, de obreiro tem que ser essa pessoa, para ser nas mãos de Deus o bom perfume de Cristo, produzindo tanto o efeito da salvação como o efeito da condenação? E a resposta está no versículo 17, quando ele diz, em outras palavras, com toda a modéstia: “Eu”. Ele diz, literalmente: “Porque não somos mercenários da palavra de Deus, como tantos outros; mas falamos em Cristo com sinceridade, da parte de Deus e na sua presença” (v. 17). Ao conjugar o verbo na primeira pessoa do plural (“Porque não somos”), ele responde à pergunta feita — “E quem está preparado para essas coisas?” — apontando para si mesmo.

Voltando à imagem do perfume, sabemos que há quem adultere um bom perfume misturando-o com outras substâncias, para render mais. Quando se faz isso, o perfume já não é mais o mesmo, e sua fragrância já não tem mais o mesmo efeito. Paulo continua a explorar no texto essa imagem. Ele havia perguntado: “E quem está preparado para essas coisas?” (v. 16). Ou seja, quem é suficiente para ser o bom aroma ou o bom perfume de Cristo, tanto para os que se salvam (para os quais é aroma de vida para vida) quanto para os que se perdem (para os quais é cheiro de morte para morte)?. Resposta: Aquele ministro fiel, que não adultera a Palavra de Deus; que não a mercadeja; que não faz negócios com a Palavra de Deus. A fim de tornar essa palavra mais “mercadejável”, os mercenários da palavra de Deus a alteram, a minimizam e a tornam mais palatável. Paulo não adultera a palavra de Deus. Então, concluímos que apenas o ministro que não mercadeja a Palavra de Deus pode dizer: “O meu ministério é um triunfo constante”. Pois, enquanto ele está pregando a Palavra de Deus e o evangelho com fidelidade, Deus está realizando o seu propósito: o bom perfume para os que se salvam, e o cheiro de morte para a morte para aqueles que se perdem, os quais no dia do juízo dirão: “Sim, é verdade, eu ouvi a palavra de Deus e a rejeitei. Eu estou aqui porque conheci o evangelho e não o aceitei”.

Sabemos que onde o evangelho é cheiro de morte para a morte, ele provoca rebelião, incredulidade, endurecimento. O sol que derrete a cera é o mesmo que endurece o barro. O evangelho que quebranta corações, abre os olhos e ilumina o entendimento de alguns é o mesmo que lança outros em mais incredulidade, em trevas ainda mais profundas e os distancia cada vez mais de Deus.

O ministro de Deus que é fiel não mercadeja o evangelho, não é um mercenário da palavra de Deus. Paulo diz: “Porque não somos mercenários da palavra de Deus, como tantos outros” (v. 17). Vemos aqui uma ironia. Ele está se referindo aos mestres que estavam em Corinto, pregando um outro evangelho. Por isso o apóstolo diz, em síntese: “Eu não sou como estes que mercadejam a Palavra de Deus”. Então, mostrando ser diferente destes, Paulo aponta quatro coisas a respeito de seu ministério, que fazem com que ele esteja “preparado para essas coisas” (v. 16): “mas falamos em Cristo com sinceridade, da parte de Deus e na sua presença” (v. 17). Nessa passagem, vemos que Paulo tem consciência de que vive — como diz uma expressão do latim usada por Calvino — coram Deo, ou seja, na presença de Deus. Em outras palavras, ele diz que ministra na presença de Deus. “Deus é minha testemunha. Eu sei que ele ouve tudo que estou dizendo e pregando. Então, eu falo ‘em Cristo’ ‘na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus’”. Isso tudo equivale a dizer: “Eu sou apenas um

pregador do evangelho, apenas alguém que ensina a palavra de Deus. Nem mais nem menos do que isso. Se eu acrescentar ou subtrair alguma coisa dela, estarei mercadejando ou adulterando a palavra de Deus. Para que eu seja o bom aroma, o perfume não pode ser adulterado, não se pode acrescentar nada a ele nem subtrair nada dele”.

Quando um pastor, ministro ou crente é fiel, ele ensina a palavra de Deus tal como ela é. Esse servo fiel, então, é o bom perfume de Cristo, quer as pessoas acreditem, quer não acreditem, quer se convertam, quer não se convertam no que ele anunciar. Deus pede que sejamos autênticos, fiéis, genuínos e verdadeiros no ensino do evangelho, pois os resultados estão na mão dele. Deus vai usar a palavra como ele quer e de acordo com sua sabedoria e seu conhecimento.

Conclusão e aplicações práticas

Primeiro, a aplicação mais direta que podemos fazer dessa primeira defesa de Paulo é que é isto que Deus requer dos pregadores e pastores: que eles sejam fiéis; que não ensinem outra coisa que não seja a Palavra de Deus, sem mercadejá-la, sem adulterá-la, para que ela seja o bom perfume do conhecimento de Cristo, e cumpra o propósito de Deus.

Segundo, aqueles que são fiéis em ensinar a Palavra de Deus sem adulterar o conhecimento de Cristo sempre serão o bom perfume de Cristo, tanto para os que se perdem quanto para os que se salvam. E nisso está uma lição preciosa para nós. É importante tomarmos cuidado. Via de regra, Deus vai abençoar o pregador fiel através de conversões e de pessoas que queiram ouvir a palavra de Deus. Contudo, às vezes é possível encontrar um pregador fiel, mas que está labutando em circunstâncias e situações em que ele não vê resultados. Se formos medir o sucesso de um pregador pela quantidade de seguidores que ele tem, podemos cair em uma armadilha. Números não dizem tudo; eu bem sei que eles dizem alguma coisa, mas o critério que Deus coloca para o sucesso nunca é numérico: seu critério é sempre a fidelidade. É isso que será exigido de nós, no dia do juízo. Imagine este diálogo entre você e Deus, nesse dia:

— Você foi fiel à Palavra de Deus? Ensinou a Palavra de Deus com fidelidade?

— Senhor, eu fiz isso, mas quase ninguém me escutou.

— Isso não é da sua conta, meu filho. Eu quero saber se você foi fiel e fez aquilo que eu disse que você deveria fazer.

Concluindo, essa é a grande lição que a passagem nos traz neste capítulo.

Capítulo 7

autoridade inegável

2Coríntios 3.1-6

Cartas escritas pelo Espírito

Será que começamos outra vez a recomendar a nós mesmos? Ou será que precisamos, à semelhança de alguns, de cartas de recomendação para vós ou da parte de vós? Vós mesmos sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos, manifestos como carta de Cristo, ministrada por nós, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações de carne. E é por meio de Cristo que temos tal confiança em Deus. Não que sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se viesse de nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus. “Foi ele quem também nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, mas o Espírito dá vida.

Gostaria de começar este capítulo com uma palavra inicial sobre interpretação bíblica. Existem três regras muito importantes para interpretar uma passagem bíblica. Primeira regra: contexto. Segunda regra: contexto. Terceira regra: contexto.

Se colocarmos uma passagem dentro do respectivo contexto, que é seu cenário mais amplo, dificilmente iremos interpretá-la de maneira errada. Por isso é sempre bom retomar o que vem antes e depois da passagem que estiver

estudando e procurar saber por que motivo aquela passagem encontra-se ali, bem no meio.

Muitos leem a Bíblia de forma diferente de como leem outros livros. Veja um livro de matemática, por exemplo. Ninguém pega um livro de matemática e abre numa fórmula qualquer, no meio do livro. Afinal, precisa saber: Para que serve essa fórmula? O que vem antes? O leitor procura uma explicação para saber qual o significado da fórmula, quais são seus propósitos. Mas há quem abra a Bíblia assim: simplesmente pega uma passagem lá do meio e constrói uma ideia, uma teologia em cima dela. A regra de ouro da interpretação bíblica, porém, está na noção do contexto: é preciso ambientar a passagem, saber por que está na Bíblia e qual é o seu propósito.

Como já vimos, essa Segunda Carta de Paulo aos Coríntios faz parte dos esforços que o apóstolo fez para resolver os problemas dessa igreja, fundada por ele em sua segunda viagem missionária. O relato da fundação encontra-se em Atos 18.1-18.

A essa altura, Paulo já tinha enviado algumas cartas e feito algumas visitas à igreja de Corinto, com o intuito de tentar resolver certos tipos de problemas. Um deles era a formação de grupos na igreja: “eu sou de Paulo; eu sou de Apolo; eu sou de Pedro; eu sou de Cristo”. Havia também problemas de imoralidade; problemas com a liderança, que não estava aplicando a disciplina necessária em alguns casos; brigas entre os crentes a respeito de temas como casamento ou comida sacrificada aos ídolos; o mau uso dos dons espirituais, especialmente durante o culto, em particular os dons de línguas e profecias; a questão do papel das mulheres no culto. Todas essas questões estavam em efervescência na igreja de Corinto. Havia disputas; havia questionamentos. E Paulo, como pai espiritual daquela comunidade, via-se na obrigação de dizer algo ou de tentar ajudar aquela igreja nascente a se firmar na verdade de Deus.

Ele já tinha lhes enviado outras cartas. Essa, provavelmente, é a quarta carta que ele manda para a igreja de Corinto, embora na Bíblia seja designada como 2Coríntios. Parece que a carta tinha surtido algum resultado, mas ainda havia muita coisa a ser feita, havia questões pendentes; daí ele ter escrito essa epístola.

Nela, Paulo explica a razão dos seus sofrimentos, pois, para piorar a situação, havia falsos mestres na igreja de Corinto. Estes estavam atacando a autoridade de Paulo, e apontando para seus sofrimentos como uma evidência de que ele não

era um homem de Deus. Afinal, se fosse, por que Paulo sofria tanto?

O apóstolo gasta um bom espaço de tempo na carta explicando o porquê dos seus sofrimentos, defendendo seu ministério e sua autoridade apostólica. Mas também quer expressar sua alegria pelo bom efeito que surtiram as cartas anteriores que enviou e a visita que fez.

Seu empenho volta-se, em particular, para a defesa de seu ministério contra os ataques feitos por esses falsos pregadores, que diziam coisas como: “Paulo é um fracassado. Ele é um falso apóstolo, um pregador mal-sucedido, pois, por onde passa, é apedrejado, rejeitado, quando não é preso e expulso das cidades por seu próprio povo. Como ele pode ser um homem de Deus? Como pode ser um emissário de Deus, se o próprio povo de Deus, que são os judeus, não o recebe?”.

Além disso, Paulo estava passando por um momento difícil em seu ministério. Vimos isso em 2Coríntios 2.12,13, passagem em que ele chega à cidade de Trôade, local em que havia uma oportunidade de pregação, mas no qual ele não se sentiu seguro e tranquilo em permanecer. Ele confessa que está aflito porque estava esperando notícias de Corinto, que Tito haveria de trazer. Com a demora de Tito, porém, o apóstolo decide ir para a Macedônia. Assim, aquela foi uma fase turbulenta na vida de Paulo. Parecia que nada estava dando certo. Então, ele escreve 2Coríntios. Tudo isso poderia ter derrubado o apóstolo Paulo, tê-lo deixado aflito e angustiado, sentindo-se um fracasso como ministro de Jesus Cristo.

Tempos atrás, li um artigo sobre o crescente número de suicídios nos Estados Unidos. O artigo informa que igualmente vem crescendo o número de pastores que morrem por suicídio. Fala-se pouco sobre esse assunto. Mas a verdade é que pastores estão entre os grupos que mais experimentam estresse em seu trabalho.¹

Parece que existe uma carência de profissionais da saúde no mundo todo. É especialmente difícil encontrar aqueles que cuidam de saúde mental. Quando estive nos Estados Unidos, recentemente, tentei conversar com um profissional dessa área — tanto na rede pública quanto na rede privada —, e, mesmo pagando pela consulta, a espera era de um mês. Indaguei o porquê, e a resposta foi que estava acontecendo uma epidemia de doenças mentais nos Estados Unidos. Estávamos no Texas, e alguns podem dizer que isso estava acontecendo só ali. Mas não é verdade: o fenômeno era generalizado.

Entre os que são potenciais candidatos ao suicídio, encontram-se pessoas que se sentem deprimidas, aflitas e sem propósito. Muitas pessoas acabam entrando em uma tenebrosa espiral descendente que termina em suicídio. E com pastores também acontece isso, ninguém está livre. Quem olha para pastores como pessoas que estão acima desse tipo de coisa não conhece a realidade.

Paulo, como vimos no capítulo 2, estava vivendo um período difícil na vida, e abriu o coração, falou de sua aflição, das dificuldades que estava sentindo, de que não estava se sentindo bem para pregar a Palavra de Deus em Trôade. Ele disse que não sentia paz porque Tito, que estava vindo de Corinto, não chegava com notícias. Portanto, esse foi um período bem difícil na vida do apóstolo.

Apesar de tudo, Paulo tinha uma perspectiva bem positiva de seu ministério, e não a perspectiva de alguém que houvesse fracassado. Primeiro, ele o via como uma vitória constante, como vimos no capítulo anterior, baseado em 2Coríntios 2.12-17: “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo” (2Co 2.14). O ministério pastoral, segundo as palavras de Paulo, é como uma procissão de triunfo semelhante àquelas que os generais romanos faziam, quando voltavam vitoriosos de uma batalha e entravam em sua cidade. Eram conduzidos em triunfo, vitoriosos, aclamados pelo povo. E Paulo compara essa imagem ao ministério. Ele diz: “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo”, mesmo quando tudo parecia estar dando errado, como aparentemente estava dando na situação de Paulo. A igreja que ele fundou estava aos pedaços; sua reputação estava sob ataque; sua autoridade estava sendo questionada; ou seja, ele estava passando por um momento de aflição pessoal. Contudo, em meio a tantos problemas, Paulo consegue discernir a mão de Deus que o conduz em triunfo, pois até mesmo quando sua pregação é rejeitada ainda é triunfo de Deus, porque ele era o bom perfume de Cristo tanto para os que se perdem quanto para os que se salvam. Para os que se perdem, ele era cheiro de morte para a morte. Para os que se salvam, era aroma de vida para a vida. Ou seja, de uma maneira ou de outra, fosse ele bem-sucedido com muitas conversões ou fosse ele expulso da cidade e apedrejado, em ambos os casos seu ministério era conduzido em triunfo.

Você pode se perguntar: Mas, por quê? Porque o que Deus quer de nós é que sejamos fiéis. O sucesso pertence a Deus. Ele o dá a uns, e não a outros. Mas, no dia do juízo, não seremos julgados com base nisso. A grande pergunta que nos será feita não será: “Quantas pessoas você levou para Jesus Cristo?”. Se fosse esse o teste, os profetas Jeremias e Isaías estariam perdidos, quanto mais Noé,

então. Mas a grande pergunta será: “Você foi fiel? Ensinou a Palavra? Viveu o evangelho de maneira fiel?”. É isso que Deus vai perguntar; é isso que requer dos despenseiros: que eles sejam encontrados fiéis. Paulo disse isso na carta anterior (1Co), no capítulo 4.1. Deus requer de nós tão somente uma coisa: fidelidade.

Portanto, apesar de tudo que enfrentava, Paulo via seu ministério como um triunfo constante. E agora, seguindo por essa mesma linha, ele fala a respeito do seu ministério mais duas coisas, as quais são o conteúdo da passagem estudada neste capítulo. Primeiro, o apóstolo fala da realidade inegável da autoridade do seu ministério, que, apesar de tudo, é realmente abençoado por Deus. E apresenta evidências disso em 2Coríntios 3.1-3. Em segundo lugar, ele fala também da sua confiança inabalável em Deus. Apesar de todos os abalos externos, Paulo continuava confiante em Deus, e dependente somente dele para dar continuidade a seu ministério. Então, vamos analisar mais detidamente essas duas coisas que Paulo fala sobre seu ministério.

Como vimos no último capítulo, o apóstolo tinha dito que via seu ministério como um triunfo constante. Agora, ele vai ressaltar outros dois aspectos: que sua autoridade para o ministério é inegável (v. 1-3); e que sua confiança em Deus é inabalável (v. 4-6).

A inegável autoridade de Paulo

O que estava acontecendo e que levou Paulo a ter de reafirmar sua autoridade? Havia uma crítica daqueles falsos profetas que estavam assediando a igreja de Corinto. Eles diziam que Paulo não tinha carta de recomendação das autoridades judaicas. Ou seja, como Paulo podia chegar às sinagogas em Corinto e trazer outra mensagem, diferente da que era pregada pelos judeus de Jerusalém? Com que autoridade fazia isso? Acaso ele tinha carta de recomendação? Tinha autorização de alguém? Tinha algum documento ou qualquer outra coisa que lhe conferisse autoridade para tanto?

Em resposta, Paulo diz, no versículo 1: “Será que começamos outra vez a recomendar a nós mesmos?”. Ele está se referindo ao fato de que, nos versículos

anteriores, ele tinha dito que não era um mercenário: “Porque não somos mercenários da palavra de Deus, como tantos outros; mas falamos em Cristo com sinceridade, da parte de Deus e na sua presença” (2Co 2.17). Ao ouvir isso, pode ser que alguém tenha dito: “Você está fazendo um autoelogio. Está se autodefendendo”. E, talvez, por isso Paulo tenha dito: “Será que começamos outra vez a recomendar a nós mesmos?” (v. 1).

E continua: “Ou será que precisamos, à semelhança de alguns, de cartas de recomendação para vós ou da parte de vós?” (v. 1). A que Paulo se refere? Ele se refere precisamente a esta crítica que os falsos apóstolos faziam: “Onde estão as cartas de recomendação de Paulo? Onde está sua autorização para pregar? Nós temos! A nossa está aqui, na nossa mão: autorizado pelo sinédrio de Jerusalém, e carimbado. Mas e Paulo? Que autoridade Paulo tem para fazer isso?”. Em resposta a esse questionamento, Paulo pergunta, em outras palavras: “Será que preciso de cartas de recomendação? Há alguns que precisam da autorização de uma instituição humana. Mas será que eu preciso disso?”.

Paulo defende que tem uma credencial maior. A partir do versículo 2, ele mostra que a recomendação que apresenta é autoexplicável: “Vós mesmos sois a nossa carta”. Em outras palavras, Paulo estava dizendo aos coríntios: “Vocês querem uma carta de recomendação? Puxa, vocês?! Quem eram vocês quando cheguei aqui? Imorais; idólatras; adúlteros; maldizentes; viviam em trevas, sem conhecimento nenhum de Deus. E agora estão constituídos em igreja. São irmãos em Cristo. Conhecem a verdade. Seus pecados foram perdoados. A vida de vocês mudou. Ora, vocês mesmos são a minha carta de recomendação! São a prova viva de que sou enviado por Deus para fazer o trabalho que estou fazendo”.

Ele continua, ainda no versículo 2: “Vós mesmos sois a nossa carta, escrita em nosso coração”. Paulo está fazendo um jogo de palavras, como se dissesse: “Vocês estão gravados no meu coração. Tenho por vocês um amor que essas pessoas que estão me criticando não têm”. E continua: “[carta] conhecida e lida por todos”. Em síntese, o apóstolo estava lhes dizendo: “Já é notória, em toda a região da Acaia e da Macedônia, a transformação de vocês. A transformação que o evangelho produziu em vocês é pública. Então, se tenho que apresentar uma carta de recomendação, apresento o fruto do meu ministério entre vocês. Essa é a prova e a recomendação maior que posso dar a vocês”.

Mas em que sentido essa conversão dos coríntios — que havia transformado a

vida deles — era superior a qualquer outra recomendação? Os termos que apontam essa superioridade estão no versículo 3: “manifestos como carta de Cristo, ministrada por nós, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações de carne”.

Portanto, para entendermos a comparação que Paulo está fazendo nesses versículos — entre a credencial que ele está apresentando, a saber, a vida transformada dos coríntios, e as cartas de recomendação que eram apresentadas pelos falsos profetas —, temos de entender que esses falsos profetas eram judaizantes. Eles pregavam o judaísmo, e eram enviados pelo Sinédrio de Jerusalém com o objetivo de perverter o trabalho do apóstolo Paulo. Ou seja, a missão deles era judaizar esses gentios que haviam se convertido ao Messias, que era o Messias judaico. Eles se apresentavam, e provavelmente travavam diálogos deste tipo:

— Vocês são crentes?

— Sim, somos crentes em Jesus Cristo.

— Que coisa boa! Mas vocês sabem que Jesus era judeu?

— Sim, Jesus era judeu.

— E quem foi que pregou para vocês?

— Foi o apóstolo Paulo.

— Paulo? Ele era um rabino que abandonou o judaísmo e foi excomungado da sinagoga. Esteve por aqui falando sobre Jesus?

— Sim, esteve. E nos convertemos com ele.

— Mas o que ele ensinou?

— Ele ensinou que, para sermos salvos, tínhamos de nos arrepender de nossos pecados e crer que Jesus é o Filho de Deus, o Salvador do mundo.

— Ele só ensinou isso?

— Sim!

— É isso que acontece quando vocês recebem qualquer pessoa para pregar na igreja. Ele não deu a mensagem completa. Vocês precisam se circuncidar. Precisam guardar toda a lei de Moisés e todas as cerimônias. Precisam ir ao Templo três vezes por ano. Precisam pagar votos. Não podem comer determinado tipo de comida. Devem comer outro tipo de comida, etc e tal. Ou seja, vocês têm de guardar também a lei de Moisés, para que possam ser salvos.

Eram coisas assim que esses falsos profetas andavam dizendo. Eles queriam judaizar a igreja de Corinto.

Agora nós podemos entender o contraste que Paulo está fazendo no versículo 3. O contraste ocorre da seguinte maneira: Em que sentido a carta de recomendação (que é a vida transformada dos coríntios) é superior às credenciais daqueles falsos apóstolos judaizantes?

Primeiro, porque a recomendação de Paulo foi escrita no coração, em tábuas de carne, e não em tábuas de pedra, como foram os Dez Mandamentos, no alto do monte Sinai. Essa é a primeira comparação, como se Paulo dissesse: “Enquanto esses falsos profetas pregam uma lei que foi escrita em tábuas, no alto do monte Sinai, o evangelho que eu prego foi escrito pelo Espírito Santo, em tábuas de carne, no coração de vocês. Eles pregam uma obediência externa, mas eu prego uma transformação interna, feita pelo Espírito Santo no coração. Por isso o meu evangelho é superior e a minha recomendação é maior”.

O segundo motivo que atesta a superioridade da credencial de Paulo é este: “escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo” (v. 3). Em outras palavras, Paulo disse: “A minha carta de recomendação foi escrita pelo Espírito Santo nos corações. Significa conversão, regeneração, iluminação, santificação, mudança de vida. E não foi escrita com tinta, como as cartas dos escribas em Jerusalém, que fazem cópias e mais cópias da lei em pergaminhos. A minha carta foi escrita pelo Espírito Santo, que gravou a Lei de Deus no coração de vocês. Já os judaizantes, o máximo que eles têm são os rolos da Lei, que precisam ser copiados eternamente por seus escribas, com tinta, em documentos de pele”. Mais um ponto da comparação que demonstra a superioridade da credencial do apóstolo Paulo.

No terceiro ponto de comparação, Paulo diz, em outras palavras: “Vocês, como carta de recomendação, são fruto do meu ministério, e, portanto, são carta de Cristo”. Veja o início do versículo 3: “[vós sois] manifestos como carta de

Cristo, ministrada por nós,”. Ou seja, o apóstolo Paulo estava lhes dizendo: “Através do meu ministério, da pregação da Palavra em Corinto, Cristo agiu pelo Espírito Santo e mudou a vida de vocês, de maneira que são carta de Cristo. Ou seja, vocês são uma expressão pública e aberta da realidade da salvação mediante Jesus Cristo, ao contrário das credenciais escritas em papel, com tinta, desses falsos mestres que pregam a lei, que foi escrita em tábuas de pedra, tanto tempo atrás, e que exigem obediência externa. É nesse sentido que eu acho minha recomendação superior”. É como se ele dissesse assim: “Vocês acham realmente que eu preciso trazer carta de recomendação? Vamos comparar o meu ministério com o ministério desses falsos profetas”.

Do que foi visto, concluímos algumas coisas. Preciso primeiramente responder uma questão que ficou no ar no último capítulo. No capítulo anterior, Paulo disse que seremos julgados não pelos resultados que alcançamos no ministério, mas por nossa fidelidade. Nesta passagem que estamos estudando, porém, parece que ele está dizendo algo diferente. Ele apresenta o resultado de seu ministério como prova de que é um homem de Deus. Como explicar isso?

A resposta é que, embora os resultados e os frutos sejam importantes, o critério maior da cobrança de Deus para conosco será de fato a fidelidade. O normal é que Deus costuma abençoar a fidelidade. Onde o servo é fiel, onde a Bíblia é ensinada em verdade, o fruto costuma aparecer. Às vezes mais, às vezes menos, mas ele aparece. Então, embora números não digam tudo, eles dizem alguma coisa. Às vezes dizemos: “Não vamos ligar para números, porque quem converte é Deus”. Outro argumento comum é: “Quanto menor a igreja, mais fiel. Porque igreja grande é cheia de apostasia e muita mistura”. Não necessariamente é assim. Nós devemos ter um equilíbrio nesse ponto.

Normalmente, é apropriado que nossos ministérios sejam julgados por seus resultados. Em um país livre, como é o Brasil, no qual podemos pregar o evangelho em qualquer lugar, do jeito que quisermos; escolher bons locais de pregação, preparar nossos pregadores, muitas igrejas permanecem por anos e anos do mesmo tamanho, com as mesmas pessoas. Números por certo não dizem tudo, mas querem dizer alguma coisa. Querem dizer, por exemplo, que alguma coisa pode estar precisando ser mudada nessa igreja; podem querer dizer que é preciso revitalizar a igreja, mudá-la, ou tomar alguma medida para que o evangelho possa frutificar e a Palavra de Deus possa crescer.

Observe que, num primeiro momento, Paulo diz que Deus sempre nos conduz

em triunfo, quer tenhamos resultados quer não. Mas, num segundo momento, ele diz que os seus resultados são a credencial de que Deus o enviou para pregar o evangelho. Portanto, precisamos usar esses dois critérios com muita sabedoria. Ainda que Deus não cobre de seus servos resultados em números, mas sim fidelidade, os resultados gerados pelo ministério são importantes, pois são frutos da pregação do evangelho, e demonstram que aqueles servos foram enviados por Deus.

Confiança inabalável em Deus

“E é por meio de Cristo que temos tal confiança em Deus” (v. 4). Mas que confiança é essa? É a confiança que Paulo mencionou no versículo anterior, ou seja, a confiança de que o seu ministério é o ministério de Cristo, escrito pelo Espírito Santo em corações de carne e, portanto, é superior ao ministério da antiga aliança que os falsos apóstolos estão apresentando. Então, o apóstolo garante: “E é por meio de Cristo que temos tal confiança em Deus” (v. 4).

A confiança que Paulo tinha não vinha de si mesmo, pois ele se conhecia, sabia de suas limitações. Contudo, ele dependia inteiramente de Deus, como diz no versículo 5: “Não que sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se viesse de nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus”. Ora, Paulo tinha acabado de dizer algo que poderia dar a impressão de que estava se vangloriando e se comparando, quando sugeriu que a sua carta de recomendação era maior e mais eficaz do que a daqueles falsos profetas. Alguém poderia dizer a Paulo que ele parecia estar se exaltando. Portanto, logo em seguida, ele acrescenta que estava muito consciente de que a sua confiança para dizer isso vinha de Deus, pois por si mesmo ele sabia que nada podia: “Não que sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se viesse de nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus” (v. 5).

Em outros textos das cartas de Paulo, ele fala desse sentimento que sempre carregou consigo, de que perseguiu a igreja de Deus, prendeu os santos, blasfemou o nome de Jesus, devastou a igreja (1Tm 1.13; Gl 1.13). Paulo tinha consciência de que era o menor dos apóstolos e que, se Deus o usava, era somente pela graça e misericórdia divinas. Por isso ele diz, em outras palavras:

“Minha confiança vem de Deus. Eu me sinto suficiente e capaz de fazer essa obra, não por mim mesmo, mas porque Deus de fato me capacita”.

E continua, no versículo 6, a dizer: “Foi ele quem também nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança”. E aqui Paulo faz, de novo, a comparação que tinha feito entre a nova aliança do Espírito Santo, do evangelho gravado no coração, em contraste com o evangelho dos judaizantes, baseado na obediência externa à lei de Moisés, escrita em tábua, em pergaminhos.

Ele diz no versículo 6: “Foi ele [Deus] quem também nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança”. Essa simples frase apenas já é suficiente para fazer um congresso inteiro de teologia. Mas, afinal, o que Paulo quis dizer com isso? Essa é uma das questões mais complicadas dentro da teologia bíblica, a saber, a questão da aliança ou do pacto de Deus com seu povo. Qual é exatamente a relação entre a antiga aliança e a nova? O que continua? O que passou? O que permanece em vigor? O que não permanece? Quando Paulo diz que Deus o capacitou para ser ministro de uma nova aliança, será que ele está dizendo que todo o Antigo Testamento foi encerrado, não vale mais nada, não tem nenhum valor, nem mesmo as promessas de Deus? Em que sentido essa aliança a que Paulo se refere é nova?

A resposta que as igrejas reformadas dão a essas perguntas, particularmente dentro do sistema presbiteriano, que é aliancista, é que Deus sempre teve uma única aliança com seu povo. Mas essa aliança foi ministrada em duas etapas: a antiga aliança e a nova aliança. A antiga aliança vigorou antes da vinda de Cristo, quando essa única aliança era ministrada por meio de símbolos e tipos, como, por exemplo, o sacrifício de animais, o ministério levítico, a instituição do tabernáculo e do Templo, e uma série de outras regulamentações. Sempre foi a mesma aliança, e a salvação sempre foi do mesmo jeito: pela graça, mediante a fé no Messias que haveria de vir, não por obras. Sempre foi assim. Antes da vinda de Cristo, porém, tudo era simbólico, típico, como sombras que apontavam para a chegada dele. É nesse sentido que, quando Cristo veio, o que aconteceu antes dele passou a ser chamado de antiga aliança e, depois dele, de nova aliança. Não há mudança no conteúdo da aliança, mas sim em sua administração. Na nova aliança, não precisamos mais — como na antiga aliança — apresentar animais em pagamento por nossos pecados. Agora, olhamos para o sacrifício completo do Cordeiro de Deus, na cruz, que foi feito de uma vez por todas em pagamento por nossos pecados. Então, em essência, é a mesma aliança; o que se altera é apenas a sua administração. Algumas coisas foram

transformadas: a circuncisão virou batismo; o sábado virou domingo (embora isso seja objeto de discussão por parte de alguns); a Páscoa virou a ceia do Senhor. Mas é essencialmente a mesma coisa. A administração, contudo, é diferente.

Quando Paulo diz: “Foi ele [Deus] quem também nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança”, está dizendo que Deus o capacitou para trazer o desenvolvimento à completude, ou seja, ao cumprimento de tudo aquilo que o Antigo Testamento previa para a época do apóstolo. Paulo viveu nessa época e foi um ministro da nova aliança, dessa aliança que chegara a uma conclusão, que se completara. O Antigo Testamento era o tipo; o Novo Testamento é o cumprimento. O Antigo Testamento era promessa; o Novo Testamento é realização. Paulo, portanto, é ministro da nova aliança.

Os falsos mestres que circulavam pela igreja de Corinto eram ministros da antiga aliança. Queriam que os gentios guardassem os costumes judaicos, que, segundo Paulo, já haviam cessado como tipos, como figuras, pois Cristo viera. Nesse sentido, Paulo diz, em outras palavras, que Deus o havia habilitado para ser ministro de uma nova aliança, para anunciar o cumprimento das promessas, a chegada do Messias, a transição da antiga aliança para a nova, e falar da chegada e do cumprimento das promessas que Deus havia anunciado através dos antigos profetas de Israel. Tudo isso está contido nesta frase do início do versículo 6: “Foi ele [Deus] quem também nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança”.

Paulo faz um contraste, no restante de versículo 6, a partir da expressão “não da letra”. Quando fala da “letra”, o apóstolo está se referindo à legislação mosaica, que era a maneira pela qual a antiga aliança era administrada. Essa nova aliança, diz ele, “não [é] da letra, mas do Espírito” (v. 6). Neste ponto, gostaria de sugerir que nos lembrássemos da palavra “espírito” no grego. Os manuscritos em grego mais antigos não têm letra maiúscula, as palavras estão todas coladas, sem vírgula nem pontos. Quem der uma olhada em um pergaminho ou fragmento do Novo Testamento escrito em grego verá que está tudo emendado: não tem vírgula nem ponto e vírgula; não tem versículos nem capítulos. Algumas pessoas estudaram esses manuscritos para poder entendê-los, traduzi-los e, assim, hoje as pessoas podem ter sua Bíblia e lê-la com muita alegria. Entretanto, uma das palavras que às vezes gera complicações é a palavra “espírito”, pois, como não está em letra maiúscula no grego, nós às vezes não sabemos se a palavra “espírito” significa “Espírito Santo” — que, nesse caso, é grafada em português

com letra maiúscula — ou se significa “espírito humano” ou um “espírito imundo”, um demônio — e, nesta última hipótese, é grafada em português com letra minúscula. Essa mesma palavra aparece em outras partes do Novo Testamento. Então, qual é a regra para determinarmos seu sentido? Temos três regras para isso: contexto; contexto; contexto.

O que Paulo está comparando nesse ponto do texto? Qual comparação ele fez antes disso? Qual é o contraste entre letra e espírito? A comparação feita nesse trecho só pode ser do mesmo tipo que o apóstolo fez no contexto anterior, no qual a palavra “espírito”, em português, é grafada com “E”, em letra maiúscula: “Vós mesmos sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos, manifestos como carta de Cristo, ministrada por nós, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações de carne” (v. 2,3). Ou seja, “vocês são a carta de Cristo, escrita pelo Espírito Santo em tábuas de corações de carne, em contraste com a Lei, que foi escrita em tábuas de pedra”. Não sei por que a ARA, mais adiante, no versículo 6, usa “espírito” com “e” minúsculo, pois entendo que Paulo está falando do Espírito de Deus, ou seja, que Deus o havia habilitado para ser ministro de uma nova aliança, não da letra, mas pelo poder do Espírito Santo, sob ação do Espírito de Deus. Creio que essa é a forma mais correta de traduzir essa palavra, pois esse é o contraste que Paulo está fazendo.

E ele explica o porquê desse contraste: “porque a letra mata, mas o Espírito dá vida” (v. 6). Mais uma razão para a palavra “Espírito” ser grafada em letra maiúscula.

Não conheço passagem bíblica mais usada do que essa! Em síntese, está dizendo: “Cuidado, irmão, a letra mata, mas o Espírito dá vida”. Em determinadas igrejas, se alguém começa a ler livros de teologia, costuma ouvir: “Irmão, você está lendo muita teologia. Está estudando demais! A letra mata, o Espírito dá vida”. Ora, por acaso você já viu um texto usado mais fora de contexto do que esse? Será que nele Paulo está comparando alguém estudar teologia e ter conhecimento com levar uma vida de experiências místicas? Será que ele está comparando essas duas coisas? É óbvio que não! Ele está comparando a antiga aliança — baseada na legislação mosaica do Antigo Testamento — e a nova aliança — guiada pela obra do Espírito Santo, que grava a lei de Deus nos corações. O contraste é feito entre duas dispensações, e não entre estudar e ter uma experiência mística com o Espírito Santo. Então, quando você ouvir alguém fazendo essa comparação equivocada entre estudar e ter uma

experiência mística com o Espírito Santo, chame a pessoa de lado e diga a ela que deve observar três regras para interpretar a Bíblia: contexto, contexto e contexto. Quem sabe assim a pessoa pare de dizer coisas desse tipo, pois estudar não faz mal a ninguém, desde que seja para a glória de Deus e guiado pelo Espírito Santo.

Paulo, portanto, está pronto para concluir o que quer dizer. E, então, eu gostaria de fazer algumas aplicações para nós, a seguir.

Conclusão e aplicações práticas

A primeira aplicação do que aprendemos é que precisamos ter cuidado para não construir nosso ministério com base em credenciais humanas ou em títulos. Isso parece ser muito importante para alguns pastores. Muitos querem desenvolver um ministério baseado no reconhecimento e nas credenciais de instituições e tudo o mais. Vejo muito isso acontecer. Não quero ser demasiadamente crítico, mas às vezes vejo no currículo de um pastor: “Fulano de Tal, diretor dessa junta, presidente daquele concílio...”. A lista com as credenciais da pessoa chega a encher páginas e páginas de títulos. Então, olhamos para a igreja que ele pastoreia, e constatamos que é uma tristeza. Afinal, com todos esses títulos, o que ele fez pela igreja? Parece que não fez muita coisa. Mas quer ser chamado por seus títulos e tudo mais. Portanto, irmãos, embora não devamos desprezar as autoridades que Deus colocou na igreja, temos de saber que aquilo que de fato vai autorizar nosso ministério e credenciar nossa vida é a maneira como servimos a Deus e o fruto que vem do trabalho que fazemos. Essa é a primeira lição.

Segunda aplicação: precisamos aprender com o apóstolo Paulo a cultivar essa consciência de que nossa suficiência vem totalmente de Deus. De uma forma muito sutil, imperceptível às vezes, acabamos por tocar o ministério pastoral confiando em nossas habilidades, credenciais, preparação e respeitabilidade. Claro, continuamos a orar e buscar a plenitude do Espírito, mas lá no fundo do coração estamos confiantes em nós mesmos. Essa tendência à autonomia, à independência de Deus, foi a essência do primeiro pecado no Éden e continua a nos perseguir hoje, mesmo tendo sido alcançados pela graça de Deus no

evangelho. Devemos sondar e examinar nosso coração constantemente para ver se estamos dependendo realmente da graça de Deus ou de nossa própria força.

A última coisa que quero dizer é que vivemos na nova aliança. Não faz mais sentido alguém tocar shofar; carregar a arca da aliança; vestir kippah; falar yeshua hamashia. Não faz sentido! Isso tudo tem a ver com a antiga aliança, com a antiga dispensação, com a administração da lei mosaica. A aliança de Deus conosco entrou em uma nova fase. Tudo aquilo que era feito na antiga aliança apontava para Jesus Cristo. Mas ele já veio. Portanto, as sombras passaram. Nós já temos a pessoa de Jesus Cristo. E temos de viver a liberdade que temos no evangelho, pois ficamos livres da lei de Moisés e de tudo aquilo que ela representava. Devemos viver para Deus com liberdade e alegria: viver a plenitude do evangelho.

Infelizmente, muitos crentes, influenciados por falsos profetas e pastores, carregam um fardo demasiado grande. Às vezes, quando alguns deles descobrem a fé bíblica, isso para eles é uma libertação. É quase como uma segunda conversão. Costumam dizer: “Pastor, passei vinte anos enganado. Agora estou entendendo a liberdade que há em Cristo Jesus”.

Por fim, espero que todos nós lembremos que vivemos essa nova aliança, na qual o nosso Deus, pelo Espírito Santo, atua por meio de sua Palavra transformando nossa vida, nos perdoando, nos restaurando. Isso também acontecia na antiga aliança, mas era preciso seguir todo aquele processo, desde sacrifícios de animais até ofertas de arrependimento; era necessário seguir uma série de passos para obter o perdão de Deus. Mas nosso Deus nos restaura, nos transforma, e podemos dar graças, pois vivemos debaixo da nova aliança.

¹ <https://www.thegospelcoalition.org/article/why-pastors-are-committing-suicide/>.

Capítulo 8

glória crescente

2Coríntios 3.7-18

Quando o véu é retirado

Se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés, por causa do seu brilho, que estava se dissipando, como não será de maior glória o ministério do Espírito? Porque, se o ministério que traz a condenação era glorioso, quanto mais glorioso ainda será o ministério que traz a justiça! Pois, na verdade, o que foi glorioso deixou de sê-lo, em comparação com a glória extremamente maior. Porque, se o que estava se dissipando era glorioso, muito mais glorioso será o que permanece. Tendo, pois, tal esperança, valemo-nos de muita confiança no falar. E não somos como Moisés, que colocava um véu sobre o rosto, para que os israelitas não fixassem os olhos no restante da glória que se dissipava. Mas a mente deles tornou-se insensível. Pois até hoje, quando ouvem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece e não lhes é retirado, pois somente em Cristo ele é removido. Sim, até hoje, sempre que Moisés é lido, há um véu sobre o coração deles. Contudo, quando um deles se converte ao Senhor, o véu é retirado. “O Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade.” Mas todos nós, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor.

Conforme temos visto, um dos motivos que levou Paulo a escrever essa carta foi defender-se dos ataques que estavam sendo feitos contra ele na igreja de Corinto, a qual ele mesmo havia fundado e da qual estava ausente já há algum tempo. Tais ataques eram feitos por falsos apóstolos, pregadores judaico-cristãos a quem chamamos de judaizantes. Eram mestres que se diziam enviados de Deus, com credenciais e autoridade delegadas pelas autoridades judaicas em Jerusalém, com a finalidade de ensinar ou corrigir o evangelho que Paulo tinha pregado. Esses pregadores diziam que Paulo era um fracasso como pregador, como missionário, como pastor e apóstolo. A prova disso é que não havia um só lugar em que Paulo fosse em que ele não fosse expulso, apedrejado, preso, quando não escorraçado e mandado embora da própria cidade. Ele levava uma vida de rejeição por parte do povo de Israel, que era o povo de Deus.

Como alguém que fosse um enviado de Deus não desfrutaria da aceitação do próprio povo de Deus? Como ele poderia ser um homem de Deus, se a sua mensagem não era recebida como tal nem mesmo pelo próprio povo de Deus?

Paulo, então, defende-se na carta de 2Coríntios. Destacamos que esse não é o único motivo de ele ter escrito essa que conhecemos como a Segunda Carta aos Coríntios, embora seja uma das razões principais. Ele se defende dessas acusações e de outras parecidas fazendo uma exposição do seu ministério em comparação com as alegações que estavam sendo levantadas contra ele. Essa defesa de Paulo fez com que, pela providência divina, nós tivéssemos na Bíblia, nos capítulos 2 a 5 dessa carta, uma das melhores exposições sobre o que é o ministério cristão. Qualquer pastor que queira ensinar a respeito do que é o ministério e a vocação pastoral, sobre qual é a finalidade do chamado, qual é o dever dos ministros e pregadores do evangelho, o que eles devem fazer e o que devem evitar terá inevitavelmente de passar por 2Coríntios 2 a 5. Pois é nesse texto que temos uma das mais completas definições do que é o verdadeiro ministério cristão.

Todo esse quadro surge quando Paulo se defende daqueles que o acusavam de ser um falso ministro. Ele, então, responde, explicando o que são o verdadeiro ministro e o verdadeiro ministério, em contraposição ao falso ministério e àqueles falsos profetas, falsos mestres.

Já começamos a ver essa defesa de Paulo desde alguns capítulos atrás. Paulo se defende dizendo, primeiramente, que, apesar de sua mensagem não ser aceita em todo lugar nem por todos, ele vê seu ministério como um triunfo constante.

Vimos isso em 2Coríntios 2.14-17. Paulo, inclusive, usa a figura do triunfo romano, quando os generais vitoriosos entravam em sua própria cidade, cobertos de glória e recebendo o aplauso e a aprovação do seu povo, em triunfo. E Paulo diz, então, lançando mão dessa figura: “Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo” (2Co 2.14). Ou seja, mesmo quando parecia não haver muito resultado, ou mesmo quando muita gente rejeitava a sua pregação, ainda assim, diz Paulo, ele sabia que o seu ministério era triunfante, porque sabia que Deus não o havia chamado para ser bem-sucedido. Deus o havia chamado para ser fiel, e iria julgar o apóstolo pela fidelidade à sua Palavra, não pelo sucesso que, porventura, viesse a ter ou deixasse de ter. Até porque, como Paulo diz em 2Coríntios 2.15, o evangelho é um perfume, é o aroma de Cristo, que é cheiro de morte para aqueles que se perdem e aroma de vida para aqueles que se salvam. O evangelho que salva é o mesmo evangelho que deixa a pessoa indesculpável diante de Deus e, portanto, debaixo da sua condenação. Portanto, a pregação fiel do evangelho sempre é bem-sucedida, pois o propósito de Deus com a pregação nem sempre é salvar a todos; às vezes, como vimos, seu objetivo é deixar algumas pessoas indesculpáveis diante dele. Nesse sentido, o ministro de Deus sempre é conduzido em triunfo, a despeito dos resultados que colhe em seu ministério.

O segundo argumento da defesa de Paulo está em 2Coríntios 3.1-3, quando ele diz que, ao falar essas coisas, ele não está fazendo uma autorrecomendação. Ou seja, ele não está recomendando a si mesmo à igreja de Corinto nem a qualquer outra. Pois, embora aqueles falsos mestres tivessem se apresentado com uma carta de recomendação à igreja, para conferir autoridade ao que eles estavam falando, Paulo tinha uma carta de apresentação superior, que era a própria vida dos coríntios, a conversão deles, o fato de que eles foram tocados e transformados pelo evangelho. Essa era a carta de Cristo, escrita no coração deles.

No entanto, ao contrário da mensagem daqueles falsos mestres que defendiam a lei — a qual tinha sido gravada em tábuas de pedra —, a pregação de Paulo fora usada pelo Espírito Santo para escrever o evangelho no coração dos coríntios. Então, essa era uma carta de apresentação da parte do próprio Deus, que era muito superior às cartas de recomendação que os judaizantes estavam trazendo da parte das autoridades de Jerusalém.

O terceiro argumento de Paulo está em 2Coríntios 3.4-6, quando Paulo diz que a confiança dele em pregar o evangelho e dizer essas coisas que podem parecer

ousadas não se baseia naquilo que ele é nem no que pensa. Sua confiança está em Deus, porque este o fez ministro de uma nova aliança. E diz ainda que essa nova aliança é a aliança do Espírito, e é superior à antiga aliança, porque a “letra” (que caracteriza a antiga aliança) mata, mas o Espírito (que caracteriza a nova aliança) dá vida. Paulo, então, se apresenta como esse ministro da nova aliança.

Agora chegamos ao quarto argumento do apóstolo Paulo em sua defesa, no qual ele fala sobre a glória crescente dessa nova aliança e o seu ministério como ministro da nova aliança, em contraste com a glória evanescente do ministério dos judaizantes. Essa é uma comparação muito interessante, que envolve algumas figuras e passagens do Antigo Testamento.

Sintetizando os argumentos que Paulo usa em sua defesa: seu ministério é um triunfo constante; sua autoridade para o ministério é inegável; sua confiança é inabalável; e a glória de seu ministério é crescente. Glória crescente, portanto, é o resumo que dou ao que Paulo vai dizer em 3.7-18.

Glória crescente

O pano de fundo da comparação que Paulo vai fazer é a crítica que esses falsos mestres judaizantes estavam fazendo a ele, dizendo que a glória do ministério mosaico era superior à simplicidade do evangelho. E, à primeira vista, pode parecer que de fato é assim.

Quando olhamos o Antigo Testamento e vemos toda a imponentia e a glória da religião que Deus revelou aos judeus, podemos sentir a força desse argumento. Sentimos isso a começar pela construção do próprio Templo, com seus utensílios cobertos de ouro e materiais preciosos. Todo aquele ritual envolvia a participação de levitas e sacerdotes, que se vestiam com trajes especiais, mitras de ouro, túnicas costuradas com fios de ouro exatamente da maneira estipulada por Deus. Até a cor das vestes fora determinada por Deus. Havia ainda a maneira pela qual os animais deveriam ser sacrificados a maneira como, mais tarde, Davi introduziu a presença de corais para cantarem junto com instrumentos musicais, também desenvolvidos pelo próprio Davi para serem usados nos cânticos no

Templo e nos sacrifícios. Destacavam-se, ainda, os levitas e o ensino da lei ao povo. Em resumo, toda a religião do Antigo Testamento era extremamente suntuosa, parecia algo glorioso, majestoso. A própria maneira como a Lei fora dada revestia-se de glória: Moisés subiu ao alto do monte; a glória de Deus desceu sobre o Sinai; a sarça em chamas; houve trovões e relâmpagos. O povo tinha medo até de se aproximar; quem tocasse o monte seria morto. Quando Moisés desceu trazendo duas tábuas da Lei nas mãos, o rosto dele brilhava com a glória de quem esteve na presença de Deus, durante quarenta dias. Portanto, o argumento dos judaizantes parecia bem forte. Eles diziam: “Vejam, comparem a glória do judaísmo, a religião que Deus deu aos judeus, com essas igrejazinhas que Paulo está plantando, nas quais pessoas se reúnem, mas não têm rituais, nem sacrifícios, nem cerimônias; não têm nada. Os líderes são escolhidos dentre o próprio povo, entre pessoas comuns. O culto consiste em vocês cantarem, lerem trechos da Bíblia, aqui e acolá alguém exercer algum dom espiritual. Ou seja, o cristianismo é uma religião muito sem expressão, se comparada ao judaísmo da antiga aliança”. Esse era, então, o argumento que estava sendo trazido à igreja de Corinto, na tentativa de fazer com que os coríntios abandonassem o cristianismo e adotassem uma espécie de judaísmo cristianizado que ainda preservava aquelas cerimônias gloriosas da antiga aliança.

A resposta de Paulo toma duas direções. Primeiro, ele diz que, na verdade, a glória da nova aliança, do evangelho em Cristo Jesus, é muito maior do que a glória da antiga aliança e do sistema do ministério mosaico. O segundo argumento de Paulo é que aquela glória da antiga aliança com o passar do tempo iria se apagando. Os judeus é que não percebiam isso. Ou seja, além de ser uma glória inferior à da nova aliança, também era uma glória evanescente, que ia perdendo seu brilho com o passar do tempo. Portanto, Paulo insiste que o ministério dele como ministro da nova aliança e do evangelho é superior ao ministério desses judaizantes, que ensinavam a lei de Moisés como condição para a salvação.

A figura principal do Antigo Testamento, o principal texto do Antigo Testamento que está por detrás de tudo que Paulo está falando é Êxodo 34.29-35. Esse trecho se refere àquele momento em que, depois de quarenta dias no alto do monte Sinai, Moisés desce trazendo a Lei e os Dez Mandamentos gravados em duas tábuas:

Quando desceu do monte Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu do monte, Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, por ter Deus falado com ele. E quando Arão e todos os israelitas olharam para Moisés e viram que a pele do seu rosto resplandecia, tiveram medo de aproximar-se dele. “Então Moisés os chamou, e Arão e todos os líderes da comunidade foram até ele; e Moisés falou com eles.” Depois chegaram também todos os israelitas, e ele lhes comunicou tudo o que o Senhor lhe dissera no monte Sinai. Assim que acabou de falar com eles, Moisés cobriu o rosto com um véu. “Mas, quando ia à presença do Senhor para falar com ele, Moisés tirava o véu até sair; quando saía, dizia aos israelitas o que lhe havia sido ordenado.” “Assim, os israelitas viam o rosto de Moisés com a pele resplandecente; e ele recolocava o véu sobre o rosto até entrar outra vez para falar com Deus” (Êx 34.29-35).

Moisés desce do monte e seu rosto está resplandecendo, cheio de luz, como um farol iluminado que brilhava. Ninguém conseguia olhar para o rosto de Moisés. E o que ele fez, então? Colocou um véu. Não sabemos que tipo de véu era, mas provavelmente algo como uma burca: alguma coisa que lhe cobria completamente o rosto. Quando falava com o povo, ele ficava com o véu. Quando ia falar com Deus, ele entrava no tabernáculo e tirava o véu. Tendo falado com Deus, ele recolocava o véu, vinha e transmitia as palavras de Deus ao povo.

Esse é o trecho que Paulo vai usar em sua argumentação. Vejamos o que Paulo fará com essa passagem, em defesa do seu ministério. A partir do versículo 6, ele faz cinco comparações entre o ministério da nova aliança (que é o ministério do evangelho) e a glória da antiga aliança (que é o ministério desenvolvido sob a lei mosaica). Vamos repassar juntos essas diferenças.

Primeira comparação

A primeira comparação que ele faz é relacionada ao conteúdo, e está no versículo 6, que vimos no capítulo anterior, mas que também faz parte do

contraste: “Foi ele [Deus] quem também nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, mas o Espírito dá vida.” (v. 6).

A primeira comparação, portanto, tem relação com o conteúdo das duas alianças e dos dois ministérios. O ministério da antiga aliança, o qual Paulo chama de lei, diz que esta condena e mata, enquanto o ministério da nova aliança é conduzido no Espírito. O ministério do Espírito — e argumentamos que Espírito deve ser grafado em letra maiúscula, pois é o Espírito de Deus — dá vida. Logo, a lei pode parecer gloriosa, mas, na verdade, tudo aquilo que era feito com base nela tinha por objetivo mostrar o pecado do homem e condená-lo, apontando para a necessidade de um salvador. Enquanto o ministério da nova aliança, o evangelho, o cristianismo, pode parecer mais simples, mas, pelo Espírito Santo, traz vida. Isso, portanto, torna a nova aliança superior à antiga. Essa é a primeira comparação.

Segunda comparação

A segunda comparação que o apóstolo faz é relacionada à finalidade, e está nos versículos 7 a 9. A antiga aliança trazia morte e condenação; a nova aliança traz vida e justiça pelo Espírito: “Se o ministério da morte [referência à legislação judaica], gravado com letras em pedras [referência às duas tábuas da lei, que Moisés trouxe do alto do monte Sinai], veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés, por causa do seu brilho, que estava se dissipando, como não será de maior glória o ministério do Espírito?”. Ele vai explorar esse ponto sobre o brilho, que estava se dissipando mais adiante, pois o Antigo Testamento nada fala sobre isso. Há uma corrente que diz que aquela glória do rosto de Moisés estava acabando. É preciso entender por que Moisés colocou o véu. Não foi porque o brilho de seu rosto estava ofuscando o povo, mas sim para que os filhos de Israel não percebessem que esse brilho estava diminuindo. Então, ele já dá uma pista disso nesse versículo.

No entanto, há outra corrente que argumenta em sentido diferente e defende que Paulo disse, em síntese: “Se o ministério da morte e da condenação veio com

toda aquela glória, a ponto de Moisés ter de cobrir o rosto com o véu, como não será maior a glória do ministério do Espírito!”. Se o ministério da lei gravada em pedra veio com aquela glória toda, o ministério do Espírito de Deus, mediante a pregação do evangelho, baseado na morte e na ressurreição de Jesus, terá uma glória muito maior. A glória da antiga aliança, porém, era uma glória visível, externa, baseada em um brilho exterior. A glória da nova aliança pelo Espírito Santo é conferida de outras maneiras.

Paulo diz, no versículo 9: “Porque, se o ministério que traz a condenação [ou seja, a lei que Moisés trouxe] era glorioso, quanto mais glorioso ainda será o ministério que traz a justiça [ou seja, o ministério pelo qual se justificam os homens, pois o ministério da lei não justificava]”. A finalidade da lei, que Moisés trouxe do alto do monte Sinai, era mostrar a pecaminosidade do ser humano, condená-lo, julgá-lo sob a lei, para mostrar que ele não podia ser seu próprio salvador, uma vez que não conseguia cumprir todos os requisitos da lei. Então, ele precisava de alguém que o redimisse, o salvasse. Esse era o ministério da morte, da lei, da pedra, da letra que mata. E, se esse ministério veio em glória, muito maior será a glória do ministério cuja finalidade é salvar, justificar o pecador, redimi-lo de suas iniquidades. Assim, notamos que Paulo está se referindo à pregação do evangelho em Cristo Jesus. Portanto, a glória do ministério da vida, da justiça, também é superior com relação à finalidade.

Terceira comparação

Paulo continua em sua comparação, e, nos versículos 10 a 13, explora aquela frase que havia dito no final do versículo 7: “por causa do seu brilho, que estava se dissipando”. O apóstolo retoma isso nos versículos 10 a 13. Portanto, a terceira comparação que ele faz é relacionada à questão da permanência da glória na antiga aliança e na nova aliança, como vemos nos versículos 10 a 13.

Afinal, o que ele está dizendo nesses versículos? Ele trará um conceito que não está claro no Antigo Testamento, porém, como apóstolo de Jesus Cristo, Paulo interpreta as Escrituras autoritativamente. Ele diz que a razão pela qual Moisés colocou o véu sobre o rosto não foi para evitar que o povo ficasse ofuscado com o brilho que dele emanava. Antes, foi para que o povo não visse que aquele

brilho estava se dissipando. Essa foi a razão. Veja como ele diz isso neste versículo: “Pois, na verdade, o que foi glorioso [o ministério mosaico da antiga aliança] deixou de sê-lo, em comparação com a glória extremamente maior [do ministério da nova aliança]” (v. 10).

Em outras palavras, surgiu uma glória maior, que é a glória do evangelho, e sobrepujou a glória da antiga aliança: “Porque, se o que estava se dissipando era glorioso, muito mais glorioso será o que permanece” (v. 11). Ou seja, se o ministério de Moisés, da antiga aliança, da Lei, que era passageiro, teve a sua glória, muito mais glória terá o ministério da nova aliança, que é permanente. A lei de Moisés, a antiga aliança, era provisória, era típica; ela era uma sombra que apontava para a frente, para a chegada do Messias. Ora, se ela, que apontava para a frente, que era provisória e passageira, teve glória, muito mais glória terá aquilo para o qual ela apontava: o ministério do evangelho, que é permanente, para todo o sempre, pois não virá mais nada depois do evangelho, uma vez que ele é o último estágio do plano da redenção de Deus.

Assim, se o primeiro estágio, que era passageiro, foi revestido de glória, imagine a glória do último estágio, que é permanente e ficará para sempre. Essa é, portanto, a comparação que Paulo faz nos versículos 10 a 13. “Tendo, pois, tal esperança [ou seja, de que o evangelho tem uma glória muito maior, um brilho muito maior], valemo-nos de muita confiança no falar” (v. 12). E continua: “E não somos como Moisés, que colocava um véu sobre o rosto, para que os israelitas não fixassem os olhos no restante da glória que se dissipava” (v. 13). Assim, a razão pela qual Moisés colocava o véu era para que os filhos de Israel não percebessem que a glória da antiga aliança estava passando. Ela era passageira e teria de dar lugar a um ministério mais glorioso, a uma glória superior. Por isso, o véu.

Portanto, Paulo está dizendo, em síntese: “Eu não sou como Moisés. Não preciso esconder nada de vocês, porque o brilho do evangelho da nova aliança é perpétuo, é para sempre. Não há necessidade de ocultar essa verdade, como foi ocultada na antiga aliança”.

Quarta comparação

A quarta comparação que Paulo faz encontra-se nos versículos 14 a 17, e é relacionada à questão do entendimento das Escrituras. Paulo diz que até hoje, quando leem o Antigo Testamento, os judeus não o entendem, porque aquele véu que estava sobre o rosto de Moisés está no coração deles. Na nova aliança, porém, para toda pessoa que se converter a Cristo, esse véu será tirado. Portanto, essa pessoa poderá olhar para o Antigo Testamento e entender a sua mensagem com clareza. Assim, a comparação agora é de caráter hermenêutico. Na nova aliança em Cristo, nós temos condição de ler o Antigo Testamento e perceber o seu verdadeiro sentido. Sem ter Cristo Jesus como referencial, porém, quem ler o Antigo Testamento verá apenas uma religião legalista, que exige a observância de uma porção de normas, e a pessoa vai se perder na interpretação. Ou seja, sem Cristo a pessoa não vai entender as Escrituras.

Veja como Paulo diz isso: “Mas os sentidos deles [dos judeus] se embotaram” (v. 14, ARA). Uma faca embotada é aquela que perdeu o corte, que não corta mais. Uma coisa que se embota é algo que perdeu o gume, a agudeza. Paulo usa essa metáfora com relação aos sentidos: a capacidade de os judeus perceberem a mensagem da antiga aliança é como um machado que perdeu o corte, que perdeu o fio. Não é mais útil. Assim, a mentalidade e a capacidade espiritual de perceber a realidade da antiga aliança se embotaram nos judeus. “Mas os sentidos deles se embotaram”, diz o apóstolo. Por quê?

Paulo explica: “Pois até hoje [ele está falando para sua época], quando ouvem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece” (v. 14). Quando menciona a leitura da antiga aliança, Paulo se refere ao fato de que, todo sábado, os judeus se reuniam nas sinagogas e liam trechos da lei, dos profetas, e dos salmos. E o rabino depois os explicava. Esse era o ritual que os judeus cumpriam todo sábado. Quando não escutavam a lei no Templo também, onde os levitas ministravam esse ensino. Paulo, portanto, está dizendo que “até hoje”, quando eles fazem a leitura da antiga aliança, “o mesmo véu permanece” (v. 14). Ou seja, eles abrem as Escrituras da antiga aliança nas sinagogas, fazem a leitura, mas “há um véu sobre o coração deles” (v. 15). O véu colocado sobre o rosto de Moisés é o mesmo que está sobre o coração deles. Por isso, eles leem o Antigo Testamento e dizem: “Não estou vendo Cristo aqui”. Não estou vendo o evangelho aqui. Estou vendo apenas Deus dizendo para eu guardar a lei se quiser ser salvo. É somente isso que vejo”. Seus sentidos se embotaram.

Paulo, portanto, trabalha com essa figura: o véu que estava sobre o rosto de Moisés e que impediu que os judeus compreendessem que aquele sistema era

passageiro é o mesmo véu que está sobre o coração deles hoje, quando leem as Escrituras da antiga aliança. Ora, “não lhes sendo revelado que, em Cristo, [esse véu] é removido” (v. 14, ARA), eles não conseguem perceber que a glória de tudo aquilo era passageira e seria sobrepujada pela vinda de Cristo Jesus.

Mas, afinal, quem é o cristão? É basicamente alguém cujo véu foi removido do coração, cujos sentidos foram restaurados e que consegue, depois disso, ler as Escrituras e compreendê-las. Eu mesmo vi isso acontecer com extrema clareza em minha vida. Fui criado na igreja, ouvindo a Bíblia desde cedo em casa, com os meus pais, na escola dominical da igreja que frequentávamos. Participava da mocidade da minha igreja, cheguei a ser líder. Participava de estudos bíblicos. Lembro-me de ter participado, certa vez, de um concurso sobre o livro de Daniel. Fiquei em segundo lugar, porque errei uma pergunta, e fiquei muito bravo por isso. Cheguei a cantar no coral da igreja também. Namorei a filha do pastor! Mas eu participava de tudo aquilo porque minha família era da igreja; porque eu cresci ali. Aos 17 anos, larguei tudo aquilo e fui para o mundo. Converti-me aos 22 anos de idade. Eu me lembro da noite da minha conversão, quando tudo o que eu tinha aprendido na infância e na adolescência voltou com muita clareza, como se eu nunca tivesse deixado de ter a Palavra de Deus no meu coração. Eu abri a Bíblia, e ela falava comigo a tal ponto, que eu ia para a universidade — onde, a essa altura, eu estava cursando desenho industrial, na Universidade Federal de Pernambuco —, levava uma Bíblia dos Gideões, e não conseguia ficar em sala de aula. Eu queria ler a Bíblia! Matava aula; ia para o último andar do prédio; me sentava lá e devorava a Bíblia, ficava horas e horas lendo. E aquele livro falava comigo, pois o véu tinha sido retirado. Eu agora podia entendê-lo e amá-lo, pois, em Cristo, aquele véu fora removido.

Quem é o cristão, então? É alguém a quem Deus restaurou a capacidade do entendimento espiritual, e essa pessoa pode agora ver e entender a Deus, amar o evangelho, perceber as coisas de Deus. Antes disso, é como o próprio Paulo diz: “O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois lhe são absurdas; e não pode entendê-las, pois se compreendem espiritualmente” (1Co 2.14). O cristão, porém, é essa pessoa a quem Deus abre o entendimento, restaura a capacidade de compreensão e lhe dá amor pelas coisas de Deus.

Paulo afirma, no final do versículo 14 até o 15: “o mesmo véu permanece e não lhes é retirado, pois somente em Cristo ele é removido. Sim, até hoje, sempre que Moisés é lido, há um véu sobre o coração deles”. Embora Moisés tenha falado do Messias que viria, do profeta; embora Moisés tivesse dito que os

judeus tinham de circuncidar o coração; embora Moisés tenha falado de Cristo nas alturas e profundidades; embora tenha dito que a palavra estava muito próxima deles, estava na sua boca e no seu coração; ainda assim o véu impedia que os judeus vissem a graça do evangelho naquilo que Moisés havia falado.

Mas observe o versículo 16: “Contudo, quando um deles se converte ao Senhor, o véu é retirado”. Não foi justamente isso que aconteceu com Paulo? Ele era um profundo conhecedor do Antigo Testamento; era um rabino instruído aos pés de Gamaliel. Quanto mais ele lia o Antigo Testamento, mais sentia que seu dever era matar todos os cristãos que estavam ensinando essa heresia, o cristianismo, que era um ensino falso, pernicioso. Segundo o entendimento de Paulo nessa época, matar os cristãos e exterminar o cristianismo era um favor a Deus. Portanto, ele era um homem versado nas Escrituras. Era um rabino treinado em todas as técnicas de interpretação.

Certo dia, no caminho de Damasco, Cristo apareceu a ele. E Paulo entendeu que Cristo era o Senhor, o Messias. A partir daí, ele volta a ler as Escrituras, mas de outra perspectiva. O véu fora removido. E Paulo agora entende o que Isaías estava dizendo na passagem de 53.5: “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas maldades”. Agora ele compreende o que Oseias quis dizer, quando falou que Deus nos matará e, ao terceiro dia, nos fará ressurgir (6.2). Agora ele entende o significado dos sacrifícios e de tudo que aprendera.

Imagine a confusão que havia na cabeça de Paulo! Veja, primeiro ele se converteu, só depois ele foi entender a Bíblia. A ordem é essa, pois, sem conversão, a Bíblia sempre será um livro velado. A pessoa pode ler e ler, mas não vai entender.

Uma das mentes mais brilhantes do século 20, nas áreas de exegese, conhecimento do grego, do latim, da literatura clássica, da arqueologia, foi um alemão chamado Rudolf Bultmann. Ele é considerado uma das maiores autoridades em Novo Testamento. Mas Bultmann era um incrédulo. Ele não acreditava na ressurreição literal de Jesus. Não acreditava que Cristo morreu por nossos pecados. Não cria em nenhuma dessas coisas. Seu comentário do Evangelho de João é extraordinário. Quando se chega naquela parte final, em que João relata que Jesus aparece aos discípulos e Tomé, então incrédulo, é convidado a colocar o dedo nas feridas de Cristo, para comprovação, Bultmann enquadra o texto, os detalhes, de um modo que o leitor fica impressionado. No

final, ele diz que o autor do Evangelho de João acreditava plenamente que Jesus tinha ressurgido de entre os mortos, “mas eu não”. Ele consegue falar do texto, de sua profundidade, mas não consegue crer! Ele não consegue ver, pois o véu nunca lhe foi retirado — e ele já morreu.

“O Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade” (v. 17). Como já disse, esse trecho de 2Coríntios 2—5 contém alguns dos versículos mais mal interpretados de toda a Bíblia. O primeiro deles, que mencionei no capítulo anterior, foi: “porque a letra mata, mas o Espírito dá vida” (3.6). E agora temos este outro versículo, que tem sofrido torturas horríveis nas mãos de alguns exegetas: “O Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade” (v. 17). Como esse texto é entendido por alguns? Muitas vezes ele é usado como justificativa para que se faça o que bem quiser no culto. Por quê? Porque o texto diz: “onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade”.

Mas você se lembra daquelas três regras básicas de interpretação bíblica que mencionei: Contexto, contexto, contexto? O contexto desse versículo por acaso está falando de culto? Que liberdade é essa de que Paulo está falando nesse contexto? Ele fala da liberdade de alguém que, depois de convertido, pode olhar para a antiga aliança sem o véu. Essa é a liberdade a que Paulo está se referindo: a liberdade hermenêutica ou de compreensão epistemológica, se quiser usar um termo mais técnico para isso. Quando diz “onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade”, ele está dizendo que, onde o Espírito Santo iluminou, regenerou e deu vida, aí, então, a pessoa fica livre do véu, pode olhar para o Antigo Testamento e ver Cristo ali, pode entender o verdadeiro significado da antiga aliança. É isso que significa essa passagem, e não tem nada a ver com uma autorização para a pessoa fazer maluquices no culto.

Portanto, essa é a quarta comparação que Paulo faz: o ministério da nova aliança tem o rosto descoberto, olha para as Escrituras a partir de Cristo e percebe o seu verdadeiro significado, enquanto o ministério da antiga aliança, pregado pelos judaizantes, tem seu rosto coberto pelo véu. Por isso, eles não percebem a suficiência de Cristo nem a glória de Cristo na antiga aliança.

Quinta comparação

A última comparação está no versículo 18 e tem a ver com os efeitos do ministério de ambas as alianças:

Mas todos nós [cristãos que foram libertos, pelo Espírito Santo, do véu do legalismo, que impede de ver a glória de Cristo na antiga aliança], com o rosto descoberto [diferentemente de Moisés], refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor.

Esse é o efeito do ministério da nova aliança: agora, com o rosto desvendado, olhamos para o Senhor em toda a sua glória, e “somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor”. É isso que significa ser cristão: poder entender as coisas de Deus; ser iluminado pelo Espírito Santo. E agora, com o rosto descoberto, o cristão contempla a glória de Cristo, algo que não era perceptível no Antigo Testamento para os judeus. O cristão, porém, percebe a glória de Cristo, quem ele é, suas funções, seus ofícios (profeta, sacerdote e rei), a sua obra completa, perfeita. Ele se deleita em Cristo, e, quanto mais o contempla, mas vai sendo transformado à imagem dele. É a isso que chamamos de santificação. É isso que Deus faz conosco todos os dias: transforma-nos de glória em glória. Essa glória é parte de um ministério progressivo: enquanto a glória da antiga aliança era algo decrescente, a glória do cristianismo é crescente, até aquele glorioso dia, quando Cristo vier em glória nas nuvens, e nós seremos transformados. Os mortos serão ressurretos, e, então, entraremos na glória final. Mas essa glória já começa aqui e agora. Por isso é dito que “somos transformados de glória em glória”.

Como Deus faz isso? Através do ensino da sua Palavra; através das aflições. Não estranhe, portanto, quando surgirem aflições em sua vida. Não estranhe quando for atingido pelo sofrimento, pela dor, pois esse é o meio de Deus nos transformar de glória em glória. Pois o nosso Salvador só experimentou a vitória da ressurreição depois da cruz. Assim, enquanto estivermos neste mundo, essa transformação às vezes será feita por meio de decepções, tristezas, dor, perplexidade, doença, necessidades financeiras. E, claro, nada disso vai nos separar do amor de Deus nem dos planos dele. É apenas Deus nos purificando e nos preparando para essa glória maior. Veja sob essa perspectiva.

O ministério da nova aliança, portanto, é muito mais glorioso. Então, qual é o ponto que Paulo destaca nesse versículo 18? Ele está dizendo aos coríntios, em síntese: “Vocês têm certeza de que querem trocar a mensagem do evangelho que aprenderam pela mensagem desses mestres? Têm certeza de que querem ressuscitar a lei, a letra que mata, cuja glória é evanescente, como a glória sobre o rosto de Moisés, coberta pelo véu? Têm certeza de que vocês querem isso mesmo?”.

Como entendermos o fato de tantas igrejas e de alguns cristãos se sentirem atraídos pela glória da antiga aliança, e quererem introduzir em suas igrejas os costumes da antiga aliança? Talvez fiquem fascinados pela glória da arca, do Templo, das vestes sacerdotais, pela imponência das cerimônias. Mas o cristianismo é simples. Ele é despojado, baseado apenas na morte e na ressurreição de Jesus. Temos somente duas cerimônias: o batismo e a ceia do Senhor, que resumem todo o evangelho, todo o cristianismo. E servimos a Deus em Espírito e em verdade, não por meio de imagens, símbolos, cerimônias externas, mas tão somente na simplicidade do evangelho, que é acessível a todos.

Conclusões e aplicações práticas

Diante do legalismo que continua presente na cristandade brasileira, é preciso que se anuncie o evangelho da graça, e não moralidade ou religião. Há muitas pessoas nas igrejas cristãs que foram ensinadas que sua salvação depende do cumprimento de regras, usos, costumes, abstenção de determinadas comidas e um certo isolamento monástico da cultura. O evangelho da graça é o único remédio para mentes cativas a sistemas de salvação por obras e méritos.

Se tivermos de pregar a Lei — e eventualmente temos que fazê-lo, uma vez que ela faz parte da revelação de Deus ao homem, que o façamos no contexto da justificação pela fé. Pregue a Lei, as demandas de Deus sobre nós, mas pregue também a graça, que anuncia que Cristo satisfaz as demandas da Lei em nosso lugar e ofereceu uma satisfação plena e eficaz ao Pai na cruz do Calvário.

Uma palavra de encorajamento a você que é pastor: pregue e pastoreie com

entusiasmo, tomado pela glória da nova aliança! Deixe que ela inflame seu coração com amor a Deus e paixão por anunciar sua gloriosa graça a pecadores perdidos. Não se deixe levar pela ilusão de que o antigo é mais espiritual, como alguns pregadores têm feito, pregando a lei e esquecendo a graça.

Por último, faça uma análise profunda de seu ministério nos últimos anos buscando responder a essas perguntas: Os frutos mostram que sou enviado de Deus? Meu ministério é evangélico? Ou é simplesmente uma religião legalista? Conheço esse poder do Espírito? Tire um tempo para jejum, oração, reflexão, meditação e renovação pessoal. Que o Senhor, Deus da glória, o encha do poder do Espírito para que você possa servi-lo com fidelidade.

Capítulo 9

cegueira espiritual

2Coríntios 4.1-6

O deus deste século

Portanto, tendo este ministério pela misericórdia que nos foi concedida, não nos desanimamos. Pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas, que são vergonhosas, não procedendo com astúcia, nem distorcendo a palavra de Deus. Mas, pela proclamação pública da verdade, recomendamos-nos à consciência de todos os homens diante de Deus. Se o nosso evangelho está encoberto, é para os que estão perecendo que está encoberto, entre os quais o deus deste século cegou a mente dos incrédulos, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Pois não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por causa de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, foi ele mesmo quem brilhou em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

Nesse trecho de 2Coríntios, veremos mais uma explicação que Paulo dá para o fato de os judeus não crerem na mensagem que ele pregava. Conforme temos visto, um dos motivos que levou Paulo a escrever essa carta foi justamente se defender dos ataques de falsos mestres que haviam se infiltrado na igreja de Corinto. Provavelmente eram pregadores judaizantes: pessoas enviadas pelos judeus para fazer com que aqueles que creram em Jesus Cristo se tornassem

judeus.

Parte da estratégia deles era atacar a autoridade do apóstolo Paulo. Uma vez que Paulo fosse desmoralizado, sua mensagem também cairia em descrédito. Sabemos bem como isso funciona. A credibilidade da palavra de alguém está estreitamente ligada ao caráter dessa pessoa. Se o caráter é desgastado, se pairarem dúvidas sobre ele, sua palavra também cairá no mesmo descrédito. Era isso que esses falsos mestres estavam tentando fazer em Corinto. Eles estavam espalhando nas igrejas de Corinto, fundadas pelo apóstolo, que Paulo era um fracassado como pregador, como missionário, como pastor e como apóstolo. Diziam que ele era um apóstolo de segunda categoria, pois não era nem dos Doze, tinha aparecido depois. Ele também não tinha autorização de Jerusalém, a igreja-mãe, para estar pregando. Além do mais, todo mundo sabia que, por onde quer que Paulo passasse, ele era rejeitado por seus patrícios, os judeus, era apedrejado, e não poucas vezes foi preso e expulso das cidades. Como ele podia ser um homem de Deus dessa forma, se sua mensagem não era recebida sequer pelo povo de Deus, a nação de Israel?

No capítulo anterior, vimos como Paulo se defende, falando da glória crescente do seu ministério em contraste com a glória evanescente, que diminuía progressivamente, do ministério daqueles falsos profetas, os quais defendiam o ministério mosaico. Paulo afirma que a glória da nova aliança é crescente, e que vamos de glória em glória. Em franco contraste, a mensagem dos judaizantes era em favor da manutenção do ministério judaico que, como Paulo demonstrou, o próprio Moisés sabia que estava desaparecendo, a ponto de colocar um véu sobre seu rosto para que não reparassem nisso. Logo em seguida, depois de dizer isso, Paulo passa a dar mais uma explicação para o seu aparente fracasso como pregador entre os judeus, a qual vemos nos versículos 1 a 6.

No próximo capítulo veremos a explicação que Paulo dá para os seus sofrimentos. Ele está tentando responder às acusações daqueles falsos mestres, suas calúnias. Neste capítulo, no entanto, veremos a defesa que ele apresenta para a acusação de que a sua mensagem não era recebida nem pelos judeus. No próximo capítulo, veremos a defesa de Paulo para a acusação de que sofria demais para ser um homem de Deus.

Ele já tinha dito alguma coisa a esse respeito na seção anterior. No capítulo 3.14,15, Paulo tinha dito: “Mas a mente deles [dos judeus] tornou-se insensível. Pois até hoje, quando ouvem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece

e não lhes é retirado, pois somente em Cristo ele é removido. Sim, até hoje, sempre que Moisés é lido, há um véu sobre o coração deles”. Paulo já tinha apontado, portanto, que umas das causas pela quais os judeus não criam na mensagem do evangelho era porque, toda vez que liam as Escrituras, tinham um véu sobre o rosto deles, o mesmo véu que Moisés tinha colocado quando desceu do monte Sinai, para evitar que os filhos de Israel vissem que a glória de seu rosto estava desaparecendo. Esse véu simboliza a tentativa de justificação pela lei, algo que era característico dos judeus. Eles queriam se justificar diante de Deus pela obediência de todas aquelas leis que Deus lhes havia dado. Mas elas não foram dadas com essa finalidade: a lei nunca foi dada para salvar o ser humano. Ela foi dada para mostrar a santidade de Deus, o nosso pecado, e para apontar para o altar onde cordeiros eram sacrificados, a fim de que os israelitas, com base naqueles sacrifícios, recebessem o perdão, tipificando o sacrifício do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Assim, eles não percebiam aquilo por conta do legalismo, desse véu.

Mas agora Paulo mostra que havia mais uma razão para a incredulidade dos judeus. A explicação que ele dá é que Satanás cegou os olhos dos judeus. O Diabo de fato cega o entendimento dos incrédulos. Para explicar isso, ele destaca quatro pontos que quero analisar nessa passagem.

Primeiro ponto

O primeiro ponto que Paulo destaca é que nunca alterou a mensagem que pregava para agradar os judeus e, assim, ganhar a simpatia e a aprovação deles. Isso é dito nos versículos 1 e 2. Em resumo, ele está dizendo que, apesar de a recepção de sua pregação entre os judeus não ser a melhor possível, ele jamais alterou sua mensagem com o objetivo de ganhar mais adeptos, nem com o objetivo de agradar os judeus. Veja como ele diz isso. No versículo 1, ele reconhece que recebeu aquele ministério pela misericórdia de Deus: “Portanto, tendo este ministério pela misericórdia que nos foi concedida, não nos desanimamos” (v. 1). Ele está se referindo ao fato de que, quando era Saulo de Tarso, perseguidor da igreja, Deus misericordiosamente lhe apareceu, no caminho de Damasco, a luz do evangelho brilhou sobre o apóstolo, e ele, então, compreendeu-o. E aquele não foi somente o momento da conversão do

perseguidor Saulo de Tarso, mas foi também o momento do chamado de Paulo, o apóstolo.

Paulo sabia que fora chamado ao ministério pela misericórdia de Deus. Por isso ele não desanimava. Não desfalecia, mesmo que seus patrícios não cressem na mensagem que ele estava pregando. Ele sabia que tinha recebido esse ministério da parte de Deus, que tinha sido pela graça, e por isso ele continuava pregando, mesmo diante da rejeição da nação de Israel.

Em vez de desfalecer, como ele mesmo diz no versículo 2: “Pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas, que são vergonhosas”. Ou seja, Paulo não fazia nada para alcançar resultados melhores, o que é uma tentação muito comum. Estou bem familiarizado com isso, depois de muitos anos trabalhando na vida pastoral, ensinando em seminários, participando dos concílios da igreja presbiteriana. A tentação é muito grande, especialmente para jovens pastores que vão para uma igreja, trabalham lá por um tempo, e os resultados não aparecem. A pressão é muito grande, porque na mesma rua pode haver uma igreja pentecostal ou neopentecostal lotada de gente. Lá está lá o pastor, na mesma rua, com a igreja onde ele está pregando, só com um punhado de pessoas que não aumenta. Então, é imensa a tentação de fazer alguma coisa, usar algum método, algum sistema para encher a igreja.

Paulo está dizendo justamente que ele não sucumbiu a essa tentação. Porque, com frequência, para encher uma igreja, se não for pela pregação verdadeira da Palavra, tem que ser por algum artifício. E existem igrejas que fazem shows; fazem espetáculos; fazem até luta livre, boate gospel. O culto se transforma em um espetáculo, no qual o centro é o homem. A igreja traz pessoas famosas para cantar, para fazer apresentações e tudo mais. Paulo diz que resistiu e não fez nada disso. Mesmo diante do desânimo, da falta de resultados, ele não cedeu à tentação de adulterar a mensagem do evangelho. Olha o que ele diz no versículo. Primeiro, ele rejeitou as coisas “ocultas, que são vergonhosas”. Quer dizer, ele rejeitou procedimentos secretos e vergonhosos, muitas vezes usados com o objetivo de obter sucesso no ministério. Ele rejeitou esses esquemas e motivações erradas para obter lucro e conquistar mais gente. Ele afirma que essas coisas se ocultam, ao passo que os falsos mestres jamais diriam isso. O falso profeta, que enche a igreja a qualquer custo para ter dinheiro, não diz que essa é a motivação dele. Ele diz que é um servo de Jesus, e usa tecnologia evangélica, a Bíblia, sempre ocultando quais são as suas verdadeiras motivações. Paulo, ao contrário, está dizendo que rejeita essas coisas que, por serem

vergonhosas, ocultam-se. Ou seja, é uma vergonha nós quisermos ter sucesso no ministério a qualquer custo, usando de estratégias e métodos escusos, obscuros, que não são os métodos, os objetivos nem as motivações corretas.

Além disso, no versículo 2, Paulo afirma que não procedeu “com astúcia”. Ou seja, ele não usou de má fé. Ocorre má fé quando o pregador ou o pastor engana as pessoas, recorrendo ao uso de astúcia, retórica ou qualquer outra artimanha, sendo que sua real intenção, embora diga que está pregando o evangelho, seja angariar a simpatia daquelas pessoas, não raro para depois levantar recursos financeiros, que sempre foram a maior motivação dentro do campo religioso para os falsos mestres. Paulo afirma que nunca procedeu com astúcia, nunca enganou pessoas.

Ainda no versículo 2, ele diz que não distorcia a Palavra de Deus: “nem adulterando a Palavra de Deus” (v. 2, ARA). Adulterar significa falsificar a mensagem. Todo mundo sabe o que é, por exemplo, gasolina adulterada. Alguém pega a gasolina e adiciona alguma coisa. Alguns põem até água. A gasolina fica adulterada; não é mais como a original. O freguês que para no posto para abastecer o carro paga o mesmo preço, mas está levando gasolina adulterada. O comerciante desonesto, para ter mais lucro, mistura algo no produto para render mais. Paulo está dizendo que ele nunca fez isso; que pregava puramente o evangelho. Ele nunca adulterou essa pregação, misturando elementos humanos ao verdadeiro evangelho, com o objetivo de atrair pessoas, vender mais, e obter lucro com isso. Paulo nunca adulterou a Palavra de Deus. Ou seja, ele sempre foi fiel na pregação daquilo que Deus tinha dito que ele deveria pregar.

A mensagem de Paulo nem sempre era agradável de ouvir. Basta lermos a Carta aos Romanos. Ele começa colocando judeus e gentios debaixo da mesma condenação, dizendo que não há um justo, não há nenhum sequer, que todos pecaram e carecem da glória de Deus, e que somos justificados pela fé em Cristo somente. Em Romanos, ele fala da justificação, a qual pertence a todo aquele que é justificado, ou seja, salvo. A mensagem de Paulo atingia os fundamentos da existência humana. Era baseada na revelação de Deus, que tratava das questões centrais desta vida. Paulo não estava interessado em entreter ninguém, nem em fazer cultos para proporcionar entretenimento às pessoas. Estava interessado em salvá-las da condenação eterna, da qual muita gente não estava nem consciente. Mas ele não mudava isso, pois essa era a pregação do evangelho. Ele não misturava à sua pregação outras coisas como autoajuda, teologia da prosperidade etc. Pregava o puro evangelho, porque sabia que era

exatamente disso que o povo precisava.

Ao contrário, ele diz, “Mas [ou seja, em vez de andar com astúcia, fazer esquemas vergonhosos e adulterar a palavra de Deus], pela proclamação pública da verdade, recomendamos-nos à consciência de todos os homens diante de Deus” (v. 2). Ele proclamava a verdade, e a manifestação da verdade é o evangelho. Portanto, pela pregação do evangelho, Paulo se recomendava à consciência de todos os homens. Era como se ele dissesse: “Julguem por si mesmos. Vocês ouviram minha pregação, ouviram o que eu lhes ensinei. Comparem tudo isso com o que dizem esses falsos mestres. Eu apelo para a consciência de vocês, a quem eu expus a verdade, diante de Deus, para que possam discernir o que é certo e o que é errado”.

Paulo diz ainda que fez isso na presença de Deus. Assim, o primeiro ponto que o apóstolo Paulo destaca é com relação à integridade manifesta do seu ministério: ele nunca adulterou a palavra de Deus, não tinha motivos escusos, e apelou para a consciência dos seus ouvintes como testemunha disso.

Segundo ponto

O segundo ponto está no versículo 3. Embora o evangelho tenha sido pregado com toda pureza, ainda assim ele estava encoberto, velado para aqueles que se perdiam: “Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto” (v. 3, ARA). Esse “mas” estabelece um contraste com os dois versículos anteriores, nos quais Paulo tinha dito, em síntese: “Preguei o puro evangelho. Mas não quer dizer que o puro evangelho salve automaticamente quem o ouve”.

O fato de uma pessoa ouvir o evangelho, mesmo que pregado em sua pureza, não garante que aquela pessoa crerá nesse evangelho, nem que será salva. É o que Paulo fala nessa passagem: apesar de ele ter pregado com fidelidade o evangelho em meio aos judeus, ainda assim eles não se converteram. Por que não se converteram? Porque o evangelho estava encoberto para eles. Ele mesmo diz: “é para os que se perdem que está encoberto”. Em outras palavras, ele diz: “Se, por acaso, a minha mensagem está encoberta — ou seja, é misteriosa,

parece um segredo ou algo que as pessoas não compreendem —, é assim somente para aqueles que se perdem. Para esses que estão se perdendo, sim, a mensagem do evangelho é velada, encoberta, misteriosa, e secreta”.

Portanto, percebemos que Paulo está falando da doutrina ou do ensinamento bíblico da salvação eterna mediante o decreto de Deus, a soberania de Deus e, conseqüentemente, a preordenação da condenação.

O texto não entra na questão da doutrina da predestinação, e eu também não abordarei isso, pois uma boa regra para não cometer equívocos na interpretação é nos atermos ao que o texto está dizendo. No entanto, é evidente que, no versículo 3, Paulo está dizendo o seguinte: Há pessoas que estão se perdendo. Para essas, o evangelho é confuso. Elas não percebem o evangelho. Ou seja, um dos sinais de que a pessoa está caminhando para a perdição eterna é que ela não compreende o evangelho. No caso, compreender não significa uma compreensão intelectual, pois todos conseguem entender esta frase, por exemplo: “Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Se você entregar essa frase, em grego, para um ateu que conheça línguas originais, e perguntar para ele: “Você consegue interpretar o que está escrito aqui?”, ele lhe dará uma interpretação perfeita: “Deus: Teos, no grego, nome usado pelos cristãos para se referir a sua divindade. Amor: verbo agapao, no grego, língua em que há vários verbos para significar amor; nesse caso, o verbo usado geralmente refere-se ao amor sacrificial. Seu filho: huyos, no grego, palavra que significa um descendente. Unigênito: monogenes, no grego, significa literalmente aquele que foi gerado uma vez”. Portanto, o ateu lhe dará uma explicação perfeita de João 3.16, mas não vai acreditar em nenhuma palavra do que está escrito ali.

Quando Paulo diz que o evangelho está encoberto, isso não quer dizer que ele seja intelectualmente ininteligível para o descrente. O descrente sabe muito bem o que nós estamos dizendo, senão alguns deles não nos perseguiriam. Eles sabem perfeitamente que estamos dizendo que eles estão perdidos, ou melhor, que todos estamos perdidos. Eles entendem muito bem que nós estamos dizendo que somente em Cristo Jesus existe salvação. Eles entendem com clareza quando dizemos que as outras religiões são falsas. Sim, eles entendem, e é por isso que alguns deles nos perseguem. Se eles não entendessem, não nos perseguiriam.

Paulo está falando de uma compreensão que acontece no coração. Consiste em você colocar a mão em cima do texto de João 3.16 e dizer: “Deus amou o mundo

de tal maneira. Deus me amou de tal maneira, que deu seu Filho unigênito para morrer por mim, para que eu tenha a vida eterna”. Quem não entender assim, quem não apreender a mensagem do evangelho redentivamente, em seu coração, está caminhando para a condenação.

Se o evangelho está encoberto, ele está encoberto somente para os que estão se perdendo: para aqueles que estão a caminho da destruição eterna por sua própria incredulidade. A referência na mente de Paulo são os judeus, mencionados no capítulo anterior, que têm o véu sobre o coração, e que, portanto, leem as Escrituras e não compreendem, não creem, não recebem Jesus Cristo. Eles estão caminhando para a condenação. E, ao lado dos judeus, estão os gentios, que ouvem a mensagem do evangelho, mas não se apegam, não acolhem essa mensagem com fé no coração. Portanto, essas pessoas revelam que, na verdade, estão caminhando para a condenação.

É claro que isso não nos autoriza a proferirmos o julgamento final em relação a ninguém, pois há pessoas que podem rejeitar o evangelho durante algum tempo, e, de repente, pela graça de Deus, como Paulo vai mostrar mais adiante, um belo dia elas despertam: “Ah, agora eu entendo! Agora estou vendo! Como é que nunca vi isso antes?”. Portanto, de repente, Deus pode fazer isso.

Estou fazendo essa ressalva para você não se precipitar em dizer assim: “Fulano de Tal não crê no evangelho; não recebe o evangelho; logo, está caminhando para a condenação”. Você deve dizer o seguinte: “Se essa pessoa continuar com essa atitude até morrer, sim, será um daqueles que se perderam e foram para a condenação eterna, porque rejeitaram a única forma que existe de perdão de pecados e de salvação”.

Assim, essa é a resposta de Paulo, em resumo: “Se o evangelho que prego está encoberto para os judeus, é porque eles estão no caminho da perdição, por sua própria incredulidade; senão, teriam recebido Cristo como o Messias prometido pelos profetas de Israel”. Esse foi o segundo ponto colocado por Paulo.

Terceiro ponto

Nos versículos 4 e 5, temos o terceiro ponto da explicação de Paulo. Depois de dizer, no versículo 3, que o evangelho está encoberto apenas para os que se perdem, ele diz: “entre os quais [ou seja, entre os que estão se perdendo] o deus deste século cegou a mente dos incrédulos, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (v. 4).

Nesse terceiro ponto, o apóstolo Paulo introduz um elemento em sua explicação que estava faltando até essa altura: a atuação satânica. Nos escritos de Paulo, bem como nos demais escritos do Novo Testamento, nós deparamos com a existência desses seres espirituais malignos, que são chamados de demônios ou anjos caídos, os quais são liderados por um desses anjos, conhecido como Diabo ou Satanás. Seu objetivo é destruir a obra de Deus neste mundo, em especial o ser humano, que foi criado à imagem e semelhança de Deus. Pelo que lemos no Novo Testamento, a principal estratégia do Diabo e dos seus anjos caídos para destruir os seres humanos é cegá-los, iludi-los e enganá-los com respeito à verdade. Diferentemente do que ensinam alguns pastores — os quais afirmam que o propósito do Diabo é tirar sua saúde, seu dinheiro, acabar com seu casamento, sua felicidade, seu negócio —, o Diabo está engajado em algo muito mais perigoso: iludir as pessoas, ainda que para isso ele lhes dê prosperidade, saúde, dinheiro, casamento, carro e tudo mais, como ele prometeu a Jesus lá no deserto: “O Diabo o levou ainda a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles; e disse-lhe: Eu te darei tudo isto, se, prostrado, me adorares” (Mt 4.8,9).

Eu creio que uma das estratégias do Diabo é justamente desviar a igreja evangélica de seu respectivo foco. Claro que ele pode atacar saúde, família, nossa integridade, nossos relacionamentos e uma série de outras coisas. Mas esse não é seu objetivo principal. Seu objetivo é enganar você, manter sua mente cativa, desviar você da verdade, cegar sua mente. O próprio Paulo afirma isso, quando diz que “o deus deste século cegou a mente dos incrédulos” (v. 4).

O Diabo é referido nesse versículo como “o deus deste século” porque, dentro do propósito de Deus na história da humanidade, foi dada a ele autoridade para agir no mundo e sobre os incrédulos, ou seja, aqueles que estão contra a vontade de Deus e o evangelho. O próprio Jesus se referiu ao Diabo nesses termos, quando, no capítulo 12 do Evangelho de João, ele diz a seus discípulos: “Chegou a hora do julgamento deste mundo, e o seu príncipe será expulso agora”. Jesus está se referindo ao Diabo como o príncipe deste mundo, expressão muito parecida com a que Paulo usa em 2Coríntios 4.4: “o deus deste século”. Ao usar a palavra

“deus”, Paulo não quer dizer que o Diabo tenha o mesmo poder de Deus, ainda que, infelizmente, seja essa a ideia que é passada às vezes. As pessoas falam que o Diabo tem poder, tem autoridade e pode isso e aquilo; e nós ficamos pensando: Mas e Deus? Como é isso?

Ora, o Diabo não é “deus” no sentido que Deus é. Ele é chamado de deus nesse versículo no sentido de que tem autoridade e poder para fazer o mal, ou seja, para fazer o que Paulo está dizendo nesse versículo que ele pode fazer. E uma das coisas que o Diabo pode fazer é cegar o entendimento das pessoas. Existe uma incredulidade natural em nosso coração corrompido, a qual pode ser agravada pelas artimanhas do Diabo.

Então, de que maneira o Diabo pode cegar o entendimento dos incrédulos? Com o falso evangelho, por exemplo; com falsas doutrinas; com uma falsa religião; com falsas esperanças; dando um conforto ilusório a respeito da nossa situação com relação a Deus. Existem tantas pessoas idólatras, que têm mergulhado em religiões completamente contrárias à religião de Deus, todavia, quando um crente fala com elas sobre isso, dizem: “Mas eu estou muito bem com Deus. Eu estou ótimo! Meu relacionamento com Deus é perfeito. Eu creio em Deus; creio em Jesus Cristo e em tudo mais”. Mas a pessoa está envolvida com uma seita, uma falsa religião. Assim, essa falsa segurança de que está tudo bem entre ela e Deus é uma das artimanhas de que o Diabo lança mão, através de falsas religiões e de falsos profetas. Ele ilude pessoas, para que pensem que está tudo bem entre elas e Deus, quando, na verdade, estão caminhando para a condenação, porque rejeitam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador.

Além disso, o Diabo desvia a atenção das pessoas com todo tipo de distrações deste mundo. Na parábola do semeador, o próprio Jesus disse que parte da semente vai cair entre espinhos, entre as preocupações deste mundo, que chegam ao coração e abafam o crescimento da semente, que é a palavra de Deus. Ou seja, há muitas coisas neste mundo que podem nos distrair e tirar o nosso foco da verdade, embora nem todas elas sejam necessariamente erradas em sua essência. Por exemplo, algumas pessoas levantam ídolos no coração em lugar de Deus. Esse ídolo às vezes é o marido, a esposa, um namorado; às vezes é um carro, uma propriedade, o seu negócio, seu nome, sua reputação. Nenhuma dessas coisas em sua essência é errada. O errado é fazer delas um ídolo e se ocupar com esses deuses, distrair-se com essas coisas e esquecer a coisa mais importante do mundo: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16.26, ARA). Satanás, portanto, ilude as pessoas com esse tipo de

coisas.

Satanás distrai a mente das pessoas e lhes desvia o foco com as coisas deste mundo, com tentações de todo tipo. O alvo dele é impedir que o evangelho de Cristo resplandeça nos corações. Veja o que Paulo diz no versículo 4: “entre os quais o deus deste século cegou a mente dos incrédulos, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. O resplendor do evangelho, a glória de Cristo, a luz da verdade: é isso que o Diabo não quer que brilhe na sua mente e no seu entendimento. Para evitar que brilhe, ele vai entenebrecer a sua mente com as coisas que mencionei: falsas doutrinas, falsas religiões, falsos deuses, falsos ídolos, confortos neste mundo, distrações de toda espécie. O que ele quer é que a luz do evangelho não brilhe em seu coração. Quando diz “o qual é a imagem de Deus”, Paulo se refere a Cristo. E isso era algo em que os judeus não queriam acreditar: que Jesus de Nazaré era a imagem de Deus, era o próprio Deus. Isso eles nunca poderiam aceitar, e por isso recusaram o evangelho.

E Paulo continua a explicar que, se o evangelho que prega está encoberto, é para os que estão perecendo que está encoberto, e isso acontece porque “não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por causa de Jesus” (v. 5). Ou seja, o apóstolo Paulo diz que nunca pregou a si mesmo, nunca quis impressionar ninguém; nunca quis ter seguidores. Pelo contrário, ele sempre pregou a Jesus Cristo, e, quando falou a respeito de si mesmo, ele se apresentou como escravo daquelas pessoas a quem pregava o evangelho, por causa de Jesus. E é isso que todo pregador deve ser, fazer e dizer: “Não prego a mim mesmo”. Essa é uma das razões pelas quais entre os puritanos, grandes pregadores, era raro alguém ouvir uma ilustração pessoal. Não estou dizendo, porém, que os puritanos não ilustravam a pregação do evangelho com alguma experiência, pois isso ajuda as pessoas a compreenderem o texto. De vez em quando usamos uma experiência que tivemos para ilustrar o ponto da verdade. Contudo, o pregador nunca deve abusar do uso de ilustrações, pois pode dar a impressão de que ele está falando de si mesmo, que está se exaltando. E há pregadores que falam tanto de si mesmos — do que fizeram, quantas almas salvaram, quantas igrejas plantaram, quantos demônios expulsaram —, e se exaltam tanto aos olhos do povo, que Cristo desaparece da pregação. Por isso Paulo diz: “Pois não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor”. E continua, dizendo que, quando prega sobre si mesmo, ele o faz na posição de servo daqueles que o ouvem. Ele é servo deles por causa de Jesus, e anuncia a Cristo crucificado, que é exatamente o que o Diabo não quer

que as pessoas vejam: a glória de Deus na face de Jesus Cristo.

Quarto ponto

Por último, Paulo garante que somente Deus pode quebrar essa cadeia demoníaca. Somente Deus pode reverter esse quadro demoníaco de escuridão e de trevas. Veja o que ele diz no versículo 6: “Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, foi ele mesmo quem brilhou em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo”.

Aqui o apóstolo Paulo passa a falar de sua experiência pessoal. Note que ele mudou o tratamento. A princípio, ele estava se dirigindo aos coríntios, mas nesse versículo ele passa a falar de alguma coisa que aconteceu em sua vida, de uma experiência pessoal.

Ele está narrando o seguinte. Paulo era judeu, chamava-se Saulo e havia nascido na cidade de Tarso. Fora criado como fariseu, na tribo de Benjamim, educado aos pés do maior mestre fariseu daquela época, Gamaliel. Paulo era tão zeloso que, mesmo quando jovem, ele se sobressaía em relação a fariseus mais velhos do que ele, a ponto de ganhar a confiança do Sinédrio, a autoridade máxima do judaísmo naquela época, para perseguir, e se necessário, matar cristãos. Com isso, Paulo perseguiu muita gente. A Bíblia relata, no livro de Atos, quem quando Paulo encontrava um local de reunião de cristãos, ele entrava e acabava com tudo, fechava o local, matava pessoas, levava alguns presos. Ele fez isso muitas vezes. Foi cúmplice na morte de Estêvão. Quando Estêvão foi apedrejado, Paulo segurou a roupa daqueles que o apedrejavam. Assim era Saulo de Tarso. Ele era um desses judeus que conhecia profundamente o Antigo Testamento. Ninguém pode negar o conhecimento que Paulo tem do Antigo Testamento. Mas onde ele adquiriu esse conhecimento? Não foi depois de se tornar cristão, mas sim como fariseu instruído na Lei, como rabino que ele era; por isso conhecia tanto do Antigo Testamento. E, como fariseu, ele entendeu que era sua missão extirpar os seguidores de Cristo, acabar com o cristianismo, que para ele era uma heresia. Nessa época, o véu estava sobre o coração de Saulo. Ele lia o Antigo Testamento, mas o véu estava lá, e ele não cria que Jesus era a imagem de Deus, o Messias. Na verdade, ele odiava esse ensino.

Certo dia, Saulo estava a caminho da cidade de Damasco, pois tivera a informação de que havia cristãos por lá. De repente, no meio do caminho, brilhou uma luz ao seu redor, ele caiu por terra, e ouviu uma voz em hebraico, que dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9.4). Os soldados que estavam com ele perceberam a luz, mas não viram ninguém; e ouviram a voz, mas não entenderam nada, porque ela falava em hebraico. Naqueles tempos, só quem falava hebraico eram os rabinos e os levitas. A língua do povo em geral era o aramaico. Como os soldados falavam aramaico, não entendiam hebraico. Então, Cristo apareceu a Paulo soberanamente nesse episódio. Não foi uma visão — é importante destacar —, mas sim uma aparição. A prova de que não foi uma visão, e sim uma aparição, é que os soldados perceberam: eles notaram a luz e ouviram a voz. Visão é algo que ocorre na mente de alguém, só a pessoa percebe. Mas o Cristo, em seu corpo ressurreto, glorificado, apareceu a Saulo no caminho de Damasco. E é isso que Paulo está dizendo: “Porque Deus, que disse [em Gênesis 3]: Das trevas brilhará a luz, foi ele mesmo quem brilhou em nosso [em meu] coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (v. 6). Em outras palavras, ele está dizendo: “Foi Deus que resplandeceu em meu coração, quando eu ainda era um fariseu cego, com o coração cheio de trevas. Deus brilhou a luz do evangelho”. A referência ao brilho remete à experiência de Damasco, como se Paulo dissesse: “Deus brilhou em meu coração, e eu finalmente entendi. Eu vi a glória de Deus na face de Cristo”. Com isso ele está dizendo que só tem um meio de uma pessoa se converter: quando Deus traz a conversão.

Em outras palavras, é isso o que Paulo explica em 2Coríntios 4.1-6: “Por isso afirmo que não tenho controle sobre os resultados da minha pregação. Eu prego a verdade. Ensino o evangelho não adulterado. Mas as pessoas são cativas da incredulidade e da obra do Diabo. Somente Deus, que lá no início das trevas fez a luz, é que pode fazer a luz do evangelho brilhar no coração de um incrédulo”. E Paulo disse ainda a seus acusadores: “Por isso, vocês não podem me condenar pelo fato de os judeus não crerem em mim. Pois eu posso pregar o evangelho com fidelidade, mas o brilho da luz, esse nenhum pregador pode produzir”. O pregador pode até produzir um tipo de calor, mas luz é diferente de calor. A luz, o entendimento, a clareza e a compreensão vêm somente pela iluminação do Espírito de Deus. E, com isso, Paulo encerra essa parte.

Conclusão e aplicações práticas

A primeira lição que podemos extrair desse estudo é que está muito claro, à luz dessa passagem, que todos nós devemos resistir à tentação de adulterar o evangelho em busca de resultados. Como eu disse, essa é uma tentação muito grande, primeiro para o pastor, e depois para os obreiros em geral, mas também para o crente. Existem coisas que podemos usar na igreja; há estratégias que podemos estabelecer para fazer com que o evangelho chegue, em sua pureza, até o descrente. Mas há certos métodos, estratégias e esquemas que não se adéquam à pregação do evangelho, e acabam se tornando ou um fim em si mesmos ou algo que prejudica o evangelho.

Peço permissão para usar uma ilustração a respeito disso. Algumas pessoas costumam dizer que estão dispostas a “qualquer coisa para pregar o evangelho”. Chegam até a usar de forma equivocada o texto de Filipenses, no qual Paulo diz: “De qualquer forma, contanto que Cristo seja anunciado, quer por pretexto, quer não, alegro-me com isso e, sim, sempre me alegrarei” (Fp 1.18). Alguns dizem que, desde que Cristo seja pregado, vale qualquer coisa. Mas não vale qualquer coisa, não. Por exemplo, se na vida vale fazer qualquer coisa, você serviria sopa em um penico? Ainda que fosse novo, estivesse bem lavado, bem branquinho e você tivesse acabado de tirá-lo da embalagem, você serviria sopa para uma visita nele? Faria isso? Por que não? Por causa da associação que esse objeto evoca. Ainda que esteja limpo, por causa dessa associação, você não usaria esse objeto para servir sopa. Da mesma forma, nem todo tipo de música serve para ser tocada na igreja; nem todo tipo de estratégia serve; nem todo tipo de ambiente de culto serve, pois carregam consigo certas associações que prejudicam o conteúdo, ou seja, o evangelho. Então, temos de resistir a modismos. Eles podem até atrair muita gente, a questão é que vão atrair um número grande de pessoas, mas depois caem de moda. Ou seja, os modismos são coisas passageiras; já o evangelho é perene.

Tempos atrás, fui pregar em uma cidade em Minas Gerais. Meus anfitriões foram me buscar e, quando nos dirigíamos para o local de culto, passaram por uma rua em que havia uma construção que em nada se parecia com uma igreja — embora não precise parecer mesmo. O edifício era todo pintado em preto, com luzes violetas. Parecia mais uma boate. Eles disseram:

— Pastor, o senhor está vendo alguém na frente desse prédio? — era um domingo à noite. Eu respondi:

— Não estou vendo ninguém.

— Pastor, alguns meses atrás não dava para passar na rua, de tão cheio de carro e de gente. Aqui era o point dos evangélicos. Mas, depois de um ano no auge do sucesso, a moda foi passando, passando, e hoje eles têm uns dez gatos pingados que frequentam esse espaço.

São as igrejas da moda, que atraem consumidores, mas não discípulos e adoradores de Jesus Cristo. Portanto, a primeira lição é que devemos resistir à tentação de adulterar o evangelho em busca de resultados.

A segunda lição, ainda nessa mesma linha, é que devemos ser fiéis àquilo que Deus revelou. O evangelho nos é dado em sua pureza nas Escrituras. Nossa tarefa é conhecer e ensinar as Escrituras e pedir que Deus use a manifestação da verdade para esclarecer o entendimento dos incrédulos. Essa é a tarefa da igreja, não há outra. É para isso que a igreja existe. Tudo o mais as ONGs podem fazer. Mas não há ONG nenhuma que possa fazer isso. É algo que só quem pode fazer é a igreja de Cristo: conhecer a verdade e transmiti-la. Não estou dizendo que não possamos cuidar dos pobres, dos necessitados, participar de questões políticas e econômicas do país, opinar em todas essas questões que preocupam o povo brasileiro. Claro que podemos, mas essa não é nossa tarefa principal. Nossa tarefa principal é ajudar as pessoas que estão cegas pelo Diabo e caminhando para a condenação.

Por fim, lembremo-nos de que o grande milagre é a conversão. Quando falou do que lhe aconteceu, de como Deus brilhou em seu coração, Paulo fez referência ao primeiro milagre que nos é relatado no livro de Gênesis, o primeiro ato miraculoso de Deus: “No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. Disse Deus: Haja luz. E houve luz” (Gn 1.1-3). Que milagre extraordinário do poder de Deus, que chamou das trevas a luz! Paulo compara a conversão a um milagre como esse.

Assim, não há milagre maior do que a iluminação do coração de um incrédulo pelo evangelho. Eu sei que hoje vivemos em uma época na qual todo mundo quer ver milagres. Então, se uma pessoa experimentou um milagre — e eu sei que Deus é capaz de fazer, e de fato faz milagres hoje, eu mesmo sou testemunha disso —, uma cura, ou qualquer coisa extraordinária, ficamos impressionados, e esquecemos que a vida de cada convertido já é um milagre, e uma repetição do

fiat lux, “faça-se luz”. Muitas vezes nos esquecemos disso e ficamos atrás de outras manifestações, esquecendo que em nós mesmos já temos o maior de todos os milagres, que é a iluminação das trevas mediante a manifestação da glória de Jesus.

A ele toda a glória, amém!

Capítulo 10

alegria em meio aos sofrimentos

2Coríntios 4.7-15

Tesouro em vasos de barro

Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que o poder extraordinário seja de Deus e não nosso. Sofremos pressões de todos os lados, mas não estamos arrasados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Pois nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo mortal. De modo que em nós atua a morte, mas em vós, a vida. Todavia, uma vez que temos o mesmo espírito de fé, conforme está escrito: Cri, por isso falei; também nós cremos, por isso também falamos. Sabemos que aquele que ressuscitou Jesus também nos ressuscitará com ele e nos apresentará convosco. Pois tudo é para o vosso benefício, para que a graça multiplicada por causa de muitos faça transbordar as ações de graças para a glória de Deus.

No último capítulo, vimos o apóstolo Paulo apresentar mais uma razão pela qual os judeus não criam em sua mensagem. Ele estava engajado em defender-se das acusações dos falsos mestres que haviam se infiltrado na igreja de Corinto e queriam minar sua autoridade, com o propósito evidente de ter controle sobre os membros daquela igreja. Também já vimos que eles eram provavelmente

judaizantes. Eram judeus que perseguiram o apóstolo Paulo, semelhantes aos que encontramos na região de Galácia, na Carta aos Gálatas, e que tinham como estratégia chegar nas comunidades fundadas por Paulo, questionar sua autoridade como apóstolo e apresentar as obras da lei, do judaísmo, a lei de Moisés como um complemento necessário para a fé em Jesus Cristo. Eles diziam coisas do tipo: “Vocês ouviram do apóstolo Paulo que a salvação vem pela fé em Jesus Cristo. Não há nada de errado com isso, mas está incompleto, porque, além de crer em Jesus, vocês têm de se circuncidar, guardar a dieta judaica e seguir o calendário religioso dos judeus, caso contrário vocês não poderão se salvar”. Era essa a mensagem que eles traziam.

Esses judaizantes causaram uma dor de cabeça muito grande ao apóstolo Paulo. Ele teve de escrever uma carta aos gálatas por conta disso. Na carta que ele escreveu aos romanos há traços disso também. Esses falsos profetas estavam infiltrados da mesma forma na igreja de Corinto. Eles representaram a primeira heresia, o primeiro movimento herético dentro do cristianismo. E Paulo se vê, então, obrigado a se defender. Mas não por amor ao seu ofício. O que ele faz não é uma autodefesa, algo que ele esteja fazendo por motivos egoístas ou pessoais. Ele se defendeu porque sabia que a credibilidade da mensagem que pregava estava diretamente ligada à sua credibilidade pessoal. E sabemos que isso é verdade até os dias de hoje. Se uma pessoa é desqualificada moralmente, ninguém acredita mais nela, especialmente se for um líder religioso. Se ele for desqualificado moralmente, pode até ter dito verdades e ensinado coisas muito certas, mas sua credibilidade foi embora.

Portanto, o interesse de Paulo em se defender não é pessoal; antes, é para manter a autoridade da Palavra de Deus, do evangelho da graça que ele vinha ensinando aos gentios. Por isso ele gasta boa parte do tempo em 2Coríntios se defendendo. Na verdade, ele já tinha feito isso na primeira carta, especialmente no capítulo 9, quando faz uma defesa do seu ministério. Mas é na Segunda Carta aos Coríntios que ele se defende de maneira mais direta e clara.

Como vimos, um dos argumentos usados por esses inimigos de Paulo é que ele não podia ser um homem de Deus, pois sua pregação era rejeitada pelos judeus. Os judeus não criam na mensagem de Paulo, o que de fato é verdade. Alguns, inclusive, achavam que o espinho na carne de Paulo era a dor que ele sentia pela rejeição que seu próprio povo tinha à mensagem que ele pregava. Em Romanos 9, Paulo fala que sentia uma incessante dor no coração, pelo fato de os judeus não crerem em Jesus como o Messias prometido pelos profetas. Aquilo

machucava o apóstolo Paulo a ponto de abatê-lo tremendamente. E também era usado contra ele. Alguns diziam: “Como você pode ser de Deus, se o povo de Deus não está recebendo sua mensagem?”.

A resposta de Paulo foi que os judeus, quando liam o evangelho e as Escrituras do Antigo Testamento, tinham sobre o coração o véu da incredulidade, do legalismo, que os impedia de verem que a glória da antiga aliança estava passando e que Cristo, de fato, era o Messias (2Co 3.14,15).

No capítulo anterior, vimos mais uma explicação dada por Paulo para a incredulidade dos judeus. Ele diz que nunca falsificou o evangelho com o objetivo de obter resultados, que nunca pregou um evangelho que fosse mais fácil de aceitar. E afirma que sempre pregou o evangelho em sua pureza. Mas, se as pessoas não acreditavam nesse evangelho, era porque elas estavam se perdendo, estavam caminhando para a perdição, e por isso não queriam crer e não haveriam de crer mesmo, pois estavam caminhando para a própria condenação. Além disso, Satanás havia lhes cegado o entendimento. Esse foi o ponto tratado no capítulo anterior: como Satanás cega o coração dos incrédulos, enreda a mente deles e os impede de perceber a verdade do evangelho, que está claramente exposta diante deles.

À luz disso, Paulo terminou a passagem anterior dizendo que somente Deus podia fazer brilhar a luz do evangelho em um coração entenebrecido pela incredulidade, cujas trevas são agravadas pela atuação maligna.

Agora analisaremos a passagem em que Paulo passa a responder a mais um ataque: o fato de que ele apanhava em todo lugar em que passava. Ele sofria muito com as perseguições. Esses falsos mestres diziam para a comunidade de Corinto: “Vocês foram iludidos por alguém muito esperto, ardiloso. Ele fala bem; sua pregação até pode fazer sentido. Mas ele não é de Deus. Primeiro, porque ninguém acredita nele. Segundo, porque por onde passa ele apanha, é preso, expulso da cidade, é chicoteado. Como essa pessoa pode ser de Deus?”.

Dos versículos 7 a 15 de 2Coríntios 4, Paulo responde por que não nega seus sofrimentos, e fala do motivo pelo qual Deus permitia que ele passasse por sofrimentos tão intensos.

Nós já vimos as cinco listas de sofrimentos que Paulo apresenta na correspondência aos coríntios: elas cabem de novo aqui. Veremos, portanto,

como o próprio Paulo descreve seus sofrimentos por amor de Jesus, sofrimentos esses que eram usados maliciosamente por seus adversários para desacreditar seu ministério e o evangelho que ele pregava. A primeira lista está no capítulo 4 de 1Coríntios, quando Paulo, num tom irônico, diz, a partir do versículo 9:

Porque me parece que Deus colocou a nós, os apóstolos, como últimos, como condenados à morte; pois nos tornamos um espetáculo para o mundo, tanto para anjos como para homens. Somos um absurdo por causa de Cristo, mas vós, sábios em Cristo; somos fracos, mas vós, fortes; sois estimados, mas nós, desprezados. Até o presente passamos fome e sede; vestimo-nos de trapos e somos esbofeteados, e não temos pousada certa. Cansamo-nos, trabalhando com as próprias mãos. Quando somos ofendidos, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando difamados, respondemos amigavelmente. Até o momento, somos o lixo do mundo e a escória de todos (1Co 4.9-13).

Essa é a primeira lista de sofrimentos do apóstolo Paulo.

A segunda encontra-se em 2Coríntios, e é a lista que vamos ver neste capítulo (2Co 4.8,9). Então, vamos passar direto para o capítulo 6, a partir do versículo 4, trecho em que Paulo fornece a terceira lista de seus sofrimentos:

Antes, em tudo nos recomendamos como servos de Deus; em muita perseverança, em tribulações, em dificuldades, em angústias, em chicoteamentos, em prisões, em tumultos, em trabalhos, em noites sem dormir, em jejuns, em pureza, em conhecimento, em paciência, em bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na mensagem da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, tanto de ataque como de defesa, por honra e por desonra, por difamação e por boa reputação; como se fôssemos mentirosos, sendo, porém verdadeiros; como desconhecidos, porém bem conhecidos; como quem está morrendo, mas de fato vivendo; castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo (2Co 6.4-10).

No capítulo 11 dessa mesma carta, encontra-se a quarta lista de sofrimentos, dos versículos 23 a 29, quando o apóstolo, referindo-se a esses adversários, diz:

São servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco), muito mais em trabalhos; muito mais em prisões; em chicotadas sem medida; em perigo de morte muitas vezes; cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas. Três vezes fui espancado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei um dia e uma noite em mar aberto. Muitas vezes passei por perigos em viagens, perigos em rios, perigos entre bandidos, perigos entre os do meu próprio povo, perigos entre gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos; em trabalho e cansaço, muitas vezes em noites sem dormir, com fome e com sede, muitas vezes sem comida, com frio e com falta de roupas. Além de outras coisas, ainda pesa diariamente sobre mim a preocupação com todas as igrejas. Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado? (2Co 11.23-29).

No capítulo seguinte, a partir do versículo 7, ele diz:

Portanto, para que eu não me tornasse arrogante, foi-me posto um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me atormentar, para que eu não me tornasse arrogante. Pedi ao Senhor três vezes que o tirasse de mim. Mas ele me disse: A minha graça te é suficiente, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza (2Co 12.7-9).

Nessas listas está a descrição dos sofrimentos pelos quais o apóstolo Paulo passou. Foram motivados pela pregação de que Cristo era o Messias, o Filho de Deus, o que provocava reação por parte dos judeus que não criam nisso, bem como a reação de gentios, gregos e romanos. Em todo lugar, a mensagem do evangelho produzia, por um lado, aroma de vida para a vida dos que eram salvos, mas também cheiro de morte para a morte dos que se perdiam. E, então, os incrédulos se levantavam contra o apóstolo Paulo, contra a verdade que ele

pregava, e o perseguiram de todas as maneiras possíveis. Paulo descreve nessas listas algumas das maneiras como isso acontecia. Ele fala de passar por fome, nudez e frio; de ser chicoteado, apedrejado e preso; de passar por naufrágio, assim como de tantas outras dificuldades que enfrentou.

A grande pergunta é: Por quais motivos Deus permitia que o seu campeão sofresse tanto? Nós muitas vezes pensamos que deveria acontecer o contrário, pois raciocinamos em termos do Antigo Testamento. Por exemplo, quando escolheu e chamou Abraão, Deus o encheu de riquezas, de glória, de propriedades, de descanso, de recursos, de pessoas, e tudo mais. Mas com Paulo acontece exatamente o oposto. Deus expôs o apóstolo a passar por todas essas coisas. Como Paulo via tais situações? Como ele explicava tudo isso?

A razão dos sofrimentos

A chave para entendermos está em 4.7, versículo que dá início ao texto analisado neste capítulo: “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que o poder extraordinário seja de Deus e não nosso” (v. 7). O “porém” faz um contraste com o que ele disse antes. No versículo anterior ele disse: “Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, foi ele mesmo quem brilhou em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (v. 6).

Portanto, o tesouro a que Paulo se refere, e que está guardado em vaso de barro, é esse conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. É o próprio evangelho em sua plenitude e glória. Paulo carregava essa mensagem consigo. Ele conhecia essa verdade, e foi encarregado de divulgá-la. Mas essa verdade estava acolhida e abrigada nisso que Paulo chama de “vasos de barro”. Vaso de barro é a descrição que ele usa para si próprio, para a natureza humana, para a sua fragilidade e para o fato de que, comparada ao evangelho e à glória de Deus, a sua existência era insignificante.

O contraste deixa isso muito claro. Imagine um tesouro preciosíssimo, um diamante, um tesouro com as pedras mais preciosas que se possa imaginar, as mais preciosas do mundo, guardadas naqueles jarros d’água que nós, criados no interior, tanto gostamos. Você olha para aquele jarro e não dá nada por ele. É

apenas um jarro de barro que você compra por 10 ou 5 reais, na beira da estrada. Mas dentro dele estão as pedras preciosas mais caras e raras do mundo. Essa é a figura que Paulo usa para se referir a si mesmo. Ele é como um vaso de barro, no qual está contido o tesouro do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. E aqui está o ponto principal: o que importa é o tesouro, e não o vaso. O valor do vaso de barro, se comparado ao do tesouro, é insignificante. Para que a beleza e o brilho daquelas joias apareçam, é necessário que o vaso seja quebrado. Ele tem de ser quebrado, moído, para que aquele tesouro que está dentro dele seja revelado.

Então, está explicado o motivo de Deus permitir que Paulo sofresse tanto. Todos esses sofrimentos eram para que Paulo fosse humilhado, quebrantado, para que o tesouro que ele carregava no coração e na mente — o evangelho — pudesse brilhar. Pois o brilho do vaso não pode competir com o brilho do tesouro. O vaso tem de ser de barro e tem de ser quebrado, porque nenhum outro tipo de vaso pode carregar o tesouro precioso que é o evangelho de Jesus Cristo. Por isso os ministros do evangelho e os cristãos em geral são submetidos por Deus, aqui neste mundo, a serem constantemente quebrados e moídos: para que a beleza, a glória e a riqueza do evangelho possam se manifestar.

Deixe-me usar outra figura. Também é semelhante ao que acontece com as flores, que exalam sua fragrância quando esmagamos as pétalas. Não é isso que fazemos quando queremos sentir seu perfume? Nós pegamos uma pétala e a maceramos, para poder sentir o perfume da flor. Deus também faz isso: ele nos quebra, para que a glória do evangelho brilhe através de nós. Por isso temos um tesouro em vasos de barro.

Veja o que ele diz no final do versículo 7, e como isso está claro. Primeiro ele diz: “Temos, porém, esse tesouro [que é o conhecimento de Cristo] em vasos de barro [que é a nossa natureza humana, frágil], para que o poder extraordinário seja de Deus e não nosso” (v. 7). Ou seja, é assim para que fique claro de quem é a excelência do poder; para que fique claro quem está no controle; para que fique claro quem é o Todo-Poderoso que vai receber a glória. E, para que a excelência do poder seja de Deus, é necessário que o vaso seja quebrado e o tesouro apareça, para que todos possam ver que a obra não é de Paulo. Não é porque Paulo é um grande pregador, uma pessoa extremamente inteligente e preparada. Não são argumentos que Paulo concebeu em sua mente. Não! Ele é apenas um mensageiro, um instrumento, um vaso que precisa ser quebrado, para que a glória de Deus seja manifesta.

O que torna, então, tudo isso valioso não é o vaso em si, mas aquilo que ele contém. Paulo é o vaso; o conteúdo é o evangelho de Cristo. E, quando o vaso é quebrado, a glória de Cristo aparece. É simples assim. Essa é a explicação que Paulo dá para seus sofrimentos, em síntese: “Querem saber por que eu sofro? Para que fique claro que nada é por minha causa; que eu não sou o autor desse evangelho que está se espalhando pelo mundo entre os gentios. Eu sou apenas um instrumento do Deus todo-poderoso para levar o seu conhecimento. E sofro para que eu não me exalte”. É exatamente isso que ele diz na última lista: “foi-me posto um espinho na carne, [...] para que eu não me tornasse arrogante” (12.7).

Às vezes o vaso quer brilhar mais do que o tesouro. Deus não permitiu que isso acontecesse com o apóstolo; daí o espinho na carne, para que Paulo pudesse ser humilde diante de Deus.

A motivação de Paulo

Apesar de todos os sofrimentos que Paulo experimentava, e que estão bem descritos em todas essas listas, Deus o mantinha vivo. É um grande mistério. Provavelmente, se você e eu passássemos por um décimo do sofrimento que Paulo descreveu, nós já teríamos desistido de ser pastor, de ser crente. Eu iria preferir fazer qualquer outra coisa na vida, ser motorista de Uber, vender enciclopédia ou trabalhar nas Casas Bahia — qualquer outra coisa! Pois quem quer passar por isso? Quem quer viver dessa forma?

Como explicar, então, que aquele fariseu, Saulo de Tarso, um homem conhecido, importante, culto, tenha se sujeitado a vida toda a isso, para pregar o evangelho? O que o motivava? O que o levava a continuar e a não desistir?

Paulo explica sua motivação nos versículos 8 e 9, através de três ou quatro contrastes. Ele coloca: “Em tudo somos atribulados” (v. 8, ARA). “Em tudo” quer dizer em todas as circunstâncias, todos os dias, em todo o tempo, em todas as ocasiões. Ele está dizendo que a tribulação é uma constante em sua vida. Contudo, faz a ressalva: “mas não estamos arrasados” (v. 8). Em outras palavras: “Sou muito atribulado, porém, a graça de Deus permite que eu não fique

angustiado, desesperado, a ponto de querer fazer outra coisa com a minha vida e desistir de tudo. Em tudo sou atribulado, mas não angustiado, pois Deus me sustenta, ainda que sofrendo; ele me concede certo nível de paz e de tranquilidade interior, para que eu não desista”.

E Paulo cita o próximo sofrimento: “ficamos perplexos, mas não desesperados” (v. 8). Ficar “perplexos” significa ficar “sem saber o que fazer”. O termo “perplexidade” envolve certo grau de surpresa. A pessoa perplexa diz: “Puxa, eu não esperava aquilo”. Paulo, com isso, está dizendo que houve muitas vezes em que ele não entendia qual era a vontade de Deus em meio a todo aquele sofrimento. Por que aquilo estava acontecendo com ele? Quando ficamos perplexos, incertos do caminho a seguir, sabemos bem o que acontece conosco: Não sabemos o que fazer, ficamos em dúvida sobre algo que nos aconteceu inesperadamente. E queremos desanimar, nos desesperar. Mas Paulo diz aqui: “perplexos, mas não desesperados”. Ainda que Paulo não entendesse sempre os caminhos de Deus e o que estava acontecendo com ele, Deus o mantinha sem desanimar; Deus o mantinha sem viver deprimido, angustiado; Deus o mantinha animado, apesar da perplexidade.

O terceiro contraste que Paulo menciona em seus sofrimentos é este: “somos perseguidos, mas não desamparados” (v. 9). A perseguição vinha de todos os lados: dos judeus, dos gregos e dos romanos — de todo lugar. E até dos falsos irmãos e de dentro da própria igreja também vinha perseguição. Mas ele afirma que não se sentia desamparado. Ele sentia a presença de Deus, a sua providência, dando a Paulo amigos e companheiros, pessoas que andavam com ele — como Timóteo, Silas, Tito —, pessoas que consolavam o coração do apóstolo com sua presença e companhia. Ele era perseguido, mas não estava desamparado. Deus, em sua providência, fazia com que ele não se sentisse só em seus sofrimentos.

Mais um contraste relacionado a seus sofrimentos: “abatidos, mas não destruídos” (v. 9). Houve momentos na vida de Paulo em que ele se sentiu abatido. Quem não se sentiria? Olhe para essas listas! Quem não se sentiria abatido? Porém, Paulo diz que, apesar de ter ficado abatido, Deus não permitiu que ele fosse destruído. A destruição seria a negação de tudo, seria virar as costas para Deus e tudo o mais, e talvez dar um fim em sua vida, em sua carreira.

Tudo isso funciona como se Deus tivesse dito ao seu apóstolo: “Paulo, para usar você, vou ter que quebrá-lo. Mas vou mantê-lo no limite. Você vai sofrer, mas no limite, porque sei que, se eu pesar demais a minha mão, você não vai aguentar.

Então, você vai ser perseguido, mas eu não vou te deixar desamparado. Você vai ficar abatido, mas eu não vou deixar você ser destruído. Você vai ficar perplexo, mas eu não vou deixar você ficar desanimado, desesperado. Mas você vai viver sempre nessa tensão; vai viver sofrendo, no seu limite, para que eu possa ter certeza de que você vai poder ser usado”. E assim foi, pois Deus jamais poderia ter usado um apóstolo arrogante, orgulhoso e cheio de si mesmo.

Paulo foi arrebatado até o terceiro céu. Recebeu revelações a respeito do plano de Deus. Tinha comunhão íntima e perfeita com o Senhor. Isso pode subir à cabeça de qualquer crente. A pessoa começa a pensar que é especial, que é melhor do que os outros, que Deus o distinguiu com favor especial. Por isso Deus precisa lembrá-lo: “Você é um vaso de barro. Foi feito do pó. É um vaso de barro que carrega em si esse tesouro precioso”.

Portanto, a razão dos sofrimentos de Paulo era uma só: ele tinha de morrer para que os seus ouvintes, leitores e discípulos tivessem vida. Isso ele diz claramente nos versículos 10 a 12:

trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Pois nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo mortal. De modo que em nós atua a morte [ou seja, todos aqueles sofrimentos], mas em vós, [coríntios, opera] a vida.

A razão pela qual Deus fazia com que Paulo vivesse no limite do sofrimento físico, mental, espiritual, era para que, nessa morte de Paulo, se manifestasse aquele tesouro: a vida de Cristo. Ele está dizendo a mesma coisa que disse no versículo 7, embora com outras palavras. Lá o vaso se quebra para manifestar o tesouro. Aqui Paulo morre para que Cristo viva. É a mesma mensagem, apenas dita com linguagem diferente.

Ele diz no versículo 10 que leva no corpo o morrer de Jesus. Ou seja, em sua vida, por onde ele andasse, para onde quer que fosse, Paulo vivia como alguém condenado à morte, como alguém que sabe que, a qualquer momento, tudo pode terminar. Ele vivia como alguém que já abriu mão da vida, no sentido de que não espera mais nada desta vida. Se tivesse algum conforto, algum alívio, ele daria

graças a Deus. Mas não esperava nada disso. Ele já tinha, em santa resignação, entregado sua vida completamente a Deus, dizendo algo como: “Senhor, disponha de mim do jeito que quiser. Se é para eu viver no limite, viverei. Se o Senhor me der algum alívio, te darei graças, mas não vivo nessa expectativa, porque carrego em mim o morrer do teu Filho; carrego no meu corpo o morrer de Jesus, da mesma forma que ele fez aquela caminhada, de Jerusalém até o alto do Calvário, levando a cruz na qual ele morreu pelos nossos pecados. Assim, da mesma forma, levo a cruz de Cristo, o morrer de Jesus em mim, para que, da mesma forma que a morte dele trouxe vida eterna, também o meu morrer traga vida aos que me ouvem”.

Assim, o pregador tem que morrer para que a vida de Jesus Cristo apareça. Paulo diz, no versículo 10: “trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo”. De que maneira a vida de Jesus se manifestaria no corpo de Paulo? Justamente nessa perseverança de Paulo em continuar crente, em continuar amando, perdoando, intercedendo, sofrendo, renunciando, se sacrificando, inclusive pelos inimigos. As pessoas olhariam para Paulo e diriam: “O que move esse homem? Por que ele é diferente? Qual é a origem, qual é a fonte do seu poder?”. E a resposta dele era: “ Não eu, mas o Cristo ressurreto que vive em mim. Por isso fico perplexo, mas não desanimado; sou perseguido, mas não desamparado; fico abatido, mas não destruído: porque Cristo vive em mim. Todo esse meu sofrimento é para deixar clara a vida dele em mim”.

Paulo repete a mesma afirmação no versículo 11: “Pois nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo mortal”. Esse é um dos versículos que considero mais importantes, quando pensamos em avivamento espiritual. O que é esse avivamento espiritual que todo mundo quer? Avivamento espiritual nada mais é do que a manifestação da vida vitoriosa de Cristo Jesus. O nosso Senhor ressuscitou dos mortos, está assentado à direita de Deus, e tem todo o poder no céu e na terra. Ao ressurgir dos mortos, ele venceu a morte, o inferno, o Diabo e o mundo. Todo o poder lhe foi dado no céu e na terra. O avivamento acontece quando a vida do Senhor glorificado se manifesta através do seu povo. Todos nós queremos isso. O agente que promove o avivamento é o Espírito Santo. Ele traz a vida de Cristo para o seu povo, de maneira intensa. Mas a pergunta é: Como ele faz isso? E a resposta é esta: através da nossa morte. A vida de Cristo só se manifesta em nós quando morremos para a nossa vida.

Pregadores, o que salva as pessoas não é a manifestação da sua vida, mas da vida de Cristo através de você. As pessoas querem ver e ouvir a Cristo, e não as minhas experiências, histórias, ideias, nem os meus sucessos ou qualquer outra coisa, embora haja muitos pregadores que construam uma carreira exatamente em cima da própria personalidade, através desse tipo de coisa. Mas Deus nos chama para sermos vasos quebrados, através de quem a vida de Cristo, que é o tesouro precioso, se manifeste e abençoe outras pessoas, como ele diz no versículo 12: “De modo que em nós atua a morte, mas em vós, a vida”.

Se quisermos que as pessoas se convertam, creiam em Jesus e tenham vida através de nós, temos de estar dispostos a nos deixar quebrar por Deus, a levar no corpo o morrer de Jesus. E é isso que a igreja não aprendeu. Portanto, ore por sua igreja. Ore pela igreja brasileira, que quer conforto, prosperidade, cura. Ninguém quer sofrimento; ninguém quer passar por necessidade; ninguém quer sofrer perseguição. É obvio; eu também não quero. Pelo contrário, queremos conforto. Queremos viver em nossa zona de segurança. Queremos estar seguros em relação ao futuro. Quando ficarmos velhos, queremos uma boa aposentadoria e que tudo fique bem. Não queremos ficar doentes. Todo mundo hoje luta por seu bem-estar, por sua segurança. E é a mesma coisa na igreja. Tanto é que existem igrejas que nasceram e se multiplicaram em cima disso, oferecendo exatamente isto: prosperidade, saúde, conforto e tudo mais.

Nós não temos ideia do que os primeiros cristãos passaram, no primeiro século da história da igreja. E muitas vezes entendemos de forma errada o evangelho. Deus não existe para nos fazer felizes neste mundo, com coisas materiais. Ele não mandou seu Filho, não nos deu o evangelho, apenas para satisfazer nossas necessidades imediatas. Ao contrário, ele veio resolver o problema mais fundamental da raça humana: o problema do pecado e da corrupção do nosso coração. E, assim, na eternidade, nos dar o novo céu e a nova terra onde habita a justiça. Mas, enquanto vivermos neste mundo, estaremos sujeitos a todo esse tipo de coisa, ou seja, a sofrimentos, para que a vida de Cristo se manifeste. A verdade é que muita coisa precisa acontecer na igreja brasileira. Estamos muito longe daquilo que o cristianismo e o ser cristão de fato representam. Tanto é que muitos cristãos são ensinados a amarrar o sofrimento, a não aceitá-lo, a determinar que ele acabe, a repreender todo o mal em sua vida, toda doença, toda dor, todo sofrimento. Mas a Bíblia ensina justamente o contrário. Ensina você a abraçar o sofrimento, e vê-lo como o meio pelo qual Deus vai abençoar você, sua vida e outras pessoas. O certo é a teologia da cruz, e não a teologia da glória como é ensinada por aí. Nós começamos com a teologia da cruz para

depois passarmos para a glória: primeiro vem o Calvário, só depois a ressurreição. A sequência é essa.

Então, essa é a razão pela qual Paulo tinha que morrer: para que os outros pudessem ter vida.

O sustento de Paulo

Mas, afinal, o que sustentava Paulo em meio a tudo isso? No versículo 13, ele diz: “Todavia, uma vez que temos o mesmo espírito de fé, conforme está escrito: Cri, por isso falei; também nós cremos, por isso também falamos” (v. 13). A conjunção “todavia” faz contraste com o versículo anterior. Paulo disse no versículo 12 que nele atuava a morte; todavia, mesmo que ele sofresse essa morte todos os dias, tinha o mesmo espírito de fé do salmista que escreveu Salmos 116.10.

Ele faz uma citação de Salmos 116.10, no qual o salmista, mencionando suas aflições, diz que creu em Deus, por isso se animou a falar a respeito das coisas de Deus. Paulo retoma esse salmo e o traz para a sua própria experiência. Ele diz que a razão pela qual fala é porque ele creu, como diz Salmos 116.10. Paulo se inspira na experiência do salmista. O salmista creu, por isso falou, apesar de todas as suas tribulações.

Paulo continua: “também nós cremos, por isso também falamos” (v. 13). Em outras palavras, “a razão pela qual eu não paro de falar é porque creio”. E em que Paulo crê? Ele revela no versículo 14: “Sabemos que aquele que ressuscitou Jesus também nos ressuscitará com ele e nos apresentará convosco”. Qual era o motor por detrás do ânimo de Paulo? Era a crença na ressurreição dos mortos. O mesmo Deus que ressuscitou Jesus, depois do seu sofrimento, haveria de ressuscitar o apóstolo Paulo. Ele cria, por isso ele falava, mesmo em meio a todo aquele sofrimento. Está explicado por que ele era um dínamo, por que era imparável. Não tinha como parar o apóstolo Paulo. Por quê? Porque ele era movido por crença, uma crença profunda. E não há nada que motive mais um homem do que aquilo em que ele crê. Pessoas que não creem em nada não têm convicções, são pessoas sem princípios, sem orientação, sem propósito na vida.

Mas a fé, especialmente a fé no cristianismo e na obra de Jesus Cristo, traz as maiores convicções, inclusive em face do martírio, como aconteceu com os cristãos do primeiro século, que estavam dispostos a ir para a arena enfrentar leões, gladiadores, a ser crucificados, queimados vivos, por aquilo em que criam. As pessoas que não têm fé nem convicção nunca vão fazer diferença na vida, nunca vão fazer diferença na igreja nem neste mundo. Em outras palavras, o apóstolo Paulo está dizendo: “Eu creio, por isso falo. Eu creio na ressurreição. Creio que, depois de todo esse sofrimento, Deus me erguerá do meu túmulo”.

Paulo estava aguardando a ressurreição. Ele foi decapitado em Roma, no ano 65, na Via Ápia, por ordem de Nero, quando se iniciou a primeira grande perseguição. O corpo dele está aguardando a ressurreição. Ele está agora com o Senhor Jesus, como ele mesmo disse: “tendo desejo de partir e estar com Cristo, pois isso é muito melhor” (Fp 1.23). Ele partiu e está com Cristo. Está aguardando a ressurreição dos mortos, sua grande esperança e expectativa. Porque cria nisso é que ele falava, e sofria, mas continuava.

A primeira razão que Paulo dá para os seus sofrimentos, portanto, é que, através deles, Deus dava vida a outros. Ele era um vaso a ser quebrado, para que o tesouro do evangelho fosse levado avante.

Conclusão e aplicações práticas

Os sofrimentos fazem parte da vida e do ministério cristão. Essa é a grande verdade que a igreja brasileira precisa ouvir. Ela prepara o crente para a vida. Em geral, as pessoas ficam perplexas quando recebem um diagnóstico de câncer na família, quando surgem problemas no casamento, perseguição na universidade por algum professor ateu que questiona sua fé. Mas, se aprender desde cedo que a vida neste mundo é como um vaso de barro que tem de ser quebrado para que a glória de Cristo seja manifesta, e que aflições, perseguições e provações fazem parte da vida normal do cristão, então se tornará um crente maduro, alguém que reagirá da forma certa quando a dificuldade vier, dizendo: “Eu creio, por isso vou continuar falando e testemunhando, apesar de tudo isso que está me acontecendo”.

Essa é a conclusão que eu gostaria de extrair do que estudamos neste capítulo, pedindo que Deus a aplique em nossa vida. Que possamos orar como Paulo. No capítulo 12, veremos que Paulo orou por três vezes para que Deus lhe tirasse o espinho na carne. Não é errado pedir para Deus tirar os espinhos, as dificuldades de nossa vida. Deus, entretanto, respondeu de uma maneira diferente do que o apóstolo pediu: concedeu-lhe graça para suportar a dor. E isso nós podemos pedir a Deus: que ele nos dê graça e misericórdia para que possamos suportar o sofrimento neste mundo, entender por que nós sofremos, e viver na expectativa da ressurreição dos mortos, quando então tudo será consumado para a glória de Deus e a alegria do seu povo.

Capítulo 11

quatro atitudes para com o sofrimento

2Coríntios 4.16—5.10

Como não sucumbir às pressões da vida

Por isso não nos desanimamos. Ainda que o nosso exterior esteja se desgastando, o nosso interior está sendo renovado todos os dias. Pois nossa tribulação leve e passageira produz para nós uma glória incomparável, de valor eterno, pois não fixamos o olhar nas coisas visíveis, mas naquelas que não se veem; pois as visíveis são temporárias, ao passo que as que não se veem são eternas. Sabemos que, se esta nossa tenda, nossa casa terrena, for destruída, temos um edifício da parte de Deus, uma casa eterna no céu, não feita por mãos humanas. Enquanto estamos nessa tenda, gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação celestial, pois, se de fato estivermos vestidos, não seremos achados despidos. Porque, enquanto estamos nessa tenda, gememos e somos afligidos, pois não queremos ser despidos, mas sim revestidos, para que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida. Foi Deus mesmo quem nos preparou para isso, e deu-nos o Espírito como garantia. Portanto, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto presentes no corpo, estamos ausentes do Senhor; porque vivemos pela fé e não pelo que vemos. Assim, estamos confiantes e preferimos estar ausentes do corpo e presentes com o Senhor. Por isso também nos esforçamos para agradá-lo, quer no corpo, quer fora dele. Pois é necessário que todos sejamos apresentados diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba retribuição pelo que fez por meio do corpo, de acordo com o que praticou, seja o bem, seja o mal.

Essa passagem é riquíssima em detalhes. Praticamente cada versículo desse trecho merece uma exposição e um estudo mais aprofundado. Em nosso estudo, porém, nós nos deteremos apenas em alguns desses pontos. No texto de 2Coríntios 4.16—5.10, vemos Paulo revelando coisas a respeito da morte, da vida eterna, da ressurreição. Ele também aborda a questão de como devemos viver neste mundo em meio aos sofrimentos.

No capítulo anterior, vimos que, nessa parte da carta, Paulo está defendendo a autoridade do seu ministério contra falsos mestres, que tinham se infiltrado na igreja de Corinto e estavam atacando a posição de Paulo como apóstolo e sua autoridade como mensageiro de Deus.

Paulo, então, defende-se. Na verdade, ele começou a fazer isso desde o capítulo 2 da carta. E, no capítulo anterior, vimos mais dois temas referentes ao seu ministério, dos quais ele trata em tom de defesa. O primeiro é a causa do aparente fracasso de seu ministério entre os judeus (2Co 4.1-6). Em seguida, ele fala da causa e do propósito dos seus sofrimentos, porque aqueles falsos mestres diziam que uma pessoa que sofria tanto como Paulo não poderia ser de Deus. Afinal, como podia ser de Deus alguém que apanhava por onde quer que passasse, quando não era preso e apedrejado? Paulo era expulso das cidades. Não tinha casa própria. Não tinha carro do ano. Não tinha riqueza, não tinha absolutamente nada. Dependia da caridade alheia. Vivia fugindo dos seus inimigos. Como essa pessoa podia ser de Deus?

Paulo responde a esse questionamento dizendo que Deus usava os sofrimentos. O ponto principal do capítulo anterior, desse modo, é que o apóstolo se via como um vaso de barro, o qual tinha de ser quebrado para que o tesouro que trazia em seu interior — que era o conhecimento de Cristo — pudesse se revelar, brilhar e abençoar outras pessoas. Os sofrimentos, portanto, tinham um propósito: o de quebrar o apóstolo Paulo, mantê-lo humilde diante de Deus, para que o conhecimento que ele tinha a respeito da glória de Deus em Jesus Cristo pudesse ser transmitido.

No texto que estudaremos neste capítulo, Paulo continua a tratar do tema do sofrimento no ministério. Continua a responder à pergunta: Por que ele sofria tanto? Na passagem que veremos, ele expõe de que forma reagia a esses sofrimentos. Como Paulo enfrentava tudo aquilo? Você se lembra das quatro

listas dos sofrimentos de Paulo? Em 2Coríntios temos três delas. Nelas, ele fala de fome, nudez, perigo, espada, perigo de salteadores, perigo de morte, de quase morrer afogado, de ter sido “fustigado pelos judeus” (2Co 11.25, ARA), de ter levado 39 chicotadas deles. Enfim, a lista de sofrimentos é imensa. Como Paulo encarava tudo isso?

Veremos que Paulo menciona quatro atitudes que tinha para com os sofrimentos que afetavam sua vida. Primeiro, ele não desanimava, mesmo debaixo de tantos sofrimentos (v. 16-18). Segundo, ele ansiava intensamente pela ressurreição dos mortos. Isso o mantinha na caminhada, pois fazia com que Paulo tivesse em vista a ressurreição, quando o sofrimento acabaria, ele entraria na presença de Cristo e viveria eternamente na felicidade que Deus havia prometido (v. 1-5). Sua terceira atitude é que sempre mantinha o bom ânimo, estava sempre confiante (v. 6,7), animado, apesar de todo sofrimento. Em último lugar, a quarta atitude é que ele se esforçava para agradar a Jesus neste mundo, em meio ao sofrimento (v. 9,10).

Portanto, temos muito a aprender com o apóstolo Paulo. Embora nossos sofrimentos não cheguem nem perto do que ele passou, os princípios que encontramos em sua atitude também se aplicam para nós. Nós enfrentamos outros tipos de sofrimento. Sofremos por doenças, opressão econômica, por conta de pessoas que amamos e que estão sofrendo — o que nos faz sofrer com elas também —, sofremos por causa de inimigos, calúnias, mentiras, oposição e uma série de outras coisas. Assim, qualquer que seja a causa, esses princípios que encontramos na atitude de Paulo nos ajudam a lidar com o sofrimento e a dor neste mundo.

“Por isso não nos desanimamos”

Veremos como Paulo encarava os sofrimentos, a começar, então, pelo que ele diz nos versículos 16 a 18, sobre não desanimar. Observe especialmente o início do versículo 16: “Por isso não nos desanimamos”. O “por isso” remete ao que vimos antes, ou seja, o propósito dos sofrimentos. Afinal, por que Deus permitia que Paulo sofresse? Porque, através do sofrimento, Paulo se tornava útil a outras pessoas. Por isso, então, ele não desanimava.

Desanimar seria desistir. Seria abandonar a obra que o Senhor confiara a ele. De fato, esse trabalho lhe trazia muita dor. Não era fácil ser pregador do evangelho no meio de um povo que não queria ouvir, e que na maioria das vezes o rejeitava e o expulsava. Mas ele não desistia de cumprir a missão que Deus lhe tinha dado. Nem perdia a empolgação. Paulo não só não abandonava sua missão, como também não perdia o entusiasmo por ela. Pelo contrário, no versículo 16, ele diz que o entusiasmo, o ânimo e a fé em seu interior se renovavam diariamente. Se prestar atenção no versículo 16, verá que Paulo, ao dizer isso, está fazendo um contraste entre o homem exterior e o homem interior: “Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia” (v. 16, ARA).

Mas o que é o homem exterior? O homem exterior é o que somos em relação a este mundo. Sou eu com meu corpo, meus relacionamentos e meus contatos nesta realidade. Sou eu como pai, marido, trabalhador, pessoa, idoso, doente, sofredor, como alguém que tem necessidades: o homem exterior é tudo isso. É o que sou neste mundo presente.

Paulo diz que esse homem exterior está se corrompendo. “Corromper” significa “deteriorar”. É verdade, pois à medida que os anos passam, o meu homem exterior, o que sou neste mundo, vai se deteriorando. A saúde vai se deteriorando; a vista vai se escurecendo; os ouvidos vão ficando surdos; a disposição e o ânimo vão diminuindo; o apetite vai sendo afetado; a saúde vai sendo minada. Enfim, vou sendo corrompido e me deteriorando pouco a pouco, até que, finalmente, voltarei para o lugar de onde eu vim: “Tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19, ARA). Essa é a trajetória do homem exterior; é a sua e a minha trajetória neste mundo. Ou seja, tudo o que sou, o que tenho, meus relacionamentos, os papéis que exerço aqui neste mundo, tudo isso está caminhando para o fim. Eu estou envelhecendo. Estou ficando cada vez mais doente. Meus sentidos já não são mais os mesmos. Já não tenho a mesma disposição. O apetite já não é o mesmo. E isso vai ficando cada vez pior, até que, finalmente, a morte vai bater à nossa porta.

Mas, enquanto isso acontece com o homem exterior, o apóstolo Paulo afirma que “o nosso homem interior se renova de dia em dia” (4.16, ARA). O que é esse homem interior? Esse termo expressa o que eu sou em relação a Deus: sou filho de Deus; justificado em Cristo Jesus; unido a Jesus Cristo pelo Espírito Santo; sou parte da nova criação que Deus fez. Veja o contraste ou o que podemos

chamar, na verdade, de “santa bipolaridade” ou “santa esquizofrenia”. Por um lado, aquilo que eu sou em relação ao mundo está indo ladeira abaixo; porém, aquilo que eu sou em relação a Deus está indo ladeira acima. Então, enquanto meu corpo e o que eu sou neste mundo vai se corrompendo, o que eu sou em relação a Deus vai se renovando. Portanto, tenho em mim dois movimentos simultâneos: um que me leva para baixo (que é minha vida neste mundo) e outro que me leva para cima (que é o meu relacionamento com Deus). Por isso Paulo não desanimava, porque ele sabia que, mesmo que, por um lado, a cada dia estivesse envelhecendo, ficando doente, fraco, vendo suas dores e seus problemas aumentarem, por outro lado, por dentro, o amor dele por Deus, a sua esperança, a sua fé, o conhecimento de Deus, a segurança, a expectativa e a esperança da vida eterna aumentavam a cada dia. Diariamente o novo homem é renovado, enquanto o velho homem vai passando.

Diante disso, eu poderia dizer que, quanto mais idoso for o crente, mais moço por dentro ele será. E isso é verdade a respeito de todo crente verdadeiro. Ele ganha experiência; aprende o que os sofrimentos significam; aprende a desejar as coisas de Deus. Tem coisas que só a idade pode trazer. Não quero dizer com isso que os crentes jovens não possam experimentar a mesma coisa, pois até crianças já sofrem. Desde cedo o sofrimento marca a nossa vida, e mesmo as crianças podem entender o que estou dizendo. Elas têm dúvidas, dificuldades; os adolescentes e os jovens também têm. Mas, se tiver consciência de sua comunhão com Deus, o crente não desanimará. Foi isto que o apóstolo Paulo disse, em outras palavras: “Eu não desanimo, porque sei que essas coisas vão passar, mas o meu novo homem, o homem interior, renova-se a cada dia”. Era assim que Paulo via a realidade.

Mas como Paulo conseguia essa renovação diária? Ele explica no versículo seguinte. No versículo 17, percebemos que Paulo via o quadro mais amplo. E nos mostra isso através de uma comparação. Ele diz assim: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação [que afeta o nosso homem exterior aqui neste mundo] produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (v. 17, ARA). Ou seja, Paulo via o quadro maior, e fazia uma comparação. Ele comparava a glória que está preparada e reservada para nós com o que ele chama de “nossa leve e momentânea tribulação”. Por pior que nosso sofrimento seja, ele é leve e momentâneo, se comparado com o peso da glória que nos espera. Então, quando enxergamos esse quadro mais amplo em vida, enfrentamos o sofrimento da maneira correta. Não desanimamos, porque estamos visualizando o quadro mais amplo. Muitas vezes o problema é que, quando chega o sofrimento, alguns

crentes perdem o foco. Focam na dor e no problema, focam na aflição, na frustração, e deixam de ver o quadro mais amplo, deixam de perceber que essas coisas, na verdade, estão contribuindo para a renovação do seu homem interior e os preparando para aquela glória que Deus tem reservada para nós. Paulo tinha o quadro maior em vista, e fez essa comparação.

E não somente isso. Aqui no versículo 18 vemos outro segredo para o constante ânimo de Paulo. Ele prestava atenção nas coisas que realmente importavam. Veja o que ele diz no versículo 18: “não fixamos o olhar [não prestamos atenção] nas coisas visíveis, mas naquelas que não se veem; pois as visíveis são temporárias, ao passo que as que não se veem são eternas”. O que nos causa mais sofrimento? Não são as coisas que vemos e que sentimos? Pode ser um amigo, uma casa, uma propriedade, um negócio, dinheiro, também as pessoas, ou seja, o mundo material que nos cerca. Essas são as coisas que nos provocam mais aflição. As pessoas pensam: “Puxa, eu queria ser isso; eu queria ter aquilo; eu não queria que as coisas acontecessem desse jeito. Por que aconteceu assim? Perdi uma pessoa. Estou doente. Estou aflito”. Se você focar nas coisas que se veem, certamente vai sofrer; vai ser infeliz. Seu foco tem de estar voltado para as coisas invisíveis, as promessas de Deus, como Paulo diz: “não fixamos o olhar nas coisas visíveis” (v. 18). Não estou sugerindo que devamos negar a realidade. Não é isso. Mas nosso foco não é este mundo — não pode ser a nossa família, nem as pessoas de quem gostamos, nem nossa casa, nosso carro, nosso emprego, nossa saúde, nosso hobby, nossas coisas prediletas —, pois, como diz Paulo, todas essas coisas “visíveis são temporárias” (v. 18). Todas elas vão passar, vão se corromper juntamente com o homem exterior. Mas as outras coisas, a saber, “as que não se veem” (v. 18) ou as invisíveis, são eternas.

Mas o que são essas coisas invisíveis? São Deus, Cristo, o Espírito Santo, o perdão de pecados, a vida eterna, o novo céu e a nova terra, as promessas de Deus. Essas são as coisas que não vemos com os nossos sentidos, mas é nelas que devemos focar nossa atenção. Se vivermos neste mundo, como Paulo diz, vendo em primeiro plano o quadro maior, ou seja, que “a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória” (v. 17, ARA)”, e se focarmos nas coisas invisíveis, então teremos a mesma atitude de que Paulo fala no início do versículo 16: “não nos desanimamos”.

O grande problema é que, muitas vezes, quando o sofrimento vem, alguns crentes desanimam: deixam de orar, perdem a vontade de ler a Bíblia, de ir à igreja. Como fazer para não desanimar? Paulo nos explica no versículo 18.

Devemos focar nas coisas invisíveis, pois elas são eternas. Veja o quadro maior e saiba que, enquanto sua existência neste mundo está progressivamente se deteriorando, se desvanecendo, contudo, o homem interior, que vai herdar todas as coisas que vão permanecer para todo o sempre, renova-se a cada dia. Ou seja, tudo é uma questão de perspectiva. Note que Deus não promete tirar o sofrimento, nem promete que seus filhos jamais passarão por sofrimento. Ao contrário, a Bíblia sempre nos diz que “em meio a muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus” (At 14.22). Pois o próprio Jesus Cristo disse: “No mundo tereis tribulações; mas não vos desanimeis! Eu venci o mundo” (Jo 16.33).

Quando você diz: “Deus, estou no meio de um sofrimento muito grande. Por favor, me ajude”, o que ele faz? Provavelmente Deus não vá tirar aquele sofrimento, mas sim mudar a sua perspectiva. Ele vai querer que você olhe para o sofrimento da perspectiva correta e veja o quadro maior. O sofrimento é um meio de Deus para nos ensinar todas essas coisas. Era a partir dessa perspectiva mais ampla que Paulo encarava os sofrimentos em primeiro lugar, e, por isso, ele não desanimava.

Ansiando pela ressurreição dos mortos

A segunda atitude que o apóstolo Paulo tinha para com os sofrimentos que afetavam sua vida era que ele ansiava, isto é, desejava intensamente a ressurreição dos mortos (v. 1-5). Paulo tinha certeza de que o estado da ressurreição era infinitamente melhor e mais glorioso do que o nosso estado neste mundo. Estava tão certo disso a ponto de fazer um contraste. Em 2Coríntios 5.1, ele diz que o nosso corpo terreno é como uma tenda; é como um tabernáculo, enquanto o corpo da ressurreição é um edifício eterno, feito por Deus nos céus. Veja o que ele diz: “Sabemos que, se esta nossa tenda, nossa casa terrena, for destruída, temos um edifício da parte de Deus, uma casa eterna no céu, não feita por mãos humanas” (5.1). A que ele está se referindo nesse versículo? Ele está se referindo à morte. Está dizendo: “Eu sei que, se o meu tabernáculo, a minha tenda, que é o meu corpo terreno, se desfizer, eu tenho da parte de Deus um edifício, não uma tenda, uma casa não feita por mãos humanas, mas feita pelo próprio Deus, e que é eterna, em contraste com o nosso

corpo que é passageiro”. Paulo está se referindo ao corpo da ressurreição, ou seja, à ressurreição dos mortos. Em outras palavras, está dizendo: “Se o meu corpo terreno se desfizer, e ele vai se desfazer um dia, eu vou ganhar de Deus um corpo superior. E ele é tão superior quanto um edifício, um castelo ou um palácio feito por Deus é superior a uma tenda feita por mãos humanas neste mundo”.

Uma tenda é uma construção mais precária, como um barraco. Estou acostumado a ver barracos porque morei em Recife, uma cidade que tem muitas favelas. Morei em São Paulo, onde também existem muitas favelas. E viajei muito para o Rio de Janeiro, cujos morros são tomados por favelas. Portanto, sei bem o que é um barraco. São casas precárias, feitas de papelão, de saco plástico. Paulo compara a nossa existência na terra a uma morada desse tipo, e a contrasta com um edifício eterno, que nunca vai ser destruído, pois é feito por Deus nos céus. Com essas imagens, o apóstolo faz uma comparação entre o corpo da ressurreição e o nosso corpo terreno.

Paulo tinha tanta certeza disso que, no versículo 2, ele diz que anseia, que geme à espera da ressurreição: “Enquanto estamos nessa tenda [que é o nosso corpo], gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação celestial” (5.2). Ou seja, Paulo tinha consciência do que o esperava depois da morte. Ele tinha certeza de que, depois que morresse, ele teria o corpo da ressurreição. E ansiava por isso, gemia em seu coração, como que dizendo: “Senhor, quero conhecer esse corpo glorioso! Quero conhecer esse estado maravilhoso de perfeição de glória, de felicidade eterna! Ó, Deus, quando o Senhor vai me libertar deste corpo e me tirar desta situação de sofrimento e de dor?”.

Mas Paulo coloca alguns parâmetros para isso. Primeiro, no versículo 3, ele diz que isso só vai acontecer para quem for crente de verdade: “pois, se de fato estivermos vestidos, não seremos achados despidos” (v. 3). O que ele quis dizer com isso? Que só quem tiver fé verdadeira conhecerá esse estado maravilhoso de perfeição de glória, de felicidade eterna. Só quem tiver sido revestido com a justiça de Cristo, com as vestes de justiça que foram compradas para nós pelo Cordeiro. Isso me faz lembrar de uma parábola que Jesus contou (Mt 22.1-14). Certo rei deu um grande banquete de casamento, convidou muita gente, mas ninguém quis vir. Então, ele disse a seus servos que saíssem e convidassem quem achassem para o banquete. Todos estavam com a roupa apropriada. Mas, de repente, no meio da festa, o rei encontrou um cidadão que não estava com a roupa nupcial. E lhe perguntou: “Amigo, como você entrou aqui?”. Ele se calou. Então, foi lançado nas trevas, onde havia choro e ranger de dentes.

Jesus contou essa parábola. A festa é o encontro com ele, é o momento da glória da ressurreição, que só chegará para quem estiver vestido, e não nu. Nu é o estado em que estamos sem Cristo. Nu estão todos que não têm o perdão dos pecados. Nu é o estado em que nos encontramos em nossa rebelião, sem a certeza do perdão de Deus, vivendo de acordo com as paixões deste mundo. Mas, se estivermos vestidos com a justiça de Deus, então, depois da morte, teremos esse corpo maravilhoso que nos aguarda na ressurreição dos mortos. Esse é o primeiro parâmetro.

O segundo parâmetro que Paulo quer deixar claro é que ele não está desejando a morte, quando diz que está aspirando por essa realidade futura. Alguém poderia dizer que Paulo vivia querendo morrer. Por isso, ele explica em 5.4: “Porque, enquanto estamos nessa tenda, gememos e somos afligidos, pois não queremos ser despidos, mas sim revestidos, para que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida”. Em termos gerais, ele está dizendo: “Vejam bem, quando digo que estou gemendo e desejando ser revestido da nossa habitação celestial, não significa que eu queira morrer, mas sim que desejo conhecer essa vida, essa casa celestial, essa glória que Deus tem preparada para nós. E meu desejo é muito grande”. Paulo faz essa ressalva para que ninguém o acuse de estar promovendo ou incitando o suicídio, por exemplo. Ele diz, em outras palavras: “Não que eu esteja querendo morrer. A questão é que a vida depois da morte é tão mais gloriosa, que aspiro tanto por ela a ponto de que viver neste mundo se torna algo irrelevante e secundário. Mas não que eu queira tirar a minha vida”.

De fato, mesmo Paulo tendo tanto desejo de conhecer o corpo da ressurreição e a vida gloriosa, ele não tirou a própria vida. Ele foi morto no ano 66, na Via Ápia, por ordem do imperador Nero. Foi decapitado como inimigo do Império Romano. Ou seja, ele não tirou a própria vida; sua vida é que lhe foi tirada. E, quando foi decapitado, ele então foi para a presença do Senhor e conheceu essa verdade que tanto queria.

Ele diz no versículo 5 que foi o próprio Deus que o preparou para isso: “Foi Deus mesmo quem nos preparou para isso, e deu-nos o Espírito como garantia.” (5.5). É o próprio Deus quem prepara os crentes para viver neste mundo aspirando e gemendo pelo mundo celestial. E o que nos faz querer isso? O que nos dá a certeza disso? Paulo esclarece: Deus “nos deu o penhor do Espírito Santo” (ARA) ou “deu-nos o Espírito como garantia”. “Penhor” é uma garantia de que você vai pagar alguma coisa. Deus, então, nos deu uma garantia de que ele vai nos dar a vida eterna e a ressurreição dos mortos, e o novo céu e a nova

terra. Que garantia é essa? A presença do Espírito Santo em nós. Então, enquanto vivemos neste mundo, enquanto nosso homem exterior vai se corrompendo a cada dia que passa, o Espírito Santo que habita em nós vai nos renovando. Ele está nos reanimando, nos preparando para aquele momento em que teremos a vida eterna. Essa, portanto, é a segunda atitude de Paulo.

Recapitulando, primeiro Paulo diz que não desanimava, porque via o quadro mais amplo. Ele prestava atenção nas coisas que não se viam, nas coisas invisíveis, pois só elas são eternas. Depois, ele disse que sempre estava animado. E por que estava animado? Porque sabia que, quando morresse, ele teria o corpo da ressurreição. Enquanto estava neste mundo, ele tinha uma tenda provisória; quando chegasse no céu, teria um edifício eterno. Paulo sabia disso; queria isso. Não que ele quisesse morrer, mas queria conhecer essa realidade gloriosa. Por isso, tinha esse desejo intenso no coração.

Sempre confiantes

A terceira atitude de Paulo está nos versículos 6 e 7. Ele diz que sempre mantinha o bom ânimo. Estava sempre confiante e animado com as coisas de Deus. Veja o que ele diz: “Portanto, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto presentes no corpo, estamos ausentes do Senhor; porque vivemos pela fé e não pelo que vemos” (v. 6,7).

A questão é: Como Paulo, sabendo daquilo que o esperava, conseguia viver neste mundo? E sua resposta é que ele sabia duas coisas, para as quais eu gostaria de chamar sua atenção, pois são extremamente importantes.

A primeira é que, enquanto ele estiver presente neste mundo, estará ausente do Senhor. Ele diz: “Portanto, estamos sempre confiantes”. Em outras palavras: “Eu não desanimo. Estou neste mundo, em meio a todo esse sofrimento, mas tenho bom ânimo, estou sempre confiante. Por quê? Primeiro, porque sei que, enquanto eu estiver no corpo, estou ausente do Senhor Jesus”. O que isso significa? A ausência do Senhor Jesus não significa ausência espiritual, porque Jesus está conosco todos os dias até a consumação do século, por meio do Espírito Santo que habita em nós. Paulo está falando da ausência física de Cristo.

Cristo ressuscitou dos mortos com um corpo, o mesmo com o qual ele viveu durante os 33 anos que passou neste mundo, embora tenha sido glorificado, transformado em corpo imortal, preparado para a glória.

Portanto, Jesus Cristo tem um corpo. Depois que ressuscitou, ele esteve com os discípulos, e disse a Tomé que tocasse em suas mãos e em seu lado. Tomé viu que ele tinha realmente um corpo. Jesus comeu peixe e mel com os discípulos, e depois subiu aos céus. Muitos crentes parecem pensar que Jesus, depois que sumiu por detrás das nuvens, livrou-se de seu corpo e subiu aos céus só em alma. “Jesus é só um espírito agora”. Não, absolutamente não! Jesus continua hoje com o mesmo corpo da ressurreição. Ele é Deus-homem para todo sempre. Assim, enquanto estamos neste mundo, estamos ausentes de Cristo fisicamente falando. Ele não está mais presente entre nós fisicamente. Mas, quando acontecer a ressurreição dos mortos, Cristo virá fisicamente e nós estaremos com ele fisicamente, presencialmente.

A segunda coisa que Paulo menciona e que é muito importante para entendermos sua atitude aqui no mundo é que ele andava por fé e não por vista. “Enquanto presentes no corpo”, diz o apóstolo Paulo nos versículos 6 e 7, “vivemos pela fé e não pelo que vemos”. Em outras palavras, Paulo está dizendo: “Eu ando por fé. Não estou vendo o Senhor Jesus. Não posso tocá-lo. Não ouço a voz dele audivelmente, mas me relaciono com ele pela fé”. Como a Bíblia define a fé? “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11.1, ARA). Fé é a certeza das coisas que você não vê. Eu não vejo o Senhor Jesus, mas pela fé posso vê-lo. Chegará o dia em que não vou precisar mais de fé, porque terei o Senhor Jesus presente, em corpo, ao meu lado, quando ele vier em glória para julgar os mortos, quando acontecer a ressurreição, quando ele se reunir a seu povo no novo céu e na nova terra.

Portanto, nós andamos por fé e não por vista (2Co 5.7). Por que eu disse que esse versículo é importante? Porque muitos evangélicos não compreendem isso e gostariam de andar por vista. Todo santo dia eles querem ver um anjo querem ter uma visão de Jesus, querem ver milagres, querem ver mortos ressuscitarem. Mas a maneira pela qual Deus determinou que seus filhos vivessem neste mundo é pela fé, e não por vista. Por isso a maioria de nós nunca verá um morto ressuscitar; nunca terá uma visão de Cristo nunca verá o céu se abrir nem Deus falar. Por quê? Porque devemos viver pela fé, crendo no que a Bíblia nos diz e recebendo-o pela fé, mesmo sem nunca tê-lo visto, tocado, experimentado nem ouvido. Ora, eu nunca vi Jesus, nunca toquei nele. Mas por que sou cristão?

Porque eu creio. A fé me coloca em contato com Deus e com as realidades espirituais. Nós andamos por fé e não por vista.

O problema de quando o crente quer andar por vista é que ele se perde em uma espécie de misticismo. Sai à procura de ver Deus em coisas, em manifestações e tudo mais. E não são poucos os que se decepcionam. Eles têm uma fé fraca. Para andar pela fé, é preciso ter muito mais fé do que quem tem uma fé baseada em coisas, em objetos, em manifestações ou em qualquer outro argumento ou âncora que as pessoas costumam colocar para os crentes. Nós andamos por fé e não por vista.

É claro que eu gostaria de poder ver. Muitas vezes já disse a Deus: “Seria tão mais fácil se o Senhor mandasse o anjo Gabriel aparecer na minha frente, porque estou confuso, e não sei o que fazer. Preciso de uma decisão. Então, como no passado o Senhor mandou Gabriel falar com Maria e João Batista, o Senhor não poderia mandar um anjo aparecer aqui no meu quarto, no meu escritório, agora, para me ajudar a resolver isso?”. Mas ouço apenas o silêncio. Fico tentando ouvir o bater de asas, e nada. Só mesmo o barulho do ar-condicionado. Abro a Bíblia e Deus diz que o cristão anda por fé e não por vista, pois tem que andar pelas suas promessas, tem que confiar em Deus.

No jardim, Adão e Eva não precisavam de fé, porque Deus todo dia vinha conversar com eles, na viração do dia. O nosso castigo, o castigo da nossa raça, foi sermos expulsos do paraíso. Depois que fomos expulsos, não temos mais a presença do Senhor conosco como Adão e Eva tinham. Por isso estamos condenados a andar por fé e não por vista. Faz parte do castigo de Deus. Andamos por fé. Esse é um castigo abençoado, pois pela fé nós nos exercitamos; aprendemos a ter paciência, perseveramos, insistimos e continuamos, mesmo sem ver nada e sem tocar em nada. Essa é a maneira de Deus testar quem realmente é crente ou só está no evangelho apenas porque está à procura de outra coisa qualquer. Nós andamos por fé e não por vista.

Portanto, se Deus lhe conceder algum apoio para a fé, algum milagre em sua vida, dê graças a Deus por isso. Mas você deve saber que isso é exceção. A regra é esta: nós andamos por fé e não por vista. Era assim que Paulo se mantinha confiante, animado.

Agradando a Cristo em tudo

Estamos vendo as atitudes de Paulo, ou seja, como ele reagia diante do sofrimento. Primeiro, ele não desanimava debaixo de aflições e sofrimentos, porque via o quadro mais amplo. Segundo, ele ansiava, desejava a ressurreição dos mortos. Ele comparava nosso corpo terreno e o corpo da nossa ressurreição, e sabia o que o esperava. Terceiro, ele se mantinha sempre confiante, tinha sempre bom ânimo, pois sabia que neste mundo nós andamos pela fé, e não pelas coisas que vemos, pois estamos ausentes do Senhor Jesus. Mas chegará o dia em que estaremos com ele. E, finalmente, ele diz, nos versículos 9 e 10, que se esforçava para agradar a Cristo em tudo:

Por isso também nos esforçamos para agradá-lo, quer no corpo, quer fora dele. Pois é necessário que todos sejamos apresentados diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba retribuição pelo que fez por meio do corpo, de acordo com o que praticou, seja o bem, seja o mal (v. 9,10).

Paulo diz que não somente aqui neste mundo, mas também no mundo vindouro, quer viver para agradar a Cristo: “Assim, estamos confiantes e preferimos estar ausentes do corpo e presentes com o Senhor. Por isso também nos esforçamos para agradá-lo, quer no corpo, quer fora dele” (v. 8,9). Ou seja, quer neste mundo e ausentes do Senhor, quer no céu e presentes com ele, o alvo da vida de Paulo é viver para agradar Jesus Cristo, seja neste mundo, seja no mundo vindouro. Por isso Paulo sugere que quer partir, quer deixar esse corpo e habitar com o Senhor, estar com ele para todo sempre e servi-lo por toda a eternidade, do mesmo modo que o segue neste mundo. É por isso que ele diz estar confiante e preferir deixar o corpo e habitar com o Senhor. É também por isso que se esforça para agradá-lo, quer no corpo, quer fora dele” (v. 9).

Paulo acrescenta ainda uma motivação que parece fora de lugar, mas é extremamente importante. Ele explica por que quer agradar a Jesus. Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba retribuição pelo bem ou pelo mal que tiver feito por meio do corpo.

Paulo está dizendo que, quando Cristo vier, ele vai sentar-se e presidir o tribunal que vai julgar toda a raça humana. Todos, inclusive os crentes, comparecerão ali, e Cristo vai recompensar os que são seus, os que confiam nele. Dará a eles a recompensa pelas boas obras que o próprio Deus preparou para eles e que demonstram a sua fé. Enquanto isso, os ímpios, os incrédulos, os que rejeitaram a mensagem, que fecharam o coração e viveram sem Deus neste mundo, serão devidamente julgados e condenados ao castigo eterno no fogo que não se apaga, que a Bíblia chama de lago de fogo.

Haverá um dia do juízo, e por isso Paulo diz que quer ser agradável a Jesus Cristo, porque naquele dia ele haverá de dar a recompensa. Ele haverá de recompensar a maneira como Paulo o serviu neste mundo. Alguém pode dizer: “Mas isso não é uma motivação egoísta?”. Essa é uma motivação que a Bíblia apresenta não só nessa passagem (2Co 5.9,10), mas também em muitos outros lugares, encorajando-nos a servir a Deus e a viver para ele, levando em conta a recompensa que Deus haverá de nos dar naquele dia. Não vejo isso como uma motivação egoísta. Creio que é um estímulo bom. Não é um estímulo errado pensar que um dia estaremos diante do tribunal de Cristo, onde então Cristo publicamente haverá de nos receber, nos perdoar, e nos recompensar pelas obras que a sua graça operou em nós.

Lembra-se do que Paulo disse em Efésios 2.10? “Pois fomos feitos por ele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, previamente preparadas por Deus para que andássemos nelas”. Até as nossas boas obras são decorrentes da graça de Deus. Deus vai recompensar aquilo que ele mesmo fez. Ele agiu em nós, nos perdoou, nos deu o Espírito Santo, nos criou em Cristo Jesus para as boas obras, previamente as preparou para que andássemos nelas, e por isso ele vai nos recompensar no dia do juízo.

Conclusão e aplicações práticas

Essa passagem nos mostra que as únicas fontes verdadeiras de conforto e consolo neste mundo, de fato, são a esperança da vida eterna, a certeza da ressurreição dos mortos, a expectativa da vinda de Cristo, e a vida na glória com ele nos céus.

Vimos também que neste mundo o sofrimento nos aguarda, e que não andamos por vista, mas vivemos pela fé. A fé é a certeza de coisas que não se veem; é a convicção de fatos que se esperam. E é pela fé que nós podemos enfrentar as dificuldades que existem no mundo.

Aprendemos ainda que o nosso objetivo, enquanto estamos aqui, é agradar ao Senhor Jesus, até aquele dia em que estaremos com ele pessoalmente na glória eterna, juntamente com os nossos irmãos do mundo todo, no novo céu e na nova terra, onde habita a justiça.

Gostaria que você ficasse confortado e meditasse nessas coisas. Talvez tenha que reorientar a sua vida, a maneira como olha para o sofrimento, para a dor, para a agonia e tudo mais.

Certa vez, quando gravava o programa “Em poucas palavras”, recebi uma pergunta de um ouvinte, a qual deixei para responder no programa seguinte, porque naquele dia já tinham feito muitas perguntas. Essa pergunta específica, porém, chamou-me a atenção. Ele me disse: “Tenho um amigo que sofreu muito na vida. Perdeu o pai quando era mais moço. Depois perdeu a mãe. E agora está com uma doença terminal. Ele resolveu se tornar ateu, dizendo: ‘Não pode existir um Deus com tanto sofrimento na minha vida’. Como responder a isso?”.

Quando respondi a essa pergunta, eu o fiz à luz do que disse neste capítulo. Não se pode medir o plano de Deus, sua existência, seu amor tomando por base o sofrimento que enfrentamos neste mundo. Pois, se fosse assim, o apóstolo Paulo teria desanimado, desistido e abandonado o evangelho. E também milhares e milhares de outros cristãos, que perderam pessoas, filhos com doença, perderam entes queridos, foram mutilados em acidentes, perderam seu meio de subsistência e passaram necessidade. Você não pode medir o amor de Deus, sua redenção e suas promessas com base no sofrimento que enfrenta neste mundo.

Espero que tome essa lição para si. Que esteja disposto a olhar para a vida de outra perspectiva e enxergar o quadro mais amplo. E aprenda também a prestar atenção nas coisas que não vê. Por isso andamos por fé: porque elas não se veem, mas são as coisas que importam, as coisas eternas.

Capítulo 12

as coisas velhas já passaram

2Coríntios 5.11-17

A nova criação

Portanto, sabendo o que significa temer o Senhor, procuramos convencer os homens. Contudo, já somos bem conhecidos por Deus, e espero que também sejamos bem conhecidos em vossa consciência. Não estamos de novo nos recomendando a vós, mas vos concedemos a oportunidade de vos orgulhardes por nossa causa, de modo que tenhais resposta para os que se orgulham das aparências e não do que está no coração. “Porque, se enlouquecemos, é por Deus que enlouquecemos; se não perdemos o juízo, é por vós que não o perdemos.” Pois o que nos motiva é o amor de Cristo, porque concluímos que, se um morreu por todos, logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Assim, daqui por diante não reconhecemos ninguém segundo os padrões humanos. E ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo os padrões humanos, agora não o conhecemos mais desse modo. “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas.”

O ponto central dessa seção que estamos estudando (2Co 1—7) é a defesa que o apóstolo Paulo faz do seu ministério e da sua autoridade apostólica, diante dos ataques que estavam sendo feitos por falsos mestres, que haviam se infiltrado na

igreja de Corinto.

Esses pregadores vinham de Jerusalém, e tinham como objetivo obrigar os crentes da cidade de Corinto a guardar a lei de Moisés, ou seja, fazer algo que Paulo não lhes tinha ensinado. Paulo tinha dito e pregado que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei. Mas, então, após a saída de Paulo de Corinto, esses mestres chegaram e começaram a dizer que Paulo pregava um evangelho incompleto. E, para que os coríntios pudessem se salvar, eles tinham de, além de crer em Jesus Cristo, guardar os preceitos da lei de Moisés: a circuncisão, a dieta e o calendário sagrado dos judeus.

Para que pudessem obter esse resultado — levar os coríntios a fazer isso —, eles precisavam ganhar a confiança deles, pois tinham sido evangelizados e doutrinados pelo apóstolo. Então, parte da estratégia desses falsos mestres era questionar a autoridade de Paulo, lançar sombra sobre o seu caráter e prejudicar a sua imagem. Assim, eles diziam que Paulo pregava um falso evangelho, porque excluía a lei de Moisés e toda a antiga aliança, tudo aquilo que Deus havia entregado a seu povo. Diziam que Paulo era um judeu desviado, pois havia renegado as tradições do seu povo ao ensinar que agora o Templo já não tinha mais função, que o sacerdócio e os sacrifícios feitos no Templo não tinham mais valia; que o Messias era Jesus Cristo, alguém que tinha sido rejeitado pelo próprio povo judeu, alguém que não tinha recebido crédito nem das autoridades espirituais e religiosas da sua época.

Diziam também que Paulo tinha interesses financeiros e, por isso, saía fundando comunidades: porque queria se aproveitar financeiramente das pessoas que acreditassem nele. Além disso, argumentavam que Paulo vivia sendo rejeitado pelos judeus, vivia apanhando e sofrendo; não tinha carta de recomendação; não tinha credenciais; era um aventureiro: alguém que tinha resolvido começar uma seita com o nome de cristianismo, para poder tirar lucro e proveito. Ele, na verdade, era um judeu que tinha enlouquecido; havia tido uma experiência estranha, no caminho de Damasco, ficara louco e passara a ensinar coisas estranhas, completamente diferentes daquilo que os judeus aprenderam no Antigo Testamento.

Paulo, em 2Coríntios, defende-se de todas essas acusações. E o faz de maneira muito bem feita, com educação e clareza, porém com muita firmeza.

Nos últimos dois capítulos, vimos os motivos que ele apresenta para o seu

sofrimento, que é dar glória a Cristo. Em 2Coríntios 4.5-10, ele responde à questão: “Por que sofro tanto?”. E você deve se lembrar de que ele usou a figura do vaso que é quebrado para revelar o seu conteúdo. Em seguida, ele explica como enfrenta todos aqueles sofrimentos.

Agora, caminhando para o fim dessa seção, Paulo termina a defesa do seu apostolado e ministério com dois apelos poderosos aos coríntios, seus filhos na fé. O primeiro apelo é para que, diante de tudo que ele explicou, os coríntios o recebam como ministro de Cristo. Ele era o pai espiritual deles, e pede que não o rejeitem; não o tratem com descrédito por causa do que os falsos mestres estavam dizendo. Antes, pede que eles recebam o seu ministério como algo que é, de fato, da parte de Deus. Em seguida, ele apresenta algumas razões para isso, as quais veremos neste capítulo. São três motivações que Paulo dá para que os coríntios o recebam, pois ele, de fato, é ministro de Cristo. Neste capítulo, veremos, portanto, os três motivos que ele apresenta.

Posteriormente, o apelo continua. Ele pede aos coríntios que se reconciliem com Deus, o que vai ser o tema do início do capítulo 6 da carta.

Por último, ele faz outro apelo para que os coríntios rejeitem esses falsos mestres, para que não se ponham em jugo desigual com os incrédulos. Muita gente pensa que Paulo está falando de casamento nesse versículo. Mas ele não está. Está se referindo aos falsos mestres. Ele está dizendo aos coríntios que não se coloquem em jugo desigual com esses incrédulos, submetendo-se ao ministério deles. Pede que eles aceitem o ministério de Paulo como algo vindo de Deus, e rejeitem o ministério desses falsos mestres. Quando analisarmos esse ponto, veremos por que Paulo não está falando de casamento, embora possa ter implicações para o casamento também.

Portanto, neste capítulo veremos as motivações que Paulo apresenta, pelas quais os coríntios deveriam receber o seu ministério como um ministério realmente vindo da parte de Deus. E é com base nessas motivações que ele, então, fará um apelo para que os coríntios o recebam em seu coração e rejeitem os falsos mestres.

A primeira motivação

Vejamos as três motivações de Paulo. A primeira está nos versículos 11 e 12 do capítulo 5, e fala do temor que é devido ao Senhor:

Portanto, sabendo o que significa temer o Senhor, procuramos convencer os homens. Contudo, já somos bem conhecidos por Deus, e espero que também sejamos bem conhecidos em vossa consciência. Não estamos de novo nos recomendando a vós, mas vos concedemos a oportunidade de vos orgulhardes por nossa causa, de modo que tenhais resposta para os que se orgulham das aparências e não do que está no coração (5.11,12).

Essa é a primeira motivação do apóstolo Paulo. Veja como ele começa: “sabendo o que significa temer o Senhor”. Ou seja, “conhecendo como conheço o temor que devemos ao Senhor Jesus é que procuro persuadir os homens”. Ele está dando a explicação da sua motivação. Quando lhe perguntam: “Por que você apanha tanto e mesmo assim continua pregando, Paulo? Você é louco? É mercenário? Gosta de dinheiro?”. E Paulo responde, em outras palavras: “Não! É porque eu conheço o Senhor Jesus e sei o temor que devemos a ele”.

Veja que isso está ligado ao que ele acabou de dizer no versículo anterior: “Pois é necessário que todos sejamos apresentados diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba retribuição pelo que fez por meio do corpo, de acordo com o que praticou, seja o bem, seja o mal” (v. 10). Paulo tinha dito que um dia todos nós vamos comparecer diante do tribunal de Cristo e receberemos retribuição de acordo com as nossas obras. Ora, se Cristo será o nosso juiz, ele tem que ser temido. Paulo sabe disso, pois conhece Jesus Cristo não somente como Senhor e Salvador, mas também como aquele que, no dia do juízo, haverá de julgar vivos e mortos. Então, sabedor de que um dia prestará contas a Deus, ele diz que, por estar convencido de que um dia ele e todos os homens, todas as pessoas, terão de comparecer diante do Senhor Jesus, ele, então, procura persuadi-las a se arrependerem dos seus pecados, a crerem no Senhor Jesus e a se colocarem debaixo do senhorio dele. Essa é a primeira motivação de Paulo. Ele conhecia Cristo. Sabia que, no dia do juízo, Cristo seria o juiz. E isso, então, o levava a tentar persuadir os homens.

Persuadir alguém é convencer esse alguém daquilo que você está dizendo. Essa era a motivação de Paulo. Ele queria convencer os judeus, os coríntios, os gentios. Onde quer que ele chegasse, seu alvo era convencer as pessoas a respeito de Jesus Cristo, de que ele era o único caminho para Deus que, um dia, esse Cristo haveria de sentar no trono dos céus para julgar os vivos e os mortos. Diante disso, Paulo garante que Deus conhecia sua motivação, quando diz: “já somos bem conhecidos por Deus” (v. 11). Em outras palavras: “Deus me conhece plenamente. Ele sabe que esse é o motivo que me leva a estar no ministério e a ministrar a Palavra do Senhor”. E termina o versículo 11 dizendo: “e espero que também sejamos bem conhecidos em vossa consciência”.

Para nós, parece absurdo que os coríntios, que conheceram a verdade através do ministério de Paulo, possam ter chegado ao ponto de questionar as motivações de seu pai espiritual, simplesmente com base nas calúnias e fofocas desses estrangeiros que chegaram dizendo que Paulo não era o que parecia ser. Paulo, então, apela para a consciência deles, dizendo, em outras palavras: “e espero também que a consciência de vocês me reconheça. Que ela reconheça que o que me move é o conhecimento de Cristo e o temor que lhe é devido. Deus sabe que essa é a minha motivação. Mas espero que a consciência de vocês também reconheça isso”.

Paulo faz uma ressalva, como sempre costuma fazer: “Não estamos de novo nos recomendando a vós”. Ele precisa dizer isso o tempo todo, pois, quando nos defendemos de algumas acusações e colocamos a verdade dos fatos, as pessoas podem pensar que estamos nos gabando e autoelogiando; é uma reação natural. Paulo, como era um homem muito experiente, sabia que suas palavras poderiam ser mal interpretadas. Alguém poderia dizer que Paulo estava se elogiando, e no fundo era motivado por essas coisas, mesmo dizendo ser alguém que temia a Deus. Para evitar tal pensamento, Paulo diz que não está se recomendando a eles, pelo contrário. Paulo é mestre em virar o jogo.

Existe um argumento chamado *ad homine*, que consiste em você pegar o argumento que alguém aponta contra você e virá-lo, fazendo com que aponte contra esse indivíduo. Paulo é mestre em fazer isso. Ele não está se elogiando, quando diz que a sua motivação é correta. Na verdade, ele diz que está dando aos coríntios um motivo para sentirem orgulho dele, pois seu pai espiritual é movido pelo temor a Cristo. É isso que move Paulo e que servirá de resposta para esses outros, que não têm essa motivação e ainda se gloriam nas aparências. Quando Paulo se refere, no final do versículo 12, aos “que se orgulham das

aparências”, ele está dizendo que esses se gloriam na circuncisão, na observância da Lei e em todos aqueles rituais da lei mosaica que eram apenas aparência: ofertas de sacrifícios; ofertas de incensos; oferta de determinados animais — era tudo um culto externo. E esses falsos mestres se gloriavam nisso. Por isso Paulo está lhes dizendo, em outras palavras: “Vocês podem responder a esses falsos mestres assim: ‘Na verdade, nós temos orgulho do pastor Paulo, porque ele se gloria não na externalidade, mas na motivação de fato certa. Sua motivação é correta’”.

Veja o versículo 12 dessa perspectiva: “Não estamos de novo nos recomendando a vós, mas [ou “pelo contrário” como traz a ARA. Aqui Paulo começa a virar o jogo] vos concedemos a oportunidade de vos orgulhardes por nossa causa, de modo que tenhais resposta para os que se orgulham das aparências e não do que está no coração” (v. 12). É como se ele estivesse dizendo: “Quando esses falsos mestres chegarem gloriando-se na aparência, na circuncisão e em todos aqueles rituais bonitos, vocês podem lhes dizer: ‘Nosso pai espiritual, nosso pastor, na verdade tem uma motivação superior a essa. A motivação dele parte do coração. Ele teme de fato ao Senhor Jesus Cristo. E é por isso que ele faz o que faz. É por isso que persuade os homens, que prega o evangelho, que quer convencer as pessoas. Porque ele sabe que um dia todos nós estaremos na presença de Cristo Jesus para responder pelos nossos atos’”.

Essa é a primeira motivação do apóstolo Paulo, e também deveria ser a motivação de todo pastor. Afinal, por que pastores, evangelistas, professores e cristãos em geral querem levar o evangelho para outras pessoas? Sem dúvida, uma das motivações é exatamente esta: porque sabemos o temor que é devido ao Senhor, sabemos que o Senhor Jesus Cristo não é somente o nosso Salvador, mas será também o nosso juiz. E, um dia, nós todos teremos de responder diante dele pelo que fomos e fizemos. Então, uma das melhores motivações para o ministério pastoral é justamente esta: ser um pastor que, de fato, teme a Deus e ao Senhor Jesus. E temer não é ter medo, mas sim ter um temor respeitoso. Não ficamos com medo, pois sabemos que o próprio Senhor Jesus, que é o nosso juiz, já levou sobre si as nossas iniquidades. Ele nos remiu de toda a culpa. Mas, por ele ser quem é, merece respeito; merece que nos humilhemos diante dele e o tratemos como quem ele, de fato, é: o filho de Deus assentado no trono do universo.

Quando a pessoa é movida por isso, certas coisas no ministério são evitadas. E, em nossa vida em particular, se conhecermos o temor do Senhor, serão evitados

determinados caminhos, escolhas e decisões que tomamos.

A segunda motivação

Mas se, por um lado, Paulo é movido pelo temor do Senhor, por outro, ele é movido pelo amor do Senhor. Essa é a sua segunda motivação, a qual encontra-se nos versículos 13 a 15. Estavam acusando Paulo de haver enlouquecido. Ele era o judeu que tinha ficado doido, que tinha tido uma crise no caminho de Damasco, virara a cabeça, e agora ficava pregando uma coisa louca e absurda. Então, o apóstolo diz: “Porque, se enlouquecemos, é por Deus que enlouquecemos; se não perdemos o juízo, é por vós que não o perdemos. Pois o que nos motiva é o amor de Cristo” (5.13,14). O apóstolo diz, em síntese: “O que faço pode parecer loucura, mas é porque sou motivado, constrangido, dominado, controlado pelo amor de Jesus Cristo, a ponto de as coisas que digo poderem parecer loucura para as pessoas”.

Lembre-se de que, na primeira carta, Paulo disse no capítulo 1: “Pois a palavra da cruz é insensatez [loucura] para os que estão perecendo” (v. 18). Depois, em 2Coríntios 5.13,14, é como se o apóstolo perguntasse: “Sabe por que prego a loucura? Sabe por que prego uma mensagem que sei que as pessoas vão ridicularizar e na qual não vão acreditar? Porque o que me motiva é o amor de Cristo. Sou constrangido, movido, dominado, controlado pela compreensão do amor de Cristo. Se enlouqueço, é por Deus; se conservo o juízo, é por vocês, porque o amor de Cristo me constrange. Por isso prego o que prego”.

Em seguida, a partir dessa afirmação, Paulo extrai sua conclusão, ou seja, diz quais são as implicações que ele julga, analisa e percebe, com base nesse grande amor de Cristo por ele e pelos seus. Primeiro, o apóstolo afirma que, “se um morreu por todos, logo, todos morreram” (5.14). Portanto, a primeira implicação que Paulo extrai é esta: que, se Cristo morreu por todos, isso significa que todos morreram. Evidentemente, estamos diante de um prato cheio para uma discussão entre calvinistas e arminianos sobre a ação e a extensão da propiciação de Jesus Cristo. Os irmãos arminianos dirão: “Esse versículo está dizendo que Cristo morreu por todos”. Imediatamente, os calvinistas responderão: “Leiam o restante do versículo: “se um morreu por todos, logo, todos morreram” (v. 14). Morrer,

nesse versículo, significa morrer para o pecado. Ora, se “todos” aqui significasse cada pessoa que existe, então esse versículo estaria ensinando o universalismo. Se, na afirmação “se um morreu por todos”, esse “todos” significasse cada membro da raça humana, então, teríamos que ler o restante do versículo — a saber, “logo, todos morreram” — e concordar que todos os membros da raça humana, todas as pessoas morreram em Cristo para o pecado. E o que isso significaria? Que elas seriam eventualmente salvas.

Contudo, tenho certeza de que nenhum querido irmão arminiano é universalista. Dizer que o arminiano é universalista é não conhecer o arminianismo. O arminianismo não ensina a salvação de todos os seres humanos. Os arminianos creem no inferno, creem na condenação do ímpio. Mas eles têm de ter cuidado quando deparam com a palavra “todo”. Ela tem que ser lida dentro do contexto em que é usada, pois às vezes “todos” não tem sentido literal, mas significa “muitos”. Ou, então, refere-se a um grupo em particular, como é o caso em 2Coríntios 5.14, em cujo contexto a palavra “todos” significa todos os que são crentes. É óbvio! Se assim não fosse, Paulo não teria dito o que ele disse: “se um morreu por todos, logo, todos [que creem nele] morreram”. Pois, veja também o que está dizendo, logo em seguida, o versículo 15: “E ele morreu por todos [que creem nele] para que os que vivem — a saber, “os que [agora] vivem” ou “os que recebem sua nova vida” (NVT) — não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”. Ora, é evidente que Paulo está dizendo que Cristo morreu e ressuscitou pelos que são seus, pelos que creem, pelos “que [agora] vivem”, pelos “que recebem sua nova vida” (NVT), e que hoje vivem “para aquele que por eles morreu e ressuscitou”, como está dito na continuação do próprio versículo 15. É como se Paulo estivesse dizendo no versículo 15: “E ele morreu por todos os que vivem [ou “que recebem sua nova vida” (NVT), isto é, os crentes], para que não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”. Como consequência de ele ter morrido por eles, eles morreram para o pecado e agora vivem para Deus. É isso que o amor de Cristo significa, e é isso que constrange, que motiva o apóstolo Paulo. Como ele poderia ficar calado? Como ele poderia deixar de falar a respeito dessa tão grande salvação, desse tão grande amor do Filho de Deus, que veio a este mundo morrer para que nós pudéssemos viver? Ele veio morrer para que nós morrêssemos para o pecado, e veio ressuscitar para que nós pudéssemos viver para Deus. Por isso Paulo se sente constrangido, e por isso não se importa se o que ele prega parece loucura.

Coloque-se no lugar do incrédulo que um dia você já foi. Um dia, para você, o

evangelho parecia a maior loucura do mundo. E até hoje os incrédulos zombam de nós. Eles pensam assim: “A ideia de um filho de carpinteiro, há cerca de dois mil anos, que se declarava profeta, que foi rejeitado pelas autoridades romanas e pendurado em uma cruz, que tinha doze discípulos, dos quais um o traiu, outro o negou, e os outros dez fugiram, ora, é esse o caminho da salvação? Que loucura! Isso não tem nada a ver. É ridículo”. É dessa forma que o mundo zomba de nós. É assim que os incrédulos veem a mensagem do evangelho. Mas Paulo diz, em outras palavras: “Eu sei que estou pregando uma coisa que parece loucura”. Tanto é que seus adversários diziam que ele era um judeu que tinha ficado louco. Mas ele diz, em síntese: “Se enlouqueço, é por causa de Deus. Porque entendi o amor de Deus em Cristo Jesus. Ele morreu por todos, para que todos aqueles por quem ele morreu, e que estão mortos para o pecado, vivam agora somente para ele. Por isso eu não posso parar de falar. Essa é a minha motivação”.

Essa motivação é tão poderosa quanto o temor do Senhor, se não mais. Se o temor do Senhor levava Paulo a persuadir os homens, o amor de Cristo o constrangia, o motivava. O verbo constranger (usado na ARA, 5.14) significa algo que domina, controla, impulsiona a sua vontade e o seu querer. Paulo não podia fazer outra coisa que não fosse pregar, porque ele tinha entendido o significado da morte de Cristo. Eu não consigo ver outra motivação mais poderosa para o ministério do que essa. Não devemos só temer a Deus, mesmo sendo essa uma motivação poderosa. Pois, muito mais poderoso é conhecer o amor de Cristo e o significado do que ele fez naquela cruz por nós. Essa centralidade do evangelho, com suas respectivas implicações, é uma das verdades que precisam ser redescobertas no meio evangélico.

Certa vez, fui convidado a pregar em um mesmo evento com Tim Keller. Pediram que eu falasse sobre a liderança de acordo com o evangelho. Então, perguntei: “Que tipo de título é esse?”. E eles me disseram que Keller queria enfatizar que o evangelho é a joia perdida no meio da cristandade hoje, que muitas igrejas e muitos ministérios estão focados em prosperidade, em autoajuda; são influenciados pela psicologia, e o pastor nada mais é do que um psicólogo santificado e glorificado, com lições trazidas através da Bíblia, mas que nada são além de métodos psicológicos. No entanto, a cruz, a centralidade do evangelho, o amor de Cristo, o que isso representa e seu impacto na liderança precisam ser recuperados. Concordo totalmente com Keller. É isso mesmo que está faltando: que os pastores sejam movidos por essa visão de Cristo, pelo temor que se deve a ele e por um amor que os constrange de tal forma que eles não possam fazer outra coisa senão ensinar a verdade, ensinar a palavra de Deus

àquelas pessoas que o Senhor colocar debaixo do seu pastorado.

Terceira motivação

A terceira e última motivação que Paulo apresenta nesta passagem é a nova criação em Cristo. A primeira é o temor do Senhor; a segunda, o amor do Senhor; e a terceira é a nova criação em Cristo Jesus.

É uma passagem bastante conhecida, mas pouco entendida. Veja o que ele diz nos versículos 16 e 17:

Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo. E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. (v. 16,17, ARA).

Nesses versículos Paulo está se referindo à mudança em sua mentalidade, que aconteceu quando ele creu em Jesus Cristo. Antes de conhecer a Jesus Cristo, Paulo diz, no versículo 16, que conhecia as pessoas “segundo a carne”. Ou seja, ele fazia uma avaliação humana das pessoas, julgava-as pelas aparências, pelos critérios errados. Ele não conhecia Jesus, embora fosse um judeu religioso, piedoso, praticante, que conhecia o Antigo Testamento e o Deus do Antigo Testamento. Mas, como ele não conhecia Jesus Cristo nem todas as implicações do amor de Cristo, Paulo olhava para o mundo e para as pessoas “segundo a carne”, ou seja, segundo a avaliação humana, entendendo as coisas da perspectiva humana, decaída, uma visão que não é de Deus. É o que ele diz no versículo 16: “Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo”. Assim, no tempo em que Paulo conhecia segundo a carne, ele olhava para Jesus e não enxergava que este era o Filho de Deus; ele não via que Jesus era o Messias. Para Paulo, Jesus era uma pessoa como

qualquer outra, era um falso profeta, que mereceu ter morrido, e cujos seguidores mereciam morrer também. Portanto, antes de conhecer a Cristo no caminho de Damasco, a avaliação que Paulo tinha da realidade do mundo e da pessoa de Cristo era feita “segundo a carne”.

Mas, então, Paulo passou por aquela experiência no caminho de Damasco. Ali ele conheceu a Cristo e as coisas mudaram: “assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura [exatamente o que aconteceu com ele]; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (v. 17, ARA).

Eu sei que as pessoas, quando leem esse versículo, geralmente o interpretam no sentido da experiência de mudança pela qual nós passamos: antes éramos uma pessoa; quando conhecemos a Cristo, mudamos e nos tornamos outra pessoa. O texto pode significar isso; porém, o primeiro sentido do texto é que esse “estar em Cristo” muda o olhar, a perspectiva da pessoa. Ela não olha mais para as outras pessoas, nem conhece mais a Cristo segundo a carne, assim como não olha para o mundo segundo a carne, ou seja, do ponto de vista humano. Agora, essa pessoa olha para tudo a partir da perspectiva da nova criação.

O que, talvez, leve as pessoas a interpretarem esse versículo em termos psicológicos, como algo que se refere à experiência da conversão, é a tradução da palavra *ktisis*, do grego, como nova “criatura”. Mas, se você notar, algumas versões bíblicas (por exemplo, A21, NVI, NVT) já traduzem essa palavra por nova “criação”, significado que creio ser o correto. Se alguém está em Cristo, faz parte do novo mundo, da nova ordem, da nova criação que Deus inaugurou em Cristo. E, portanto, vê as coisas dessa perspectiva, faz parte dessa nova realidade que Cristo vai trazer, e, desse modo, olha, julga e faz as coisas a partir de uma perspectiva cristã.

É claro que isso envolve uma mudança de coração, a conversão, que resulta de experiência; envolve uma mudança de atitude, de vontades, de direcionamento na vida. Mas o sentido primeiro nesse versículo é a mudança de mentalidade, algo que chamamos de cosmovisão ou maneira de ver o mundo. Se alguém está em Cristo, faz parte da nova criação. As coisas antigas, ou seja, a maneira antiga de ver o mundo, passaram eis que tudo se fez novo! Agora a pessoa vê tudo de uma nova perspectiva: “Agora vejo! Agora entendo! Agora compreendo! Agora sei quem sou, de onde vim, para onde vou e por que as coisas me acontecem”.

Esse texto é mais bem explicado se visto da perspectiva da mudança de

mentalidade, em vez de uma mudança interior, embora esta última não esteja excluída. Em outras palavras, o que Paulo está dizendo é: “Por que prego o evangelho? Por que pareço um louco? Por que procuro persuadir as pessoas? Porque agora vejo as coisas da maneira correta. Para mim as coisas antigas passaram. A maneira que eu tinha de enxergar o mundo, as pessoas, a mim mesmo, a Deus, tudo isso passou. Pois agora, em Cristo, faço parte da nova criação que Deus já começou”.

A nova criação já começou em Cristo! E a Bíblia faz referência a isso de várias maneiras: quando se refere a nós como novo homem; quando diz que participamos da igreja como o novo povo de Deus; quando afirma que o reino de Deus já começou; quando diz que o final dos tempos já foi inaugurado. Ou seja, já teve início a nova criação de Deus, composta e levada adiante por todos aqueles que estão em Cristo Jesus, cujas vidas foram transformadas, e a quem comumente chamamos de igreja.

Ser nova criação é fazer parte da igreja, o novo povo de Deus, e, como tal, enxergar o mundo de uma nova perspectiva.

Portanto, são três as motivações de Paulo para fazer o que fazia. Em síntese, ele está dizendo: “Eu não enlouqueci. Vocês precisam entender por que faço o que faço. Primeiro, porque conheço quem é Jesus e o temor que se deve a ele. Sei que um dia vamos estar diante dele para prestar contas. Segundo, porque sou constrangido, dominado, motivado pelo amor dele, que o levou a morrer por nós, para que nós, mortos para o pecado, vivamos para Deus. E, terceiro, porque agora eu entendo o mundo da perspectiva correta. Faço parte dessa nova criação que Deus já começou na pessoa de Jesus Cristo. A minha maneira de ver segundo a carne, ou seja, as coisas antigas, já passou. Agora vejo tudo da perspectiva correta. Portanto, não posso fazer outra coisa senão persuadir os homens, procurar convencê-los a respeito do evangelho. Por isso sou o que sou e faço o que faço”.

Em cima desses argumentos, portanto, Paulo constrói seu apelo aos coríntios, para que sintam orgulho dele e o recebam no coração, e não aceitem os falsos profetas que estão ensinando a eles outro evangelho.

Conclusão e aplicações práticas

Podemos aprender algumas coisas que creio serem extremamente importantes. A primeira delas tem a ver com as motivações, a razão pela qual fazemos as coisas. Paulo expôs com muita clareza a importância delas para aqueles que se dedicam ao ministério pastoral, à pregação da Palavra de Deus. As motivações ou razões pelas quais fazemos as coisas vão determinar e definir nosso pastorado, nosso ministério, nossa pregação, a forma como aconselhamos. É isso que vai nos mover. O que movia Paulo era o temor de Deus, o amor de Cristo e a visão de mundo diferenciada, a partir da conversão.

Existem, porém, motivações que podem levar ao desastre no ministério: a busca por popularidade, riqueza e poder. Tudo isso levará o pastor, cedo ou tarde, a cometer erros e a fazer bobagens no seu ministério, o que será uma desgraça para ele, para sua igreja e para o evangelho.

A segunda lição que creio ser importante é que nossas decisões como cristãos também têm de ter essas três motivações. Embora sua primeira aplicação seja ao ministério, elas também se estendem e alcançam a todos. Tudo que fazemos e decidimos tem que ter como base essas coisas: o temor a Deus, o amor de Cristo e a maneira cristã de enxergar o mundo. Se essas três motivações estiverem claras em sua mente e em seu coração, você tomará as atitudes corretas. Elas vão mudar a sua maneira de viver, trabalhar, namorar, criar seus filhos, tratar seus empregados, seus patrões, se divertir e gastar seu dinheiro. Vão mexer com toda sua vida, se tudo você fizer por temor do Senhor, constrangido pelo amor de Cristo e vendo o mundo a partir da perspectiva da nova criação.

A próxima lição aplica-se a quem talvez esteja pensando em estudar e entrar para o ministério pastoral. Dou graças a Deus por isso. Por toda a minha vida tenho trabalhado em seminários e institutos bíblicos, preparando jovens candidatos ao ministério. E fico muito feliz quando vejo um jovem dizer que sonha ser pastor e dedicar sua vida ao ministério pastoral.

Mas aprecio também o conselho do meu sogro, o reverendo Francisco Leonardo, que costumava dizer: “Só entre para o ministério se você não conseguir fazer nenhuma outra coisa. Se conseguir ser médico, seja um. Consegue ser advogado? Vá ser. Agora, se você disser: ‘O ministério pastoral é a paixão da minha vida. Posso fazer qualquer uma dessas coisas, mas meu coração está nisso’. Então, quem sabe aí esteja um bom indício de que você está sendo

chamado”.

Outra coisa que ele me ensinou, quando era diretor do seminário do Norte e eu era aluno. Certa vez, ele me confessou que todo dia orava para que Deus trouxesse para o seminário verdadeiros vocacionados e lhe desse sabedoria para ele colocar para fora do seminário os que não fossem. Fiquei feliz quando concluí os quatro anos debaixo da orientação dele.

Portanto, pense bem: O que leva você a querer servir a Deus no ministério da Palavra? Nos seminários, muitas turmas de 50 alunos terminam com 20. Desses 20, 18 se formam. E, 10 anos depois, somente 5 estão no pastorado. Essas são as estatísticas. Então, pense bem por que quer ser pastor, o que deseja, quais são seus planos, o que move você.

Agora gostaria de deixar uma palavra para os colegas pastores. Nunca é tarde para reavaliarmos nossos motivos: “Por que estou fazendo isso? Por que estou fazendo há tantos anos? O que me move? Quais são as razões pelas quais eu ainda continuo no pastorado?”.

Por último, quero enfatizar como todos nós precisamos meditar a cada dia na Palavra de Deus, para ter o temor do Senhor, o amor dele e a visão cristã de mundo muito claros em nossa mente. E também para que nós, com a mentalidade saturada da Palavra de Deus, possamos tomar as decisões certas e viver de maneira que agrade a Deus neste mundo.

Capítulo 13

tudo isso provém de deus

2Coríntios 5.18—6.2

A mensagem da reconciliação

Mas todas essas coisas procedem de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. “Pois Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo, não levando em conta as transgressões dos homens; e nos encarregou da mensagem da reconciliação.” Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos exortasse por nosso intermédio. Assim, suplicamos-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus. Daquele que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus. E nós, como cooperadores de Deus, também vos exortamos a não receber a graça de Deus em vão. Porque ele diz: No tempo aceitável eu te escutei e no dia da salvação eu te socorri. Agora é o tempo aceitável, agora é o dia da salvação.

Na passagem anterior, o apóstolo Paulo expôs as três motivações que o levavam a ministrar a palavra de Deus. Ele fez isso diante da perplexidade dos seus leitores, em grande parte provocada pela crítica dos seus acusadores, de que ele era uma pessoa que sofria muito ou era muito rejeitada. Ele, então, expõe as motivações que o levavam a continuar em sua missão, sem parar de anunciar Cristo em todo lugar, em que pese todas as situações e sofrimentos que enfrentava, desde perseguições físicas até incredulidade e rejeição por parte dos

judeus, seu próprio povo.

Assim, Paulo aponta as três motivações que o dirigiam naquele ministério. Primeiro, ele era movido pelo temor que se deve ao Senhor. Segundo, ele era constrangido pelo amor de Cristo. E, terceiro, ele agora conhecia Cristo e o mundo a partir da perspectiva da nova criação. Paulo havia sido mudado por Deus, e agora passara a enxergar o mundo de outra perspectiva. Essas três coisas, portanto, eram as motivações que estavam por trás do apóstolo Paulo e que explicavam por que ele continuava a pregar e a ensinar, mesmo em meio a tantas dificuldades e oposições.

Agora, com base nessas motivações, Paulo faz três apelos aos coríntios. O que está por trás desses três apelos é aquela situação tensa que existia entre Paulo e a igreja de Corinto, sobre a qual temos estudado, e que tinha se agravado com a presença e a propaganda negativa de falsos profetas na cidade, os quais criticavam o apóstolo Paulo, diminuía sua autoridade, questionavam seus motivos, falavam mal dele e assim por diante.

Assim, depois de explicar o porquê de ele ser um ministro do evangelho, Paulo pede três coisas aos coríntios. Primeiro, que eles se reconciliem com Deus. Isso é o que veremos neste capítulo (5.18—6.2). Segundo, Paulo pede que eles o recebam em seus corações da mesma forma que ele já os havia recebido seu próprio (6.3-13). E o último apelo é para que eles rejeitem os falsos mestres que estavam presentes na igreja (6.14—7.1). São esses os três apelos do apóstolo aos irmãos da igreja de Corinto.

Neste capítulo, veremos apenas o primeiro deles: o apelo para que os coríntios se reconciliem com Deus. Fica evidente que, ao fazer esse apelo, o apóstolo Paulo estava percebendo que a situação dos coríntios diante de Senhor não estava correta, e que era preciso que eles estivessem em paz com Deus, e que não houvesse qualquer hostilidade no relacionamento entre eles e Deus.

O ministério da reconciliação

No versículo 18 do capítulo 5, Paulo passa a falar de como recebeu de Deus o

que ele chama de “ministério da reconciliação”: “Mas todas essas coisas procedem de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação” (v. 18).

Tudo o que Paulo tinha falado antes — ou seja, “todas essas coisas” que ele havia mencionado, especialmente o que ele disse no versículo 17, que “se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas” —, ele diz que provém de Deus. Ou seja, “todas essas coisas” procedem de Deus, são feitas por ele: o passamento das coisas velhas e a chegada das novas se dão pela ação de Deus. Nada é fruto da obra de Paulo ou de qualquer pessoa. Tudo é o resultado do plano eterno, que Deus concebeu antes da fundação do mundo, de reconciliar consigo mesmo um povo e fazer desse povo a sua igreja. Tudo isso provém de Deus.

E foi esse Deus, segundo Paulo, “que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo” (v. 18). Ou seja, Paulo usa o pronome na primeira pessoa do plural — “nos” — porque está falando como ministro do evangelho, como pregador da Palavra. E sabe que não é o único ministro do evangelho. Há outros. Ele próprio está associado a Timóteo e a Silas no ministério aos coríntios. Portanto, diz que foi o próprio Deus que “nos” reconciliou, ou seja, que reconciliou consigo mesmo o próprio Paulo, assim como Timóteo, Silas e todos os pregadores e cristãos em geral, que sem dúvida nenhuma estão incluídos aqui.

Ao falar que Deus “nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo”, Paulo deve ter em mente aquela experiência no caminho de Damasco, quando ele ainda era um inimigo de Cristo. Quais foram as palavras de Jesus para Saulo, no caminho de Damasco? “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9.4). Portanto, a atitude de Saulo em relação a Cristo era de hostilidade, de perseguição. Mas não mais, pois Deus o havia reconciliado consigo mesmo; Deus fez as pazes com ele. Perceba que a iniciativa é de Deus. Note como isso está muito claro: é Deus quem nos reconcilia consigo mesmo. A iniciativa não é nossa. Não somos nós que procuramos a Deus para nos reconciliarmos. É Deus quem nos busca e nos reconcilia consigo mesmo. Foi exatamente isso que Deus fez com seu inimigo, Saulo de Tarso, no caminho de Damasco.

Esse Deus, de quem tudo procede, não somente reconciliou Saulo consigo mesmo, mas confiou a Paulo o que ele chama de “o ministério da reconciliação”. Ou seja, a reconciliação que Deus promoveu com Paulo, ele agora quer que Paulo ensine a outras pessoas, para que Deus também se reconcilie com elas

através da pregação do apóstolo. Esse é o ministério da reconciliação que Deus confiou a Paulo: a missão de anunciar que Deus está fazendo as pazes com seus inimigos. Por meio da pessoa de Jesus Cristo, Deus quer que as pessoas se tornem seus filhos, e não mais continuem nesse estado de inimizade. O ministério da reconciliação consiste nisto: em reconciliar; fazer as pazes; unir dois extremos; trazer à mesa para uma comunhão pessoas que antes eram inimigas e hostis. Foi isso que Deus fez com Paulo, e essa é a missão que Deus entregou a Paulo, para que, através da pregação, trouxesse pessoas para se reconciliarem com Deus. Esse era, portanto, o primeiro ponto de sua mensagem: que Paulo recebera de Deus esse ministério da reconciliação.

O conteúdo do ministério

Nos versículos 19 e 20, temos o conteúdo desse ministério. O que Paulo tinha que ensinar? O que tinha que pregar para que as pessoas fossem reconciliadas com Deus? Ele começa o versículo 19 com “a saber” (ARA), o que indica que ele está dando a explicação do versículo 18: Deus “nos deu o ministério da reconciliação, a saber”. E, então, ele explica em que consiste esse ministério: “que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação” (v. 19, ARA).

Vamos tentar analisar essas palavras de Paulo na sequência mais lógica. Primeiro, por essas palavras fica evidente que, na visão de Paulo e de toda a Bíblia, os homens cometeram transgressões pelas quais eram imputáveis, isto é, eram responsáveis e culpáveis diante de Deus. Por isso Paulo diz, no versículo 19, que Deus reconciliou, consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões” (ARA). Ou seja, os homens eram imputáveis e Deus poderia imputar a eles as transgressões que cometeram.

Mas o que significa “imputar”? Significa atribuir culpa e responsabilidade, algo que Deus podia fazer. Por quê? Ora, porque os homens cometeram tais transgressões; eles de fato quebraram a lei de Deus, ofenderam a Deus. E, ao fazê-lo, tornaram-se culpados. Deus podia muito bem processá-los por terem violado a Lei e imputar-lhes a sua responsabilidade. É isso que a Palavra está

dizendo. Contudo, Deus não o fez. Sim, eles eram imputáveis, mas Deus não imputou aos homens as suas transgressões.

Essas transgressões das quais eles são culpados separam os homens de Deus. Não existe neutralidade, como alguns podem pensar. Todo homem é, por natureza, inimigo de Deus. Encontra-se em estado de guerra, de hostilidade contra Deus. Por mais bondosas, piedosas, religiosas que as pessoas possam parecer, no coração de cada uma existe uma profunda inimizade contra Deus; existe raiva, hostilidade contra Deus, algo que está presente na raça humana desde a queda do nosso pai Adão, no paraíso. Desde que o primeiro homem desobedeceu a Deus e caiu do estado de inocência em que fora criado, tornou-se pecador e seu coração se escureceu, pois nele entrou inimizade contra Deus, como explica o apóstolo Paulo, na Carta aos Romanos, quando diz que a inclinação da carne é no sentido da inimizade contra Deus. Infelizmente, essa é a inclinação do nosso coração.

Portanto, não acredite quando as pessoas dizem que, no fundo, todo mundo é bom ou gosta de Deus ou tem certa apreciação por Deus, pois não é esse o quadro que a Bíblia nos ensina. A Bíblia nos diz que estamos em estado de inimizade contra Deus por causa das nossas transgressões. Até mesmo um bebê inocente, quando nasce, já vem ao mundo trazendo essa inimizade contra Deus dentro do coração. Por mais que pareça inocente, ele já é pecador. Traz no coração uma corrupção inata, pois ele é parte da raça humana. E toda a raça humana está em estado de hostilidade e inimizade contra Deus. Somos inimigos de Deus por causa do pecado.

Conforme Paulo diz, contudo, Deus não imputou aos homens as suas transgressões (v. 19). O que significa isso? Não significa que Deus não considerou, não registrou ou não responsabilizou os membros da raça humana pelos pecados que cometeram. O fato de Deus não estar “imputando aos homens as suas transgressões” significa simplesmente que Deus não abandonou a raça humana ao castigo que ela merecia. Deus não levou em conta o fato de que toda raça humana é imputável, é culpável diante dele.

Colocando de outra maneira, podemos dizer que, apesar de a raça humana ser o que é, apesar de toda a sua inimizade e de seu ódio contra Deus, Deus não levou isso em conta, e, em vez de precipitar a raça humana toda na condenação e nos abandonar ao castigo que, com justiça, nós merecemos, Deus usou de misericórdia para com a raça humana. E como ele fez isso? Em vez de imputar a

nós as nossas transgressões, ele reconciliou consigo o mundo, por meio de Cristo Jesus. Deus reconciliou seus inimigos consigo mesmo, mas, para fazer isso, ele teve de remover a inimizade. Por isso Paulo diz que Deus estava “em Cristo” reconciliando consigo o mundo. É somente em Cristo que Deus pode reconciliar-se com seus inimigos. Como veremos mais adiante, é com base no sacrifício de Cristo na cruz que Deus elimina a causa da inimizade e da austeridade, podendo assim reconciliar-se com o mundo.

Quando Paulo afirma que Deus se reconciliou com o mundo, precisamos ter cuidado para não tirar a conclusão errada de que Deus se reconciliou com cada ser humano que existe na face da Terra. Esse não é o ponto que Paulo está defendendo em seu argumento, o que fica evidente pelo fato de que, logo em seguida, ele exorta os coríntios: “Assim, suplicamo-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus” (v. 20). Se a reconciliação fosse universal e automática, que necessidade haveria de Paulo receber o ministério da reconciliação, sair para pregar o evangelho, e exortar as pessoas para que se reconcilassem com Deus? Ora, é evidente que essa reconciliação com o mundo não significa que Deus resolveu salvar o mundo todo, nem trazer indistintamente para si todos os pecadores e perdoar todos os seus pecados. Não é isso que a reconciliação significa. Podemos entendê-la da seguinte maneira: quando Paulo diz que Deus reconciliou o mundo consigo, através de Cristo, quer dizer simplesmente que ele se reconciliou com o mundo dos seres humanos. Ele se reconciliou com a raça humana, salvando muitos membros dessa raça. Havia uma inimizade entre a raça humana e Deus. Essa inimizade foi tirada, e Deus se reconcilia com a raça humana, com o mundo dos seres humanos, salvando alguns deles da condenação que todos mereciam. É nesse sentido que Deus se reconcilia com o mundo, com o mundo das pessoas, com o mundo dos seres humanos, trazendo a paz, salvando e redimindo alguns deles, que não são poucos, mas sim muitos.

Chamo sua atenção para esse ponto porque ele tem de ser bem destrinchado, uma vez que será a base do que Paulo vai dizer mais para a frente. Quanto ao que Paulo diz no versículo 19, que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”, é algo de tamanha importância que nem sei como destacar. Significa que Deus estava em Cristo quando Cristo morreu e ressuscitou. Ou seja, aquilo que aconteceu com Jesus Cristo não foi mero fato histórico. Jesus, de fato, existiu, e nós temos provas abundantes disso. Ele era daquela região da Galileia. Era considerado um profeta pelos judeus. De fato foi denunciado pelas autoridades judaicas como agitador político. E foi julgado por Pôncio Pilatos; foi entregue para ser crucificado; e de fato foi crucificado e morto. Esses fatos são

históricos. Se Jesus fosse uma pessoa como você e eu, então esses seriam meros fatos históricos. Mas, porque Deus estava em Cristo, esses fatos todos têm um significado redentor, salvador, escatológico, cósmico: Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, através da sua morte e da sua ressurreição. Se Deus não estivesse em Cristo, ou seja, se Cristo não fosse Deus, se Jesus não fosse divino, a sua morte seria apenas mais uma execução feita pelos soldados romanos, mais uma de uma lista de centenas de mortes que aconteceram naquela época. Mas, porque Deus estava em Cristo, sua morte tem um significado que ultrapassa a história. Sim, é um fato histórico. Mas tem um significado que ultrapassa a história, pois é com base na morte de Cristo que Deus pôde reconciliar o mundo consigo. Porque era Deus que estava em Cristo. Não era um mero homem que estava morrendo naquela cruz. Esse ponto é talvez o mais importante dessa passagem.

Depois de dizer que Deus se reconciliou com o mundo em Cristo Jesus, Paulo diz que ele confiou aos que foram reconciliados o ministério da reconciliação: “nos confiou a palavra da reconciliação” (v. 19, ARA). Confiar significa entregar uma coisa preciosa e de valor ou dar uma tarefa a alguém que você acredita que vai cuidar bem dela ou levá-la a bom termo. E é isso que Paulo está dizendo, quando menciona que Deus lhe confiou esse ministério da reconciliação. Não significa que Paulo reconciliará as pessoas com Deus, mas sim que ele anunciará o que Deus fez em Cristo Jesus, e através dessa pregação, pessoas crerão nisso e se reconciliarão com Deus. É através desse ministério e do ensino da Palavra que Deus chama pessoas a se reconciliarem com ele. Veja o que ele diz, no final do versículo 19: “e nos confiou a palavra da reconciliação”. Repare que ele não diz mais o ministério da reconciliação, mas a “palavra da reconciliação”. Isso revela de que maneira Deus vai se reconciliar com os homens: através da palavra, através da pregação do evangelho, do ensino do evangelho. As pessoas se reconciliarão ao ouvirem a palavra da reconciliação, ao ouvirem a respeito da sua culpa e das suas transgressões, a respeito do amor de Deus e crerem em Jesus Cristo. Assim, as pessoas chamadas pelo evangelho vão chegar a Deus arrependidas de seus pecados, crerão no Senhor Jesus e, com isso, serão reconciliadas com Deus.

Paulo, portanto, no versículo 20, considera-se um embaixador dessa palavra: “Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos exortasse por nosso intermédio. Assim, suplicamo-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus” (v. 20). Aqui nós temos o apelo de Paulo, que vai do final de 5.20 até 6.3. Primeiro, ele lança a base de tudo: Deus se reconciliou com o mundo mediante a obra de

Cristo, porque Deus estava em Cristo. Portanto, aqueles fatos que aconteceram têm um sentido e um poder redentor. Deus entregou esse ministério da reconciliação ao apóstolo Paulo, que o desempenharia pela palavra da reconciliação. Agora era essa a sua missão. Paulo, então, dirige-se aos coríntios e lhes fala como embaixador: “somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos exortasse por nosso intermédio” (v. 20).

Já pensou na responsabilidade do ministério pastoral? Ser embaixador em nome de Cristo, como se Deus estivesse exortando através do pregador. É algo tão sério, que os puritanos, quando elaboraram os documentos que hoje consistem na Confissão de Fé de Westminster, ao mencionar a pregação da Palavra, dizem que, se o pregador do evangelho é fiel às Escrituras, se está ensinando a Palavra de Deus, é como se o próprio Cristo estivesse falando através dele. Por isso, então, eles falam da necessidade de ouvir o ensino da Palavra de Deus, se ela estiver de acordo com a revelação escrita. É claro que a autoridade do pastor e do pregador só pode estar no ensino e na pregação fiel da Palavra. Há pregador que tenta impor sua autoridade, porque é pastor, bispo, apóstolo, porque teve uma visão, porque teve uma revelação, porque é o fundador da igreja. Nada disso, porém, dá autoridade a ninguém. A única autoridade que o pregador da Palavra tem está na própria Palavra. Enquanto ele expõe fielmente a Palavra de Deus é como se Deus exortasse por intermédio dele, conforme Paulo diz no versículo 20. É como se Deus estivesse falando através do próprio apóstolo Paulo.

E Paulo faz um apelo, no final do versículo 20: “Assim, suplicamo-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus”. Tendo esclarecido esses pontos, Paulo agora está pronto para chegar para a igreja, à luz de tudo que explicou, e dizer, em síntese: “Vocês estão entendendo agora? Eu sou um ministro do evangelho. Recebi de Deus a Palavra da reconciliação. Eu mesmo já fui reconciliado. Essa reconciliação é feita com base na obra de Cristo. Então, meus caros coríntios, suplico a vocês que se reconciliem com Deus”. Por que essa exortação de Paulo foi necessária? Porque, se estudarmos a Primeira Carta aos Coríntios, veremos que a igreja de Corinto era bem complicada. Primeiro, era uma igreja dividida. Havia quatro partidos dentro da igreja: “um de vós afirma: Eu sou de Paulo; outro, Eu sou de Apolo; outro, Eu sou de Cefas; outro ainda, Eu sou de Cristo” (1Co 1.12). Segundo, havia problemas de disciplina, e também de imoralidade na igreja — que era pública e notória, mas a liderança não tomava providência nenhuma. Terceiro, havia membros da igreja que frequentavam templos pagãos, se prostituíam por lá, comiam a comida sacrificada a ídolos. Quarto, a igreja

estava dividida em torno de várias questões, como, por exemplo, comer ou não a carne sacrificada a ídolos; se era melhor ficar solteiro ou se casar: o que era mais espiritual etc.

Havia ainda outras complicações. Não havia ordem na celebração do culto. Alguns chegavam a ficar bêbados de tanto tomar vinho. A ceia era feita durante uma festa, chamada festa do Ágape, um costume que se perdeu a partir do século 2. Durante a festa, todos traziam comida e, então, comiam, bebiam, e no meio da festa paravam, partiam o pão e bebiam o vinho. Alguns, porém, comiam antes, embriagavam-se, e na hora da ceia não tinha mais condição: já tinha havido briga e discussão, haviam pessoas com fome, com raiva dos outros que não tinham esperado para comer etc. Por isso Paulo recomenda que esperem uns pelos outros. Ele não estava pedindo que todos segurassem o cálice e dele bebessem juntos. Ele estava dizendo que os coríntios deveriam esperar uns aos outros na hora de comer, para evitar a confusão que estava acontecendo naquela igreja.

A ceia na igreja de Corinto transformara-se em um problema, portanto. As mulheres queriam tirar o véu, peça de uso obrigatório na época, porque naquela cultura era sinal de submissão da mulher. Será que o movimento feminista começou lá, na igreja de Corinto? Apesar da brincadeira, o assunto era sério. Havia também um grupo na igreja que não acreditava na ressurreição dos mortos. No culto, falavam em línguas sem interpretação, ninguém entendia nada, e se transformava em uma grande confusão. Havia profetas na igreja que diziam o que lhes vinha à cabeça. Além disso, havia as críticas ao apóstolo Paulo e a recusa em aceitar sua autoridade. Diante de tantos problemas, não era sem motivo que, enquanto escrevia a segunda carta, o apóstolo Paulo tenha dito, em outras palavras: “Eu lhes suplico que se reconciliem com Deus. Porque tudo isso que está acontecendo na igreja é por falta de reconciliação, de viver essa reconciliação. Certamente Deus não está se agradando do que vocês estão fazendo, da sua atitude. Portanto, está na hora de se reconciliarem com Deus através da verdade que ouviram de minha parte”.

No versículo 21, Paulo revela qual é a base dessa reconciliação, explica como Deus pode se reconciliar com a raça humana. O versículo em questão é fundamental para uma das doutrinas mais caras e estimadas da teologia reformada, que é a doutrina da imputação: “Daquele que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (v. 21). Paulo está dizendo que Deus tomou como sacrifício

pelo pecado a Jesus, que não tinha pecado, que não conheceu o pecado. Não é que ele não soubesse o que é pecado, mas que ele não o conheceu no sentido de que nunca praticou nem experimentou o pecado. Ele nunca cometeu um ato pecaminoso. Jesus não era pecador, era puro e perfeito. Nascido do ventre da virgem Maria, gerado pelo poder do Espírito Santo, sem a corrupção da natureza adâmica, ele foi preservado de herdar, como homem, a corrupção dessa natureza. Jesus tinha uma natureza pura, perfeita e imaculada. Ele não sabia o que era pecar na prática. É claro que ele sabia o que era pecado, visto que ele próprio denunciou uma série de pecados. Logo, ele sabia muito bem o que era e o que não era pecado, mas ele mesmo nunca “conheceu”, ou seja, nunca provou o pecado, nunca pecou; nunca deixou que o pecado entrasse em sua alma, sua mente, seu coração, e tingisse o seu espírito imaculado. Entretanto, Deus fez de Jesus “um sacrifício pelo pecado em nosso favor”. Deus o tomou e o tratou como um pecador; levou-o para a cruz e ali o castigou severamente, como se Jesus fosse pecador. Na verdade, como se ele fosse o representante de todos os pecadores. E, ali na cruz, feito pecador pelo próprio Pai, Deus o trata como tal, e Cristo recebe o castigo que era nosso. Ele experimenta em si as consequências dos nossos atos e das nossas transgressões. Aquela inimizade, sobre a qual falei anteriormente, causada pelas transgressões, foi na cruz castigada por Deus, e castigada naquele que representava os pecadores.

Aquele que não conheceu pecado Deus o fez pecado por nós, em nosso favor! A chave está nesta expressão: “em nosso favor” (v. 21). Deus o tratou como um pecador em nosso lugar. Paulo já tinha dito que Deus não nos imputou as nossas transgressões. O que ele fez com as nossas transgressões, então? Ele as imputou a Cristo. Todas as nossas transgressões foram imputadas a ele, e por isso Deus o trata como pecador. Na cruz do Calvário, Cristo experimenta a ira de Deus, e bebe até a última gota do cálice da ira de Deus, pois recebeu o castigo que nós merecíamos.

A seguir, Paulo explica com que finalidade Deus fez isso: “para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (v. 21). Da mesma forma que Deus imputou a Cristo nosso pecado e nossa transgressão, e tratou Cristo como pecador, fazendo-o perecer horivelmente na cruz, Deus agora nos imputa a justiça de Cristo. Em vez de nos tratar como pecadores, ele nos trata como se fôssemos o seu próprio Filho, sem pecado. Por isso Paulo afirma na Carta aos Romanos: “já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1), porque Deus nos trata agora como a seu próprio Filho Jesus Cristo. Ele olha para nós e não vê em nós iniquidade nenhuma, pois ele nos aplica e nos transfere a justiça de

Cristo. Essa é a doutrina a qual chamamos doutrina da imputação, e que é a base da nossa salvação: Deus imputou nosso pecado a Cristo e o tratou como pecador em nosso lugar, a fim de tomar a justiça de Cristo e imputá-la a nós e tratar-nos como justos. Não que sejamos justos na prática, de verdade: a justiça que nos é atribuída é aquela que vem de Deus, mediante Jesus Cristo, pela imputação.

Para nós, essa doutrina é central e é a base da doutrina da justificação definida pela Reforma Protestante. Apenas à guisa de informação, acrescento que é possível encontrar hoje teólogos bíblicos de renome que desacreditam a doutrina da imputação. O mais conhecido deles é N. T. Wright. Ele é um conhecido autor, pesquisador, bispo anglicano, uma pessoa muito capaz, que tem produzido muita literatura. Também é conhecido hoje como um dos maiores defensores da chamada “nova perspectiva sobre Paulo”. Essa “nova perspectiva” procura mostrar que Paulo não operava com esses termos de imputação, porque são termos legais extraídos do sistema jurídico do Império Romano, a linguagem romana daquela época: a ideia de imputação. Mas, segundo os defensores da nova perspectiva, Paulo não poderia estar tratando de imputação nesses termos característicos do sistema jurídico do Império Romano, de modo que a base da justificação é outra, não pode ser a imputação. Para quem quiser conhecer mais a fundo essa questão, recomendo o livro de John Piper, O futuro da justificação, que refuta as doutrinas de N.T. Wright.¹ Também poderá encontrar na Internet artigos e palestras de minha autoria a respeito dessa discussão, caso tenha interesse.

Destaco esse ponto porque o considero extremamente importante, pois a doutrina da imputação é a base da doutrina reformada da justificação pela fé: Deus atribui o nosso pecado a Cristo e atribui a justiça de Cristo a nós. É essa troca que nos possibilita sermos salvos. É por causa dessa troca que Deus pode se reconciliar conosco. Graças a Deus por isso!

O apelo

Depois disso, entramos no capítulo 6, no qual Paulo faz outro apelo: “E nós, como cooperadores de Deus, também vos exortamos a não receber a graça de Deus em vão” (v. 1). Paulo reforça: “Caros coríntios, não recebam em vão a

graça de Deus”. O que o apóstolo quis dizer com isso?

Os coríntios já conheciam o evangelho. Paulo já tinha estado lá, pregado a palavra, exposto a Cristo crucificado; nada disso era novidade para eles. Mas agora os coríntios estavam começando a dar ouvido a falsos profetas, que ensinavam outra coisa, ensinavam que, para nos reconciliarmos com Deus, teríamos de guardar as obras da lei, teríamos de fazer tudo que Moisés manda, da circuncisão ao calendário sagrado dos judeus, com todas aquelas festas, e a dieta religiosa dos judeus. Com isso, eles estavam desvirtuando a doutrina singela da imputação do nosso pecado a Cristo pela graça de Deus. Então, esse falso ensinamento estava infiltrando-se na igreja de Corinto. E, caso dessem ouvidos a esses falsos profetas, os coríntios teriam recebido a graça de Deus em vão. Ou seja, de nada lhes adiantaria tudo aquilo que tinham aprendido sobre a graça de Deus: que ela poderia salvá-los, que era o caminho verdadeiro da salvação. Se eles optassem por seguir os falsos profetas, estariam virando as costas para a única forma possível de redenção.

Paulo, então, exorta-os: “E nós, como cooperadores de Deus, também vos exortamos a não receber a graça de Deus em vão” (v. 1). Em seguida, faz uma advertência severa no versículo 2, citando Isaías 49.8: “(porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação” (ARA). Em Isaías, Deus, falando à nação de Israel, disse: “No tempo aceitável, eu te ouvi e te socorri no dia da salvação” (Is 49.8, ARA). Paulo usa em seu argumento essas mesmas palavras, e conclui o seguinte: “eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (6.2). Em outras palavras, Paulo afirma: “Coríntios, vocês ouviram a Palavra de Deus; conhecem o evangelho; sabem que é mediante a obra de Cristo que somos reconciliados. Não recebam em vão essa mensagem. Aproveitem a oportunidade, porque hoje é o dia da salvação”. Muitas vezes um pregador se empolga em uma pregação evangelística, e apela para os ouvintes, dizendo: “Hoje é o dia da salvação”. Mas o “hoje” do versículo 2 não é um dia específico. O “dia da salvação” é todo o período entre a morte e ressurreição de Cristo até a sua segunda vinda. Na Bíblia, esse período é chamado “o dia da salvação”. É o tempo em que Deus está dando oportunidade aos pecadores para que ouçam a mensagem do evangelho, arrependam-se, creiam e sejam reconciliados com ele. Paulo é ministro dessa reconciliação, portanto.

Esta é a tarefa da igreja: lembrar que nem sempre haverá oportunidade, que agora é o dia da salvação, mas que esse dia vai terminar e será seguido pelo dia

do juízo. Quando Cristo vier em glória, ele julgará as nações e não haverá mais oportunidade para que as pessoas se arrependam e creiam.

Este é o apelo que Paulo faz aos coríntios: para que eles se reconciliem com Deus e não recebam em vão a mensagem que lhes foi pregada. Ele está lhes dizendo que não sigam os falsos mestres, mas se reconciliem com Deus nesse que é o dia da salvação. A oportunidade é agora. Que não deixem passar essa grande graça que Deus concedeu a todos eles.

Conclusão e aplicações práticas

O que podemos aprender com essa palavra do apóstolo Paulo?

Primeiro, aprendemos sobre o verdadeiro estado do ser humano diante de Deus. Nesse ponto a Bíblia não deixa a menor dúvida. E ela contrasta com a visão ensinada em nossa cultura — pela psicologia moderna e pelos defensores do pensamento positivo ou da autoajuda — de que o ser humano é intrinsecamente bom e pode encontrar em si mesmo os recursos de que precisa para resolver seus problemas, realizar-se e ser feliz neste mundo. É bem diferente o quadro que a Bíblia nos dá sobre o nosso estado diante de Deus, que é de inimizade contra Deus, de transgressão, de transgressores imputáveis debaixo da ira e da culpa, e sujeitos ao castigo de Deus. Esse é o verdadeiro estado do ser humano diante de Deus.

A segunda lição que podemos aprender desse texto é que, mediante a obra de Cristo, a reconciliação com Deus é possível. Nós podemos vencer essa inimizade e nos reconciliar com aquele que é o Senhor de tudo e de todos, mas não através de obras e de outros mediadores: somente mediante a imputação do nosso pecado a Cristo, ou seja, mediante a transferência da nossa culpa para Cristo e a transferência da justiça de Cristo para nós.

Terceira lição: Isso só é possível porque Deus estava em Cristo. Quanto a esse aspecto, quero destacar um ponto importante: se você nega a divindade de Jesus Cristo e o que ele fez na cruz, você nega o efeito da sua morte na cruz do Calvário.

Outra lição que podemos extrair é sobre o grande privilégio confiado aos pregadores do evangelho. Deus lhes confiou essa mensagem. Eles são embaixadores de Deus, de Cristo. Deus fala por intermédio deles. E o mesmo se aplica a você, cristão, que já foi reconciliado também. Você é testemunha dessa reconciliação. E, quando fala de Cristo e de sua obra para seus amigos e para aquelas pessoas que Deus coloca em sua vida, é como se Deus estivesse falando através de você, e chamando aquelas pessoas. Tenho certeza de que você pode dar testemunho de como foi alcançado pelo testemunho de outra pessoa, alguém que chegou em você e compartilhou o evangelho, entregou um folheto, trouxe você para a igreja. Então, embora a aplicação do texto seja feita primeiramente aos ministros do evangelho como embaixadores de Deus, ele também tem aplicação para todos aqueles que já se reconciliaram com Cristo Jesus.

E, por último, essa mensagem da reconciliação deve ser feita quase como uma súplica. Veja como Paulo se expressa no versículo 20: “Assim, suplicamo-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus”. Seu pedido é feito de maneira súplice, humilde, fervorosa e intensa, pois Paulo sabe que esse é o único caminho para nos reconciliarmos com Deus. Por isso ele roga, suplica, e pede que as pessoas se arrependam, creiam em Jesus Cristo, porque hoje é o dia da salvação. Estamos vivendo na época em que Deus está se reconciliando com os seres humanos. A oportunidade é agora: supliquemos que as pessoas se reconciliem com Deus.

Espero que cada um examine a si mesmo e veja se está de fato reconciliado com Deus; veja se, no fundo do seu coração, não existe mais inimizade, hostilidade, medo ou raiva, mas sim paz com relação a Deus. A pessoa pode ter dúvidas, questionamentos, mas a reconciliação é o ponto central. Se já estou reconciliado com Deus mediante Jesus Cristo, tudo o mais vai se encaixar do jeito certo, da maneira de Deus. Mas o ponto central é que, em Cristo, Deus me reconciliou consigo mesmo, imputando a Cristo o meu pecado, e transferindo para mim a justiça de Cristo, para que eu possa fazer parte do povo de Deus e herdar a vida eterna na sua vinda. Amém!

[1 John Piper, O futuro da justificação — uma resposta a N.T. Wright \(Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2010\).](#)

Capítulo 14

APELO PARA RECONCILIAÇÃO COM OS CORÍNTIOS

2Coríntios 6.3-13

O coração aberto de Paulo

Não damos motivo de escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja achado em falta. “Antes, em tudo nos recomendamos como servos de Deus; em muita perseverança, em tribulações, em dificuldades, em angústias,” em chicoteamentos, em prisões, em tumultos, em trabalhos, em noites sem dormir, em jejuns, em pureza, em conhecimento, em paciência, em bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na mensagem da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, tanto de ataque como de defesa, “por honra e por desonra, por difamação e por boa reputação; como se fôssemos mentirosos, sendo, porém verdadeiros;” “como desconhecidos, porém bem conhecidos; como quem está morrendo, mas de fato vivendo; castigados, porém não mortos;” “entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo.” “Ó, coríntios, temos falado abertamente convosco; nosso coração está aberto!” Nossa afeição por vós não está restrita, mas tendes restringido vosso afeto para conosco. Em retribuição, falo como a filhos, abri também o vosso coração.

Como é sabido, uma das razões pelas quais o apóstolo Paulo escreveu a Segunda Carta à igreja de Corinto foi para buscar diminuir ou resolver a tensão que havia se desenvolvido entre ele e os membros daquela igreja, o que ocorria apesar de

ele ter sido o instrumento pelo qual aquelas pessoas haviam se convertido.

Um grupo influente na igreja de Corinto havia começado a questionar a autoridade apostólica de Paulo, bem como a sua liderança. Para piorar, falsos mestres haviam se infiltrado na igreja, vindos de Jerusalém, e tentavam anular a autoridade de Paulo e tomar o poder na igreja, a liderança da igreja. Acusavam Paulo de ser mercenário, de pregar um evangelho falsificado, de rejeitar Moisés, o templo e aquelas gloriosas marcas da antiga aliança que Deus havia determinado, como a circuncisão, o calendário e a dieta dos judeus. Eles também diziam que Paulo não podia ser um enviado de Deus, pois fora rejeitado pelo povo judeu. Sua mensagem não foi aceita por Israel, e, por onde quer que ele passasse, era expulso, quando não apedrejado e às vezes até mesmo preso. Nessa carta que estamos estudando, portanto, Paulo procura defender seu ministério dessas acusações que eram feitas por esses falsos mestres.

Mas Paulo também procura se reconciliar com os coríntios, com aquela igreja que Deus o havia usado para fundar. Assim, na passagem de 5.11—6.2, seguindo nessa linha, Paulo faz três apelos aos coríntios com base em três motivações de o seu ministério. As motivações que ele apresenta aos coríntios são estas: primeira, tudo o que ele fazia era movido pelo temor que se devia ao Senhor (5.11-13). Segunda, tudo que ele fez e fazia era constrangido pelo amor de Cristo (5.14,15). E, terceira, tudo o que ele fazia era baseado no novo conhecimento que ele tinha do mundo a partir da perspectiva da nova criação: “se alguém está em Cristo, é nova criação”. A partir desse conceito de nova criação, Paulo tinha uma nova perspectiva da realidade (5.16,17).

Assim, com base nessas três motivações que estavam por detrás do seu ministério, Paulo faz três exortações aos coríntios. Primeira, pede que eles se reconciliem com Deus, porque, no entendimento de Paulo, ao seguir os falsos mestres, eles estavam se afastando de Deus (5.18—6.2). Segunda, pede que eles recebam o próprio apóstolo como seu pai espiritual (6.3-13), passagem que vamos estudar neste capítulo. E, na sequência do texto, encontraremos o terceiro apelo que Paulo faz: que eles rejeitem os falsos mestres (6.14—7.1)

Neste capítulo, quero focar apenas nesse apelo que Paulo faz para que os coríntios, seus filhos na fé, recebam-no como pai e se reconciliem com ele.

Recebam-me como pai espiritual

A princípio, Paulo recomenda a si mesmo aos coríntios (6.3-10). Note o que ele diz no versículo 3, depois de ter exortado os coríntios a “não receber a graça de Deus em vão” (v. 1): “Não damos motivo de escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja achado em falta”. E isso a igreja de Corinto bem sabia. Portanto, o procedimento de Paulo era justamente o contrário do que seus adversários diziam: Paulo afirma que jamais deu motivo de escândalo no seu ministério.

Uma preocupação constante do apóstolo Paulo, enquanto esteve na igreja de Corinto — a princípio, pregando o evangelho, organizando e pastoreando a igreja, e, mesmo depois, na fase posterior de seu ministério ali —, sempre foi nunca servir de tropeço para seus filhos na fé, nem para as demais pessoas em geral. O termo “escândalo” significa, na verdade, “tropeço” na língua grega, isto é, significa ser motivo para que alguém tropece e caia, desvie-se da fé, fique confuso a respeito do evangelho. A preocupação de Paulo, como pastor, é que o seu ministério nunca fosse motivo de queda, de desvio, de desânimo para ninguém. E ele agia assim porque não queria que o seu ministério fosse censurado por ser achado em falta (v. 3). Essa questão não dizia respeito somente ao ministério dele, mas ao ministério da própria Palavra de Deus, pois, quando um pastor dá motivo de escândalo, ele também é motivo de tropeço para a igreja. E não só a igreja que está sob seu pastoreio sofre, mas, uma vez que aquela notícia se espalhe, tal fato suscita muitas perguntas de pessoas de outras igrejas e até mesmo de colegas pastores, que ficam abalados com isso. Paulo sabia o impacto que um escândalo no ministério dele haveria de promover. Por isso, ele procurava sempre não dar motivo algum para que as pessoas se escandalizassem ou tropeçassem com o seu procedimento, porque não queria que o seu ministério fosse objeto de censura nem passível de ser censurado ou disciplinado: “não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado” (6.3, ARA).

“Antes” ou “Pelo contrário” (como aparece na ARA), diz Paulo no versículo 4, ou seja, contrastando com isso, em vez de dar motivo de escândalo, o apóstolo diz que sua vida, na verdade, era uma recomendação, uma confirmação de que seu ministério, de fato, era de Deus: “Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus” (v. 4, ara). Em vez de dar motivo de

escândalo, Paulo apresentava o seu ministério como recomendação, para os coríntios e para quem quisesse ouvir, de que de fato ele era um enviado de Deus, ao contrário do que os falsos mestres andavam dizendo e do que a igreja de Corinto andava pensando.

Então, a partir do versículo 4 até o versículo 10, há uma longa lista de coisas que Paulo apresenta como recomendação aos coríntios. É com base em todas as coisas dessa lista que ele dirá, no final: “Por favor, aceitem-me. Reconciliem-se comigo”.

Se você ou eu fôssemos fazer uma lista das nossas qualificações ou das nossas conquistas no ministério, para que a igreja se reconciliasse conosco, provavelmente pensaríamos em colocar coisas como: “Sou bem-sucedido no ministério. Sou próspero. Ganhei tantas almas para Jesus; prosperei em tudo que fiz; publiquei uma porção de livros etc.”. Mas, quando examinamos a lista daquilo que Paulo considera como recomendação de seu ministério, ficamos espantados, pois não encontramos nada disso que costumamos imaginar. Na verdade, o que Paulo apresenta como qualificações para um ministério aprovado por Deus é uma lista de sofrimentos e de angústias, que servem como prova de que ele, de fato, é um ministro da parte de Deus.

Dividi a lista em quatro partes. Na primeira, Paulo se recomenda como ministro de Deus na “muita paciência”. Veja só o que ele diz: “Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns” (v. 4,5, ARA). Nós acreditamos que a expressão “na muita paciência” se aplica a todas as demais descrições que vão até o final do versículo 5. Em outras palavras, Paulo está dizendo o seguinte: “Em meio às muitas aflições por que passei, em meio às privações — físicas, de comida, de descanso, de bebida, de moradia —, em meio às muitas angústias e aos sofrimentos por conta das igrejas, em meio aos açoites que recebi por pregar o evangelho, às prisões por que passei, aos tumultos que sofri — como, por exemplo, na cidade de Éfeso, quando uma grande multidão queria me matar —, em meio às vigílias (que não são vigílias de oração, mas noites sem dormir mesmo), aos jejuns, não somente os que fiz por iniciativa minha, mas também as vezes que passei sem comer, enfim, em todas essas coisas, eu fui paciente. Eu não me exasperei. Jamais reclamei de Deus nem resolvi desistir de tudo”. Nós com certeza não suportaríamos sequer metade disso. Por menos da metade disso já acharíamos razão para desistir do ministério pastoral ou para achar que não

vale a pena. Paulo, ao contrário de nós, diz que, em meio a tudo isso que passou por Jesus Cristo, ele foi paciente e suportou humildemente. E disse os coríntios eram testemunhas, e não só os coríntios, mas todos quantos conheciam o seu ministério. Portanto, Paulo podia apresentar essas coisas como uma qualificação, uma recomendação de que, de fato, ele era ministro da palavra de Deus, em franco contraste com as acusações dos falsos mestres.

Na segunda parte da lista, Paulo se recomenda como ministro de Deus “em pureza”. Ele diz: “em pureza, em conhecimento, em paciência, em bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na mensagem da verdade, no poder de Deus” (v. 6,7). Quando fala “em pureza”, ele quer dizer a pureza de suas intenções. Paulo não tinha intenções falsas, como queriam fazer acreditar as acusações de que ele era um mercenário, de que abria igrejas por querer ganhar dinheiro dos membros ou ter poder, ascendência, popularidade, ou por qualquer outra motivação desse tipo. As motivações de Paulo eram puras. E isso se manifestava diretamente no seu saber, na pureza do seu conhecimento teológico, que estava de acordo com o ensino de Jesus Cristo, dos demais apóstolos e das Escrituras do Antigo Testamento. Havia pureza também em sua paciência, longanimidade, ou seja, em sua capacidade de sofrer sem reclamar nem murmurar. Havia pureza na bondade que ele sempre demonstrava para com as pessoas, inclusive para com os seus inimigos. O testemunho de Paulo também o recomendava como um servo de Deus no Espírito Santo, que atuava em sua vida, produzindo um caráter santo e reto; no amor não fingido, ou seja, no fato de que o amor de Paulo não era impuro nem hipócrita. O amor que ele sentia pelos coríntios e pelas pessoas era um amor genuíno, puro de coração. Paulo demonstrava pureza ainda na palavra da verdade, ou seja, na exposição e na pregação da verdade, área em que as suas motivações também eram corretas. Ele se recomendava, ainda, no poder de Deus que se manifestava em sua vida.

Portanto, essa pureza de Paulo, que se manifesta no falar, no agir, no amar, no relacionar-se, e que os coríntios tão bem conheciam, é a credencial que o apóstolo apresenta de que ele é um ministro de Jesus. Ele não tem segundas intenções. Ele não está no ministério com objetivo de assegurar uma renda para si, nem de ter popularidade, nem por qualquer outra motivação dessas que são tão comuns nos dias de hoje e que sempre o foram na história da igreja, pelas quais tantas pessoas entram erroneamente no ministério pastoral. É como se Paulo dissesse: “Vocês me conhecem, meus irmãos. Vocês sabem que, no que diz respeito a isso, minhas intenções são puras”.

Na terceira parte da lista, Paulo se recomenda “pelas armas da justiça, tanto de ataque como de defesa”(v. 7). Entendo que Paulo está dizendo que as armas que usou para pregar o evangelho, para difundir o conhecimento de Deus, para confrontar os falsos mestres, para desconstruir o erro e firmar a verdade não foram suas, segundo ele mesmo diz, pois “não são humanas, mas poderosas em Deus” (2Co 10.4). Em síntese, ele nunca usou de uma estratégia que não fosse justa. As “armas de justiça” são tanto de defesa quanto de ataque, como ele afirma. No original em grego provavelmente está dito “à direita ou à esquerda”, porque o legionário, na hora de atacar, usava as armas que estavam no lado direito, e, na hora de defender, as que estavam no lado esquerdo, a saber, o escudo e assim por diante. Paulo está usando essa figura. Seja no ataque, seja na defesa, o apóstolo sempre usou as armas corretas. Ele nunca empregou estratégias carnais, de métodos humanos. E como vemos isso hoje! As pessoas, principalmente pastores, querendo levar adiante o seu ministério se valendo de armas que não são da justiça, de armas que não são corretas, de estratégias e métodos que visam tão somente encher a igreja, angariar popularidade, trazer prosperidade financeira e assim por diante. Mas não era assim com Paulo, que dizia à igreja de Corinto, em resumo: “Vocês me conhecem. Sabem que as armas que usei em meu ministério, enquanto estive com vocês, e mesmo depois, sempre foram armas da justiça”.

Por último, na quarta parte da lista, Paulo se recomenda como ministro de Cristo pelas contradições que experimentou, em meio às quais continuou firme e fiel ao evangelho. Essa é uma parte complicada da lista de Paulo, pois ficamos imaginando o que ele quis dizer quando apresentou todos esses contrastes que viveu, essa bipolaridade prática que experimentou. Entendo que só uma resposta satisfaz: a ideia de que Paulo quis dizer que, apesar das contradições que viveu, continuou sempre firme e fiel ao evangelho. Esses pares de contradições estão descritos nos versículos 8 a 10, quando ele diz que se recomendava como servo de Deus:

“por honra e por desonra”, ou seja, quando algumas pessoas o elogiavam, e quando outras o caluniavam;

“por difamação e por boa reputação”, isto é, quando alguns o insultavam, e quando outros falavam bem dele;

“como se fôssemos mentirosos, sendo, porém verdadeiros”, ou seja, quando alguns o tratavam como mentiroso, enquanto outros sabiam que falava a verdade;

“como desconhecidos, porém bem conhecidos”, isto é, quando alguns o tratavam como um estranho, embora ele fosse bem conhecido de todos;

“como quem está morrendo, mas de fato vivendo”, ou seja, quando algumas pessoas o tratavam como se estivesse condenado à morte, no fim da carreira, debaixo do juízo de Deus, quando ele de fato continuava bem vivo;

“castigados, porém não mortos”, em outras palavras, quando alguns achavam que ele estava sofrendo um castigo de Deus, mas a verdade é que, ainda se fosse um castigo de Deus, ele continuava vivo, apesar de tudo;

“entristecidos, mas sempre alegres”, o que talvez seja uma referência ao que ele disse em 2Coríntios 4.17, ou seja, que nossas tristezas e tribulações passageiras produzem para nós uma glória incomparável;

“pobres, mas enriquecendo a muitos”, ou seja, ainda que parecesse pobre e vivesse como tal, na verdade ele estava enriquecendo muitas pessoas com o verdadeiro tesouro do evangelho;

“nada tendo, mas possuindo tudo”, isto é, no fato de que ele não tinha riquezas materiais deste mundo, mas tinha, na verdade, todas as coisas que são do Pai.

Essa é a série de contradições que o apóstolo Paulo apresenta na última parte de sua lista de recomendações ao seu ministério. Para alguns ele era uma coisa, para outros ele era outra coisa. Ele vivia nessa contradição. Ou seja, não era a opinião pública que influenciava o apóstolo Paulo. Ele não estava preocupado que houvesse unanimidade em relação a ele. Não precisava de que todos dissessem: “Puxa vida! De fato Paulo é um homem de Deus; é uma pessoa íntegra, que veio da parte de Deus”. Paulo vivia nesse mundo de contradições, povoado de pessoas que, por um lado, elogiavam-no, respeitavam-no, falavam bem dele, o conheciam e sabiam que ele pregava a verdade. Mas também havia pessoas que, por outro lado, lhe faziam oposição, contradiziam, contrariavam e entristeciam o apóstolo, pessoas que o xingavam e insultavam. Paulo aprendeu a não depender dos elogios humanos. Ele estava livre de um dos maiores tropeços do ministério,

que é o temor dos homens, quando o pastor teme os homens e vive buscando a aprovação deles e a popularidade que deles pode obter. Paulo, em meio a todas essas contradições, permanecia firme, porque sabia que importa agradar somente uma pessoa: o Senhor Jesus Cristo.

Terminando essa lista — que causa surpresa, porque é uma lista de alguém que está se apresentando como ministro de Deus com base em seus sofrimentos, angústias e tribulações —, Paulo pede que os coríntios o recebam, pois entende que todas essas coisas que mencionou eram uma prova cabal, irrefutável, de que ele de fato era ministro de Deus e que as acusações dos falsos mestres não tinham base nenhuma.

Ele, então, expressa claramente nos versículos 11 e 12 o que sente pelos coríntios: “Ó, coríntios, temos falado abertamente convosco; nosso coração está aberto! Nossa afeição por vós não está restrita” (v. 11,12). Apesar de toda contradição, apesar das acusações, da rejeição e da rebeldia da igreja de Corinto, Paulo tinha por eles um amor profundo e não fingido. Paulo está lhes dizendo, em outras palavras: “Meu coração está aberto. Eu amo vocês de maneira incondicional. Anseio por estar com vocês e que se reconciliem comigo”.

Ele reclama da falta de reciprocidade dos coríntios. Veja o final do versículo 12: “Nossa afeição por vós não está restrita, mas tendes restringido vosso afeto para conosco”. Isso era algo que magoava o coração desse pastor. Ele não estava preocupado com a aprovação humana, mas os coríntios eram seus filhos na fé, e haviam se rebelado contra ele; estavam questionando a sua autoridade, a sua liderança, a sua presença em Corinto. Isso o magoava, e Paulo ansiava por uma reconciliação. Ele estava lhes dizendo: “Da minha parte não há limites no meu coração, mas vocês colocaram limites nos seus corações com relação a mim. Limites que não têm razão de ser, porque já demonstrei a pureza das minhas intenções e o meu caráter como pastor”.

Então, Paulo faz um pedido no versículo 13: “Em retribuição, falo como a filhos, abri também o vosso coração”. Em outras palavras: “Tirem essas trancas e abram o coração, para me receberem com justiça, como seu pai espiritual, como seu líder, pois não há razão para haver essa tensão entre nós”.

Conclusão e aplicações práticas

Podemos tirar algumas lições preciosas dessa passagem tão apaixonada, cheia de emoção e tão gráfica.

A primeira lição tem a ver com a clara preocupação do apóstolo Paulo em não dar motivo de escândalo em seu ministério. Havia essa intenção manifesta por parte de Paulo, em todas as suas palavras e ações. O alvo dele é que o evangelho não fosse censurado, que ele não trouxesse tropeço a ninguém nem dificultasse o avanço do evangelho no mundo. O apóstolo queria ser uma bênção, e não motivo de escândalo.

A segunda lição é que vemos nessa passagem as coisas que realmente recomendam um ministro do evangelho, em particular, e os crentes, em geral. Essa lista de Paulo é composta de sofrimentos, e é bem diferente da lista que hoje é apresentada por falsos apóstolos, falsos pastores e falsos cristãos. O que se vê muito hoje no meio evangélico são falsos apóstolos, pessoas que se denominam apóstolos, bispos, pastores, e se apresentam como enviadas por Deus, mas que apontam como prova disso a sua prosperidade financeira, seu status social, o poder que adquiriram, a influência que exercem. Ao fazermos uma comparação entre a lista do apóstolo Paulo e esta que esses mestres apresentam hoje, vemos que a diferença entre elas não poderia ser maior.

A terceira lição que extraímos é a humildade do apóstolo Paulo em buscar a reconciliação. Não são poucas as vezes em que nós, pastores, quando nos sentimos ofendidos ou contrariados, simplesmente deixamos o assunto de lado, fugimos e vamos para qualquer lugar, sem procurar uma reconciliação. Algumas vezes não é possível. Paulo fez esforços sem medida para se reconciliar com a igreja de Corinto, mas não há nenhuma indicação, na literatura paulina ou nos pais da igreja, de que alguma vez esse problema tenha sido resolvido. Mas vimos nessa carta o quanto ele tentou e se empenhou por isso. Vimos Paulo buscando a reconciliação, apresentando argumentos, fazendo um apelo para que aquela tensão fosse resolvida.

E a última lição é que vemos a necessidade de reconhecermos que o ministério pastoral envolve muitos sofrimentos. Se o pastor for real, verdadeiro e pregar a Palavra de Deus, ele sempre terá essas contradições em sua audiência, e estará sujeito a passar por esses sofrimentos que Paulo passou. Aqui no Brasil, porém, em razão da liberdade de religião e de expressão, ao menos nos dias de hoje,

difícilmente nós seremos presos, chicoteados ou apedrejados por pregar o evangelho verdadeiro. Mas pode ser que esses dias estejam por terminar.

De qualquer forma, o texto nos aponta a necessidade que temos da graça de Deus, para podermos ter um ministério como o de Paulo, e em momentos de crise e tensão, podermos dizer, como ele: “Aqui estão as credenciais de que sou ministro de Deus; portanto, abram o coração; recebam-me em seus corações, porque nunca dei motivo para escândalo em meu ministério”.

Tudo que foi dito para pastores também vale para os crentes. Que Deus nos conceda essa graça de sermos pastores e crentes que sejam motivo de bênção na vida das pessoas, e não de tropeço ou escândalo.

Capítulo 15

JUGO DESIGUAL

2Coríntios 6.14—7.1

A necessidade de separação

Não vos coloqueis em jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? Que comunhão há entre luz e trevas? Que harmonia existe entre Cristo e Belial? Que parceria tem o crente com o incrédulo? E que acordo tem o santuário de Deus com ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo, como ele disse: Habitarei neles e entre eles andarei; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Portanto, saí do meio deles e separai-vos, diz o Senhor; e não toqueis em nenhuma coisa impura, e eu vos receberei. Serei para vós Pai, e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso. Amados, visto que temos essas promessas, purifiquemo-nos de toda impureza do corpo e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.

Gostaria de iniciar nosso estudo fazendo duas observações preliminares. A primeira diz respeito a nossas traduções ou versões bíblicas. Como muitos já devem saber, quando o apóstolo Paulo escreveu suas cartas, ele não dividiu o texto em versículos, capítulos e muito menos em subtítulos destacados em negrito, como aparece em nossas Bíblia, separando os parágrafos e porções inteiras da Palavra.

No sistema de escrita do grego, usado na época de Paulo, as palavras não eram

separadas, as letras eram todas minúsculas, sem acentuação, e não se usavam sinais de pontuação (como ponto; vírgula; ponto de exclamação e de interrogação). Também não havia divisão em parágrafos. Com o passar do tempo, os tradutores, após lerem e entenderem o texto, decidiram introduzir alguns recursos para ajudar nossa leitura e compreensão da Bíblia. Por exemplo, eles colocaram sinais de pontuação (como dois pontos; ponto e vírgula; ponto final; exclamação etc). Também dividiram o texto em parágrafos, e, posteriormente, alguém, para facilitar, teve a ideia de dividi-lo em capítulos e em versículos. Portanto, com isso quero dizer que a divisão em capítulos, versículos e subtítulos que temos da Bíblia não é inspirada por Deus. Portanto, é falível — como no caso da passagem que vamos estudar neste capítulo. Quem fez a divisão começou o capítulo 7 muito cedo. O capítulo 7 deveria começar no versículo 2, pois o versículo 1 ainda pertence ao assunto anterior. Portanto, a divisão entre os capítulos 6 e 7 foi feita no lugar indevido.

Essa é uma informação muito importante, pois à vezes lemos a Bíblia e pensamos que essas divisões são exatas, mas nem sempre o são. Às vezes o mesmo assunto continua na outra seção ou termina um pouco mais adiante. Por isso, quando estiver lendo sua Bíblia, é sempre bom você não deixar essa divisão de capítulos e versículos guiar sua leitura. Leia sempre um pouco mais adiante da passagem que estiver estudando e verifique se o assunto não continua. Outros exemplos poderiam ser dados, mas a passagem deste capítulo é o exemplo clássico que usamos para demonstrar isso.

Tenho ainda uma segunda observação preliminar a fazer. Como vimos, antes de Paulo escrever a Primeira Carta aos Coríntios, ele já tinha escrito outra carta. Isso está lá no capítulo 5 de 1Coríntios: “Já vos escrevi por carta que não vos associásseis com os imorais” (v. 9). Ou seja, antes mesmo de 1Coríntios, Paulo já tinha escrito uma carta e nela disse para que eles não se associassem com os impuros, com os descrentes. Mas nós não temos essa carta. Ela não entrou no cânon. Deve ter se perdido no processo de transmissão. O que temos é a carta de 1Coríntios, que na verdade é a segunda carta, pois antes dela Paulo já tinha escrito uma que se perdeu.

Alguns estudiosos alegam que esse trecho do 6.14—7.1 pode perfeitamente ser um fragmento dessa carta perdida, porque o assunto tratado é exatamente o mesmo. Paulo diz lá em 1Coríntios 5: “Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os incrédulos” (v. 9, ARA). E como começa a seção que vamos estudar agora? “Não vos coloqueis em jugo desigual com os incrédulos” (6.14).

Depois dessa introdução, até o capítulo 7, versículo 1, é exatamente disso que Paulo está falando: que eles não deveriam se associar com os incrédulos.

Alguns acham que esse trecho é um fragmento daquela carta anterior a 1Coríntios que fora escrita pelo apóstolo Paulo, e que um escriba, inadvertidamente, quando a copiava, acabou inserindo aqui, em 2Coríntios. Parece uma teoria fantasiosa, não? Mas essas teorias são uma tentação, pois a passagem de 6.14—7.1 de fato parece fugir da linha de pensamento dos textos que lhe são imediatamente anterior e posterior. Essa passagem é como se fosse um parêntese. Veja o versículo 13 como está: “Em retribuição, falo como a filhos, abri também o vosso coração” (v. 6.13). A continuação natural desse versículo parece ser o versículo 2 do capítulo 7: “Dai espaço para nós em vosso coração; não lesamos a ninguém, a ninguém arruinamos, de ninguém nos aproveitamos” (v. 7.2). Percebe a ligação entre 6.13 e 7.2? Poderíamos tirar esses 2 versículos da passagem de 6.14—7.1 que a linha de raciocínio continuaria fazendo perfeito sentido.

Por todos esses motivos que mencionamos, os críticos e estudiosos levantam essa hipótese. A melhor maneira de abordar a questão, no entanto, é perguntar onde estão as provas, pois contra fatos não há argumentos. E o que seria uma prova? Seria, por exemplo, descobrirmos um manuscrito de 2Coríntios que não tivesse a passagem de 6.14—7.1. Nessa hipótese, poderíamos dizer que houve época em que 2Coríntios circulava sem essa passagem. Mas em todas as cópias que temos de manuscritos antigos —, e não são poucas, algumas delas inclusive datam do século 3, a mais antiga, do final do século 2 —, o texto de 2Coríntios está exatamente como o temos em nossa Bíblia. Ou seja, até onde sabemos, 2Coríntios sempre foi assim. Não houve nenhuma interpolação nem qualquer outra inserção de texto. Destaco isso porque alguns alunos de teologia podem ouvir alguém questionar a integridade de 2Coríntios com base nesse tipo de argumento que, na verdade, não passa de uma hipótese que não encontra comprovação. Não há como provar. Na verdade, a evidência concreta que temos é que o texto de 2Coríntios sempre circulou exatamente do jeito que se encontra hoje, em sua Bíblia.

O contexto

Vamos analisar o contexto mais amplo para podermos entender o que Paulo está fazendo nessa passagem.

Na passagem anterior, vimos o apelo que Paulo fez para que os coríntios abrissem o coração e o recebessem (2Co 6.3-13). E sabemos que o motivo desse pedido foi a tensão que existia entre o apóstolo Paulo e os crentes da igreja de Corinto. Essa tensão tinha crescido depois que Paulo, tendo fundado a igreja, deixou Corinto. E foi agravada com o surgimento de falsos profetas na comunidade, que questionavam a autoridade do apóstolo Paulo e disseminavam calúnias e mentiras contra ele. Daí vieram o questionamento da autoridade de Paulo por parte da própria igreja de Corinto, além dos desvios doutrinários e práticos que vimos na primeira carta: divisão na igreja; problemas na área de impureza sexual que não estava sendo tratada como se devia; questões a respeito do culto; confusão na hora do uso dos dons espirituais; formação de um grupo que não cria na ressurreição dos mortos. A igreja de Corinto havia se transformado em uma verdadeira bagunça. Pense nisso antes de criticar sua igreja.

Portanto, surgira essa tensão entre Paulo e a igreja que ele havia fundado. O apóstolo era o pai dessa igreja, o que mostra que igrejas podem ser problemáticas, mesmo que tenham o melhor dos pastores. Existia pastor melhor do que o apóstolo Paulo? Mas, mesmo havendo sido fundada por ele, a igreja de Corinto tinha problemas. Portanto, nem sempre devemos colocar a culpa dos problemas da igreja no pastor. Às vezes a culpa é dele — na maioria das vezes —, mas outras vezes não. E 2Coríntios está aí justamente para nos lembrar dessa exceção, para que não generalizemos e sejamos caridosos, pois as coisas nas igrejas nem sempre se desenrolam como os bons pastores gostariam. Às vezes, elas saem do controle.

Apesar disso, Paulo queria restabelecer a comunhão e a paz entre os coríntios e ele. Em parte, isso já tinha acontecido. Paulo tinha escrito uma carta severa contra eles, que haviam se arrependido, disciplinado o líder da oposição contra o apóstolo Paulo, e demonstrado muito zelo e cuidado. Todavia, o problema não fora completamente resolvido. Os falsos mestres ainda estavam na igreja, fomentando a rebelião contra a autoridade do apóstolo Paulo.

Assim, nesta passagem que estamos estudando, Paulo faz outro apelo aos coríntios. O apelo, desta feita, é para que eles não se coloquem em jugo desigual com aqueles incrédulos, ou seja, com os falsos profetas. A grande questão que

queremos ver, então, é exatamente o que Paulo está dizendo, o que ele quer dizer com jugo desigual; quem são os incrédulos a quem ele se refere; se o que ele diz tem aplicações mais amplas, que vão além do que está sendo dito na passagem; e qual seria o significado disso para nós hoje. Logo, vamos adiante, pois temos uma tarefa grande diante de nós.

Os incrédulos

A primeira questão é: Quem são esses incrédulos a quem Paulo se refere no versículo 14? E o que ele está proibindo, quando diz para os coríntios não se associarem com esses incrédulos?

Na linguagem bíblica, o “incrédulo” é toda pessoa que não crê que Jesus Cristo é o filho de Deus, o salvador do mundo. É, portanto, uma pessoa que não crê no evangelho conforme era ensinado pelos apóstolos. É a esse tipo de incrédulo que Paulo se refere no versículo 14? A quem exatamente o apóstolo está proibindo que os coríntios se associem?

Existem três possibilidades. Primeira, Paulo estaria dizendo que os crentes de Corinto evitassem viver com aquelas pessoas que se diziam crentes, mas viviam como descrentes, que é justamente o que ele tinha dito em 1Coríntios 5.9-11:

Já vos escrevi por carta que não vos associásseis com os imorais. Não me referia aos imorais deste mundo, nem aos avarentos, ladrões ou idólatras. Nesse caso, seria necessário que saísseis do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for imoral ou ganancioso, idólatra ou caluniador, bêbado ou ladrão. Com esse homem não deveis nem sequer comer.

Então, quando Paulo diz “Não vos coloqueis em jugo desigual com os incrédulos” (v. 14), ele pode estar proibindo aquilo que já havia proibido na primeira carta: que os cristãos de Corinto se associassem com indivíduos que se

declaravam crentes, mas eram impuros, idólatras, avarentos, maldizentes, bebedores. Paulo dizia que os coríntios não deviam sequer comer com esse tipo de pessoa. Essa, então, é a primeira possibilidade.

A segunda possibilidade é que Paulo estaria proibindo que os crentes de Corinto participassem, em companhia de seus amigos incrédulos, das festas pagãs que havia em Corinto. Havia muitos festivais na cidade de Corinto dedicados aos inúmeros deuses que ocupavam os templos da cidade. Nelas havia prostituição e idolatria. Paulo também já havia se referido a isso nos capítulos 8,9 e 10 da primeira carta que escreveu aos coríntios, dizendo que eles não fossem aos templos pagãos participar daqueles rituais e sacrifícios nem daquelas festas e que não comessem carne sacrificada aos ídolos no templo pagão. Então, existe a possibilidade de que 2Coríntios 6.14 seja um reforço do que Paulo já havia dito a esse respeito. O que ele diz no versículo 16 favorece essa interpretação: “E que acordo tem o santuário de Deus com ídolos?”. Isso parece sugerir que o que Paulo está proibindo é que os cristãos participem da comida sacrificada aos ídolos.

Mas existe uma terceira possibilidade, que parece ser a mais correta, pois está mais de acordo com o contexto. Os incrédulos a que Paulo se refere em 6.14 são os falsos profetas, que estavam se infiltrando na igreja de Corinto e trazendo um falso evangelho, querendo iludir os irmãos, minar a autoridade de Paulo, e ganhar o controle da igreja. É contra eles que Paulo dirige essa proibição. Essa terceira possibilidade está mais de acordo com o contexto, uma vez que Paulo já vinha tratando desse assunto, e também está mais de acordo com uma regra de interpretação excelente, segundo a qual as partes de um texto são mais bem explicadas à luz do contexto maior, à luz do propósito do livro, da intenção do autor. Se Paulo escreveu essa carta com o objetivo de se defender das acusações dos falsos mestres, é muito mais provável que, quando diz para os coríntios não se colocarem em jugo desigual com os incrédulos, ele esteja dizendo aos seus leitores de Corinto para que eles não se associem com esses falsos mestres que ele combate ao longo de toda a carta. Portanto, o contexto nos leva a esta conclusão: de que os incrédulos a quem Paulo se refere no versículo 14 são, de fato, os falsos profetas.

A aplicação desse princípio, porém, que vamos inclusive ver em detalhes, pode ser bem mais ampla e incluir todas aquelas outras associações que acabamos de mencionar. Ou seja, qualquer tipo de associação com incrédulos que coloque a nossa fé em risco e em perigo de ser contaminada pode ser contemplada nessa

passagem. Pois, na verdade, o que Paulo está proibindo é isto: que alguém se associe com um incrédulo a tal ponto que a sua fé possa estar em perigo, e a pessoa acabe correndo o risco de ser conivente com os pecados e os erros daquele incrédulo ao qual se associou. Qualquer associação que leve a isso está contemplada no versículo 14, portanto. Mas o alvo de Paulo, em primeiro lugar, são os falsos mestres e o ensino deles na igreja de Corinto.

Talvez, como exemplos desse tipo de associação que coloca em risco a nossa fé e a vida cristã, possamos citar o casamento com uma pessoa incrédula, ou uma sociedade com descrentes, na qual estes últimos não sejam muito éticos nem tenham princípios e acabem conduzindo a sociedade de maneira que não esteja de acordo com os valores cristãos. Além dessas, muitas outras situações na vida poderiam ser citadas.

É esse o meu primeiro ponto. Ao dizer “Não vos coloqueis em jugo desigual com os incrédulos”, Paulo está dizendo: “Não tenham qualquer tipo de associação com esses falsos mestres e a doutrina que eles ensinam, porque isso seria um jugo desigual. Se vocês receberem esses mestres na igreja, estarão sendo coniventes com o erro que eles estão ensinando. Vocês deveriam repelir essas pessoas, em vez de aceitá-las na igreja e lhes dar oportunidade de pregar nas casas-igrejas”. Assim, concluímos que, em síntese, é isso que Paulo quer dizer no versículo em questão.

O jugo

A segunda questão do texto que precisamos entender é de onde Paulo tirou a expressão “jugo desigual” (v. 14). Basta darmos uma olhada no Antigo Testamento e encontraremos ao menos duas passagens que parecem estar por detrás dessa figura que Paulo está usando no versículo 14.

A palavra “jugo” pode significar “canga”. A canga é um instrumento de madeira que se coloca no animal para que ele possa puxar o arado na terra. Então, “jugo”, palavra que foi traduzida do original grego, significa exatamente isso. É uma ferramenta de trabalho que coloca dois animais lado a lado para arar a terra. Ou seja, a mesma peça de madeira ou de ferro junta os dois animais, aos quais é

atrelado o arado. Então, o lavrador vem atrás, e a dupla de animais vai puxando o arado, ambos atrelados ao mesmo jugo.

No Antigo Testamento há duas passagens que falam a respeito desse tipo de procedimento. Lembre-se de que a lei de Moisés tratava de inúmeros detalhes, inclusive desse tipo de detalhes que vamos ver. Vejamos em primeiro lugar o livro de Levítico: “Guardareis as minhas leis. Não permitirás que o teu gado se cruze com o de espécie diferente. Não semearás sementes diferentes no teu campo nem vestirás roupa feita de tecidos diferentes” (Lv 19.19). Ao judeu era proibido fazer essas misturas. Ele não podia permitir que um jumento cruzasse com uma vaca. Não podia plantar mandioca e tomate no mesmo campo. Também não podia vestir uma roupa que fosse feita de algodão e de seda: ou a roupa era de algodão ou era de seda. Mas por que isso?

Presumo que, com essas estipulações, o alvo de Deus fosse dizer que, espiritualmente falando, as coisas de Deus são claras e não se misturam. A verdade de Deus é límpida, cristalina, e muito bem delineada. Todo tipo de mistura provoca confusão, e nas coisas de Deus não pode haver mistura. A verdade tem de ser pura, sem qualquer traço de erro. O erro não pode estar misturado com a verdade. Penso que seja esse o significado dessas leis que, à primeira vista, nos parecem absurdas, mas têm um significado. Deus estava querendo incutir em seu povo esse tipo de conceito: de que as coisas de Deus são claras, muito bem definidas e não podem ser misturadas.

A segunda passagem do Antigo Testamento que fala em jugo, e é mais direta com relação ao que estamos vendo, é Deuteronômio 22.10. Nela Moisés está repetindo a mesma coisa que dissera em Levítico. Aliás, a palavra “deuteronômio” significa repetição da lei. O livro de Deuteronômio repete todas as leis que foram dadas desde o livro de Êxodo até o livro de Números. Então, ao repetir a lei, veja o que Moisés diz a partir do versículo 9: “Não semearás dois tipos de semente na tua vinha, para que não se perca todo o produto, tanto da semente que semeares como do fruto da vinha. Não lavrarás com um boi e um jumento juntos. Não te vestirás com tecido que seja mistura de lã e linho” (Dt 22.9-11). Você percebe que ele está dizendo a mesma coisa que foi dita em Levítico, mas agora acrescenta este detalhe: que não se pode colocar um boi e um jumento juntos para arar a terra. Isso seria o jugo desigual.

Mas por que seria jugo desigual? A razão é óbvia. O boi e o jumento têm tamanhos diferentes, força diferente, velocidades diferentes, ritmos diferentes. O

animal mais fraco ficaria machucado e o trabalho não seria levado adiante. Não funciona. Portanto, o jugo desigual traria prejuízo para a parte mais fraca. Como eu disse, Deus queria com isso ensinar que as suas coisas são claras e com elas não deve haver mistura.

Trazendo, então, para o contexto de Paulo, o ensino daqueles mestres judaizantes era incompatível com o evangelho da graça que o apóstolo havia pregado, o evangelho puro e simples da salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Aqueles homens estavam ensinando a salvação pela lei de Moisés, pela guarda dos estatutos e mandamentos da legislação mosaica. Era outro evangelho; era outro ensino. Não dava para ter as duas coisas juntas. Se os coríntios dessem ouvidos ao que aqueles mestres pregavam, era como colocar em uma mesma “canga” dois animais diferentes. Daí vem a expressão usada por Paulo: “Não vos coloqueis em jugo desigual com os incrédulos”. Ela está de acordo com o que Deus já tinha proibido no Antigo Testamento, em síntese: “Não ponham na mesma canga um boi e um jumento, porque isso é desigual e não trará resultado; antes, enfraquecerá os animais e trará prejuízo”.

As razões

Em seguida, Paulo apresenta as razões para essa ordem, por meio de cinco perguntas retóricas que vão do versículo 14 até o versículo 16. Cada uma dessas cinco perguntas espera receber uma resposta negativa: “Nenhuma”. Paulo pergunta, por exemplo: “que sociedade tem a justiça com a injustiça?”. E a resposta que o apóstolo espera receber é: “Nenhuma”. “Que comunhão há entre luz e trevas?”. De novo ele espera receber a mesma resposta: “Nenhuma”. “Que harmonia existe entre Cristo e Belial [o Maligno]?”. E a resposta, mais uma vez, é: “Nenhuma”. “Que parceria tem o crente com o incrédulo?”. Novamente a resposta é: “Nenhuma”. “E que acordo tem o santuário de Deus com ídolos?”. E a última pergunta recebe a mesmíssima resposta: “Nenhuma”.

Portanto, o apóstolo faz cinco perguntas, e todas elas têm exatamente a mesma resposta: “Nenhuma”. Entre justiça e injustiça, luz e trevas, Cristo e o Maligno, crente e incrédulo, o santuário de Deus e os ídolos não há nenhuma harmonia, nenhuma ligação, nenhum consenso, nenhum acordo; não existe absolutamente

nada em comum.

Vamos ver, então, essas cinco perguntas que Paulo faz do versículo 14 ao 16, para entender melhor o que o apóstolo está dizendo. A primeira pergunta é: “que sociedade tem a justiça com a injustiça?”. A palavra “sociedade” significa parceria, acordo. Implica ter alguma coisa em comum com outra pessoa. A pergunta do apóstolo é: Pode haver algum tipo de parceria ou acordo entre a justiça — que é a mensagem do evangelho, pela qual Deus justifica o pecador — e a injustiça ou iniquidade? Na língua original, a palavra “iniquidade” tem um significado curioso: “ilegalidade”. Paulo está se referindo à mensagem daqueles falsos profetas que pregavam obediência à lei. Para Paulo, a mensagem deles era “ilegal”, pois não vinha de Deus, que nunca deu a lei como caminho da salvação. Deus jamais ensinou isso. A Bíblia nunca ensina que somos salvos guardando a lei, como aqueles falsos mestres estavam querendo fazer os coríntios acreditarem. Por isso, a pergunta de Paulo: “Que acordo pode haver entre a mensagem da salvação pela graça e a mensagem legalista, que ensina que o homem é salvo por seus méritos em cumprir as obras da lei?”. E, evidentemente, a resposta é: Acordo nenhum.

E ele continua: “Que comunhão há entre luz e trevas?”. A palavra “comunhão” significa ter algo em comum com alguém, viver juntos. Implica uma associação que exige relações mútuas muito próximas ou íntimas. Ter comunhão com alguém é partilhar coisas com essa pessoa. Mas não pode haver comunhão nenhuma entre luz (aquilo que os coríntios eram em Cristo) e trevas (aquilo que os falsos mestres e a mensagem deles eram). Não poderia haver comunhão nenhuma, acordo nenhum, pois luz e trevas não podiam andar juntas de jeito nenhum.

Ele faz, então, a terceira pergunta: “Que harmonia existe entre Cristo e Belial [o Maligno]?”. “Harmonia” é uma palavra interessante na língua grega. Dela vem a nossa palavra “sinfonia”. A sinfonia é uma composição executada por uma orquestra sinfônica, na qual muitos instrumentos diferentes tocam juntos e produzem uma única melodia, uma única música. Ela transmite a ideia de conjunto de mesmo propósito, de unidade, e está por trás da origem da palavra “harmonia”. A pergunta é: “Que concordância (acordo) pode haver entre Cristo (o Filho de Deus, que é o centro da pregação do apóstolo Paulo) e o Maligno?”. “Maligno” é a tradução da palavra “Beliar” ou “Belial”, o apelido do Diabo entre os judeus. A tradução literal de “Beliar”, termo aramaico, é “aquilo que não presta”, que traduzido para o português significa “coisa ruim”. O Diabo não é

popularmente chamado de “coisa ruim”? Sim, ao menos no folclore popular. Os judeus chamavam-no “Beliar”, termo cujo significado é o mesmo: “coisa ruim”, “coisa imprestável”. Mas, em algumas versões bíblicas em português, esse termo é traduzido por “o Maligno”.

Pergunta de Paulo: “Qual harmonia pode haver entre Cristo e Belial?”. Você pode imaginar uma orquestra em que Cristo esteja tocando saxofone ao lado de Belial, que toca clarineta? Eles jamais participariam da mesma orquestra. Não pode haver sinfonia nenhuma entre eles. Não há acordo possível entre Cristo e Belial, lembrando, inclusive, que mais adiante, no capítulo 11, versículo 4, Paulo diz que os ministros e os pregadores enviados pelo Diabo se transfiguram em anjo de luz, mas, na verdade, são mandados pelo Maligno. Portanto, não pode haver harmonia nenhuma entre Cristo e o Diabo.

Paulo continua com a quarta pergunta: “Que parceria tem o crente com o incrédulo?”. O termo “parceria” significa literalmente: “Que parte o cristão pode ter com o incrédulo?”. Ou seja: O que ambos podem ter em comum? Que participação eles podem ter no mesmo negócio? É como se Paulo imaginasse uma propriedade em que uma parte fosse do crente e a outra parte do descrente. Paulo pergunta: “Que parceria o crente pode ter com o descrente?”. Mais uma vez, lembrando que o crente é aquele que crê no Senhor Jesus e os descrentes são os falsos mestres, que Paulo considera como descrentes — o que é uma identificação importante para nós, pois agora, pela primeira vez, com muita clareza, Paulo se refere aos falsos mestres como descrentes. Mais adiante vai chamá-los de “mensageiros de Satanás”. Sua designação vai ficando cada vez pior.

Chegamos, então, à sua última pergunta: “Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos?” (v. 16, ARA). “Ligação” é alguma coisa que junta duas pessoas ou partes. Quando Paulo pergunta que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos, a palavra “santuário” é a que identificava o Santo dos Santos, no Templo de Salomão. Então, há duas palavras para templo na língua grega: uma (hieros) significa o templo em sua estrutura externa, no qual ficava o átrio dos gentios e o local dos sacrifícios; a outra palavra (naos) se refere ao Santo dos Santos, que é o santuário mais interior, no qual estava a arca da aliança com as tábuas da lei, coberta por uma tampa de ouro adornada com dois querubins, que era onde Deus “morava”, como os salmos dizem: “Deus está entronizado sobre os querubins” (Sl 80.1; 99.1). Às vezes, ao ler isso, o crente pode pensar que Deus está lá, no céu, entronizado em cima de dois querubins. Não! É uma

referência aos dois querubins da arca. Ali era o local onde Deus aparecia e onde era feita a propiciação pelos pecados de Israel, uma vez por ano, no Yom Kippur, o Dia da Expição. Então, naos é a palavra grega que se refere à porção mais interior do santuário, o local da própria presença de Deus. Ao dizer que somos santuário de Deus (naos), Paulo está transferindo para a igreja uma coisa que era o privilégio da nação de Israel. Somente a nação de Israel tinha um santuário onde Deus habitava. Hoje Deus não habita mais no santuário, pois nós somos o santuário de Deus. Daí a pergunta de Paulo: “Qual relação que pode haver entre vocês — que são o santuário de Deus, o local da habitação de Deus, pela fé — e esses falsos profetas, que ensinam uma falsa mensagem, que é equivalente à idolatria? Enquanto vocês são o santuário de Deus, eles são a casa de ídolos, porque heresia é idolatria, uma vez que ensina um falso Deus, uma falsa salvação e uma falsa mensagem a respeito de nós”. Heresia é idolatria; daí essa comparação que Paulo faz, em outras palavras: “Vocês são o templo de Deus; eles são casa de ídolos. Que ligação pode haver entre vocês? Que acordo pode haver entre vocês?”.

E Paulo, então, encerra essa parte de sua argumentação com uma citação bíblica que prova esse ponto, no final do versículo 16. Depois de perguntar “Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos?”, ele acrescenta que nós somos o santuário do Deus vivente. Nós, a igreja, os crentes em Cristo Jesus. É em nós que Deus habita — como ele próprio disse. Então, Paulo faz uma citação de Levítico 26.11,12, em que Deus está dizendo à nação de Israel: “Estabelecerei o meu tabernáculo no meio de vós, e não sereis uma abominação para mim. Andarei no meio de vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” (Lv 26.11,12). Essa é a citação que Paulo faz no final do versículo 16: “como ele disse: Habitarei neles e entre eles andarei; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”.

Percebe que Paulo agora transfere para a igreja aquilo que era de Israel, na antiga aliança? A antiga aliança foi quebrada pelos judeus, quando rejeitaram a Jesus Cristo. Então, Deus passou o reino para um povo que dê os seus frutos. Eu sei que às vezes é ensinado — e talvez você tenha vindo dessa tradição — que Deus tem dois povos: a nação de Israel e a igreja. E que a igreja é uma espécie de “plano B”. ou seja, quando a nação de Israel falhou, Deus a deixou de lado e foi chamar um povo de entre os gentios. Mas a igreja nunca foi o “plano B” de Deus. Na verdade, Deus nunca teve um “plano B”. Tudo sempre foi exatamente como ele queria. A igreja é a continuação de Israel. Deus não tem dois povos, ele sempre teve um só povo, que representa a comunhão de todos aqueles que creem

no Messias. No Antigo Testamento, criam no Messias que haveria de vir; no Novo Testamento, creem no Messias que já veio. Mas é sempre o mesmo povo; é sempre o mesmo caminho de salvação; é sempre a mesma aliança, administrada em duas dispensações. Por isso Paulo se sente à vontade em pregar esse tipo de passagem, que era exclusiva dos judeus, trazê-la para a igreja e dizer: “Isso que é dito aqui somos nós! Nós somos o santuário de Deus. Aquela passagem que diz que Deus andaria entre nós e viveria entre nós se aplica a nós, que somos o verdadeiro Israel, que somos os verdadeiros descendentes de Abraão pela fé”.

A conclusão

Vejamos, agora, a conclusão que Paulo extrai dessas verdades, nos versículos 17 e 18. Ele abre dizendo: “Portanto”, ou seja, introduzindo qual é a consequência de tudo o que ele disse anteriormente. E o que ele disse? Em resumo, que não existe nenhuma comunhão entre o crente e o descrente e que os crentes não devem se colocar em jugo desigual com os incrédulos. “Portanto”, ou seja, à luz de toda essa argumentação, Paulo continua e faz uma citação no versículo 17, no qual ele dá três orientações baseadas em Isaías 52.11. Primeira orientação: “saí do meio deles”. Segunda orientação: “separai-vos, diz o Senhor”. Terceira orientação: “não toqueis em nenhuma coisa impura, e eu vos receberei”. Em síntese, Paulo está lhes dizendo: “Portanto, em vez de vocês se colocarem em jugo desigual com esses incrédulos, vocês têm que fazer três coisas: sair do meio deles; separar-se deles; e não tocar em nenhuma coisa impura”.

Tocar em coisa impura seria aceitar os ensinamentos dos incrédulos. Eles não deveriam se contaminar com o ensino daqueles falsos profetas. Em Isaías 52.11, o profeta Isaías está dizendo essas mesmas palavras para o povo de Israel, que estava na Babilônia. Depois de 70 anos, havia chegado o momento da libertação. E, então, o profeta Isaías, falando da parte de Deus, diz ao povo que está na Babilônia, em outras palavras: “Saíam do meio da Babilônia, separem-se deles, não toquem em nada impuro, e venham para a Terra Prometida. Eu receberei vocês, serão os meus filhos e eu serei o seu pai”. É um convite de Deus aos judeus para que voltem à Terra Prometida.

Paulo, com a maior tranquilidade do mundo, mais uma vez toma uma passagem que fora originariamente destinada a Israel e a aplica para a igreja. Com isso, está dizendo que o Antigo Testamento foi escrito para a igreja, e tem aplicação para a igreja. E Paulo mostra essa aplicação em 2Coríntios 6.16,17. Ele diz para a igreja de Corinto, em outras palavras: “Separem-se desses falsos profetas; saiam do meio deles; não toquem em nada impuro; não aceitem nada do que eles estão ensinando, e Deus receberá vocês. Vocês já viram que Deus não gosta de misturar. Vejam as leis do Antigo Testamento, nas quais Deus fazia questão de deixar muito claro que não se devem misturar as coisas! Portanto, saiam do meio desse povo que está ensinando outro evangelho, que está ensinando um falso Cristo, um falso caminho de salvação”.

Em seguida, Paulo cita as promessas: “Serei para vós Pai”. Paulo está citando 2Samuel 7.14: “Serei para vós Pai, e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso.” (v. 18). Isso é curioso mais uma vez. Essa foi uma palavra de Deus a Davi. Deus disse que da descendência de Davi viria aquele que se sentaria no trono de Israel, que era Salomão. E Deus disse ainda: “Eu serei seu pai, e ele será meu filho” (2Sm 7.14). No entanto, essa palavra que Deus está dizendo sobre Salomão era, na verdade, uma referência ao Messias, como está no salmo 2, no qual o Messias diz que o Senhor lhe disse: “Tu és meu filho, hoje te gerei” (Sl 2.7). Era uma referência messiânica, portanto. Mas agora Paulo a aplica à igreja, dizendo, em síntese: “Vocês serão filhos de Deus e Deus será o pai de vocês, com base naquilo que Deus prometeu a Davi, sobre a descendência que dele viria. Em Cristo, que é o Messias, nós somos filhos de Deus e Deus é nosso pai”. Que segurança nos dá saber dessas realidades!

Então, Paulo conclui sua argumentação no capítulo 7, versículo 1. Por isso eu disse que 7.1 pertence a essa passagem, porque é justamente a conclusão de Paulo, que encerra com uma exortação que se inicia com “visto que”: “Amados, visto que temos essas promessas”. A quais promessas Paulo se refere? Às promessas de 6.18: “Serei para vós Pai, e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso”. Em seguida, vêm as orientações: “purifiquemo-nos de toda impureza do corpo e do espírito”. Esse é o resultado de tudo o que Paulo falou. A doutrina tem uma aplicação prática. À luz do que ele disse, para que nós, crentes, não nos coloquemos em jugo desigual com os incrédulos, devemos nos purificar de toda impureza que afeta o nosso espírito e a nossa carne. Ou seja, devemos nos purificar de tudo aquilo que nos contamina, que nos leva ao erro, que nos leva a caminhar para longe dos caminhos de Deus. Temos que nos purificar disso. Por essa orientação dá para perceber que Paulo exige algo do

cristão: este precisa agir, e não apenas ficar passivamente esperando que o Santo Espírito venha santificá-lo. O versículo está dizendo para nos purificarmos e santificarmos (7.1). É algo que você e eu temos de fazer. Temos de nos separar de todo falso ensino, de todo falso mestre, de toda associação que nos torna cúmplices do erro e do pecado, para que possamos viver para esse Deus que disse que nos acolheria como pai e que seríamos como filhos para ele, se nos separarmos dessas impurezas, conforme ele mesmo deseja.

Conclusão e aplicações práticas

Essa passagem tem várias aplicações para nós. Eu destaco três delas.

Na primeira aplicação, preciso fazer uma observação à guisa de conclusão. Essa passagem não está proibindo todo e qualquer tipo de associação de crentes com descrentes. Alguém pode se basear nessa passagem para dizer, por exemplo, que vai acabar com a sociedade que tem com um descrente. Ou que vai tirar seus filhos da escola pública, pois lá só tem descrente. Poderíamos imaginar muitos outros exemplos nesse sentido. Mas Deus não está dizendo que teremos que viver como eremitas ou monges. Essa passagem não está proibindo todo tipo de associação com descrentes. Ora, todos nós temos amigos descrentes; trabalhamos em ambientes em que há descrentes; temos relações financeiras e trabalhistas com pessoas que não são crentes. No mesmo prédio em que moram cristãos, também moram pessoas descrentes. Deus não está proibindo que tenhamos esse tipo de relação com descrentes. Ele está proibindo que entremos numa relação com descrentes na qual haja um jugo desigual, na qual a nossa fé seja ameaçada, nossa vida possa ser comprometida e possamos correr o risco de ser cúmplices no erro dessas pessoas. É esse tipo de relação que Deus está proibindo, ou seja, uma relação em que voluntariamente nos coloquemos debaixo da mesma canga com um descrente, na qual sejamos a parte mais fraca, a parte que seria envolvida e influenciada, como era o caso em Corinto. Os falsos mestres acabariam por engolir a igreja de Corinto, se Paulo não os tivesse alertado. Por isso Paulo disse, em outras palavras: “Não aceitem esses falsos mestres. Não deem púlpito para eles pregarem. Não deixem que eles ensinem esse ensino falso nas casas de vocês, mas fujam disso”.

Essa passagem não pode ser usada, portanto, para justificar o monasticismo, ou seja, para nos isolarmos da sociedade e vivermos só em uma comunidade de cristãos. Nós estamos no mundo; somos chamados para ser sal e luz. O que a passagem está proibindo é uma associação em que o crente fique em desvantagem, seja influenciado, tenha sua fé corrompida, sua vida moral seja colocada em risco, e acabe participando e sendo cúmplice do pecado de outros.

Segunda aplicação: Essa passagem nos ajuda a sermos criteriosos com as relações que vamos escolher e com as decisões que vamos tomar, tanto na vida profissional quanto na vida pessoal e familiar.

Antes de entrar no tema do casamento, eu gostaria de fazer outra aplicação. Não quero acreditar que seja verdade, mas já me disseram que existe crente de igrejas reformadas que contribui com ofertas para aqueles falsos profetas da televisão. Eu nunca quis acreditar nisso, até o dia em que vi aquele tweet famoso de uma mulher que dizia: “Pregadores prediletos: Augustus Nicodemus e Edir Macedo”. A partir daquela data, fiquei atento. Diante disso, eu diria a você que quem apoia financeiramente o ministério de um falso profeta está enquadrado entre os que não seguem a recomendação de Paulo. Quem participa, dá likes, compartilha mensagens, vai à igreja dele; o promove de alguma forma, está participando do erro dele e das trevas que ele ensina, está sendo cúmplice do falso evangelho que ele está ensinando. Paulo nos ensina que devemos nos separar dos falsos mestres. Pense no conceito de pureza doutrinária que a Bíblia ensina. Nós temos que nos separar porque Deus não admite essa mistura. Não deve haver mistura nenhuma entre o puro evangelho e essas doutrinas dos homens, que geralmente têm apenas finalidade financeira.

Vejamos agora a aplicação da expressão jugo desigual em relação ao casamento, que geralmente é a interpretação que as pessoas dão para essa passagem. As pessoas leem essa passagem e pensam logo em casamento. Mas Paulo não estava falando de casamento. Espero que isso tenha ficado claro. Entretanto, embora Paulo não esteja falando de casamento nessa passagem, surge a pergunta: “Será que não se pode fazer uma aplicação dela ao casamento?”. E de fato essa aplicação foi feita pela Confissão de Fé de Westminster. Os puritanos, que escreveram a confissão de fé, no capítulo que fala sobre matrimônio e divórcio, no parágrafo 3, dizem assim:

A todos os que são capazes de dar um consentimento ajuizado, é lícito casar, mas é dever dos cristãos casar somente no Senhor; portanto, os que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, papistas ou outros idólatras; nem os piedosos prender-se a jugo desigual por meio do casamento com os que são notoriamente ímpios em suas vidas, ou que mantêm heresias perniciosas (XXIV:III).

Portanto, a interpretação da Confissão de Fé de Westminster, que é adotada pela Igreja Presbiteriana no mundo todo, é que o casamento com um idólatra — ou seja, com um homem ou uma mulher que são conhecidos pela vida ímpia, de dissolução, de imoralidade, de rebeldia contra Deus — é enquadrado como jugo desigual.

Infelizmente, varia muito, de pastor para pastor, a aplicação disso dentro das igrejas reformadas. Assim, encontraremos pastores de linha reformada que dirão que não veem problema em celebrar o casamento de um membro da sua igreja com uma pessoa que não é crente. E há pastores que se recusam a celebrar esse tipo de casamento, pois consideram que isso seria participar de um ato no qual se estaria colocando o crente em jugo desigual com um incrédulo, correndo o risco de ver a sua vida espiritual ser afetada e também a sua prole. E existe ainda outra categoria de pastores que vai mais além, e considera esse tipo de casamento como pecado digno de disciplina e exclusão da igreja — embora essa última categoria seja em número menor.

O leitor deve estar perguntando qual é a minha posição. É a posição intermediária: eu não celebro casamentos desse tipo. Não me convide para celebrar casamentos de um crente com uma pessoa que não serve ao Senhor Jesus Cristo. Posso até ir ao casamento, mas não o celebrarei, pois creio que esse tipo de casamento é prejudicial para o cristão. Alguém pode me dizer que conhece um caso de uma mulher que casou com um descrente e depois de um ano ele estava na igreja. Pode ser, mas para cada caso que deu certo, posso citar três que não deram, e que trouxeram grande sofrimento e dor para o crente. Teve de criar os filhos sozinho; sofrer sozinho sem ter um companheiro ou companheira de oração; teve de enfrentar as grandes decisões da vida sem buscar a Deus junto com a pessoa que ama e que está ao seu lado. Portanto, que ninguém me convide, porque não celebro esse tipo de casamento. Mas, se alguém insistir em me convidar, saiba que vou orar por você, para que Deus lhe

dê juízo e sabedoria para pensar com a cabeça nessas coisas, e não com o coração.

Capítulo 16

a alegria COM A CHEGADA de tito

2Coríntios 7.2-7

Deus anima os abatidos

Dai espaço para nós em vosso coração; não lesamos a ninguém, a ninguém arruinamos, de ninguém nos aproveitamos. Não digo isso para vos condenar, pois já afirmei que estais em nosso coração para juntos morrermos ou vivermos. A minha confiança em vós é grande, e orgulho-me muito de vós. Estou cheio de ânimo, transbordo de alegria em todas as nossas tribulações. Porque nem quando chegamos à Macedônia tivemos descanso; pelo contrário, em tudo fomos atribulados; externamente, lutas; internamente, temores. Mas Deus, que dá ânimo aos abatidos, nos trouxe ânimo com a chegada de Tito. Ele nos trouxe ânimo não somente com a chegada de Tito, mas também com o ânimo que Tito recebeu de vós. Ele nos relatou da vossa saudade, das vossas lágrimas, da vossa preocupação por mim, de modo que me alegrei ainda mais.

Na passagem de 6.14 a 7.1, vimos como Paulo se recomenda aos coríntios, pede que o recebam em seu coração e apela para que rejeitem toda e qualquer associação com aqueles falsos mestres. Foi essa a interpretação que demos para aquele conhecido versículo que diz: “Não vos coloqueis em jugo desigual com os incrédulos” (6.14). Os incrédulos aqui citados são, muito provavelmente, os falsos mestres, uma vez que a passagem inteira girava em torno dos falsos mestres. Entretanto, como vimos, isso também pode ter aplicação para outras

áreas da vida.

A partir do versículo 2 do capítulo 7, Paulo expressa a alegria que sente ao receber a visita de Tito, que fora por ele enviado a Corinto, a fim de lhe trazer notícias da igreja.

Ainda que soe repetitivo, acho necessário fazer um apanhado do quadro geral, pois, do contrário, não entenderemos o que Paulo está dizendo na passagem que vamos estudar neste capítulo. Assim, o quadro geral em que essa passagem se encaixa é o que descrevo a seguir. Paulo fundou a igreja de Corinto em uma de suas viagens missionárias; organizou-a; passou um tempo em Corinto. Quando se sentiu confiante de que a igreja podia andar por si mesma, ele partiu e foi pregar o evangelho em outros lugares. Era essa a estratégia de Paulo, que não era um pastor local, mas sim um missionário, um desbravador, um plantador de igrejas.

Algum tempo depois, longe de Corinto, ele recebe notícias de que a igreja estava passando por alguns problemas. Havia membros da igreja que não estavam se comportando como cristãos, e a igreja, em vez de discipliná-los, de cuidar deles e pastorear esses irmãos, estava acolhendo-os como se nada estivesse acontecendo. Paulo, então, escreve uma primeira carta, uma vez que ele não podia estar presente, da qual temos menção em 1Coríntios 5, quando ele diz, no versículo 9: “Já vos escrevi por carta que não vos associásseis com os imorais”. Ou seja, antes dessa carta que conhecemos como 1Coríntios, Paulo já tinha escrito outra carta, na qual lhes dizia que não deveriam andar com pessoas imorais, que tinham de se separar dessas pessoas que se diziam crentes, mas que viviam como pagãos.

Mas a situação não parece ter melhorado. Os problemas da igreja aumentaram. Paulo, então, recebe a visita de uma comissão enviada pela igreja, que lhe trazia uma oferta e uma carta, que continha perguntas e notícias não muito boas. A igreja estava dividida. Havia problemas de imoralidade, que continuavam, apesar da carta anterior de Paulo. Havia problemas no culto e também na ceia. Havia um grupo que não acreditava na ressurreição dos mortos. Em resumo, a igreja tinha seguido por um rumo completamente diferente daquele que o apóstolo Paulo tinha desejado a princípio. Assim, mais uma vez impossibilitado de fazer uma visita à igreja, Paulo escreve uma segunda carta, que conhecemos como 1Coríntios. Aquela primeira carta escrita pelo apóstolo não se sabe onde foi parar. Provavelmente se perdeu ao longo do processo de transmissão do cânon.

Mas essa segunda carta que Paulo escreveu chegou até nós: é 1Coríntios. Nela, Paulo procura resolver os problemas de ordem prática e teológica que estavam dividindo a igreja e trazendo grandes problemas e complicações àquela congregação. É uma das cartas mais práticas que Paulo escreveu, e foi redigida sob medida para as necessidades da igreja de Corinto. A situação continuou sem solução, porém.

Portanto, 1Coríntios, que é a segunda carta, na verdade também não resolveu o problema. A crise na igreja se agravou, e Paulo finalmente resolveu ir a Corinto. Ele, então, faz uma visita à igreja para tentar tratar dos assuntos pessoalmente. Só que havia se consolidado uma oposição formal ao apóstolo Paulo. Havia um grupo, na igreja de Corinto, cuja extensão não sabemos dizer, que era liderado por alguém que fazia forte oposição ao apóstolo Paulo. Esse grupo agora estava recebendo apoio de mestres que tinham chegado de Jerusalém, da Judeia, trazendo cartas de recomendação, dizendo-se apóstolos de Jesus Cristo e questionando Paulo. Diziam que ele era um apóstolo de segunda classe, pois não fazia parte dos Doze; não andou com Jesus; não era de Jerusalém, mas sim de Tarso da Cilícia. Além disso, diziam que Paulo negava as glórias do judaísmo, ensinava a justificação pela fé somente, sem as obras da lei, e com isso negava tudo que Moisés tinha ensinado. Então, quando Paulo chega a Corinto, encontra uma situação de hostilidade por parte da igreja. Mais adiante em 2Coríntios, ele vai se referir a essa ocasião como uma visita triste, da qual saiu profundamente abatido, desanimado, e até mesmo magoado com a recepção que recebera por parte daqueles que deveriam recebê-lo como um pai espiritual, pois eram seus filhos na fé.

Diante dessa situação, Paulo escreve a terceira carta aos coríntios. Foi uma carta pesada, grave, na qual ele chama os coríntios à responsabilidade, adverte-os a respeito dos juízos de Deus e fala da responsabilidade e da obrigação que eles têm para com ele, Paulo. Ele a envia, mas fica temeroso do efeito que possa vir a causar, pois era uma carta severa. Essa carta também não chegou até nós. Ela desapareceu. Mas Paulo faz referência a ela em 2Coríntios, a quarta carta que escreveu. Portanto, a correspondência de Paulo com os coríntios corresponde a um total de quatro cartas, das quais chegaram até nós somente a segunda e a quarta, que entraram para o cânon da Bíblia como 1Coríntios e 2Coríntios.

Paulo, então, escreve essa terceira carta, que é grave, pesada. Ele a envia por meio de Tito e fica na expectativa de qual efeito ela teria sobre a igreja de Corinto. O apóstolo fica pesaroso, com o coração tão aflito que isso chega a

perturbar seu ministério. Ele, um pregador arrojado, que aproveitava todas as ocasiões, vacila, pois estava muito aflito com o efeito que essa carta teria na igreja de Corinto.

O tempo passou. Tito — que ele tinha enviado a Corinto, provavelmente para levar a carta e trazer notícias — demorava a voltar. Naquele tempo não havia meios de comunicação rápidos, que pudessem explicar o motivo da demora. E Paulo passou todo esse tempo aflito. Finalmente, Tito está de volta. Paulo se encontra com ele na Macedônia. Foi um encontro extraordinário. Posso imaginar Paulo lhe dizendo, ansioso: “Tito, conta-me o que houve lá em Corinto!”. E Tito responde: “Calma, Paulo! Foi uma bênção. Que maravilha!”. E Tito lhe dá as notícias. Os coríntios tinham recebido a carta muito bem; tinham disciplinado a pessoa que havia se levantado contra Paulo; disseram que amavam Paulo; que estavam com saudades dele, embora aqueles falsos mestres ainda estivessem rondando por lá, fazendo confusão e provocações. Talvez houvesse um grupo resistente na igreja de Corinto. Mas, no geral, a igreja como um todo tinha se arrependido, recebeu a carta severa muito bem e fez o que deveria fazer.

Paulo fica aliviado e escreve 2Coríntios, a quarta carta. Nela, ele faz uma defesa do seu ministério para consolidar o assunto, e também expressa gratidão pela reação dos coríntios à carta severa. Aproveita ainda para preparar a igreja para participar da coleta que ele estava levantando, destinada aos crentes judeus necessitados da Palestina. E termina com os capítulos 10 a 13, fazendo um ataque muito severo contra os falsos mestres, que ainda estavam rondando a igreja de Corinto.

A parte que veremos neste capítulo é aquela em que Paulo fala de sua alegria pelas boas notícias trazidas por Tito a respeito da carta severa. Acho que esse resumo nos ajuda a colocar a carta na perspectiva correta e a dar sentido ao que Paulo está dizendo na passagem que vamos estudar. Eu a dividi em duas partes. Veremos, na primeira, o apelo que Paulo faz para que os coríntios o acolham no coração; e, na segunda, o consolo que ele recebe com a visita de Tito.

O apelo

Em 2Coríntios 7.2-4, Paulo continua o apelo que tinha começado no capítulo 6:

Ó, coríntios, temos falado abertamente convosco; nosso coração está aberto! Nossa afeição por vós não está restrita, mas tendes restringido vosso afeto para conosco. Em retribuição, falo como a filhos, abri também o vosso coração (2Co 6.11-13).

Esse trecho faz parte dessa passagem em que Paulo procura reconciliação com a igreja de Corinto. Depois de ter feito a defesa de seu ministério e condenado os falsos mestres, ele, então, retoma seu apelo e pede que os coríntios abram o coração e o recebam.

A partir de 2Coríntios 6.14, o apóstolo faz um parêntese para dizer aos coríntios que não recebam os falsos mestres, que não se coloquem em jugo desigual com eles, mas que recebam o apóstolo em seu coração, em lugar daqueles que estavam causando tanta confusão na igreja. Paulo termina essa intercalação em 2Coríntios 7.1 e retoma, no versículo 2, o apelo para que os coríntios abram o coração e o recebam: “Dai espaço para nós em vosso coração” (v. 2). Vemos, portanto, que ele está dando continuidade ao apelo feito em 2Coríntios 6.13, depois do parêntese em que havia falado sobre os falsos mestres.

“Dai espaço para nós em vosso coração”, ou seja, “recebam-me com sinceridade, com afeto, pois sou seu pai na fé. Recebam-me, não tenham essa atitude de hostilidade que manifestaram por ocasião daquela outra visita que fiz, mas me acolham em seu coração”. Ele lhes pedia que dessem a ele um espaço em seu coração, e não cressem nas críticas dos falsos mestres.

Mas Paulo não pede apenas, ele fornece três argumentos para isso. Primeiro, afirma que “a ninguém tratamos com injustiça” (v. 2, ARA). Em outras palavras: “Quando estive aí entre vocês em minha última visita, não tratei ninguém com injustiça. Sempre fui justo em meu relacionamento com os irmãos, como vocês mesmo são testemunhas. Acolham-me em seu coração, pois podem confiar em mim”. Paulo fornece um segundo argumento: “a ninguém corrompemos” (v. 2, ARA). Ou seja: “Nunca causei a desgraça de alguém. Nunca corrompi os valores morais nem as intenções nem a vida de ninguém. Nunca causei prejuízo a ninguém”. E, no final do versículo 2, ele fornece o terceiro argumento: “a

ninguém exploramos” (ARA). Embora ele fosse o pai espiritual da igreja e um apóstolo de Jesus Cristo, com direito a receber contribuições e sustento da igreja, durante o tempo que esteve em Corinto, Paulo preferiu ganhar com as próprias mãos o seu sustento, fazendo tendas. Ele nunca explorou ninguém. Portanto, com esses três argumentos, o apóstolo faz um apelo aos coríntios, como se dissesse: “Ora, vocês me conhecem. Nunca corrompi ninguém. Nunca explorei ninguém. Nunca tratei ninguém com injustiça. Recebam-me no coração de vocês”.

Que coisa maravilhosa quando um pastor pode recomendar a si mesmo dessa forma, ou ser recomendado, diante do testemunho da igreja. É extraordinário quando ele pode dizer: “Vocês podem me receber, porque, como sabem, nunca fui injusto com ninguém; nunca corrompi e também nunca explorei nenhum de vocês”. Isso é tão bom, pois é muito fácil alguém que ocupa uma posição de autoridade usar de sua influência para explorar os outros. Há casos e casos de pastores que usam de sua influência sobre os membros da igreja para conseguir determinados favores. É um favor aqui, outro ali, e a pessoa vai se aproveitando da sua posição como pastor e líder para fazer esse tipo de coisa. Mas era diferente no caso de Paulo. Ele podia dizer aos coríntios: “Vocês podem me acolher, porque todos são testemunhas de que eu nunca fiz esse tipo de coisa com vocês”.

Imediatamente depois de dizer isso, Paulo percebe que era preciso fazer uma ressalva, e deixar claro que ele não estava dizendo aquilo como forma de condená-los por eles terem sido injustos ou ingratos com ele: “Não digo isso para vos condenar” (v. 3). O apóstolo está dizendo que não fala essas coisas para condená-los, que não está insinuando que eles são ingratos, por ele ter se portado de maneira exemplar e eles, em troca, tê-lo hostilizado. Ou seja, Paulo não está dizendo isso para condenar a atitude deles, embora pudesse fazê-lo, pois, diante do exemplo de seu testemunho entre eles, o tratamento que ele recebeu dos coríntios era, no mínimo, ingratidão. Mas Paulo sabe ser um cavalheiro, por isso reafirma que não estava dizendo aquilo para condená-los, “pois já afirmei que estais em nosso coração para juntos morrermos ou vivermos” (v. 3). Fica difícil discutir com o apóstolo Paulo, quando ele diz algo assim! Com isso, Paulo procura dissipar qualquer sentimento de culpa que a igreja porventura ainda tivesse com relação a ele, pois já tivera boas notícias de Tito de que a igreja tinha se arrependido. Então, ele quer tranquilizá-los, e pede que o acolham, uma vez que conhecem o seu testemunho. Ele nunca fora injusto com eles e não estava dizendo aquilo para condená-los, porque os trazia em seu coração para a vida e

para morte.

Às vezes fico pensando o quanto estou longe de ser um pastor como o apóstolo Paulo, que procura reconciliação com esse tipo de ovelha, que está mais para “bode”. Paulo procura reconciliar-se, procura atrair, convencer, persuadir em amor aqueles coríntios, que deveriam tratá-lo como um homem de Deus e lhe dar toda honra, mas que, entretanto, haviam se colocado contra ele.

Paulo chega a dizer, no versículo 4, que tinha orgulho dos coríntios, apesar de tudo: “A minha confiança em vós é grande, e orgulho-me muito de vós. Estou cheio de ânimo, transbordo de alegria em todas as nossas tribulações” (v. 4). A palavra “franqueza”, que aparece em algumas versões (na ARA, por exemplo), também pode ser traduzida por “confiança”, como a traduzem outras versões. Paulo está dizendo que tem grande confiança neles porque recebeu de Tito a boa notícia de que a igreja se arrependera de tê-lo tratado mal. Eu imagino Paulo se voltando para Tito e dizendo: “Eu lhe disse que eles se arrependeriam, porque conheço essa igreja. Batizei todos eles; preguei o evangelho entre eles; ministrei”. No fundo, Paulo estava dizendo que se orgulhava deles e não esperava outra coisa, senão essa mudança de atitude.

“Estou cheio de ânimo, transbordo de alegria em todas as nossas tribulações” (v. 4). Quando escreve essa carta, Paulo está atravessando momentos difíceis de perseguição, de lutas, como sempre aconteceu em seu ministério. Mas, em meio a tudo aquilo, a chegada de Tito trazendo boas notícias da igreja de Corinto é uma espécie de bálsamo para o coração do apóstolo, como veremos a seguir.

A alegria pelas notícias trazidas por Tito

Em 2Coríntios 7.5-7 temos a explicação do que foi dito no versículo 4. No versículo 4, Paulo disse que transborda de alegria. As palavras são: “Estou cheio de ânimo, transbordo de alegria”. Por quê?

Porque nem quando chegamos à Macedônia tivemos descanso; pelo contrário,

em tudo fomos atribulados; externamente, lutas; internamente, temores. Mas Deus, que dá ânimo aos abatidos, nos trouxe ânimo com a chegada de Tito. Ele nos trouxe ânimo não somente com a chegada de Tito, mas também com o ânimo que Tito recebeu de vós (v. 5-7).

Era por isso que Paulo estava transbordando de alegria, de júbilo, e se regozijando com os coríntios: porque, em meio à sua tribulação, Deus tinha lhe trazido conforto. Observe que o “porquê” do início do versículo 5 está ligado ao que foi dito antes, no versículo 4. No versículo 4 Paulo diz que está feliz, e, no versículo 5, ele explica o porquê.

Interessante que, para destacar o quanto Deus o consolou, Paulo enfatiza o quanto estava abatido: “nem quando chegamos à Macedônia tivemos descanso” (v. 5). Ele está fazendo alusão a alguma coisa que já dissera no início da carta, em 2Coríntios 2.12,13, quando se refere à carta severa. Veja que, em 2.4, ele faz menção à carta pela primeira vez: “Porque vos escrevi em meio a muita tribulação e angústia de coração, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que soubésseis do amor intenso que tenho por vós” (2Co 2.4). Em outras palavras, ele menciona essa carta e confessa que, depois de tê-la escrito, não teve descanso, pois ficou na incerteza do resultado que ela traria.

Veja como o coração de Paulo estava atribulado. Em 2Coríntios 2.12, ele diz que estava viajando, chegou a Trôade e encontrou uma oportunidade de pregar o evangelho: “Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e uma porta se me abriu no Senhor” (2Co 2.12, ARA). Mas veja o que ele diz em seguida, no versículo 13: “não tive, contudo, tranquilidade no meu espírito”. Você pode imaginar esse grande pregador e missionário encontrar uma porta aberta diante de si, mas não pregar o evangelho em Trôade? Isso nos dá uma ideia do quanto ele estava aflito e inquieto. Seu coração estava em Corinto, pensando: “Qual foi o efeito daquela carta? Como será que eles vão recebê-la?”. Veja como isso perturbava e atrapalhava o ministério de Paulo.

Ele continua: “pois não encontrei ali meu irmão Tito” (2Co 2.13). Paulo tinha a expectativa de encontrar Tito em Trôade, trazendo notícias de Corinto. Mas Tito não tinha chegado, estava demorando. Paulo, então, decidiu seguir adiante, e foi para a Macedônia, onde ficava Filipos. Trata-se daquele episódio em que ele

queria ir para Trôade, mas acabou não dando certo. Então, apareceu o varão macedônio, e Paulo desce para Filipos. Em meio a isso tudo, Paulo está com o coração atribulado. Seu pensamento estava em Corinto: “O que está acontecendo na igreja? Onde está Tito?”.

Voltemos agora a 2Coríntios 7.5: “Porque nem quando chegamos à Macedônia [depois de ter passado por Trôade, onde eu estava muito aflito e acabei nem ficando] tivemos descanso”. Por esse versículo podemos perceber que, mesmo um homem de Deus cheio do Espírito Santo, que tem muita comunhão com Deus — muito mais do que nós temos —, que foi levado até o terceiro céu, numa visão, à presença de Deus, também era vulnerável às aflições comuns desta vida. Ele estava muito aflito, querendo saber o resultado da carta que havia escrito e enviado, e a falta de notícias o deixava preocupado.

Podemos achar que isso é algo pequeno, indigno, que nada tem de espiritual. Mas o fato é que, às vezes, um espinho pequeno incomoda profundamente. Paulo não tinha tranquilidade em seu espírito. Ele diz: “pelo contrário, em tudo fomos atribulados; externamente, lutas [provavelmente, estava se referindo às perseguições que sofreu em Filipos]; internamente, temores” (7.5). Em Filipos, Paulo foi preso, surrado com vara, levado para a prisão, e de lá saiu no dia seguinte, depois de mandarem os oficiais chamarem-no, porque ele era cidadão romano. Logo, o que ele diz em 7.5 pode ser uma referência àquele episódio, ou seja: “externamente, lutas; internamente, temores”.

Mas, afinal, o que Paulo temia? Não era a morte, porque já havia dito que não tinha medo de morrer. Na verdade, ele até ansiava às vezes por isso. Seu temor era de que a obra feita em Corinto se perdesse, que a igreja plantada e aqueles convertidos se desviassem por causa dos falsos mestres, ficassem aborrecidos com ele, abandonassem o evangelho e voltassem atrás. O coração de Paulo era um coração cheio de amor por seu povo e pelo seu rebanho. Por isso ele estava tremendamente aflito.

“Mas Deus, que dá ânimo aos abatidos, nos trouxe ânimo com a chegada de Tito” (7.6). Pode imaginar a alegria de Paulo, quando vê Tito chegando? Deve ter parecido até o pai do filho pródigo, correndo para abraçar o filho que estava voltando. Tito lhe trouxe boas notícias, e Deus o consolou. E ele se refere a Deus como aquele “que dá ânimo aos abatidos”.

Paulo teve muitas vezes essa experiência de ser confortado por Deus em meio a

suas muitas tribulações. E o consolo, desta vez, veio através de uma coisa simples: a chegada do amigo trazendo notícias. Alguém pode perguntar: “Será que Deus não poderia consolar um homem como Paulo — que tinha uma fé extraordinária, que era cheio do Espírito Santo — com a influência do Espírito Santo em seu coração, trazendo-lhe paz mental diretamente do céu?”. Muitas vezes desejamos que seja assim, mas não foi isso que Deus fez. Ele deixou que Paulo ficasse aflito. Mas o problema não era espiritual; não era falta de fé; não era falta de comunhão; não era pecado. Não era nada! Era apenas uma aflição humana, normal. Paulo tinha escrito uma carta e estava preocupado com o efeito que ela teria no meio daqueles irmãos que ele tanto amava e a quem tanto se dedicou.

Isso nos mostra que existem muitas aflições nesta vida que não resultam de deficiência espiritual. Existem muitas inquietações que não são falta de fé, mas apenas fazem parte da nossa natureza humana, e, se Deus tirasse esse tipo de coisa, ele já nos introduziria no paraíso, no novo céu e na nova terra onde habita a justiça. Paz perfeita e tranquilidade de espírito eterna nós só teremos na glória. Aqui, mesmo o mais espiritual entre nós passa por momentos de aflição e inquietação, e não se trata de defeito espiritual, não é falta da fé, não é falta da plenitude do Espírito Santo. Isso simplesmente faz parte da nossa natureza humana.

Em momentos assim, às vezes parece que Deus, lá do céu, resolve nos fazer uma “cortesia do Todo-Poderoso”. No caso de Paulo, a chegada de Tito foi como uma cortesia que Deus fez a ele, para aliviá-lo em meio às suas tribulações. Quantas vezes não recebemos isso de Deus? Estamos aflitos, abatidos, e não sabemos direito por quê. Sondamos nossa vida espiritual, para ver se fizemos algo errado, e não encontramos nada. De repente, alguma coisa acontece: uma palavra de um irmão; um evento; uma situação singular; um fato inesperado; e de novo respiramos aliviados, alegres, com o coração cheio de júbilo. Deus é expert em confortar os abatidos. Ele sabe fazer isso de um jeito que nem imaginamos. Não temos ideia de como Deus pode consolar os abatidos!

Deus trouxe ânimo a Paulo “não somente com a chegada de Tito, mas também com o ânimo que Tito recebeu de vós” (v. 7). Tito tinha sido bem recebido na igreja de Corinto e tinha sido confortado por eles. “Ele nos relatou da vossa saudade” (v. 7), ou seja, Tito contou a Paulo que os coríntios não somente tinham recebido bem a carta, mas estavam com saudade de apóstolo. Também tinham chorado com a carta e haviam se quebrantado e se entristecido pela

ofensa que tinham feito ao apóstolo Paulo, pois Tito lhe conta “das vossas lágrimas” (v. 7). Eles estavam cheio de cuidados e preocupados com o apóstolo Paulo, pois Tito lhe relata sobre “vossa preocupação por mim, de modo que me alegrei ainda mais” (v. 7). Ou seja, ao ouvir Tito lhe contar em detalhes sobre a reação dos coríntios, a alegria de Paulo aumentou ainda mais.

Conclusão e aplicações práticas

O que podemos extrair dessa passagem como lição? Ela não contém muita teologia, é mais uma passagem bem prática, do dia a dia, que descreve uma situação que Paulo viveu. Toda a Escritura é inspirada por Deus, no entanto, e sempre há algo que podemos aprender.

Temos nessa passagem um exemplo do que é o verdadeiro amor cristão. Apesar de tudo que Paulo sofreu da parte dos coríntios, ainda buscava se reconciliar com eles. E sofria na expectativa de notícias; queria saber os resultados da carta que enviara. É um exemplo de coração amoroso, cheio do amor de Jesus Cristo, de misericórdia, de compaixão e de preocupação.

Finalmente, quando chegaram as boas notícias, Paulo se alegrou. Não há vingança por parte de Paulo; não há ressentimento; não há mágoa. Confesso que, depois de tantos anos de pastorado, já vi muitos pastores saírem de igrejas magoados, levando cicatrizes, ressentimentos, questões não resolvidas, com o coração fechado, seco, por causa de tensões e de problemas que não foram tratados no dia a dia.

Mas o apóstolo Paulo nos ensina que a atitude espiritual a ser tomada é perdoar, buscar reconciliação, o quanto for possível. Há situações que não têm jeito. Mas Paulo nos mostra que há outras em que é possível andar uma segunda milha, escrever quatro cartas, fazer duas visitas (ele pretendia fazer uma segunda visita) ou até mais, se necessário for. Ele nos ensina a fazer todo o possível para uma reconciliação. Temos em Paulo um exemplo do verdadeiro amor cristão: ele persiste, insiste, anda segundo a Bíblia, procura a reconciliação.

A segunda lição que quero tirar para nós é o fato de Deus ser um Deus que

consola. Ele nos conforta através das circunstâncias e da sua providência. Vimos que foi um mero ato da providência divina a chegada de Tito com boas notícias. Aquilo alegrou o coração do apóstolo Paulo. Da mesma forma, Deus usa coisas comuns no dia a dia para, no momento certo, alegrar o nosso coração.

A última coisa que gostaria de destacar é que, às vezes, ficamos esperando o pior das pessoas e das situações. Posso imaginar o porquê da aflição do apóstolo Paulo: ele estava com medo. Medo de que naquela carta ele talvez tivesse exagerado a mão, sido muito severo no que escrevera. Tinha receio de que, com aquilo, os coríntios resolvessem se rebelar contra ele e aderir aos falsos mestres. Paulo tinha esses temores. Era um homem maduro, bastante realista, mas, assim como você e eu, tinha lá temores, como ele mesmo confessa: “temores por dentro” (7.5, ARA). Qual era o temor de Paulo? Ele temia que a carta tivesse sido muito severa. Nós também somos assim. Olhamos para frente e ficamos com receio do futuro: “Será que a decisão que tomei foi certa? Será que o caminho foi correto?”. O lado bom é que Deus sempre nos surpreende positivamente. No dia seguinte, descobrimos que não era nada daquilo que estávamos pensando.

Às vezes, imaginamos situações e tiramos conclusões muito apressadas, quando as coisas nem aconteceram ainda. E sofremos sem necessidade. Certa vez, eu estava vindo dos Estados Unidos, num desses voos longos. Sentados na minha frente estavam um homem, uma mulher e uma criança. A criança era daquele tipo que dá muito trabalho. E o que me revoltava é que só a mulher estava cuidando dela. O homem reclinou a poltrona, ficou lendo, assistindo a um filme, enquanto a pobre mulher trocava a fralda da criança, dava mamadeira, e a criança chorava, mas o homem não fazia absolutamente nada. Eu estava revoltado: “Como o marido faz um negócio desses? Como um pai pode fazer isso?”. Fui ficando furioso. A uma certa altura, eu estava quase me levantando para perguntar, na frente dele, se a mulher precisava de ajuda. De repente, o avião se preparava para o pouso, e a mulher se volta para o homem e diz: “Por gentileza, o senhor pode pegar essa bolsa que está aí em cima?”. Ele não era o marido dela! Mas eu vim condenando o homem às labaredas do inferno durante as dez horas de voo. Nós muitas vezes olhamos a situação de uma perspectiva que não é a correta e tiramos conclusões apressadas.

Paulo tinha mandado aquela carta, estava cheio de temor de que a situação pudesse piorar, de que ele pudesse vir a perder a igreja, mas de fato nada disso aconteceu. Portanto, se você está com o coração aflito, está temeroso e receoso

quanto ao futuro, lembre-se de que nem sempre é por deficiência espiritual que você está passando por uma situação como essa. Você pode orar para que Deus o console. E aceite o consolo de Deus, pois ele vem às vezes da maneira mais inesperada. Aguarde o desenrolar dos fatos, pois não conhecemos o dia de amanhã. Em geral, não é tão ruim como parece. São os nossos temores que exageram as coisas e nos fazem ver o pior.

Assim, lembremos que o nosso Deus é um Deus que consola; é o Deus da providência; é o Deus da sabedoria; e que, afinal, todas as coisas vão concorrer para o bem daqueles que o amam, como aconteceu com o apóstolo Paulo.

Capítulo 17

os efeitos das palavras de paulo

2Coríntios 7.8-16

A carta severa

Porque, ainda que vos tenha entristecido com a minha carta, não me arrependo disso. Embora anteriormente tivesse me arrependido, pois percebo que aquela carta vos entristeceu, ainda que por pouco tempo, agora me alegro, não porque fostes entristecidos, mas porque fostes entristecidos visando ao arrependimento. Pois, fostes entristecidos segundo a vontade de Deus, para que não sofrêsseis dano algum por nossa causa. “Pois a tristeza segundo a vontade de Deus produz o arrependimento que conduz à salvação, o qual não traz remorso; mas a tristeza do mundo traz a morte.” Pois vede o que essa tristeza segundo a vontade de Deus produziu em vós: que dedicação, mas também que defesa própria, que indignação, que temor, que saudade, que preocupação, que punição! Em tudo provastes estar inocentes nesse assunto. Portanto, ainda que eu vos tenha escrito, não foi por causa daquele que praticou o mal, nem por causa daquele que o sofreu, mas para que a vossa grande preocupação por nós se manifestasse diante de Deus. Por isso temos recebido ânimo. Além do ânimo que recebemos, alegramo-nos muito mais pela alegria de Tito, porque o seu espírito foi revigorado por todos vós. “Porque, se em alguma coisa me orgulhei de vós para com ele, não fiquei decepcionado; mas como tudo que vos dissemos era verdade, assim também o orgulho que de vós manifestamos a Tito se provou verdadeiro.” E a sua afeição para convosco é ainda mais intensa ao lembrar-se da obediência de todos vós e de como o recebestes com temor e tremor. Alegro-

me por ter plena confiança em vós.

Conforme vimos, Paulo escreveu uma carta aos coríntios em tom muito grave, a qual ficou conhecida como a carta severa. Foi escrita depois de uma visita que ele fez aos coríntios, para tentar resolver a tensão que havia se instalado entre um grupo que se formara na igreja e o apóstolo Paulo.

Depois que escreveu a carta, ele ficou com o coração pesado, por achar que talvez tivesse sido muito duro. Então, enviou Tito a Corinto, para se encontrar com a liderança da igreja e ver qual efeito aquela carta tinha tido naquela comunidade. Enquanto aguardava a volta de Tito com notícias de lá, Paulo ficou preocupado. Ele teve, inclusive, oportunidades de evangelização que acabou não aproveitando. Estava muito aflito com a situação, pois ele amava a igreja de Corinto.

Finalmente Tito chega, trazendo para Paulo boas notícias a respeito da carta e mais algumas questões que acabam levando o apóstolo a escrever essa carta que conhecemos como 2Coríntios. Então, como temos visto, a correspondência de Paulo com a igreja de Corinto se compõe de quatro cartas, das quais temos a segunda e a quarta, que chamamos de 1Coríntios e 2Coríntios. As outras se perderam.

O interessante é que a carta que mudou a atitude dos coríntios foi justamente uma das que se perdeu. A segunda e a quarta cartas, que chamamos de 1Coríntios e 2Coríntios na Bíblia, aparentemente não tiveram tanto efeito. Mas assim são os caminhos de Deus.

Neste capítulo, quero analisar a passagem de 2Coríntios 7.8-16, na qual Paulo menciona a carta severa, o que sentiu com relação a ela quando a enviou e quais os efeitos que ela produziu teve conhecimento, com a chegada de Tito, e a alegria dele por todas essas coisas. Ao final, vamos tentar tirar algumas lições de tudo isso para nós.

Dividirei a passagem em quatro partes, para facilitar a compreensão. Na primeira parte, Paulo reconhece e fica feliz porque a carta, segundo ele foi informado, produziu bons resultados (v. 8,9). Na segunda parte, ele faz um contraste entre a tristeza de Deus e a tristeza do mundo (v. 10, 11). Na terceira parte, Paulo explica o motivo da carta severa (v. 12). Na quarta parte, ele fala de sua alegria

pela atitude da igreja e pelo contentamento de Tito (v. 13-15). E, então, com o versículo 16, ele encerra a passagem fazendo a seguinte afirmação: “Alegro-me por ter plena confiança em vós”.

Feliz pelos resultados

No versículo 8, Paulo confessa que, a princípio, sentiu certo arrependimento: “Porque, ainda que vos tenha entristecido com a minha carta, não me arrependo disso. Embora anteriormente tivesse me arrependido, pois percebo que aquela carta vos entristeceu, ainda que por pouco tempo” (v. 8). Embora Paulo fosse um apóstolo de Jesus Cristo, inspirado por Deus, ele era sujeito às mesmas tentações e fraquezas que nós. Ele era como todo bom pastor: alguém que ama seu rebanho, que às vezes é chamado a agir com firmeza, mas nem sempre consegue dosar essa firmeza ou saber até que ponto pode esticar a corda e até que ponto deve ser firme ou misericordioso. Por um tempo, Paulo ficou incerto sobre o efeito que aquela carta teria sobre os coríntios. Por isso a carta é chamada de carta grave ou severa, pois até o próprio Paulo, como ele diz no versículo 8, ficou durante um tempo arrependido. Ele não está mais, mas ficou, durante um certo tempo, em que se perguntava se não havia sido excessivamente rígido e se entristecera os coríntios.

Embora estivesse arrependido antes, Paulo não está mais arrependido no momento, porque teve notícias da parte de Tito sobre o bom efeito que a carta produzira na igreja de Corinto. Por isso ele não está mais arrependido: porque viu que, na verdade, tinha agido corretamente. A carta, afinal, não fora severa demais. Ela fora na medida certa do que a igreja de Corinto precisava.

No versículo 9, ele reconhece as boas notícias: “Agora me alegro”. Primeiro ele tinha ficado com um pé atrás; agora, porém, ele diz que está alegre, mas não porque os coríntios foram contristados, não porque aquela carta fez com que eles ficassem tristes por terem agido mal com o apóstolo. Não era por isso que Paulo estava alegre. Ele estava alegre porque os coríntios foram entristecidos para o arrependimento: “mas porque fostes entristecidos visando ao arrependimento. Pois, fostes entristecidos segundo a vontade de Deus, para que não sofrêsseis dano algum por nossa causa”.

A alegria de Paulo, portanto, era pelo fato de que a tristeza que os coríntios sentiram, ao ouvirem as palavras de Paulo na carta severa, foi usada por Deus para gerar neles arrependimento, e era disso justamente que eles tanto precisavam. Eles precisavam se arrepender da atitude arrogante contra o apóstolo Paulo, de sua rebelião, de seus questionamentos. Eles precisavam se arrepender por tê-lo tratado assim, depois de tudo que o apóstolo Paulo tinha feito pela igreja, depois de ele tanto haver se doado por eles, e também pelo fato de ele ser um apóstolo de Jesus Cristo. Então, a igreja estava precisando de arrependimento, e aquela carta foi a ferramenta que Deus usou para produzir tristeza pelo erro que eles tinham cometido. Chamamos a isso convicção de pecado. Deus trouxe convicção de pecado à igreja, através daquela carta. A igreja caiu em si. Leu a carta e disse: “Nós erramos! De fato, nós erramos”. E ficaram entristecidos por isso. Mas essa tristeza é boa, pois é o tipo de tristeza que Deus usa para levar as pessoas ao arrependimento. Esse é um tipo de tristeza necessária.

A vida cristã não é uma vida só de alegrias, porque somos pecadores. Então, Deus às vezes nos entristece porque essa é a via do arrependimento. A tristeza segundo Deus consiste em ele gerar em nós a convicção de que erramos, de que estamos convictos do nosso pecado, o que produz abatimento em todo crente verdadeiro. Todo crente genuíno, quando é convencido de que pecou, vai sentir tristeza mesmo. Ele sente vergonha diante de Deus e das pessoas. Não era isso que no fundo ele queria fazer; mas, como pecador desgraçado que é, acabou fazendo aquilo que o seu coração pecador o levou a fazer. Então, tristeza é o que o crente vai sentir.

E Paulo diz: “Pois fostes contristados segundo Deus” (v. 9, ARA). Essa tradução, porém, não é a melhor, porque está dizendo: “Pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis”. Era como se Paulo estivesse dizendo assim: “Vocês se entristeceram com minha carta, e foi bom assim porque, se eu fosse aí, eu causaria dano a vocês, por não terem se arrependido”. Mas, na verdade, o sentido do que ele está dizendo é outro: “Vocês foram contristados [ou entristecidos] segundo Deus, de maneira que, da nossa parte, vocês não sofreram dano nenhum. Ou seja, a minha carta não foi dano para vocês, porque ela só foi um instrumento de Deus, para levar vocês ao arrependimento”. Se o leitor consultar outras versões, verá que este último é de fato o sentido do que Paulo está dizendo. A NVI, por exemplo, traduz desta forma: “Agora, porém, me alegro, não porque vocês foram entristecidos, mas porque a tristeza os levou ao arrependimento. Pois vocês se entristeceram como

Deus desejava e de forma alguma foram prejudicados por nossa causa”. Ou seja, o que Paulo está dizendo é: “Vocês não sofreram nada da minha parte. A carta foi pesada, mas foi o que precisavam ouvir, e Deus a usou para produzir o arrependimento de vocês”.

Paulo passa a explicar esse ponto a partir do versículo 10, que é a segunda parte da divisão da passagem, a qual veremos a seguir. Ele faz um contraste, nos versículos 10 e 11, entre a tristeza de Deus e a tristeza do mundo. Acredito que esse seja, talvez, o ponto prático e pastoral mais importante da passagem.

Tristeza de Deus e tristeza do mundo

No versículo 10, Paulo explica por que não tinha lhes causado dano: “Pois [ele está introduzindo a explicação] a tristeza segundo a vontade de Deus produz o arrependimento que conduz à salvação, o qual não traz remorso”. Ou seja, por isso a carta de Paulo não causou dano aos coríntios. Porque, através dela, Deus os entristeceu e isso gerou neles arrependimento, que, por sua vez, conduz à salvação. A salvação mencionada nesse versículo não é somente a salvação eterna, mas a salvação do estado em que eles se encontravam: endurecidos, ressecados contra Paulo, irados, em inimizade contra o apóstolo. Então, aquela carta salvou-os dessa situação, e com isso confirmou a salvação para a vida eterna. Temos de lembrar que o verbo “salvar” na Bíblia nem sempre significa “salvar” do pecado para a vida eterna, mas, à vezes, significa nos salvar de estarmos escravizados pelo pecado ou presos a uma situação pecaminosa, da qual o Espírito Santo nos salva e nos liberta.

Às vezes também o verbo “salvar” é usado com o sentido de curar, como quando Jesus disse àquele leproso que veio agradecer a ele, o único que voltou, dos dez que foram curados: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou” (Lc 17.19).

Voltando à passagem que estamos estudando, vemos que por isso Paulo estava feliz. Ele enviara aquela carta. Deus a usou para entristecer os coríntios. Eles se arrependeram e, com isso, foram salvos em todos os sentidos possíveis. E ele diz que esse arrependimento “não traz remorso” (v. 10). Ou seja, no final, não é motivo de tristeza, mas sim de alegria, porque isso não traz pesar ou remorso a

ninguém. No momento em que Deus está nos entristecendo e nos trazendo a convicção de pecado, quebrando nosso coração, ficamos tristes. Mas, quando Deus termina seu trabalho em nós, vemos que não temos motivo de pesar, mas sim de alegria, porque Deus, no fim, estava querendo de fato a nossa salvação.

A seguir, vemos o contraste no final do versículo 10: “mas a tristeza do mundo traz a morte”. Também não é muito fácil entender o que Paulo quer dizer nesse trecho. Provavelmente ele está fazendo o seguinte contraste. Há duas maneiras de encarar a tristeza que Deus traz sobre nós. Existe a maneira certa, que Paulo chama de “tristeza segundo Deus” (v. 10, ARA). Ela acontece quando usamos a tristeza que Deus está produzindo para nos arrependermos, para corrigirmos a nossa atitude e nos voltarmos para Deus. Isso produz salvação. Já a tristeza segundo o mundo acontece quando, diante daquele fato que Deus trouxe para nós como motivo de tristeza, em vez de nos arrependermos — como os coríntios fizeram —, ficamos revoltados contra Deus, irados e ressentidos com ele, cheios de justiça própria: “Mas por que isso aconteceu comigo? Eu não podia errar dessa forma! Não admito errar assim! Aconteceu isso, Deus, e tudo por culpa tua. Tu controlas todas as coisas”. E a pessoa, então, coloca a culpa em Deus e nos outros. Esse é o tipo de tristeza segundo o mundo, pois é assim que o mundo funciona. No caso das pessoas que não têm a graça de Deus, quando a tristeza vem, elas se revoltam, colocam a culpa em Deus, ficam iradas, cheias de justiça própria, vitimizam-se, colocam a culpa nos outros. Mas arrependimento e mudança de atitude somente a graça de Deus pode produzir. Essa é a diferença entre a tristeza segundo Deus e a tristeza segundo o mundo. Por isso Paulo se alegra: porque os coríntios foram entristecidos segundo a vontade de Deus e reagiram da forma certa.

Mas, como Paulo podia afirmar que os coríntios tinham se entristecido segundo Deus, se arrependido e, então, sido salvos? Ele dá evidências disso, no versículo 11, no qual encontra-se a explicação: “Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto” (v. 11, ARA). Essa foi a reação da igreja de Corinto, diante da carta severa: uma reação segundo Deus.

São sete as evidências que Paulo cita. Primeira, “cuidado”: “Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós”. Eles ficaram preocupados com o apóstolo Paulo. Quando se entristeceram com o que a carta dizia, eles viram que estavam errados. Segunda evidência: “Que defesa!”. Eles, aparentemente,

levantaram-se para defender o apóstolo Paulo dos ataques que estavam sendo feitos contra ele pelos falsos mestres, por um líder de um grupo que se rebelara contra Paulo. Terceira evidência: “que indignação”. Os coríntios provavelmente ficaram indignados com os rebeldes: “Como vocês ousam se levantar contra Paulo? Como ousam falar mal dele ou questionar sua autoridade como apóstolo?”. Quarta evidência: “que temor!”. Eles sentiram temor de Deus, de que estariam ferindo a santidade de Deus ou entristecendo o Espírito Santo. Quinta evidência: “que saudades [do apóstolo Paulo]!”. Talvez tenham dito: “Como seria bom se o apóstolo Paulo estivesse aqui agora! Nós nos lembramos de quando ele estava aqui. De fato, queríamos que ele tivesse permanecido conosco”. Sexta evidência: “que zelo!”. Zelo pelo nome do apóstolo, pela reputação de Paulo. Sétima evidência: “que vingança!”. Ou seja, que vingança, no sentido de que eles queriam que a justiça fosse feita. Tanto é que disciplinaram o homem que estava em pecado. Isso Paulo menciona no capítulo 2. Inclusive, ele chega a dizer, em outras palavras: “Basta que esse líder tenha sido disciplinado por vocês. Agora precisam perdoá-lo e trazê-lo de volta” (2Co 2.6,7). Aqui Paulo estava praticando o que Jesus havia ensinado: não esmagar a cana quebrada (Mt 12.20).

Assim, havendo citado as sete evidências de que os coríntios tinham se entristecido segundo Deus, se arrependido e sido salvos, Paulo encerra dizendo: “Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto” (v. 11, ARA). Tudo finalmente fora esclarecido. Havia, de fato, um grupo dentro da igreja de Corinto que era hostil ao apóstolo Paulo. Sabemos disso desde a primeira carta. Já na primeira carta, Paulo faz alusão à formação de grupos na igreja, pois os coríntios diziam: “‘eu sou de Paulo’; ‘eu sou de Apolo’; ‘eu sou de Pedro’; ‘eu sou de Cristo’”. Ora, então a igreja estava dividida em quatro grupos, e só um deles era de Paulo. E dizer “eu sou de Apolo” ou “eu sou de Pedro” significava dizer “Eu não sou de Paulo”. E ser “de Cristo” significava dizer “Eu só me submeto a Cristo. Não aceito autoridade de Paulo”. Então, na igreja de Corinto havia oposição a Paulo, como sabemos desde a primeira carta, e esse problema tinha piorado. Mas agora, depois da carta severa, os coríntios caíram em si, pegaram o homem que estava liderando a oposição contra Paulo e o disciplinaram, por fim defendendo o apóstolo Paulo.

Isso acontece em torno da época em que Tito volta, a fim de trazer a Paulo essas boas notícias. Por isso o apóstolo diz: “Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto” (v. 11). Em outras palavras, os coríntios não eram todos culpados por aquela rebelião contra Paulo. Apenas alguns dentre eles eram. Mas

agora haviam tomado a decisão certa.

O motivo da carta severa

Vejamos agora a terceira parte da carta, que consiste no versículo 12. Paulo, aproveitando que o clima de tensão entre ele e a igreja havia passado, diz por que escreveu a carta: “Portanto, ainda que eu vos tenha escrito [de forma severa], não foi por causa daquele que praticou o mal [ou seja, daquele membro da igreja que tanto atacou, hostilizou e colocou a igreja contra Paulo], nem por causa daquele que o sofreu” (v. 12). Paulo está falando na terceira pessoa, mas se refere a si mesmo, pois foi ele quem sofreu o dano por parte daquela pessoa. O apóstolo está dizendo que escreveu não para que a igreja disciplinasse aquele irmão, nem por que ele, Paulo, estivesse ofendido e quisesse uma reparação. Sua finalidade ao escrever foi outra: “[Eu vos escrevi] para que a vossa grande preocupação por nós se manifestasse diante de Deus”.

Paulo é um diplomata. Em outras palavras, ele diz: “Irmãos, aquela carta pesada que escrevi, não foi por que eu estava ofendido nem porque eu queria que vocês disciplinassem aquele cidadão. Eu só queria lhes dar uma oportunidade para que mostrassem o quanto me amam. Foi este o meu propósito em escrever: dar-lhes uma oportunidade para provarem a sinceridade de vocês para comigo e com o evangelho que eu prego”. Era esse o objetivo dele.

Embora eu creia que esse, de fato, foi o objetivo do apóstolo, às vezes a intenção de um líder pode ser mal interpretada. Dificilmente os coríntios pensaram, a princípio, que era essa a intenção de Paulo. Mas, apesar disso, eles fizeram as coisas certas. Talvez tenham pensado assim: “Vamos punir esse cidadão e mandar dizer para o apóstolo Paulo que o assunto está resolvido”. Mas Paulo lhes diz, em síntese: “Era exatamente isto que eu queria que acontecesse: que vocês mostrassem a sinceridade, a honestidade e o amor de vocês para comigo. Não escrevi a carta porque eu estivesse ofendido. Nem para pedir vingança. A carta foi apenas para testar vocês, dando-lhes oportunidade para manifestarem o amor de vocês por mim diante de Deus”.

A alegria de Paulo

Dos versículos 13 a 15, temos a quarta parte da carta, na qual Paulo fala da alegria do seu coração, especialmente por causa da chegada de Tito: “Por isso temos recebido ânimo [com as notícias trazidas por Tito]. Além do ânimo que recebemos [causado pela atitude da igreja], alegramo-nos muito mais pela alegria de Tito, porque o seu espírito foi revigorado por todos vós” (v. 13).

Tito tinha sido enviado como emissário de Paulo, para saber que efeitos a carta teria. Ao chegar na igreja, foi muito bem recebido pelos irmãos de Corinto. O versículo diz que “seu espírito foi revigorado” ou, como trazem algumas versões, “recreado” (ARA). Ou seja, Tito havia voltado feliz e disposto da visita.

E Paulo prossegue: “Porque, se em alguma coisa me orgulhei de vós para com ele, não fiquei decepcionado” (v. 14). Paulo estava dizendo que, quando enviou Tito, tinha lhe dado certeza de que seria bem recebido, pois o apóstolo conhecia bem as pessoas daquela igreja. Sabia que, no fundo, eram crentes sinceros, de bom coração, e que tudo que estava acontecendo não passava de um mal-entendido. Paulo fez boas recomendações dos coríntios a Tito, pois este deve ter dito: “Mas, Paulo, você saiu de lá quase expulso pela igreja e está me mandando para lá?”. E Paulo deve ter respondido: “Pode ir em paz, que você será muito bem recebido”.

Por isso Paulo está dizendo, no versículo 14, que tinha razão: “Porque, se em alguma coisa me orgulhei de vós para com ele, não fiquei decepcionado”. Ou seja, Paulo não passou vergonha, pois Tito chegou em Corinto e viu que tudo o que o apóstolo tinha dito era de fato verdade: eles o receberam muito bem.

E ele continua: “mas como tudo que vos dissemos era verdade, assim também o orgulho que de vós manifestamos a Tito se provou verdadeiro” (v. 14). Paulo tinha se exaltado no bom sentido; ele tinha se vangloriado da igreja diante de Tito. Quando chegou na igreja, o próprio Tito viu que essa vanglória se provou verdadeira. Paulo tinha razão: a igreja de fato recebeu Tito muito bem e se arrependeu com a carta. O resultado foi o melhor possível.

No versículo 15, ele descreve a reação de Tito: “E a sua afeição para convosco é ainda mais intensa ao lembrar-se da obediência de todos vós e de como o

recebestes com temor e tremor” (v. 15). Em poucas palavras, Paulo está dizendo aos coríntios que Tito ficou apaixonado pela igreja. Ele fora para lá com medo, mas voltou dizendo, em síntese: “Paulo, eu amo a igreja de Corinto! De fato, aqueles irmãos são tudo o que você disse e muito mais. Eles revigoraram meu espírito, foram obedientes e me receberam com temor e tremor. Por isso, o amor que sinto por eles cresce cada vez mais”.

No versículo 15, em vez de “afeição”, palavra usada na versão Almeida Século 21, a Almeida Revista e Atualizada traz “entranhável afeto”. Já a Nova Almeida Atualizada, que é uma revisão da versão Almeida, traz “grande afeto”. Essas diferenças existem porque a versão Almeida Revista e Atualizada segue um sistema de tradução em que se procura traduzir as palavras segundo uma “equivalência formal”. O tradutor pega uma palavra do original grego e procura seu equivalente em português, ou seja, procura qual seria a palavra em português que formalmente corresponderia àquela palavra em grego. No original em grego, o versículo 15 traz “entranhável afeto”, ou seja, um afeto que brota das entranhas. A palavra que Paulo está usando no grego se refere às vísceras mesmo, popularmente conhecidas como tripas, intestino. Por que ele usa tal palavra? Porque, no Antigo Oriente, acreditava-se que a sede dos sentimentos eram as entranhas, as tripas. Faz até sentido, pois qual é a primeira parte do corpo que sente um impacto, quando levamos um susto ou temos uma emoção muito forte? Sentimos um frio na barriga, não é? Para os gregos, portanto, as entranhas eram a sede das emoções.

Quando, na Grécia, um rapaz declarava seu amor por uma moça, ele dizia: “Eu te amo com todas as minhas entranhas [tripas]!”. Hoje sabemos que a sede das emoções não são as entranhas, mas é o hipotálamo. Então, o certo seria você dizer para a sua esposa: “Querida, eu te amo com todo o meu hipotálamo”.

Brincadeiras à parte, nós acabamos traduzindo “entranhável” por “de todo o coração”. O equivalente dinâmico em português seria “amar de todo coração”, em vez de “amar entranhavelmente”. A versão Almeida Revista e Atualizada, porém, por causa do estilo de tradução adotado, optou por “entranhável afeto”, que quer dizer “afeto que brota do mais profundo do ser”. E era isso que Tito estava sentindo pela igreja de Corinto, quando disse que seu entranhável afeto crescia mais e mais para com eles.

Alegro-me por ter plena confiança em vós

Enfim, chegamos à conclusão, no versículo 16: “Alegro-me por ter plena confiança em vós”. Que final feliz, não?

Pena que a situação deteriorou um pouquinho. Clemente de Roma escreveu a Primeira Carta aos Coríntios no final do século 1, e ainda um problema desse tipo permanecia. Parece que a igreja de Corinto sempre teve dificuldades. Era uma igreja difícil. Costumo dizer que, quando uma igreja tem problemas, a questão nem sempre é a liderança. A maioria das vezes é, mas nem sempre. Vemos que Corinto era uma igreja complicada, que vai entrar no final do século 1 e começo do século 2 ainda com problemas. Pais da igreja escreveram cartas para essa igreja nas quais se queixavam das mesmas coisas que Paulo está se queixando. E a igreja teve o melhor pastor do período apostólico, que foi o apóstolo Paulo. Que pastor poderia ter sido melhor do que ele?

Portanto, às vezes uma igreja tem problemas, mas nem sempre a culpa é do obreiro ou do pastor. Antes de colocar a culpa dos problemas da sua igreja no pastor, pense na possibilidade de a culpa não ser realmente dele. Muitas vezes o pastor está sendo fiel e fazendo o melhor que ele pode. Mas certas igrejas parecem ter um “DNA” ou uma natureza ruim. Nada dá certo. Tudo é complicado, vivem trocando de pastor; são igrejas difíceis. Portanto, essa possibilidade também precisa ser levada em conta.

Mas, voltando a 2Coríntios, por enquanto vemos um final feliz para o drama “Paulo versus igreja de Corinto”, pois o apóstolo afirma: “Alegro-me por ter plena confiança em vós” (v. 16). Graças a Deus por isso!

Conclusão e aplicações práticas

Quero terminar este estudo com três aplicações para nós. A primeira delas, que essa passagem deixa clara, é que há duas maneiras de encararmos as tristezas da vida. Ver as tristezas como caminho de Deus para nos trazer arrependimento e

salvação, aqui e em toda a eternidade, é a primeira maneira. A segunda é encarar as tristezas reagindo com ódio, ressentimento, ira contra Deus, o que, afinal, levará a pessoa a se afastar cada vez mais dele e a seguir pelo caminho que leva direto para a morte. Portanto, essa passagem nos leva a refletir sobre isto: a tristeza segundo Deus e a tristeza segundo o mundo. Como você reage diante das contradições, dos sofrimentos, das dificuldades, das angústias que vêm sobre sua vida? Às vezes, pode ser a morte de um ente querido; uma doença terminal; uma enfermidade inesperada; uma catástrofe ou uma perda financeira. Tudo isso são coisas que Deus permite que aconteçam. Todos estamos sujeitos a elas, até o fim da vida. O que conta é como se reage a elas. Se reagir segundo Deus, essas coisas todas serão usadas por ele para fazer de você um crente melhor, uma pessoa melhor, um servo de Deus melhor. Mas, se reagir da maneira errada, segundo o mundo reage, isso só vai produzir morte.

A segunda aplicação é que Deus usa pastores para corrigir os rumos de igrejas que se desviam dos caminhos bíblicos. Essa é a razão pela qual o apóstolo Paulo nos diz, em Efésios 4, que Deus deu à sua igreja pastores e mestres. Se esse é o caminho que Deus usa para corrigir a igreja e os crentes em geral, como consequência os cristãos deveriam se colocar debaixo do ministério de pastores fiéis.

É um grande prejuízo estar debaixo de um ministério que não é fiel e que não cumpre o seu mandato, diferentemente do que Paulo faz na passagem que estudamos. Paulo está tentando se reconciliar com a igreja, está tentando chamar a igreja ao arrependimento. Ele é misericordioso. Quando precisa ser severo, ele é. Mas, quando precisa ser carinhoso e caridoso, ele é também. Assim deve ser todo pastor que está tentando fazer o seu trabalho.

Estar debaixo do ministério de um pastor que não cumpre o seu trabalho, que não faz valer sua vocação, é um grande prejuízo espiritual, por mais que a pessoa diga que se sustenta lendo a Bíblia em casa, fazendo uma hora silenciosa, fazendo devocional com a família. Apesar de tudo isso, estar debaixo de um pastor que não é bíblico traz prejuízo.

Mas quero falar também do outro lado, o lado do pastor. Que responsabilidade a nossa! A responsabilidade que Deus nos dá de cuidarmos do rebanho, de sermos severos quando devemos; de sermos caridosos, misericordiosos, quando for preciso; de sermos vigilantes e amorosos com o rebanho e pregarmos a palavra de Deus com humildade e com sabedoria. Que grande desafio para nós!

Deus não nos chama para entreter o rebanho. Não somos agenciadores de pregadores. Cá entre nós, há pastor de igreja local que só faz isto: fica convidando colegas de todo lado para preencher a escala de domingo, mas ele mesmo não pastoreia pela palavra, como deveria. Que levemos para nós essa lição.

A última aplicação que quero fazer é dizer que quem produz a mudança de coração é Deus. Vimos o tempo todo a ênfase de Paulo, dizendo que não estava mais triste com a carta, porque viu que Deus usou aquela carta para trazer convicção de pecado aos coríntios. Em última análise, se Deus não trazer essa convicção de pecado, se ele não abrir os nossos olhos, não tocar o nosso coração, não vamos nos arrepender. Vamos continuar endurecidos, incrédulos, ressentidos, ressequidos, até que Deus tenha misericórdia de nós. Por isso é importante buscarmos a presença de Deus e orarmos como o salmo 139: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (v. 23,24).

Capítulo 18

a graça de contribuir

2Coríntios 8.1-7

Uma graça que poucos desejam

Irmãos, quero que saibais como a graça de Deus foi concedida às igrejas da Macedônia, pois a intensidade da alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em riqueza de generosidade, e isso em dura prova de tribulação. Porque posso dar testemunho de que deram de livre vontade na medida dos seus bens, e até mesmo acima disso, pedindo-nos, com muita insistência, o privilégio de participar da assistência em favor dos santos. E não somente fizeram o que esperávamos, mas primeiramente deram a si mesmos ao Senhor, e a nós pela vontade de Deus. De modo que pedimos a Tito que, assim como já havia começado, também completasse entre vós essa expressão de bondade. Portanto, assim como tendes transbordado em tudo, em fé, em palavra, em conhecimento, em toda a preocupação e no amor que temos despertado em vós, vede que também transbordeis nessa expressão de bondade.

Neste capítulo, falaremos sobre a graça de contribuir, à qual Paulo se refere pelo menos três vezes nessa passagem.

Os capítulos 8 e 9 de 2Coríntios trazem instruções que o apóstolo Paulo resolveu escrever à igreja de Corinto, referentes a uma coleta que ele havia começado a levantar na igreja, cerca de um ano antes. Ela se destinava a ajudar os crentes

pobres da Judeia, que estavam sofrendo com uma grande fome que se abateu sobre aquela região.

Desde o início, destacamos que esse foi um dos motivos pelos quais Paulo escreveu essa carta. Como já vimos, há vários outros, entre eles: agradecer o bom efeito produzido pela carta severa, que antecede 2Coríntios; defender a sua autoridade perante o que ainda restava de oposição a ele na igreja de Corinto; e também trazer orientações a respeito da coleta, para que os coríntios completassem aquilo que tinham prometido fazer e que, pelo visto, não tinha avançado muito.

Para entender melhor o assunto, precisamos voltar ao livro de Atos, capítulo 11, no qual Lucas nos relata, a partir do versículo 27, que houve uma grande fome na região da Judeia, durante o tempo do imperador Cláudio. Quando se fala em fome, fala-se do resultado. O que deve ter havido, provavelmente, foi uma grande seca, ou pragas e pestes que atacaram a lavoura. Lembre-se de que toda aquela região da Judeia era povoada por uma sociedade agrícola, voltada para criação de gado e plantações. Então, um inverno rigoroso, ou uma praga de gafanhotos, ou uma peste entre os animais, ou um período muito grande de estiagem, tudo isso abalava profundamente o equilíbrio econômico da região. Não sabemos exatamente qual foi a causa, mas o efeito foi uma grande fome, ou seja, faltou comida por qualquer um desses motivos citados ou até mesmo por uma combinação de vários deles.

A situação era de extrema gravidade, especialmente para aqueles que tinham poucos recursos financeiros e não podiam pagar o preço para comprar alimentos. Pois, em um cenário de fome, os preços sobem, em função da lei da oferta e da demanda.

Então, alguns profetas cristãos começaram a aparecer na região de Antioquia, entre eles um profeta chamado Ágabo (At 11.27-30). Ele anunciou pela palavra de Deus que essa fome estava por vir, antes que ela acontecesse. E a igreja de Antioquia, então, resolveu levantar uma coleta para ajudar os crentes pobres da Judeia. E a coleta seria enviada a Jerusalém, por meio de Paulo e Barnabé. Essa decisão tinha sido tomada cerca de um ano antes de Paulo escrever essa carta.

Com essa decisão em mãos, Paulo esteve em Corinto, em uma de suas visitas, e os coríntios mostraram grande prontidão: eles aderiram à ideia. Queriam também participar dessa oferta. O princípio por trás do que Paulo estava explicando era

este: Se os gentios eram participantes dos bens espirituais dos judeus, uma vez que o evangelho veio dos judeus, nada mais justo que os judeus participassem da generosidade financeira dos gentios, quando estivessem passando necessidade. Por isso, Paulo movimentou as igrejas, especialmente na região da Macedônia. E, quando falamos em Macedônia, temos de nos lembrar de suas duas principais igrejas: Filipos e Tessalônica. Paulo também tinha levantado o apoio dos filipenses, dos tessalonicenses, e agora ele, inclusive, aponta a boa vontade desses irmãos para incentivar os coríntios a contribuírem. Em outras palavras, Paulo estava lhes dizendo: “Vocês estão atrás. As igrejas da Macedônia não só prometeram, mas já levantaram a oferta e recolheram os recursos. Mas faz um ano que vocês disseram que queriam participar da ajuda, e até agora não fizeram nada”. É por essa razão que Paulo coloca em 2Coríntios dois capítulos sobre a contribuição que deveria ser feita.

Outro aspecto que é importante vermos, antes de entrarmos na exposição do texto em si, é que, embora o que Paulo escreveu em 2Coríntios sobre contribuição, generosidade, graça, desprendimento, renúncia, sacrifício seja algo bem voltado para aquele caso particular — ou seja, a fome que se abateu sobre a Judeia e o levantamento de uma coleta entre as outras igrejas, a fim de ajudar a igreja de Jerusalém —, os princípios contidos no texto da carta, têm ampla aplicação.

Na verdade, é bom lembrar que é desse modo que a Bíblia nos ensina. A Bíblia foi escrita em uma determinada cultura, para atender a determinadas demandas das igrejas daquela época, que tinham questões que não são as mesmas que temos hoje. Nós vivemos mais de dois mil anos depois do Novo Testamento ser escrito. Por exemplo, a Carta aos Gálatas foi escrita para atender a uma demanda das igrejas da região da Galácia, diante da invasão de uma heresia que ensinava que a salvação não era pela graça, não era somente pela fé em Jesus Cristo, mas sim pela guarda da Lei. E Paulo escreveu sua carta para responder àquela situação específica da Galácia, que não é um problema que tenhamos hoje, pois não temos judaizantes. Não temos, como eles tinham naquela época, uma grande maioria de judeus entrando nas igrejas evangélicas e querendo nos convencer a nos circuncidar, a guardar o sábado e os festivais religiosos como condição para entrar no céu. Esse não é um problema do Brasil do século 21, embora exista um número pequeno de judaizantes que queiram fazer isso.

Entretanto, os princípios do que Paulo escreveu para responder àquele problema dos gálatas são válidos para todas as igrejas, de todas as épocas. Se você quiser

aprender sobre a justificação pela graça, mediante a fé, sem as obras da lei, leia Gálatas ou Romanos. Ambas são cartas que foram escritas para responder a uma situação específica, mas cujos princípios têm ampla aplicação em todos os tempos.

Ora, praticamente todo o Novo Testamento foi escrito para atender a situações específicas. Se formos dizer que o que foi escrito para aquelas épocas e situações não vale mais para nós hoje porque era voltado para determinada situação em particular, podemos jogar fora toda a Bíblia, pois nela não há praticamente nada que não tenha sido escrito para atender a uma situação em particular, a um contexto de vida específico. O que precisamos é aprender a descobrir os princípios bíblicos que foram usados para atender àquelas situações particulares e aplicá-los a nós. Esses princípios são válidos, universais, e têm aplicabilidade geral. Esse é o caso do que Paulo escreveu sobre contribuição, levantamento de oferta, para aquele caso em particular.

Os princípios que ele expõe sobre contribuição, generosidade, avareza e liberalidade continuam válidos para nós hoje. E podemos, com tranquilidade, aplicar todos esses princípios para os nossos dias, exatamente por isto: porque a Bíblia, sendo a Palavra de Deus, inspirada por Deus, tem aplicação eterna.

Vejamos, então, os princípios que Paulo apresenta e explica nos capítulos 8 e 9 de 2Coríntios. São vários, mas neste capítulo veremos apenas três deles, que se encontram nos sete primeiros versículos do capítulo 8.

Contribuir é graça

O primeiro princípio que Paulo ensina é este: contribuir é graça, que poucos desejam, mas é. Em geral, associamos a graça a outras coisas, não a contribuir. Mas é assim que Paulo se refere à contribuição no versículo 1: “Irmãos, quero que saibais como a graça de Deus foi concedida às igrejas da Macedônia”. Mas, afinal, que graça foi essa? A graça que Deus concedeu àquelas igrejas de participarem da oferta em favor dos crentes de Jerusalém.

Mais uma vez, Paulo se refere à contribuição e à generosidade dos macedônios

como graça de Deus, agora nos versículos 3 e 4, quando diz: “Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos” (ARA).

Por último, encontramos no versículo 6 outra alusão do apóstolo à contribuição como graça: “o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós”.

Sempre que vemos a palavra “graça”, estamos acostumados a pensar nela de imediato como o oposto de obras: somos salvos pela graça, e não por obras. Mas a palavra graça também é usada no Novo Testamento como uma referência a todo favor que Deus nos concede. Não somente a salvação é oriunda de sua graça, mas todo e qualquer outro privilégio ou bênção que Deus nos concede. A salvação é graça de Deus, mas não só ela: o meu respirar, o meu viver, a minha saúde, os meus bens, tudo o que eu sou e tenho procede da graça de Deus. Logo, participar no socorro a outras pessoas com os recursos que Deus nos deu é graça, é um privilégio que Deus nos concede. E esse é o primeiro princípio que Paulo destaca nessa passagem.

É claro que nem todo crente vê assim. Para muitos crentes, contribuir é um peso. Nós nos apegamos com todas as forças aos nossos bens, à nossa sobrevivência, à nossa segurança, ao nosso conforto. Não é sempre que estamos dispostos a abrir mão e contribuir generosamente para ajudar outras pessoas. Portanto, uma vez que o egoísmo é a inclinação normal da natureza humana, contribuir é graça porque significa a ação de Deus na vida de alguém. Se essa pessoa, voluntariamente, abre mão dos seus bens e doa parte deles para ajudar outras pessoas, isso é resultado da graça de Deus no coração dela, seja ela crente ou descrente.

No caso do descrente, é a graça comum. A fim de manter a vida em sociedade, ajudar a humanidade, impedir o avanço da iniquidade, Deus toca no coração até mesmo de iníquos, de ímpios que não creem nele, de forma que eles sejam generosos, doem grandes somas em dinheiro para orfanatos, asilos, hospitais, causas humanitárias, ainda que sua motivação possa ser errada. Muitas vezes não fazem isso por liberalidade, de maneira altruísta. Geralmente, estão pensando no louvor e na glória que vão receber e, em alguns casos, pensando que com essa atitude estão adquirindo méritos diante de Deus. Apesar dessas questões, a contribuição que alguém faz para ajudar os outros sempre é resultado da ação da

graça de Deus no coração humano.

É chamada “graça” por ser também um privilégio que Deus nos dá, de participar com ele no socorro de pessoas que sofrem, seja na propagação do evangelho, seja em outras circunstâncias. Devemos ver a contribuição como um grande privilégio, que Deus nos dá de ajudarmos pessoas que estão passando necessidade e de contribuirmos para o avanço do reino dele aqui neste mundo. A nossa contribuição sempre deve ser vista da forma que Paulo a coloca: como graça. E Deus nos permite participar com ele no cuidado do seu povo. É pura graça sermos cooperadores a serviço de Deus, embora seja uma graça que poucos desejam. Nós queremos e pedimos todo tipo de graça, mas essa nem sempre. Entretanto, para nós é um privilégio podermos contribuir na obra de Deus.

A graça de contribuir é concedida a todos

O segundo princípio que Paulo ensina e que está nos versículos 2 a 4 é que essa graça é dada não somente aos que têm condição financeira. Ela é dada até mesmo aos pobres, até mesmo aos que sofrem. Depois de dizer que Deus concedeu graça às igrejas da Macedônia para contribuir, Paulo diz: “pois a intensidade da alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em riqueza de generosidade, e isso em dura prova de tribulação” (v. 2).

Paulo mostra, nos versículos 2, 3 e 4, o efeito da graça de Deus no coração dos macedônios. Um dos efeitos foi que, mesmo sendo perseguidos e pobres, ainda assim eles doaram generosamente, provando que contribuir não é só para quem tem dinheiro de sobra. Antes, contribuir é graça e é para todos. Inclusive para aqueles que estão apertados e fazendo contas na ponta do lápis. Contribuir é um privilégio.

Quais foram os efeitos da graça de Deus no coração dos macedônios? Primeiro, eles manifestaram intensidade de alegria, mesmo em meio à dura prova de tribulação. Ora, imagine uma igreja que estivesse passando por uma tribulação muito grande, e Paulo chegasse para eles e dissesse: “Vamos levantar uma oferta para os irmãos que estão sofrendo em outro lugar”. Provavelmente diriam:

“Paulo, você está louco! Isso é hora de falar em levantar oferta? O pessoal aqui está sofrendo!”.

Quando falamos em Macedônia, temos de nos lembrar de Filipos. Que perfil tinham os crentes dessa igreja? O carcereiro é um exemplo. Você acha que o carcereiro ganhava muita coisa? Ele foi um dos primeiros novos convertidos. Outro exemplo é Lídia, vendedora de púrpura. Ela viajava para vender seu produto. Era uma espécie de representante. Também não devia ser uma pessoa de muitas posses.

Na Macedônia também ficava Tessalônica, local em que se levantou uma perseguição tão grande contra Paulo e os convertidos, que o apóstolo teve de abandonar a cidade. E essas duas igrejas (Tessalônica e Filipos), quando receberam o apelo para contribuir para os crentes da Judeia, contribuíram até mesmo acima de suas posses, com abundância de alegria, segundo testemunha o apóstolo Paulo. Apesar de toda a tribulação por que passavam, eles se regozijaram em contribuir.

Observe que o versículo 2 se refere à “extrema pobreza deles”. Ou seja, não eram pobres apenas, mas muito pobres. Ainda assim, a “intensidade da alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em riqueza de generosidade”. Apesar de todo aperto financeiro, da dificuldade em que os filipenses e os tessalonicenses viviam, ainda assim eles contribuíram de maneira generosa. Lembramos ainda que, no século 1, a igreja era composta na sua maioria por órfãos, viúvas, pequenos comerciantes, diaristas, escravos, soldados. Não existia classe média naquela época. Havia, de um lado, os ricos, os poderosos, os nobres, e do outro, as pessoas da classe mais baixa. A classe média é uma conquista relativamente recente do mundo ocidental. Como naquela época não existia classe média, grande parte da igreja era composta das classes mais baixas da sociedade.

Contudo, sua generosidade era inversamente proporcional à sua condição financeira. Esse foi o segundo efeito da graça de Deus. Parece haver nisso uma curiosa discrepância: muitas vezes as pessoas mais abastadas são as mais avarentas, mais agarradas ao dinheiro, mais seguras financeiramente. Para conseguir um tostão de pessoas assim é uma luta! Em compensação, há pobres e carentes que costumam ser bem mais generosos, mesmo quando não têm muita condição de fazer isso.

Outro efeito da graça de Deus, o terceiro, está no versículo 3. Paulo diz que

podia “dar testemunho de que deram de livre vontade na medida dos seus bens, e até mesmo acima disso”. Que uma pessoa dê de acordo com suas posses, nós entendemos, mas que dê “acima” de suas posses para ajudar outro, só pode ser mesmo pela graça de Deus no coração dessa pessoa. Só a graça de Deus pode fazer esse tipo de milagre no coração.

Muitos crentes da Macedônia (em Filipos e Tessalônica) se sacrificaram financeiramente para poder ajudar os crentes carentes da Judeia. Isso é graça ou não? Só a graça de Deus para fazer isso.

O quarto efeito da graça de Deus é extraordinário. Veja o que Paulo diz no versículo 4: “pedindo-nos, com muita insistência, o privilégio de participar da assistência em favor dos santos”. Os crentes de Filipos e Tessalônica, apesar da pobreza e da perseguição, pediram com insistência a Paulo para participar da contribuição! Eu nunca presenciei esse quadro em uma igreja. Imagine os crentes chegando e insistindo para contribuir para a obra missionária, para o sustento de um irmão, para uma obra social! Imagine a cena de alguém dizendo: “Ajude-me, pastor, eu quero contribuir mais! Onde faço a doação? Como faço para contribuir?”. Em geral, o que vemos é o contrário. Vemos o pastor insistir para os crentes contribuírem, abrirem o bolso e o coração para atender às necessidades! O que vemos é o contrário do que vimos na Macedônia. Lá não era assim. Os crentes praticamente agarraram o apóstolo e disseram: “Paulo, nós queremos contribuir! Como fazemos?”. Eles pediram “com muita insistência” ou “com rogo” (ARA). O rogo é um pedido súplice. É mais do que um pedido, é um pedido emocionado. A pessoa está envolvida naquilo. Talvez até com lágrimas disseram que queriam contribuir, ter “o privilégio de participar da assistência em favor dos santos”.

Se isso não for a graça de Deus, eu não sei o que é. Pois sabemos que o órgão mais sensível do corpo humano é o bolso. Se o bolso se converter, o restante todo se converte. Aliás, uma prova da conversão de um homem é a conversão do seu bolso — Zaqueu que o diga.

Eu me lembro de um episódio da história da igreja, que ocorreu com o famoso pregador George Whitefield. Ele foi amigo de Jonathan Wesley. Depois, ele se separaram por diferenças em relação à doutrina da eleição e predestinação: Wesley seguiu por um caminho e Whitefield por outro, pois era um pregador calvinista. Contrariando a ideia de que os calvinistas não se interessam por obras sociais, Whitefield tinha um orfanato, que ele sustentava com ofertas

voluntárias. De vez em quando ele pregava sermões em que pedia ajuda financeira para o sustento do orfanato. Certa vez, ele fez uma viagem para os Estados Unidos, onde foi pregar o evangelho. Era a época do segundo grande avivamento lá.

Whitefield era muito eloquente. E, de fato, Deus o abençoava muito. O pessoal dizia que ele era tão hábil no falar que, se ele dissesse a palavra “Mesopotâmia”, as pessoas já começavam a chorar, só pelo tom e a maneira que ele falava. Era um orador nato: nasceu com esse dom de entonação da voz e uma série de coisas semelhantes. Whitefield era o melhor pregador que havia na época. Também era conhecido por conseguir levantar grandes quantias em doação, quando pregava sobre ofertas.

Então, certa vez, ele foi pregar nos Estados Unidos. E Benjamin Franklin, que tinha certa simpatia pelo cristianismo, embora não fosse crente, foi ouvir o grande Whitefield, pois já conhecia a fama dele. Franklin sabia que Whitefield iria pregar sobre oferta naquela noite. Então, antes de sair de casa, ele deixou a carteira, o dinheiro, tudo em casa, e disse: “Eu não vou doar um tostão”. Saiu de bolso vazio para ouvir Whitefield pregar.

Whitefield começou a pregar, a expor a Palavra, e veio grande convicção e grande poder sobre os presentes. Logo em seguida, Benjamin Franklin se volta para a pessoa que estava a seu lado, e diz: “Por favor, me empreste algum dinheiro, porque eu preciso contribuir!”. Creio que algo semelhante aconteceu na Macedônia, pois os crentes de lá também rogaram pelo privilégio da graça de contribuir.

Esse, portanto, é o segundo princípio. O primeiro, como vimos, mostra que contribuir é graça. O segundo ensina que essa graça é dada a todos, até mesmo aos pobres e aos que estão passando por sofrimentos e tribulações. O fato de estarmos apertados financeiramente ou de estarmos passando por dificuldades não é desculpa para deixarmos de contribuir ou de ser generosos para com a necessidade dos outros.

Contribuição e consagração

O terceiro princípio está nos versículos 5 e 6: contribuição e consagração andam juntas. Paulo é muito cuidadoso em esclarecer que a generosidade dos crentes da Macedônia foi precedida pela consagração deles ao Senhor Jesus. Veja o que ele diz: “E [os crentes da Macedônia] não somente fizeram o que esperávamos, mas primeiramente deram a si mesmos ao Senhor, e a nós pela vontade de Deus” (v. 5).

Paulo explica o segredo da generosidade dos macedônios: eles primeiro deram a si mesmos ao Senhor. E, uma vez que uma pessoa se entrega ao Senhor Jesus, tudo que ela tem vem junto. Os macedônios primeiro se entregaram ao Senhor Jesus. Eles ouviram a Palavra de Deus, arrependeram-se de seus pecados, creram no Senhor Jesus, confiaram sua vida a ele, entregaram-se completamente ao Senhor. Consequentemente, todos os bens, talentos e recursos que tinham passaram a ser do Senhor Jesus também. Portanto, a sequência é esta: primeiro nos entregamos a Cristo. O passo seguinte é que tudo que temos passa a ser de Cristo também. Isso é bastante revelador e nos dá base para fazermos uma análise e chegarmos à seguinte conclusão: a verdadeira conversão produz efeito no bolso da pessoa também.

O exemplo mais conhecido é Zaqueu, o famoso cobrador de impostos que, depois de ter enriquecido à custa de sua ganância e seu amor ao dinheiro, de usar de artimanhas e extorsão, aproveitando-se de sua função como cobrador, conheceu o Senhor Jesus, creu nele e voluntariamente declarou que devolveria o que tinha roubado, dando metade dos seus bens aos pobres. E só então Jesus disse: “Hoje a salvação chegou a esta casa” (Lc 19.9). Só depois que Zaqueu disse isso Jesus disse, em outras palavras: “Zaqueu, agora estou vendo que você está salvo mesmo. Pois só um homem salvo, de coração transformado, pode fazer esse tipo de coisa que você está fazendo”.

Para alguém se desapegar dos seus bens, do ídolo, do deus da sua vida, que é o dinheiro, só mesmo pela graça de Deus. A conversão alcança também o bolso do convertido. Por isso, animado pelo exemplo dos macedônios, Paulo tinha pedido a Tito que terminasse o recolhimento das ofertas entre os coríntios: “o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós” (v. 6, ARA). Paulo, inspirado pelo exemplo e pelo encorajamento tirado da atitude dos crentes da Macedônia (de Filipos e Tessalônica), se diz animado com o que viu em Tessalônica e resolve recomendar a Tito que retome a coleta em Corinto. E lembre-se de que Tito é a pessoa que provavelmente vai levar essa carta para os coríntios. Em essência,

Paulo está dizendo: “Recomendei a Tito que, quando chegasse aí, terminasse a oferta que vocês disseram que dariam, mas até agora não deram. Estou animado em pedir isso porque vi a oferta levantada pela igreja da Macedônia. Se eles contribuíram, vocês também podem contribuir”. Veja como o bom exemplo de uma igreja serve de base para estimularmos outras igrejas a fazerem a mesma coisa. O bom exemplo de um cristão pode ser usado para estimular outros cristãos a fazerem a coisa certa.

O encorajamento

Paulo termina encorajando os coríntios: “Portanto, assim como tendes transbordado em tudo, em fé, em palavra, em conhecimento, em toda a preocupação e no amor que temos despertado em vós, vede que também transbordeis nessa expressão de bondade” (v. 7). Ou seja, o apóstolo está dizendo que os coríntios têm tudo em abundância: fé; palavra; conhecimento, preocupação; amor. Ele está se referindo ao que vimos no capítulo anterior: aos efeitos da carta severa, a qual levou os coríntios a manifestarem zelo, cuidado e amor pelo apóstolo. Paulo lhes pede que demonstrem na questão da contribuição a mesma generosidade que demonstraram em todas essas virtudes e qualidades que o apóstolo cita: “Assim também abundeis nesta graça” (v. 7, ARA). Em outras palavras: “Da mesma forma que vocês me surpreenderam com toda aquela reação maravilhosa à carta severa, quero que agora também sejam generosos nessa graça de contribuir”.

Conclusão e aplicações práticas

Gostaria de concluir com quatro lições.

A primeira é que podemos medir o operar da graça de Deus no coração das pessoas pela contribuição que estas dão para o reino de Deus. Quero usar esse pensamento, porém, com muito cuidado, porque existem outros fatores

importantes. Mas, geralmente, o crente que está bem e em comunhão com Deus, e que anda na presença de Deus, costuma ser generoso. Contribuir não é um problema para ele; gosta de contribuir e o faz por amor. Dito de outra forma, podemos dizer que um dos sinais da consagração de uma pessoa e do seu compromisso com Deus e com o evangelho é o fato de ela ser generosa e contribuir com alegria para a obra de Deus. Isso é algo importante: os corações alcançados pela graça são, geralmente, corações dotados de generosidade.

A segunda lição é que mesmo os crentes mais desprovidos têm o privilégio e a graça de Deus de contribuir, porque Deus aceita as nossas ofertas não com base no seu valor, mas na disposição do coração, como ilustra tão bem a história da viúva pobre, que foi alvo da observação de Jesus, segundo contam os Evangelhos. Deus não olha para o numerário, mas sim para a disposição do coração de quem contribui.

Terceira lição: A contribuição dos crentes para as causas do reino de Deus nunca é vista na Escritura como obrigatória. Talvez neste ponto exista uma diferença entre as igrejas históricas, que se consideraram dentro do âmbito do cristianismo bíblico, e as igrejas mais neopentecostais, que insistem que a contribuição é uma obrigação no sentido de que, se você não contribuir, Deus irá castigá-lo ou puni-lo e, na linguagem deles, mandará o “devorador”, o “destruidor” para acabar com tudo que você tem.

Eu não consigo encontrar nada disso no Novo Testamento. Vejo a questão da seguinte maneira: se um crente não contribui, então é sinal de que tem alguma coisa errada na vida dele. O fato de não contribuir é um mero reflexo. Portanto, é uma questão pastoral que tem de ser resolvida mais atrás, em vez de já partir, como alguns fazem, para mandar a pessoa para o inferno ou dizer que ela está amaldiçoada porque não contribui, e uma série de outras coisas dessa natureza.

Observe bem: a contribuição no Novo Testamento é sempre voluntária. E é assim porque é resultado da ação da graça de Deus no coração da pessoa. Se a pessoa não contribui, se não sente vontade de contribuir, de ajudar os necessitados, a obra missionária, o avanço do reino de Deus, é porque há alguma coisa errada em seu coração. Talvez, seja uma concepção errada. Talvez, seja uma ferida, por ter vindo de uma dessas igrejas caça-níqueis que existem por aí. Então, essa pessoa chega, fica horrorizada e não quer saber de contribuir. Só de ouvir falar em dízimos e ofertas, ela já fica toda arrepiada, porque relembra experiências traumáticas vividas na igreja de onde veio. Contudo, descontado

tudo isso, ainda assim contribuição é graça, é um privilégio que Deus nos concede de participar voluntariamente de sua obra, com generosidade de coração. Devemos estranhar quando um crente está bem com Deus, mas não contribui. Devemos estranhar quando uma pessoa se diz crente, mas de fato não contribui. É sinal de que existe alguma coisa errada.

A quarta lição mostra que, mais do que a nossa oferta, Deus quer é a nós mesmos. Veja o que Paulo diz: “primeiramente deram a si mesmos ao Senhor, e a nós pela vontade de Deus” (v. 5). Dizer que eles “[deram a si mesmo] a nós” significa que contribuíram financeiramente para nossa causa, a causa que estávamos levantando.

Deus primeiro quer a nós. Uma vez que nos entregamos a Deus e colocamos nossa vida em suas mãos, sempre encontraremos um meio de abençoar outras pessoas, pois vamos entender que aquilo que temos não pertence a nós, mas ao Senhor Jesus.

Como você vê o ato de contribuir: como uma graça ou um fardo pesado? Que Deus nos ajude a ver a contribuição como essa graça que vem da parte de Deus, e que ele nos dê o privilégio e as condições necessárias para contribuir para o avanço do evangelho e o socorro de outras pessoas.

Capítulo 19

ENSINANDO A CONTRIBUIR

2Coríntios 8.6-15

Cristo, sendo rico, se fez pobre

De modo que pedimos a Tito que, assim como já havia começado, também completasse entre vós essa expressão de bondade. Portanto, assim como tendes transbordado em tudo, em fé, em palavra, em conhecimento, em toda a preocupação e no amor que temos despertado em vós, vede que também transbordeis nessa expressão de bondade. Não digo isso como quem dá ordens, mas para provar a sinceridade de vosso amor, mediante a comparação com a dedicação de outros. Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, tornou-se pobre por vossa causa, para que fôsseis enriquecidos por sua pobreza. E quanto a isso dou o meu parecer, para o vosso proveito, visto que, no ano passado, fostes os primeiros a começar não só a participar, mas também a desejar fazê-lo. Agora, pois, completai a obra, para que, assim como houve disposição no desejar, haja também o cumprir conforme o que possuíis. Porque, se há disposição, isso é aceitável de acordo com o que alguém possui, e não de acordo com o que não tem. Digo isso não para que haja alívio para outros e sofrimento para vós, mas para que haja igualdade. No tempo presente, a necessidade de outros está sendo suprida pelo que excedeu de vós, para que também aquilo que deles exceder venha a suprir a vossa necessidade, e assim haja igualdade. “Como está escrito: Ao que muito colheu, nada sobrou; e ao que pouco colheu, nada faltou.”

Nos capítulos 8 e 9 de 2Coríntios, Paulo trata de diversos princípios relativos à contribuição financeira para o sustento dos pobres. A razão de Paulo ter inserido esses dois capítulos que falam de contribuição nessa carta — cujo foco principal é defender o ministério de Paulo dos ataques feitos por falsos profetas, que estavam se infiltrando na igreja de Corinto — foi para que os coríntios se animassem a terminar o levantamento de uma oferta que, um ano atrás, eles tinham prometido levantar, para ajudar os crentes pobres da Judeia. Essa região foi afetada pela fome, que aliás fora profetizada por Ágabo, como é dito no livro de Atos. A fome era causada por carestia, seca, pragas ou qualquer outro flagelo que costumava dizimar a produção agrícola ou pecuária, deixando o povo, que dependia disso, sem recursos para sobreviver.

A fome atingiu os crentes também, uma prova de que o fato de alguém ser crente não significa que será poupado, quando houver uma praga, quando ocorrer uma crise de carestia ou uma situação econômica difícil. Nós somos crentes, mas fazemos parte de uma raça decaída no pecado e sujeita a todo tipo de calamidades, moléstias, aflições. É assim que acontece, e foi o que aconteceu no caso dos crentes pobres da Judeia. A fome se abateu sobre a Judeia, que ficava na região da Palestina, e atingiu inclusive os crentes que moravam em Jerusalém e nas cidades vizinhas.

Paulo já tinha começado a levantar uma oferta para ajudar esses irmãos. A oferta deveria ser levantada entre igrejas fundadas pelo apóstolo Paulo, que tinha o bom exemplo das igrejas da Macedônia (Filipos e Tessalônica) para citar. Assim, neste ponto da carta, ele acha que está na hora de incentivar os coríntios a entrarem também no levantamento de recursos para a oferta. Afinal, eles tinham dito que participariam, mas o tempo estava passando, e palavras e promessas não matam a fome de ninguém. Eles precisavam colocar a mão no bolso, contribuir.

No capítulo anterior deste livro, vimos três princípios ensinados pelo apóstolo Paulo no início do capítulo 8 de 2Coríntios. Primeiro, ele disse que contribuir, na verdade, é uma graça: graça da parte de Deus: “quero que saibais como a graça de Deus foi concedida às igrejas da Macedônia [Filipos e Tessalônica]” (v. 1). Ele se refere justamente ao privilégio de contribuir, uma graça que poucos almejam.

O segundo princípio que Paulo ensinou é que essa graça de contribuir é tanto para os que têm boa condição quanto para aqueles cujos recursos financeiros são mais limitados ou mesmo para os que estão passando por dificuldades. O

argumento de Paulo, que está em 2Coríntios 8.2-4, é que pobreza e dificuldades não podem impedir a nossa generosidade, por mais insignificante ou pequena que seja nossa contribuição. Se for feita de coração, de boa vontade, em resposta ao amor de Deus, ele aceita nossa oferta do mesmo jeito que aceitaria a oferta de um bilionário.

O terceiro princípio, que Paulo destaca nos versículos 5 e 6, é que contribuição e consagração andam juntas. As igrejas da Macedônia tinham dado muito mais do que era esperado; tinham contribuído generosamente; tinham suplicado pela graça de participar de uma coleta, algo muito raro de se ver. Na verdade, o mais comum é o contrário, ou seja, o pastor pedir para a igreja participar. Mas as igrejas da Macedônia foram tão agraciadas por Deus que queriam a graça de participar. E Paulo explica que isso aconteceu porque eles, primeiro, se deram a Deus, ao Senhor, e, em seguida, o bolso veio junto, o qual, como sabemos, é o órgão mais sensível do corpo humano e o mais difícil de se converter. Uma vez convertido o bolso, porém, isso é uma indicação da conversão do indivíduo por completo. E Paulo está feliz com isso.

Dessa forma, nessa passagem de 2Coríntios 8.6-15, veremos mais quatro princípios que o apóstolo Paulo expõe. Ao tratar do assunto, ele vai trazendo argumentos e construindo seu caso, passo a passo. Então, nossa estratégia será tentarmos acompanhar a lógica de Paulo, isolando esses principais ensinamentos que ele traz com o objetivo de encorajar os coríntios.

Antes de prosseguir, quero fazer duas observações que considero importantes. A primeira é que, embora os princípios já analisados e os que ainda vamos analisar estejam diretamente ligados àquela situação específica descrita em 2Coríntios — a saber, o levantamento de uma coleta para os crentes pobres da Judeia, por causa da fome que se abatera sobre toda aquela região —, ainda assim tais princípios, relativos à questão da contribuição, têm validade universal. Aliás, o mesmo vale para todo o Novo Testamento. Paulo escreveu a Carta aos Gálatas para atender a uma necessidade das igrejas da Galácia: a contaminação influenciada por falsos mestres, que queriam impor a lei de Moisés aos crentes. Paulo, então, para tratar daquela situação, faz uma exposição da justiça de Deus mediante a fé: o homem é justificado pela graça, mediante a fé em Cristo Jesus, e não por obras da lei. Hoje em dia a situação descrita na Carta aos Gálatas não existe mais. Os princípios que Paulo expôs nessa carta sobre a salvação pela fé, porém, permanecem universalmente válidos para todas as igrejas, de todas as épocas e em todos os lugares.

O mesmo ocorre com a passagem que vamos estudar. O que Paulo ensina sobre generosidade e contribuição, ainda que tenha sido provocado por uma situação específica daquela época, tem princípios ainda válidos para hoje. É isso que faz da Bíblia um livro diferente, singular. É um livro humano, no sentido de ter sido escrito por pessoas de carne e osso, como você e eu, para atender a situações humanas. Mas é também um livro divino, porque o que essas pessoas escreveram foi inspirado por Deus, de tal forma que os ensinamentos têm validade universal e autoridade sobre todos nós.

A segunda observação que gostaria de fazer é que, muito embora Paulo não esteja falando de dízimo nessa passagem — nem seria correto pregar sobre dízimo com base nesses dois capítulos —, os princípios que ele apresenta também têm aplicação para essa forma de contribuição, e nos ajudam a entendê-la um pouco mais. Se o que Paulo está ensinando sobre contribuição são princípios da parte de Deus, nós temos de aplicá-los. Paulo apresenta alguns princípios que podem ser relacionados à questão do dízimo, em especial os princípios da voluntariedade e da generosidade — que já vimos no capítulo anterior — e os princípios da proporcionalidade e da regularidade (também conhecidos como sistema de dízimo) —, que passaremos a analisar. Mesmo que esses termos específicos não apareçam, os princípios podem ser aplicados a essa forma de contribuição.

Vejamos, então, quatro princípios que Paulo ensina na passagem que estamos analisando. Primeiro, ele ensina que a nossa generosidade tem de ser proporcional à nossa fé e ao nosso conhecimento (v. 6,7). Depois, ele traz o exemplo de Cristo como alguém que se fez pobre para enriquecer os outros (v. 8,9). Em terceiro lugar, ele mostra que só boas intenções não bastam (v. 10-11). Por último, ele insiste em que devemos contribuir de acordo com as nossas posses, que é o princípio da proporcionalidade (v. 11-15).

Veremos cada um desses princípios, na expectativa de aprender um pouco mais e para que possamos ser generosos em nossa contribuição. Antes, porém, queria dizer outra coisa, que eu deveria deixar para o fim, mas acho melhor tratar logo. Alguém pode me perguntar por que em nosso estudo não poderíamos nos dedicar a uma doutrina de cunho mais teológico ou a alguma das grandes doutrinas da graça, ou ainda a assuntos que seriam talvez mais interessantes. Explico o motivo. A questão é que tenho observado as igrejas neopentecostais — que se fundamentam na teologia da prosperidade — e notado que têm causado um estrago muito grande, que não pode continuar ignorado. Muitos cristãos

sinceros, verdadeiros, que faziam parte dessas igrejas, ao descobrirem a verdade — depois de terem sido praticamente saqueados, extorquidos por falsos profetas e mercenários —, saem dessas igrejas e vão para outras, que são bíblicas. Mas carregam cicatrizes ou trazem consigo traumas, e se portam como “gato escaldado [que] tem medo de água fria”. No entanto, mesmo nessa nova igreja — que é uma igreja bíblica, onde não há práticas extorsivas, na qual ninguém é intimado a contribuir por medo do devorador —, basta o pastor tocar na palavra oferta, e esse crente já reage de forma negativa; não quer saber do assunto; prefere dar um tempo. Muitas vezes chega a dizer: “Pastor, o que eu tinha de dar já dei. Vendi até meu carro, minha casa. Dei o que eu não podia. Então, preciso de um tempo para me recuperar. Preciso rever isso”.

Vemos, portanto, que a teologia da prosperidade desarrumou a cabeça de muitos cristãos sinceros a respeito desse tema tão importante na Bíblia. A Bíblia fala mais de dinheiro do que sobre amor. Há mais versículos que falam sobre contribuição, mordomia cristã, uso dos bens, do que a respeito do amor. Logo, é um assunto importante. Por isso, peço-lhe atenção e paciência, pois, além do capítulo 8 de 2Coríntios, que estamos estudando, ainda temos o capítulo 9 inteiro para ver. Espero que, ao final, o leitor seja convencido a ser mais generoso em suas contribuições e a fazê-las com alegria.

Generosidade e fé

O primeiro princípio é que a nossa generosidade tem de ser proporcional à nossa fé e ao nosso conhecimento. Esse é o ponto de que Paulo está tratando em 2Coríntios 8.6,7. Ou seja, da mesma forma que o crente tem superabundância de fé, de conhecimento, da Palavra de Deus, também tem de ter superabundância de contribuição: uma coisa tem de ser proporcional a outra.

o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós. Como, porém, em tudo, manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça (v. 6,7,

ARA).

O versículo 6 parece começar de maneira meio abrupta, embora essa seja a melhor forma de dividir a passagem. Paulo já começa dizendo: “o que nos levou a recomendar a Tito”. Mas, afinal, o que levou Paulo a recomendar a Tito? Para entender, precisamos ver o que vem antes desse versículo. O apóstolo está falando da graça, da generosidade das igrejas da Macedônia, o que levou Paulo a ficar entusiasmado e dizer a Tito, o portador dessa carta aos coríntios, em linhas gerais: “Tito, pensando no exemplo das igrejas da Macedônia, termine de recolher aquela oferta que os coríntios começaram a fazer”. É isso que o versículo 6 quer dizer: “o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós”. Ou seja, entusiasmado pelo exemplo dos filipenses e dos tessalonicenses, Paulo encoraja seu discípulo Tito, dizendo-lhe que, quando chegasse a Corinto, terminasse de recolher entre eles a oferta que eles haviam começado a fazer, mas deixaram pela metade. Paulo está encorajando a fazê-lo, inspirado pelo exemplo das igrejas da Macedônia.

No versículo 7, ele dirige aos coríntios palavras de encorajamento: “Como, porém, em tudo, manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça”. Em outras palavras, Paulo estava lhes dizendo para que eles contribuíssem com a mesma abundância com que Deus lhes concedera fé, palavra, conhecimento, amor. Dito de outra forma, Paulo lhes recomenda que eles possam dar o mesmo tanto que receberam. Considero esse um princípio bem importante para o cristão. O argumento de Paulo é o seguinte: a nossa contribuição tem de ir até onde vai o nosso entendimento — na mesma proporção. Se Deus o abençoou com palavra, com conhecimento, com amor, a sua contribuição tem que ser proporcional à bênção recebida.

A igreja de Corinto tinha sido superdotada de dons espirituais. Nós já vimos o amor que eles manifestaram por Paulo, em reação àquela carta severa que o apóstolo tinha enviado a eles. Paulo quer que os coríntios sejam coerentes. Ou seja, não basta uma igreja ser ortodoxa, ter a palavra, ser firme na doutrina, mas ser avarenta, não contribuir, e seus membros não terem generosidade nem um coração aberto. Paulo busca um ponto de equilíbrio. Da mesma forma que temos conhecimento e palavra, assim também possamos contribuir. Que a nossa

generosidade no dar seja proporcional a tudo aquilo que Deus já nos deu em termos de conhecimento e em termos de teologia.

Isso é de extrema importância, pois nos lembra que o cristianismo nunca é somente algo intelectual. Embora Paulo fale em fé, palavra e saber — termos que remetem ao domínio intelectual —, o cristianismo também envolve atitude. Da mesma forma que crescemos no conhecimento de Deus e das Escrituras, devemos crescer em generosidade e também nessa graça de contribuir, conforme é dito nos versículos que estamos estudando. Esse é o primeiro princípio que devemos observar.

O exemplo de Cristo

O segundo princípio que Paulo expõe é que essa generosidade não é motivada por outra coisa que não seja o exemplo de Cristo. Veja o que ele diz no versículo 8: “Não digo isso como quem dá ordens”. Por que Paulo diz isso? Porque não queria dar impressão de que estava usando sua autoridade como apóstolo para mandar que os coríntios contribuíssem. Ele queria que a contribuição dos coríntios fosse voluntária. Por isso ele quer persuadi-los a contribuírem, de maneira que a contribuição fosse feita voluntariamente: “Não digo isso como quem dá ordens”. Ele até poderia dar, pois era apóstolo de Jesus Cristo sobre aquela igreja. Ele poderia ter dito: “Vocês vão contribuir, e o valor da oferta será tanto!”. Mas ele diz que isso não é uma ordem. Tal atitude contraria frontalmente essas igrejas a que já me referi, nas quais pastores e líderes, usando de sua autoridade eclesiástica ou pastoral, determinam ou mandam que os membros da igreja contribuam ou façam ofertas, sacrifícios e outras coisas dessa natureza.

Desde o início do capítulo 8, Paulo insiste o tempo todo neste ponto: a contribuição é voluntária. Tanto é que ele a chama de graça. Contribuir é uma graça, um privilégio que Deus nos dá. Não é um mandamento ou uma lei, pois nesses casos a pessoa contribuiria por obrigação. Não! “Cada um contribua de acordo com o que decidiu no coração; não com tristeza nem por constrangimento, pois Deus ama a quem contribui com alegria” (2Co 9.7). Por isso Paulo diz que não está dando ordens. Mas há uma razão pela qual ele vem discutindo toda essa questão da contribuição, e está no final do versículo. Ele

quer provar a sinceridade do amor dos coríntios, pois estes diziam que amavam Paulo e todos os irmãos. Assim, é como se Paulo lhes dissesse: “Então, vamos demonstrar isso. A igreja da Macedônia já demonstrou seu amor levantando uma oferta maravilhosa para os crentes da Judeia. Aqui está uma oportunidade de vocês provarem a sinceridade do seu amor também”.

Portanto, Paulo não está dando uma ordem para que eles contribuam, mas sim uma oportunidade para que manifestem a sinceridade do amor que professam. Eles diziam que amavam Paulo, os irmãos, o Senhor Jesus. “Ótimo — parece dizer o apóstolo Paulo, nas entrelinhas —, aqui está uma excelente oportunidade de vocês demonstrarem esse amor. Vamos levantar uma oferta para os irmãos da Judeia”. E essa é a prova final ou “a prova dos nove”, como diz o ditado popular, para ver se a pessoa de fato é sincera.

Paulo, então, traz em seguida o exemplo supremo de Cristo. Para exemplificar o que estava dizendo, ele cita, no versículo 9, a obra de Cristo por nós: “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, tornou-se pobre por vossa causa, para que fôsseis enriquecidos por sua pobreza” (v. 9). Talvez, de todos os argumentos apresentados nos dois capítulos (8 e 9), esse seja o argumento principal. Paulo coloca diante dos coríntios o exemplo de Cristo. E diz, em outras palavras: “Vocês conhecem a graça do nosso Senhor Jesus Cristo. Sabem a graça da salvação que Deus derramou sobre vocês, por causa da obra do nosso Senhor Jesus Cristo. Conhecem a graça de Cristo — que receberam da parte de Deus para serem salvos — e que consistiu nisto: em que ele, sendo rico, fez-se pobre por amor de vocês”. Paulo está se referindo ao fato de que o Senhor Jesus, sendo Deus — a segunda pessoa da Trindade, o Filho de Deus —, desceu da sua glória, assumiu a natureza humana no ventre da virgem Maria, fato que Paulo chama, em Filipenses 2, de autoesvaziamento de Cristo. Cristo a si mesmo esvaziou-se. Não que ele tenha deixado de ser Deus, mas assumiu a natureza humana e viveu entre nós em condição humana: sofreu; foi rejeitado, perseguido, traído, enfrentou oposição daqueles que deveriam liderar o povo de Deus, foi preso, acusado, julgado injustamente, foi chicoteado, esbofeteado, torturado, morto numa cruz, uma maneira dolorosa de morrer. Foi sepultado e permaneceu sepultado durante três dias. Depois ressuscitou.

Por que Cristo, sendo rico, fez-se pobre? Segundo Paulo, ele fez isso “por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos”(v. 9, ARA). Foi por conta do sacrifício de Cristo — aquele que, sendo rico, se fez pobre — que nós, sendo pobres, ou seja, pecadores miseráveis que não têm absolutamente nada

diante de Deus, nenhuma riqueza espiritual, nos tornamos ricos pelos méritos de Cristo. Deus lançou sobre Cristo a nossa pobreza, e sobre nós a riqueza de Cristo. O exemplo de Cristo é posto diante de nós para nos incentivar a fazer a mesma coisa: para que nós, com sacrifício e renúncia, aprendamos a nos tornar pobres para enriquecer a outros. Essa é a essência da argumentação do apóstolo Paulo nesses dois capítulos: o exemplo de Cristo como exemplo maior.

Se somos cristãos, se somos salvos por alguém que a si mesmo se esvaziou para poder nos abençoar, não podemos fazer outra coisa a não ser trilharmos o mesmo caminho: aprender a dar, a abrir mão, a sacrificar. Precisamos aprender a deixar de lado o apelo do consumismo — deixar de comprar o iPhone do ano, o tênis da moda ou o que quer que seja —, pegar esse dinheiro e contribuir para ajudar pessoas que mal têm o que comer nem o que vestir. Da mesma forma que Cristo esvaziou a si próprio, assim também os crentes de Corinto — e todos os cristãos — deveriam fazer o mesmo.

Só intenções não valem

O terceiro princípio que veremos está nos versículos 10 e 11: boas intenções somente não bastam. Havendo citado o exemplo de Cristo, Paulo emenda, em outras palavras: “Darei agora a minha opinião”. Nisso vemos o cuidado de Paulo. Ele diz: “E quanto a isso dou o meu parecer, para o vosso proveito, visto que, no ano passado, fostes os primeiros a começar não só a participar, mas também a desejar fazê-lo. Agora, pois, completai a obra, para que, assim como houve disposição no desejar, haja também o cumprir conforme o que possuíis”. Paulo está dizendo que, em sua opinião, eles deveriam completar agora a obra começada, para que, assim como revelaram prontidão no querer, também cumpram aquilo que desejaram, segundo as posses de que dispunham.

É importante destacar dois pontos nesses versículos 10 e 11. Paulo com clareza exorta a igreja a completar a obra começada: “Agora, pois, completai a obra, para que [...] haja também o cumprir conforme o que possuíis”. Em outras palavras, está simplesmente dizendo: “Que vocês terminem o que começaram. Completem isso!”. Por quê? Por que eles tinham começado desde o ano passado a participar e a desejar fazê-lo: “visto que, no ano passado, fostes os primeiros a

começar não só a participar mas também a desejar fazê-lo” (v. 10). O que Paulo quer dizer com isso? É como se estivesse lhes dizendo: “Faz um ano que me disseram que estavam comprometidos, que eu podia contar com vocês, que iam começar”. É até possível que tenham levantado alguma quantia e Paulo não a tenha considerado suficiente, pois a igreja poderia, na verdade, ser muito mais generosa do que aquilo. Passou-se um ano, eles não tinham terminado de levantar a oferta, e o tempo foi passando.

Talvez o relacionamento tenso de Paulo com a igreja, como já vimos, tenha atrapalhado um pouco. Mas o fato é que já fazia um ano que eles haviam se comprometido. E o tempo estava passando, os irmãos na Judeia estavam precisando de ajuda, passando fome e necessidades. Assim, Paulo emite sua opinião, mostrando-lhes que não basta você dizer que vai fazer algo, você também precisa de fato fazer o que prometeu. Podemos falar o mesmo de tantos cristãos que se comprometem, por ocasião do batismo, ou da profissão de fé:

— Você quer ser membro da igreja?

— Quero.

— Promete participar da vida da igreja, vir aos cultos, contribuir financeiramente, apoiar a igreja, ajudar na evangelização?

— Prometo.

Nessa hora, todo mundo faz promessa. Mas a questão é que não podemos viver de promessas. As pessoas têm de levá-las a cabo, cumprir o que prometeram. Muitos não cumprem as promessas feitas no casamento de que vão amar e respeitar o cônjuge na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença, por todos os dias de sua vida. Vemos que isso não funciona, às vezes. Contudo, as promessas feitas têm de ser levadas a cabo, porque Deus está observando. Ele quer que terminemos aquilo que prometemos e começamos. Esse era o caso dos coríntios.

O princípio da proporcionalidade

Por último, Paulo os incentiva a contribuir de acordo com as suas posses, no

final do versículo 11: “haja também o cumprir conforme o que possuíis”. E depois, expande o conceito. Na verdade, são dois os argumentos que ele apresenta em torno desse princípio da proporcionalidade.

O primeiro argumento é que, se uma pessoa contribui de acordo com o que tem, a oferta será sempre aceita por Deus, se for feita de boa vontade, não importa se for muito ou pouco: “Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem” (v. 12, ARA). Deus não pede a ninguém que dê aquilo que não tem. Deus não pede a ninguém que venda sua casa ou até mesmo a própria cama para ofertar em sacrifício à igreja, na expectativa de que Deus lhe dê dez vezes mais.

Eu e minha esposa conhecemos uma pessoa, próxima de nós, que participava de uma dessas igrejas que costumam pedir esse tipo de sacrifício. Certo dia, descobrimos que ela tinha vendido a própria cama para poder participar de um sacrifício, de uma campanha que estava acontecendo em sua igreja!

Deus não pede o que a pessoa não tem, é isso que os versículos 11 e 12 estão dizendo. Mas ele quer que cada um dê de acordo com o que tem, de maneira proporcional ao que Deus tem lhe dado. Se Deus tem lhe dado muito, dê muito; se Deus tem lhe dado pouco, dê pouco também. Que sua contribuição seja de acordo com aquilo que você recebeu. Esse é o primeiro argumento que Paulo apresenta em relação à proporcionalidade.

O segundo argumento de Paulo em torno desse conceito é que, se houver proporcionalidade, haverá igualdade: “Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade” (v. 13, ARA). Ou seja, não era para que os judeus de Jerusalém tivessem alívio da fome que estavam passando com a oferta dos coríntios, mas estes ficassem angustiados por terem dado mais do que podiam. Como diz o ditado, “não adianta descobrir um santo para cobrir o outro”. Não é isso que Deus quer. Tem de haver igualdade. Mas, por quê?

“No tempo presente, a necessidade de outros está sendo suprida pelo que excede de vós, para que também aquilo que deles exceder venha a suprir a vossa necessidade, e assim haja igualdade” (v. 14). Paulo estava mostrando que, naquele momento, os coríntios tinham abundância, mas os judeus estavam passando necessidade. Os coríntios, então, deveriam contribuir. Pode ser que no futuro a situação se invertesse, e a escassez viesse bater na porta de Corinto, e

seus habitantes passassem fome. Então, seria a vez de os judeus contribuírem com eles. Por isso Paulo afirma que tem de haver essa igualdade. Nós devemos nos ajudar mutuamente. Não é para que um fique aliviado e o outro fique passando necessidade, mas para que haja igualdade.

Paulo cita uma situação que aconteceu na história de Israel, relatada em Êxodo 16.18. Quando o maná começou a cair do céu, Deus orientou os filhos de Israel, por meio de Moisés, que cada família colhesse dois litros de maná por pessoa:

Foi isto o que o Senhor ordenou: Cada um recolherá dele conforme o que consegue comer; um ômer [o equivalente a dois litros] por cabeça, segundo o número de pessoas; cada um recolherá para os que estão na sua tenda. E assim os israelitas fizeram. Alguns deles recolheram mais, e outros, menos. Quando, porém, o mediam com o ômer, nada sobrava ao que recolhera muito, nem faltava ao que recolhera pouco; cada um recolhia tanto quanto conseguia comer (Êx 16.16-18).

Conforme o texto, na hora de colher o maná, pegavam dois litros por pessoa; algumas famílias pegaram mais, outras, menos. Mas o maná não sobrou para quem pegou mais nem faltou para quem pegou menos. Deu certinho para todos, houve igualdade. E esse é o argumento que Paulo está usando. Em outras palavras, da mesma forma que Deus, lá no deserto, no passado, supriu a necessidade de uns com a abundância de outros, assim também ele fará agora.

É dessa forma que as igrejas têm de ver a contribuição. Quando somos generosos, contribuímos ou investimos abençoando pessoas em necessidade, devemos lembrar que um dia poderá chegar a nossa vez de precisar também. Devemos contribuir, portanto, “para que haja igualdade” no meio do povo de Deus.

Conclusão e aplicações práticas

A primeira conclusão que me vem à mente, quando vejo textos assim, é o seguinte princípio: É possível medir a atuação da graça de Deus nos corações pela maneira com que cada um contribui para o reino de Deus.

Deus alcança nosso coração com sua graça, mas a próxima parte do nosso corpo a ser afetada é o bolso. Isso é ensinado claramente por toda a Bíblia. É ensinado nesta carta de Paulo aos coríntios; nos Evangelhos; na história de Zaqueu, e em muitas outras passagens. É evidente que ninguém vai ficar analisando a lista de contribuição dos membros da igreja. Mas, se fizéssemos isso, é bem provável que tivéssemos uma boa ideia de quem está bem com Deus de fato. Essa poderia ser uma maneira muito boa: saber a contribuição das pessoas; sua generosidade em proporção àquilo que têm, pois a graça de Deus move também o nosso coração.

A segunda lição aprendida é que mesmo os crentes mais desprovidos têm o privilégio de contribuir, uma vez que Deus aceita nossas ofertas com base em nosso coração, e não com base em seu valor.

Em terceiro lugar, aprendemos que a contribuição dos crentes para as causas do reino de Deus não é vista como mandamento nem como algo obrigatório no Novo Testamento, mas sim como expressão voluntária do amor a Deus, da gratidão, e do exemplo de Jesus Cristo, que Paulo nos aponta nesse texto.

A quarta lição é que, mais do que nossa oferta, Deus quer a nós mesmos. O que significa tudo o que vimos, senão Deus de fato nos chamando e dizendo: “Você tem de me amar mais do que ama seus bens, recursos, propriedades e tudo mais. Eu tenho de ocupar o primeiro lugar em sua vida. Você tem de se desapegar das coisas que possui”. Na verdade, no final, o que Deus quer é que nos entreguemos completamente a ele.

A quinta lição é que as igrejas evangélicas devem ser generosas ao cuidar de seus pobres, viúvas e necessitados. Muitas vezes ficamos escandalizados com a teologia da missão integral ou a teologia da libertação, com os abusos cometidos nessa área; mas isso não quer dizer que não haja uma responsabilidade das igrejas para com os pobres, as viúvas e os necessitados. Isso está na Escritura e, portanto, é bíblico, como estamos vendo ao longo desta obra.

A sexta lição que quero trazer é que Cristo é o exemplo maior de tudo que falamos. Temos de pensar nisto: que ele, sendo rico, fez-se pobre por amor de

nós. Portanto, nós devemos imitar o exemplo do nosso Salvador.

A sétima lição ensina que extorquir dinheiro do povo de Deus, usando o medo ou a autoridade espiritual, vai contra o espírito do evangelho. Se alguém pertence a uma igreja cujo pastor, em seu ministério, faz uso de sua autoridade ou da Bíblia para ameaçar ou incutir medo, a fim de levar as pessoas a contribuírem, todos estão debaixo da orientação de um falso profeta, de um indivíduo que não compreendeu a Palavra de Deus, não tem ideia de sua graça, não entendeu o amor de Cristo, e ainda por cima usa essas coisas para saquear o coração, o bolso e a consciência daqueles crentes mais desprevenidos. Deixo, portanto, esse alerta.

Por último, peço que Deus derrame sobre nós a sua misericórdia, para que tenhamos não somente disposição, mas de fato um Brasil melhor, um país em que possamos ganhar mais, em que nossos filhos possam ter emprego, e em que os salários sejam justos. Por isso, oremos por nossa nação, nestes tempos difíceis que ela enfrenta.

Capítulo 20

NÃO HAJA DÚVIDAS SOBRE A HONESTIDADE

2Coríntios 8.16-24

A necessidade de transparência com os recursos da igreja

Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma dedicação por vós; pois não somente aceitou a nossa solicitação, mas, sendo muito dedicado, partiu de livre vontade e foi visitar-vos. E juntamente com ele estamos enviando o irmão cujo louvor por seu trabalho no evangelho tem se espalhado por todas as igrejas. E não somente isso, mas ele também foi escolhido pelas igrejas para ser nosso companheiro de viagem enquanto ministramos essa graça para a glória do Senhor e para mostrar nossa boa vontade. A nossa intenção é evitar que alguém nos acuse com respeito a essa oferta generosa, que por nós é ministrada, pois tomamos cuidado com o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens. Com eles estamos enviando também outro irmão nosso, o qual já se mostrou dedicado muitas vezes e em muitas coisas, mas agora se mostra bem mais dedicado pela muita confiança que tem em vós. Se há alguma questão quanto a Tito, ele é meu companheiro e cooperador para convosco. Se há alguma questão quanto a nossos irmãos, eles são mensageiros das igrejas e glória de Cristo. Portanto, mostrai-lhes, perante as igrejas, a prova do vosso amor e o motivo do orgulho que temos de vós.

Na passagem que vamos analisar neste capítulo, o apóstolo Paulo fala das medidas que tomou para que o recolhimento e a entrega das ofertas fossem feitos

com toda transparência, sem deixar qualquer sombra para acusação. E a verdade é que o mundo nos acusa — tanto as igrejas quanto os pastores — de sermos desonestos, de desviarmos fundos dos fiéis, movidos pela ganância e pelo dinheiro. Essa é uma das principais acusações que a igreja sempre enfrentou através da história.

Infelizmente, isso acontece às vezes. De fato existem igrejas que têm como objetivo simplesmente levantar dinheiro. De fato existem pastores que são movidos por amor ao lucro e pela ganância, muito embora, obviamente, isso não seja algo generalizado, graças a Deus. Mas há situações que mostram claramente que a motivação maior, de fato, é o lucro.

Conheço uma história que cabe bem como ilustração do que estou dizendo. Não sei se foi verdade; apenas vou passar adiante como a recebi. Costumam dizer que existem três realidades: a verdade, a mentira, e a ilustração de sermão. Portanto, vou contar essa ilustração como a recebi.

Diz-se que havia uma senhora viúva muito rica que pertencia à igreja presbiteriana. Ela não tinha ninguém. Os filhos já tinham saído de casa, o marido tinha morrido. Ela só tinha uma cachorrinha de estimação, e o animalzinho morreu. Então, ela foi ao pastor e disse:

— Pastor, eu gostaria que o senhor fizesse o enterro da cachorrinha.

O pastor disse, então:

— Minha irmã, esta é uma igreja reformada. Nós não fazemos enterro de cachorro nem de qualquer outro bicho. A senhora não sabe os cinco pontos do calvinismo? Não fazemos isso, não.

— Mas, pastor, ela era a única companhia que eu tinha. Eu tinha um apego muito grande por ela.

— Como eu disse, não fazemos enterro de cachorro. Mas, quer saber, a senhora está vendo aquela igreja batista do outro lado da rua? Vá até lá e fale com o pastor. Pode ser que ele enterre a cachorrinha da senhora.

Aí a viúva disse:

— Está bem, pastor. Vou fazer isso. Mas, pastor, aproveito para lhe perguntar:

Quanto o senhor acha que eu deveria dar de oferta para ele, 10 ou 15 mil reais?

— Mas minha irmã, por que a senhora não disse logo que a cachorrinha era presbiteriana?

Realmente, há pessoas neste mundo que são movidas pelo amor ao dinheiro. É por isso que, na passagem que vamos estudar, vemos o apóstolo Paulo expondo à igreja de Corinto uma série de medidas que ele tomou, para que a administração dos recursos que estava levantando transcorresse da forma mais transparente possível, a fim de que não houvesse qualquer dúvida sobre o que estava acontecendo.

Como vimos, já fazia um ano que a igreja de Corinto havia se comprometido a participar dessa oferta, que Paulo estava levantando entre as igrejas da Macedônia e da Acaia, com o intuito de ajudar os crentes pobres de Jerusalém. Mas um ano havia se passado e os coríntios não tinham completado a oferta. Eles tinham prometido, mas não estavam levando aquela promessa muito a sério. Esse é o motivo pelo qual Paulo dedica um grande trecho dessa carta, que Tito está levando para a igreja de Corinto, a lhes escrever a respeito dessa oferta. Tal trecho, na divisão posterior do texto da carta, viria a constituir os capítulos 8 e 9.

Na primeira parte do capítulo 8, Paulo fala de como os crentes da Macedônia tinham sido generosos. Ao falar da generosidade dos macedônios, o alvo de Paulo é incentivar a contribuição dos crentes de Corinto.

Em seguida, Paulo expõe vários princípios sobre contribuição, dos versículos 8 a 15, também com o objetivo de estimular os coríntios a contribuírem. E agora, no final do capítulo 8, dos versículos 16 a 24, o apóstolo fala das medidas que tomou para garantir todo o processo de levantamento daquela oferta. Creio que essa parte de 2Coríntios é muito importante e válida para a igreja dos nossos dias, pois os crentes devem exigir retidão, honestidade e transparência no uso dos recursos da igreja para a qual contribuem. Em contrapartida, as igrejas e os responsáveis pela administração devem tomar as providências necessárias para que fique claro o manuseio, o uso e a destinação das ofertas que são levantadas.

É exatamente por falta dessa prestação de contas que muitos líderes se sentem à vontade para fazer o que bem entendem com o dinheiro da igreja, e de vez em quando estoura um escândalo.

No presente capítulo, gostaria de mostrar, em primeiro lugar, qual era o perigo

que Paulo estava pressentindo e que o levou a tomar essas medidas. Segundo, apontarei duas precauções que ele tomou para evitar a acusação de malversação de fundos e desvio de recursos. Terceiro, veremos as duas razões para que ele tomasse esse cuidado, e, por fim, a exortação que ele faz à igreja, no versículo 24.

O temor de Paulo

Vejamos, então, em primeiro lugar, o que Paulo temia. O que ele temia está no versículo 20: “A nossa intenção é evitar que alguém nos acuse com respeito a essa oferta generosa, que por nós é ministrada”. Paulo estava administrando o levantamento daquela oferta. E era uma oferta generosa. A igreja de Filipos já tinha contribuído; a igreja de Tessalônica também, ou seja, havia uma grande quantidade de recursos à disposição do apóstolo Paulo. E ele, agora, estava querendo que a igreja de Corinto completasse aquela coleta. Então, estamos falando de uma oferta bastante generosa.

Tendo em vista que tinha muitos inimigos, Paulo receava que estes se valessem do fato de que ele pessoalmente estava administrando o levantamento das ofertas, e o acusassem de usar o dinheiro em benefício próprio. Os inimigos de Paulo — os judaizantes que estavam infiltrados na igreja de Corinto, de cujas acusações Paulo se defende até o capítulo 7 da carta — estavam só esperando uma oportunidade para acusar o apóstolo e levantar dúvidas sobre o caráter dele. E, como sabemos, uma vez que o caráter de um pastor ou líder é manchado com a pecha de interesseiro, desonesto, ganancioso, o ministério dele acabou.

Ciente disso, Paulo não queria dar oportunidade para acusações ou críticas por parte dos seus inimigos. Na verdade, quando esteve em Corinto pregando o evangelho — como ele mesmo relata em 1Coríntios 9.11,12 —, já pressentindo que seria acusado de ser mercenário, ele evitou receber sustento da igreja:

Se semeamos entre vós as coisas espirituais, será demais que de vós colhemos as materiais? Se outros participam desse direito sobre vós, não o teríamos nós ainda

mais? Mas nunca exercemos tal direito; antes, a tudo suportamos, para não colocar obstáculo algum ao evangelho de Cristo (1Co 9.11,12).

Paulo está lembrando os coríntios de que fez tendas para se sustentar, quando esteve na cidade para pregar o evangelho. Não quis receber sustento da igreja de Corinto, embora tivesse direito a isso. Ele mesmo diz que tinha o direito, mas dele abriu mão, exatamente por saber que seus inimigos haveriam de acusá-lo de ser perdulário, mercenário, ganancioso, interesseiro, em síntese, de ser alguém que estava fazendo tudo aquilo simplesmente por amor ao dinheiro.

Em 1986, houve um grande congresso de missionários, pastores e evangelistas em Amsterdã, na Holanda, promovido pela Associação Evangélica Billy Graham. Um dos pregadores foi Steven Alford, já falecido. Na época, ele era um pregador de renome internacional, inclusive com obras publicadas no Brasil. Ele falou sobre as finanças dos obreiros e pastores e fez a seguinte declaração, no início da mensagem: “É triste ter que afirmar e, no entanto, é a mais pura verdade: O mundo evangélico está cheio de pastores que não passam de defraudadores evangélicos”. Essa declaração foi feita em 1986, mas sei que continua a ser verdade até os dias de hoje.

Exatamente para não ser acusado de estar usando o cristianismo como meio de vida, como forma de enriquecer ou de obter vantagem pessoal, foi que o apóstolo Paulo, quando esteve em Corinto, não quis receber o sustento da igreja, embora fosse seu direito. E agora, na administração da oferta que está levantando, ele também está tomando cuidados, para evitar que alguém venha a fazer a mesma acusação.

As precauções de Paulo

Em segundo lugar, vejamos as precauções que Paulo tomou para evitar essa acusação. Primeiro, vimos que ele temia ser acusado, pois conhecia com quem estava lidando. E, segundo, ele tomou duas medidas como precaução.

Certa vez, li em algum comentário bíblico a seguinte observação sobre esse trecho: “É interessante ver como Paulo podia pensar com a precisão meticulosa de um contador público”. Embora fosse pastor, teólogo, rabino, ele podia pensar como um contador. Ele sabia pensar nas questões administrativas da igreja com relativa precisão e exatidão, como vemos nesses versículos.

Mas, afinal, o que Paulo fez para evitar que alguém o acusasse de estar colocando a mão no dinheiro levantado pelas igrejas para os pobres de Jerusalém? Em primeiro lugar, ele resolveu que não iria pessoalmente a Corinto buscar o dinheiro. Ou seja, ele toma a decisão de não ir a Corinto. Em vez disso, forma uma comissão composta de três pessoas, a quem orienta a ir a Corinto para receber a oferta daqueles irmãos. O primeiro integrante dessa comissão era Tito: “Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma dedicação por vós; pois não somente aceitou a nossa solicitação, mas, sendo muito dedicado, partiu de livre vontade e foi visitar-vos” (v. 16,17).

Por esses versículos, vemos que Paulo fez um apelo a Tito para que, chegando a Corinto, providenciasse o recolhimento das ofertas. E Deus tocou no coração de Tito, como Paulo diz no versículo 16: “Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma dedicação por vós”. Ou seja, o cuidado que Paulo estava tendo, Deus colocou igualmente no coração de Tito, de forma que ele foi voluntariamente até Corinto, com o encargo de ajudar no recolhimento das ofertas.

Como se não bastasse Tito, Paulo manda com ele outro irmão: “E juntamente com ele estamos enviando o irmão cujo louvor por seu trabalho no evangelho tem se espalhado por todas as igrejas” (v. 18). Não sabemos quem é esse irmão. Paulo o chama apenas de “o irmão”. Mas é certo que os coríntios sabiam quem era. Tanto é que Paulo não precisou dar seu nome, e disse apenas: “estamos enviando o irmão cujo louvor por seu trabalho no evangelho tem se espalhado por todas as igrejas”.

Por favor, não pense que era um cantor gospel, só porque o versículo está dizendo “cujo louvor por seu trabalho no evangelho tem se espalhado por todas as igrejas”. Não era um cantor gospel. Isso apenas significa que ele era louvado, elogiado, apreciado pelas igrejas, por conta da sua fidelidade a Cristo Jesus. Não sabemos seu nome. Ele é simplesmente chamado “o irmão”.

Mas Paulo ainda envia uma terceira pessoa, mencionada no versículo 22: “Com

eles [isto é, com Tito e “o irmão”] estamos enviando também outro irmão nosso [cujo nome Paulo também não revela], o qual já se mostrou dedicado muitas vezes e em muitas coisas, mas agora se mostra bem mais dedicado pela muita confiança que tem em vós”.

Assim, Paulo nomeia uma comissão formada por três pessoas: Tito, “o irmão” e “outro irmão nosso”. Esses três vão a Corinto para levantar e trazer oferta, e provavelmente também foram com Paulo a Jerusalém para entregá-la. Com isso, Paulo queria evitar contato direto com o dinheiro levantado. Ele continuaria a administrar a oferta à distância, pois era o autor da ideia, mas não estaria sequer tocando no dinheiro. Ele não recolheria a oferta; não teria contato com aqueles recursos. Lembre-se de que, naquele tempo, não existia transferência eletrônica. As transações financeiras eram todas em moeda mesmo. Então, essa oferta generosa deveria envolver sacos e sacos de dinheiro em espécie.

Se houvesse esse cuidado por parte de todos os pastores e líderes nas igrejas, não daríamos tanto motivo ao mundo para nos atacar e evitaríamos muitos escândalos. Em lugar dos pastores, as igrejas poderiam ter comissões para cuidar dos recursos, uma tesouraria, uma comissão para examinar as contas. Só posso falar sobre a realidade da Igreja Presbiteriana do Brasil, pois sou pastor dessa denominação e conheço seu sistema. Eu e meus colegas pastores presbiterianos não tocamos em dinheiro. Não sabemos quanto a igreja arrecada. Só sabemos quando o tesoureiro, no final do mês, nos passa o resultado. Nessa hora, ou temos um momento de louvor e gratidão ou reconhecemos que precisamos orar mais pelo sustento da obra pastoral, evangelística e missionária e dos pobres que dependem da igreja. Mas é só assim que acompanhamos os recursos destinados à igreja. O alvo é evitar que o pastor toque em dinheiro.

Todos ainda devem se lembrar daquele escândalo causado, tempos atrás, por uma gravação que mostrava pastores da Igreja Universal, depois de um culto, na sala detrás do púlpito, ensacando dinheiro. Virou reportagem até da revista Veja. A gravação mostrava o momento em que os pastores olhavam para a câmera e faziam “joia” — com o polegar levantado —, pegavam as notas e enchiam sacos e sacos de dinheiro. Esse é o tipo de coisa que queremos evitar, exatamente para não estarmos sujeitos a acusações.

Portanto, a primeira precaução de Paulo foi nomear uma comissão. A segunda precaução foi que essa comissão era composta de pessoas da mais alta confiança. Porque não basta escolher uma comissão: a comissão precisa ser qualificada para

isso.

Paulo aponta cinco características que mostram a qualificação desses irmãos que foram escolhidos para integrar a comissão. Primeira, eles todos eram voluntários: “pois [Tito] não somente aceitou a nossa solicitação, mas, sendo muito dedicado, partiu de livre vontade e foi visitar-vos” (v. 17).

No versículo 22, quando fala do terceiro irmão que compunha a comissão, Paulo diz: “Com eles, enviamos nosso irmão cujo zelo, em muitas ocasiões e de muitos modos, temos experimentado” (v. 22, ARA). A palavra “zelo”, que aparece nesse versículo, é a mesma palavra que aparece no versículo 16 para a “solicitude” de Tito (v. 16, ARA). Portanto, é uma palavra que indica um cuidado voluntário com algo. Assim, da mesma forma que Tito demonstrou solicitude e disposição voluntária, esse “outro irmão nosso”, citado no versículo 22, também se mostrou zeloso. Ou seja, eles tinham um desejo fervoroso de ajudar como voluntários.

Por que Paulo enfatiza o caráter voluntário daquela comissão? É como se ele estivesse dizendo: “Nenhum dos três está ganhando nada. Eles não estão recebendo salário nem ajuda de custo. Vão tirar do próprio bolso as despesas de viagem”. Veja como Paulo é cuidadoso. Ele não quer deixar brecha para que ninguém os acuse de nada. Esses irmãos da comissão não estão recebendo absolutamente nada. Eles estão fazendo esse trabalho voluntariamente.

A segunda característica dos integrantes da comissão que Paulo destaca é que, pelo menos no caso do primeiro irmão mencionado no versículo 19, tinha sido eleito pelas igrejas para realizar essa tarefa: “E juntamente com ele [Tito] estamos enviando o irmão cujo louvor por seu trabalho no evangelho tem se espalhado por todas as igrejas. E não somente isso, mas ele também foi escolhido pelas igrejas para ser nosso companheiro de viagem enquanto ministramos essa graça para a glória do Senhor e para mostrar nossa boa vontade” (v. 18,19).

Não sabemos exatamente de que igreja esse irmão era. Talvez fosse da própria igreja de Corinto. O fato é que foi eleito pela igreja para acompanhar Tito no desenvolvimento daquela tarefa. Ou seja, ele era alguém de confiança da igreja. Não foi Paulo que o nomeou, pois alguém poderia acusar Paulo de estar nomeando a comissão. Ele só nomeou Tito, mas “o irmão” foi eleito pela igreja. Com isso, Paulo estava querendo evitar justamente que alguém dissesse que ele tinha nomeado uma comissão, cujos integrantes estavam todos em conluio com o

apóstolo. Não, esse irmão fora eleito pelas próprias igrejas para acompanhar Tito. Dessa maneira, Paulo não estava deixando nenhuma brecha para que o acusassem de usar de sua influência naquela comissão.

Gostaria de destacar um detalhe. A palavra “eleição” ou “eleito”, na língua grega, tem como raiz a palavra “mão”. Literalmente, eleger significa ser escolhido pelo levantar de mãos, o que mostra que, naquela época, a eleição era feita dessa forma. A escolha não era por escrutínio secreto, mas sim levantando-se a mão. Assim, os membros da igreja devem ter levantado as mãos e apontado aquele irmão como companheiro do apóstolo Paulo.

A terceira característica dos integrantes da comissão que Paulo destaca é que esses irmãos tinham o reconhecimento por parte das igrejas. Primeiro: eram voluntários. Segundo: ao menos um deles tinha sido eleito pela própria igreja. E terceiro: eles tinham reconhecimento da igreja, a começar por Tito.

Tito era conhecido da igreja de Corinto. Ele tinha acabado de regressar de lá, e os coríntios tinham falado muito bem dele e o recebido igualmente bem. Tito estava muito feliz. Então, não havia dúvidas sobre ele. O segundo irmão mencionado — “o irmão” — era alguém “cujo louvor por seu trabalho no evangelho tem se espalhado por todas as igrejas” (v. 18). Tratava-se, provavelmente, das igrejas da Macedônia, ou seja, Tessalônica e Filipos.

Não havia a menor sombra de dúvida a respeito de quem eram. Paulo escolheu pessoas públicas, pessoas que eram conhecidas, para que não ficasse dúvida na cabeça de ninguém sobre quem seriam as pessoas que estariam administrando aquelas ofertas.

Além disso, a quarta característica é que eram pessoas experimentadas. Veja, por exemplo, no versículo 22, quando Paulo fala do “outro irmão nosso”: “Com eles [Tito e o primeiro irmão], enviamos nosso irmão cujo zelo [palavra que denota voluntariedade], em muitas ocasiões e de muitos modos, temos experimentado; agora, porém, se mostra ainda mais zeloso [desejoso para com vocês] pela muita confiança em vós” (v. 22, ARA). Isso que Paulo fala desse irmão com certeza era verdade com respeito aos demais integrantes da comissão. O apóstolo não enviaria para uma missão tão importante algum neófito ou imaturo. Portanto, eram irmãos experimentados e do conhecimento do apóstolo Paulo.

A quinta característica é que todos eram obreiros do evangelho de Cristo. Paulo

refere-se a Tito como seu companheiro e cooperador: “quanto a Tito, ele é meu companheiro e cooperador para convosco” (v. 23). Em seguida, ele menciona os outros dois irmãos com uma declaração surpreendente: “quanto a nossos irmãos, eles são mensageiros das igrejas e glória de Cristo” (v. 23). Quando diz que aqueles outros dois irmãos — “o irmão”, mencionado no versículo 18, e o “outro irmão nosso”, mencionado no versículo 22 — são glória de Cristo, Paulo quer dizer que a vida deles honra e glorifica a Cristo, pois eram mensageiros das igrejas de vida ilibada, pessoas honestas, irmãos que todos conheciam, de caráter comprovado. A vida deles, de fato, honrava e glorificava a Jesus Cristo.

É interessante observar que Paulo também diz que eles eram mensageiros das igrejas. A palavra “mensageiros” no original é “apóstolos”. Eles eram “apóstolos” das igrejas, que os haviam elegido e enviado, junto com Tito, para Corinto. O que nos mostra que a palavra “apóstolo”, no Novo Testamento, é usada em pelo menos dois sentidos. Primeiro, no seu sentido mais amplo, que significa alguém enviado para cumprir uma missão, ainda que seja entregar ou levantar uma oferta. É isso que a palavra apóstolo significa nesses versículos. E é nesse sentido que esses irmãos são chamados de apóstolos, porque estavam sendo enviados por suas igrejas, sob orientação de Paulo, para cumprir uma tarefa, que era levantar uma oferta na cidade de Corinto e levá-la para Jerusalém, juntamente com o apóstolo Paulo.

O Novo Testamento também usa a palavra “apóstolo” no sentido de ofício ou cargo de apóstolo. E nesse segundo sentido a palavra só se aplica aos Doze que foram chamados por Cristo, a Matias, que substituiu Judas, e ao apóstolo Paulo — chamado fora de tempo, mas que se vê que é considerado no Novo Testamento à altura dos Doze. Portanto, se alguém é discípulo de algum “apóstolo”, peço desculpas, não quero ofender ninguém, mas gostaria de sugerir o seguinte: se alguém se apresentar como apóstolo, pergunte em que sentido ele usa a palavra. Porque, se ele disser: “Eu me considero apóstolo no sentido de que sou enviado. Eu tenho uma missão para cumprir. Sou uma espécie de missionário”. Bom, com esse sentido eu não vejo dificuldade nenhuma. Para mim, por exemplo, Ronaldo Lidório é o apóstolo de Cristo entre os konkombas, pois ele foi o missionário que pregou o evangelho na África entre os konkombas e, pela graça de Deus, plantou uma igreja evangélica que está lá até o dia de hoje. Foi nesse sentido que a palavra “apóstolo” foi usada na história da igreja: Bonifácio foi o apóstolo dos germânicos, porque foi o primeiro a pregar no que hoje conhecemos como a Alemanha. Portanto, encontramos esses casos na história da igreja, referindo-se a esses missionários desbravadores como

“apóstolos”.

Mas não é nesse sentido que as pessoas estão assumindo o título de apóstolo hoje. Os apóstolos de hoje não vão a lugar nenhum desbravar nada. Estão em suas igrejas, ficando ricos, ostentando, e dando “cobertura espiritual”. Eles mesmos não vão para lugar nenhum.

No sentido bíblico dos Doze e de Paulo, nós não temos mais apóstolos hoje. Eles foram levantados para lançar o fundamento da igreja; foram inspirados por Deus; escreveram a Escritura; viram Cristo ressurreto: foram testemunhas da ressurreição de Jesus. Não existe mais ninguém hoje que complete esses requisitos.

A palavra “apóstolo”, entretanto, pode ser usada no sentido de mensageiro. Tanto é que, se você consultar a NVI ou a NTLH verá que, em vez de mensageiros (2Co 8.23), elas traduzem como “representantes”. Esses irmãos são representantes das igrejas. E era bem isso que Paulo queria: garantir a lisura do processo. Aquela comissão não somente tinha Tito, mas tinha também dois irmãos que eram “apóstolos” das igrejas, representantes das igrejas, para ficar claro que a comissão não estava debaixo da influência do apóstolo Paulo. É importante que notemos isso.

Portanto, as duas precauções tomadas por Paulo para evitar a acusação de malversação de fundos e desvio de recursos foram: primeiro, promover a constituição de uma comissão; segundo, fazer que essa comissão fosse formada por pessoas acima de qualquer suspeita.

Razões para a cautela

Paulo aponta duas razões para ter tomado tanto cuidado. A primeira nós já vimos no versículo 20: “evitando, assim, que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva administrada por nós” (ARA). Ele queria evitar as acusações sobre as quais já falamos.

Mas há uma segunda razão pela qual Paulo tomou todos esses cuidados. Está no

versículo 21: “pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens” (ARA). Percebe o cuidado de Paulo? Ele diz que se preocupa em proceder honestamente, que quer ser honesto. Todo ministro do evangelho, todo crente, todo pastor tem de ser honesto. E isso não somente perante Deus, que tudo vê e tudo conhece. De fato, está certo quando alguém diz: “Deus sabe que sou honesto. Deus sabe que sou transparente. Deus sabe que lido com os recursos da igreja da maneira correta. Deus sabe que em nossa igreja os princípios de administração são absolutamente corretos e transparentes”. Sim, é verdade, Deus sabe mesmo. Mas só isso não basta. Veja outra vez o que Paulo diz: “pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens” (v. 21, ARA).

Há um sentido em que não nos interessa o que os outros pensam de nós, pois, em última análise, vamos prestar contas a Deus. Mas há outro sentido em que interessa, sim, o que os outros pensam de nós. Não fosse assim, Paulo não teria dito que se preocupava em proceder honestamente também diante dos homens. Ele queria que as pessoas olhassem para o seu ministério e dissessem que ele estava procedendo de maneira honesta. Eu sei que, às vezes, nós corremos para Deus e dizemos somente: “Senhor, tu conheces o meu coração. Tu sabes de todas essas críticas que estou enfrentando. Tu sabes que quero te agradar e fazer as coisas da melhor maneira possível”. Mas, além dessa preocupação em agradar a Deus, que tudo vê e tudo sabe, temos de parecer honestos também — “parecer” no bom sentido. Nós temos que demonstrar na prática essa nossa honestidade que Deus conhece. Por isso Paulo — mesmo que não precisasse, pois estava diante de Deus, que conhecia o seu coração — toma essas medidas, como um contador habilidoso, prevendo cada crítica que poderia haver. Ele levanta aquela comissão, composta por pessoas com todas aquelas qualificações, exatamente porque seu interesse era proceder honestamente diante de Deus, que conhecia o coração dele, mas também diante dos homens.

Naquele evento de 1986, que mencionei anteriormente, firmou-se o chamado “pacto de Amsterdã”, que foi assinado por milhares de pastores que estavam presentes. A décima afirmação do pacto é esta: “Nós, pastores, seremos fiéis dispenseiros de tudo o que o Senhor nos der e prestaremos conta das finanças do nosso ministério a outras pessoas”.

Se praticássemos isso, se tivéssemos lisura, se tivéssemos accountability, como se diz em inglês, ou seja, se voluntariamente prestássemos conta de como o

dinheiro da igreja é usado, nós evitaríamos muitas críticas desnecessárias.

Exortação à igreja

Por último, Paulo termina com uma exortação à igreja, no versículo 24: “Portanto, mostrai-lhes, perante as igrejas, a prova do vosso amor e o motivo do orgulho que temos de vós”.

A conclusão de Paulo é a seguinte, como se ele lhes dissesse: “Eu tomei as seguintes medidas para deixar clara a lisura do processo. Foi formada uma comissão, composta por Tito, um irmão que vocês elegeram e outro irmão que conhecem. Eles são apóstolos de vocês, seus representantes na comissão. Eu não vou pegar nesse dinheiro. Portanto” — termo que introduz no versículo 24 a aplicação de todos esses princípios que Paulo havia colocado —, ou seja, “à luz de tudo isso — da lisura do processo, da segurança que estão tendo de que o dinheiro vai ser usado corretamente —, ‘mostrai-lhes, perante as igrejas [os representantes das igrejas, os dois irmãos], a prova do vosso amor’. Vocês dizem que me amam e dizem que amam todos os irmãos. A hora de provar é agora. Então, quando eles chegarem aí, manifestem a prova do amor de vocês. Porque não basta dizer que amamos, nós temos de pôr a mão no bolso e provar o amor”.

Eu já disse que a pessoa só pode ser declarada convertida quando converte também seu bolso. Enquanto o talão de cheques e o cartão não se converterem, a pessoa ainda não nasceu de novo. Só quando o bolso se converte é que a conversão está completa. É justamente isso que Paulo está dizendo no versículo 24, em outras palavras: “Manifestai [...] a prova do vosso amor” (v. 24, ARA). Qual seria a prova? Justamente a generosidade em contribuir para aquela tarefa.

“Manifestai, pois, perante as igrejas, a prova do vosso amor e da nossa exultação a vosso respeito na presença destes homens.” (v. 24, ARA). Paulo tinha exultado diante daqueles dois irmãos, dizendo que os coríntios eram generosos e iriam colaborar. Paulo agora está dizendo, em outras palavras: “Provem isso que eu disse, para que eu não seja acusado de estar me gloriando de vocês falsamente. Eu cheguei diante desses irmãos e disse que a igreja de Corinto tinha um pessoal fantástico, generoso, crente, temente a Deus, que diz que nos ama etc. E disse

que dariam uma oferta maravilhosa”. Imagine se os irmãos da comissão chegassem lá e não encontrassem nada disso? Paulo seria chamado de mentiroso, falso profeta, de alguém que não conhecia direito as pessoas, ou qualquer outra coisa desse tipo. Por isso, Paulo está pedindo aos coríntios que não o façam passar por mentiroso e provem que sua exultação a respeito deles é verdadeira. Ou seja, que manifestem a prova do amor deles e da sua exultação diante dos representantes das igrejas.

Conclusão e aplicações práticas

O que isso tudo nos ensina? Tenho algumas breves aplicações para nós.

Ao olhar o texto, creio, sem sombra de dúvida, que a primeira lição que Paulo quer ensinar com tudo isso é que podemos e devemos aprender a ser generosos, que devemos contribuir de todo coração, que devemos dar generosamente para ajudar os pobres e também para manter a vida e o sustento da igreja, bem como a continuação da obra missionária.

A segunda lição que podemos aprender é que dinheiro também é uma questão teológica. Paulo gasta dois capítulos inteiros para tratar do levantamento de uma oferta — os capítulos 8 e 9 de 2Coríntios. Nesses dois capítulos, ele toma decisões e coloca em prática uma série de detalhes que justifica teologicamente. Ele tem motivos para mandar uma comissão; tem motivos relativos a como escolher os membros daquela comissão. E, com base nisso, ele faz um apelo, também teologicamente motivado.

Para muitos cristãos, o dinheiro, sua administração e o que fazemos com os nossos recursos não são questões de caráter espiritual. Mas a realidade é que o dinheiro é algo profundamente espiritual, porque é a prova do nosso amor, a prova da veracidade da exultação sobre nós. A maneira que você usa o dinheiro, a maneira pela qual o doa e investe, fala muito a respeito do seu coração, do seu estado diante de Deus.

A terceira lição que aprendemos é que não basta sermos corretos na administração dos recursos pessoais ou dos recursos de outras pessoas, quando

somos disso encarregados. Também devemos agir de maneira a deixar clara a nossa retidão e a nossa honestidade. Temos que proceder honestamente, não somente diante de Deus, mas também diante dos homens.

A última lição que quero trazer para nós é sobre a importância de as igrejas sempre disponibilizarem e estarem abertas para exhibir os relatórios financeiros, atendendo ao pedido dos membros, ou quando a situação assim necessitar. O alvo com tudo isso é que não haja motivo para que se fale mal da igreja de Deus. Vemos claramente essa preocupação em Paulo, o tempo todo. Ele quer evitar escândalos. Ele quer evitar acusações. Se as igrejas tomassem o mínimo cuidado na manipulação dos recursos, esse tipo de coisa não haveria de acontecer.

Que Deus nos abençoe e abençoe a igreja evangélica brasileira, que tanto precisa desse capítulo. Nós sabemos que um dos grandes motivos de escândalo no contexto evangélico é a questão do dinheiro.

Quero ainda deixar uma palavra para aqueles que vieram de uma igreja onde foram feridos, e talvez até “roubados” — para usar uma expressão mais forte —, e não podem nem ouvir falar de ofertas, dízimos, mordomia, que já ficam arrepiados, pois já sofreram muito com essas coisas. O fato de certas pessoas manipularem a Palavra de Deus e usarem de modo errado o ensinamento bíblico, em benefício próprio, não quer dizer que não existam motivos corretos e administração correta dos recursos do povo de Deus, em prol do reino de Deus. A minha expectativa e oração é que exposições como a deste capítulo ajudem a curar essas pessoas dos ensinados errados a esse respeito, e também, quem sabe, das feridas que porventura ainda carreguem no coração.

Capítulo 21

PRINCÍPIOS DA CONTRIBUIÇÃO

2Coríntios 9.1-7

Como contribuir de acordo com a vontade de Deus

Agora, quanto à assistência em favor dos santos, não há necessidade de que vos escreva, pois estou certo da vossa disposição, da qual me orgulho de vós diante dos macedônios, dizendo que a Acaia está pronta para contribuir desde o ano passado. E o vosso empenho tem motivado muitos outros. Mas estou enviando esses irmãos, a fim de que o nosso orgulho por vós nesse assunto não se torne vão, para que estejais preparados, como eu dizia, e, assim, se alguns macedônios forem comigo e vos acharem despreparados, não sejamos envergonhados em nossa confiança, isso sem falar de vós. Portanto, considere necessário pedir a esses irmãos que vos visitassem e preparassem de antemão a vossa contribuição, que já havia sido prometida, para que esteja pronta como contribuição e não como extorsão. Mas digo isso: Quem pouco semeia, pouco também colherá; quem semeia com generosidade, também colherá generosamente. Cada um contribua de acordo com o que decidiu no coração; não com tristeza nem por constrangimento, pois Deus ama a quem contribui com alegria.

Neste capítulo, veremos quatro princípios sobre contribuição, que Paulo ensina em 2Coríntios 9.1-7. No próximo, veremos mais três princípios sobre contribuição, que Paulo ensina em 2Coríntios 9.8-15. No capítulo 9 da segunda

carta aos crentes da cidade de Corinto, portanto, Paulo continua a desenvolver o tema da contribuição, do qual começou a tratar no capítulo 8. Seu objetivo é encorajar os crentes de Corinto a levantar uma oferta generosa para os cristãos pobres de Jerusalém, por ocasião daquela fome que se abateu sobre a Judeia, no tempo do imperador Cláudio. Essa fome atingiu toda aquela região e a região adjacente. Pode ter sido causada, provavelmente, pela carestia, falta de chuva, ou talvez por praga de gafanhoto, ou ainda por problemas econômicos que impediram que os agricultores pudessem fazer a colheita e vendê-la de maneira adequada. Muitos podem ter sido os fatores que contribuíram para a crise. O fato concreto é que aquela região da Judeia, especialmente Jerusalém, estava passando uma grande necessidade.

Paulo havia começado a levantar uma oferta para ajudar aqueles irmãos há cerca de um ano. Ele estava na região da Acaia, uma das províncias romanas, da qual Corinto é a capital. Por ocasião de uma visita que tinha feito a Corinto, Paulo havia incentivado os irmãos a participarem dessa oferta. E eles prontamente se engajaram, comprometeram-se e deram a sua palavra de que Paulo poderia contar com eles.

Mas já fazia um ano e eles não haviam terminado de levantar a oferta que haviam prometido. Paulo, então, envia Tito e mais dois irmãos (como vimos no capítulo anterior) com o objetivo de que, chegando a Corinto, organizassem o levantamento daquela oferta. A expectativa era de que fosse uma oferta generosa, capaz de atender às necessidades dos irmãos de Jerusalém.

Essa comissão, composta de Tito e mais dois irmãos, é a mesma que está levando essa carta que Paulo escreveu à igreja de Corinto. Ao mesmo tempo em que vão levantar a oferta, estão servindo de correio para levar a carta do apóstolo. Paulo, então, aproveita a carta para passar esses princípios sobre contribuição para a igreja, além de tratar de outras questões, que vimos nos capítulos anteriores e veremos também mais adiante.

Neste capítulo, focaremos no início do capítulo 9 de 2Coríntios, e em quatro princípios a mais que Paulo apresenta, além daqueles que ele já expôs no capítulo 8, também relacionados ao tema da contribuição.

Antes, porém, gostaria de fazer uma observação que considero importante. É preciso lembrar que essa oferta que Paulo estava levantando era uma oferta levantada entre igrejas e destinada a uma igreja. Não se trata de cristãos que

individualmente ajudaram pessoas que estavam passando necessidade, embora esses princípios também possam ser aplicados a tal situação. O foco em 2Coríntios, porém, é que essa oferta seria enviada à igreja de Jerusalém, a qual, então, administraria a oferta no socorro aos crentes pobres da cidade, e quem sabe até àqueles que não faziam parte de igreja. Lembramos que até pagãos, nos séculos 1 e 2, reconheciam em seus escritos que os cristãos tinham compaixão não somente dos seus pobres e dos seus órfãos, mas também daqueles que não eram considerados cristãos.

Nesse capítulo, vamos ver mais quatro princípios relativos à contribuição. O primeiro deles é que não deveria ser necessário tocar nesse assunto de contribuição na igreja (v. 1 e 2). Não deveria ser necessário, contudo às vezes é preciso.

O segundo princípio é que igrejas que contribuem são um incentivo para outras (final do versículo 2).

O terceiro princípio mostra que líderes ficam envergonhados quando suas igrejas demonstram avareza, em vez de generosidade. É isso que Paulo teme, e por isso ele enviou a comissão (v. 3-5).

Por último, veremos que a pessoa colhe aquilo que planta, também nessa área de contribuição (v. 6,7).

Primeiro princípio relativo à contribuição: Não deveríamos ter de tocar nesse assunto

Como diz Paulo, não deveria ser necessário falar sobre contribuição: “Agora, quanto à assistência em favor dos santos, não há necessidade de que vos escreva, pois estou certo da vossa disposição, da qual me orgulho de vós diante dos macedônios, dizendo que a Acaia está pronta para contribuir desde o ano passado” (v. 1,2). Ou seja, Paulo está dizendo que, a rigor, ele nem precisaria estar lhes escrevendo sobre isso. Entretanto, escreveu dois capítulos.

Não deveria ser necessário fazê-lo, em primeiro lugar, pela natureza do assunto,

por sua necessidade e urgência. Paulo diz: “Agora, quanto à assistência em favor dos santos, não há necessidade de que vos escreva” (v. 1). Ora, se é assistência e é a favor dos santos que estão na Judeia, o assunto é importante, urgente e meritório. Primeiro, porque se trata de ajudar os santos. O termo “santos” é um dos termos que o Novo Testamento usa para se referir aos cristãos. Eles são chamados de santos não por serem perfeitos, mas porque foram separados do mundo, por Deus, para serem o seu povo. Esse é o significado mais básico da palavra “santo”: separado. Portanto, trata-se de uma oferta para ajudar irmãos em Cristo que, como nós, foram separados do mundo, por Deus, para serem parte do seu povo.

Segundo, porque se trata de uma assistência, ou seja, de prestar ajuda, socorro em um momento de extrema necessidade que eles estavam atravessando.

Terceiro, porque se trata dos irmãos da Judeia, e é de lá que o evangelho se originou. Foi de lá que saíram os primeiros missionários para anunciar o evangelho a toda criatura. E foi desse ministério que nasceram as igrejas de Corinto, da Macedônia, e todas as igrejas entre os gentios, pois o evangelho se origina entre os judeus. Na carta que escreveu aos crentes de Roma, onde também fala sobre a oferta para a Judeia, Paulo usa esse argumento: se os gentios se beneficiavam das bênçãos espirituais dos judeus, será que estes também não poderiam se beneficiar da ajuda financeira dos gentios? (Rm 15.27). Nesse sentido, Paulo até vê isso como uma troca ou uma expressão de gratidão. Portanto, trata-se da assistência aos santos da Judeia. Por isso, talvez, fosse até desnecessário argumentar sobre o mérito, a urgência e a necessidade de a igreja de Corinto contribuir. Além disso, como o próprio Paulo diz no versículo 2, ele estava consciente de que os coríntios já haviam se mostrado dispostos a contribuir.

Ele diz, no versículo 1, que “não há necessidade de que vos escreva”, e no versículo 2, “pois estou certo da vossa disposição”. Ora, Paulo tinha testemunhado a prontidão com que os coríntios haviam se disposto a participar daquela oferta, para ajudar os irmãos da Judeia, os necessitados do povo de Deus.

Por esses dois motivos, Paulo diz, em outras palavras: “Eu, a rigor, nem precisaria escrever. Primeiro, por se tratar de um assunto meritório, urgente e óbvio. São os nossos irmãos na Judeia que precisam de ajuda. E, segundo, porque sei que vocês estão prontos a ajudar, pois já me disseram isso há um

ano”.

O primeiro princípio, portanto, é este: a rigor, também não deveria ser necessário que o pastor usasse o púlpito várias vezes ao ano para encorajar os crentes a contribuírem. Mas, infelizmente, essa é a realidade. Algumas igrejas fazem disso um hábito: não há uma reunião em que eles não levantem uma oferta, sempre precedida por um sermão sobre o assunto. Na verdade, existem igrejas que só fazem isso. Elas giram em torno do levantamento de ofertas, que costuma ser feito na base de promessas — em geral alicerçadas no Antigo Testamento —, campanhas, propósitos e uma série de artimanhas que conhecemos bem. Talvez você já tenha até ido a alguma igreja que girava em torno disso.

Descontando tais abusos, mesmo nas igrejas mais conservadoras, nas igrejas históricas e reformadas, é necessário que, de vez em quando, o pastor venha à frente para pregar a respeito de contribuição. Vários fatores tornam isso necessário. Não deveria ser, pois a contribuição deveria ser algo natural na vida do cristão. Uma vez que o coração se converte, o próximo órgão a se converter deve ser o bolso. Se o bolso não se converteu, a grande pergunta é se o coração de fato se converteu. Uma coisa está muito ligada à outra; portanto, deveria ser natural, espontâneo e prazeroso para o cristão investir no reino de Deus e contribuir para ele. Mas por que é necessário tocar nesse assunto? Por que Paulo está escrevendo sobre isso, e por que os pastores têm que pregar sobre esse assunto?

Primeiro, porque, às vezes, o crente demora a entender a necessidade da contribuição, demora a entender que é um privilégio que nos é dado e que faz parte das boas obras que Deus recomendou ao seu povo.

Às vezes, os cristãos prometem contribuições, mas não cumprem. Quem sofre muitas vezes são, por exemplo, os missionários que estão no campo, pois fazem um orçamento baseado em promessas: “Este ano vou enviar tanto por mês para sustentar você no campo missionário”. Passado um tempo, a promessa acaba dando em nada, e quem sofre é o missionário que está no campo e fica esperando a oferta prometida. Então, em geral, o que acontece é que as promessas não são cumpridas ou a oferta não é feita com generosidade, pois o cristão contribui de forma meio relutante e desproporcional às bênçãos que recebeu.

Temos de reconhecer, também, que existe muito crente traumatizado com ensinamentos errados sobre contribuição, vindos justamente dessas igrejas que pregam

a teologia da prosperidade. Muitos saem dessas igrejas porque não aguentam mais tanta petição de dinheiro. E então, quando chegam em outras igrejas, costumam dizer: “Quero dar uma pausa de um ano, porque saquearam tudo que eu tinha. Quero passar um ano só comendo do fruto da terra, do bom e do melhor, da terra que mana leite e mel, mas vou dar um descanso ao meu bolso. Só daqui a um ano vou começar a tratar dessa questão”.

Assim, embora não devesse ser necessário falar a respeito de contribuição — pois é algo que deveria ser espontâneo na vida do cristão —, por esses e outros motivos se tornam necessários capítulos na Bíblia como estes que estamos estudando, bem como séries de exposições sobre esse tema, exatamente por conta dos fatores que vimos.

Contudo, devemos sempre lembrar que contribuir é uma graça e faz parte das boas obras que o evangelho nos incentiva a praticar.

Segundo princípio relativo à contribuição: Igrejas que contribuem com generosidade são um incentivo para as outras

O segundo princípio que Paulo destaca é que igrejas que contribuem são, na verdade, um incentivo para as outras. Lembre-se de que o alvo de Paulo é estimular os coríntios a cumprirem a palavra dada. Já fazia um ano que eles tinham prometido contribuir. Veja o que ele diz, no final do versículo 2: “E o vosso empenho tem motivado muitos outros”.

Paulo está se referindo ao fato de que, no ano anterior — pois fazia um ano que Paulo estivera em Corinto —, eles tinham se mostrado zelosos, dispostos e animados em contribuir. E Paulo tinha feito propaganda daquilo. Tinha, inclusive, usado o exemplo de Corinto para incentivar outras igrejas. Quando ele diz que o empenho dos coríntios havia motivado a outros, ele está se referindo ao fato de que, depois de ter passado por Corinto, Paulo esteve na Macedônia, nas igrejas de Filipos e Tessalônica, e a elas disse algo deste tipo: “A igreja de Corinto é uma bênção, meus irmãos. Acabei de chegar de lá. Eles se comprometeram a contribuir. Estão aqui os vales com os nomes dos irmãos e a contribuição que eles prometeram dar. Eles darão uma oferta generosa. Vocês

não vão ficar atrás, não é mesmo? Vejam o exemplo de igreja de Corinto. Que igreja!”.

O zelo dos coríntios estimulava os crentes da Macedônia, especialmente nessas duas igrejas, Filipos e Tessalônica. Paulo usou o zelo dos coríntios, a promessa por eles feita, como incentivo para as igrejas da região da Macedônia. E isso, de fato, incentivou os macedônios, pois veja como Paulo começou o capítulo 8:

Irmãos, quero que saibais como a graça de Deus foi concedida às igrejas da Macedônia, pois a intensidade da alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em riqueza de generosidade, e isso em dura prova de tribulação. Porque posso dar testemunho de que deram de livre vontade na medida dos seus bens, e até mesmo acima disso, pedindo-nos, com muita insistência, o privilégio de participar da assistência em favor dos santos (2Co 8.1-4).

Os crentes da Macedônia ficaram tão entusiasmados com o exemplo de Corinto que deram generosamente, contribuíram mesmo em meio à sua pobreza e à perseguição. E Paulo até diz que eles pediram com muita insistência o privilégio de participar da contribuição. Alguém já viu isso acontecer? Os crentes chegam para o pastor e dizem: “Pastor, queremos contribuir, por favor! Informe os dados bancários para a transferência! Como é que fazemos para contribuir?”? Geralmente é o contrário. É o pastor que suplica aos crentes que contribuam, pelo amor de Deus! Mas o exemplo de Corinto havia incentivado os crentes da Macedônia, a ponto de estes fazerem essa contribuição generosa e fantástica. Assim, o princípio que Paulo está nos mostrando é que as igrejas que contribuem com generosidade são, de fato, um incentivo para as outras igrejas.

Há igrejas na minha denominação (Igreja Presbiteriana do Brasil) que são conhecidas por sua generosidade em contribuir para missões, para as causas sociais, para o avanço do reino de Deus em geral. Elas acabam despertando entusiasmo nas outras igrejas; despertam o ânimo e nos encorajam a contribuir também para o reino de Deus. A existência de igrejas assim acaba sendo uma bênção para toda a denominação e para a cristandade em geral, pois são exemplo de generosidade e de contribuição.

Não conheço nenhuma igreja generosa que passe necessidade. Quanto mais a

igreja contribui, mais Deus a abençoa, mais essa igreja cresce, mais se multiplica, mais abre outras igrejas. Enfim, igrejas generosas são um incentivo dentro do cristianismo, e nós devemos imitar seu exemplo.

Terceiro princípio relativo à contribuição: A avareza é motivo de vergonha para os líderes

O terceiro princípio que Paulo ressalta está nos versículos 3 a 5. E o explico nos seguintes termos: os líderes ficam envergonhados quando suas igrejas não correspondem generosamente à graça de Deus. Note a preocupação de Paulo, nos versículos em questão.

Nos versículos 1 e 2, ele tinha dito que não era necessário escrever sobre esse assunto. Entretanto, como ele começa o versículo 3? Ele começa com um “Mas”. Ou seja, apesar de não ser necessário escrever, havia algo que o estava deixando temeroso, até um pouco preocupado, e era por isso que ele estava escrevendo. E qual era a preocupação dele?

Basicamente consistia no fato de que Paulo vinha usando o exemplo dos coríntios entre as demais igrejas como incentivo à contribuição. Vimos isso no versículo 2, quando ele disse: “pois estou certo da vossa disposição, da qual me orgulho de vós diante dos macedônios, dizendo que a Acaia [leia-se ‘Corinto’, que era a capital a Acaia] está pronta para contribuir desde o ano passado. E o vosso empenho tem motivado muitos outros”. Paulo vinha se gloriando da igreja de Corinto, fazendo propaganda dela, e usando o exemplo da igreja para encorajar a contribuição das outras igrejas.

Por isso Paulo havia mandado uma comissão, formada por Tito e mais dois irmãos, para preparar a oferta dos coríntios, conforme já vimos, pois eles estavam demorando um pouco a concretizá-la. Paulo tinha rasgado elogios, a Tito e aos outros dois irmãos que compunham a comissão, a respeito da generosidade dos coríntios e da prontidão deles em contribuir. O próprio apóstolo estava fazendo planos de visitar Corinto pessoalmente, depois da visita daquela comissão, acompanhado dos irmãos da Macedônia que haviam contribuído generosamente.

E qual era o medo de Paulo, afinal? Ele tinha medo de chegar com os irmãos da Macedônia a Corinto, e descobrir que a oferta havia sido uma miséria. Se isso acontecesse, Paulo passaria vergonha, pois ele tinha usado o exemplo de Corinto para incentivar a contribuição das igrejas da Macedônia; tinha se gloriado de Corinto, da prontidão dos irmãos, do seu zelo. E fez isso especialmente diante dos macedônios. E, agora, ele temia chegar a Corinto acompanhado de alguns macedônios, e a oferta não ser exatamente o que Paulo havia anunciado.

O apóstolo receava que, chegando a Corinto, viesse a descobrir que a oferta dos coríntios não tinha sido uma expressão de generosidade, mas sim de avareza. Por isso Paulo tinha mandado antes uma comissão. É bem possível que tenha dito a Tito algo assim: “Tito, a contribuição tem de ser generosa, pois, quando eu for lá com os macedônios, não quero passar vergonha. Sem mencionar que os coríntios passarão vergonha também, se não contribuírem com generosidade”. Veja como ele diz isso:

Contudo, envie os irmãos [isto é, Tito e mais dois irmãos], para que o nosso louvor a vosso respeito [ou seja, os elogios que Paulo fez aos coríntios], neste particular, não se desminta, a fim de que, como venho dizendo, estivésseis preparados, para que, caso alguns macedônios forem comigo e vos encontrem desapercebidos, não fiquemos nós envergonhados (para não dizer, vós) quanto a esta confiança (v. 3,4, ARA).

Quando menciona os macedônios, Paulo se refere a uma viagem que ele está planejando fazer, depois da viagem da comissão, em que ele mesmo pretende ir até Corinto e levar consigo alguns macedônios. Ao dizer “e vos encontrem desapercebidos”, percebe como Paulo é polido e educado no uso das palavras. Em vez de dizer-lhes que não estavam cumprindo a promessa de contribuir, ele diz ‘vos encontrem desapercebidos’, o que equivale a dizer que mandou os irmãos da comissão para os coríntios não serem pegos desprevenidos em relação à oferta, ao seu valor ou algo do tipo. Ele os está lembrando, de forma gentil e educada, da promessa que fizeram. A afirmação “não fiquemos nós envergonhados” revela que era isso que Paulo temia. O “contudo”, do início do versículo 3, justifica o porquê de ele estar escrevendo: ele tinha medo de passar vergonha, pois dissera algo a respeito dos coríntios que, na verdade, poderia não

vir a se cumprir. E Paulo encerra essa seção da carta com o versículo 5:

Portanto, julguei conveniente recomendar aos irmãos que me precedessem entre vós e preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada, para que esteja pronta como expressão de generosidade e não de avareza (v. 5, ARA).

Paulo está explicando por que razão enviou a comissão. Quando faz referência à “vossa dádiva já anunciada”, Paulo está dizendo que já havia anunciado que eles iriam contribuir; por isso, havia enviado os irmãos da comissão para preparar a oferta.

Vemos, assim, que o princípio que está implícito aqui é este: os líderes passam vergonha com a avareza da sua igreja. Às vezes a igreja é avarenta, e não é culpa da liderança, mas das pessoas mesmo. Isso pode parecer um pouco difícil de entender, pois em geral acreditamos em outro princípio, que parece não admitir exceção: se a igreja vai mal a culpa é da liderança, sempre. Mas isso nem sempre é verdade. Existe liderança melhor do que o apóstolo Paulo? O próprio apóstolo plantou e discipulou a igreja de Corinto. E, no entanto, esta era a pior igreja do Novo Testamento: as ovelhas eram ruins; havia alguns bodes no meio; a igreja tinha crente complicado, crente com problemas, com dificuldades. Às vezes acontece isto: as igrejas parecem ter personalidade própria.

Há igrejas que são uma maravilha. Feliz é o pastor que se pastorear. Mas existem igrejas que são bem difíceis, são “carne de pescoço” mesmo, como diz o ditado. Não há pastor que aguentar. Seu ministério ali dura em média dois anos, no máximo. A igreja desenvolve um histórico de que nunca para pastor ali. A igreja de Corinto era assim. E Paulo tinha receio de ser envergonhado pela glória que ele tinha levantado, em relação à generosidade dos coríntios, pois temia que, na hora da contribuição, prevalecesse a avareza de coração, a indiferença e o desamor que havia naquela igreja tão complicada. Sabemos que a tensão entre Paulo e a igreja de Corinto era grande, por conta de todos os problemas que havia naquela congregação. Portanto, às vezes, o pastor passa vergonha por causa das atitudes da igreja, da falta de amor, da falta de generosidade e assim por diante. Paulo estava preocupado com isso.

Pode parecer um pouco egoísta o fato de Paulo estar preocupado em passar

vergonha, em ser desmentido. Mas é preciso lembrar que Paulo era apóstolo de Cristo, e estava lançando os fundamentos da igreja cristã. Toda sombra que pairasse sobre o caráter de Paulo iria refletir diretamente na mensagem que pregava. Assim, se Paulo fosse acusado de ser mentiroso, exagerado, político ou alguém que ficava elogiando e lisonjeando igrejas que não mereciam elogio, aquilo haveria de afetar a credibilidade dele quando fosse pregar em outros lugares. Por isso ele está defendendo a si, pois defesa de si mesmo equivale à defesa da mensagem que ele prega, o evangelho. As duas coisas estavam muito ligadas: o caráter, a personalidade, o nome e a reputação de Paulo estavam intimamente ligados à mensagem que ele pregava. Se um fosse abalado, o outro seria também. Por isso ele diz que não quer ser desmentido nos elogios que fizera sobre os coríntios. Não era uma questão pessoal, egoísta nem de vaidade. O que estava em jogo era o fato ele ser um apóstolo de Jesus Cristo, que estava plantando igrejas e lançando os fundamentos do reino de Deus em toda aquela região.

Quarto princípio relativo à contribuição: Colhemos o que plantamos

Por fim, o último princípio está nos versículos 6 e 7: nós haveremos de colher aquilo que plantarmos.

Imbuído do propósito de encorajar os coríntios a contribuírem generosamente, Paulo compara a contribuição a algo que era bastante conhecido naquela época: semear e colher. Lembramos que, no Antigo Oriente, cultura em que Paulo militou e pregou, a agricultura era o meio de subsistência mais comum. Havia campos que pertenciam a pessoas extremamente ricas, nos quais labutavam os trabalhadores diaristas, cujo trabalho era remunerado por diária e feito de forma sazonal, ou seja, na época de semear, depois na época de colher, e assim por diante. Portanto, era bastante comum esse tipo de atividade. Por isso o Novo Testamento é repleto de metáforas, analogias e figuras extraídas das atividades rurais de agricultura e pecuária. E o mesmo vale para o Antigo Testamento. Dessa forma, a lei citada por Paulo todos conheciam bem, pois era uma lei básica: a colheita é proporcional à semeadura. Se você plantar pouco, colherá pouco; se plantar muito, colherá muito. Essa era a regra número 1, uma lei

básica, que todos conheciam e compreendiam. Ninguém teria dificuldade em entender a analogia que Paulo está fazendo nos versículos 6 e 7. No fundo, tal analogia mostra que essa lei, que se aplica ao mundo material, físico, também se aplica ao campo espiritual. Então, ele emprega a analogia que vemos no versículo 6: “Mas digo isso: Quem pouco semeia, pouco também colherá; quem semeia com generosidade, também colherá generosamente”.

Paulo, obviamente, não está se referindo à regra básica da agricultura de forma literal. O semear a que Paulo se refere, no versículo 6, significa ofertar. A oferta é vista como uma semente. Assim, ofertar, nesse sentido, é semear, plantar. O resultado é que a colheita espiritual será proporcional à generosidade da sementeira. Quem semeia ou contribui pouco, também será pouco recompensado por Deus, pois ele recompensa na mesma medida, exatamente como faz no plano material. Quem semeia ou contribui muito, quem é generoso, será recompensado por Deus na mesma proporção e abençoado abundantemente. Você pode estar pensando que estou defendendo a lei da sementeira nos mesmos moldes da Igreja Universal, uma vez que esse é justamente o versículo que mais usam para isso. Mas graças a Deus temos a Bíblia e podemos ler o que vem antes e o que vem depois desse versículo, e assim interpretá-lo corretamente.

Sempre repito que há três regras básicas de interpretação. Se você segui-las, a possibilidade de errar é bem pequena. A primeira regra é: contexto. A segunda regra é: contexto. E a terceira regra é: contexto. Note que, depois de ter dito que contribuir é como semear e que colheremos na proporção em que contribuirmos, Paulo diz, no versículo 7: “Cada um contribua de acordo com o que decidiu no coração; não com tristeza nem por constrangimento, pois Deus ama a quem contribui com alegria”. Ou seja, contribuir não é algo mecânico. Também não é um negócio que alguém esteja fazendo. A lei descrita no versículo 6, de que se colhe na proporção em que se planta, está diretamente ligada ao que é dito no versículo 7. Portanto, você colherá na mesma proporção em que plantou se contribuir com alegria, voluntariamente, sem constrangimento, sem hesitação, como parte do seu culto a Deus e como expressão de gratidão. Ou seja, não é um negócio que se faz com Deus, como é dito nas igrejas que pregam a teologia da prosperidade. Quando juntamos os versículos 6 e 7, temos o seguinte quadro: A lei da colheita proporcional à sementeira aplica-se àqueles irmãos que contribuíram com alegria, generosamente, sem querer nada em troca. Por isso o versículo 7 menciona “não com tristeza nem por constrangimento”, não por compulsão nem com hesitação. Sabe aquelas pessoas que dão uma nota de R\$ 100,00, mas ficam segurando tanto que o pobre diácono quase tem de arrancar a

nota da mão delas? Não é desse tipo de contribuição que Paulo está falando, mas sim da contribuição daqueles que alegremente o fazem, sem pensar em recompensa. Esses receberão inclusive aquilo que nem esperam ou nem pediram. Deus irá abençoá-los com riqueza de bênçãos, inclusive materialmente, embora não seja essa a razão de contribuírem.

Assim, esses dois versículos — a saber, 2Coríntios 9.6,7 — têm de andar juntos, pois, se tomarmos de forma isolada só o versículo 6, acabaremos pensando que Paulo está nos ensinando a fazer um negócio com Deus: se dermos muito, Deus nos dará muito; se dermos pouco, Deus nos dará pouco. Nessa lógica se baseiam as campanhas do tipo: “Quem dá R\$ 100,00? Quem dá R\$ 200,00? Quem dá R\$ 500,00? Quem dá R\$ 1.000,00? Quem dá só R\$ 10,00 fique lá atrás”. Já ouviu falar disso, não é? É exatamente assim. Mas é algo baseado nessa interpretação isolada do versículo 6, retirado de seu contexto. Quem Deus abençoa é aquele que dá com alegria, pois, se ele está dando com alegria, é porque não está pensando em fazer negócio com Deus. Ele não está dando para receber, como se incentiva em algumas igrejas, mas sim porque recebeu de Deus muitas bênçãos, pelas quais é grato, e por isso contribui com alegria, como propôs no coração, sem tristeza e sem necessidade. Em outras palavras, não se trata de contribuição por obrigação nem debaixo de pressão, como infelizmente acontece em algumas igrejas.

No versículo 7, Paulo também explica a razão do princípio de colhermos o que plantarmos: “pois Deus ama a quem contribui com alegria”. Observe que Paulo não está dizendo que Deus ama a quem dá muito. Notou isso? Deus ama a quem dá com alegria! E por que Deus ama a quem dá com alegria? Porque é assim que Deus dá! Deus tem alegria em abençoar a sua criação. Deus tem alegria em abençoar as pessoas; cobri-las de bênçãos; prover as suas necessidades; suprir a sua manutenção; encher o coração delas de alegria; conceder-lhes benefícios deste mundo. Deus faz isso com alegria, como um pai generoso para com os filhos.

Quem tem filhos sabe como é gostoso ter condições de comprar coisas e presenteá-los, e dar com alegria aquilo de que seu filho precisa. Quando um pai ou uma mãe dá, não fica esperando nada em troca do filho. Dá com alegria, por amor. Portanto, repito: Deus ama a quem dá com alegria porque é assim que ele dá. Deus ama a quem dá com alegria porque foi com alegria, voluntariamente, com disposição, que o Senhor Jesus Cristo desceu dos céus e se entregou por nós. Por isso, a essência da contribuição, dentro da igreja cristã, não é a Lei, não

é a obrigação — e isso vale para dízimo também —, mas é a alegria: fazê-lo como expressão de gratidão, de amor a Deus, porque ele nos amou primeiro, e nos deu seu Filho, porque ele cuida de nós. Por isso, não somente darei os dízimos previstos na Bíblia, como exemplo de contribuição, mas também darei ofertas e participarei da forma que eu puder para aliviar o sofrimento dos outros, pois meu Deus ama a quem dá com alegria. É esse o princípio da sementeira e da colheita.

Conclusão e aplicações práticas

Quero terminar com algumas aplicações práticas. O que aprendemos com esse texto?

Em primeiro lugar, aprendemos que é preciso pregar sobre o tema contribuição, sobretudo por causa dos abusos cometidos nessa área. Existe muito mal-entendido, muita manipulação da Bíblia com fins mercenários, infelizmente. Assim, esse tema precisa ser esclarecido à luz da Bíblia. Segundo, é importante você não somente prometer, mas cumprir o que prometeu, realizar o que foi combinado. Mais uma vez, lembre-se do missionário que está no campo aguardando a contribuição prometida. Lembre-se da obra social que depende da sua contribuição. Lembre-se de que as igrejas fazem orçamentos com base na expectativa de contribuição dos seus membros.

Em terceiro lugar, fica claro no texto que nossas contribuições têm de ser generosas, como expressão de gratidão, e não de avareza.

Em quarto lugar, aprendemos que é preciso sabedoria para lidar com recursos. Vemos na passagem estudada a preocupação do apóstolo Paulo: como ele toma precauções e age com cautela, para que ninguém lance questionamentos ou dúvidas sobre sua intenção ou sobre as afirmações que ele tem feito. Nós, da mesma forma, precisamos lidar com essa questão de dinheiro com muito cuidado.

Em quinto lugar, aprendemos que, sem dúvida, devemos contribuir com alegria. Devemos contribuir não com relutância, por pressão ou com hesitação, mas com

gratidão, sinceridade e voluntariamente — inclusive no que diz respeito aos dízimos.

O último ponto que aprendemos é que Deus abençoará os que contribuem com generosidade e alegria. Por quê? Porque Deus ama a quem dá com alegria. Não é questão de matemática, mas da intenção, da motivação do coração.

Capítulo 22

A GENEROSIDADE COMO TESTEMUNHO CRISTÃO

2Coríntios 9.8-15

Contribuir traz ações de graças a Deus

E Deus é poderoso para fazer toda a graça transbordar em vós, a fim de que, tendo sempre o suficiente em tudo, transbordeis em toda boa obra. Conforme está escrito: Distribuiu, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre. Aquele que dá a semente ao que semeia, e pão para comer, também suprirá e multiplicará a vossa semeadura, e aumentará os frutos da vossa justiça, e em tudo sereis enriquecidos para serdes sempre generosos, o que, por nosso intermédio, produz ações de graças a Deus. Porque o ministrar essa assistência não apenas supre as necessidades dos santos, mas também transborda em muitas ações de graças a Deus. Ao aprovarem essa ministração, eles glorificam a Deus por causa da obediência que confessais quanto ao evangelho de Cristo e por causa da generosidade da vossa contribuição para com eles e para com todos. E eles, orando em vosso favor, demonstram a profunda afeição que têm por vós, por causa da extraordinária graça de Deus que vos foi concedida. Graças a Deus por seu dom inexprimível!

É um assunto delicado falar sobre dinheiro, ofertas e contribuições. Mas é um assunto bíblico, do qual não podemos fugir. A Palavra de Deus nos diz que temos de instruir a igreja em todo o desígnio de Deus.

De tempos em tempos, minha intenção é sempre retomar o assunto, a fim de instruir bem a igreja acerca de como ela deve lidar com os bens que Deus faz chegar a suas mãos. O intuito desses bens não é enriquecer a igreja, mas sim abençoar a vida dos crentes. E é justamente a isso que o apóstolo Paulo dedica esse trecho final do que ele veio tratar com a igreja de Corinto, no qual ele falará sobre a recompensa de Deus à generosidade dos crentes.

Alguém poderia dizer, sob o ponto de vista da sabedoria humana, que teria receio de falar em recompensa para aquele que contribui para o reino de Deus, através de dízimos e ofertas. E teria tal receio por temer que isso incentivasse um espírito interesseiro, hipócrita e egoísta, algo que, de fato, já é muito explorado por certas igrejas e pastores aventureiros, cujo único objetivo é tirar dinheiro das pessoas.

Mas as Escrituras ensinam com clareza que a obediência a Deus, a devoção à sua glória e ao bem-estar dos outros trazem, conseqüentemente, bênçãos sobre quem dá de suas posses com generosidade para suprir necessidades do reino de Cristo. Esse é o ensino que Paulo traz no texto acima. E não podemos fugir da Palavra de Deus nem de seu ensino.

Minha intenção, portanto, é expor o assunto com clareza e transparência bíblica, e não com apelos como os que se tem visto por aí.

Na primeira parte da exposição do capítulo 8, do versículo 1 ao 7, nós vimos como Paulo fala da generosidade dos cristãos da Macedônia, que deram acima de suas posses. E na segunda parte da exposição do capítulo 8, do versículo 8 ao 15, vimos como, com base no exemplo de amor dos macedônios, o apóstolo desafia os coríntios a também provarem seu amor, mediante a contribuição aos irmãos necessitados da Palestina, em Jerusalém.

Na terceira parte da exposição do capítulo 8, do versículo 16 ao 24, vimos ainda a preocupação do apóstolo no sentido de que a administração dessas ofertas transcorresse acima de qualquer suspeita, a fim que ele não fosse acusado de estar desviando verba para o próprio bolso. Vimos a preocupação de Paulo a esse respeito, e como ele nomeou outras pessoas para participarem e administrarem a contribuição, cercando-se de cuidados.

Na primeira parte da exposição do capítulo 9, do versículo 1 ao 7, vimos também o cuidado de Paulo em preparar os coríntios para que correspondessem às

expectativas que as demais igrejas tinham quanto à sua generosidade em relação aos santos necessitados.

Neste capítulo, veremos como o apóstolo Paulo incentiva os coríntios, tratando da recompensa de Deus àqueles que ofertam com generosidade e de forma voluntária para a causa do reino de Deus. Vamos destacar algumas afirmações do apóstolo sobre o assunto e analisar, portanto, o que a passagem em questão diz sobre esse tema.

Ninguém perde nada por dar liberalmente

Em primeiro lugar, gostaria de voltar ao versículo 6, pois acho importante destacar uma dedução lógica que podemos fazer a partir das palavras do apóstolo Paulo nesse versículo, no qual ele afirma: “Mas digo isso: Quem pouco semeia, pouco também colherá; quem semeia com generosidade, também colherá generosamente”. Ora, a conclusão lógica que podemos deduzir dessas palavras do apóstolo é que ninguém perde nada dando liberalmente a Deus, pelo contrário, sempre colhe, embora colha de acordo com o que semeou.

A afirmação de Paulo no versículo 6, abrindo essa seção, mostra, portanto, que dar é como semear: quanto mais semeamos, mais colhemos. Esse é o raciocínio dele. Quem semeia com mão remissa colherá pouco, mas o que semeia abundantemente, com fartura, colherá os devidos frutos. Ele afirma isso de forma clara, abrindo essa seção do seu ensino e da sua exposição. Dessa afirmação que o apóstolo faz no versículo 6, podemos extrair algumas lições práticas para nossa vida, ou destacar alguns ensinamentos.

O princípio da retribuição divina nas Escrituras

Como já vimos, Paulo apresenta nesse versículo (9.6) o princípio da retribuição divina, que está presente em toda a Escritura. Esse não é um assunto novo, e é

um tema de que toda a Escritura fala. Permita-me exemplificar.

O Antigo Testamento ensina que Deus dá liberalmente a quem der liberalmente. Por exemplo, Provérbios nos diz: “A quem dá liberalmente, ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda. A alma generosa prosperará” (Pv 11.24,25, ARA). A palavra de Deus nos diz que, quando retemos além daquilo que é justo — ou seja, além daquilo que será aplicado em nosso sustento e em nossas necessidades —, isso será para nós pura perda. Pois o que for injustamente retido do favor que Deus nos concede tinha por propósito demonstrar a graça de Deus na vida de outros, que poderiam vir a ser beneficiados por essa liberalidade. Ninguém vai enriquecer achando que pode reter aquilo que Deus lhe concede com o fim determinado de abençoar outros. É isso que esse provérbio diz, portanto.

Ainda em Provérbios 22.9 é dito: “O generoso será abençoado, porque dá do seu pão ao pobre” (ARA). Ou seja, Deus está dizendo que aquele que renuncia ao que tem — do próprio pão — para auxiliar quem necessita será abençoado por Deus.

O Antigo Testamento também ensina que emprestamos a Deus quando damos ao pobre. Provérbios 19.17 nos diz: “Quem se compadece do pobre empresta ao Senhor, e este lhe retribuirá o seu benefício”. Provérbios, portanto, nos traz um princípio interessante: eu não vou perder ao dar daquilo que Deus tem me dado a alguém que está em necessidade. Ao fazer isso, estou simplesmente “emprestando” a Deus. Se é um empréstimo, aquele dinheiro vai voltar de alguma forma. Pois quem dá ao pobre empresta a Deus, e Deus não deve nada a ninguém. É esse o raciocínio do sábio em Provérbios 19.17.

No Novo Testamento, o Senhor Jesus ensinou o mesmo, ao afirmar que Deus retribui na mesma medida daquilo que damos. Em Lucas 6.38, ele diz: “Dai, e vos será dado; recebereis uma boa medida, cheia, generosa e transbordante; pois sereis medidos com a mesma medida com que medis”. Portanto, Jesus está ensinando, em Lucas 6, que seremos abençoados por Deus com a mesma medida de generosidade com que abrimos o coração para socorrer o necessitado.

Ainda no Novo Testamento, em Atos 20.35, o apóstolo Paulo afirma que, em decorrência desses ensinamentos, Jesus afirmava que “dar é mais bem-aventurado que receber”, justamente porque receberemos mais bênçãos de Deus ao darmos. O raciocínio de Paulo é que Jesus ensinava que é mais bem-aventurado dar do que

receber porque, quanto mais dou, mais recebo de Deus para continuar dando, pois isso produz ações de graças a Deus, como está previsto em 2Coríntios 9.11. Essa é a lógica que vemos no Novo Testamento, a qual confirma a lógica do que o Antigo Testamento nos diz acerca desse assunto. Portanto, esse princípio de que ninguém perde nada dando liberalmente a Deus não está somente aqui em 2Coríntios, mas em toda a Escritura.

Também aprendemos com esse princípio que, nas Escrituras, são prometidos três tipos de recompensa ou retribuição divina, que se manifestam sob três diferentes aspectos. O primeiro tipo de recompensa ou retribuição divina são as bênçãos materiais. As Escrituras as afirmam, e não as negam. De fato, algo que pode ser muito mal utilizado por religiosos exploradores de dinheiro. O princípio, porém, é bíblico e não se pode negar: Deus abençoará materialmente a quem é generoso.

Conforme ensina Malaquias, no capítulo 3, versículos 10 e 12, o profeta diz à nação de Israel que Deus os reprova. Por quê? Eles estavam voltando do exílio para reconstruir o seu país, suas casas, o Templo, os muros da cidade, e toda a estrutura nacional, que fora destruída. Mas estavam voltando pobres, quebrados, sem recursos e, por causa disso, estavam retendo ofertas para Deus, e não estavam trazendo os dízimos e as ofertas para o Templo. Deus, então, levanta o profeta Malaquias para desafiar o povo. Ele diz que, se o povo decidisse seguir por essa linha, não seria abençoado por Deus. E diz também, quando desafia o povo a confiar em Deus, e não na força do próprio braço: “Trazei todos os dízimos ao tesouro do templo, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, e vede se não abrirei as janelas do céu e não derramarei sobre vós tantas bênçãos, que não conseguireis guardá-las. [...] E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; pois a vossa terra será aprazível, diz o Senhor dos Exércitos” (Ml 3.10,12). Ou seja, será uma terra abençoada, próspera.

Deus está desafiando o povo de Israel, como se dissesse: “Ousem, mesmo na pobreza e na crise, trazer o que me é de direito. Não me roubem. Não retenham aquilo que não pertence a vocês. E ponham-me à prova se lhes faltará dinheiro. Eu vou abrir as janelas dos céus. Vou derramar bênçãos sem medida. E todas as nações da terra olharão para vocês e dirão: ‘É um povo bem-aventurado; um povo próspero’”. Assim, Deus promete recompensa material a quem, com alegria e generosidade, oferta para as coisas de Deus, socorre os necessitados, investe no reino de Deus. Vemos nesse versículo o princípio da retribuição divina.

Mas a promessa não é somente de bênçãos materiais. Em recompensa ou retribuição à generosidade, Deus também promete bênçãos emocionais e relacionais. É algo interessante, que às vezes as pessoas não percebem. Deus diz que se alegra com o povo que dá com alegria. Quando isso acontece, Deus abençoa as famílias das pessoas, o relacionamento conjugal, o relacionamento de pais com filhos, de irmãos com irmãos etc. Enfim, Deus abençoa nossa vida, trazendo harmonia e bênçãos emocionais e relacionais. O Salmo 128 diz isso:

Bem-aventurado todo aquele que teme o Senhor e anda em seus caminhos! Pois comerás do trabalho das tuas mãos; serás feliz, e tudo te irá bem. Em tua casa, tua mulher será como a videira frutífera, e teus filhos, como brotos de oliveira ao redor da tua mesa. Assim será abençoado o homem que teme o Senhor (Sl 128.1-4).

Assim, em retribuição à generosidade, Deus abençoará a nossa família, trará graça sobre nossos filhos, fará com que nosso lar desfrute de harmonia e paz. Tudo como resultado da generosidade. Diante desse quadro, alguém pode pensar: “Puxa, estou vivendo uma crise familiar violenta. Meu casamento está indo por água abaixo. A relação na minha casa não é nada boa”. Talvez a pergunta que Paulo fizesse à pessoa seria esta: “Como está sua generosidade em ofertar, em ser fiel no dízimo? Você tem observado essas coisas?”. Para Paulo, isso seria um indicativo da bênção de Deus sobre a vida das pessoas ou da sua retenção.

Talvez esse seja o aspecto que mais incentive um pastor sério e bíblico a pregar sobre o assunto. Porque ele quer ver a sua igreja, os crentes que lhe foram confiados, viverem e gozarem de uma vida cheia e plena do Espírito Santo de Deus, de paz e harmonia, de bênçãos e prosperidade, e não de sufoco e de necessidades.

Deus promete não somente bênçãos materiais, mas também bênçãos emocionais e relacionais àqueles que são generosos e fiéis nesse aspecto. Mas promete, principalmente, bênçãos espirituais, tais como um tesouro no céu, prometido pelo Senhor Jesus àquele rapaz que costumamos chamar de “o jovem rico”, que o procurou, ansioso para herdar a vida eterna. Mateus 19.16 conta que um jovem

rico chegou para o Senhor e disse: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?”. Havia alguma coisa que lhe agoniava a consciência e lhe trazia culpa. Ele era uma pessoa bem-sucedida financeiramente. Mas, como aprendemos com o texto, sucesso financeiro não traz certeza de salvação para ninguém, pois é algo que não se compra. O jovem rico também era uma pessoa religiosa, pois Jesus olha para ele e diz que deve obedecer aos mandamentos, se quiser entrar na vida eterna. E o jovem responde que os tem observado desde a juventude, desde a infância, e que os conhece. Com isso, aprendemos que tão somente ser religioso também não traz ao coração de ninguém certeza a respeito da salvação e da vida eterna.

Portanto, religião não salva. Nenhum esforço humano consegue cumprir plenamente a lei de Deus. Pela observância das obras da lei ninguém será justificado diante de Deus, pois pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Então, a lei me serve como um aio, como um trampolim para me lançar à graça de Deus, para entender que aquilo que Cristo fez na cruz por mim é suficiente para me dar a salvação. Por isso, aquele jovem escuta de Jesus, em termos gerais, esta resposta: “Eu sei o que o está prendendo, meu jovem. Sei o que o impede, o obstáculo que segura a sua vida. Eu sei o que você tem colocado no lugar de Deus: são os seus bens; é a sua segurança financeira. Você aposta nisso toda a sua felicidade e a sua vida. Então, a solução para você é simples: livre-se disso. Pois o Senhor disse: ‘Não terás outros deuses diante de mim’ (Êx 20.3, ARA). Venda tudo o que você tem e distribua aos pobres, depois venha e siga-me, e eu lhe darei um tesouro no céu”.

Veja que desafio foi posto para aquele rapaz! Claro que não é uma regra para todo mundo. Para ser crente, para ser salvo, ninguém precisa se livrar do que tem. Só não pode colocar o coração nisso. Muitos homens ricos serviram a Cristo com fidelidade, em toda a Escritura e na história cristã. Não há ninguém no Antigo Testamento mais rico do que Salomão ou Jó. Mesmo sendo tão ricos, eles serviram a Deus com aquilo que tinham, e Deus os abençoou. Isso era resultado da bênção de Deus. E quantas pessoas não conhecemos que são abençoadas nesse aspecto e são generosas, usando aquilo que Deus lhes concede para a glória de Deus? No caso do jovem rico, porém, era esse o problema que Jesus detectou e no qual focou. E Jesus lhe promete bênçãos espirituais, se ele confiar no Senhor: “Jesus respondeu: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres; e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me” (Mt 19.21). Em outras palavras: “Você terá um tesouro no céu. Venha e siga-me. Não siga o dinheiro”.

Deus providencia para que aquele que dá com abundância sempre tenha mais para dar

Vimos, a princípio, que ninguém perde nada dando liberalmente a Deus (2Co 9.6). Agora Paulo destaca que Deus providencia para que aquele que dá com abundância sempre tenha mais para dar (2Co 9.8-14). Segundo Paulo, Deus não só retribui nossas contribuições para uso pessoal, mas para que sejamos canais ainda maiores de bênçãos para outras pessoas. Ou seja, o sentido do texto é receber para dar mais.

Para provar isso, Paulo parte da seguinte premissa: “E Deus é poderoso para fazer toda a graça transbordar em vós, a fim de que, tendo sempre o suficiente em tudo, transbordeis em toda boa obra” (v. 8). O apóstolo usa, então, quatro argumentos para fundamentá-la, nos versículos 9 a 14. Primeiro, ele usa o argumento de que o ensino das Escrituras aponta para o homem generoso, no versículo 9. Ele cita o salmo 112.5-10, que descreve o homem que distribui generosamente aos mais pobres. Entre as muitas recompensas que o salmista enumera está a de que “sua justiça permanece para sempre”. Ou seja, como homem justo, a sua capacidade de dar o acompanhará sempre. É isso que a Bíblia está dizendo.

Em seguida, Paulo apresenta seu segundo argumento, no qual lança mão da figura da sementeira e da colheita, no versículo 10. O apóstolo ensina que, assim como Deus dá a semente ao semeador e dá pão — que é o fruto da sementeira e da colheita — ao que come, assim, dará também bens aos que desejam contribuir, os quais, por sua vez, darão de seus bens aos necessitados. Ou seja, ninguém jamais empobreceu por contribuir para o reino de Deus.

Esse é justamente o raciocínio e o ensino de Paulo nesses versículos que estamos estudando. Eu me lembro de que, uma vez que preguei essa série, há muitos anos, alguém chegou para mim e disse: “Conheço bem isso; aprendi desde o começo da minha vida. Esse foi o segredo do meu empreendimento. Não foi minha forma de tocá-lo. Foi Deus em sua graça. Entrei em aliança com Deus, e ele me ensinou a fazer isso. Eu cri nesse princípio da sementeira e da colheita: quanto mais eu der, mais Deus vai me dar, para eu ter como ser generoso para a

glória do nome dele”. Assim, repito: Ninguém jamais empobreceu por contribuir para o reino de Deus. “Quem dá ao pobre não terá falta, mas quem fecha os olhos para isso terá muitas maldições” (Pv 28.27).

Essas verdades são muito desafiadoras para nós. A maior recompensa de quem dá é ser capacitado por Deus para dar mais. Que incrível! E Paulo está mostrando justamente isso para a igreja de Corinto: Deus providencia para que aquele que dá com abundância sempre tenha mais para dar. Esse é o segundo argumento que ele destaca na sua orientação aos coríntios.

O terceiro argumento é que a generosidade nas contribuições traz glória a Deus. E essa é a maior motivação para entendermos o princípio e sermos usados por Deus para abençoar outras pessoas com as nossas contribuições: porque isso traz glória a Deus.

As ofertas generosas dos coríntios provocariam as seguintes reações nos cristãos da igreja em Jerusalém: “e em tudo sereis enriquecidos para serdes sempre generosos, o que, por nosso intermédio, produz ações de graças a Deus. Porque o ministrar essa assistência não apenas supre as necessidades dos santos, mas também transborda em muitas ações de graças a Deus” (v. 11,12). Assim, gratidão a Deus será o resultado da nossa generosidade. As pessoas que serão beneficiadas, que serão supridas em suas necessidades, ficarão gratas a Deus. Os irmãos da igreja de Jerusalém seriam gratos a Deus por todos que contribuíram e por Paulo, que estava liderando aquela campanha de ofertas e fazendo as coletas. O versículo 11 diz isso: “o que, por nosso intermédio, produz ações de graças a Deus” (v. 11). Portanto, a contribuição vai além das necessidades supridas, como diz o versículo 12: “Porque o ministrar essa assistência não apenas supre as necessidades dos santos, mas também transborda em muitas ações de graças a Deus”.

A contribuição não gera somente gratidão em resposta à generosidade, mas gera também glória a Deus. Paulo destaca no versículo 13: “Ao aprovarem essa ministração, eles glorificam a Deus por causa da obediência que confessais quanto ao evangelho de Cristo e por causa da generosidade da vossa contribuição para com eles e para com todos”. Deus receberia glória em decorrência da demonstração prática da obediência dos coríntios ao evangelho, como Jesus ensinou em Mateus 5.16: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai, que está no céu”.

E o quarto argumento é que, além de a generosidade gerar gratidão e glória a Deus, ela inspira também orações intercessórias, como mostra o versículo 14. O apóstolo destaca que a generosidade dos coríntios em dar resultaria em carinho e grande afeto por parte dos irmãos da igreja em Jerusalém, que levantariam suas vozes em oração intercessória a Deus, em favor dos coríntios: “E eles, orando em vosso favor, demonstram a profunda afeição que têm por vós, por causa da extraordinária graça de Deus que vos foi concedida” (v. 14). Portanto, quando uma pessoa é generosa e socorre alguém em necessidade, isso faz brotar no coração, além de gratidão e glória a Deus, uma oração intercessória por aquela pessoa que foi generosa. Ela passa a ser vista com afeto, com carinho, e quem foi socorrido é incentivado a interceder e a orar pela vida dela, para que Deus a abençoe cada vez mais.

Deus é o nosso exemplo de generosidade

Encerrando sua exposição no versículo 15, Paulo diz ainda: “Graças a Deus por seu dom inexprimível!”. A generosidade dos coríntios despertaria no coração dos irmãos da igreja de Jerusalém o desejo de dar graças a Deus por Cristo Jesus, por causa de quem Deus nos concede a graça de contribuir. Esse “dom inexprimível” é Jesus!

Portanto, Deus é o nosso maior exemplo de generosidade. Por causa da necessidade humana, da condição de miséria da humanidade em decorrência da Queda e do pecado, Deus deu aquilo que tinha de melhor, de mais valioso: Ele entregou a vida do seu filho, para morrer em uma cruz por nós, a fim de suprir nossa necessidade espiritual, nos libertar da condenação e da ira, e nos dar a vida eterna.

Cristo Jesus é esse dom inexprimível de Deus. Quando Paulo, escrevendo aos Romanos, diz que Deus não tem mais nada o que provar ao homem, pois já deu a maior prova de amor quando entregou seu Filho para morrer por nós naquela cruz (Rm 5.8), esse é o maior exemplo de generosidade, de dar o que tenho de mais valioso: dar a vida do próprio filho para suprir a necessidade do ser humano.

Conclusão e aplicações práticas

O texto nos ensina as seguintes lições sobre contribuir com abundância e generosidade. Primeiro, não vamos empobrecer por causa disso. Se contribuirmos abundantemente para o reino de Deus, é certo que não ficaremos pobres. Deus retribuirá na mesma medida, ou até mesmo muito acima do que demos. É isso que o texto nos ensina, em primeiro lugar.

Em segundo lugar, o texto mostra que Deus nos retribui para que contribuamos ainda mais. Não é isso que esses pastores desonestos, exploradores financeiros, dizem: “Você deve dar para receber, e para que você se beneficie disso”. Não! Se der, você será beneficiado, não tenha dúvida. Mas não pode ser esse seu objetivo ou sua motivação. A minha motivação é que pessoas sejam assistidas. A minha motivação é gratidão a Deus, é que Deus seja glorificado. A minha motivação é que pessoas orem pela minha vida. A minha motivação é que a graça de Deus seja manifesta na generosidade que aponta para Cristo Jesus, o dom inexprimível de Deus. Haverá esse reconhecimento. Portanto, Deus nos retribui para que contribuamos ainda mais.

Em terceiro lugar, acima de tudo devemos pensar em toda a glória que virá para o nosso Deus por intermédio daqueles que vão agradecer a Deus por nossa causa, por causa das nossas ofertas e contribuições. Você já experimentou isso? Já viu alguém com alguma necessidade imediata, e a igreja se mobilizar para ajudar essa pessoa? Quando a ajuda chega à pessoa, o que brota no coração dela é gratidão, louvor a Deus, por tê-la assistido em sua necessidade, por ter tocado no coração dos irmãos. Como isso traz, ou deveria trazer, alegria ao nosso coração e deleite à nossa alma! Deus está sendo glorificado; meu irmão está sendo assistido; e os nossos laços de carinho e de afeto são estreitados.

Em quarto e último lugar, aprendemos também que contribuir liberalmente é um ato de fé. Crer que Deus pode fazer abundar em toda graça, a fim de que superabundemos em toda boa obra, é fé. Com isso, eu declaro que confio no Senhor, quando minha tendência humana é segurar e me preocupar. Mas contribuo em fé, pois quero aprender a depender do Senhor, e quero provar minha vida nesse particular. Como o próprio Deus diz, através do profeta:

“Trazei todos os dízimos ao tesouro do templo, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, e vede se não abrirei as janelas do céu e não derramarei sobre vós tantas bênçãos, que não conseguireis guardá-las” (Ml 3.10). “Ponham-me à prova”, Deus está dizendo. “Se isso não acontecer, então está bem, sigam fazendo os seus cálculos, sendo relutantes. Mas me ponham à prova nisso”. Portanto, contribuir liberalmente é um ato de fé.

Vejamos, agora, algumas perguntas de aplicações práticas para nos incomodar.

Como tem sido essa questão de contribuição em sua vida? Como tem lidado com isso? Tem contribuído liberalmente para o reino do Deus? Tem feito isso com alegria? Tem experimentado as bênçãos de Deus como recompensa? Tem crido nesse princípio? Tem buscado acima de tudo a glória de Deus ao ofertar? Pense nisso!

Que Deus seja glorificado com a consagração da oferta que você oferece a ele ou a quem passe necessidade. Quantas pessoas têm glorificado a Deus por sua causa nesse particular? Quantos têm glorificado a Deus por causa da sua igreja?

São todas perguntas que precisamos fazer a nós mesmos. Que o Senhor faça com que sejamos um canal de bênçãos para outros e que isso redunde em glória para o nome do nosso Deus. Que o Senhor nos abençoe e que essas verdades expostas na Palavra de Deus possam encontrar lugar na minha e na sua vida.

Capítulo 23

a mudança de paulo

2Coríntios 10.1,2

Paulo altera o tom da carta

Eu, Paulo, peço-vos pela mansidão e bondade de Cristo; eu, que quando presente entre vós sou temeroso, mas, quando ausente, corajoso para convosco; eu vos suplico que, quando estiver presente, não seja obrigado a usar de coragem com firmeza, que espero mostrar a alguns que consideram que nos conduzimos por padrões humanos.

Neste capítulo, examinaremos os versículos 1 e 2 de 2Coríntios 10, à guisa de introdução, pois, antes de fazer a exposição do capítulo 10, é preciso dar uma explicação sobre os capítulos 10, 11, 12 e 13, uma vez que são tão diferentes dos capítulos que estudamos até agora. Assim, neste capítulo, em vez de uma exposição bíblica do texto, teremos mais noções introdutórias à Segunda Carta aos Coríntios. Sem entendermos essas questões, seria difícil perceber o sentido do que Paulo começa a escrever a partir daqui.

Introdução

Nós aprendemos não somente com a Bíblia, mas com a própria experiência, que a igreja de Cristo neste mundo está sujeita a todo tipo de erro, pecado, tentações do mundo e do Diabo.

Haverá uma época em que isso terminará, mas será somente na vinda do Senhor Jesus, quando a igreja será glorificada. Por enquanto, a igreja é militante, pois está no mundo e está militando, lutando contra a carne, o pecado, o erro, e aguardando a vinda bendita do nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, até que essa vinda ocorra, tudo pode acontecer na igreja, uma vez que ela é composta de pecadores — salvos, é bem verdade, mas ainda pecadores. Essa é a razão pela qual, através da longa história da igreja, atos pecaminosos acontecem em seu meio, os quais nos enchem de grande tristeza e pesar, por mais que os vejamos como algo que faz parte da presente época.

Há igrejas que, com o passar dos anos, corrompem-se e se afastam da fé bíblica, como aconteceu, por exemplo, na Idade Média. Não muito tempo depois da morte dos apóstolos, a igreja cristã começou a adotar ensinamentos, práticas e erros que a foram afastando cada vez da verdade revelada por Deus nas Escrituras.

Atualmente, há denominações que deixam a fé cristã e adotam ensinamentos falsos — como algumas igrejas modernas que abandonaram o padrão bíblico de sexualidade e adotaram aquilo que a cultura ensina, apoiando e aceitando relacionamentos homoafetivos como normais, inclusive ordenando pessoas que praticam esse tipo de relacionamento como pastores e pastoras de suas denominações.

Também há pastores que cometem desvios de ordem moral e teológica, mesmo após um longo período de serviço. Lembremos, por exemplo, o caso de Joshua Harris, que pegou o mundo evangélico de surpresa. Joshua escreveu um livro muito conhecido — Eu disse adeus ao namoro, no qual ele defendia a “corte”. Ele dizia que o namoro não é apropriado para os crentes, e que o casal crente, na verdade, se corteja: ambos conversam, oram juntos, se conhecem, mas não podem sequer pegar na mão. Esse livro o tornou famoso. Mas, em 2019, ele anunciou o seu divórcio, renegou a moralidade cristã, largou o pastorado e está com dúvidas se o cristianismo é de fato verdade. Poderíamos acrescentar a essa lista vários outros nomes recentes, algo que tem nos chocado, ante a realidade desse afastamento de pessoas que não esperávamos. Às vezes, isso também acontece com igrejas locais. Depois de um período de bênção, prosperidade e crescimento, caem no erro, na mornidão, no formalismo e em práticas

biblicamente erradas.

Você deve estar se perguntando o que essa introdução tem a ver com 2Coríntios 10. Tem tudo a ver, porque foi exatamente isso que aconteceu com a igreja de Corinto. Até o capítulo 9, vemos um apóstolo Paulo grato, animado, feliz, porque a carta severa que ele tinha enviado para a igreja de Corinto produziu resultado. Tito trouxe notícias que relatavam o arrependimento da igreja, disse que tudo estava bem, que os coríntios choraram, disciplinaram a oposição, disseram a Paulo que o amavam. Paulo se anima e escreve dois capítulos sobre contribuição, visto que não haveria melhor momento para pedir a oferta para os irmãos de Jerusalém. Assim, quando tudo parece estar resolvido, Paulo escreve os dois capítulos sobre contribuição. Mas, de repente, no capítulo 10, o tom muda.

Nos capítulos 10, 11, 12 e 13, Paulo está irreconhecível: irônico, indignado, com raiva, criticando os coríntios, ameaçando fazer-lhes uma visita para discipliná-los e exercer sua autoridade. Mas, afinal, o que aconteceu entre o capítulo 9 e o capítulo 10 para justificar tamanha mudança em Paulo?

A diferença dos capítulos 10 a 13 para os capítulos de 1 a 9 é tão grande que alguns estudiosos acham que esses últimos capítulos da carta (do 10 ao 13) são, na verdade, parte daquela carta severa que Paulo tinha escrito, e que algum escriba, no processo de copiar as cartas do apóstolo, acabou anexando a 2Coríntios, pois o tom é completamente diferente. Nesse trecho final, veremos Paulo voltando a defender sua autoridade apostólica, explicando seus motivos e a razão pela qual ele faz algumas coisas e deixa de fazer outras. Por isso, precisamos encontrar uma razão para isso, a fim de poder entender essa mudança de tom no apóstolo Paulo, que acontece nos capítulos 10 a 13.

Assim, vamos primeiro recapitular os fatos, para poder captar o impacto maior do que isso representa. Depois, vamos justificar a mudança de atitude de Paulo. Em seguida, veremos o que é essa segunda parte da carta de 2Coríntios, que vai do capítulo 10 ao 13. Por último, analisaremos sua estrutura, que nos ajudará nas exposições dos capítulos seguintes, e faremos umas quatro ou cinco aplicações práticas de tudo isso que vamos observar.

Recapitulação

Vamos relembrar os fatos, para descobrir como a situação chegou a esse ponto. Os fatos são estes: Em sua segunda viagem missionária, o apóstolo Paulo passou pela cidade de Corinto, por volta dos anos 50-52 d.C. Fazia cerca de 20 anos que o Senhor Jesus Cristo tinha morrido e ressuscitado dentre os mortos. A igreja de Jerusalém estava se expandindo. Fazia, talvez, uns 10 anos da conversão de Paulo, ocasião em que ele fora alcançado pelo evangelho de Cristo Jesus, e de perseguidor se tornara o maior divulgador da mensagem do evangelho. Ele já tinha feito uma viagem missionária para plantar igrejas nas províncias de Roma, ao redor do Mediterrâneo.

Agora, em sua segunda viagem missionária, ele para na cidade de Corinto, onde planta uma igreja. Começa pregando na sinagoga, mas é rejeitado, e abre uma igreja na casa de um membro da sinagoga que havia se convertido. De lá, ele começa a ensinar o evangelho naquela cidade. Junta-se a Paulo uma grande quantidade de pessoas: alguns judeus que se converteram através da sua pregação em Corinto, e, na grande maioria, gregos e coríntios, que antes tinham levado uma vida bem devassa. A história da fundação da igreja de Corinto está relatada em Atos 18. E o tipo de pessoa que se converteu é mencionado por Paulo em 1Coríntios 6 — uma lista não muito agradável de se ler: havia gente de toda classe social, de todo tipo de comportamento e convicção. Eles foram alcançados pela mensagem do evangelho, abandonaram seus ídolos, suas práticas, e formaram a igreja de Corinto.

Lembramos que, naquela época, embora fosse uma igreja, provavelmente eles se reuniam em vários lugares. Não havia um templo central da igreja de Corinto. Os cristãos se reuniam nas casas, mas sabiam que havia uma igreja só. Assim, quando falamos “a igreja de Corinto”, em nossa mentalidade do século 21, pensamos em um templo onde a igreja se reunia. Mas, na verdade, eles se reuniam nas casas. E não havia uma casa grande o suficiente para abrigar todos. Talvez a casa em que Paulo começou o trabalho tenha sido a “casa-igreja” sede, por assim dizer, e os demais se reuniam em outras casas. Mas todos tinham o mesmo ensinamento, se conheciam, e talvez até se reunissem uma vez por mês, para celebrar a ceia em algum lugar amplo o bastante para abrigar a todos. Enfim, não temos muita certeza, mas, de qualquer forma, surge uma igreja pujante.

Paulo aproveita essa ocasião para conseguir dos coríntios a promessa de se

envolver numa oferta que ele estava levantando para os crentes pobres da Judeia. E os coríntios, então, se comprometeram com grande zelo e grande fervor. Foi uma época de grande crescimento da igreja, que estava efervescendo, viva e ativa. Portanto, após dois anos em Corinto cuidando da igreja, o apóstolo Paulo finalmente vai embora. Ele segue para Antioquia, de onde saíra, que era a igreja-sede da missão, a igreja que o enviou em viagem missionária. Mas, antes, ele passa pela Síria, por Éfeso, local em que tinha anunciado o evangelho antes de chegar a Corinto por Jerusalém. Depois, seguiu para Antioquia. Em algum momento, após esses dois anos em que Paulo saiu de Corinto, ele tomou conhecimento de que alguns problemas começaram a aparecer na igreja — o que é perfeitamente natural. Uma igreja composta de pecadores — ainda mais pecadores do tipo que vemos na lista citada por Paulo em 1Coríntios 6 — tinha de dar algum problema, tinha de apresentar alguma dificuldade.

Os primeiros problemas parecem ter sido mais porque a igreja não estava sabendo lidar com alguns irmãos que tinham uma conduta irregular. Parece que alguns dos membros da igreja de Corinto estavam voltando à prática da imoralidade, talvez comendo carne dos templos, participando da idolatria, e os membros da igreja não estavam sabendo direito como lidar com pessoas que se diziam crentes, mas viviam como descrentes. Paulo, ao tomar conhecimento desse problema — embora não saibamos quando nem como isso ocorreu — escreve uma primeira carta sobre o assunto. Essa carta se perdeu, ou seja, não chegou até nós. Ela não faz parte do cânon bíblico, mas sabemos de sua existência, porque Paulo a menciona na carta que conhecemos como 1Coríntios: “Já vos escrevi por carta que não vos associásseis com os imorais. Não me referia aos imorais deste mundo, nem aos aventos, ladrões ou idólatras. Nesse caso, seria necessário que saísseis do mundo” (1Co 5.9,10). Portanto, sabemos que essa foi a primeira carta que Paulo escreveu, embora ela não tenha sido preservada, porque assim aprouve a Deus.

A situação, porém, já não estava tão boa. A igreja começou pujante, mas, de repente, alguns problemas apareceram. Paulo se viu obrigado a escrever uma carta como pai espiritual da igreja, pois, como apóstolo, ele se vê obrigado a tratar do assunto. Mas parece que a situação da igreja foi se deteriorando. Começaram a aparecer vários problemas morais e doutrinários sérios, inclusive questionamentos sobre a realidade da ressurreição. E houve a formação de um movimento dentro da igreja que questionava a autoridade de Paulo e o seu apostolado.

Em 1Coríntios, Paulo fala da existência de quatro grupos na igreja. A igreja estava dividida entre esses grupos. Um grupo dizia: “Eu sou de Paulo”. Outro grupo dizia: “Eu sou de Pedro”. Ainda outro dizia: “Eu sou de Apolo”. Apolo foi tomar conta da igreja, após a saída de Paulo. Ele foi o pastor que veio substituir Paulo em Corinto. E tinha um quarto grupo que dizia: “Não sou de ninguém. Eu sou de Cristo”.

Quando as pessoas diziam “Eu sou de Pedro” ou “eu sou de Apolo” ou “eu sou de Cristo”, elas estavam na verdade dizendo: “Eu não sou de Paulo. Eu não reconheço a autoridade de Paulo sobre mim e não o considero meu líder espiritual”. Então, havia pelo menos três quartos da igreja que tinha problemas em aceitar a autoridade do apóstolo Paulo. Ninguém sabe ao certo de onde surgiu esse questionamento. Mas o ponto é que Paulo se sente questionado com respeito ao seu apostolado e à sua autoridade como fundador da igreja de Corinto e seu pai espiritual. Talvez o ressentimento de vários fosse pelo fato de Paulo ter enviado uma carta repreendendo-os, pois não estavam sabendo lidar com aquela situação.

O fato é que Paulo tomou conhecimento desses problemas através da família de Cloé, citada no primeiro capítulo de 1Coríntios, versículo 11. Houve também uma comissão de membros da igreja de Corinto que foi a Éfeso, cidade em que Paulo estava, para encontrá-lo. Essa comissão era composta de três pessoas: Estéfanos, Fortunato e Acaico (1Co 16.17). Esses três irmãos levaram uma oferta dos coríntios para o apóstolo Paulo e uma lista de perguntas. E informaram a Paulo sobre todos os problemas morais e doutrinários que a igreja estava passando, bem como sobre o questionamento que estava sendo levantado a respeito da sua autoridade. Tal questionamento não era por parte de toda a igreja, do contrário não teriam mandado uma oferta para Paulo nem uma lista de perguntas. Mas o fato é que havia um foco de resistência contra ele dentro da igreja de Corinto.

Paulo, então, senta-se para escrever a sua segunda carta, a qual conhecemos como 1Coríntios, mas que, na verdade, é a sua segunda carta. Ela só é primeira no sentido de ser a primeira das duas cartas que temos na Bíblia. Assim, Paulo escreve 1Coríntios por volta do ano 55 d.C. Nela, ele procura tratar daqueles problemas da igreja, responder às perguntas que os coríntios lhe mandaram e, em particular, oferecer uma breve defesa do seu apostolado, o que ele faz nos capítulos 4 e 9 de 1Coríntios, nos quais Paulo, de leve, como quem não quer realmente se aprofundar no assunto, defende-se e defende os direitos que tem

como apóstolo sobre a igreja. Tudo indica que esse seria o próximo passo na relação de Paulo com os coríntios. Dá até para escrever romance sobre essa relação.

Aparentemente, porém, essa carta (1Coríntios) não alcançou o resultado que Paulo esperava dos coríntios, ao receberem a carta. É uma carta longa, tem 16 capítulos! Nela Paulo trata da questão das divisões na igreja, do problema de imoralidade, da disciplina na vida da igreja, das questões de consciência cristã, se é permitido ou não comer carne oferecida a ídolo, de problemas relativos ao casamento, da questão da ressurreição, do culto, do uso de dons espirituais. É uma carta completa. Está cheia de boas respostas e é autoritativa, ao responder e atender às necessidades dos coríntios. Mas, aparentemente, ela não surtiu o efeito desejado, o que levou Paulo a voltar a Corinto. Ele ainda não tinha voltado a Corinto, desde que saíra de lá, depois de ter plantado a igreja. Provavelmente, Paulo deve ter pensado: “É melhor eu ir lá pessoalmente resolver esses assuntos, pois resolver por carta parece que não está dando muito certo”.

Paulo, então, faz uma segunda visita a Corinto. A primeira foi quando ele plantou a igreja; e agora, ele faz a segunda visita, na tentativa de resolver os problemas e a tensão crescente que estava se instalando entre ele e a igreja.

Tudo indica que Paulo não foi bem recebido. Ele se refere a essa visita como uma visita penosa, dolorosa para ele. Paulo sai de lá abatido, indignado, humilhado. Havia uma pessoa que o confrontou e estava liderando o movimento “abaixo o apóstolo Paulo!”. O fato é que Paulo saiu humilhado — termo que ele próprio usa mais tarde ao dizer, “Temo que, quando for outra vez, o meu Deus me humilhe diante de vós” (2Co 12.21). Ele sugere com isso que Deus o humilhou nessa visita que fez aos coríntios. Mas optou por não confrontá-los, preferindo sair corrido da igreja, por assim dizer.

Depois de sair de Corinto, talvez de volta a Éfeso, ele se senta para escrever a terceira carta. E essa foi uma carta pesada. Ele se refere a ela como a “carta severa”. Essa é outra carta que nós também não temos, embora saibamos o que Paulo escreveu nela. A carta foi tão pesada que Paulo ficou com receio de ter exagerado na mão, pois critica os coríntios, condena a atitude deles, os ameaça e exorta ao arrependimento, lembrando-os de sua autoridade. De fato, foi tão severa a ponto de ele mandar Tito a Corinto, para saber qual fora o efeito provocado pela carta. Parece que Paulo não aguentou esperar para ter notícias dos efeitos da carta. Então, ele chama Tito, que era um dos seus colaboradores, e

lhe pede que vá até Corinto e veja qual fora o efeito da carta, pois pode ser que ele tivesse exagerado em sua exortação. Tito, então, vai a Corinto, e Paulo fica esperando notícias. Mas o tempo passa e Tito não aparece. Paulo estava esperando Tito em um lugar, mas depois vai para a Macedônia, e surge uma oportunidade de pregar o evangelho. Paulo, porém, não consegue ficar e pregar, pois está ansioso e preocupado. De repente, Tito chega, trazendo excelentes notícias. As notícias são as melhores possíveis: a carta severa surtira o efeito desejado. Os coríntios se quebrantaram, se humilharam e choraram. Eles disciplinaram o opositor que estava liderando o movimento contra o apóstolo Paulo. Mandaram dizer que amavam o apóstolo, que queriam vê-lo outra vez. Estava tudo em ordem; o problema fora resolvido; estava tudo bem de novo entre os coríntios e Paulo.

Mas Tito lhe explica que ainda havia um problema. Naquele período, chegara em Corinto um grupo de mestres que se diziam apóstolos de Jesus Cristo, e traziam credenciais e cartas de recomendação de Jerusalém. Eles diziam que Paulo era um falso apóstolo, que era no máximo um apóstolo de segunda categoria, que não tinha autoridade para pregar o evangelho em Corinto, pois não fazia parte do grupo dos doze apóstolos de Jesus Cristo. E começaram a questionar a sua autoridade, querendo, inclusive, que os coríntios passassem a obedecer às obras da lei, que se circuncidassem e seguissem a lei de Moisés. Estava havendo um foco desses falsos mestres em Corinto, e aparentemente ainda havia um grupo na igreja de lá que não se arrependera e agora estava se unindo a esses mestres e se levantando contra Paulo.

Paulo senta-se, então, para escrever a quarta carta, que é 2Coríntios. Ele tem vários objetivos com essa carta. Primeiro, queria agradecer o bom efeito que a carta severa surtira. Ele queria dizer o quanto ficara feliz porque os coríntios tinham se arrependido, mudado de ideia, acatado a autoridade de Paulo e disciplinado o líder da oposição. Paulo, inclusive, pede que eles tragam aquele irmão de volta ao convívio, que restaurem o sujeito, para que o castigo dele não seja excessivo, pois o Diabo usa esse tipo de coisa. E, sabendo que ainda existe um foco de resistência, Paulo aproveita e faz sua defesa, mas desta feita mais consistente do que em 1Coríntios. Ele faz uma defesa do seu ministério que vai do capítulo 2 até o capítulo 7 de 2Coríntios. Esse era o segundo objetivo da carta. Já vimos os argumentos que Paulo usava para defender sua autoridade, os pontos que levantou, a lista de sofrimentos pelos quais passou, todas as evidências de que, de fato, ele era um apóstolo de Cristo e tinha as melhores intenções. Ele não era um mercenário. Não estava atrás de dinheiro dos coríntios

coisa nenhuma.

O terceiro objetivo de Paulo era instruir a igreja de Corinto sobre aquela promessa que eles tinham feito, quando o apóstolo esteve lá a primeira vez, de que eles participariam da coleta para os crentes pobres de Jerusalém. Paulo gasta os capítulos 8 e 9 falando sobre essa oferta, pois está justamente lembrando os coríntios de que já fazia um ano que eles haviam se comprometido, mas até agora nada acontecera. Paulo sentiu que era um momento oportuno para fazer isso, pois a tensão entre ele e a igreja tinha terminado; só havia aquele grupinho que ainda resistia.

Assim, Paulo trata de todas essas questões em 2Coríntios, do capítulo 1 ao 9.

A mudança súbita

Mas, então, alguma coisa aparentemente mudou em Corinto. Algo aconteceu na igreja. Daí a minha conclusão de que acontece de igrejas estarem caminhando bem, mas, de repente, a situação se deteriorar. E, assim como ocorre com igrejas e denominações, também acontece com pastores, que às vezes estão indo bem, mas subitamente mudam.

Enfim, aconteceu algo com a igreja de Corinto que deteriorou de vez a relação entre os coríntios e o apóstolo Paulo. Ao que tudo indica, aqueles falsos mestres tinham feito uma campanha muito agressiva dentro da igreja contra o apóstolo e haviam conseguido ganhar a atenção de parte dos coríntios. Um grande grupo de membros da igreja ficou outra vez contra o apóstolo Paulo, e dessa vez de forma mais ferrenha.

Paulo tomou conhecimento disso, embora não saibamos como nem através de quem. Mas essa é a única explicação para a mudança de tom do apóstolo. Pois, do capítulo 1 ao 9 vemos um Paulo grato a Deus porque o problema com a igreja estava resolvido. A partir do capítulo 10, porém, é como se o problema não tivesse se resolvido, mas sim piorado. Como explicar essa mudança?

E aqui entra a segunda parte da explicação. Na primeira parte, recapitulamos os

fatos. Agora, vamos justificar a mudança de atitude de Paulo e entender o que é, então, essa segunda parte da carta, que vai do capítulo 10 ao 13.

Nessa parte da carta, vemos o apóstolo indignado com a atitude dos coríntios. O tom dele muda e ninguém consegue conciliar o Paulo que escreve os capítulos 10 ao 13 com o Paulo que escreveu os capítulos 1 e 2 de 2Coríntios, elogiando os coríntios, agradecendo, fazendo uma declaração de amor à igreja. Tudo parecia correr tão bem e, de repente, tudo muda. Vemos Paulo indignado, irônico, tomado de ira santa, na defensiva, avisando que fará uma terceira visita a Corinto, e desta vez irá para discipliná-los. Ou seja, ele diz que irá exercer sua autoridade apostólica e investigar a situação, pois quer resolver esse assunto.

Nesse bloco dos capítulos 10 a 13, ele se defende veementemente das novas críticas e das novas acusações que estavam sendo feitas contra ele. E ataca de maneira direta esses falsos apóstolos. É nesse trecho de 2Coríntios que é mais claramente revelada a natureza dos inimigos de Paulo, por meio dos ataques e das críticas que este faz aos falsos mestres.

Ele anuncia a intenção de fazer sua terceira visita, mas, dessa vez, não será como a segunda visita, da qual ele saiu humilhado. Dessa vez, Paulo garante que será diferente, pois usará sua autoridade apostólica na visita que pretende fazer para resolver o assunto. E garante ainda que, se tiver de usar de firmeza contra os coríntios, ele usará. Paulo não está mais buscando reconciliação — não com esses líderes nem com esse grupo. Ele está indo, de fato, para exercer a sua autoridade apostólica.

Portanto, a explicação que, a meu ver, justifica a mudança de tom de Paulo é que, entre o capítulo 9 e o capítulo 10, há um espaço de tempo durante o qual voltaram a aparecer acusações contra Paulo na igreja de Corinto. E recomeçou todo aquele drama, que deteriorou de novo a relação de Paulo com a igreja, obrigando o apóstolo a mudar de tom e a fazer outra vez a defesa de seu ministério — algo que ele já tinha feito na primeira parte da carta, mas agora sente que precisa fazer de maneira mais firme. Minha hipótese, portanto, é que Paulo escreveu primeiro os capítulos 1 a 9. Depois, com a volta dos problemas na igreja, ele se senta e escreve os capítulos 10 a 13, junta-os aos capítulos 1 a 9, os entrega todos a Tito e àqueles outros dois irmãos, e pede que os leve à igreja de Corinto. A pedido de Paulo, Tito leva esses dois diferentes blocos da carta (o primeiro bloco, que vai dos capítulos 1 a 9, e o segundo bloco que vai dos capítulos 10 a 13), entrega-os aos coríntios, e aproveita para tratar do assunto da

coleta prometida, pois Paulo disse que faria uma terceira visita e não queria ser surpreendido quando chegasse lá. E isso explica, portanto, o que são os capítulos 10 a 13 de 2Coríntios e o porquê de eles destoarem tanto do primeiro bloco da carta, composto pelos capítulos 1 a 9.

A estrutura de 2Coríntios 10—13

Para facilitar as exposições, que faremos nos capítulos seguintes, sobre essa parte eletrizante da carta, em que vemos Paulo bastante indignado, apontarei a estrutura que vamos seguir. Na verdade, essa estrutura é composta de três partes. Na primeira parte, Paulo se defende das novas críticas que surgiram na igreja, feitas pelos falsos mestres contra o seu ministério e seu apostolado, e que foram recebidas e aceitas por uma parcela dos membros da igreja. Essa primeira parte vai de 10.1—12.13. Nela, Paulo se defende particularmente de cinco acusações. Primeiro, os falsos mestres diziam que Paulo estava usando uma estratégia carnal, pois, quando estava presente, era manso e humilde — uma referência à segunda visita, da qual ele saiu humilhado —, mas, quando estava ausente, ele se mostrava e mandava uma carta severa. Em outras palavras, é como se dissessem: “Mas o que é isso? Quando está presente é manso como um cordeiro, mas quando está ausente fica bravo como um leão!”. Isso lembra muito um fenômeno de hoje nas redes sociais. O indivíduo é valente nas redes sociais, mas, se alguém marcar um encontro pessoal com ele, para confrontá-lo, fica manso. Já me aconteceu isso. E essa é a mesma acusação que os coríntios estavam fazendo ao apóstolo Paulo, insinuando que ele era um covarde. Assim, Paulo terá de se defender da acusação de que estava usando essa estratégia carnal. E o faz em 2Coríntios 10.1-12. Ele se defende da acusação de que está utilizando procedimentos mundanos.

A segunda acusação é que ele tinha invadido território não autorizado. Os críticos de Paulo questionavam quem o havia autorizado a ir a Corinto pregar o evangelho. E diziam que não fora a igreja de Jerusalém. Essa acusação de invasão de território era feita pelos falsos mestres, que se diziam autorizados para assumir o trabalho em Corinto, e acusavam Paulo de ter ido além do que deveria ter ido. Paulo responde a isso em 10.13-18.

A terceira acusação é que Paulo era fraco na pregação, não tinha carisma. Paulo trata de refutá-la em 11.1-6. É como se dissessem: “Paulo não tem retórica. Suas cartas são graves, sérias, têm muita teologia. Mas, pessoalmente, ele prega mal, é fraco. Sua presença é desprezível, se comparada com a retórica dos novos ‘apóstolos’ da igreja e, talvez, até com a de Apolo”. Apolo foi o pastor que sucedeu Paulo na igreja de Corinto. Ele é o único personagem a quem o Novo Testamento se refere como alguém eloquente em suas palavras. Talvez porque Apolo fosse de Alexandria, um dos berços da cultura da época, cidade famosa por sua biblioteca, pela extensão da sua cultura, e pelas escolas de retórica e filosofia. Portanto, sendo alexandrino, Apolo era um homem versado, culto e contrastava, talvez, com o apóstolo Paulo, um homem muito mais direto, um ex-perseguidor judeu. Assim, havia também essa acusação de que Paulo era fraco de púlpito, de presença, e não impressionava ninguém. Se você é pastor, tenho certeza de que já deve ter ouvido esse tipo de crítica.

A quarta acusação é que Paulo era arrogante. Por que arrogante? Os falsos mestres diziam aos membros da igreja de Corinto que Paulo não os amava e era arrogante. A prova disso é que, quando esteve em Corinto, ele não aceitou a ajuda que os coríntios lhe ofereceram. Ou seja, Paulo não quis receber dinheiro da igreja de Corinto. Que arrogância! Será que ele se achava melhor do que os coríntios, para não querer sua ajuda? A situação é complicada: se Paulo tivesse aceitado a ajuda, seria criticado. Como não a aceitou, foi criticado também. Tem situações que não têm jeito. É o caso de Paulo aqui. Ele estava sendo criticado porque não recebeu ofertas na igreja de Corinto, o que, segundo os falsos mestres, mostrava que ele se achava superior e não tinha amor pela igreja. Paulo responde a isso em 11.7-15, trecho em que dá os motivos pelos quais ele não recebeu sustento da igreja de Corinto, embora tivesse autoridade.

A quinta e última acusação, e a que levou mais tempo para ele refutar, era a de que ele era um líder fraco, insensato, tolo, tímido, alguém que não mostrava suas vitórias, não exaltava suas conquistas. Paulo, então, responde a essa crítica com uma extensa seção, que vai de 11.16—12.13, na qual ele, acusado de não se gloriar, resolve contar o que lhe acontecera através de Cristo. E, então, Paulo conta sobre sinais e prodígios, apresenta as credenciais do seu apostolado, fala dos seus sofrimentos por Cristo, conta da sua subida até o terceiro céu na presença de Deus (algo que ele nunca tinha contado). Ele era diferente de muitos irmãos, que bastam ter um sonho e já estão dando testemunho na igreja, no domingo. Durante anos o apóstolo Paulo guardou para si essa experiência de ter subido ao terceiro céu, na presença de Deus. Só a contou porque foi forçado

pelas circunstâncias. E, mesmo assim, ele diz que Deus lhe colocou um espinho na carne, para que não ficasse soberbo. Por isso ele não ficava se gloriando dessas coisas. Assim, a resposta a essa acusação vai ocupar até a metade do capítulo 12.

Portanto, essa é a primeira parte (10.1—12.13) desse segundo bloco de 2Coríntios, que vai do capítulo 10 ao 13.

A segunda é a parte em que Paulo revela seus planos de fazer a terceira visita. Os planos são revelados de 12.14—13.10. Paulo anuncia a visita, seus propósitos, e fala do receio que ele tem de chegar lá, encontrar os coríntios endurecidos e ter de usar a vara. E, em 13.1-10, diz que pretende investigar a questão que estava acontecendo e punir o culpado. Então, na terceira parte da estrutura de 2Coríntios 10—13, Paulo conclui a carta (em 13.11-13).

Por isso eu disse que era necessário que entendêssemos o que são os capítulos 10 a 13, que compõem esse segundo bloco da carta de 2Coríntios. Sem essa explicação, eles parecem soltos, desconectados da carta. A explicação é que, entre o capítulo 9 e o capítulo 10, há um espaço de tempo durante o qual aconteceu todo aquele drama na igreja de Corinto, que azedou a relação de Paulo com a igreja e o obrigou a mudar de tom e a fazer mais uma vez a defesa de seu ministério, algo que ele já tinha feito na primeira parte da carta, mas agora sente que precisa fazer de maneira mais firme.

Conclusão e aplicações práticas

O que isso tudo pode nos ensinar? Tentei extrair algumas lições preciosas.

A primeira delas é que, mesmo os mais fiéis, dedicados e piedosos servos de Deus estão sujeitos a sofrer desapontamentos. Você já pensou no desapontamento do apóstolo Paulo? Ele achou que o problema na igreja estava resolvido. Devia estar feliz da vida. De repente, chega a bomba: a situação na igreja piorou, reverteu-se, estava pior.

Paulo era um servo de Deus, um apóstolo de Jesus Cristo cheio do Espírito

Santo, homem levantado por Deus para pregar o evangelho. Mas nada disso significava que Deus o poupava de frustrações, dores e dificuldades inerentes ao ministério e ao trabalho no meio do povo de Deus. Por isso, digo a você: se tem um trabalho na igreja, se exerce alguma liderança, se serve na igreja, seja ela qual for, esteja preparado para se frustrar, se decepcionar. Se aconteceu com o apóstolo Paulo, quem dirá com você ou comigo? Se Deus não poupou Paulo, por que nos poupava de passar por isso? Portanto, estejamos preparados para lembrar que a igreja, enquanto estiver aqui neste mundo, está sujeita a todo tipo de erro, a todo tipo de pecado, a todo tipo de reveses, a todo tipo de práticas estranhas.

E isso nos leva justamente à segunda lição que podemos extrair. A crise na igreja de Corinto nos lembra que outras igrejas também passam por crises. Há períodos de bonança, de alegria, mas há períodos de crise. Uma igreja não vive um bom período o tempo todo. Ela tem altos e baixos, e devemos agradecer a Deus pelos tempos bons que ele nos dá em nossas igrejas, aproveitá-los para crescer e pregar o evangelho, e estarmos preparados para as crises que inevitavelmente haverão de vir. Elas haverão de vir, como vieram para a igreja de Corinto.

A terceira lição que eu gostaria de extrair é que os maus exemplos nunca deveriam nos fazer desanimar. Veja a luta de Paulo e como ele não desistiu da igreja de Corinto. Há pastores que olham para essa situação e podem se sentir um pouco desanimados, ou mesmo pastores que já passaram por dificuldades semelhantes em seu ministério. E muitos passam por isso! Entretanto, os maus exemplos de igrejas problemáticas, de ministérios frustrados, de ministérios destruídos não deveriam nos desanimar, pois, em meio a tudo, Deus preserva a sua igreja; Deus preserva aqueles que são seus. Sempre haverá no mundo uma igreja para servir a Deus em espírito e em verdade. A igreja local, a igreja visível, a igreja militante desvia-se, divide-se, briga, tem problemas. Mas, mesmo em meio a todos esses problemas, Deus tem o seu povo, o seu remanescente fiel. Então, por amor a esse remanescente, nós não desanimamos, nós prosseguimos, queremos ser fiéis e abençoar aqueles irmãos e aquelas irmãs que, mesmo sofrendo, são crentes em Jesus Cristo e precisam de ajuda, de orientação. Portanto, os maus exemplos, os fracassos e os desânimos não deveriam nos fazer desistir da igreja aqui neste mundo. É isso que acontece com os desigrejados. Eles costumam dizer: “Igreja só dá problema. É só confusão. Prefiro ficar em casa e assistir ao culto pela televisão ou encontrar meus amigos no Starbucks, tomar um cafezinho e falar das coisas de Deus”. Essa é a maior comunhão que eles desejam ter. Mas nós não podemos desistir da igreja por

conta dos maus exemplos.

Imagine se Paulo tivesse feito isso com Corinto, igreja que foi aparentemente um fracasso. Eu digo “fracasso” porque, no final do século 1, Clemente, um dos pais da igreja, escreveu uma carta para a igreja de Corinto, que tinha disciplinado e colocado para fora vários presbíteros de uma vez só, embora não tivesse nenhuma acusação contra eles. Ou seja, a mesma atitude de rebelião contra a autoridade que Paulo enfrentara, Clemente vai enfrentar 50 anos depois, ao escrever uma carta para essa mesma igreja. Corinto não se “emendava”. Mas será que vamos desistir da igreja por isso? De maneira nenhuma! Apesar de tudo, nós permanecemos firmes.

A última coisa que devemos lembrar é que sempre haverá falsos mestres se infiltrando nas igrejas, trazendo doutrinas perniciosas, heresias, erros, cujo objetivo é provocar divisão e dissensão. Daí a necessidade de estarmos sempre alertas, de conhecermos a Palavra de Deus, e ficarmos firmes, lembrando que Deus é fiel e guardará o seu povo na sua palavra.

Capítulo 24

a PRIMEIRA acusação contra paulo

2Coríntios 10.1-12

Intimidação por cartas

Eu, Paulo, peço-vos pela mansidão e bondade de Cristo; eu, que quando presente entre vós sou temeroso, mas, quando ausente, corajoso para convosco; eu vos suplico que, quando estiver presente, não seja obrigado a usar de coragem com firmeza, que espero mostrar a alguns que consideram que nos conduzimos por padrões humanos. Pois, embora vivendo como seres humanos, não lutamos segundo os padrões do mundo. Pois as armas da nossa guerra não são humanas, mas poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos raciocínios e toda arrogância que se ergue contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento para que obedeça a Cristo. Estaremos prontos para punir toda desobediência, quando alcançardes plena obediência. Observais a aparência externa. Se alguém tem a convicção de ser de Cristo, considere este fato: assim como ele é de Cristo, também nós o somos. Pois não me envergonharei, embora, de alguma forma, eu me glorie mais da autoridade que o Senhor nos concedeu para a edificação, e não para a vossa destruição. Não quero que pareça que desejo intimidar-vos por meio de cartas. Pois dizem: As cartas dele são duras e fortes, mas sua presença pessoal é fraca, e sua pregação não impõe respeito. Considere tal pessoa que o que somos em palavras por meio de cartas, estando ausentes, também seremos pelos atos, estando presentes. Pois não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se recomendam a si mesmos. Mas estes, medindo-se e comparando-

se consigo mesmos, mostram não ter entendimento.

No último capítulo, vimos que esse segundo bloco da segunda carta aos Coríntios, que corresponde aos capítulos 10 a 13, provavelmente foi escrito algum tempo depois que Paulo terminou o primeiro bloco, que corresponde aos capítulos 1 a 9. E a razão para isso é que existe uma diferença muito grande de tom entre o que ele diz na primeira parte (capítulos de 1 a 9) e o que ele vai dizer agora, nos capítulos de 10 a 13. No primeiro bloco, Paulo está grato, feliz, animado, porque recebeu boas notícias da igreja em Corinto: a igreja tinha se arrependido, tinha disciplinado a pessoa que comandava a rebelião contra ele, tinha professado seu amor pelo apóstolo, disse que tinha saudade de Paulo. Enfim, parecia que toda tensão havia terminado.

Havia ainda um foco ou outro de resistência, mas era algo menor. O tom do primeiro bloco da carta, portanto, era de alegria. Paulo está feliz e satisfeito com tudo aquilo que havia acontecido. Mas, a partir do capítulo 10, o tom da carta azeda. Paulo assume um tom de censura, de crítica. Confronta os coríntios, e o faz de maneira bem mais intensa do que havia feito no primeiro bloco da carta, quando também teve de defender a sua autoridade apostólica. Agora, porém, o apóstolo faz isso com um vigor e uma indignação que não encontramos no primeiro bloco. Esse é o quebra-cabeça para o qual os estudiosos de Paulo têm de encontrar uma resposta: o que aconteceu para Paulo mudar tão drasticamente de tom do capítulo 9 para o 10?

Há muitas explicações, mas são três as principais. E a que parece menos complicada é a que defende que Paulo tinha escrito o primeiro bloco da carta, até o capítulo 9, pensando em terminá-la e enviá-la por intermédio de Tito. Inclusive, deu a Tito a missão de concretizar aquela oferta que os coríntios tinham dito que levantariam para os crentes pobres de Jerusalém. Enquanto Paulo se preparava para terminar a carta, porém, chegaram novas notícias, dizendo que a situação em Corinto tinha mudado, e que, pelo que parecia, aqueles falsos profetas e falsos mestres, a quem Paulo menciona nos capítulos 1 a 9 como se já fossem um problema resolvido, tinham virado o jogo e conseguido, de alguma forma, reconquistar a atenção dos membros da igreja de Corinto. E fizeram outras acusações contra o apóstolo Paulo. Dessa vez, aparentemente as acusações eram mais graves. E, de alguma forma, eles conseguiram que parte dos coríntios se bandeassem para o lado deles.

Provavelmente não a igreja toda, mas um grupo significativo estava manifestando hostilidade contra o apóstolo Paulo, sob influência desses falsos mestres. Eles rejeitavam a autoridade e a jurisdição espiritual de Paulo sobre eles; questionavam as motivações do apóstolo. Enfim, a situação havia se tornado tensa outra vez, e talvez até piorado.

Então, Paulo senta-se para escrever e tratar dessa nova situação. E o que ele escreve é exatamente os capítulos 10 a 13, mas com outro tom, porque a situação havia mudado. Então, entre o capítulo 9 e o 10 existe a possibilidade de haver um espaço de tempo em que o cenário na igreja mudou. Isso explicaria o porquê da mudança de tom do apóstolo Paulo. Esse segundo bloco da carta é onde Paulo se defende de uma série de novas acusações feitas por esses falsos mestres, que aparentemente tinham ganhado credibilidade com parte da igreja de Corinto.

Já mencionei que, até o final do século 1, os líderes da igreja cristã tiveram problema com a igreja de Corinto. Mencionei, inclusive, a primeira carta de Clemente a Corinto — escrita por volta do ano 90 d.C., que não é uma carta canônica, mas da qual temos registro —, na qual este se queixa exatamente da mesma coisa: da arrogância dos coríntios, da sua não submissão às autoridades, e coisas semelhantes. Aparentemente, havia um problema naquela igreja que nem mesmo o apóstolo Paulo conseguiu resolver, o que serve de consolo para os pastores, quando parece que falhamos miseravelmente em nossa missão de ajudar uma igreja. Nem sempre o problema é o pastor ou o obreiro. Às vezes, existem igrejas que são complicadas mesmo.

Neste capítulo, nós veremos a primeira acusação nessa nova série de intrigas armadas contra Paulo. Era a acusação de que ele estava fazendo uso de estratégias carnis, pois, quando estava em Corinto, era de um jeito, mas, quando estava ausente e enviava uma carta, ele era outro, e isso era uma estratégia carnal, pois Paulo não estava sendo sincero, tinha duas caras, era incoerente. Essa é a acusação a que ele responde nos versículos 1 a 12 do capítulo 10. Vamos analisá-la mais de perto, para podermos entender a resposta do apóstolo Paulo.

Os dois versículos iniciais são uma introdução geral ao segundo bloco da carta como um todo, mas estão mais diretamente relacionados à primeira acusação, cuja resposta ocupa os versículos de 1 a 12.

Humilde, quando presente, ousado, quando ausente

Pelo que podemos perceber dos capítulos 10 a 13, foram feitas cinco novas acusações ao apóstolo. A primeira era que Paulo era humilde, temeroso, quando estava presente na igreja; mas ficava ousado, corajoso, quando estava ausente e se comunicava por cartas, como está no versículo 1: “E eu mesmo, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde; mas, quando ausente, ousado para convosco” (ARA). Aqui, ao que tudo indica, Paulo está repetindo o que a igreja dizia a seu respeito. É como se ele dissesse assim: “Eu, Paulo, — eu, que vocês dizem que sou humilde, quando estou presente, mas sou ousado, quando estou ausente”. Assim, o primeiro versículo reflete aquilo que estava sendo dito na igreja a respeito do apóstolo. O mesmo ocorre no versículo 2: “eu vos rogo que não tenha de ser ousado, quando presente, servindo-me daquela firmeza com que penso devo tratar alguns que nos julgam como se andássemos em disposições de mundano proceder” (ARA).

Assim, uma coisa fica bem clara: haviam pessoas na igreja de Corinto que julgavam o apóstolo, dizendo que ele procedia de acordo com os homens, pois andava de maneira humana, e não espiritual, como deveria ser.

No versículo 3, Paulo se defende, dizendo: “Pois, embora vivendo como seres humanos, não lutamos segundo os padrões do mundo”. Ou seja, a acusação era de que ele militava, trabalhava, exercia o seu ministério na carne, e não no espírito, de que ele se valia de métodos humanos, e não de métodos espirituais.

Deixem-me antecipar por um momento o versículo 8, onde Paulo diz que se gloriava de sua autoridade, mas que a autoridade que tinha era para edificar. Então, no versículo 9, diz claramente: “Não quero que pareça que desejo intimidar-vos por meio de cartas”. Ou seja, qual era a acusação? Que Paulo, de longe, ficava escrevendo cartas para intimidar a igreja, dizendo que ele era apóstolo, que tinha autoridade, falando grosso por carta. Mas seu alvo era intimidar a igreja. Paulo diz, então, em outras palavras: “Não. Não é essa minha intenção”.

E continua a discorrer sobre sua acusação, no versículo 10: “Pois dizem [os críticos de Paulo]: As cartas dele são duras e fortes, mas sua presença pessoal é

fraca, e sua pregação não impõe respeito”. A acusação, a crítica, era mais ou menos esta: “Quando Paulo está aqui, a presença dele é fraca, sua palavra é desprezível. Ele não prega bem, é fraco como pregador. Mas, quando está ausente, envia cartas duras, pesadas, cheias de autoridade”. Todas essas críticas se resumiam numa só: eles estavam dizendo que Paulo tinha “duas caras”, que ele era incoerente. E isso é uma maneira mundana de proceder, e não a maneira de um servo de Deus. O servo de Deus tem de ser sincero, tem de ser sempre o mesmo, seja presente, seja ausente. E diziam que Paulo não estava agindo assim. Essa era a crítica feita ao apóstolo Paulo.

O equivalente disso nos dias de hoje seria dizer que um pastor é valente no Facebook, escreve contra todo mundo, mas pessoalmente, na hora do confronto, não é nada daquilo que parece ser. A crítica feita a Paulo seria alguma coisa desse tipo.

Vejamos, então, como o apóstolo Paulo responde a essa acusação.

Não me obriguem a agir com firmeza

Na primeira parte de sua resposta à acusação, Paulo roga que não seja obrigado a agir com firmeza contra os que o julgam, quando ele for a Corinto. O apóstolo estava planejando fazer uma terceira visita à igreja de Corinto. A primeira foi quando ele esteve na cidade para plantar a igreja. A segunda visita foi para tentar resolver os problemas que já estavam escalando, e ele saiu de lá pesaroso, sentido pela visita que não deu muito certo. Agora, ele estava planejando uma terceira visita, para tentar resolver essa situação e ver o resultado da oferta que Tito, que estava a caminho de lá, tinha ido resolver.

Pensando nessa terceira visita, Paulo pede nos versículos 1 e 2, em outras palavras: “Não me obriguem a ser ousado com vocês, quando eu estiver presente. Porque vocês dizem que sou humilde, quando estou presente, mas sou ousado, através de cartas, quando estou ausente. Então, não me cobrem coerência, porque, se cobrarem, quando eu chegar em Corinto, serei tão ousado quando estiver presente, quanto sou através de cartas. Portanto, não me obriguem a fazer o que acho que tenho de fazer com vocês”. Paulo entrou no

jogo deles: “Está bem. Vocês estão dizendo que sou forte em minhas cartas e humilde quando estou presente. Então, não me obriguem a ser tão forte, quando estiver presente, quanto eu sou nas minhas cartas”. Em síntese, é isso que dizem os versículos 1 e 2.

Paulo faz esse pedido desta forma: “Eu, Paulo, peço-vos pela mansidão e bondade de Cristo” (10.1). Cristo foi manso e benigno, foi humilde, mesmo quando enfrentava seus adversários. Ele orava por eles, queria o seu bem, mas o fato de ele ser assim não significa que fosse fraco. O que Paulo está querendo dizer é que eles não deveriam confundir com fraqueza o fato de ele agir de maneira mansa e humilde, quando estava com os coríntios. Porque o próprio Senhor Jesus era manso e humilde no trato com os seus inimigos. Então, pela mansidão de Cristo, ele pedia que eles não o obrigassem a usar da autoridade que tinha, como vemos no versículo 2: “eu vos suplico que, quando estiver presente [na terceira visita], não seja obrigado a usar de coragem com firmeza, que espero mostrar a alguns que consideram que nos conduzimos por padrões humanos”.

Essa parte, portanto, começa com um pedido de Paulo, que entra no jogo dos coríntios, dizendo, em síntese: “Não me peçam para ter a coerência que vocês acham que eu deveria ter. Porque, se eu tiver essa coerência, quando chegar aí, vou ter de usar de firmeza. Vocês me acusam de não ter firmeza quando estou presente? Então, se é firmeza que querem ver, quando eu chegar em Corinto, vou usar de firmeza com aqueles que acho que devem ser tratados dessa forma”.

Ele se refere a um grupo que o acusa de andar “em disposições de mundano proceder”, tradução adotada pela ARA, cujo português é bonito, elaborado, mas às vezes soa complicado para nós, nos dias de hoje. A expressão “andar em disposições de mundano proceder” significa andar como as pessoas mundanas andam; proceder de acordo com o padrão humano, e não com o padrão espiritual. Ou seja, quer dizer que as disposições, as intenções e os propósitos de Paulo são mundanos; que ele faz as coisas por motivações humanas. Diante dessa acusação, Paulo diz que vai tratar esse grupo com firmeza.

E, quando ele diz isso, devemos lembrar que, na primeira carta, ele já tinha entregado um ao Diabo (1Co 5). Lembra-se da história? Na igreja de Corinto, havia um membro que estava vivendo com a mulher de seu pai. A igreja não tinha tomado nenhuma providência com relação a discipliná-lo. Então, por carta — e talvez fosse por isso que alguns dissessem que, quando escrevia cartas,

Paulo era severo —, o apóstolo entregou aquele membro à Satanás, para que o corpo da carne fosse destruído, a fim de que o espírito fosse salvo no dia do Senhor Jesus. É claro que, quando fez isso, ele disse, em outras palavras: “Nós todos, ou seja, o Senhor, vocês, e o meu espírito, juntos, como se fôssemos uma assembleia virtual, julgamos e excluimos da igreja esse membro”. Foi isso que Paulo fez em 1Coríntios 5, com a autoridade apostólica que tinha. Portanto, o que ele está dizendo agora é, em resumo: “Vocês já viram que posso fazer isso por carta. Então, não me obriguem a fazer o mesmo quando eu estiver presente. Pois, se estão dizendo que sou incoerente, então serei coerente, e a primeira coisa que farei, quando chegar em Corinto, será usar de firmeza com esses que me acusam de ser carnal. É isso que pretendo fazer”.

Assim começa o capítulo 10. E já dá para perceber o tom de confronto que há nele.

Paulo usa armas espirituais

Do versículo 3 a 6, que compõem a segunda parte da resposta de Paulo, ele entra no mérito da acusação, e vai negá-la. Ele vai negar que milita segundo a carne, e vai afirmar que usa armas espirituais.

Por ter consciência de que é humano, Paulo diz: “Porque, embora andando na carne” (v. 3, ARA). Nesse versículo, porém, como é comum nos textos paulinos, ele usa a palavra “carne” em dois sentidos, muitas vezes, como nesse caso, até no mesmo versículo. A palavra “carne” no Novo Testamento tem vários significados. Ela significa o tecido que cobre o nosso esqueleto (ou seja, carne no sentido literal da palavra). Às vezes a palavra carne significa a natureza humana em contraste com a natureza divina. Outras vezes essa palavra significa simplesmente algo pecaminoso ou corrompido em contraste com o Espírito Santo. Em 2Coríntios 10.3, Paulo usa a palavra carne em dois sentidos. Primeiro, ele diz: “Porque, embora andando na carne”, ou seja, “Embora eu seja humano”. Em seguida, ele usa a palavra carne de novo, no mesmo versículo 3, para fazer um jogo de palavras: “não militamos segundo a carne” (ARA). Nessa segunda ocorrência, a palavra carne é usada em sentido pejorativo, negativo. Em outras palavras, ele disse: “Embora eu seja humano, isso não significa que eu proceda

de acordo com o padrão dos homens caídos. A minha luta e o meu ministério não são de acordo com os padrões mundanos, humanos, muito embora eu seja humano. Eu ando na carne, ou seja, eu sou humano, mas não milito segundo a carne, ou seja, não milito nem procedo segundo padrões mundanos caídos. Eu sou humano, mas não sigo, na pregação do evangelho, aquilo que os homens caídos e corrompidos fazem”. Ele sabe que é humano, mas não anda segundo os padrões humanos.

No versículo 4, Paulo diz que as armas que ele usa, na verdade, primeiramente, não são carnis. A palavra “carnis” (ARA) está sendo usado em sentido positivo de “humanas”. A palavra que ele usa para arma é extraída do linguajar militar daquela época: é a palavra *hopla*, que significa todo tipo de arma, o que naquela época podia ser espada, arco e flecha ou lança. Nesse versículo, é usada figurativamente, porque Paulo e outros autores do Novo Testamento geralmente veem o ministério cristão como uma batalha. As analogias que Paulo usa para a igreja, bem como para a luta da igreja neste mundo, dificilmente evocam a ideia de que a igreja seria como um hospital, para onde as pessoas vão a fim de serem curadas de seus males. As metáforas prediletas de Paulo retratam a igreja como um exército, e afirmam que estamos envolvidos em uma luta. Alguns só enfatizam essa analogia do hospital, que por sinal não se encontra em nenhum lugar na Bíblia. Mas, claro, não podemos só enfatizar as analogias que empregam a linguagem militar e esquecer que na igreja nós também cuidamos dos nossos feridos, mas não para que eles fiquem “em tratamento” para sempre. Tem crente que é de altíssima manutenção!

O alvo, porém, é transformar cada um de nós em soldados, porque estamos em guerra. Por isso, Paulo se refere a seu ministério sempre usando a linguagem militar. O exemplo mais claro que temos no Novo Testamento é Efésios 6, passagem em que ele fala da armadura de Deus, com a qual devemos nos vestir para podermos enfrentar os principados e potestades.

Assim, no versículo 4, quando diz que suas armas não são carnis, Paulo quer dizer que os métodos, os meios, os instrumentos que ele usa para levar adiante o evangelho, plantar igrejas, difundir o nome de Cristo, edificar as igrejas, não são métodos produzidos, usados, ou articulados com motivações carnis, pecaminosas e humanas. Suas armas, nessa luta, são espirituais. Paulo, naturalmente, está fazendo um contraste com os falsos profetas e os falsos mestres que tinham se infiltrado na comunidade de Corinto, usando de difamação e calúnias, querendo poder, minando a autoridade de Paulo, passando-

se por aquilo que eles não eram, fazendo promessas que não iriam cumprir, e apresentando um evangelho que não era o verdadeiro. Aquelas pessoas é que estavam usando armas carnavais para conseguir os seus intentos pecaminosos. Mas Paulo garante que não procede dessa forma. E afirma que suas armas, na verdade, são “poderosas em Deus” (v. 4). Ou seja, elas são poderosas, mas o poder que elas têm procede de Deus, e não de artifícios humanos. Ele usa armas, mas o poder dessas armas vem de Deus, e não da astúcia humana. Paulo está se referindo, sem dúvida, à pregação do evangelho, ao ensino, à defesa e à confirmação da verdade a respeito de Cristo, à luta dele contra os falsos mestres, contra os falsos ensinamentos.

Vemos isso também em Atos 17, quando Paulo chegou à sinagoga de Tessalônica, abriu as Escrituras e, segundo o relato do livro de Atos, expôs e arrazoou com as pessoas a respeito de Cristo, procurando provar pelo Antigo Testamento que Cristo era o Messias, e que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus batiam com tudo aquilo que os profetas tinham dito. Esse era o tipo de arma que Paulo usava. Era assim que ele procedia. O desejo dele era a glória de Deus, era ver o evangelho espalhar-se pelo mundo, era ver Cristo ser conhecido, exaltado e glorificado, e as pessoas serem salvas dos seus pecados e da sua condenação.

Assim, não são carnavais as armas de Paulo nem as suas motivações. Ele não é um mercenário. Ele não é um falso profeta. Ele não foi a Corinto para ganhar dinheiro. Ele não tem segundas intenções. A sua luta é espiritual, e ela é travada com armas espirituais. E essas armas são poderosas em Deus para fazer pelo menos cinco coisas que ele descreve. Primeiro, elas são “poderosas em Deus para destruir fortalezas” (v. 4). O termo “fortalezas” não é usado em sentido literal (ou seja, no sentido de uma fortificação construída de tijolos), mas em sentido figurativo (ou seja, como as fortalezas da mente). A mente humana se entrincheira atrás do erro e assim se fortalece. As armas que Paulo usava, em Deus, eram poderosas para acabar com as desculpas, com o raciocínio errado. Paulo usava essas armas para desconstruir o pensamento contrário a Deus. Assim, ele destruía fortalezas do erro e do pensamento contrário a Deus.

Ainda no versículo 4, ele diz que essas armas são poderosas para “anula[r] sofismas” (ARA). Sofisma é um subterfúgio, uma sutileza da lógica que os falsos profetas usam para induzir as pessoas ao erro. Paulo diz que as armas que ele emprega são poderosas para anular esse raciocínio sutil, que parece verdadeiro, mas de fato não é.

No versículo 5, ele afirma que essas armas são poderosas para destruir “toda arrogância que se ergue contra o conhecimento de Deus”. Ou seja, essas armas aniquilam o orgulho humano, que não deixa as pessoas conhecerem a Deus.

Por último, também no versículo 5, que é meu versículo predileto da Bíblia, Paulo afirma que as armas que usa são poderosas em Deus para “leva[r] cativo todo pensamento para que obedeça a Cristo” (v. 5). Eis o que está em jogo: levar cativo o pensamento. O pensamento, o raciocínio do ser humano, sempre é cativo de alguma coisa. Isto é, sempre está preso, ou tem como referencial, ou é orientado por alguma coisa, que pode ser a verdade ou o erro. A mente humana, portanto, é cativa do que chamamos de pressupostos: tudo aquilo em que cremos e acreditamos e que forma uma espécie de lente através das quais enxergamos e interpretamos a realidade. Então construímos, por meio de sofismas, fortalezas mentais para defender nosso pensamento e nos autoconvencemos disso.

Imagine, por exemplo, Paulo tentando convencer os judeus de que Jesus era o Messias. Paulo tinha de lutar contra a fortaleza de incredulidade do farisaísmo, do legalismo, todas aquelas ideias erradas desenvolvidas pelos escribas e mestres da lei. E tinha de desmontar toda aquela argumentação, os sofismas que eram utilizados para justificar tais práticas, e levar o pensamento dos judeus cativo a Jesus Cristo, para que eles cressem que Jesus, de fato, era o Senhor. Esse era o alvo de toda luta de Paulo: cativar a mente. O alvo do cristianismo é exatamente este: cativar o pensamento, pois é no pensamento que a luta é travada. E é isso que as falsas religiões também querem. É isso que o islamismo quer: cativar o seu pensamento. É também o que as testemunhas de Jeová querem. Por isso nos chamam para conversar, e apresentam sofismas, constroem argumentos. A luta, portanto, é pela mente.

Mesmo no meio evangélico, aparecem sempre aqueles pastores que dizem que o alvo do Diabo é fazer a pessoa ficar doente, perder o emprego etc. Conhecemos a ênfase que o movimento da batalha espiritual dá à atuação dos demônios, no sentido de nos prejudicar fisicamente. Mas não é esse o alvo do Diabo. Cometemos um erro muito grande quando não conhecemos a estratégia do inimigo. O alvo do Diabo é ganhar a mente. Sua arma principal não é a doença, não é a carestia, não é o “devorador”, não é a maldição hereditária. A arma principal do Diabo é o erro. Por isso ele é chamado de o “pai da mentira”. Ele quer levar cativo o pensamento. Se ele conseguir cativar seu pensamento ao erro, ganhou a batalha. Então, o alvo de Paulo, na luta do ministério, era este: levar cativo o pensamento dos seus ouvintes para obedecerem a Jesus Cristo. Era

entronizar no pensamento Cristo como Senhor, referência, aquele a quem todo raciocínio, todo pensamento, todo argumento, toda pressuposição se submetem. No momento em que a pessoa tira Cristo como referencial do seu pensamento, as opiniões que restam são o naturalismo, o ateísmo, o materialismo, o darwinismo evolucionista, o pragmatismo, o relativismo moderno, a pós-modernidade, enfim, todos esses “ismos”, ideias e blocos de ensinamentos que compõem as ideologias que cativam a mente dos homens. Por isso eles ficam cegos e surdos, quando pregamos o evangelho. Não faz o menor sentido para eles, porque têm fortalezas construídas em suas mentes. Eles usam de sofismas e da altivez do pensamento humano (v. 5), que não se submete a Jesus Cristo.

Que tarefa a nossa de pregar o evangelho! É isso que a pregação do evangelho envolve.

Em resposta a seus acusadores, que diziam que ele se “conduzi[a] por padrões humanos” (10.2), Paulo diz que suas armas não são carnisais, mas espirituais. Elas são poderosas em Deus para destruir as fortalezas do erro e anular os sofismas dos enganadores, derrubar a altivez do coração humano e levar cativo todo pensamento à obediência de Jesus Cristo. Do que Paulo estava falando? Da pregação da Palavra, do ensino da Palavra, do poder do Espírito Santo para o convencimento através não somente da lógica, da explicação, da comparação do Antigo Testamento com Jesus, mas também pela ação sobrenatural do Espírito de Deus no coração das pessoas.

Os sinais e prodígios, que ele fazia como apóstolo, ajudavam-no e colaboravam para isso; mas, se não fossem acompanhados da exposição da Palavra, seriam vãos. Vamos supor, por exemplo, que uma pessoa devota de Maria faça uma oração a Deus pedindo que a cure de um câncer. Deus, que é bom e tem compaixão de todas as pessoas, cura aquele câncer. Então, a pessoa vai dar graças a quem? A Maria! Vai mandar colocar no jornal: “Graça recebida de Maria” (havia esse costume antigamente). Quem busca casamento coloca: “Graça recebida de Santo Antônio: arrumei um marido”. Mas não foi Santo Antônio, foi Deus que arrumou o marido. Entretanto, a pessoa interpreta um milagre à luz daquilo em que crê.

Um milagre sem a Palavra será interpretado e usado de qualquer jeito. Nunca o milagre por si só tem o poder de operar aquilo que o evangelho opera.

Paulo termina no versículo 6, depois de dizer que essas armas levam cativo o

pensamento à obediência de Cristo — e estava pensando naqueles rebeldes que estavam em Corinto —, dizendo: “Estaremos prontos para punir toda desobediência [de vocês]” (v. 6). O tema ainda é a ida dele a Corinto. Ele está dizendo, em outras palavras: “Quando eu for visitar vocês, são essas as armas que vou levar. E estou pronto a usá-las”. Paulo exhibe seu arsenal e diz que, quando chegar em Corinto, estará pronto a punir toda desobediência, “uma vez completa a vossa submissão” (v. 6, ARA). É como se Paulo dissesse: “Para punir a desobediência, preciso que vocês estejam comigo, para que eu possa exercer autoridade sobre esses rebeldes, esses críticos que, na verdade, não são de Cristo, mas sim inimigos de Cristo”. Foi assim também que Paulo agiu em 1Coríntios 5: quando entregou aquela pessoa ao Diabo, ele o fez em conjunto com a igreja de Corinto. É a mesma coisa que ele está dizendo em 2Coríntios 10.6: ele vai punir os desobedientes, mas, antes, precisa que os coríntios sejam submissos, reconheçam a autoridade de Paulo, que o recebam como seu pai espiritual, para que, então, ele possa fazer aquilo que deve fazer.

A autoridade apostólica nas cartas

Na terceira parte de sua resposta à acusação, apresentada dos versículos 7 a 12, Paulo dá a explicação por ele ter se gloriado de sua autoridade apostólica nas cartas.

Lembramos que, uma parte da acusação era que, quando Paulo escrevia suas cartas, parecia bravo, forte, e se gloriava de ser um apóstolo de Jesus Cristo, como se estivesse se prevalecendo dessa autoridade. Em resposta, Paulo explica essa questão.

Ele, de fato, havia se gloriado de ser um apóstolo de Jesus Cristo, em 1Coríntios 9.1,2: “Não sou eu livre? Não sou eu apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Não sois vós resultado do meu trabalho no Senhor? Se para os outros não sou apóstolo, pelo menos o sou para vós. Porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor”.

Assim, vemos que, na primeira carta aos coríntios, Paulo já tinha se gloriado da sua autoridade apostólica, dizendo que era o apóstolo de Corinto, o fundador

daquela igreja e, portanto, seu pai espiritual. Diante disso, os críticos começaram a dizer que Paulo estava querendo amedrontá-los, que ele falava grosso quando escrevia, mas quando estava presente não era bem assim.

Como Paulo responde a isso? A resposta de Paulo a essa acusação de autoexaltação é composta de cinco pontos. Lembremos, porém, o pano de fundo dessa acusação. Aqueles falsos profetas, que estavam em Corinto fomentando uma rebelião dos membros da igreja contra o apóstolo Paulo, chegaram lá se gloriando, exibindo cartas de recomendação. Vimos a respeito disso no capítulo 3, no qual Paulo fala aos coríntios, em outras palavras: “Vocês são a minha carta de recomendação. Eu não preciso de carta de recomendação. Esses homens é que precisam, eu não. A prova de que sou apóstolo são vocês, a sua conversão, o fato de a igreja existir. Eu fundei a igreja”. Portanto, os falsos profetas estavam se gloriando de que eram apóstolos e tudo mais. Esse é o contexto que está por trás da resposta em que Paulo apresenta esses cinco pontos.

No primeiro ponto, Paulo alega que, se eles eram de Cristo, é evidente que Paulo também era: “Observai o que está evidente. Se alguém confia em si que é de Cristo [se referindo aos falsos apóstolos], pense outra vez consigo mesmo que, assim como ele é de Cristo, também nós o somos” (v. 7, ARA). Os falsos apóstolos chegaram em Corinto dizendo: “Nós somos de Cristo!”. Paulo, então, dizia, em outras palavras “Afirmção por afirmação, se você é, eu também sou. Vocês que chegaram agora estão dizendo que são de Cristo, quanto mais eu, que sou fundador da igreja, que trouxe o evangelho para essas pessoas”.

No segundo ponto, Paulo diz, no versículo 8, que não se envergonhava de se gloriar da autoridade que Cristo lhe havia dado como apóstolo: “Porque, se eu me gloriar um pouco mais a respeito da nossa autoridade, a qual o Senhor nos conferiu para edificação e não para destruição vossa, não me envergonharei” (v. 8. ARA). Ele diz que não tem vergonha de ter se gloriado de sua autoridade como apóstolo, pois essa autoridade lhe fora dada não para destruir os coríntios, mas para edificá-los. Por isso, ele não se envergonhava de dizer: “Eu sou apóstolo de Cristo. Ele me colocou aqui para ministrar a vocês, e por isso deveriam me obedecer. E não tenho vergonha de dizer isso, pois não estou usando essa alegação para destruir vocês, mas sim para edificá-los”.

Portanto, no terceiro ponto da resposta, Paulo diz, no versículo 9, que seu intuito nunca foi intimidá-los com cartas: “Não quero que pareça que desejo intimidar-vos por meio de cartas” (v. 9). Dito de outra forma: “Se eu me gloriei de ser

apóstolo em minhas cartas, é porque a minha autoridade visa edificar vocês. Eu não tinha a menor intenção de intimidá-los com as cartas”. Veja a preocupação de Paulo. Ele não queria que os coríntios o seguissem por medo. Ele poderia muito bem dizer: “Não toqueis no ungido do Senhor!”. Não podia? Mas qual foi a resposta dele? “Não é minha intenção intimidá-los com as minhas cartas. Se querem ser crentes e me aceitar como líder de vocês, que o façam por convencimento. Vejam as evidências e reconheçam que eu sou apóstolo de Jesus Cristo. Mas não tenho a menor intenção de que me sigam e se submetam a mim por medo de que eu, como apóstolo de Jesus Cristo, entregue o restante da igreja ao Diabo, como fiz na primeira parte daquela outra carta. Portanto, não quero intimidar ninguém com minhas cartas. De jeito nenhum! Não é esse meu intuito”.

Então, no quarto ponto de sua resposta, Paulo diz, nos versículos 10,11: “Pois dizem: As cartas dele são duras e fortes, mas sua presença pessoal é fraca, e sua pregação não impõe respeito. Considere tal pessoa que o que somos em palavras por meio de cartas, estando ausentes, também seremos pelos atos, estando presentes”. Esse argumento é o mesmo que Paulo usou no começo: “Vocês querem coerência? Estão dizendo que minhas cartas são graves e fortes, mas que minha presença pessoal é fraca e minha palavra, desprezível. Então, esperem eu chegar em Corinto. Estou indo para uma terceira visita. E serei em meus atos aquilo que vocês dizem que eu sou em minhas cartas”. No versículo 10, a palavra “desprezível”, que aparece em algumas versões bíblicas, qualificando a pregação de Paulo, tem levantado todo tipo de especulação de como era o apóstolo. Essa é a única pista que temos, em todo o Novo Testamento, de como seria o apóstolo Paulo. Os coríntios diziam que a presença pessoal dele era fraca. Afinal, como era o apóstolo Paulo? A única informação que temos, além dessa citação, é uma referência que encontramos num livro apócrifo chamado Atos de Paulo e Tecla.

Esse livro apócrifo, escrito no ano 150 d.C., relata que o apóstolo Paulo evangelizou uma moça chamada Tecla, e traz seus diálogos com ela. Nessa obra, Paulo é descrito da seguinte maneira: “Ele era alguém de baixa estatura, careca, com pernas tortas, duas sobrancelhas bem próximas e um nariz um pouco grande”. Ele devia ser bem feio! Tinha as duas sobrancelhas quase emendadas, um nariz de águia, era careca, baixinho, e tinha as pernas tortas como as do Garrincha! Essa é a única informação que temos, mais ou menos confiável, por ser do ano 150 d.C., de como seria a aparência do apóstolo Paulo. Nesse sentido, os coríntios tinham toda razão em dizer que a presença pessoal dele era fraca,

sem querer ofender aos baixinhos e carecas!

Ora, diziam que a sua presença pessoal era fraca, mas que, quando ele escrevia, suas cartas eram duras e fortes. Se essa descrição do apóstolo em Atos de Paulo e Tecla de fato for verdadeira, realmente, quem olhasse para Paulo não se impressionaria com sua presença física. Sabemos, porém, que a autoridade e o poder de Paulo não estavam em sua aparência. Talvez esse episódio esteja nos ensinando a nunca julgar ninguém pela aparência. Pois, mesmo que Paulo de fato tivesse essa aparência, nós estamos diante do maior teólogo, missionário e evangelista que o cristianismo jamais conheceu.

Paulo termina com o quinto ponto de sua resposta, dizendo: “Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos [uma alusão aos falsos mestres]; mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez” (v. 12, ARA). Ou seja, eles se apresentavam como apóstolos de Jesus Cristo, mas não tinham evidências, provas, não tinham absolutamente nada que demonstrasse isso. Portanto, eles se mediam consigo mesmos, isto é, seu referencial eram eles mesmos, como se dissessem: “Eu sou apóstolo de Jesus Cristo. Segundo qual padrão? O meu! Eu sou o padrão do que eu estou dizendo”. Então, Paulo diz que quem se compara consigo mesmo revela insensatez, pois, na verdade, nosso padrão é o Senhor Jesus Cristo. E Paulo arremata, dizendo que não ousa se classificar do mesmo modo que esses falsos apóstolos se classificavam.

Conclusão e aplicações práticas

A primeira conclusão é que essa passagem, no mínimo, nos ensina a nunca usar cartas ou comunicação escrita como um “castelo dos covardes”. Isso tornou-se um fenômeno muito comum com a popularização das mídias sociais e a facilidade dos meios de comunicação.

É bem verdade que há pessoas que usam os meios de comunicação por escrito e à distância, protegidas pelo anonimato, para dizer coisas que não teriam coragem de dizer cara a cara. A Bíblia sempre recomenda — e este é um ensino que encontramos desde os evangelhos até o final do Novo Testamento — que o

diálogo, a comunicação, a comunhão, o “entre vós”, a mutualidade sejam algo constante na igreja de Cristo. Por isso nos reunimos nas igrejas. Se não houvesse a menor importância em estarmos juntos, nós poderíamos ter nossos cultos de maneira virtual, ou seja, em nossas casas, com o pastor pregando por uma câmera. Mas por que não fazemos disso uma regra? Ou seja, por que só como exceção, no período da pandemia, adotamos o culto virtual? Hoje há recursos para isso. Há igrejas que se reúnem virtualmente no mundo, e não têm local físico. Os membros se encontram todo domingo para escutar e participar dos cultos pelos meios virtuais disponíveis. Mas, não fazemos disso uma regra, porque existe uma bênção, um valor, uma vantagem em estarmos juntos: a ideia de pertencimento, de vermos uns aos outros. A comunicação depende não só da voz, mas do timbre da voz, do gestual, da linguagem corporal, de sinais sutis, subentendidos. Além disso, Deus não nos criou para sermos sós. Quando ele criou o primeiro casal, ele criou um casal! Quando criou o homem, ele viu que não era bom que o homem estivesse só, e criou a mulher. Portanto, a comunhão é algo bom. Na comunhão podemos olhar as pessoas nos olhos e dizer o que pensamos.

O mundo virtual é uma bênção, e não temos ideia de como Deus está usando as mídias sociais para levar o evangelho a todo mundo. Mas esse mundo também causa a desagregação da igreja, justifica os desigrejados que ficam em casa, que assistem ao culto pela televisão, quando poderiam estar se congregando. Mas estes põem na própria igreja a culpa de não irem mais à igreja. Ora, igreja tem problemas mesmo. Olhe a igreja de Corinto, plantada pelo apóstolo Paulo! Qual igreja não tem dificuldade? Mas vamos deixar de congregar por causa de problemas na igreja? Isso é arrogância, porque a pessoa acha que tem o direito de pertencer a uma igreja que não tenha defeitos. Quem pensa assim é pecador como todo mundo; pode e deve participar de uma igreja, sim, porque todas elas têm seus defeitos, assim como todos nós. Essa é a primeira lição que eu gostaria de extrair.

Paulo estava sendo acusado de se expressar de um jeito nas cartas, e de outro jeito quando estava presente. A acusação era falsa, naturalmente. Mas ela pode ser verdadeira em relação a muitos de nós. Que ela não seja verdadeira em nosso caso! Que sejamos pessoas que, tanto virtualmente quanto presencialmente, digamos e vivamos a mesma coisa.

A segunda lição que quero extrair do texto que estudamos é que toda autoridade espiritual destina-se à edificação da igreja. Considero um ponto forte do texto a

intenção de Paulo de não usar sua autoridade para intimidar os coríntios. Todo ministério baseado no medo, no uso da posição para se impor e exigir obediência dos membros é carnal. Isso é metodologia humana, algo que Paulo garante que não usa. Isso é andar segundo disposições de mundano proceder. Paulo não faz esse tipo de coisa, embora, infelizmente, seja algo muito presente no meio evangélico.

Por último, também aprendemos que, para difundir e defender o evangelho, temos de usar estratégias, métodos e procedimentos que estejam entre as armas espirituais que Deus nos deu: a pregação da Palavra; a dependência do Espírito; a vida de oração; a vida de santidade e retidão. Nunca devemos fazer falsas promessas, iludir, usar de disfarces, de arrogância, e de métodos que promovam o ser humano. Acho que Paulo se referia a isso quando dizia: “as minhas armas não são carnis”. No fundo, ele está dizendo: “Eu não vou usar métodos carnis para encher a igreja”. Porque, se quiséssemos encher uma igreja, existem muitos métodos para fazer isso. Basta fazer carnaval na mídia, fazer propaganda e dizer que vamos curar e resolver o problema de todo mundo hoje à noite. Ou, então, que vamos fazer um show espetacular. É fácil fazer esse tipo de coisa, mas isso não vem de Deus, e igrejas que recorrem a isso terão de ficar inventando novidade todo domingo para manter o povo entusiasmado. Pois quem é atraído por esse tipo de evento está atrás de curiosidade, de novidade.

É preferível usarmos as armas que Deus nos deixou, para alcançar um crescimento saudável, sério, sustentado e que dará fruto para a vida eterna. Espero que isso seja útil e possa ajudar você, se for pastor, a ser fiel e a usar os métodos corretos para o bem da igreja.

Capítulo 25

QUEM SE GLORIA, GLORIE-SE NO SENHOR

2Coríntios 10.13-18

A necessidade de ética no trabalho pastoral

Nós, porém, não nos gloriaremos além da medida, mas nos limites da esfera de atuação que Deus nos designou e que chega até vós. Porque não estamos estendendo os nossos limites além do que convém, como se não tivéssemos chegado a vós, pois já chegamos também a vós pelo evangelho de Cristo. “Não nos gloriamos além da medida no trabalho dos outros; pelo contrário, temos a esperança de que, à medida que cresce a vossa fé, também o nosso trabalho cresça muito entre vós, de acordo com a nossa esfera de atuação,” para anunciar o evangelho nos lugares além de vós, e não em campo de atuação de outro, para não nos gloriarmos no que já estava pronto. Quem, porém, se gloria glorie-se no Senhor. Pois quem se recomenda a si mesmo não será aprovado, mas sim aquele a quem o Senhor recomenda.

No último capítulo, vimos que Paulo está justificando para a igreja de Corinto o fato de haver se gloriado da sua autoridade como apóstolo de Jesus Cristo, nas cartas que ele lhes escrevera. Ele fez isso em 1Coríntios, nos capítulos 4 e 9 e, também, com certeza, naquela outra carta chamada “carta severa” — escrita depois de 1Coríntios e antes de 2Coríntios, a qual não temos, pois se perdeu e não faz parte do cânon.

Lembramos que gloriar-se significa atribuir glória a si mesmo. Então, a recomendação de Paulo para que “quem [...] se gloria glorie-se no Senhor” significa que toda a glória deve ser atribuída a Deus, e não mais a si mesmo. Portanto, se gloriar-se é atribuir toda a glória a si mesmo, gloriar-se em outra pessoa é atribuir toda a glória a essa outra pessoa. Glória, nesse contexto mais amplo das palavras de Paulo, é o somatório de todas as coisas boas: majestade, poder, sabedoria, discernimento, enfim. Dependendo do contexto específico, portanto, pode ser qualquer uma dessas coisas.

Nas cartas anteriores, Paulo havia se gloriado, ou seja, havia atribuído glória a si mesmo como apóstolo de Jesus Cristo, no sentido de que dizia que era um apóstolo de Cristo, que tinha autoridade espiritual para exercer sobre a igreja de Corinto. Naturalmente, esse tipo de atitude poderia soar mal, como de fato soou aos ouvidos da igreja de Corinto, com a qual o apóstolo teve uma relação bastante tensa. Mas, o ponto é que Paulo, em 2Coríntios 10, justifica-se por ter feito isso, alegando que havia sido forçado, em virtude de algumas pessoas que se autodenominavam “apóstolos” estarem entrando na igreja de Corinto, fundada por Paulo, e se gloriando de que eram apóstolos de Jesus Cristo, inclusive superiores a Paulo, e se gloriando também em cima do trabalho de Paulo, dizendo que Corinto era território deles e que eles detinham a autoridade sobre a igreja de Corinto. Por isso, vendo-se obrigado a defender o evangelho e a igreja que havia fundado, Paulo alega que, na verdade, ele é genuinamente um apóstolo de Jesus Cristo, enquanto os outros são, na verdade, falsos apóstolos. Ele dirá isso mais claramente no capítulo 11, no versículo 5, quando vai chamá-los de “superapóstolos”. E, mais adiante, Paulo dirá: “Esses homens são falsos apóstolos, obreiros desonestos, disfarçando-se de apóstolos de Cristo. E não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz” (2Co 11.13,14). Veremos isso tudo a partir do próximo capítulo.

É esse tipo de gente que o apóstolo tinha de confrontar. Eles tentavam promover uma concorrência desleal, pois jogavam com armas baixas, com o objetivo de desqualificar o apóstolo Paulo e sua respectiva autoridade.

Dividiremos essa passagem em três partes. Na primeira, Paulo diz que, se ele se gloriou, o fez apenas nos limites da esfera de atuação que Deus lhe tinha dado. Ele não se gloriou no trabalho alheio, não se gloriou indevidamente, mas o fez somente dentro da área de atuação que Deus havia delimitado para ele (2Co 10.13,14).

Na segunda parte (versículos 15 e 16), veremos Paulo insistir no fato de que nunca foi prática sua se gloriar no trabalho de outros. Se estava se gloriando, ele o fazia apenas no âmbito do trabalho que Deus havia lhe dado, e em relação aos frutos que ele próprio havia colhido para a glória de Deus.

Na terceira e última parte, nos versículos 17 e 18, depois de ter dado todas essas explicações, Paulo afirma que, no final, a única pessoa digna de glória é Deus: “Quem, porém, se gloria, glorie-se no Senhor”. Ele está citando o profeta Jeremias, e conclui essa seção dizendo que somente são aprovados por Deus aqueles recomendados por Deus, e não por homens.

Gloriando-se nos limites da esfera de atuação que Deus demarcou

Começamos analisando a primeira parte da passagem, os versículos 13 e 14, nos quais Paulo diz que se gloria somente dentro da esfera de atuação que Deus lhe demarcou:

Nós, porém, não nos gloriaremos além da medida, mas nos limites da esfera de atuação que Deus nos designou e que chega até vós. Porque não estamos estendendo os nossos limites além do que convém, como se não tivéssemos chegado a vós, pois já chegamos também a vós pelo evangelho de Cristo (v. 13,14).

Quando Paulo diz que “respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós” (v. 13, ARA), provavelmente, estava se referindo àquele acordo que ele fez com Pedro, Tiago e João, quando da visita a Jerusalém, narrada em Galátas 2.9,10. Nessa passagem, Paulo conta que, após 14 anos de sua conversão, depois de já ter trabalhado um tempo entre os gentios, ele foi a Jerusalém. Chegando lá, ele procurou conversar com aqueles que eram os líderes do que ele chama de “o evangelho da circuncisão”, que eram Pedro, Tiago e João, líderes da igreja de Jerusalém, que era composta por judeus

convertidos ao cristianismo. Estava havendo uma tensão, porque esses judeus, que haviam se tornado cristãos através do ministério dos doze apóstolos de Cristo, achavam que os não judeus convertidos também tinham de se circuncidar e seguir a lei e Moisés. Havia alguns, inclusive, que achavam que o evangelho era só para os judeus. Mas outros diziam: “Não, pode ser também para quem não é judeu. Mas esses não judeus, chamados de gentios, têm de se circuncidar e seguir a lei de Moisés, para poderem fazer parte da igreja”. E havia uma discussão muito grande a esse respeito, que acabou no Concílio de Jerusalém, mencionado em Atos 15, o qual discutiu em que base os gentios poderiam entrar na igreja. Afinal, precisavam se circuncidar ou não? Eram essas questões que estavam no ar.

Paulo foi para Jerusalém e conversou com Pedro, Tiago e João a respeito disso. E diz o texto de Gálatas 2.9: “E quando reconheceram a graça que me havia sido dada, Tiago, Cefas [Pedro] e João, considerados colunas, estenderam a mão direita da comunhão a mim e a Barnabé, para que fôssemos aos gentios, e eles, à circuncisão” (Gl 2.9). Portanto, houve esse acordo, e as respectivas esferas de atuação foram demarcadas: Pedro, Tiago e João pregariam e continuariam a evangelizar especialmente ao judeus, enquanto Paulo e Barnabé atuariam entre os gentios.

Costumo brincar com nossos amigos católicos, que dizem que Pedro é o papa de toda a cristandade, e lhes digo que foi um mau negócio para Pedro, porque ele ficou só com os judeus, a parte menor. Paulo é quem deveria ser o papa, pois ficou com todo o mundo gentílico, uma esfera de atuação bem maior.

Essa foi a divisão de campo, o acordo feito entre os apóstolos em Jerusalém. Provavelmente é disso que Paulo está falando aos coríntios nessa segunda carta, quando disse: “Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós” (v. 13, ARA). A cidade de Corinto estava no âmbito do campo gentílico, e o mundo gentílico, que ficava fora de Jerusalém e da Judeia, era justamente a esfera de ação designada ao apóstolo Paulo. Por isso ele afirmou que não estava entrando no campo de outros, que não estava invadindo o território de ninguém, mas estava apenas respeitando o limite da esfera de ação que Deus lhe designou. Ao tecer esse comentário, é quase certo que Paulo está se lembrando daquele acordo à mercê de Deus e sob Deus, que foi feito quando ele visitou os apóstolos de Cristo em Jerusalém.

Assim, Paulo entendia que Corinto ficava dentro do seu campo de ação, como diz no final do versículo 13: esse campo “se estende até vós [coríntios]”. Portanto, ele não tinha extrapolado os seus limites quando ergueu uma igreja em Corinto. E também não estava extrapolando quando se gloriava de sua autoridade sobre aquela igreja, pois ela estava dentro do seu campo de ação. E a prova que ele acrescenta para isso, de que Corinto estava dentro da sua esfera de atuação, é que ele fora o primeiro a chegar lá com o evangelho: “Porque não estamos estendendo os nossos limites além do que convém, como se não tivéssemos chegado a vós, pois já chegamos também a vós pelo evangelho de Cristo” (v. 14). O fato de Paulo ter sido o primeiro a chegar a Corinto, a pregar ali o evangelho e a plantar uma igreja é a prova que ele apresenta dessa declaração de que Corinto está dentro do campo ou esfera de ação que Deus lhe designara. A prova, portanto, é o fato de que, pela graça de Deus, ele havia plantado uma igreja naquela cidade: “já chegamos também a vós pelo evangelho de Cristo”.

Há duas conclusões implícitas no que Paulo está dizendo. A primeira delas é que, uma vez que os coríntios estavam debaixo da jurisdição do apóstolo Paulo e da sua autoridade, eles não deveriam receber aqueles falsos pregadores, especialmente porque estavam ensinando um evangelho judaizante. Eles não deveriam receber aqueles pregadores no âmbito da igreja, sem a autorização apostólica de Paulo. E há uma segunda conclusão implícita no que Paulo está dizendo: aqueles pregadores — que estavam chegando a Corinto e dizendo que os coríntios tinham de guardar a lei de Moisés para serem salvos — estavam violando o acordo feito em Jerusalém, pois estavam entrando numa seara que não era a que lhes fora designada. Portanto, a verdade era o contrário do que eles estavam dizendo. Eles estavam dizendo que Paulo não tinha autoridade nenhuma, que ele não era apóstolo de Cristo e não podia pregar o evangelho naquela região de Corinto. Paulo, porém, apresenta os fatos e estabelece a verdade, dizendo que Corinto está dentro do seu limite de ação, sim.

Talvez o fato de os coríntios terem aceitado esses pregadores, cuja esfera de atuação não pertencia a Corinto, seja um dos atos de desobediência que Paulo menciona que irá punir em sua terceira visita: “Estaremos prontos para punir toda desobediência, quando alcançardes plena obediência” (v. 6). Paulo vem anunciando essa terceira visita com o fim de disciplinar a igreja, e provavelmente uma das coisas que irá corrigir é o fato de ela ter abrigado esses pregadores que estavam extrapolando a área de atuação que lhes fora designada.

Paulo não se gloria no trabalho dos outros

Na segunda parte da passagem, Paulo continua a se justificar por estar se gloriando. Primeiro, ele explicou que não se gloria sem razão, e que está se gloriando dentro da esfera de atuação que Deus lhe designou. Agora ele também diz que não se gloria no trabalho de outros:

Não nos gloriamos além da medida no trabalho dos outros; pelo contrário, temos a esperança de que, à medida que cresce a vossa fé, também o nosso trabalho cresça muito entre vós, de acordo com a nossa esfera de atuação, para anunciar o evangelho nos lugares além de vós, e não em campo de atuação de outro, para não nos gloriarmos no que já estava pronto (v. 15,16).

Quando Paulo se gloriava, gloriava-se do trabalho que ele fizera dentro do seu campo de atuação. Portanto, quando ele se gloriava e dizia que aqueles resultados eram fruto do seu trabalho, jamais o fazia em cima do trabalho que outras pessoas fizeram. É o que ele afirma no início do versículo 15: “Não nos gloriamos além da medida no trabalho dos outros”, pois agir assim seria algo fora de medida, além do que ele deveria fazer. Justamente por essa razão ele podia se gloriar da sua obra em Corinto e reivindicar autoridade apostólica sobre ela: Porque Corinto é fruto do trabalho do apóstolo Paulo. Aliás, era essa a sua regra. Paulo não se gloriava no trabalho dos outros, até porque ele tinha como regra pregar o evangelho onde Cristo nunca havia sido anunciado (como veremos mais adiante).

Os seus oponentes, que estavam se infiltrando na igreja de Corinto, pelo contrário, estavam se gloriando em si mesmos e tomando o crédito da obra que Paulo fizera ali. Estavam pescando no aquário de Paulo. Eles não tinham plantado a igreja, mas estavam querendo os convertidos, que eram fruto do trabalho do apóstolo Paulo. Estavam agindo como uma seita. As seitas geralmente não evangelizam, a não ser membros de outras igrejas. Elas

descobrem onde já existem evangélicos, e vão lá pescar no aquário dos pastores evangélicos, em vez de evangelizar quem realmente está precisando ouvir falar de Jesus Cristo. Era o que aqueles falsos mestres estavam fazendo: entrando num campo que não lhes pertencia, querendo levar todo crédito e se gloriar naquele trabalho que eles não plantaram.

Paulo, em contraste, apesar de tudo, ainda tinha esperança de que o problema dele com a igreja de Corinto, aquela tensão, se resolveria e que o trabalho em Corinto haveria de crescer. E, com esse crescimento, Paulo, então, poderia deixar a igreja estabelecida e forte, e avançar para pregar o evangelho mais além. É o que ele diz no versículo 15: “temos a esperança de que, à medida que cresce a vossa fé, também o nosso trabalho cresça muito entre vós, de acordo com a nossa esfera de atuação”.

É impressionante a boa vontade e a esperança que o apóstolo Paulo tem em relação a essa igreja. Vimos até o capítulo 9 a luta de Paulo para reestabelecer a comunhão, a sua autoridade e um bom relacionamento com a igreja. Tudo parecia caminhar bem. Mas, de repente, entre o capítulo 9 e 10, a igreja de Corinto parece ter retrocedido em suas boas intenções em relação a Paulo e começa a receber esses falsos profetas, o que obriga Paulo a mudar o tom da carta do capítulo 10 em diante. Mesmo assim, ele ainda não perdeu a esperança de conquistar a igreja, como ele diz, em outras palavras: “Tenho esperança de que a fé de vocês vai crescer, de que vão vencer esses obstáculos, de que não vão se deixar levar por esses falsos ensinamentos transmitidos por esses falsos mestres. Com isso, eu serei sobremaneira engrandecido entre vocês. O meu ministério será reconhecido entre vocês e toda essa tensão será resolvida. E tudo isso dentro da nossa esfera de ação”.

Podemos pensar assim: Parece que Paulo está sempre buscando se impor e se reafirmar como autoridade, como o líder do trabalho e tudo mais. Mas Paulo não estava buscando a própria glória. Tudo o que ele fazia, era pensando na expansão do reino de Deus, como ele diz no versículo 16. No versículo 15, ele diz que queria que eles crescessem para que o seu trabalho fosse reconhecido. Mas, no versículo 16, ele diz que esperava que essas coisas acontecessem “para [que ele pudesse] anunciar o evangelho nos lugares além de vós” (v. 16). Ou seja, Paulo queria resolver o problema de Corinto porque isso estava travando o apóstolo. Ele não tinha como continuar seu ministério e avançar na pregação do evangelho, enquanto os problemas internos daquela igreja não fossem resolvidos. E sabemos como isso funciona. Uma igreja que está envolvida em

disputas internas, com problemas internos, problemas de santificação, problemas de liderança, não permite que a expansão missionária ocorra. Não consegue avançar. Por isso Paulo estava esperançoso de resolver os problemas com a igreja de Corinto, para que ele pudesse “anunciar o evangelho nos lugares além de vós”.

Nesse sentido, Corinto estava sendo um entrave para a obra missionária. Paulo queria avançar para além das fronteiras de Corinto. Talvez estivesse mirando a região mais a oeste do mar Mediterrâneo, particularmente a Espanha. Na carta aos Romanos, ele revela que seu plano era ir pregar o evangelho na Espanha, local em que Cristo não havia sido ainda anunciado. Mas, enquanto não resolvesse o problema de Corinto, ele não tinha como prosseguir com seu plano, pois essa tensão na igreja estava drenando as energias e o tempo do apóstolo. Já vimos nos capítulos anteriores que, enquanto aguardava notícias da igreja de Corinto através de Tito, um cooperador que enviou para lhe trazer essas notícias, Paulo não teve tranquilidade no seu espírito, mesmo abrindo-se portas de oportunidades na Macedônia. Ele usa estas palavras: “Quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, ainda que uma porta me tivesse sido aberta pelo Senhor, não tive descanso no meu espírito, pois não encontrei ali meu irmão Tito. Assim, despedindo-me deles, parti para a Macedônia” (2Co 2.12,13).

Veja como uma igreja complicada de fato consome o coração, o tempo e a visão de pastores e de obreiros que querem expandir seu trabalho. Por isso, então, Paulo esperava que o problema se resolvesse, para que ele pudesse expandir o seu trabalho, seguindo a regra de não pregar onde outros já tinham pregado: “para anunciar o evangelho nos lugares além de vós, e não em campo de atuação de outro, para não nos gloriarmos no que já estava pronto” (v. 16). Paulo não queria se gloriar em coisa já realizada em campo alheio. Ou seja, ele não queria tomar crédito da obra feita por outros obreiros. Por isso ele ia pregar o evangelho onde ninguém tinha pregado antes, “para não nos gloriarmos no que já estava pronto”.

Gloriando-se em Deus

Por último, Paulo diz que, no final, nós temos de nos gloriar mesmo é no Senhor.

Ou seja, ele estava gloriando a si mesmo porque as circunstâncias o exigiam, mas sempre soube que a única glória real e verdadeira é no Senhor: “Quem, porém, se gloria glorie-se no Senhor. Pois quem se recomenda a si mesmo não será aprovado, mas sim aquele a quem o Senhor recomenda” (v. 17,18).

Forçado pelas circunstâncias, Paulo vinha se gloriando de sua autoridade e do fruto de seu trabalho em Corinto, uma vez que aqueles falsos mestres o tinham levado a fazer uma comparação. Mas, assim como nós, o apóstolo também sabia de uma coisa: todo cristão — especialmente os obreiros, pastores, pregadores, e missionários —, quando se gloria do bom resultado do seu trabalho, do fruto da sua pregação, da conversão de pessoas, da expansão do trabalho missionário, tem consciência de que toda essa glória, no final, pertence a Deus.

No versículo 17 — “Quem, porém, se gloria glorie-se no Senhor” — Paulo cita Jeremias 9.24, trecho em que o profeta diz assim:

Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte na sua força, nem o rico nas suas riquezas. Mas quem se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, pois eu sou o Senhor, que pratico a fidelidade, o direito e a justiça na terra, porque me agrado dessas coisas, diz o Senhor (Jr 9.23,24).

O profeta está transmitindo a palavra de Deus, na qual o Senhor diz, em outras palavras: “Ninguém se glorie porque é sábio, forte, inteligente ou é um conselheiro. Mas se alguém vai atribuir glória, que a atribua a mim, porque todas as coisas boas procedem de mim”. Deus é, afinal, aquele que deve receber toda a glória. E Paulo sabe disso. Ele cita Jeremias, como se dissesse: “Nem eu nem esses outros apóstolos devemos nos gloriar em nós mesmos. Porque sabemos que, no final, toda glória pertence a Deus. E o que importa é ser recomendado não por homens, mas por Deus, ‘pois quem se recomenda a si mesmo não será aprovado, mas sim aquele a quem o Senhor recomenda’ (v. 18)”.

Ao se gloriar, poderia parecer que Paulo estava querendo aprovação humana, mas ele diz que o que importa não é ser aprovado pelos homens, mas sim por Deus. O termo “aprovado” significa “purificado ou testado pelo fogo”. É uma expressão extraída do ofício do ourives, que naquela época, bem como hoje, tomava um metal precioso — geralmente o ouro, que em estado bruto encontra-

se misturado com elementos impuros — e o colocava no forno. Como o ouro derrete a certa temperatura e esses elementos impuros derretem a outra temperatura, há uma separação entre as impurezas e o ouro verdadeiro. O resultado desse processo é o ouro depurado. Esse processo é chamado de “testar” ou aprovar”, justamente a palavra que Paulo usa no versículo 18. Ele está dizendo que não é aprovado quem a si mesmo se louva ou se recomenda.

Os louvores que fazemos a nós mesmos não mostram que somos testados e aprovados finalmente por Deus. O que importa é a aprovação que vem do ourives celestial, do nosso Deus, que nos submete a provas, a testes de fogo no dia a dia, pela sua palavra, para nos aprovar como obreiros seus. No caso de Paulo, ele provavelmente está dizendo o seguinte: “Deus tem aprovado o meu trabalho em Corinto. A evidência disso é a existência da igreja. E é dessa forma que Deus me recomenda e me aprova. Eu não preciso de carta de recomendação nem dos louvores de homens para isso”. E é assim, portanto, que ele termina essa seção.

Conclusão e aplicações práticas

Agora quero trazer algumas aplicações práticas para nós. Pensei em quatro delas.

A primeira tem relação com um problema bem atual, que diz respeito à esfera de atuação dos pastores e das igrejas evangélicas. Nós temos de lembrar que aquela demarcação feita em Jerusalém, há 2.000 anos (a saber, que Pedro, Tiago e João evangelizariam os judeus, e Paulo, os gentios) não vale mais para hoje. Nos dias em que vivemos, o campo ou a esfera de atuação de qualquer pastor e de qualquer igreja é o mundo. Contudo, a sabedoria, a ética e o bom senso entre nós, pensando inclusive no testemunho que daremos diante do mundo, tudo isso deveria nos levar a agir da seguinte maneira: nunca começar um trabalho próximo demais de igrejas evangélicas que já existam num dado bairro e numa dada cidade. É horrível o que o mundo pensa, quando vê uma “Igreja Batista Tal” nesse canto da rua, e em frente a ela vê uma “Igreja Presbiteriana Tal”. O que o mundo pensa a respeito disso?

Vemos a importância que Paulo confere à demarcação dos limites de atuação.

Ele só pôde gloriar-se no trabalho de Corinto porque entendia que essa área estava debaixo da sua jurisdição. Isso, no mínimo, significa que os evangélicos devem ser sábios e prudentes quando vão escolher um local para começar um trabalho.

Infelizmente, muitos trabalhos começam por causa de divisões. Existe uma igreja em um certo local; acontece uma briga nessa igreja; um grupo sai, e às vezes, até por pirraça, abre outra igreja na mesma rua, a duas casas de distância. Que testemunho está sendo dado ao mundo? Que sinal, que mensagem estamos passando ao mundo, ao agirmos dessa forma? Devemos evitar a afronta de abrir trabalhos em frente ou ao lado de outras igrejas evangélicas. Você pode me dizer: “Mas e ao lado de uma Igreja Universal, por exemplo?”. Para o mundo, a Igreja Universal é tão evangélica quanto as igrejas batistas e presbiterianas; todas são vistas como evangélicas. Portanto, é preciso que haja um pouco de prudência e bom senso em relação a esse tipo de coisa.

Certa vez caí numa armadilha dessas. Convidaram-me para pregar numa igreja que ficava em uma cidade que eu não conhecia, a qual nunca tinha visitado. Era uma igreja presbiteriana. Quando subi no púlpito, notei que, dali, dava para ver o púlpito da igreja batista que ficava do outro lado. E o pastor batista pregava de lá, e eu de cá. Nós dois gritávamos, para ver qual voz saía mais alta. Um bem na frente do outro! Diante dessa situação, prometi a mim mesmo que nunca mais voltaria ali, se me convidassem de novo.

Ora, se vamos plantar e abrir igrejas, usemos os recursos para plantar em regiões em que realmente exista a necessidade do evangelho. Nesse ponto, queria dizer o seguinte: eu sou presbiteriano, amo a Igreja Presbiteriana do Brasil, mas sei que o reino de Deus é maior do que a Igreja Presbiteriana do Brasil, e sei que irmãos de outras denominações levam o evangelho às pessoas. Assim, não devo plantar uma igreja presbiteriana simplesmente dizendo: “Não há trabalho presbiteriano nessa área”. Não há, mas há uma igreja batista, há uma igreja metodista — enfim, há uma igreja evangélica que está evangelizando aquela região. Devo ter cuidado para que a minha motivação não seja simplesmente pendurar a placa da minha igreja, e ter sabedoria para perceber onde realmente é preciso plantar uma igreja, para alcançar pessoas que nunca tenham ouvido o evangelho.

A segunda lição que quero extrair é que precisamos sempre ter o cuidado de reconhecer o trabalho que outras pessoas fizeram. Veja a preocupação de Paulo, quando afirma que não quer se gloriar no trabalho de outros. Para mim, o

princípio por trás disso é este: nós precisamos reconhecer que não somos os únicos obreiros que Deus tem. Ele também tem levantado outras pessoas, algumas, inclusive, bem antes de nós, para levarem o evangelho a uma determinada região. Um exemplo claro do que estou falando são pastores que assumem igrejas existentes e simplesmente ignoram o trabalho dos pastores que vieram antes. Há pastor que pega um trabalho que já está em andamento, mas chega ali como se fosse o primeiro e o último. Ele esquece o trabalho dos pastores que por ali passaram antes dele, e se gloria nas coisas boas que estão acontecendo, mas se esquece de que está em cima dos ombros de alguém que veio antes dele. Está colhendo o que outro pastor plantou. Com frequência acontece isso. A não ser que vá para um campo em que de fato seja pioneiro, em qualquer outra situação quem vem depois está colhendo o que outro obreiro que veio antes plantou. E é importante sempre reconhecer isto: você não é o primeiro e não será o último. Portanto, lembre-se de dar crédito a quem veio antes de você. Não jogue lama. Não emporcalhe o nome de ninguém. Não diminua nem menospreze, por mais trabalhoso ou mais complicado que tenha sido o obreiro que veio antes de você. Reconheça que, mesmo através dessa pessoa, Deus fez coisas boas, Deus usou a palavra que ele pregou. Reconheça isso, porque um dia estará na mesma situação. Alguém vai substituir você, e talvez a ironia disso é que Deus fará com que seu substituto enlameie o seu nome, como você fez com quem veio antes de você. “Portanto, tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7.12), disse o Senhor Jesus. Fale bem do pastor que veio antes de você. Reconheça o trabalho dele diante da igreja. E não se glorie em trabalho alheio. Não tome para si o crédito que é fruto do trabalho dos que vieram antes de você. Essa é a regra que Paulo seguia, em outras palavras: “Eu não quero levar crédito por algo que eu realmente não tenha feito”.

A terceira lição que quero extrair para nós é que nunca devemos perder a visão evangelística e expansionista. Não é emocionante e inspirador ver o apóstolo Paulo dizer algo assim: “Vamos, igreja de Corinto! Vamos resolver logo esse problema, porque quero ir para a Espanha pregar o evangelho. Mas não posso ir e deixar esse assunto pendente. Vamos resolver as nossas tensões e os nossos problemas. Estou indo fazer uma visita a vocês, para resolvermos isso, pois quero pregar o evangelho na Espanha”. Nós não devemos perder a visão e o ânimo missionário por causa dos problemas internos da igreja. Vamos resolver os problemas, pacificar a igreja e avançar, seguir em frente, porque essa é a vocação da igreja: pregar o evangelho, anunciar o evangelho, plantar igrejas onde Cristo ainda não foi anunciado. Muitas vezes, porém, ficamos perdendo

tempo, recursos, energia e dinheiro resolvendo picuinhas entre nós: brigas internas; brigas pelo poder; diferenças de opinião; pessoas que ficaram chateadas e machucadas; pessoas ofendidas. Tudo isso desgasta, e o tempo vai passando, o dinheiro e a energia vão indo embora, quando poderíamos estar pregando e levando o evangelho de Cristo muito mais adiante.

Devemos nos lembrar das palavras de Paulo, que afirmou querer que a fé dos coríntios crescesse, pois queria ampliar a sua esfera de ação. Ele queria pregar o evangelho para além dos limites de Corinto, e não queria ficar preso somente aos coríntios.

Por último, destaco uma lição que tem de ser ensinada para a vida toda: toda glória sempre é de Deus. “A arrogância antecede a destruição, e a altivez do espírito antecede a queda”, diz Provérbios 16.18. Não são poucos os bons obreiros que alcançaram muito sucesso e, de repente, foram derrubados. Se procurarmos o motivo, vamos encontrar um espírito altivo, arrogante, alguém pretensioso, que se gloriava e não reconhecia o trabalho de outros, e também não conseguia ver com clareza que, se algum bem ele fez, se alguma conversão aconteceu, se igreja foi edificada através dele, na verdade, a glória é de Deus. É Deus que dá o crescimento. Paulo diz isso em 1Coríntios 3.6: “Eu plantei; Apolo regou; mas foi Deus quem deu o crescimento”. Portanto, “Quem [...] se gloria glorie-se no Senhor” (2Co 10.17). Por isso devemos procurar a aprovação de Deus, e não a aprovação humana.

Capítulo 26

JUSTIFICATIVAS PARA O APOSTOLADO DE PAULO

2Coríntios 11.1-6

Os superapóstolos

Quem dera me suportásseis um pouco mais na minha loucura! Sim, suportai-me ainda. Porque tenho ciúme de vós, e esse ciúme vem de Deus, pois vos prometi em casamento a um único marido, que é Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura. Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com sua astúcia, também a vossa mente seja de alguma forma seduzida e se afaste da simplicidade e da pureza que há em Cristo. Porque, se chega alguém e vos prega outro Jesus que não pregamos, ou se recebeis outro Espírito, que não aquele que recebestes, ou outro evangelho que não acolhestes, vós de boa vontade o suportais! Em nada me considero inferior a esses “superapóstolos”. Pois ainda que me falte instrução em oratória, não me falta conhecimento. Pelo contrário, nós vos temos demonstrado isso de todas as maneiras.

Nas exposições anteriores, desde o capítulo 10 de 2Coríntios, temos visto Paulo apresentar justificativas para o fato de haver se gloriado em ser um apóstolo de Jesus Cristo. Na passagem que analisaremos neste capítulo, o apóstolo apresenta mais quatro justificativas para isso.

Como vimos, “gloriar” significa atribuir glória a alguém, falar bem de alguém, exaltar suas virtudes. “Gloriar-se” significa falar bem de si mesmo e exaltar as

próprias virtudes e as próprias qualidades, algo que a Bíblia não recomenda que façamos, de forma alguma. Se vamos atribuir glória ou se vamos nos gloriar, gloriemo-nos no fato de conhecer a Deus e saber que é Deus quem merece toda honra, toda glória e todo louvor.

Mas, forçado pelas circunstâncias, o apóstolo Paulo se vê obrigado a se gloriar em sua autoridade como apóstolo de Jesus Cristo. Quais circunstâncias o levaram a fazer isso? Foram as seguintes: Havia um grupo que estava entrando na igreja de Corinto. Essas pessoas começaram a se intitular apóstolos de Cristo, a minar a autoridade de Paulo e a pregar outro evangelho, dizendo-se superiores ao apóstolo. Paulo se vê obrigado a se gloriar, a falar de si mesmo, a apontar sua autoridade como apóstolo de Jesus Cristo e a demandar que a igreja de Corinto, fundada através dos seus esforços, lhe prestasse obediência espiritual. Ele não estava preocupado com sua reputação pessoal, como já vimos em detalhes. Para ele, o que estava em jogo era a verdade do evangelho. Se aqueles falsos mestres fossem bem-sucedidos em denegrir a imagem de Paulo, provando que ele era um apóstolo de segunda classe, a mensagem que o apóstolo pregava sofreria o impacto disso. Pois, ainda que a mensagem seja sempre maior que o mensageiro, há uma inegável ligação entre a pessoa do pregador e a mensagem que ele prega. Se o pregador cair em descrédito, for desmoralizado, então, o que ele ensinava sofre o impacto disso. As pessoas se tornam meio céticas e até se perguntam se realmente aquela mensagem era verdadeira ou não.

Portanto, todo empenho de Paulo em defender-se e gloriar-se em ser um apóstolo de Jesus Cristo e, portanto, alguém com autoridade espiritual, tinha como objetivo preservar a verdade do evangelho e todo trabalho que ele já havia feito na igreja de Corinto. Paulo queria que a igreja não se desviasse da verdade que ele, como apóstolo de Jesus Cristo, havia lhe ensinado. Por isso ele havia se gloriado. Na passagem que veremos, o apóstolo responde às críticas de que estava se exaltando quando fez isso.

Paulo apresenta a primeira justificativa para haver se gloriado em 2Coríntios 10.1-12, quando disse: “Pois não me envergonharei, embora, de alguma forma, eu me glorie mais da autoridade que o Senhor nos concedeu para a edificação, e não para a vossa destruição. Não quero que pareça que desejo intimidar-vos por meio de cartas” (2Co 10.8,9). Ele se defendeu dizendo que tinha se gloriado com o objetivo de edificar os irmãos, de abençoá-los. Assim, o alvo final de Paulo era o bem da igreja, e não intimidá-los por meio de cartas. Essa foi, em linhas gerais, a primeira defesa que ele apresentou.

Na última exposição, vimos que, em 2Coríntios 10.13-18, Paulo apresenta a segunda justificativa para se gloriar como apóstolo de Jesus Cristo. Ele disse que ao menos estava fazendo isso dentro da esfera de ação que Deus lhe havia determinado. Ele era apóstolo dos gentios. Havia acontecido um acordo de divisão do território com os demais apóstolos, numa reunião em Jerusalém, que está narrada em Gálatas 2. Nesse acordo, Paulo ficou encarregado de levar o evangelho aos gentios, de pregar aos não judeus. Corinto — que estava no território que havia sido repartido nesse acordo entre os apóstolos — coubera a Paulo. Então, quando se gloriava do que Deus tinha feito através dele e do fato de ele ter plantado a igreja de Corinto, Paulo não estava se gloriando em trabalho alheio. Ele estava se gloriando dentro da esfera de ação que Deus lhe havia determinado.

Agora, em 2Coríntios 11.1-6, Paulo apresenta mais quatro justificativas para ter se gloriado, as quais veremos neste capítulo do livro. Espero que, ao final, possamos extrair algumas lições importantes, especialmente para pastores, mas também para todos os crentes.

Primeira justificativa: O zelo de Paulo

A primeira justificativa ou motivo que Paulo apresenta para haver se gloriado é o zelo que ele tinha pela igreja. Ele tinha tamanho zelo, tanto cuidado pela igreja, que achou que precisava se gloriar de sua autoridade em Cristo para protegê-la.

No versículo 1, ele começa fazendo um pedido: “Quem dera me suportásseis um pouco mais na minha loucura!” (11.1). Essa loucura a que ele se refere é o fato de estar se gloriando. Paulo sabe que isso é loucura. É loucura, porque toda a glória pertence a Deus. É loucura, porque ele estava chamando a atenção para si. É loucura, porque ele sabia que tudo vem de Deus. Portanto, Paulo sabe que é insensatez um líder gloriar-se e chamar a atenção para si. Sim, ele sabe muito bem! Mas diz, em outras palavras: “Eu sei que é loucura, mas me aguentem só mais um pouquinho na minha loucura. Tolerem-me só mais um pouquinho”. Quando diz “Quem dera me suportásseis um pouco mais”, ele está dizendo: “Sejam pacientes e me escutem um pouco, porque ainda tenho outros argumentos, outras justificativas. Ainda tenho de mostrar a vocês outras razões

pelas quais eu tenho me gloriado. Aguentem mais um pouco”.

Então, ele apresenta uma razão no versículo 2: “Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo” (ARA). Paulo está dizendo que se gloriava por conta desse zelo que ele tinha pela igreja de Corinto. “Zelo” é cuidado, preocupação, é aquele interesse movido pelo amor, que procura o bem do objeto que é alvo de zelo. Paulo diz ainda que esse zelo que tinha pela igreja de Corinto era um “zelo de Deus”. Ou seja, um “zelo” que procede de Deus, que tem origem e força na pessoa de Deus. Dito de outra forma: “Eu zelo por vocês da mesma forma que Deus zela. Ou seja, meu zelo não é egoísta, humano, pecaminoso. Esse zelo que tenho por vocês é divino”.

Então, lá pelo meio do versículo 2, Paulo faz esta afirmação extraordinária: “visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo” (ARA). Para entendermos o que Paulo está dizendo, temos de voltar ao Antigo Testamento e descobrir como os casamentos eram feitos.

Naquele tempo, os casamentos eram arranjados. Uma jovem ou mesmo uma menina era prometida pelo pai, em casamento, a outro homem, que tinha um filho. Os casamentos eram arranjados muito cedo. Era responsabilidade do pai da moça zelar por ela, cuidar dela, protegê-la enquanto crescia, para que, no dia do casamento propriamente dito, ele apresentasse ao noivo a moça virgem, pura, não tocada por homem nenhum. Ela seria, então, uma noiva ou “uma virgem pura”, para usar os termos de Paulo. A responsabilidade, portanto, era do pai da noiva.

Assim eram as coisas em Israel: “Se um homem casar-se e, depois de unir-se à sua mulher, vier a desprezá-la, acusá-la de coisas escandalosas e difamá-la, dizendo: Tomei esta mulher e, quando me aproximei dela, não achei nela comprovação de virgindade” (Dt 22.13,14). Nesse caso, o noivo fora enganado, pois, naquela época, pressupunha-se que a relação sexual só acontecia no contexto do casamento; fora do casamento era considerada prostituição. Então, o noivo e a noiva mantinham-se virgens para o casamento. O homem recebia a noiva que lhe fora prometida pressupondo que ela era virgem. Se, na noite de núpcias, ele descobrisse que a mulher não era mais virgem, logicamente ficaria bravo, pois “comprou gato por lebre”, foi enganado, e a acusaria de “coisas escandalosas”, dizendo que a mulher que lhe fora prometida como virgem não o é.

Mas o texto de Deuteronômio 22 continua:

então o pai e a mãe da moça pegarão a comprovação da virgindade e levarão aos anciãos, à porta da cidade; e o pai da moça dirá aos anciãos: Dei minha filha por mulher a este homem, e agora ele a despreza. Ele a acusou de coisas escandalosas, dizendo: Não achei na tua filha comprovação de virgindade. Mas aqui está a comprovação da virgindade da minha filha. E os pais estenderão a roupa diante dos anciãos da cidade (Dt 22.15-17).

Qual era a prova da virgindade? Era o lençol colocado na cama, na noite de núpcias, que certamente ficaria manchado com o sangue da virgem. Terminada a relação conjugal, fazia parte da tarefa do pai ir até lá, discretamente, enrolar o lençol e guardá-lo como prova de que ele cumpriu a sua tarefa, ou seja, de que apresentou sua filha virgem. Tudo isso para evitar que, depois de casar, por não ter gostado da moça, o noivo tentasse repudiá-la. E a única razão que poderia usar para repudiá-la, depois de casado, era o adultério (a traição cometida após o casamento) ou que a moça tivesse traído o compromisso assumido antes de se casar (a traição cometida antes do casamento). Assim, para evitar que a moça fosse difamada, caluniada, o pai desenrolava a roupa de cama dela diante dos juízes, dizendo: “Está aqui a prova de que a minha filha foi virgem para o casamento. Esse rapaz está inventando uma desculpa contra ela”.

O texto continua: “Então os anciãos pegarão o homem e o castigarão, e, multando-o em cem siclos de prata, darão esse valor ao pai da moça, porque aquele homem difamou uma virgem de Israel. Ela continuará sendo sua mulher, e ele nunca poderá se divorciar dela” (Dt 22.18,19). Além de ser desmascarado e castigado, ele teria de ficar com a mulher até o fim da vida. Era preciso muito cuidado para não levantar testemunho falso contra uma virgem de Israel. Mas, deixando à parte o lado pitoresco da história, meu ponto é mostrar que a responsabilidade era do pai da noiva. Competia a ele preparar a filha, preservá-la, para apresentá-la virgem àquele que a desposaria no dia do casamento.

Paulo usa essa mesma figura em 2Coríntios 11.2, e faz uma comparação. Ele se vê como o pai da igreja de Corinto, e entende que é sua a responsabilidade de prepará-la como uma virgem pura, a fim de apresentá-la a Jesus Cristo, no dia do

casamento, que é o dia da segunda vinda, também chamado na Bíblia de “as bodas do Cordeiro”. Quando Cristo voltar, vai receber a sua igreja, e Paulo se vê na obrigação de preparar a igreja, de maneira que, naquele dia, quando Cristo voltar, ele receba uma igreja pura, que não foi contaminada, que não foi maculada por heresias, falsos ensinamentos, imoralidade e esse tipo de coisa.

Agora podemos entender que Paulo está dizendo, em outras palavras: “Eu zelo por vocês com o zelo de Deus. E o meu zelo é como o de um pai, que tem a responsabilidade de preservar e guardar a sua filha virgem e pura, para apresentá-la a seu marido, conforme foi prometido. Por esse propósito eu me vi obrigado a me vangloriar, a me exaltar como apóstolo de Jesus Cristo, para poder preservar a minha autoridade e o direito que tenho de cuidar de vocês, de repreender os falsos mestres, de ensinar a verdade. Pois a minha missão é preparar vocês para esse encontro com Jesus Cristo”. Era assim que Paulo via a si mesmo: como ministro do evangelho, pastor e fundador da igreja de Corinto. Portanto, essa é a primeira justificativa que o apóstolo apresenta para ter se gloriado.

Segunda justificativa: O medo de a igreja se desviar

A segunda razão que Paulo aponta é o receio de que, apesar de todos os seus esforços, a igreja de Corinto se desviasse. Veja o que ele diz no versículo 3, que começa com um “Mas”, ou seja, com o fato de que ele temia que a igreja se desviasse, apesar de todo zelo que ele vinha demonstrando pela igreja. Recorde-se o quanto foi intensa a relação de Paulo com a igreja de Corinto. Ele viajava para lá; lhes escrevia cartas; a igreja lhe mandava cartas. Paulo não queria desistir da igreja, pois tinha essa visão de apresentá-la, como a uma filha, pura diante de Cristo. Mas havia momentos em que Paulo receava que seus esforços pudessem vir a ser em vão: “Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com sua astúcia, também a vossa mente seja de alguma forma seduzida e se afaste da simplicidade e da pureza que há em Cristo” (11.3).

Paulo, mais uma vez, está usando como pano de fundo um evento acontecido no Antigo Testamento. Agora ele está remetendo ao livro de Gênesis, ao relato da Queda:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus havia feito. E ela disse à mulher: Foi assim que Deus disse: Não comereis de nenhuma árvore do jardim? Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis; se o fizerdes, morrereis. Disse a serpente à mulher: Com certeza, não morrereis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. Então, vendo a mulher que a árvore era boa para dela comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu dele a seu marido, que também comeu (Gn 3.1-6).

Esse episódio, narrado no livro de Gênesis, é tomado pelo apóstolo Paulo como literal e histórico. É importante esse ponto: Paulo vê a narrativa da Queda como literal e histórica, a ponto de usá-la como fundamento para uma situação no tempo presente. Sabemos da existência de muitos críticos que dizem que os três primeiros capítulos de Gênesis são meras lendas, histórias ou fábulas, que foram mitos fundantes, elaborados pelos sábios de Israel para justificar determinados costumes e determinadas doutrinas seguidas por essa nação, mas que não tinham nenhum fundamento histórico.

Paulo, porém, era um rabino e olhava para o Antigo Testamento como narrativa histórica. Da perspectiva do Novo Testamento, portanto, o relato da Queda da mulher e do homem é um fato histórico. Se dissermos que Paulo está enganado nesse ponto, a porta está aberta para dizermos que ele está enganado em outros pontos também. O próprio Jesus se refere ao relato da criação como histórico. Se tanto Paulo quanto Jesus, assim como outros autores do Novo Testamento, referem-se aos primeiros capítulos da Bíblia como narrativa histórica, fundamentada em fatos acontecidos no tempo e no espaço, então, se desacreditarmos Jesus, Paulo e os demais apóstolos, desacreditaremos também as coisas que eles escreveram. Se eles estavam errados nesse ponto, o que me garante que não estavam errados também em outras coisas que escreveram, disseram ou deixaram para nós? Observe, portanto, que Paulo trata esse relato como histórico.

E o apóstolo traça quatro pontos de comparação ou paralelos entre o que aconteceu no jardim do Éden, em Gênesis 3, e o que ele temia que estivesse acontecendo na igreja de Corinto, com a chegada dos falsos mestres que estavam ensinando outro evangelho. Paulo temia que a mensagem deles haveria de afastar os crentes da pureza e da simplicidade do evangelho de Cristo. O apóstolo vê nisso um paralelo com o que aconteceu lá no jardim.

O primeiro paralelo ou ponto de comparação é a presença da serpente. A serpente aqui é o Diabo, Satanás, o anjo caído, o enganador ou o adversário. Ele estava por trás da serpente lá no jardim, e era quem estava por trás dos falsos mestres na igreja de Corinto. Assim, o primeiro paralelo que Paulo traça se refere a quem estava realmente por trás do que estava acontecendo. Paulo vê além dos falsos mestres, assim como ele olha para o relato da Queda e vê que, por trás da serpente, estava, na verdade, Satanás. Não é de admirar que, mais adiante, no capítulo 11, ele diga assim: “Esses homens são falsos apóstolos, obreiros desonestos, disfarçando-se de apóstolos de Cristo. E não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. Portanto, não surpreende que também os seus servos se disfarcem de servos da justiça. O fim deles será de acordo com as suas obras” (v. 13-15). Paulo diz com clareza que quem estava por trás desses falsos mestres era o Diabo. O Diabo que esteve no jardim do Éden é o mesmo que estava em Corinto, e tinha exatamente o mesmo objetivo.

E a partir daí Paulo traça o segundo paralelo entre o que aconteceu no jardim do Éden (Gn 3) e o que ele temia que estivesse acontecendo na igreja de Corinto. Ele diz que, assim como o Diabo enganou Eva, também enganaria os crentes coríntios. Porque, afinal, esse é o objetivo de Satanás. Ele enganou Eva, propondo-lhe a mentira de que ela não morreria se desobedecesse a Deus. Na verdade, ela se tornaria igual a Deus, e, mais ainda, teria pleno conhecimento do bem e do mal. Esse foi o engano que o Diabo propôs a Eva. Da mesma forma que ele enganou Eva no jardim, estava agora enganando os crentes de Corinto, por meio dos falsos mestres que traziam uma doutrina que não era a verdadeira, e ensinavam uma coisa que era contrária à Palavra de Deus.

O terceiro paralelo que Paulo traça é que o Diabo usou de astúcia. Veja como ele diz no versículo 3: “assim como a serpente enganou Eva com sua astúcia”. Pensando no relato de Gênesis 3, a serpente foi, de fato, muito esperta. Ela apelou para coisas que interessavam à mulher: “Você não vai morrer; você vai ser igual a Deus; você vai ter profundo conhecimento”. E, com isso, despertou o interesse da mulher. O Diabo é astuto. É dito no texto de Gênesis 3 que “a

serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus havia feito”. Sagacidade, astúcia, inteligência maligna, que tem por objetivo destruir: tudo isso caracteriza o Diabo. Então, da mesma forma que o Diabo, através da serpente, com astúcia tinha enganado Eva no jardim, o Diabo, através dos falsos mestres, usando de astúcia e de inteligência maligna, estava enganando os crentes de Corinto, fazendo promessas que não eram verdadeiras, falando de coisas que Deus nunca tinha falado e dizendo aquilo que não deveriam dizer.

O último paralelo é a corrupção da mente. Paulo diz: “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente” (v. 3, ARA). Essa astúcia do Diabo em usar inteligentemente do engano para ludibriar a mulher foi o que corrompeu a mente de Eva. No próprio texto de Gênesis vemos que Eva sabia que a árvore da qual não podia comer ficava no meio do jardim. Ou seja, fica implícito que a mulher já devia ter visto aquela árvore uma porção de vezes na vida, já devia ter passado por lá dezenas de vezes, mas, agora que ouvira as palavras do Diabo, sua mente se corrompeu e ela começou a olhar para a árvore com olhos diferentes. E ela viu o que não tinha visto antes: primeiro, que seu fruto era bom para comer; segundo, que era agradável aos olhos. Ela deve ter pensado: “Puxa, nunca tinha prestado atenção, mas como é bonito esse fruto!”. Em terceiro lugar, ela viu que o fruto era bom para dar conhecimento. Ela nunca tinha pensado nisso, mas agora sua mente fora corrompida, e seus olhos foram abertos. O próximo passo foi estender a mão, tomar do fruto, desobedecer a Deus, e ainda dar do fruto ao marido, que também comeu. Os dois, então, caíram da graça, e com isso precipitaram toda a raça humana no estado de miséria e perdição em que agora nos encontramos.

Da mesma forma que a mente de Eva foi corrompida astutamente pelo Diabo, Paulo está com medo de que a mente dos crentes de Corinto seja corrompida pelos falsos mestres. Que ninguém pense que pode se expor ao ensino de falsos mestres e esperar sair intacto, porque o falso ensino corrompe a mente. Ele abre perspectivas novas, nem sempre certas, de modo que a pessoa começa a olhar para aquilo que se acostumou a ver como verdadeiro de outra perspectiva, lançando dúvida e questionando a Palavra de Deus. Por isso a Bíblia é tão intolerante com os falsos mestres. Vemos isso, por exemplo, nos autores do Novo Testamento. Eles não seguem em nada o politicamente correto, nem dizem: “Precisamos ouvir o contraditório; precisamos dar espaço para interpretações diferentes. Ninguém tem toda a verdade”. Não, não encontramos

nada disso no Novo Testamento! O que vemos é sempre esse medo do que aconteceu lá no jardim, do que continuou acontecendo ao longo da história de Israel e da história da igreja e do que continua acontecendo no dia de hoje: o medo de o Diabo levantar falsos mestres que, através do engano e usando de astúcia, corrompam a mente dos crentes. Esse é o resultado da ação dele, e é isso que Paulo diz no final do versículo 3: “assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (ARA). Em outras palavras, o evangelho simples — que fala a respeito de Cristo, de sua morte na cruz, da ressurreição de entre os mortos, que somos salvos pela fé mediante a graça de Deus —, esse evangelho puro e simples de Deus é corrompido por esses falsos mestres, que lhe fazem acréscimos, que negam parte dos evangelhos, que distorcem os fatos e dão outro tipo de interpretação que não aquele que os apóstolos no legaram no Novo Testamento. Por esse motivo, com receio de que isso acontecesse, isto é, que os coríntios fossem corrompidos em seu entendimento pelo ensino dos falsos apóstolos, é que Paulo vinha se exaltando e se gloriando, dizendo que ele era apóstolo de Jesus. É como se lhes dissesse: “O que vocês aprenderam de mim é a verdade de Deus. Isso que ensinei não aprendi de homem nenhum. Foi Deus que me revelou, no caminho de Damasco. Então, ouçam o que estou dizendo”. Portanto, esse foi um dos motivos pelo qual ele tinha se gloriado: porque não queria que os coríntios seguissem aqueles falsos apóstolos.

Terceira justificativa: Os coríntios toleravam os falsos mestres com boa vontade

A terceira razão pela qual ele tinha se gloriado era que, infelizmente, os coríntios já estavam acolhendo esses falsos mestres. Veja o que Paulo diz no versículo 4: “Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado, ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido, ou evangelho diferente que não tendes abraçado, a esse, de boa mente, o tolerais” (ARA). Em outras palavras: “Vocês estão tolerando de boa vontade os falsos mestres que chegaram aí. Eu fui enviado por Deus a vocês, mas esses mestres chegaram até vocês por conta própria. E vocês os estão tolerando de boa mente, isto é, vocês estão acolhendo esses mestres em suas casas voluntariamente, estão dando oportunidade para que eles falem em suas reuniões, estão contribuindo

financeiramente para com eles. E estão sendo ingênuos e acreditando em tudo que eles estão ensinando”. Paulo estava indignado com isso! Como é que a igreja de Corinto, que tinha sido fundada com base na pregação do evangelho puro e simples, estava agora acolhendo com ingenuidade esse tipo de gente, a ponto de recebê-los em casa, dar-lhes abrigo e ainda contribuir financeiramente para com eles? E tudo isso sem mencionar que eles estavam ensinando exatamente o contrário do que Paulo havia ensinado.

Veja o que Paulo diz: “Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado” (v. 4, ARA). Quando Paulo esteve em Corinto, ele pregou a respeito da pessoa e da obra de Jesus na cruz e na ressurreição. Aqueles falsos mestres também pregavam sobre Jesus, mas tinham interpretação diferente. Eles olhavam para Cristo e para sua obra de outra maneira. Traziam uma interpretação alternativa, diferente daquela que Paulo tinha pregado. E Paulo, então, diz, em outras palavras: “Vocês estão recebendo esses falsos mestres? Acaso já se esqueceram do Jesus que eu preguei a vocês?”.

Em segundo lugar, Paulo diz que os crentes de Corinto estavam aceitando outro espírito: “ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido” (v. 4, ARA). Nesse ponto mais uma vez encontramos uma dificuldade. Na Bíblia, às vezes não sabemos a que a palavra “espírito” se refere, pois é usada a mesma palavra para designar o espírito do homem, o Espírito de Deus ou um espírito maligno. O que Paulo quer dizer aqui com “se aceitais espírito diferente que não tendes recebido”? Significa que o espírito desses falsos mestres, ou seja, que a atitude deles é diferente do espírito que Paulo tinha quando esteve em Corinto: desprendido, amoroso, apaixonado pelo evangelho? Esses falsos mestres tinham um espírito crítico, rancoroso, acusador. Eles tinham um espírito diferente do de Paulo. Será que é nesse sentido que Paulo usa a palavra espírito, nesse versículo 4? Ou ele está se referindo ao Espírito Santo? Como se dissesse: “Através da minha pregação vocês receberam o Espírito Santo de Deus. E que espírito é esse que estão recebendo através dessas pessoas? Não pode ser o Espírito Santo, porque o Espírito Santo glorifica a Cristo. E o que eles estão trazendo é outro evangelho, não é Jesus Cristo”. Enfim, o que quer que seja que a palavra “espírito” signifique nesse versículo, fica difícil saber exatamente. Tanto é que a maioria das versões opta por grafá-la com “e” minúsculo. Enfim, o que quer que seja que a palavra “espírito” signifique nesse versículo, fica difícil chegar a uma conclusão. A maioria das versões, porém, opta por grafá-la com “e” minúsculo, indicando que se trata de atitude: “Vocês estão recebendo esses homens que têm uma atitude diferente da minha quando eu estive aí”. Tomaremos essa como a

melhor interpretação da passagem.

Por último, Paulo diz que os crentes de Corinto também estão recebendo um evangelho diferente do que abraçaram; uma história da redenção contada de outra maneira; uma história dos atos de Cristo interpretados de outra maneira. E Paulo, então, fica indignado, como se dissesse: “Eu vim a Corinto, preguei o evangelho a vocês, preguei a Cristo, vim com espírito correto diante de vocês, de amor, de renúncia. Não lhes pedi um tostão”. E Paulo realmente não pediu dinheiro à igreja. Ele se sustentou durante o tempo em que esteve em Corinto; amou os coríntios; recebeu aquelas pessoas vindas de todas as classes sociais; formou a igreja; ensinou-lhes o evangelho. E agora, para sua tristeza, vê aquela igreja receber outro Cristo, outro evangelho, através de mestres que tinham outro espírito e outra atitude. É de partir o coração!

Por isso Paulo teve de se gloriar. Ele tinha de enfatizar e reafirmar sua autoridade, para não correr o risco de perder o trabalho que havia feito em Corinto. Eu tinha de se contrapor à astúcia e aos enganos satânicos daqueles falsos mestres.

Quarta justificativa: Paulo não se considera inferior em nada

Vamos para a última justificativa que Paulo apresenta para ele ter se gloriado.

Antes, porém, façamos uma breve recapitulação. Paulo tinha se gloriado, em primeiro lugar, porque zelava pela igreja como o pai de uma virgem prometida em casamento. Segundo, ele havia se gloriado porque tinha medo de que, assim como a serpente enganou Eva, no jardim do Éden, haveria também de corromper e enganar a mente dos cristãos de Corinto. Em terceiro lugar, ele tinha se gloriado porque estava indignado com o fato de a igreja de Corinto estar recebendo bem esses mestres que ensinavam outro evangelho, outro Cristo, com um espírito completamente diferente daquele que Paulo apresentou, quando esteve lá. E em último lugar, Paulo diz: “Em nada me considero inferior a esses ‘superapóstolos’” (v. 5).

Quando se gloriava, Paulo fazia um contraste entre si mesmo e aqueles falsos

mestres, dizendo que não era inferior a eles. Vemos esse contraste nos versículos 5 e 6: “Em nada me considero inferior a esses ‘superapóstolos’. Pois ainda que me falte instrução em oratória, não me falta conhecimento. Pelo contrário, nós vos temos demonstrado isso de todas as maneiras”.

Temos, porém, uma dificuldade de interpretação logo no versículo 5. Literalmente, o texto está dizendo assim: “Suponho em nada ter sido inferior a esses excelentes apóstolos”. É isso que está no original. Assim, ele pode ser interpretado de duas maneiras. Primeiro, de maneira irônica, como se Paulo estivesse dizendo: “Em nada sou inferior a esses superapóstolos, que se apresentam como se fossem mais excelentes do que eu”. Nesse caso, Paulo estaria fazendo uma ironia, sendo sarcástico e até debochando do fato de que aqueles homens chegavam lá dizendo: “Nós somos apóstolos maiores do que o apóstolo Paulo”. Então, no versículo 5, Paulo estaria querendo dizer “superapóstolos”. Essa é a tradução encontrada na A21, NVI, NAA, NTLH, que traduzem assim por entenderem que Paulo está sendo irônico. Como os falsos mestres se achavam superapóstolos, Paulo diz, em outras palavras: “Eu não sou inferior a esses que se acham superapóstolos”.

Mas há outra possibilidade, a de que Paulo esteja se referindo aos Doze, como se dissesse: “Em nada sou inferior aos mais excelentes apóstolos”. E quem eram os apóstolos mais excelentes? Os doze apóstolos do cordeiro. E Paulo estaria dizendo, nessa hipótese, que não é inferior a eles. Mas por que ele estaria dizendo isso? Porque aqueles mestres chegaram na igreja de Corinto e disseram que Paulo não era um dos Doze, nem andou na companhia dos Doze. Ele era um apóstolo que veio depois. Se foi chamado depois, portanto, ele não tem a mesma autoridade nem o mesmo poder dos apóstolos de Jesus Cristo. Logo, os crentes de Corinto não deveriam escutar o que ele dizia. Desse modo, a referência “aos mais excelentes apóstolos” seria positiva: “Em nada sou inferior aos mais excelentes apóstolos, ou seja, aos doze apóstolos de Cristo”.

Mais adiante, porém, Paulo diz no versículo 13: “Esses homens são falsos apóstolos, obreiros desonestos, disfarçando-se de apóstolos de Cristo”. Essa frase elimina a segunda possibilidade, a saber, de que Paulo estivesse se referindo aos Doze. No versículo 13 ele não pode estar falando dos doze apóstolos de Cristo. Então, ficamos com a primeira opção: Paulo está sendo irônico. Ele está dizendo algo assim: “Em nada sou inferior a esses ‘superapóstolos’, ou seja, em nada sou inferior a esses que se consideram superiores a mim. Na verdade, a minha avaliação é outra. Eles acham que sou

inferior a eles, mas não sou, e vocês sabem disso”.

Os coríntios conheciam Paulo, ele era seu pai espiritual. Veja o que ele diz no versículo 6: “Pois ainda que me falte instrução em oratória”. Aqui faltou Paulo acrescentar: “Pois ainda que me falte instrução em oratória, como eles estão dizendo”. Porque essa era uma das críticas que os falsos apóstolos faziam a Paulo: que sua presença como pregador era fraca. Eu até já citei uma descrição — a única descrição física que temos do apóstolo Paulo — que aparece naquele livro apócrifo chamado Atos de Paulo e Tecla, datado do século 2 d.C., onde se narra a tentativa de Paulo de convencer uma jovem chamada Tecla. Lá dizia que Paulo era baixo, careca, tinha pernas tortas, uma sobrelanceira quase emendada na outra e um nariz pontudo feito o bico de uma águia. Ele devia ser bem feio!

Assim, seus críticos acusavam-no, dizendo que sua presença, seu discurso e sua retórica eram fracos: “Ele é um pregador que não impressiona ninguém. Suas cartas são poderosas, mas sua presença e sua pregação, não”. Paulo rebate essa crítica da seguinte forma: “Ainda que me falte oratória” — não que isso fosse verdade, pois não era — “como vocês dizem, todavia, não me falta conhecimento. Eu conheço a Deus. Eu conheço a Cristo. Eu conheço o evangelho muito mais profundamente do que esses falsos mestres. E vocês sabem disso, pois ‘nós vos temos demonstrado isso de todas as maneiras’” (v. 6). Ele está se referindo às suas pregações em Corinto e às cartas que escreveu. Então, Paulo está sugerindo que, se os crentes de Corinto tivessem um pouco de bom senso e fizessem uma comparação, veriam que em nada ele é inferior a esses “superapóstolos”, pois os coríntios o conheciam bem.

Conclusão e aplicações práticas

Podemos extrair algumas lições do estudo que fizemos neste capítulo. Primeira lição: Esse texto nos ensina que o pastor de um rebanho deve ver sua função como a do pai da noiva. Acho até que deveriam colocar isso nos manuais de preparação de pastores. O pastor é como o pai da noiva, pois é aquele que prepara e zela por sua filha, pensando no dia do juízo, quando vai apresentar o rebanho diante de Deus. Com esse propósito em mente, ele deve se empenhar no cuidado pastoral; espantar os falsos pretendentes, ou seja, os falsos mestres, que

vão aparecer com sedução e propostas indecorosas; segurar a “filha” (a igreja) e afugentar tudo aquilo que venha a corromper a sua pureza. Pastores devem se ver como o pai da noiva, que tem de apresentá-la como uma virgem pura a um marido, ao qual ela já está prometida.

Gostaria de destacar um detalhe. Perceberam que as palavras de Paulo comunicam um sentido coletivo? Ele diz que tem de apresentar a igreja como uma virgem pura a Jesus Cristo. Ou seja, só existe uma igreja. Paulo não está falando em apresentar indivíduos. Eu creio que isso esclarece um ponto importante para os desigrejados, não? Paulo diz que vai apresentar uma igreja só, que é a noiva de Cristo. Ele não está falando em apresentar separadamente Fulano ou Beltrano. Ele diz que vai apresentar uma igreja.

A segunda lição que podemos extrair é que o trabalho de pastores e líderes é, na verdade, uma batalha espiritual. Paulo olhava para os falsos mestres, para aquela situação em Corinto, e via por trás de tudo a presença do mesmo Diabo que esteve no jardim do Éden, enganando Eva. Portanto, o trabalho pastoral não é algo simples, que pode ser feito por qualquer pessoa, de qualquer maneira. Há nele e na igreja uma dimensão sobrenatural, espiritual, que não pode ser ignorada. Por trás de cada erro, de cada tensão, de cada problema, existe o inimigo querendo corromper a pureza da igreja, querendo dividi-la, querendo tirar-lhe a paz. E os pastores precisam estar atentos a isso.

Infelizmente, hoje, quando os pastores pensam no Diabo, pensam somente em termos de possessão demoníaca. Sim, o Diabo existe e está atuando, mas em quê? Ele não está atuando apenas na possessão demoníaca, no “devorador” que destrói o dinheiro dos que não dão o dízimo, e todo esse tipo de coisa. Existe uma dimensão muito mais eficaz e perigosa na qual o Diabo atua, que é corromper a mente das pessoas através do engano, com astúcia. A luta é pela mente, pelo entendimento. É aí que Satanás ataca. Ele levanta falsos mestres, cheios de astúcia e sutileza, para corromper o entendimento dos cristãos e desviá-los da simplicidade do evangelho. Existe uma luta espiritual acontecendo, e os pastores, então, precisam de discernimento, oração, ou seja, precisam usar armas espirituais nessa batalha contra o mal.

A terceira é uma lição que eu queria não ter de trazer. Ela diz respeito à existência de uma possibilidade real de crentes se desviarem da verdade do evangelho e se perderem. Se essa possibilidade não existisse, Paulo não teria dito o que disse: “Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com sua

astúcia, também a vossa mente seja de alguma forma seduzida e se afaste da simplicidade e da pureza que há em Cristo” (11.3). Com base nessas palavras, concluimos que é perfeitamente possível que pessoas criadas na igreja — que foram educadas no evangelho, que conhecem esse evangelho pregado pelo apóstolo Paulo, pelos demais apóstolos e pelo próprio Senhor Jesus Cristo, que conhecem a Bíblia desde cedo — sejam corrompidas em seu entendimento, pro meio da astúcia e do engano. E não são poucos aqueles que, mesmo tendo sido criados no evangelho, e até se tornado pastores e mestres do evangelho, a uma certa altura da vida corromperam-se no entendimento, voltaram atrás e negaram todas as verdades que um dia professaram, viveram e ensinaram.

A questão da eleição e da predestinação não tem nada a ver com essa questão da qual estou falando agora. Estou me referindo à perspectiva humana. Deus é quem sabe quem são os eleitos e predestinados. Mas não vamos usar a eleição e a predestinação para fechar nossos olhos para essa realidade tão clara, sobre a qual Paulo nos adverte, quando diz que os crentes precisam ter cuidado, e não podem ficar expostos aos falsos mestres, pois estes têm esse poder de corromper a mente e o entendimento dos cristãos.

Por último, essa passagem é mais uma daquelas que mostram que não temos mais apóstolos de Cristo que sejam como os Doze e o apóstolo Paulo. Eles foram realmente uma classe especial de pessoas, que Deus levantou para um momento específico na história da redenção. Eles foram testemunhas da redenção de Cristo; foram chamados pessoalmente por Cristo. Foram habilitados para fazer sinais e prodígios; foram inspirados para escrever infalivelmente as Escrituras, e lançaram os fundamentos da igreja cristã. Não há mais pessoas dessa categoria de apóstolos de Jesus Cristo a que Paulo e os Doze pertenciam.

Digo isso porque todo mundo sabe que há centenas e milhares de “obreiros” no Brasil que assumiram para si o título de apóstolos. Se alguém perguntar, eles dirão que não estão usando esse título no sentido de “missionário”, que é o sentido mais amplo do termo. Apóstolo significa alguém que foi enviado, portanto, um “missionário”. Mas não, estes que se auto intitulam apóstolos hoje estão usando esse título para se exaltar. É um título hierárquico, que adotam para se colocar acima de pastores, bispos e evangelistas, para se colocarem no topo da escala da hierarquia eclesiástica. Eles se veem como alguém com autoridade, com jurisdição especial, cuja palavra não pode ser questionada, que recebe revelações diretas de Deus. O problema é que não existe essa categoria de pessoas! O que existe hoje são pastores e mestres que ensinam o que os Doze e

Paulo ensinaram no Novo Testamento. Mas não existem mais pessoas designadas por Deus para receberem novas revelações de Deus e lançarem o fundamento de novas doutrinas. O que existe são pastores, evangelistas, mestres e profetas que explicam a Palavra de Deus e ensinam aquilo que os apóstolos já nos deixaram, que está registrado na Bíblia de maneira infalível. Portanto, a nossa autoridade não vem do nosso ofício, mas vem da nossa fidelidade à Palavra de Deus.

Se algum dia eu ensinar algo que esteja fora da Palavra de Deus, ninguém está obrigado a me escutar nem a me seguir. Mas, enquanto eu for fiel à Palavra de Deus, a minha autoridade virá dela, e não da minha pessoa.

Que Deus nos ajude a permanecermos firmes no evangelho e a não nos desviarmos nem corrompermos a nossa mente através da astúcia e do engano, os quais Satanás usa de maneira tão eficaz para destruir ou tentar destruir a igreja de Deus.

Capítulo 27

ANJO DE LUZ

2Coríntios 11.7-15

As estratégias dos falsos mestres

Será que pequei, humilhando-me para que fôsseis exaltados, pois vos anunciei de graça o evangelho de Deus? Para vos servir, despojei outras igrejas, recebendo delas sustento financeiro. E, quando estava presente convosco e passei necessidade financeira, não fui um peso para ninguém; pois, quando os irmãos vieram da Macedônia, supriram a minha necessidade. Em tudo evitei ser um peso para vós e continuarei a agir assim. Assim como é certo que a verdade de Cristo está do meu lado, esse meu orgulho não me será tirado nas regiões da Acaia. Por quê? Será porque não vos amo? Deus sabe que vos amo! O que faço, e ainda farei, visa não dar oportunidade aos que a buscam, de serem considerados nossos iguais naquilo de que se orgulham. Esses homens são falsos apóstolos, obreiros desonestos, disfarçando-se de apóstolos de Cristo. E não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. Portanto, não surpreende que também os seus servos se disfarcem de servos da justiça. O fim deles será de acordo com as suas obras.

Os falsos mestres haviam se infiltrado em Corinto e estavam atacando Paulo de todas as maneiras possíveis. Temos visto quantas acusações, das mais variadas, foram feitas a ele. Uma delas era que Paulo havia usado suas cartas para se gloriar de sua autoridade como apóstolo de Cristo e, assim, reivindicar

autoridade sobre os crentes em Corinto. É essa a mais grave acusação que veio sobre ele.

Nas exposições que vimos até agora, Paulo justifica o fato de ter se gloriado. Ele estava sendo forçado a se comparar com os falsos apóstolos, que estavam se infiltrando na igreja em Corinto. Portanto, ele precisava chamar para si essa responsabilidade e mostrar quem ele era de fato.

Assim, sua primeira justificativa foi alegar que Deus havia lhe dado autoridade sobre os coríntios para edificá-los, e não para destruí-los. Nós vimos isso no capítulo 10, versículos 8 e 9: “Pois não me envergonharei, embora, de alguma forma, eu me glorie mais da autoridade que o Senhor nos concedeu para a edificação, e não para a vossa destruição. Não quero que pareça que desejo intimidar-vos por meio de cartas” (2Co 10.8,9). Portanto, Paulo já havia dito que Deus havia lhe dado essa autoridade para edificar a igreja, não para destruí-la.

Sua segunda justificativa é que ele havia se gloriado apenas dentro dos limites da esfera de atuação que Deus lhe designou. Vimos isso nos versículos 13 a 18 do capítulo 10. Dessa forma, ele diz: “Nós, porém, não nos gloriaremos além da medida, mas nos limites da esfera de atuação que Deus nos designou e que chega até vós” (2Co 10.13). Já vimos sobre o acordo feito entre os apóstolos de Jerusalém (Pedro, Tiago e João), que ficaram responsáveis por levar o evangelho aos judeus, enquanto Paulo recebeu autorização dos apóstolos, em Jerusalém, para expandir o evangelho em meio ao mundo gentílico. Como Corinto ficava na Acaia, entre as regiões da Grécia antiga, era um território gentílico. Paulo, portanto, estava se defendendo dessa acusação de que estava invadindo território alheio, lembrando que ele estava atuando na área que lhe fora designada por esse acordo firmado com os apóstolos de Jerusalém, ou seja, por Pedro e os demais, segundo o qual coube a Paulo o ministério aos gentios. Assim, o apóstolo Paulo está defendendo que não passou de medida alguma, pelo contrário, ele respeitou o limite da esfera de atuação que Deus “nos designou e que chega até vós” (2Co 10.13):

Porque não estamos estendendo os nossos limites além do que convém, como se não tivéssemos chegado a vós, pois já chegamos também a vós pelo evangelho de Cristo. Não nos gloriamos além da medida no trabalho dos outros; pelo contrário, temos a esperança de que, à medida que cresce a vossa fé, também o

nosso trabalho cresça muito entre vós, de acordo com a nossa esfera de atuação, para anunciar o evangelho nos lugares além de vós, e não em campo de atuação de outro, para não nos gloriarmos no que já estava pronto. Quem, porém, se gloria glorie-se no Senhor. Pois quem se recomenda a si mesmo não será aprovado, mas sim aquele a quem o Senhor recomenda (2Co 10.14-18).

Portanto, essas são algumas das justificativas que o apóstolo Paulo apresenta. Ele estava se gloriando da autoridade que Deus havia lhe dado sobre os coríntios para edificá-los, e não para destruí-los. Segundo, ele estava se gloriando do trabalho que Deus o designou a fazer. Além disso, ele apresenta outras justificativas, como o fato de que tinha zelo de Deus pela igreja de Corinto, como um pai de uma virgem prometida em casamento ao noivo, que é Cristo. Vimos isso em 2Coríntios 11.1,2, que analisamos no capítulo anterior. Ele disse: “Quem dera me suportásseis um pouco mais na minha loucura! Sim, suportai-me ainda. Porque tenho ciúme de vós, e esse ciúme vem de Deus, pois vos prometi em casamento a um único marido, que é Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura” (2Co 11.1,2). Portanto, como o zelo ou o ciúme de um pai em cuidar da filha prometida ao noivo, assim era o zelo de Paulo pelos coríntios. Estes eram a noiva de Cristo Jesus, e foram comprados por um preço muito alto. E Cristo confiou a Paulo o cuidado dessa igreja até que ele venha.

Na carta escrita aos efésios, Paulo diz que apresentar essa noiva, nos dias das bodas, “como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5.27), é o trabalho de Cristo. Esse trabalho Cristo confiou ao amigo do noivo, ao pai da noiva. Em 2Coríntios 11.1,2, Paulo diz, em outras palavras, que esse é o trabalho dele como pastor, como pai espiritual deles: “Tenho zelo por vocês; essa é a razão da minha loucura em querer evitar que se comprometam com esses falsos apóstolos. Eu zelo, portanto, pela vida de vocês”. Ele tinha esse zelo de Deus pela igreja como um pai de uma virgem prometida em casamento ao noivo.

Paulo também tinha receio de que o Diabo viesse a corromper a mente deles através do ensino falso desses mestres infiltrados, como havia feito com Eva no jardim do Éden. E esse receio foi outra justificativa que Paulo apresentou para ter se gloriado. Vemos a preocupação manifesta de Paulo com isso, quando ele diz: “Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com sua astúcia, também a vossa mente seja de alguma forma seduzida e se afaste da

simplicidade e da pureza que há em Cristo” (2Co 11.3). Assim, essa era outra preocupação de Paulo, que o motivava a se gloriar e a se comparar com esses falsos apóstolos, falsos profetas, falsos mestres, que tentavam ganhar a atenção, o amor e a simpatia da igreja de Corinto, lançando acusações contra Paulo, para que a igreja viesse a desprezá-lo. E Paulo diz, em outras palavras: “Em minha loucura de me comparar a eles, o que me motiva, além de outras coisas, é não permitir que o Diabo venha a corromper a mente de vocês, enganando-os, seduzindo-os, por meio desses falsos apóstolos”.

Além disso, o fato de que os coríntios já estavam acolhendo bem esses falsos apóstolos foi mais uma justificativa que Paulo apresentou para ter se gloriado. Paulo fala disso neste versículo: “Porque, se chega alguém e vos prega outro Jesus que não pregamos, ou se recebeis outro Espírito, que não aquele que recebestes, ou outro evangelho que não acolhestes, vós de boa vontade o suportais!” (2Co 11.4). Os coríntios estavam até sustentando esses falsos mestres. Paulo, então, manifesta sua preocupação, ao perceber que os coríntios já estavam sendo seduzidos por essas pessoas e de bom grado recebendo-as e aceitando-as, acolhendo essas pessoas em seu meio e até sustentando alguns desses falsos apóstolos.

Por fim, também vimos Paulo argumentar que não se via em nada como um apóstolo inferior àqueles que se apresentavam como superapóstolos, que o criticavam e tentavam denegrir a sua imagem. Ele diz: “Em nada me considero inferior a esses ‘superapóstolos’” (2Co 11.5). Vimos que aqui, no grego, a expressão que Paulo usa com ironia é a expressão “superapóstolos”. E continua, no versículo 6: “Pois ainda que me falte instrução em oratória [como diziam os falsos apóstolos], não me falta conhecimento. Pelo contrário, nós vos temos demonstrado isso de todas as maneiras”.

Isso me faz lembrar que, há mais de 15 anos, quando eu pastoreava uma igreja no Centro-Oeste do Brasil, surgiu forte essa onda de pessoas que se autointitulavam apóstolos. Lembro-me bem de um programa de televisão de uma dessas igrejas em que seu líder se autointitulou apóstolo. Para entendermos o que essa onda significa, lembro que essa pessoa estava expondo um texto da carta de Pedro. Era um texto complexo, e o preletor, olhando para o texto, disse: “De apóstolo para apóstolo, acho que Pedro não foi feliz em colocar isso”.

É mais ou menos algo desse tipo que Paulo estava enfrentando: pessoas que se autodenominavam apóstolos e reivindicavam direito e autoridade sobre a igreja.

Na passagem que estudaremos neste capítulo, o leitor verá o que está por trás disso e o que Paulo — que recebe uma nova acusação contra si, e dela irá se defender — queria evitar com tudo que ele fez.

Na passagem do presente capítulo, portanto, Paulo se justifica mais uma vez, desta feita por ter se gloriado de não ter recebido sustento dos coríntios. E esse é o assunto e a nova acusação feita contra ele. Assim, veremos, em primeiro lugar, a crítica levantada contra Paulo. Depois veremos, em segundo lugar, a defesa apresentada por Paulo. E, em terceiro lugar, trataremos da denúncia que Paulo faz contra seus críticos.

A crítica feita contra Paulo

Começamos destacando um ponto importante: em carta anterior, Paulo já havia defendido o seu direito de receber sustento da igreja em Corinto, como outros apóstolos recebiam. No capítulo 9 de 1Coríntios, a segunda carta que Paulo tinha escrito aos crentes em Corinto, ele defende seu direito, na condição de apóstolo, de ser mantido e sustentado pela igreja em Corinto. Veja o que ele diz nesta passagem, por exemplo: “Esta é a minha defesa para com os que me acusam. Não temos nós o direito de comer e beber? Não temos nós o direito de levar conosco esposa crente, como também fazem os demais apóstolos, os irmãos do Senhor e Cefas?” (1Co 9.3-5). Logo, concluímos que todos os demais apóstolos de Cristo Jesus eram casados, acompanhados da esposa, e mantidos pela igreja. Paulo diz, no versículo 6: “Ou será que somente eu e Barnabé não temos o direito de deixar de trabalhar pelo sustento financeiro?” (1Co 9.6).

Para defender seu direito de receber sustento da igreja, Paulo usa, enfim, vários argumentos. Usa, por exemplo, um argumento inspirado no universo da guerra e outro inspirado no cotidiano do campo: “Quem serve no exército à sua própria custa? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite que ele produz?” (1Co 9.7). Paulo usa três situações da vida comum, para dizer que todo trabalhador labuta na expectativa e na esperança de poder se alimentar do fruto do seu trabalho. Ele diz, no versículo seguinte: “Por acaso digo isso apenas da perspectiva humana? Ou a lei também não afirma a mesma coisa?” (1Co 9.8). Em seguida, ele usa um argumento

bíblico, pois invoca o Antigo Testamento, quando diz: “Pois na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca do boi quando debulha o grão” (1Co 9.9). Ou seja, não se pode amarrar a boca do animal, quando ele está pisando o grão, pois ele precisa se alimentar para poder trabalhar de forma saudável. Isso está escrito na lei de Moisés. E Paulo aplica isso: “Será que Deus está preocupado com bois? Ou será que de fato não diz isso por nós? É claro que é em nosso favor que isso está escrito. Pois quem lavra a terra deve debulhar o grão com a esperança de participar da colheita. Se semeamos entre vós as coisas espirituais, será demais que de vós colhamos as materiais? Se outros participam desse direito sobre vós, não o teríamos nós ainda mais?” (1Co 9.9-12).

Assim, esse é o argumento de Paulo, o qual ele já havia usado antes. Ele havia intencionalmente aberto mão desse direito, a fim de não ser um peso à igreja e não dar brecha para que seus inimigos o acusassem de ser mercenário. Paulo considerava uma glória para si o fato de ter se sustentado enquanto esteve em Corinto. Não recebeu salário por decisão dele mesmo. Paulo disse: “Mas não tenho me servido de nenhuma dessas coisas. Nem escrevo isso para que assim se faça comigo; pois para mim seria melhor morrer; ninguém irá invalidar essa minha glória” (1Co 9.15).

E justamente por causa disso Paulo estava sendo tachado, por essa nova acusação, de ser orgulhoso, de não amar os coríntios, porque não quis receber sustento deles. Paulo, então, se defende dessa nova acusação feita contra si. Ele considerava uma glória para si mesmo o fato de ter se sustentado em Corinto, e não ter explorado financeiramente a igreja.

Voltemos os olhos para 1Coríntios 9.12,13: “Se outros participam desse direito sobre vós, não o teríamos nós ainda mais? Mas nunca exercemos tal direito; antes, a tudo suportamos, para não colocar obstáculo algum ao evangelho de Cristo. Não sabeis que os que trabalham com o que é sagrado comem do que é do templo [Paulo retoma, mais uma vez, um argumento veterotestamentário]? E que os que servem no altar participam do que ali é oferecido?” (1Co 9.12,13). Paulo está trazendo à memória o período da história em que Deus colocou seu povo, as doze tribos, na Terra Prometida, na terra de Canaã. Deus distribuiu terras a 11 tribos, mas separou a tribo de Levi e disse que aquela tribo não herdaria a terra nem nela trabalharia. Os levitas não deveriam se dedicar à agricultura, à pecuária, à criação. Deveriam se dedicar apenas à religião, para que a nação de Israel se mantivesse em temor a Deus e não desviasse o coração do Senhor. Por isso, a tribo de Levi não recebeu herança, e se dedicou

exclusivamente ao culto, ao Templo, aos sacrifícios da lei cerimonial. Faziam os sacrifícios diários para perdão dos pecados do povo. Dedicavam-se exclusivamente a isso. Os levitas e os sacerdotes vinham da linhagem da tribo de Levi, e, por que não recebiam sustento nem herança para cultivar, Deus estabeleceu que as outras 11 tribos deveriam separar a décima parte da sua plantação e da sua criação e trazer à casa do Senhor, para que houvesse mantimento na sua casa e esses dízimos servissem para sustento dos levitas.

É daí que surge na lei o sistema dizimal. Ele já existia antes, é claro, antes de Melquisedeque, muito tempo antes da Lei, mas nela Deus o estabelece como padrão para o sustento. E Paulo está usando esse mesmo argumento, quando fala aos coríntios:

Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho; eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas e não escrevo isto para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer, antes que alguém me anule esta glória. Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho! Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada. Nesse caso, qual é o meu galardão? É que, evangelizando, proponha, de graça, o evangelho, para não me valer do direito que ele me dá (1Co 9.13-18, ARA).

Embora tenha conscientizado os coríntios de que tinha esse direito, Paulo abriu mão dele. É exatamente esse contexto, essa situação específica, que é usada contra Paulo por seus críticos, a quem ele chama de falsos apóstolos.

Seus críticos começaram a dizer que Paulo havia menosprezado os coríntios e desprezado as ofertas deles, por se sentir superior. Essa era a nova acusação, em outras palavras: “Ele não acha digno o dinheiro, o sustento que lhe oferecem, pois se acha superior a vocês”. Era uma tentativa de colocar os coríntios contra o apóstolo Paulo.

A defesa apresentada por Paulo

Então, vemos a defesa apresentada por Paulo, que parte dos versículos 7 a 12. Quais argumentos ele apresenta para não ter recebido dinheiro dos coríntios e ter se gloriado disso? Pois, de fato, ele dizia, em outras palavras: “Prefiro morrer a alguém me tirar essa glória de bater no peito e dizer: eu nunca recebi salário de vocês”. Por que ele fez isso? Ele, então, apresenta a sua defesa aos crentes em Corinto.

Primeiro, ele não quis receber sustento da igreja de Corinto para não lhes pesar financeiramente. Nos versículos 7 a 11, Paulo aponta argumentos para mostrar sua razão aos crentes de Corinto:

Será que pequei, humilhando-me para que fôsseis exaltados, pois vos anunciei de graça o evangelho de Deus? Para vos servir, despojei outras igrejas, recebendo delas sustento financeiro. E, quando estava presente convosco e passei necessidade financeira, não fui um peso para ninguém; pois, quando os irmãos vieram da Macedônia, supriram a minha necessidade. Em tudo evitei ser um peso para vós e continuarei a agir assim. Assim como é certo que a verdade de Cristo está do meu lado, esse meu orgulho não me será tirado nas regiões da Acaia. Por quê? Será porque não vos amo? Deus sabe que vos amo! (2Co 11.7-11).

Dessa forma, Paulo invoca a Deus como testemunha do amor que nutria pelos coríntios.

Ao observarmos essa defesa de Paulo, queremos destacar alguns pontos, para que fiquem claros em nossa mente. A primeira revelação que o texto faz é que o apóstolo viveu humildemente durante sua estadia em Corinto. O que isso quer dizer? Quer dizer que ele viveu em aperto, com limitações financeiras, passou por privações, como ele mesmo afirma em 2Coríntios 11.9. Paulo anunciou o evangelho de graça, ou seja, sem receber nenhum sustento por isso. Ele alega que não foi um peso, que não quis sê-lo. Passou aperto financeiro, mas não foi

um peso para os coríntios, e lhes apresentou o evangelho sem receber sustento nenhum para isso. Ele questionava, em outras palavras: “Que pecado há nisso?”. Ou seja: “Do que me acusam? Em que pequei por tomar essa decisão voluntariamente?”.

Seu sustento veio de outras igrejas. É a segunda coisa que o texto nos revela no versículo 8: “Para vos servir, despojei outras igrejas, recebendo delas sustento financeiro”. Paulo está sendo irônico ao colocar isso, quando usa a expressão “despojar”, que significa “explorar” ou “roubar”, como se dissesse: “Explorei outras igrejas para não explorar vocês. É disso que me acusam?”. E ele está usando de ironia, quando diz, em outras palavras: “Será que me acusam pelo fato de eu ter sido sustentado pelas igrejas da Macedônia, enquanto estive com vocês? Será que me acusam por que eu tive salário e sustento, não de vocês, mas das igrejas da Macedônia? Então, será que explorei essas igrejas ou as roubei para não explorar vocês? É disso que me acusam, então?”. Nesse argumento Paulo está usando de ironia, portanto, quando utiliza o verbo “despojei”.

O seu alvo, segundo diz ele, é servir à igreja em Corinto, } e não lhes ser um peso. Ele passou privações enquanto esteve lá, ou quando os recursos que foram enviados da Macedônia acabaram. Ele diz, no versículo 9: “passei necessidade financeira, [mas] não fui um peso para ninguém”. Essa afirmação corrobora sua intenção de não ser um peso para os coríntios, ou seja, ele não só viveu humildemente e não recebeu sustento enquanto esteve em Corinto pregando o evangelho, mas também passou dificuldades, apertos financeiros, privações. Mesmo assim, não pediu dinheiro a ninguém. Foram os crentes da Macedônia que o sustentaram com suas ofertas, quando ele passou essas dificuldades. Foram os crentes da Macedônia que lhe enviaram uma oferta. Isso está registrado no capítulo 4 da Carta aos Filipenses.

A Carta de Paulo aos Filipenses é uma carta de gratidão. Pela terceira vez, a igreja em Filipos, ao tomar conhecimento da situação de privação de Paulo, envia-lhe uma oferta. E não somente uma oferta, mas também o seu pastor, para auxiliar Paulo em suas prisões e nas dificuldades que ele passava. Paulo, então, escreve essa carta, para agradecer à igreja de Filipos por, mais uma vez, ter renovado para com ele o seu favor:

Alegro-me muito no Senhor por terdes finalmente renovado o vosso cuidado

para comigo, do qual na verdade estáveis lembrados, mas vos faltava oportunidade. Não digo isso por causa de alguma necessidade, pois já aprendi a estar satisfeito em todas as circunstâncias em que me encontre. Sei passar necessidade e sei também ter muito; tenho experiência diante de qualquer circunstância e em todas as coisas, tanto na fartura como na fome; tendo muito ou enfrentando escassez. Posso todas as coisas naquele que me fortalece. Todavia, fizestes bem em participar da minha aflição. Sabeis, ó filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se comunicou comigo quanto a dar e receber, mas somente vós; pois, enquanto eu ainda estava em Tessalônica, supristes as minhas necessidades, não só uma vez, mas duas. Não que eu procure doações, mas procuro o fruto que amplie o vosso crédito. Mas tenho tudo, até em excesso; tenho amplos suprimentos, depois que recebi de Epafrodito o que enviastes, como aroma suave e como sacrifício aceitável e agradável a Deus (Fp 4.10-18).

Veja a gratidão de Paulo a uma igreja consciente, que se compromete com ele no trabalho de Deus, no sustento do Senhor. Vejamos também Atos 18, para reconstruir bem essa consciência. Paulo se refere mais uma vez aos crentes da Macedônia, que lhe mandaram sustento, quando ele estava em Corinto: “Quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, Paulo dedicou-se inteiramente à palavra, testemunhando aos judeus que Jesus era o Cristo” (At 18.5). O que ele quer dizer com isso? Ele quer dizer que, antes da chegada de Epafrodito, ele teve de se debruçar e trabalhar fazendo tendas, para poder vendê-las e ter seu sustento (At 18.3). Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, porém, Paulo pôde, agora que fora suprido financeiramente, entregar-se totalmente à pregação do evangelho e à plantação da igreja em Corinto. É disso que ele está falando nesses versículos de Atos 18, desses crentes que, na hora da privação, tomaram conhecimento das dificuldades de Paulo e lhe enviaram sustento.

Quando estudamos o livro de Atos, percebemos que Paulo passou pelo menos dois anos em Corinto plantando a igreja. Durante esses dois anos, ele não recebeu sustento da igreja em Corinto. Mas recebeu da igreja da Macedônia, passou alguns apertos, eles mandaram mais recursos, e Paulo se manteve.

Vimos o apóstolo dizer que dessa glória ele não abriria mão: “Assim como é certo que a verdade de Cristo está do meu lado, esse meu orgulho não me será tirado nas regiões da Acaia” (2Co 11.10). A Acaia é a região da qual Corinto era

a capital e a principal cidade. E Paulo começa a justificar essa atitude no versículo 11, quando pergunta: “Por quê? Será porque não vos amo? Deus sabe que vos amo!”. Em outras palavras: “Por que razão eu agi assim? Será porque não vos amo? Ou por que menosprezo vocês? Por me achar superior, não querendo receber o salário e o sustento que vocês querem me dar? Não, não é porque não vos amo. Não é que eu estou desprezando vocês nem a oferta de vocês”. E, então, vemos a real razão pela qual Paulo abre mão de tudo isso. Além de não querer ser um peso, havia outro motivo que fez com que Paulo se glóriasse disso. A razão de Paulo não ter aceitado essas ofertas não era porque não amava os coríntios, como os falsos apóstolos diziam. Os críticos de Paulo queriam transformar em pecado aquilo que para Paulo era uma glória. Por que eles faziam assim? Por que estavam distorcendo isso? Qual era a intenção deles?

Então Paulo é claro, e revela que havia se gloriado em não ter recebido salário de Corinto para eliminar a oportunidade de os falsos mestres receberem dinheiro dos coríntios: “O que faço, e ainda farei, visa não dar oportunidade aos que a buscam, de serem considerados nossos iguais naquilo de que se orgulham” (2Co 11.12). A lógica de Paulo era esta: Quando esses falsos apóstolos quisessem sustento e dinheiro dos coríntios, os coríntios pensariam: “Se Paulo não recebeu, e foi o apóstolo plantador, por que vocês exigem sustento de nós?”.

A intenção de Paulo era não dar oportunidade para que aqueles que chegaram falsamente, que criticavam e que estavam tentando distorcer a verdade, pudessem ter sustento da igreja. E Paulo abre mão do direito que tinha para não dar oportunidade dessas pessoas explorarem os coríntios.

A denúncia feita por Paulo

Paulo passa a fazer uma acusação clara. Após ter recebido essa nova crítica levantada contra si e depois de ter apresentado sua defesa aos coríntios, Paulo agora denuncia os seus críticos. Ele faz essa denúncia, abre o jogo. E deixa claras as motivações dessas pessoas e a razão pela qual ele não quis lançar mão do seu direito. Ele dissera que havia se gloriado de não ter recebido dinheiro para não dar ocasião aos falsos apóstolos de se colocarem em pé de igualdade com ele mesmo e, assim, invocarem seu direito de receber dinheiro dos

coríntios, entre outros direitos que o apóstolo tinha. No versículo 12, ele é claro quanto a isso.

Paulo adotou essa postura radical por saber com quem estava lidando. Muitas vezes as ovelhas não percebem a chegada do lobo. Essa é uma tarefa do pastor de ovelhas. A Bíblia nos apresenta, nas cenas do Antigo e do Novo Testamento, uma cultura agropastoril, na qual havia muitos pastores e muitos rebanhos de ovelhas. Geralmente o pastor levava as ovelhas para pastos verdejantes e águas tranquilas — como Davi muito bem expressa no salmo 23 —, subia no lugar mais alto, e ficava de lá observando as ovelhas no pasto, e observando também a aproximação de predadores. Se os predadores se aproximavam, ele pegava o seu cajado para proteger o rebanho deles. A palavra “pastor” é a mesma que é usada no Novo Testamento para “bispo”, ou seja, é aquele que olha por sobre o rebanho, aquele que tem a responsabilidade de cuidar do rebanho, de perceber as ameaças, e de livrar as ovelhas dos perigos. As ovelhas, porém, às vezes não percebem os perigos, e aí está a responsabilidade do pastor. E, justamente por isso, Paulo está colocando as coisas perante os coríntios nestes termos: “Eu vejo predadores, lobos vorazes, querendo se passar por ovelhas ou por pastores para roubar e devorar vocês. Por isso, quando eles lançaram sobre vocês dúvidas acerca do meu amor, das minhas motivações, do meu caráter, eu cometi a loucura de me comparar com essas pessoas, a fim de mostrar a vocês que eu sou apóstolo de Cristo, e eles não. Para isso eu até desisti de receber o que me cabia por direito, para não dar ocasião dessas pessoas explorarem vocês”. Em linhas gerais, esse é o argumento que Paulo está usando.

A denúncia, portanto, é essa: “Essas pessoas têm a intenção de explorar vocês, meus irmãos”. Assim, essa postura radical de Paulo se deu porque ele sabia com quem estava lidando. Eram falsos apóstolos: “Esses homens são falsos apóstolos, obreiros desonestos, disfarçando-se de apóstolos de Cristo.” (v. 13). Quando ele usa o verbo “disfarçando-se”, ele quer dizer que esses homens “se passam por”, “se apresentam como” algo que não são. São falsos apóstolos, são obreiros fraudulentos, e a intenção deles é explorar os coríntios.

Três colocações que Paulo faz em relação a esses homens os acusam e denunciam. Paulo os chama de falsos apóstolos, obreiros fraudulentos e de pessoas que se passam por apóstolos de Cristo. Isso não era nenhuma surpresa para Paulo. Nos versículos 14 e 15 o apóstolo expõe que, para ele, isso era esperado, não era surpresa. Ele já havia mencionado antes que o Diabo é quem estava querendo corromper a mente dos crentes em Corinto, quando disse: “Mas

temo que, assim como a serpente enganou Eva com sua astúcia, também a vossa mente seja de alguma forma seduzida e se afaste da simplicidade e da pureza que há em Cristo” (2Co 11.3). Ou seja, Paulo faz essa referência ao Éden, à Queda, como se dissesse: “Da mesma forma que Satanás, se passando pela serpente, de maneira astuciosa, corrompeu a mente dos nossos primeiros pais, levando-os à desobediência e à condenação, receio que Satanás também possa fazer a mesma coisa com vocês, pervertendo sua mente”. Paulo sabia o que estava por trás de tudo aquilo. E ele, portanto, faz essa acusação no versículo 13, expondo quem eram os instrumentos do Diabo para seduzir e perverter a fé da igreja: aqueles falsos mestres, falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, que estavam se passando por apóstolos de Cristo e eram os instrumentos usados por Satanás para perverter a fé dos coríntios.

Paulo revela a estratégia de Satanás no versículo 14: “E não é de admirar [ou seja, não me causa surpresa], pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz”. Veja, Satanás não é um anjo de luz, mas ele se passa por um, para seduzir e enganar as pessoas. Ele se apresenta como algo bom.

Por esses dias, eu estava aconselhando um jovem da igreja, em meu gabinete, e ele estava me falando de um seriado chamado “Lúcifer”. Eu disse: “Onde você ouviu falar disso?”. Ele me respondeu: “Por um blogueiro, um youtuber, que fica estimulando crianças a assistirem”. Nesse seriado, Lúcifer se apresenta como um homem muito bonito, inteligente, esbelto, uma pessoa do bem, para atingir um público também infantil. O apóstolo Paulo está dizendo que isso não lhe causa admiração, pois essa sempre foi a estratégia de Satanás. Ele se disfarça, se transforma; ele se passa por um anjo de luz. Ele não se apresenta como aquela figura medieval, um monstro feio, vermelho, com tridente em punho, furando todo mundo. Nada disso. Ele se apresenta de forma sedutora, astuciosa, como um anjo de luz. Essa é a estratégia de Satanás. Da mesma forma, os seus servos se passam por servos de Cristo, por servos da justiça e por apóstolos de Cristo Jesus.

Mas essa denúncia do apóstolo vem acompanhada de uma firme convicção: “Portanto, não surpreende que também os seus servos se disfarcem de servos da justiça. O fim deles será de acordo com as suas obras” (v.15). O fim deles já está reservado. Serão todos castigados, condenados, destruídos. Cristo conhece os que são seus.

Conclusão e aplicações práticas

Quando nos deparamos com um texto como esse, chegamos a algumas conclusões e destacamos aplicações para a nossa vida. Nesse aspecto, gostaria de me dirigir em especial aos crentes e às igrejas. O que podemos extrair desse texto que estudamos?

Primeiro, aprendemos que os obreiros são dignos de receber sustento das igrejas em que servem, ministrando as coisas de Deus. Eles não devem receber menos do que precisam, nem mais do que a igreja é capaz de dar. As igrejas têm responsabilidade de manter seus obreiros. É o que Paulo expõe e o texto nos traz como aplicação prática.

Mas também há algo que é preciso aplicar aos obreiros. Eles devem cuidar para não serem pesados nem explorarem financeiramente as igrejas onde servem a Deus. Por isso, não devem requerer nem receber mais do que a igreja é capaz de dar. A Bíblia nos diz que o trabalhador é digno do seu salário (1Tm 5.18). A Bíblia também nos diz, como orientação para as igrejas, que os que se afadigam na Palavra e no ensino devem ser considerados merecedores de dobrados honorários (1Tm 5.17). Um pastor, porém, nunca pode se utilizar de um texto como esse, que exorta a igreja, para requerer aumento salarial, ou do sustento etc.

Em contrapartida, a igreja não pode tomar um texto como esse para pagar um salário mingüado ao pastor, assim como o pastor não pode apontar um texto que diz que a igreja deve honrar com dobrados honorários aqueles que se afadigam na Palavra e dizer: “Vocês precisam dobrar o meu salário”. A igreja tem de saber suas responsabilidades de manter dignamente seus pastores e obreiros. E os pastores e obreiros não podem requerer nem exigir das igrejas mais do que elas podem lhe dar. Essas são aplicações que podemos encontrar no texto da passagem que estudamos.

Ainda uma palavra aos que gostam de dinheiro. Sem dúvida, o dinheiro é o objetivo final dos falsos profetas. E a Bíblia orienta a nós, pastores, a termos cuidado com isso. É evidente que temos responsabilidades, família, filhos para criar, temos de lhes proporcionar acesso à educação, à saúde, a uma vida digna. No entanto, não podemos colocar nisso os nossos objetivos e alvos; esse não

pode ser o nosso maior interesse. Paulo diz que essa é uma marca dos falsos apóstolos: o interesse financeiro. O objetivo final dos falsos profetas é o dinheiro. São mercenários, são mercadores da fé, fazem do evangelho um negócio.

Os falsos profetas também conseguem se disfarçar em “apóstolos de Cristo”, assim como o Diabo se disfarça em anjo de luz. Eles conseguem ludibriar as pessoas e se passar por apóstolos de Cristo.

Em último lugar, uma aplicação aos crentes. Os cristãos devem ser cuidadosos com relação aos pastores e líderes que escolhem e às igrejas que frequentam. O apóstolo Paulo não retira dos cristãos a parcela da responsabilidade que lhes cabe nesse sentido. Ele não atribui a responsabilidade somente aos falsos apóstolos de Cristo. Também a atribui aos coríntios: É como se ele dissesse: “Vocês não devem suportar e acolher pessoas que caracteristicamente são exploradores” (2Co 11.4). É responsabilidade dos crentes observar a conduta desviada de um líder e dizer: “Não!”. Também é responsabilidade dos crentes não procurar igrejas que exploram financeiramente as pessoas, pois essas são marcas de falsos apóstolos de Cristo Jesus. Em sua carta, Paulo também atribui aos coríntios uma parcela da responsabilidade. Não os inocenta. Do mesmo modo, nenhum cristão sincero e verdadeiro pode se considerar inocente, se escolhe ser orientado por falsos apóstolos que revelam essa característica.

Que Deus nos proteja e nos livre do mal. Que nos faça orar como Davi, em Salmos 69.6: “Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em ti, ó Senhor, Deus dos Exércitos; nem por minha causa sofram vexame os que te buscam, ó Deus de Israel” (ARA). Que Deus nos abençoe e faça com que sua Palavra cale fundo em nosso coração.

Capítulo 28

a insensatez de paulo

2Coríntios 11.16-33

Quando gloriar-se é necessário

Digo, mais uma vez, que ninguém me considere louco. Mas, se assim pensais, aceitai-me como louco, para que eu também tenha algo de que me orgulhar. O que digo, não o digo com a autoridade do Senhor, mas como se fosse por loucura, orgulhando-me sem hesitar. Visto que há muitos que se orgulham segundo os padrões humanos, eu também me orgulharei. De boa vontade suportais os loucos, visto que sois sábios! Pois se alguém vos escraviza, se alguém vos devora, se alguém tira vantagem de vós, se alguém se exalta sobre vós, se alguém vos esbofeteia, vós o suportais. Para minha vergonha, digo que fomos fracos. Mas, naquilo em que alguém se atreve a orgulhar-se, falo como louco, também eu me atrevo. São hebreus? Eu também sou. São israelitas? Eu também sou. São descendentes de Abraão? Eu também sou. São servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco), muito mais em trabalhos; muito mais em prisões; em chicotadas sem medida; em perigo de morte muitas vezes; cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas. Três vezes fui espancado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei um dia e uma noite em mar aberto. Muitas vezes passei por perigos em viagens, perigos em rios, perigos entre bandidos, perigos entre os do meu próprio povo, perigos entre gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos; em trabalho e cansaço, muitas vezes em noites sem dormir, com fome e com sede, muitas vezes sem comida, com frio e com falta de

roupas. Além de outras coisas, ainda pesa diariamente sobre mim a preocupação com todas as igrejas. Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado? Se é preciso orgulhar-me, haverei de me orgulhar de minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não estou mentindo. Em Damasco, o governador da cidade, sob a autoridade do rei Aretas, vigiava a cidade dos damascenos a fim de prender-me. Mas desceram-me muralha abaixo, num cesto através de uma janela. Assim, escapei das mãos dele.

Estamos na parte final de 2Coríntios. Já vimos que, nessa parte dos capítulos 10 a 13, o tom de Paulo — que, até então, tinha sido amistoso e de reconciliação com os coríntios, no que diz respeito a todas as tensões que tinham acontecido — subitamente muda. Paulo se torna irônico, mordaz, crítico, e às vezes até ameaçador. Como explicação para essa mudança brusca de tom, imaginamos que, entre os capítulos 9 e 10, aconteceu uma mudança de situação em Corinto. A situação — antes reportada por Tito como de tranquilidade, na qual os coríntios se mostravam arrependidos de sua atitude em relação a Paulo, tendo inclusive disciplinado aquele que tinha liderado a oposição ao apóstolo —, de repente, com a chegada de falsos mestres se passando por apóstolos de Cristo, muda completamente.

Os coríntios começaram a dar ouvidos a esses falsos mestres, que vinham de Jerusalém com cartas de recomendação, elogiando a si mesmos, autoproclamando-se ministros de Jesus Cristo, assim diminuindo o apóstolo Paulo, desgastando-lhe a imagem e querendo tomar a liderança da igreja. Eles já tinham avançado bastante, lamentavelmente. Os coríntios tinham dado ouvido a essas pessoas, e começaram a olhar com desconfiança para o apóstolo Paulo. Paulo, então, se vê obrigado — depois do tom amistoso com que escreveu até o capítulo 9 — a escrever esses capítulos finais em tom de censura para com a igreja de Corinto, prometendo fazer-lhes uma terceira visita, na qual usaria de toda a sua autoridade apostólica.

O que Paulo faz nesses capítulos é rebater as críticas que esses autodenominados apóstolos estavam fazendo a ele, especialmente aquela de que Paulo era um tolo, porque, segundo eles, tinha tomado uma série de atitudes erradas e era um fracasso no ministério.

Na passagem que estudaremos, Paulo foca em uma crítica em particular. Os falsos mestres diziam que Paulo estava se gloriando indevidamente da sua autoridade, falava de si com altos elogios e queria com isso se impor à igreja de Corinto. E, de fato, se você der uma olhada em 1Coríntios 9, Paulo diz que é apóstolo, que é o pai espiritual da igreja, e que ele tinha inclusive direito a receber sustento deles, mas não quis exercer esse direito. Ele nunca recebeu um centavo sequer da igreja de Corinto. Mas, nem por isso, ele deixou de dizer que teria direito ao sustento, se quisesse, uma vez que era apóstolo de Cristo. Se não era apóstolo para mais ninguém, pelo menos para a igreja de Corinto ele era, pois é o pai dessa igreja. E isso passou a ser usado pelos inimigos de Paulo como prova de sua tolice, sua arrogância, sua insensatez, e assim por diante.

Vimos que, desde o capítulo 10 da carta, Paulo oferece várias justificativas sobre o porquê de ele ter se gloriado. Deus tinha lhe dado autoridade sobre os coríntios para edificá-los, não para destruí-los (2Co 10.8-12). Quando Paulo se gloriava, ele o fazia somente dentro da esfera de atuação que Deus havia reservado para ele; portanto, não se gloriava no trabalho dos outros, mas sim naquilo que Deus havia feito através dele, Paulo. Ele fazia tudo aquilo porque tinha zelo pela igreja, assim como o pai de uma virgem prometida em casamento a um noivo, que é Cristo (2Co 11.1,2). Ele tinha receio de que o Diabo corrompesse a mente dos coríntios, assim como tinha enganado Eva no paraíso (2Co 11.3). Além disso, os coríntios já haviam acolhido e estavam sustentando os falsos mestres (2Co 11.4). E, apesar de todas as acusações, Paulo não se considerava um apóstolo inferior àqueles que o criticavam (2Co 11.5,6).

Paulo tinha se gloriado também de não ter recebido sustento dos coríntios, e seu motivo era porque não queria ser pesado para eles. Por último, Paulo deixa clara a natureza de seus inimigos (2Co 11.13): eles eram falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçando-se em apóstolos de Jesus Cristo. Exatamente como o Diabo, que estava por trás deles, e era capaz de se transfigurar em anjo de luz.

Essa era a natureza do problema que Paulo estava enfrentando. A tensão era muito grande, a pressão era muito grande; os inimigos eram desleais, e havia ação satânica por trás. Paulo, então, sente necessidade de explicar o porquê daquela aparente glória que ele exibia diante dos coríntios.

Na passagem de 2Coríntios 11.16-33, vemos Paulo pedindo permissão para se gloriar mais um pouco. Todos em Corinto estavam dizendo que Paulo se comportava como se fosse duas pessoas diferentes. Paulo disse, então: “Está

certo. Eu sou louco. E, já que sou louco, vou me gloriar mais um pouco”. Então, ele pede permissão para continuar a se gloriar — e essa é a primeira parte que vamos ver, dos versículos 16 a 18.

Depois de pedir permissão para se gloriar, Paulo revela a razão do pedido, que é dupla. Primeiro, porque os coríntios, que se julgavam sensatos, estavam tolerando os insensatos. Segundo, porque Paulo, usando de ironia, diz que poderia ter se aproveitado deles, mas não o fez.

No terceiro ponto, vemos aquilo para o qual Paulo está se preparando. Ele, então, começa a se gloriar. Mas, vem uma grande surpresa. Paulo está dizendo, em outras palavras: “Não me considerem um louco, pois não sou. Mas já que estão me considerando assim, eu vou agir como louco. Vou me gloriar. Mas vou me gloriar porque vocês estão sendo insensatos por tolerarem esses falsos mestres. Portanto, se é para me gloriar, lá vai!”. E aí vem a surpresa. A relação de coisas que Paulo cita como motivo de glória é exatamente uma lista de coisas vergonhosas, das quais ninguém se gloriaria. De maneira irônica, Paulo está dizendo o seguinte: “Esses homens não são apóstolos de Jesus coisa nenhuma! Porque um verdadeiro apóstolo e ministro de Cristo passa por essas coisas que estou enumerando”. Então, ele fornece uma lista extensa de seus sofrimentos e de sua luta, que vamos ver em detalhes no próximo capítulo, pois a lista cita tanta coisa que não conseguiríamos vê-la de uma só vez.

Assim, veremos esse pedido de Paulo para se gloriar mais. Depois, veremos sua justificativa para isso. Em seguida, veremos, em linhas gerais, essa lista que se estende do versículo 21 ao 33, que deixa todo mundo envergonhado. E, por fim, vamos tentar extrair algumas lições para nós.

O pedido para se gloriar

Em primeiro lugar, Paulo pede permissão para se gloriar como insensato:

Outra vez digo: ninguém me considere insensato; todavia, se o pensais, recebei-

me como insensato, para que também me glorie um pouco. O que falo, não o falo segundo o Senhor, e sim como por loucura, nesta confiança de gloriar-me. E, posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei. (v. 16-18, ARA)

Ele começa pedindo que não seja considerado insensato — ou louco, como aparece em outras versões (A21, NTLH, por exemplo). Paulo já tinha pedido isso antes. Por isso diz, no versículo 16: “Outra vez digo”, uma vez que já havia começado esse capítulo da carta dizendo, no versículo 1: “Quem dera me suportásseis um pouco mais na minha loucura! Sim, suportai-me ainda”. Então, como já tinha pedido, ele pede de novo que ninguém o considere louco, mas, se assim o considerarem, então, que o recebam como louco, para que ele se glorie mais um pouco. Portanto, Paulo está repetindo o pedido que tinha feito no início do capítulo 11. E agora ele fazia questão de repetir.

Mas, afinal, por que os coríntios estavam considerando Paulo uma pessoa insensata, um tolo? Creio que a razão era a influência desses falsos mestres, que provavelmente estavam dizendo aos coríntios: “Esse Paulo é um tolo: ele esteve aqui, plantou a igreja e não recebeu nenhum tostão de vocês. É tolo mesmo! Quando ele quer falar grosso, escreve cartas, mas, quando está presente, fala mansinho. A presença dele é desprezível. Ele fica se exaltando e se gloriando nas cartas. É um louco, um insensato! Vocês foram enganados pelo apóstolo Paulo”.

Então, Paulo resolve entrar no jogo. E faz uma jogada ousada, perigosa. Ele está dizendo, em outras palavras: “Vocês estão me considerando um tolo? Tudo bem, vou jogar de acordo com as regras. Eu sou mesmo um tolo. Então, me aceitem na minha tolice. Aceitem as tolices que vou falar, as bobagens que direi a vocês. E, já que vocês estão tolerando esses apóstolos e o autoelogio deles, vou me aproveitar do fato de que me consideram um insensato, e vou me gloriar mais um pouquinho”.

Paulo está muito consciente de que esse tipo de atitude não era algo que vinha de Deus. Por isso alerta que aquilo que ele fala, não o fala segundo o Senhor, e sim como por loucura, nesta confiança de se gloriar. Entretanto, no versículo 17, a expressão “O que falo, não o falo segundo o Senhor” (ARA) não é evidência de que essa parte da Bíblia não seja inspirada por Deus. Na verdade, a própria glória de Paulo e tudo o que ele vai contar nesses versículos, as coisas que dirá,

tudo isso é inspirado por Deus. O que ele quer dizer com essas palavras é que não recebeu nenhuma orientação direta de Cristo para fazer isso, nem o exemplo de Cristo permitiria que Paulo agisse assim, pois o Senhor Jesus nunca se gloriou. A pessoa de Jesus impressiona sempre por sua humildade e submissão. O próprio Paulo invoca essas qualidades de Cristo, quando começa uma parte da carta dizendo: “Eu, Paulo, peço-vos pela mansidão e bondade de Cristo” (10.1). Ele começa apelando primeiro para a mansidão e a bondade de Cristo. Mas, em seguida, passa a se gloriar. Portanto, o seu gloriar-se não estava de acordo com o exemplo de Cristo, e Paulo está consciente disso. Mas está entrando no jogo dos adversários, para poder derrotá-los com as próprias armas.

E qual era o jogo deles, afinal? Eles se vangloriavam, dizendo: “Nós somos de Jerusalém. Temos cartas de recomendação. Temos visões, revelações, fazemos milagres e prodígios”. Paulo diz: “Então, são essas as marcas de um verdadeiro apóstolo de Cristo? Está certo. Permitam-me apresentar as minhas marcas também”. Ele entra no jogo, embora saiba que é um jogo perigoso. Não é um jogo do tipo que um servo do Senhor normalmente faria. Por isso, Paulo alerta que não está fazendo isso segundo o Senhor Jesus, mas como se estivesse se gloriando na carne, nessa loucura, nessa confiança de se gloriar.

No versículo 18, Paulo diz: “E, posto que muitos [isto é, os seus adversários] se gloriam segundo a carne [isto é, exaltam suas qualidades humanas, virtudes, poder, autoridade e tudo mais], também eu me gloriarei” (ARA). Ou seja, já que os falsos apóstolos estão se gloriando para prejudicá-lo, então, ele também entrará nesse jogo, e usará as premissas dos adversários contra eles mesmos.

Isso me lembra um exemplo curioso. Até mesmo Davi, para matar Golias, teve de usar a arma de Golias. É mais ou menos isso que Paulo está fazendo nesses versículos. Ele está usando a arma dos inimigos para poder enfrentá-los, assim como Davi, para matar Golias, precisou usar a espada de Golias. Paulo, portanto, entrará no jogo dos falsos mestres e usará as armas deles contra eles mesmos.

A justificativa para se gloriar

A razão que Paulo aponta e que consiste em toda a justificativa em que ele se

baseia para pedir licença de se gloriar, está nos versículos 19 a 21:

De boa vontade suportais os loucos, visto que sois sábios! Pois se alguém vos escraviza, se alguém vos devora, se alguém tira vantagem de vós, se alguém se exalta sobre vós, se alguém vos esbofeteia, vós o suportais. Para minha vergonha, digo que fomos fracos. Mas, naquilo em que alguém se atreve a orgulhar-se, falo como louco, também eu me atrevo (v. 19-21).

Esta é a explicação que Paulo dá para o pedido que está fazendo: Os coríntios se julgavam sensatos, mas de boa vontade toleravam os insensatos, que eram os falsos mestres. Portanto, os coríntios estavam tolerando a insensatez deles, sua autoglorificação, seu autoelogio. E estavam fazendo isso de boa vontade, até com prazer. Ou seja, os coríntios tinham perdido todo o senso crítico e de julgamento. A essa altura, eles já tinham abandonado a lealdade para com o apóstolo Paulo e estavam de boa vontade aceitando aquelas pessoas. E, então, Paulo denuncia toda a maldade que os falsos mestres estavam praticando contra os coríntios, como se dissesse: “Vocês não estão vendo o que estas pessoas estão fazendo com vocês? E vocês toleram esses insensatos!”.

No versículo 20, ele continua a apontar cinco coisas que os falsos mestres estavam fazendo contra a igreja, que eram coisas insensatas, mas que os coríntios estavam aceitando. Primeiro: “Pois se alguém vos escraviza”. O que isso significa? Provavelmente que os falsos mestres estavam assumindo o governo da igreja e impondo-lhes a lei de Moisés, que é um sistema de escravidão. Lembre-se de que esses mestres são judaizantes, portanto, a mensagem deles é esta: é necessário guardar a lei de Moisés. E Paulo sempre se refere à lei como escravidão, pois o crente está livre disso. Mas, agora, os coríntios, insensatamente, de boa vontade, estavam aceitando a mensagem desses falsos mestres para submetê-los outra vez à lei de Moisés e, assim, ganhar o controle e o governo da igreja. É isso que eles estavam fazendo. Por isso Paulo está lhes dizendo, em outras palavras: “Vocês estão tolerando e aceitando que eles façam isso?”.

Paulo denuncia a segunda coisa que os falsos mestres estavam fazendo na igreja de Corinto e que os coríntios estavam insensatamente aceitando: “se alguém vos

devora”. “Devorar”, nesse caso, é uma referência à exploração financeira que esses falsos mestres estavam praticando. Eles estavam devorando os recursos financeiros dos coríntios. Estavam pedindo ofertas, dízimos, abusando da hospitalidade, porque eram mercenários. No final, era isso que eles queriam mesmo: aproveitar-se das igrejas e ganhar dinheiro. Portanto, eles estavam escravizando os coríntios e devorando seus recursos financeiros.

A terceira coisa que Paulo acusa os coríntios de estarem insensatamente aceitando dos falsos mestres é: “Tolerais quem vos detenha” (ARA). O termo “detenha” é difícil de traduzir. Significa “parar alguém”, no sentido de apanhar em uma armadilha. Então, talvez a melhor tradução fosse esta: “Vocês estão tolerando essas pessoas que estão apanhando vocês através do engano; essas pessoas que, com suas ideias e seus pensamentos, estão prendendo vocês, como quem prende um pássaro na armadilha. E vocês estão tolerando isso, estão sendo levados escravos, estão sendo detidos, presos, apanhados por esses falsos mestres”.

A quarta coisa que os falsos mestres estavam fazendo e os coríntios insensatamente aceitando era: “se alguém se exalta sobre vós”. Não é difícil imaginá-los agindo assim. Eles chegavam à igreja dizendo: “Nós somos apóstolos de Cristo. Somos judeus, e vocês são gentios, são coríntios. Nem povo de Deus vocês eram. Deus tem uma aliança com a nação de Israel”. Portanto, para se exaltar, eles menosprezavam os coríntios.

A quinta coisa que Paulo denuncia que os falsos mestres estavam fazendo na igreja de Corinto, e que os coríntios estavam insensatamente aceitando era: “se alguém vos esbofeteia”. Não sabemos se Paulo está se referindo a isso de maneira literal ou figurada. Os dois sentidos cabem. Quando ele diz que os coríntios estão tolerando quem os esbofeteia, se isso for uma figura de linguagem, simplesmente quer dizer que os falsos mestres desprezavam os coríntios, pois, na época, uma das maneiras de se demonstrar desprezo era batendo com as costas da mão no rosto de alguém. É a mesma palavra que Jesus usou no Sermão do Monte, quando disse: “Ao que te bater numa face, oferece-lhe também a outra” (Lc 6.29). O verbo “bater”, que figura nesse versículo, era usado para designar aquela bofetada que é dada com as costas da mão e que significava uma atitude de desprezo. Talvez seja isso que Paulo está dizendo: “Esses falsos mestres estão desprezando vocês; humilhando-os”. Ou talvez Paulo estivesse falando literalmente, no sentido de os coríntios terem fisicamente levado bofetadas no rosto desses falsos mestres. Pode ter sido físico também.

O fato é que essas pessoas estavam abusando dos coríntios. Basta ver as expressões que Paulo usa nesses versículos. E os coríntios, de boa vontade, estavam tolerando essas pessoas. Por aí, já dá para ver por que Paulo está tão indignado.

Por isso, ele diz: “Se vocês são capazes de suportar essas pessoas, então me suportem mais um pouquinho também. Aguentem o que eu vou dizer”. É curiosa a ironia de Paulo, pois ele diz que os coríntios se consideram sábios, mas, na verdade, suportam aqueles que praticam todos esses abusos contra eles.

O versículo 21 também é complicado de entender. Em geral, as traduções não facilitam a compreensão, como esta, que diz: “Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos” (ARA). Difícil entender o que Paulo quer dizer aqui. Provavelmente, ele está dizendo algo assim: “Eu confesso, ingloriamente, que fui fraco quando estive aí. Estou vendo que, se eu os tivesse esbofeteado, escravizado, me aproveitado financeiramente de vocês e os humilhado, vocês teriam suportado. Perdi a chance!”. Ou seja, parece que está sendo irônico, pois não fez nem faria nada disso. Quando estava fundando a igreja, em Corinto, Paulo não escravizou os coríntios, não os esbofeteou, não recebeu dinheiro deles. Então, é ironicamente que ele diz: “Puxa! Perdi a oportunidade! Fui fraco. Eu deveria ter exercido minha autoridade e cobrado, extorquido, escravizado e dominado vocês”. Mas Paulo, evidentemente, não fez nada disso. Sua liderança era diferente da liderança daqueles falsos apóstolos.

Paulo liderava pelo exemplo, pela humildade, pelo serviço, pela entrega e pela abnegação, como veremos. Mas aqueles homens se apresentavam alegando ter autoridade, impondo-se à força, e querendo prevalecer sobre a igreja de Corinto. É nítido que há um conflito de modelos de autoridade. E Paulo, usando de ironia, diz, em outras palavras: “Se eu soubesse que vocês aguentariam isso, teria feito o mesmo quando fui plantar a igreja. ‘Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos’”.

Paulo gloria-se

Finalmente, Paulo chega no ponto para o qual o texto vinha preparando. Enfim,

ele começa a se gloriar. Até agora ele vinha dizendo que iria se gloriar, que isso era insensato, mas, afinal, os coríntios eram insensatos mesmo, e estavam suportando todo tipo de coisa que os falsos mestres praticavam contra eles. Portanto, Paulo decide também se gloriar.

Mas do que Paulo se gloriaria? Vou apenas citar essas hipóteses, pois vamos vê-las em detalhes no próximo capítulo.

Primeiro, ele diz que se gloria porque seus adversários não são mais judeus do que ele: “Mas, naquilo em que alguém se atreve a orgulhar-se, falo como louco, também eu me atrevo” (v. 21). Ou seja, se eles são ousados, Paulo também é. E ele começa, então, a enumerar uma série de hipóteses nas quais poderia se gloriar: “São hebreus? Eu também sou. São israelitas? Eu também sou. São descendentes de Abraão? Eu também sou” (v. 22). Ou seja, se a questão é medir credenciais e pedigree, os de Paulo são iguais aos dos falsos apóstolos. Eles não são melhores do que Paulo em nada. Se o que conta é raça, origem israelita, Paulo também tinha essas credenciais. Paulo afirma que não é inferior a eles, se o que está em jogo é a procedência racial.

Depois, Paulo diz que, se for para comparar quem é mais ministro de Cristo, ele é muito mais. Eles dizem que “são servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco)” (v. 23). Paulo está bem ciente de que está fazendo um jogo perigoso, pois está se comparando, coisa que um cristão nunca deveria fazer. Mas ele se vê obrigado a fazer isso, porque o que está em jogo é a igreja de Corinto e a verdade do evangelho. Então, meio fora de si, Paulo diz: “são servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco)” (v. 23). E, então, era de se esperar que Paulo dissesse: “Ganhei tantas almas para Cristo; abri tantas igrejas. Converti tantos sacerdotes; levei ao arrependimento tantos fariseus”. Mas Paulo vai se gloriar de coisas que são consideradas vergonhosas.

Primeiro, ele se gloria das perseguições que sofreu: “São servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco)” (v. 23). Nesse ponto, seria de se esperar que Paulo apresentasse estatísticas, números. Mas ele continua, explicando em que sentido é mais servo de Cristo do que os falsos mestres: “muito mais em trabalhos; muito mais em prisões; em chicotadas sem medida; em perigo de morte muitas vezes; cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas” (v. 23,24). Então, a partir do versículo 25, Paulo começa a contar sobre as privações que enfrentou em suas viagens missionárias. Ele menciona que foi fustigado com vara, apedrejado, sofreu naufrágio por três vezes, passou

uma noite e um dia em mar aberto. Ele continua a partir do versículo 26:

Muitas vezes passei por perigos em viagens, perigos em rios, perigos entre bandidos, perigos entre os do meu próprio povo, perigos entre gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos; em trabalho e cansaço, muitas vezes em noites sem dormir, com fome e com sede, muitas vezes sem comida, com frio e com falta de roupas (v. 26,27).

Ora, eles “são servos de Cristo? Sou ainda mais” (v. 23) Por quê? E para mostrar o porquê, Paulo não começa a enumerar quantas igrejas plantou nem quantas pessoas levou para Cristo. Não! Sua pergunta é: Quem sofreu mais por Jesus? Quem foi mais perseguido por causa de Cristo? Esse é o critério de Paulo, não é sucesso, nem vitória, nem números, mas sim quem sofreu mais e quem foi mais fiel ao Senhor Jesus Cristo. E, então, a lista passa dos sofrimentos externos para o sofrimento interno: “Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas” (v. 28, ARA). O sofrimento de Paulo não era só físico. Não era só falta de comida ou de repouso. Havia também um sofrimento psicológico. Paulo sofria com as igrejas, especialmente com a igreja de Corinto.

“Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado?” (v. 29). E a lista continua. E Paulo vai contar sobre algo que ele considera, talvez, sua experiência mais marcante como servo de Cristo. Que experiência foi essa da qual Paulo se gloria? “O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não estou mentindo. Em Damasco, o governador da cidade, sob a autoridade do rei Aretas, vigiava a cidade dos damascenos a fim de prender-me. Mas desceram-me muralha abaixo, num cesto através de uma janela. Assim, escapei das mãos dele” (v. 31-33). Veja a experiência que Paulo conta para se gloriar. Ele conta que teve de fugir escondido num cesto de roupa suja, que foi descido por cordas, pelo lado de fora da cidade. Era disso que ele se gloriava. Por isso ele pediu permissão desde o começo, pedindo que os coríntios o suportassem, porque ele iria se gloriar.

Qual é o ponto central de Paulo? Era para contar essas coisas que ele tinha pedido permissão desde o começo? Várias vezes ele disse, nas entrelinhas: “Eu

vou ter de falar. Eu não queria, mas estou sendo pressionado. Então, se vocês estão achando que sou louco, insensato, me suportem mais um pouquinho, porque vou dizer mais algumas coisas. Vocês estão dizendo que eu estou me gloriando? Agora é que eu vou me gloriar mesmo”.

Ou seja, Paulo usa de uma ironia profunda, e se gloria de coisas que eram consideradas vergonhosas, sinais de fraqueza, derrota e fracasso. Veja a lista dele! São evidências de derrota, de fraqueza e de fracasso. São coisas vergonhosas que, na maioria das vezes, as pessoas não queriam contar, pelo contrário, queriam esconder, para não dar sinal de fraqueza. Mas são essas exatamente as coisas que Paulo menciona, para ensinar que o verdadeiro servo de Cristo é aquele já sofreu por Cristo, é aquele que traz no corpo as marcas da cruz e vive na plena dependência das suas fraquezas. O contraste é gritante! O que Paulo está querendo fazer é óbvio. Ele usa as mesmas armas de seus inimigos para derrotá-los. Ele derrota seus inimigos no jogo deles. Ele entrou no jogo exatamente para isso. Ele está derrotando aqueles homens, dizendo: “Qual de vocês já passou por isso?”. Qual daqueles “apóstolos” já tinham passado por um décimo disso tudo que Paulo passou? Aquelas coisas de que eles se gloriavam eram exatamente o oposto da glória que Paulo tinha a oferecer. Eles se exaltavam, se autoelogiavam, mas nenhum deles passou por uma humilhação pelo nome de Jesus. Paulo, portanto, assim os derrota no seu próprio jogo.

Conclusão e aplicações práticas

Que lições nós podemos tirar dessa passagem?

A primeira lição é que vamos precisar de sabedoria para saber a hora em que devemos aceitar entrar no jogo do inimigo, para derrotá-lo com suas próprias armas. Fiquei pensando em que situações do dia a dia o cristão poderia fazer isso. Talvez no contexto de uma discussão com um inimigo do evangelho; ou com uma pessoa que esteja fazendo questionamentos; ou ainda em um ambiente acadêmico, universitário. Você aceita as premissas que estão sendo colocadas. Por exemplo, a premissa de que a ciência tem explicação para todas as coisas. Essa premissa é falsa. Mas você diz: “Está certo. Vamos aceitar essa premissa. Então, explique cientificamente a origem da informação do DNA. De onde

vem?”. Você aceitou uma premissa falsa, para entrar no jogo e derrotar o adversário com as mesmas armas que ele usaria. É isso que Paulo está fazendo na passagem que acabamos de estudar: está derrotando Golias com a própria espada de Golias.

Entretanto, precisamos de muita sabedoria para fazer isso. Uma das razões pelas quais não conseguimos muitas vezes comunicar o evangelho é porque já rejeitamos de cara a premissa do outro. Por exemplo, vamos conversar com uma pessoa e ela tem outra maneira de ver as coisas, tem outra cosmovisão, tem outras premissas. Então, nós já rejeitamos de imediato tudo o que ela diz, e não há ponto de contato, não temos como argumentar. Às vezes temos de entrar no jogo para, usando os próprios argumentos da outra pessoa, mostrar-lhe a verdade, a clareza do evangelho e a tolice da posição dela. A isso Francis Schaeffer, famoso apologeta, chamava de tirar o teto, desconstruir a cosmovisão dos oponentes, para depois você poder chegar com o evangelho.

Como eu disse, é um jogo perigoso. Não o recomendo para todo mundo. Mas foi o que Paulo fez na passagem que vimos, e com grande sucesso. Fiquemos atentos para isso, portanto.

Aprendemos, em segundo lugar, que a ironia é outro recurso a ser usado. A ironia pode ser um instrumento muito útil na argumentação, no diálogo, no confronto que, infelizmente, às vezes temos de ter. Mas ela precisa ser muito bem usada. Na passagem que analisamos, Paulo está virando a mesa. A hora em que ele disse que iria se gloriar, todos se prepararam para ouvir façanhas fantásticas. No entanto, ele se gloria de passar fome, de levar chicotadas, de levar 39 chicotadas. Na verdade, Paulo está ironizando os autoelogios dos falsos apóstolos. Às vezes ficamos um pouco receosos de usar determinados recursos, com medo de ofender os outros, aborrecer as pessoas, e ser crítico de tudo. Há momentos, porém, em que o uso de retórica desse tipo tem o seu lugar, como Paulo nos mostrou. Mas não estou recomendando isso a você, se não tiver alguma habilidade para usar esse recurso. Não quero que você vá direto para o Facebook ironizar os inimigos do evangelho, porque isso vai gerar uma confusão muito grande. É preciso ter a elegância do apóstolo Paulo para poder fazer esse tipo de coisa. Estou dizendo isso apenas para mostrar que a ironia em si nem sempre é ruim. Nós devemos estar prontos para encontrar e reconhecer ironia na Bíblia, esse senso de humor invertido, como às vezes Paulo e outras várias narrativas do Novo Testamento usam.

Uma terceira lição que gostaria de tirar para nós é a evidente insensatez de quem se gloria e autoelogia de seus feitos com o objetivo de impressionar os outros. Podemos perceber que Paulo se mostra relutante o tempo todo em fazer isso. Ele não quer se gloriar, não quer contar vantagem nem se elogiar. Paulo reluta em fazê-lo. E, quando o faz, ele conta coisas a seu respeito que geralmente as pessoas não contariam, pois em geral lhes causam vergonha. Paulo faz tudo isso para dar a Deus toda glória e todo louvor.

Outra lição é que, de acordo com essa passagem, a autenticidade de um servo de Cristo e do seu ministério não se mede necessariamente pelas marcas costumeiras de sucesso, vitória e conquista que os nossos amigos do coaching tentam nos impor. Paulo provavelmente precisava de um coach nesse ponto, não é? Ele precisava de um pouco mais de autoestima, um pouco mais de alvos, de planos, de buscar a vitória. Será? Paulo, do ponto de vista dessas coisas, era de fato um verdadeiro fracasso. Portanto, essa passagem nos alerta para o fato de que a autenticidade e a veracidade do ministério cristão não se medem, necessariamente, por esses indicadores que, para o mundo, são sinais inequívocos de vitória, sucesso, fama, conquista etc. Portanto, cuidado, pois só no dia do juízo conheceremos as verdadeiras motivações que estão por trás de grandes histórias de sucesso evangélico. Aguardemos a chegada desse dia.

Por último, peçamos a Deus sabedoria para enfrentar oposição no ministério. Imagino Paulo se vendo obrigado a fazer o que fez nessa passagem. Acontece, às vezes, de o pastor ter de parar seu trabalho pastoral (de pastorear ovelhas, escutar pessoas, ir atrás dos desviados, pregar o evangelho) para gastar tempo se defendendo. Imagine o tempo e a energia que Paulo gastou em toda correspondência com os coríntios, a fim de poder responder a todas essas acusações. Às vezes, isso é necessário, pois a oposição é terrível, faz mal. Precisamos, porém, de sabedoria de Deus para enfrentar a situação. Também precisamos pedir a Deus algumas coisas.

Primeiro, precisamos pedir humildade para enxergar quando a oposição está correta. Porque nossa tendência quase sempre é descartar toda oposição. Mas às vezes as pessoas que nos criticam têm razão em alguma coisa. E precisamos de humildade para escutar os críticos, escutar aquele membro da igreja que fica no seu pé e que você quer se livrar dele de todo jeito. No entanto, recomendo que preste atenção no que ele está dizendo, e com humildade reflita se, por acaso, a crítica dele não tem um fundo de verdade.

Em segundo lugar, peça a Deus que lhe dê graça e quebrantamento para você admitir seus erros, confessá-los e mudar. Não é demérito; não significa que o seu ministério vai se enfraquecer se você admitir que errou.

Quando fui professor no Seminário do Norte, e dava aulas em período integral para os alunos, eu me lembro de um aluno, do terceiro ou do quarto ano, que eu achava que nunca deveria ter ido para o seminário. Eu achava que quem o havia mandado para o seminário tinha cometido um erro. Mas ele estava lá. Na segunda-feira, eu dava aula de uma matéria, passava um trabalho, e na sexta-feira, eu dava aula de novo e queria receber o trabalho. Todo mundo entregava o trabalho, menos ele. E fazia isso direto. O rapaz era desleixado mesmo.

Um dia eu perdi a paciência. Chegou a sexta-feira, todo mundo entregou o trabalho, menos ele. Eu dei um esculacho grande nele, na frente de todo mundo, exemplarmente. Humilhei o rapaz, mas humilhei mesmo. Eu me lembro de que, naquele final de semana, eu tinha de pregar em Natal. Lá vou eu, dirigindo para Natal, e no meio da viagem Deus disse: “Você errou”. Quero dizer, Deus não me falou ao pé do ouvido, mas o coração deixa claro. Ouvi a voz de Deus dizendo: “Você pegou pesado com o rapaz. Você o humilhou na frente de todo mundo”. E eu respondi: “Não, Deus!”. E, durante a viagem toda, fui brigando com Deus: “Não, Deus! O rapaz é ruim. O Senhor viu! Não é a primeira vez. Ele precisava disso!”. E Deus dizia: “Mas a sua maneira não está correta”.

Na viagem de volta, Deus já tinha me convencido de que eu tinha errado, mas agora eu estava negociando com Deus os termos da minha rendição. Mas, ele não aceitaria outra coisa senão um pedido de perdão público ao rapaz, na sala de aula.

Chegou a segunda-feira. E, então, eu pedi perdão ao rapaz, na frente de toda a sala. E eu pensava comigo mesmo: “Acabou meu ministério aqui no seminário. Acabou, porque eu vou me humilhar, vou pedir perdão, vou admitir que errei. Acabou!”. Mas eu pedi perdão me dirigindo publicamente a ele, e dizendo: “Eu queria lhe pedir perdão. Eu humilhei você na última aula. Não deveria ter feito isso. Peço que você me perdoe”. E não disse “mas você mereceu”; não disse nada, porque confissão verdadeira não vem acompanhada de “mas”. Eu estava realmente arrependido, e pedi perdão para o rapaz. E ele começou a chorar, se quebrantou ali. E com ele a classe toda também. Ele me pediu perdão, e disse: “Não, pastor, eu que tenho de pedir perdão para o senhor. O senhor tem razão. Eu estou errado mesmo”. Eu me lembro que um dos alunos chegou para mim,

depois, e disse: “Pastor, se nós te respeitávamos antes, agora te respeitamos muito mais, pois estamos vendo que o senhor pratica aquilo que ensina. Em vez de endurecer o seu coração, o senhor se humilhou e pediu perdão”.

Pastores, nós não vamos perder a autoridade se reconhecermos a crítica, se nos humilharmos, se pedirmos perdão, se consertarmos nossas falhas. Ao contrário, nós vamos crescer no conceito da igreja, porque estaremos praticando aquilo que ensinamos para eles: que, quando alguém erra, precisa pedir perdão, precisa consertar seu erro.

Que Deus nos dê perseverança para não desanimarmos e termos uma vida reta, transparente, que com ações cale a boca de todos os críticos. Que Deus nos ajude para que sejamos bons ministros de Cristo, cristãos que andam no caminho de Deus, como ele deseja de nós.

Capítulo 29

gloriando-se nos sofrimentos

2Coríntios 11.21-33

A lista de aflições do apóstolo

Para minha vergonha, digo que fomos fracos. Mas, naquilo em que alguém se atreve a orgulhar-se, falo como louco, também eu me atrevo. São hebreus? Eu também sou. São israelitas? Eu também sou. São descendentes de Abraão? Eu também sou. São servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco), muito mais em trabalhos; muito mais em prisões; em chicotadas sem medida; em perigo de morte muitas vezes; cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas. Três vezes fui espancado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei um dia e uma noite em mar aberto. Muitas vezes passei por perigos em viagens, perigos em rios, perigos entre bandidos, perigos entre os do meu próprio povo, perigos entre gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos; em trabalho e cansaço, muitas vezes em noites sem dormir, com fome e com sede, muitas vezes sem comida, com frio e com falta de roupas. Além de outras coisas, ainda pesa diariamente sobre mim a preocupação com todas as igrejas. Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado? Se é preciso orgulhar-me, haverei de me orgulhar de minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não estou mentindo. Em Damasco, o governador da cidade, sob a autoridade do rei Aretas, vigiava a cidade dos damascenos a fim de prender-me. Mas desceram-me muralha abaixo, num cesto através de uma janela. Assim,

escapei das mãos dele.

No capítulo anterior, vimos que o apóstolo Paulo pede permissão aos coríntios, por assim dizer, para se gloriar, para contar certas vantagens. Ele o faz por várias razões. Primeiro, porque os coríntios o consideravam louco, tolo e insensato, inflamados pelos falsos mestres que estavam se infiltrando na igreja e denegrindo a imagem de Paulo. É como se Paulo dissesse: “Vocês acham que sou um insensato, um tolo, porque venho me gloriando e dizendo que sou apóstolo de Jesus Cristo. Já que me acham tolo, suportem-me mais um pouco, pois ainda tenho mais algumas coisas para me gloriar a meu respeito, além dessas a que me referi”. Com isso, Paulo reafirma o que já tinha dito na carta anterior e também naquela carta severa que nós vimos.

Além dessa razão, Paulo também pede permissão para se gloriar, pois o que estava em jogo não era a sua reputação pessoal, mas sim a própria sobrevivência da igreja de Corinto. A igreja estava sendo assediada por pessoas que se gloriavam de ser ministros de Cristo, apóstolos de Jesus investidos de autoridade delegada por Jerusalém, os quais queriam tomar a liderança da igreja. Para isso, estavam assassinando a reputação e o caráter do apóstolo Paulo com mentiras e acusações, como já vimos.

Paulo resolve entrar no jogo deles. O jogo é quem conta mais vantagem, quem é maior? Pois então Paulo decide que, se o jogo é esse, ele vai entrar também. E passa a contar vantagem, ou, melhor dizendo, passa a “gloriar-se”, que é a expressão usada no texto. Mas, como já comentamos, quando Paulo começa a se gloriar, ele surpreende, porque as coisas das quais ele se gloria são vergonhosas. São coisas que, na verdade, não exaltam nem elevam ninguém. Antes, mais parecem retratar a figura de alguém fracassado e rejeitado. Paulo, porém, tem um propósito ao fazer isso. Ele pretende mostrar que o verdadeiro servo de Cristo não é aquele tipo que os falsos apóstolos estão apresentado, ou seja, alguém imponente, que tem cartas de recomendação, que se gloria do seu pedigree, da sua nacionalidade. Não, nada disso! O que prova que alguém é, de fato, um servo de Cristo que trabalha por seu Senhor é o quanto já labutou, sofreu, foi perseguido e passou privações por amor do evangelho. Paulo entra no jogo, mas inverte as regras, e derrota os apóstolos no próprio jogo deles. Em síntese, é o que ele faz nesse texto.

Neste capítulo, quero analisar essa lista de vantagens que Paulo aponta, a sua lista de “glórias”, a qual vamos dividir em duas grandes partes. Na primeira, ele trata da questão da origem, da nacionalidade, pois aborda a alegação daqueles falsos apóstolos, que se gloriavam de ser judeus. Paulo entra no jogo e mostra que também é. Na segunda parte da lista, Paulo trata da questão dos seus sofrimentos por Cristo, e cita uma lista enorme, que procurei subdividir em outras cinco partes. Primeiro, ele fala dos sofrimentos por que passou nas mãos dos judeus. Em segundo lugar, fala das vezes em que arriscou sua vida em meio à luta missionária. Em terceiro lugar, cita as privações que passou por causa de Cristo. Em quarto, menciona seu sofrimento espiritual pela igreja. E, por último, lembra uma experiência que demonstra a maior de todas as humilhações que ele passou. A essas questões dedicaremos nossa atenção, e, ao final, traremos algumas aplicações de tudo isso para nossa vida.

A questão da nacionalidade

O apóstolo Paulo diz, no versículo 22: “São hebreus? Eu também sou. São israelitas? Eu também sou. São descendentes de Abraão? Eu também sou”. Ele está repetindo o que aqueles falsos apóstolos estavam dizendo. Eles estavam contando vantagem de que eram hebreus verdadeiros, judeus, israelitas, descendentes de Abraão e insinuando que Paulo era um judeu de segunda classe. Provavelmente diziam isso por ele não ter nascido em Jerusalém, mas sim na Dispersão, em Tarso da Cilícia. Deviam dizer coisas do tipo: “Ele não é muito versado em hebraico”; “Ele não tem puro sangue judeu. Inclusive, seu pai é cidadão romano”, e outras alegações desse gênero.

Por essa razão Paulo diz que é tão judeu quanto aqueles homens. Primeiro, aponta que era tão hebreu quanto eles. A palavra “hebreus” se refere à nacionalidade e tem origem no nome de Héber, mencionado em Gênesis 10.21. Os judeus são descendentes de Héber; daí o nome “hebreus”. Essa alegação tem a ver com a nacionalidade, mas Paulo diz que é tão hebreu quanto eles. Ser hebreu, portanto, é uma alegação que se refere à raça, à língua, e ao fato de pertencer àquela nação.

“São israelitas? Eu também sou”, diz o apóstolo Paulo em seguida (v. 22). Já a

palavra israelita tem a ver com a cidadania ligada ao povo de Deus. Paulo afirma que era membro daquele mesmo povo com quem Deus fizera um pacto, o povo da aliança, chamado de Israel por conta de Jacó (cujo nome Deus mudou para Israel). Israel é o terceiro grande patriarca e, às vezes, representa todos os demais, pois sua história — assim como a de Abraão — é das mais conhecidas e tratadas na Bíblia. Portanto, se os falsos mestres eram israelitas, Paulo também era.

Os falsos mestres também diziam que eram descendentes de Abraão. E Paulo rebate: “São descendentes de Abraão? Eu também sou” (v. 22). Essa descendência de Abraão tem a ver com a herança. Os descendentes de Abraão eram herdeiros das promessas que Deus tinha feito a Abraão e, portanto, tinham direito à promessa do Messias. Paulo, em particular, era da tribo de Benjamin. Embora fosse da Dispersão — pois tinha nascido fora da Judeia —, Paulo falava hebraico, aramaico, e não era um judeu helenista, muito embora falasse grego.

Com suas afirmações, Paulo pretende mostrar que estava em pé de igualdade com os falsos mestres em relação a todas essas coisas que eles estavam contando como vantagem. Se eles são hebreus, Paulo também é. Se são israelitas, Paulo é também. Se são descendentes de Abraão, Paulo igualmente era. Não que essas coisas fossem importantes para Paulo. Preste bastante atenção quanto a isso. Houve um dia em que Paulo se gloriou de ser hebreu, israelita e descendente de Abraão segundo a carne. Contudo, para o apóstolo Paulo, todas essas coisas não tinham mais o menor valor, porque, para ele, os verdadeiros descendentes de Abraão são os crentes em Cristo, a verdadeira circuncisão não era a da carne, a igreja era o Israel de Deus, e o verdadeiro judeu é aquele que o é no coração. Para Paulo, portanto, todas essas coisas não tinham mais importância nenhuma. Mas é preciso lembrar que Paulo decidira entrar no jogo dos falsos apóstolos; por isso ele estava alegando ter as mesmas credenciais que os falsos apóstolos diziam ter.

Mas Paulo faz isso com relutância. Veja o que ele diz, no final do versículo 21: “Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos. Mas, naquilo em que qualquer tem ousadia [ele se refere à ousadia dos falsos mestres] (com insensatez o afirmo), também eu a tenho” (v. 21, ARA). Ou seja, se os falsos apóstolos tinham ousadia para contar vantagem de que eles são isso e aquilo, então Paulo também tinha. Ele sabia que estava sendo insensato, que ninguém deveria agir assim. Mas decidira entrar no jogo e, por isso, estava sendo tão ousado quanto seus adversários. Portanto, se eles tinham qualificações, Paulo mostra que

também as tinha.

Volto a dizer que Paulo não está nem um pouco preocupado com a sua reputação. O que o preocupa é o estado da obra do evangelho na cidade de Corinto. Pois, se Paulo fosse de alguma maneira desqualificado, então tudo que ele fizera, toda a mensagem dele, tudo aquilo que ele ensinara em Corinto se perderia, por causa da ação maléfica dessas pessoas.

A lista dos sofrimentos de Paulo

A segunda parte da lista, que vai do versículo 22 ao 33, é muito mais extensa e se concentra nos sofrimentos de Paulo em prol do evangelho.

Aqueles falsos apóstolos de Corinto se apresentavam como ministros de Cristo, e com isso queriam ganhar autoridade sobre a igreja, para ensinar a falsa doutrina que propagavam. Contudo, Paulo diz: “São servos de Cristo? Sou ainda mais” (v. 23). Repare que agora não é uma questão de igualdade. Na primeira parte da lista, Paulo alegou estar em pé de igualdade com os falsos apóstolos, em tudo que eles alegavam sobre serem hebreus, israelitas, descendentes de Abraão. Mas, nessa segunda parte de lista, a questão é diferente. Paulo questiona: “[Esses falsos apóstolos] são ministros de Cristo?” E, ao responder: “Sou ainda mais”, Paulo não está alegando estar em pé de igualdade com eles. Ele não está dizendo simplesmente que também é servo de Cristo. Antes, Paulo está dizendo que é muito mais servo de Cristo do que os falsos apóstolos. E, então, apresenta uma lista como evidência de que ele é muito mais servo de Cristo do que aqueles falsos apóstolos.

Ele começa com o versículo 23. Lembre-se, o tempo todo ele está pedindo desculpas pelo que está fazendo: “São servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco), muito mais em trabalhos” (v. 23). Ou seja: “Eu trabalhei muito mais do que eles pelo evangelho. Qual foi o trabalho que esses homens fizeram? Que igrejas eles plantaram? Onde anunciaram o evangelho de Cristo? Em quais lugares em que a mensagem ainda não tinha sido anunciada eles foram anunciá-la? Eu trabalhei muito mais do que eles!”. E, então, vem a relação dos sofrimentos pelos quais Paulo passou, por conta desses trabalhos.

Primeira parte da lista: perseguições nas mãos dos judeus

Perseguições

Primeiro, Paulo fala dos sofrimentos desses trabalhos que decorreram das perseguições pelas quais passou nas mãos dos judeus. O interessante é que a maioria das coisas que Paulo relata aqui não está no livro de Atos. Nós só ficamos sabendo por que Paulo fala sobre elas nesta passagem. O livro de Atos narra a história das viagens missionárias de Paulo. Muita coisa do que ele relata em suas epístolas bate com o livro de Atos. Mas também há muita coisa que ele relata que não está no livro de Atos. Isso mostra que o livro de Atos é seletivo, não conta tudo a respeito de Paulo. Lucas, o autor de Atos, deixou de fora alguns relatos, pois sua intenção era destacar aquilo que considerava importante para mostrar o avanço do evangelho até chegar a Roma. Vamos à lista de Paulo, porém.

Depois de dizer “muito mais em trabalhos”, ele afirma: “muito mais em prisões” (v. 23). Ou seja: “Eu já fui preso por causa do evangelho muito mais do que esses falsos apóstolos”.

O livro de Atos relata o episódio em que Paulo foi preso, em Filipos (At 16.23). Ele e Silas foram presos porque Paulo expulsou o demônio de uma jovem adivinhadora. Ela dava lucro aos patrões que, por perderem sua fonte de renda, denunciaram Paulo. O apóstolo, então, foi não somente chicoteado, mas preso também. Fora essa prisão, o livro de Atos narra ainda a prisão que aconteceu mais tarde, em Jerusalém, depois de Paulo ter escrito 2Coríntios. Depois, Paulo é levado preso para Cesareia e de lá para Roma, como prisioneiro de César. (Uma curiosidade: Clemente, um dos pais da igreja do final do século 1 e início do século 2 d.C., em 1Clemente, a primeira carta que escreve, menciona sete prisões do apóstolo Paulo.) Na passagem que estamos analisando, portanto, Paulo alega que é “muito mais [servo de Cristo] em prisões” do que os falsos apóstolos.

Chicotadas

O próximo item da lista dos sofrimentos de Paulo é “em chicotadas sem medida” (v. 23).

Atos menciona só aquela vez em que Paulo foi açoitado em Filipos, na mesma ocasião em que foi preso. Mas deve ter havido outras vezes em que Paulo foi açoitado.

Perigo de morte

O próximo item é “em perigo de morte muitas vezes” (v. 23). O que Paulo está fazendo ao se comparar com os falsos apóstolos? Ele está dizendo, em outras palavras: “Eu fui preso muito mais do que eles. Fui chicoteado muito mais do que eles. Passei por muito mais perigos de morte do que eles”.

E o que vem em seguida desse versículo, provavelmente, é uma ilustração desses perigos por que Paulo passou, experiências que o colocaram frente a frente com a morte. Afinal, a quais perigos de morte Paulo se refere? Ele esclarece, por exemplo, no versículo 24: “cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas”. Isso é interessante, pois a lei de Moisés, em Deuteronômio 25.3, estabelecia 40 chicotadas como o limite que um judeu poderia sofrer como castigo por alguma infração. Esse texto diz que passar de 40 chicotadas humilhava o irmão. Para mim, passar de duas já humilhava, mas, certamente, ultrapassar 40 chicotadas seria pesado demais!

Os judeus, então, para não correrem o risco de violar a lei de Moisés, davam 39 chicotadas. Pois a pessoa poderia contar errado e, portanto, era melhor errar batendo menos do que passar de 40 chicotadas. Assim, geralmente, quando os judeus chicoteavam alguém que tinha sido condenado ou fora considerado culpado, eles davam 39 chicotadas, e não 40, pois tinham medo de errar, dar 41

chibatadas, e com isso violar a lei de Moisés.

Segundo Paulo afirma, por cinco vezes ele recebeu dos judeus 39 chicotadas. E ele afirma categoricamente que as chicotadas foram dadas pelos judeus. Assim, era um castigo aplicado pela sinagoga. É interessante que Paulo relata que recebeu esse castigo por cinco vezes. Então, pelo menos cinco vezes, as sinagogas de algumas das cidades em que Paulo pregou se reuniram, convocaram Paulo, disseram que ele estava errado, e Paulo se submeteu a esse castigo — embora ele não tivesse de se submeter. Esse era um castigo de judeus para judeus. Provavelmente, Paulo se sujeitou a ser chicoteado cinco vezes com 39 chicotadas pelo desejo de não se desligar do seu povo, de manter relação com Israel.

Por que as sinagogas teriam feito isso com Paulo? Por duas razões. Primeiro, por blasfêmia, pecado punido com 40 chicotadas. Eles acusavam Paulo de estar blasfemando, quando ele dizia que Jesus era Deus, que Jesus era o Cristo. Para o judeu isso é blasfêmia. A segunda razão para receber esse castigo deve ter sido por que Paulo dizia que os gentios, os não judeus, também eram parte do povo de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo. Isso um judeu não podia aceitar. Por esses motivos Paulo era considerado traidor, herege, falso profeta, e recebia o castigo de 40 chicotadas (39, na prática).

Voltando ao versículo 24, portanto, que exemplifica os perigos de morte pelos quais muitas vezes o apóstolo passou, é como se Paulo estivesse dizendo: “cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas. Quantas vezes esses falsos apóstolos apanharam? Eu apanhei todas essas vezes, correndo perigo de morte, por amor a Jesus Cristo”.

Espancado com varas

O próximo item da lista de sofrimentos está no versículo 25: “Três vezes fui espancado com varas”. Qual é a diferença entre esse castigo e o anterior, das 39 chicotadas? O castigo das 39 chicotadas era aplicado a judeus, pelos judeus. Já o castigo de ser espancado com varas era aplicado pelos romanos. Era um castigo público que os romanos aplicavam em malfeitores, que apanhavam com varas,

em praça pública.

O livro de Atos narra uma vez em que isso aconteceu, em Atos 16.22, na cidade de Filipos, ocasião em que Paulo foi preso por ter expulsado o espírito de adivinhação de uma menina. As autoridades fustigaram Paulo e Silas com vara e os levaram para a prisão. Em seguida, ocorre a conversão do carcereiro e tudo mais. É o único relato desse castigo em Atos. Mas Paulo diz que foi três vezes espancado com varas.

Como essa era uma punição aplicada pelos romanos, só pode ter ocorrido nas colônias militares por onde Paulo passou. Filipos era uma colônia militar. Outras colônias militares onde Paulo pregou foram Antioquia da Pisídia, Listra, Trôade e mesmo Corinto, que tinha uma grande guarnição militar. Em algumas dessas cidades, Paulo apanhou de vara em praça pública, castigo aplicado pelos romanos, provavelmente instigados por judeus.

Atos 22 relata uma vez em que Paulo quase recebeu esse castigo em Jerusalém. Na ocasião, os judeus queriam pegar Paulo e matá-lo. De repente, vem um centurião com a corte romana, separa Paulo, mas ninguém sabia direito o que estava acontecendo. Instalou-se uma confusão, e cada um dizia uma coisa. Então, eles algemam Paulo, tiram suas roupas, preparam as varas para espancá-lo, mas Paulo diz: “Vocês vão fazer isso com um cidadão romano?”. Ele podia ter apelado antes para sua cidadania romana, mas aparentemente não teria adiantado. Dessa vez em que apela para tal fato, seus algozes reconhecem que não podem dar varadas em um cidadão romano, antes de ele ser julgado. E, assim, Paulo escapa do que seria a quarta vez em que levaria varadas dos romanos, e vai para Jerusalém como prisioneiro político.

Uma vez apedrejado

O próximo item da lista está no versículo 25 ainda, quando ele diz: “uma vez fui apedrejado”. Isso, de fato, está no livro de Atos, no relato de quando Paulo esteve em Listra (At 14.19,20). Lá, ele pregou o evangelho, e então vieram uns judeus de Antioquia e Icônio, apedrejaram Paulo na cidade de Listra, e o jogaram fora da cidade, como se estivesse morto. Deram Paulo como morto,

tantas foram as pedradas que ele recebeu. Os discípulos rodearam Paulo, ele se levanta, e os discípulos cuidam dele. No dia seguinte, Paulo está na estrada de novo, para pregar o evangelho na cidade de Derbe.

Esses foram os sofrimentos que Paulo passou na mão de judeus e romanos por conta do evangelho. Por isso, Paulo disse: “São servos de Cristo? Sou ainda mais” (v. 23). Ou seja, se era para contar vantagem, então, Paulo mostra o que sofreu por amor de Jesus Cristo e por conta do evangelho. É como se ele estivesse desafiando os falsos apóstolos a mostrarem o que eles tinham sofrido pelo evangelho. Será que algum deles já tinha levado ao menos uma pedrada que fosse por causa do evangelho? A resposta, evidentemente, era: não.

Segunda parte da lista: os perigos durante as viagens missionárias

Naufrágios

Continuando a lista, Paulo passa a falar das vezes em que arriscou sua vida em viagens missionárias, sob condições extremas, e sempre sob perseguição.

Ainda no versículo 25, ele diz que por três vezes sofreu naufrágios. Até para um marinheiro profissional daquela época isso seria muito. Mas Paulo não devia viajar de primeira classe, como se pode presumir. Ele viaja muito de navio, mas nem sempre em embarcações seguras. Pode ser que às vezes viajasse em barcos, ou botes, ou algum outro tipo de navegação que não era tão segura assim. O fato é que ele menciona pelo menos três vezes em que sofreu naufrágio. E note que isso foi antes daquele grande naufrágio a caminho de Roma (At 27.27-44). A segunda carta de Paulo aos coríntios foi escrita antes disso. Depois de escrevê-la, ele ainda sofreu mais um naufrágio, quando estava a caminho de Roma.

Paulo conta que, em um desses três naufrágios, ele passou um dia e uma noite boiando no mar: “três vezes sofri naufrágio, passei um dia e uma noite em mar aberto” (v. 25). Ou seja, ele passou uma noite e um dia em mar aberto, boiando, provavelmente agarrado a algum destroço da embarcação. E deve ter sido em

uma das viagens que ele fez para pregar o evangelho em algum lugar. Talvez por causa de tempestade, tormenta ou piratas — não sabemos ao certo — a embarcação de Paulo afundou, e ele passou uma noite e um dia agarrado a algum destroço, boiando em mar aberto.

Fico imaginando os falsos apóstolos escutando isso e pensando: “Puxa vida! Eu não passei nem um décimo do que esse homem passou!”.

Perigos de toda sorte

No versículo 26, ele diz que muitas vezes passou “por perigos em viagens”. Às vezes a pé, às vezes em montaria, pois Paulo viajava muito. Naquela época, os viajantes corriam muitos riscos. Embora o Império Romano tivesse melhorado a condição das estradas — que ficaram conhecidas como as vias romanas — e garantido um pouco mais de proteção aos cidadãos, ainda assim os perigos eram muitos. E Paulo menciona alguns deles.

Um deles foram os “perigos em rios” (v. 26). Atravessar rios e vaus naquela época era perigoso: os rios eram infestados de mosquitos, animais perigosos, cobras. Talvez Paulo também tenha atravessado pântanos. Alguns acham que algo que Paulo menciona aos gálatas, quando diz, “Porque eu mesmo sou testemunha de que, se fosse possível, teríeis arrancado os próprios olhos para dá-los a mim” (Gl 4.15), indica que o apóstolo tinha uma doença nos olhos. Ele provavelmente a contraiu nos pântanos da região da Galácia, que deve ter atravessado para poder alcançar as cidades por onde passava. Assim, sempre havia risco de doenças, de pestes, de epidemias, de animais, de enchente, de mosquitos e de pântanos.

Paulo menciona outro perigo, o “de salteadores” (v. 26, ARA), ou seja, de bandidos que assaltavam os viajantes nas estradas.

Depois ele menciona “perigos entre os do meu próprio povo” (v. 26). Ou seja, havia hostilidade dos judeus contra ele. Somente no livro de Atos, são mencionadas ocasiões em que os judeus se movimentaram para pegar o apóstolo Paulo nos seguintes locais: Damasco, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra,

Tessalônica, Bereia, Corinto e Jerusalém. Em todas essas cidades, os judeus se uniram para pegar o apóstolo Paulo, prendê-lo, expulsá-lo ou, se possível, matá-lo.

Mas ele não passou perigos somente entre os judeus. Ele também menciona “perigos entre gentios” (v. 26). Ele passou por isso em pelo menos dois lugares. Em Filipos, quando os romanos, depois de lhe dar varadas, prendem-no. E na cidade de Éfeso, porque, depois de ali pregar, Paulo acabou com o negócio dos santeiros locais. O sindicato dos santeiros faliu porque ninguém comprava mais santos da deusa Diana, tamanha a quantidade de pessoas que tinham se convertido. Então, os santeiros denunciaram Paulo, pois ele estava acabando com o comércio deles. E formou-se uma multidão para pegar Paulo e matá-lo, mas o apóstolo escapou, porque seus amigos não deixaram que ele falasse para a multidão. Portanto, ele correu “perigo entre gentios” também.

Ele também diz que correu “perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar” (v. 26), isto é, em todos os lugares por onde Paulo passou, sempre correu risco, por causa de turbas, de salteadores, de naufrágios, de ciladas etc.

Finalmente, terminando a lista, ele cita os “perigos entre falsos irmãos” (v. 26). Ou seja, mesmo entre as pessoas que o acompanhavam, seus companheiros de jornada, colegas de trabalho, havia pessoas que tramavam contra Paulo, pessoas que o traíram e que tramaram contra a própria vida dele. Portanto, Paulo também correu perigos dentro de sua própria equipe, perigos entre falsos irmãos.

Terceira parte da lista: as privações nas viagens

Depois vem a terceira parte da lista. A primeira foram as perseguições nas mãos dos judeus e dos romanos. A segunda foram os perigos durante as viagens missionárias. E agora as privações — a maioria delas voluntárias — pelas quais ele passou também nas suas viagens, as quais ele menciona no versículo 27.

A primeira privação que ele menciona é esta: “em trabalho e cansaço”. Lembre-se de que Paulo tinha de trabalhar durante o dia, fazendo tendas para se sustentar, e pregava à noite.

Em seguida, ele menciona “muitas vezes em noites sem dormir”. Havia ocasiões em que ele passava a noite pregando, como fez em Trôade. Foi um sermão tão longo, que o jovem Êutico, que estava sentado na janela, cochilou e caiu. O que muito me anima, pois, se alguém consegue dormir em uma pregação de Paulo, eu não deveria ficar triste quando vejo alguém adormecer enquanto estou pregando. Êutico caiu da janela, todos desceram até lá, e Paulo reanimou o rapaz. Provavelmente houve ali uma ressurreição. Então, Paulo continua a pregar até o dia amanhecer. Imagine esse quadro: Paulo já tinha passado o dia fazendo tendas; depois, vira a noite pregando o evangelho, instruindo e disciplinando as pessoas na cidade de Trôade, “muitas vezes em noites sem dormir”. Quantas vezes Paulo não deve ter feito isso!

Depois ele menciona “com fome e com sede”. Faltava comida e bebida para Paulo, em lugares onde não havia cristãos. Você deve se lembrar de que o trabalho missionário daquela época dependia muito da hospitalidade de cristãos. O missionário chegava em uma cidade onde havia cristãos e era recebido por eles, podia comer alguma coisa, tinha um lugar para ficar. Mas o trabalho de Paulo era pioneiro. Em certas ocasiões, ele chegava em cidades onde não havia cristãos. Então ele ia comer e beber o quê? Quantas vezes Paulo não ficou com fome e com sede, porque não havia cristãos, não havia amigos, não havia ninguém em alguns dos lugares para onde foi. Ou então, nas longas jornadas no deserto, pelas estradas, até chegar no seu destino, o apóstolo passava por essas dificuldades.

Paulo menciona outra privação: “em jejuns, muitas vezes” (ARA). O jejum já é voluntário. Portanto, além de todas as privações citadas, Paulo ainda jejuava. Além de passar fome e sede, ele ainda jejuava. Ele provavelmente jejuava pelas igrejas, por seu ministério, pela conversão dos judeus em particular, pelo avanço do evangelho. Era um homem de Deus.

Mais uma privação é mencionada: “com frio e com falta de roupas”. Como não tinha dinheiro, nem sempre Paulo tinha uma “capa”. A capa era uma peça do vestuário daquela época, que servia para proteger do sol, durante o dia, e do frio, durante a noite. Nem sempre as roupas de Paulo eram apropriadas para enfrentar as intempéries, porém. Quantas vezes as suas roupas não tinham sido rasgadas, para que ele pudesse ser chicoteado, apanhar de varas. E, nas vezes em que era assaltado, geralmente lhe levavam a capa, que era um item precioso. Então, Paulo passava frio, e às vezes até nudez, por falta de roupas. Não que ele ficasse nu, mas não tinha roupas suficientes. Será que podemos imaginar isso, o grande

apóstolo Paulo passando por essas privações?

Quarta parte da lista: sua preocupação com as igrejas

A quarta parte da lista mostra que, além disso tudo, como se não bastasse, Paulo fala do sofrimento interior que ele passava por causa das igrejas. Chegamos, portanto, no versículo 28: “Além de outras coisas, ainda pesa diariamente sobre mim a preocupação com todas as igrejas. Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado? (v. 28,29).

Além de todos esses sofrimentos, havia ainda o sofrimento psicológico, espiritual. Paulo diz que havia um peso que ele levava diariamente: a preocupação com todas as igrejas.

A preocupação a que Paulo se refere não era “pecaminosa”, mas dizia respeito ao cuidado que ele tinha no coração pelas igrejas que plantara. O apóstolo devia pensar: “As igrejas estão indo bem? A liderança está indo bem? Eles estão fazendo a obra de Deus? Estão conseguindo se manter firmes, em meio a tantas provações e perseguições?”. Havia essa preocupação de Paulo com todos os seus filhos espirituais e com todas as igrejas que ele havia plantado. Imagine o tamanho de sua preocupação, se levarmos em conta a grande quantidade de igrejas que esse homem havia fundado. Ele diz que se preocupava diariamente com a situação das igrejas que plantara.

E então, o que ele fazia? Orava por elas! Várias vezes, nas cartas que mandou, ele dizia que não cessava de orar pelos irmãos de determinada igreja. Ele diz isso aos colossenses, aos tessalonicenses, aos filipenses: “não cessamos de orar por vós” (Cl 1.9). Paulo orava por essas igrejas e por esses irmãos. Ele sentia o fardo e o peso espiritual de carregar esses irmãos, em orações e jejuns, diante de Deus.

Aqui ele dá dois exemplos desse tipo de sofrimento: “Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça?” (v. 29). Quando Paulo tinha notícia de que um irmão tinha fraquejado na fé (o que significava voltar para o judaísmo ou para as religiões pagãs, abandonar o evangelho por conta das perseguições e das

dificuldades), ele se enfraquecia. Sentia o peso. O verbo enfraquecer é usado em dois sentidos diferentes: primeiro se refere ao irmão que enfraquecia; depois se refere ao fato de Paulo se enfraquecer, no sentido de que ele sentia aquilo e desanimava. Ele ficava abatido, triste, por exemplo, quando sabia que algum irmão ou alguma igreja estava abandonando o evangelho que ele tinha ensinado e havia passado a seguir a lei de Moisés como condição para salvação, semelhante ao que estava acontecendo em Corinto. A situação de Corinto abatia o apóstolo Paulo: “Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça?”.

Ele cita um segundo exemplo desse tipo de sofrimento: “Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado?” (v. 29). Nesse versículo, escandalizar significa, literalmente, tropeçar. A palavra “escândalo”, no grego, e que foi traduzida diretamente nesse caso, nem sempre significa uma espécie de surpresa, de espanto. Escandalizar aqui significa tropeçar. Talvez a melhor tradução fosse: “Que membro da igreja não tropeça no pecado que eu não me inflame, que eu não fique ardendo de indignação, zelo e ciúmes, para poder ajeitar aquela situação?”.

Vale lembrar que Paulo está falando de Corinto, e está explicando por que está indignado com esses falsos apóstolos. Era porque eles estavam levando esses irmãos de Corinto a enfraquecerem e a tropeçarem, com sua doutrina e com a exploração que estavam praticando.

Quinta parte da lista: Paulo expõe sua fraqueza

Agora chegamos à última parte, e Paulo termina sua lista de vantagens. Mas lembre-se de como tudo começou, com Paulo dizendo, em outras palavras: “É errado contar vantagem. Mas, se é esse o jogo, está bem! Então, também vou contar. Vocês me aguentem. Não estão dizendo que sou louco? Está certo, então sou louco, e, como tal, vou contar vantagens também”. E ele narra, como se fossem vantagens, todas essas coisas que vimos.

Para o mundo daquela época, uma pessoa que passava por isso era um fracassado, um rejeitado, alguém que não tinha alcançado sucesso nem vitória na vida, alguém abandonado por Deus a todos os rigores da terra, do céu, dos

homens, dos animais e da natureza. Era um homem que fora entregue por Deus à própria sorte. Mas são justamente essas coisas que Paulo conta como vantagem: “Vocês são servos de Cristo? Vejam aqui provas de que eu sou muito mais do que vocês. Tudo o que passei mostra a autenticidade do meu ministério”.

Isso, é claro, faz todo o sentido, pois a atitude de Paulo bate com o evangelho. O evangelho é Deus humilhando seu Filho para morrer uma morte vergonhosa em uma cruz, depois de ter sido rejeitado por seu próprio povo e pelos romanos. Vemos o mesmo padrão na vida de Paulo. Ele está vivendo a vida de Cristo: sendo rejeitado por judeus e gentios, sendo envergonhado publicamente. Se ele é discípulo de Cristo, que outra coisa poderia esperar? E, se você é discípulo de Cristo, que outra coisa pode esperar? Sucesso sempre? Vitória sempre? Tudo certo sempre? Roupa e comida sempre?

Nós somos discípulos do crucificado. Somos servos e ministros do crucificado. Não podemos ter mais glória e mais privilégios do que ele. Por essa razão, Paulo se gloria nisso. Porque são essas coisas que mostram que, de fato, Paulo é um ministro de Cristo Jesus, e não aquelas vantagens que os falsos apóstolos estavam contando, gloriando-se de suas credenciais, procedência, nacionalidade e coisas desse gênero.

Paulo termina esse capítulo contando uma experiência que parece ser o ápice de sua lista. Até agora ele falou de sofrimentos que passou por amor a Jesus, mas que suportou. Na verdade, a imagem que emerge, quando lemos essa lista, é a de um homem resiliente, perseverante, forte, convicto da verdade, que não abre mão do evangelho por absolutamente nada, e que está disposto a morrer mil mortes por causa de Jesus Cristo. Mas Paulo sabe que, talvez, não seja essa a impressão que ele deve passar. Então, a última experiência que ele conta é de sua fraqueza.

Paulo escolheu uma experiência que viveu na cidade de Damasco, logo no início do seu ministério: “O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não estou mentindo” (v. 31). É um juramento solene, pois, em síntese, Paulo está dizendo: “O que vou dizer agora é a expressão da verdade”. E continua: “Em Damasco, o governador da cidade, sob a autoridade do rei Aretas, vigiava a cidade dos damascenos a fim de prender-me. Mas desceram-me muralha abaixo, num cesto através de uma janela. Assim, escapei das mãos dele” (v. 32,33).

Que humilhação! O grande apóstolo Paulo escondido num cesto, sendo baixado por cordas muralha abaixo, para poder fugir, para não morrer naquela cidade, nas mãos do preposto de Aretas, o rei que dominava a região de Damasco, capital da Síria. Esse rei tinha um preposto naquela região, ou seja, alguém designado para governar, uma espécie de prefeito da cidade.

Os judeus se uniram contra o apóstolo Paulo. O relato está em Atos 9.23-25. Foi logo depois da conversão de Paulo. Ele foi para Damasco. Lembre-se de que ele tinha ido para lá para prender cristãos. Mas entra lá convertido, e começa a pregar o evangelho. E, então, os judeus se unem para pegá-lo. Eles conseguem o apoio do governador da cidade, preposto do rei Aretas. Montam ciladas para prender Paulo. E o apóstolo escapa de maneira vergonhosa e humilhante, escondido dentro de um cesto, baixado por cordas através da muralha. É como se Paulo dissesse: “Depois de toda essa lista que citei, vocês podem pensar que sou uma pessoa muito forte. Mas, na verdade, sou fraco. Eu tive de fugir uma vez, e de forma vergonhosa. Eu me escondi para poder escapar de tudo que os judeus estavam preparando contra mim”.

O que Paulo está fazendo com essa atitude? Todas essas coisas nas quais ele se gloria geralmente nós causaríamos vergonha. Mas, com elas, Paulo mostra duas coisas. Primeiro, que apóstolos que nunca sofrem nada por Jesus são falsos apóstolos. Segundo, que essas coisas eram a prova e a evidência de que Paulo era, de fato, um apóstolo de Jesus.

Conclusão e aplicações práticas

Podemos extrair algumas lições dessa passagem riquíssima e tão repleta de detalhes.

Primeira lição: Creio que devemos dar graças a Deus por não termos de passar por um terço do que o apóstolo Paulo passou. Vivemos em um país em que há liberdade de expressão e de religião. Temos muito mais recursos do que Paulo. Se você pensa que é pobre, acredite, Paulo era muito mais.

Vivemos uma vida confortável, segura. Temos lazer e tranquilidade. Podemos

nos reunir aos domingos, em belos templos, com ar condicionado e poltronas maravilhosas, onde podemos nos sentar e ouvir a Palavra de Deus. Temos recursos, meios, tudo! Temos de ser gratos a Deus por isso, pois às vezes nos fechamos muito em nosso próprio mundo, em nosso período da história, e perdemos de vista a história do cristianismo como um todo. E não percebemos que, na maior parte do tempo, o cristianismo sempre foi perseguido, hostilizado, maltratado, e os cristãos sempre tiveram uma vida difícil. Na verdade, na sociedade ocidental de hoje, nós vivemos em uma bolha, na qual ainda existe liberdade de religião para os cristãos. Mas nem sempre foi e nem sempre é assim em alguns países. Talvez também nem sempre será assim para sempre. Então, agradeçamos a Deus o momento de paz e tranquilidade que vivemos. E que os pastores não tenham de passar por tudo isso para provar que são chamados por Deus para serem pastores, senão, quem de nós ficaria?

A segunda lição é que devemos sempre estar prontos a sofrer por amor de Jesus. Não devemos entrar no ministério pastoral se não estivermos dispostos a isso, a passar por dificuldades e hostilidades que porventura possam vir a aparecer. Pode ser que Deus nunca nos coloque em uma situação na vida em que teremos de renunciar a alguma coisa, pessoa, bem, conforto ou a algo que tenhamos por amor de Cristo. Pode ser que nunca nos vejamos na difícil posição de ter de escolher entre amar a Deus e amar essas outras coisas. Entretanto, devemos viver sempre prontos para uma situação como essa, para que não sejamos traidores do Senhor Jesus, quando ou caso esse momento chegar.

A terceira lição que podemos tirar é termos o cuidado de não medir o amor de Deus por nós em termos de sucesso, números, prosperidade, conquistas. Se usássemos esse critério para Paulo, pensaríamos que o apóstolo era uma pessoa abandonada por Deus. Hoje em dia, na maioria das igrejas evangélicas, prega-se o sucesso, a vitória e as conquistas como provas do amor de Deus para conosco. Nem sempre é assim. Uma pessoa pode ser fiel, temente a Deus, perseverante, obediente nos caminhos de Deus, e ainda assim enfrentar sofrimentos indizíveis neste mundo, porque o amor de Deus não se mede em termos de sucesso, saúde, prosperidade financeira, conquista e coisas do gênero, como algumas teologias dizem por aí.

Por último, aprendemos que devemos resistir bravamente a qualquer teologia, ensinamento ou mestre que venha negar a possibilidade do sofrimento e da renúncia na vida do crente e do pastor. A teologia da cruz, pregada pelos reformadores, baseia-se bastante naquilo que o apóstolo Paulo ensinou,

especialmente em sua vida. Ela nos ensina que nos importa entrar no reino de Deus por meio de muitos sofrimentos. Bem diferente do que ensina a teologia da prosperidade, não?

Portanto, estejamos prontos, caso o Senhor nos chame a sofrer aqui neste mundo, e tenhamos do sofrimento uma perspectiva bem diferente daquela que nos é apresentada por falsos mestres em tantos lugares do nosso país.

Capítulo 30

arrebatado ao céu

2Coríntios 12.1-6

O paraíso

É necessário continuar a gloriar-me. Mesmo que isso não sirva para nada, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se isso aconteceu no corpo, ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe. E sei que esse homem, se isso aconteceu no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe, foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inexprimíveis, as quais não é permitido ao homem mencionar. Nesse homem eu me gloriarei, mas não me gloriarei em mim mesmo, a não ser nas minhas fraquezas. Mas, mesmo que quisesse gloriar-me, eu não seria louco, porque estaria dizendo a verdade. No entanto, abstenho-me de fazê-lo, para que ninguém pense de mim além do que em mim vê ou de mim ouve.

Nessa parte de 2Coríntios, conforme temos visto, o apóstolo Paulo está constrangidamente se gloriando, diante dos coríntios. Paulo se gloria a respeito de algumas coisas que considera necessárias, em face dos ataques que vem recebendo dos falsos apóstolos, os quais haviam se infiltrado na igreja de Corinto com pretensões de assumir sua liderança e diminuir a autoridade do apóstolo Paulo.

Constrangido porque esses homens estavam se vangloriando, contando

vantagem, e gabando-se de uma série de experiências, Paulo resolve entrar no jogo, e diz: “Se é para se gabar, se o jogo é esse, também vou contar vantagens a meu respeito”. E ele, sempre constrangido e se justificando, gloria-se de uma série de coisas, como já vimos.

O que surpreende é que, na hora de comparar suas origens, Paulo se gloria de ser tão judeu quanto aqueles “apóstolos” que estavam entrando em Corinto. Mas, quando se trata de comparar ministérios, Paulo se gloria de ser muito mais ministro de Cristo do que todos eles. E apresenta como credencial para suas alegações, ou seja, como prova para elas, uma lista enorme de sofrimentos, passagem que vimos no capítulo anterior. Tal lista inclui: perseguições; naufrágios; perigos de vida; açoites; ser fustigado com varas; apedrejamento; ameaças; privações; fome; nudez; e ansiedade pelo cuidado da igreja. Tudo isso mostrava que Paulo não somente havia trabalhado muito mais por Cristo do que aqueles falsos apóstolos, que estavam se infiltrando na igreja de Corinto, como também era ministro de Cristo de fato, visto que apresentava as verdadeiras credenciais. Ou seja, Paulo, no final, gloriava-se de fato em suas fraquezas. Isto é, ou ele se gloriava em Cristo ou, então no fato de ser fraco e precisar do Senhor Jesus.

O último item da lista que ele cita, como vimos no capítulo interior, foi uma experiência que passou em Damasco, quando, para escapar da morte naquela cidade, Paulo teve de fugir escondido dentro de um cesto, que foi descido por cordas pelo lado de fora da muralha.

E aqui, de repente, a narrativa muda: de descer num cesto, Paulo passa a subir ao céu. No último capítulo, ele foi descido pela muralha. Na passagem que estudaremos agora, ele vai relatar uma experiência em que subiu ao céu. Em outras palavras, Paulo passa de contar suas fraquezas e sofrimentos a começar a se gloriar em visões e revelações extraordinárias que Deus lhe tinha dado.

Com o objetivo de aprendermos a respeito desse assunto, quero destacar seis pontos do relato que Paulo faz dessa experiência no mínimo curiosa e que não tem paralelo na vida dele, nem no livro de Atos nem em suas cartas.

É claro que estamos diante de um daqueles textos que levanta a questão: cessacionismo ou continuísmo? Ou seja, se Deus deu esse tipo de experiência ao apóstolo Paulo, será que não pode nos dar também nos dias de hoje? Será que um crente não pode ser arrebatado até o terceiro céu, à presença de Deus, e ouvir

coisas inefáveis que ao homem não é lícito referir? Assim, é claro que esse texto levanta esse tipo de perguntas. E, no final, pretendo expor a minha opinião sobre isso. Mas, por enquanto, vamos entender o que Paulo está dizendo, por que está dizendo e o que podemos aprender com isso.

Visões e revelações

A primeira coisa que aprendemos do texto e que salta aos olhos é que Paulo, de fato, teve visões e revelações da parte do Senhor Jesus, como ele próprio relata: “Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor” (v. 1, ARA).

“Visões e revelações do Senhor” significam ou visões e revelações que Paulo teve acerca do Senhor Jesus ou visões e revelações que ele recebeu do Senhor Jesus. Considerando que aquilo que Paulo passará a narrar é algo que ele recebeu, essa última interpretação é melhor. Quando ele diz que passará a contar as visões e revelações do Senhor, significa que passará a contar aquilo que o Senhor Jesus lhe revelou ou lhe mostrou.

Não sabemos ao certo a diferença entre visões e revelações. Provavelmente são a mesma coisa, pois, em uma visão, a pessoa recebe a revelação de algo que não sabia antes. Assim, vamos tomar as duas coisas como sinônimas, consideraremos que não há diferença entre visão e revelação.

Paulo já tinha tido várias visões e revelações, segundo relatos do livro de Atos e de suas cartas. Portanto, essa não foi sua única visão, visto que ele já tinha tido várias. A mais importante delas foi a que teve no caminho de Damasco, quando, ainda como Saulo de Tarso, ele se dirigia àquela cidade para aprisionar cristãos e conduzi-los ao Sinédrio. Então, Cristo lhe aparece no caminho. Ali, de fato, foi uma aparição de Cristo, uma revelação do próprio Cristo ao apóstolo Paulo, que marca uma série de outras visões e revelações que o apóstolo receberá ao longo de sua vida.

Depois, como lemos em Atos 16.9, durante sua segunda viagem missionária, Paulo estava tentando ir para determinado lugar a fim de pregar o evangelho,

mas, à noite, teve uma visão em que um homem macedônio dizia: “Vem para a Macedônia e ajuda-nos”.

Paulo teve mais uma visão do Senhor Jesus: depois de passar um tempo em Filipos, segundo essa revelação, ele vai para Corinto e durante seu ministério nessa cidade, tem novamente uma visão. Isso está relatado em Atos 18.9,10, quando Cristo lhe apareceu e disse: “Não temas! Mas fala e não te cales. Porque estou contigo e ninguém te atacará para te fazer mal algum, pois tenho muita gente nesta cidade”. Cristo estava se referindo aos eleitos de Corinto, aos quais Paulo haveria de chamar pela pregação do evangelho.

Em seguida, Paulo vai para Jerusalém. Em Atos 22.18, lemos que Cristo lhe apareceu em Jerusalém e disse: “Apressa-te e sai logo de Jerusalém; porque não aceitarão o teu testemunho a respeito de mim”.

Pouco antes, às vésperas do concílio de Jerusalém — cujo relato encontra-se em Atos 15 —, Gálatas 2.2 conta que Cristo apareceu a Paulo e o orientou que fosse a Jerusalém, para se encontrar com os apóstolos — no caso Pedro, João e Tiago —, a fim de se acertar com eles sobre a evangelização do mundo daquela época. Foi nessa ocasião que eles dividiram a tarefa da evangelização: Paulo iria para os gentios; Pedro, Tiago e João tomariam conta da evangelização dos judeus.

Temos também a famosa revelação que aconteceu durante o naufrágio a caminho de Roma (At 27). Quando o navio estava prestes a afundar, Paulo teve uma revelação, em que lhe foi dito que todos permanecessem no navio, e assim se salvariam, pois era necessário que Paulo fosse a Roma. Diante dessa revelação direta da parte de Deus, Paulo disse aos marinheiros — que queriam saltar na água, pegar os botes e matar os prisioneiros —, que não fizessem isso, pois Deus lhe aparecera e dissera que todos chegariam seguros em Roma. Logo no dia seguinte, o navio encalha na ilha de Malta e todos se salvam com vida, conforme Deus tinha dito.

Essas foram as revelações e visões que lemos no livro de Atos e nas cartas de Paulo.

Entendemos que essas visões e revelações foram dadas a Paulo de maneira tão frequente porque ele era um apóstolo de Jesus Cristo. Era portador dos mistérios de Deus. Ele era alguém que Deus havia levantado para receber a revelação do caminho da redenção e da história da salvação que Deus estava desenvolvendo.

Era também aquele que seria o fundador da igreja entre os gentios, numa época em que a Escritura ainda não estava pronta, e Deus falava de maneira direta, assim como falava com os profetas do Antigo Testamento. Contudo, mesmo com tantas revelações e aparições de Cristo em seu ministério, Paulo sabia que não era conveniente se gloriar nelas. Por quê? Porque, ao contar fatos assim, chama-se a atenção para a pessoa que viveu a experiência, e não para Jesus Cristo, que é o centro do ministério. Assim, acaba-se criando um grupo de seguidores centrados em torno do misticismo daquela pessoa e da aura de espiritualidade que lhe é conferida ao contar esse tipo de experiência.

Entretanto, Paulo diz que era necessário que ele se gloriasse, pois era o que os falsos apóstolos de Corinto estavam fazendo: “Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor” (v. 1, ARA). Paulo sabe que contar esse tipo de experiências não convém. Entretanto, ele se vê obrigado a contá-las, pois os falsos apóstolos estavam se apresentando como místicos, como pessoas que tinham experiências espirituais profundas, e conheciam a Deus de maneira direta. Era preciso entrar no jogo deles para desmascará-los. Se é para comparar experiências, então, muito a contragosto, Paulo se dispõe a contar uma das que teve. Mas ele sabe que não convém fazer isso, embora seja necessário. Então, ele se vê obrigado a contar o que chama de “visões e revelações do Senhor”. Era necessário que ele fizesse isso.

Temos de lembrar que os coríntios tinham um apreço muito grande por esse tipo de coisa. Quem já estudou 1Coríntios sabe que a igreja de Corinto se achava espiritual. Mas o critério que eles tinham de espiritualidade era o fato de haver manifestações de línguas e profecias em seus cultos. Entretanto, a igreja estava dividida em quatro grupos; tinha sérios problemas de imoralidade, por não ter disciplina; nela um irmão processava o outro por questões do mundo; havia briga entre eles na hora da ceia e na hora do culto; era uma bagunça; nela havia até um grupo que não acreditava na ressurreição dos mortos. E, veja só, essa igreja se achava espiritual! Por quê? Porque durante o culto havia manifestações do dom de línguas e pessoas profetizavam. Portanto, eles achavam que a espiritualidade estava ligada à manifestação carismática. E Paulo diz, em síntese: “Eu não posso tratar vocês como espirituais, porque, ainda que eu fale a língua de anjos e de homens, se eu não tiver amor, nada serei. Ainda que eu seja um profeta que conheça todos os mistérios, se eu não tiver amor, isso nada representa nem significa”. Assim, a igreja de Corinto valorizava o sobrenatural, e esses falsos apóstolos que estavam nela se infiltrando sabiam disso. Por isso eles ficavam contando experiências que tiveram, algo que Paulo nunca contou. Por isso Paulo,

agora, bastante constrangido, se vê obrigado a fazer algo que ele não fez por 14 anos (pois essa experiência que ele vai contar aconteceu há 14 anos). Ele se vê obrigado a narrar esse fato extraordinário, mas somente para defender o evangelho e a obra de Deus em Corinto foi que ele achou necessário contar essa experiência. Esse é o primeiro ponto. Assim, Paulo tinha visões e revelações, e não eram poucas. Contudo, ele acha que não convém contá-las. E, quando as conta, é por achar necessário, embora se sinta constrangido em fazê-lo.

A relutância de Paulo

O segundo ponto que quero mencionar é que Paulo realmente não costumava contar esse tipo de experiência. Note o versículo 2: “Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se isso aconteceu no corpo, ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe”. E ele continua narrando a experiência desse homem. Observe que Paulo diz que isso tinha acontecido há 14 anos.

Se você fizer o cálculo do tempo que Paulo escreveu 2Coríntios, isso dá mais ou menos uma data entre os anos 42 d.C. e 44 d.C, quando Paulo estava em Tarso, já convertido, ou em Antioquia, antes de sair em sua primeira viagem missionária. Enfim, foi uma experiência que aconteceu antes de sua primeira viagem missionária. Paulo foi levado até o terceiro céu, nessa experiência extraordinária que ele tinha dificuldade até de contar.

A questão é que isso aconteceu antes de ele ir pregar o evangelho aos coríntios, e ele nunca contou essa experiência lá na igreja de Corinto. Ele só vai contá-la agora, forçado pelas circunstâncias. Ou seja, Paulo esteve em Corinto por vários anos, pregou, fundou e organizou a igreja, discipulou pessoas, organizou a liderança, mas nunca contou essa experiência que ele teve no início do seu ministério, antes mesmo de sua primeira viagem missionária. Também nunca usou essa experiência como base de sua autoridade apostólica, para dizer que ele era um homem espiritual, que estava num nível espiritual superior e que todo mundo deveria prestar atenção no que ele estava dizendo. Em síntese, Paulo não usa essa experiência — nem qualquer outra — como uma credencial para o seu apostolado. De modo algum!

Ele só a conta agora porque era necessário. Não sabemos por que ele escolheu justamente essa experiência, pois, como já vimos, ele teve várias. Mas parece que, de todas, essa é de fato a mais intensa, pois as outras foram orientações que recebeu, foi Deus falando com ele para ir para tal lugar, ir para a Macedônia etc. Ou, então, para ficar no navio, sair de Jerusalém e coisas do gênero. Foram direções, orientações diretas, que Deus deu a Paulo nas manobras do caminho missionário. Mas, nessa experiência que escolheu relatar agora, Paulo é transportado, inclusive com a possibilidade de ter sido fisicamente transportado, até a própria presença de Deus. Assim, provavelmente ele escolhe essa experiência porque, de todas que ele tivera, nada se compara a isso. Nada se compara a ser transportado até o céu.

O que quero ressaltar, portanto, é que Paulo não costumava falar de suas experiências. Por mais grandiosa que essa tenha sido, Paulo a guardou no coração durante 14 anos, e só sob a necessidade das circunstâncias e sob pressão falou sobre ela.

Paulo não quer chamar a atenção para si

Vamos para o terceiro ponto. No primeiro ponto, destaquei que Paulo teve visões e revelações, mas achava que não deveria falar sobre elas. No segundo, mostrei que, quando teve de falar, ele falou de uma que tinha acontecido 14 anos atrás, o que justamente chama a atenção para o fato de que ele não vivia contando essas experiências.

O terceiro ponto que quero levantar é que, quando Paulo contava essas coisas, ele o fazia de forma a não chamar a atenção para si mesmo. Primeiro, note que ele diz que essa experiência aconteceu com “um homem em Cristo” que ele conhecia (v. 2), e que teve essa experiência de arrebatamento. Toda a narrativa que fala desse homem está na terceira pessoa, veja só:

Conheço um homem em Cristo [é evidente que ele está falando de si mesmo] que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se isso aconteceu no corpo,

ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe. E sei que esse homem, se isso aconteceu no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe, foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inexprimíveis, as quais não é permitido ao homem mencionar (v. 2-4).

Os verbos que falam do “homem em Cristo”, que foi arrebatado, estão todos na terceira pessoa do singular. Paulo está dizendo: “Conheço um homem com quem aconteceu esse tipo de coisa”. Mas esse homem é ele mesmo! Paulo parece ter receio de dizer: “Eu fui arrebatado ao terceiro céu. Estive na presença de Deus. Ouvi palavras as quais não é permitido ao homem mencionar”. E tudo porque ele não quer chamar a atenção para si mesmo. Ele não quer se colocar ao lado de Enoque, que foi arrebatado por Deus. Ele não quer se colocar ao lado de Elias, que foi levado fisicamente ao céu numa carruagem de fogo. Veja a modéstia do apóstolo Paulo ao contar esse tipo de coisa. Ele, de fato, não quer faturar em cima dessa experiência, não quer chamar a glória para si. Por isso seu relato é feito na terceira pessoa do singular, como se fosse outro alguém, embora seja óbvio que é de si mesmo que ele está falando. Ele se refere a essa pessoa apenas como um homem em Cristo: “Conheço um homem em Cristo”. Ou seja, um crente, um cristão. Em vez de dizer “conheço um apóstolo extraordinário; um homem de Deus; um homem de oração; um ungido do Senhor; chicote de Jeová; labareda de fogo”, ele diz que é simplesmente um homem em Cristo, um cristão, o termo mais simples que alguém poderia usar para se referir a um cristão. Não é um vaso, não é um ungido, nada! É um homem em Cristo, que foi arrebatado até o terceiro céu.

No corpo ou fora do corpo?

O quarto ponto é que Paulo não sabia dizer exatamente o que aconteceu com ele. Já de início vemos o contraste do relato de Paulo, pois ele não sabe se foi no corpo ou fora do corpo a experiência que teve. Como já vimos, isso contrasta com outros relatos dessa mesma época, que encontramos na literatura apocalíptica, mística e apócrifa, nos quais há pessoas que contam que foram levadas até o céu. Mas o nível de detalhe é muito maior. A pessoa conta que

caminhou pelos níveis que há no céu e descreve em detalhes o que viu em cada nível; e conta que é guiada por um anjo que a introduz às partes diferentes do céu. O anjo interpreta as palavras que essa pessoa ouve. Tudo isso você encontra na literatura apocalíptica mística desse período, que circulava na época do apóstolo Paulo e com a qual coríntios e judeus estavam familiarizados. Mas o contraste parece ser intencional, pois por duas vezes Paulo diz: “se isso aconteceu no corpo ou fora do corpo, não sei”. Por duas vezes ele diz, em síntese: “Não sei dizer como isso aconteceu”. É como se Paulo dissesse assim: “Não era eu quem tinha controle sobre isso. Foi tão extraordinário que eu ainda estou meio confuso sobre o que aconteceu exatamente”.

O que ele sabe é que foi arrebatado até o terceiro céu, o paraíso. Isso ele diz no versículo 2. Toda vez que a palavra “arrebatado” aparece no Novo Testamento — e ela aparece umas três ou quatro vezes —, dá a ideia de algo que é tomado repentinamente, à força, de surpresa, de maneira involuntária. Assim, quando Paulo diz que esse homem foi arrebatado até o terceiro céu, está dizendo que essa experiência não foi produto de alguma tecnologia espiritual dele. Não foi resultado de algo que ele fez. Não foi algo que ele buscou. Não foi algo que ele produziu. Simplesmente aconteceu. De repente, Deus o tomou e o levou quase à força para o terceiro céu. Ele diz que isso aconteceu há 14 anos. Talvez seja por essa razão que fora há 14 anos: porque Paulo nunca mais conseguiu repetir essa experiência, pois não estava em seu poder repeti-la. Bem ao contrário do que ouvimos e vemos hoje: tantos líderes e pastores inclusive incentivam esse tipo de coisa, incentivam que as pessoas procurem, busquem receber esse tipo de experiência com Deus, quando o grande apóstolo Paulo diz que, na sua vida, aconteceu há 14 anos e depois nunca mais, porque ele não era capaz de produzir isso. Ele foi tomado, levado por Deus. Não é algo que tenha partido da iniciativa dele. O termo “arrebatado” passa essa ideia de algo repentino, tomado à força, de maneira involuntária.

Portanto, Paulo diz que se viu no terceiro céu. De onde vem essa ideia de um terceiro céu? Era uma ideia comum no pensamento rabínico, que se baseava em passagens como 1Reis 8.27, quando Salomão ora a Deus, na inauguração do Templo de Jerusalém: “Mas, na verdade, habitaria Deus na terra [primeiro nível]? O céu [segundo nível], e até o céu dos céus [terceiro nível], não te podem conter; muito menos este templo que edifiquei!” (1Rs 8.27). Portanto, tal ideia é baseada nessa passagem de Salomão, que diz que o “céu, e até o céu dos céus, não te podem conter”. Há passagens semelhantes, como 2Crônicas 2.6, em que isso se repete, pois na cosmologia judaica o céu existia em três níveis. O

primeiro céu é o espaço acima de nós, onde os passarinhos voam. O segundo céu é onde está o sol, a lua e as estrelas. E o terceiro céu era aquele ambiente invisível em que Deus habitava; era lá que Deus estava e de lá governava o universo e todas as coisas.

Paulo não foi levado ao primeiro céu nem ao segundo. De repente, ele se viu tomado, na presença de Deus, no próprio terceiro céu, que no texto equivale ao paraíso: “E sei que esse homem, se isso aconteceu no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe, foi arrebatado ao paraíso ” (v. 3,4). Nesse contexto, paraíso é a mesma coisa que terceiro céu. A palavra paraíso aparece só três vezes no Novo Testamento. É uma palavra que surgiu no vocabulário judaico durante o período intertestamentário, e fala desse lugar onde Deus habita em delícias, plenitude, prazer, e bem-aventuranças. Foi para lá que Jesus foi, depois de morrer e levar o ladrão consigo: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23.43). Essa é uma das vezes em que aparece essa palavra. É para lá que Jesus foi imediatamente depois da morte, e, com ele, o feliz ladrão arrependido. É preciso lembrar que o ladrão havia se arrependido. Do contrário, alguém pode pensar que ladrões entrarão no céu, mas não entrarão, não.

No entanto, voltando à passagem que estamos estudando, o fato é que, de repente, Paulo se viu no mais alto céu, no paraíso, na presença do próprio Deus. E o ponto é que ele não sabe como isso acontece. Veja como ele começa: “Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe)” (v. 2,3, ARA).

Qual é a diferença entre “no corpo” ou “fora do corpo”? Se foi no corpo, significa que ele foi fisicamente para o céu, como Enoque e Elias no Antigo Testamento, que foram levados vivos, em corpo. Elias subiu em um redemoinho, e veio uma carruagem de fogo, que o separou de Eliseu. Então, se a experiência de Paulo foi no corpo, ela foi semelhante à experiência de Enoque. A diferença é que ele voltou. Enoque e Elias não voltaram, mas Paulo foi e voltou — o que faria essa experiência ainda mais extraordinária do que as experiências de Enoque e de Elias.

Se foi fora do corpo, então foi numa visão. E nesse caso a experiência de Paulo seria semelhante àquelas dos profetas do Antigo Testamento, que se viam, de repente, no conselho de Deus. Por isso, eles escutavam e sabiam o que Deus ia fazer, e anunciavam o futuro. Ou então como a experiência de João na ilha de

Patmos, quando ele recebeu o Apocalipse.

Paulo simplesmente diz que não sabe como foi. O que mostra que, por mais importante e marcante que aquela experiência tenha sido, Paulo não tinha conhecimento de tudo que lhe aconteceu. Quão fraco era o apóstolo Paulo! Quão ignorante dos processos sobrenaturais, se comparado com os apóstolos modernos, como esses que têm visões, revelações. Há até quem diga que já foi ao inferno oito vezes. Alguém já leu o livro A divina revelação do inferno, a história de uma mulher que foi oito vezes ao inferno? Ela conta o que viu lá. Que ignorante o apóstolo Paulo! Ele não sabe nem dizer se foi no corpo ou fora do corpo esse tipo de experiência que viveu, enquanto existe tanta gente se gabando de detalhes, de ouvir coisas e tudo mais!

Palavras inexprimíveis

O quinto ponto consiste no fato de que Paulo se recusava a falar mais do que devia. Veja o que ele diz no versículo 4: “foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inexprimíveis, as quais não é permitido ao homem mencionar”. Essas palavras foram ditas pelo próprio Senhor Jesus, uma vez que Paulo afirmou que se tratava de uma visão e uma revelação do Senhor, ou seja, de Jesus.

Ele esteve na presença do Cristo glorificado, ressurreto, quem sabe até fisicamente — existe essa possibilidade. Cristo falou com ele e lhe disse coisas inexprimíveis, ou seja, “as quais não é permitido ao homem mencionar”. A questão não é que Paulo não se lembrava. Paulo sabia exatamente o que ouviu. Mas é como se ele dissesse: “É tão glorioso, é tão majestoso, que não posso dizer a vocês”. Dessa forma, mesmo ao contar a experiência, ainda assim ele não conta tudo. Ele guarda parte dela, pois há mais detalhes que ele não revela. Assim, só podemos especular sobre o que Paulo ouviu do Senhor nessa experiência. Talvez tenham sido coisas relacionadas à glória, ao mundo vindouro, ao novo céu e à nova terra, ao paraíso restaurado, à consumação do plano de Deus. Deve ter sido maravilhoso! “O que ouvi não vou contar para vocês, pois não me é permitido. Mas quero que fiquem na expectativa do que vão ouvir, quando chegarem no céu. Vocês não têm ideia!” Talvez seja por isso que, em algumas cartas que ele escreveu depois — por exemplo, a Carta aos

Romanos, que foi escrita bem depois dessa experiência —, Paulo diz: “Considero que os sofrimentos do presente não se podem comparar com a glória que será revelada em nós” (Rm 8.18). Como Paulo conhecia tal glória a ponto de fazer essa comparação? De onde a conhecia? Provavelmente ele a conhecia por meio dessa experiência que viveu.

Aqui mesmo em 2Coríntios, ele diz: “Pois nossa tribulação leve e passageira produz para nós uma glória incomparável, de valor eterno” (2Co 4.17). E também diz no capítulo 5 dessa mesma carta: “Sabemos que, se esta nossa tenda, nossa casa terrena, for destruída, temos um edifício da parte de Deus, uma casa eterna no céu, não feita por mãos humanas” (2Co 5.1). Como Paulo sabe tudo isso? Provavelmente, ficou sabendo por meio dessa experiência de que estamos falando. Mas o fato é que ele não podia contar, mas deixou todo mundo com água na boca, querendo saber.

Isso tudo nos mostra uma coisa: Paulo entendia que aquela era uma revelação que Deus tinha dado a ele, era uma experiência pessoal. Portanto, ele não a via como normativa para a vida da igreja. Em outras palavras, Paulo não usou essa experiência para formular uma doutrina, para estabelecer o seu apostolado, seu ministério ou coisa parecida. Entendia que era algo apenas entre ele e Deus, que o apóstolo guardara esses anos todos, e só contou, em parte, quando se viu de fato obrigado.

Que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou ouve

Por último, o sexto ponto tem a ver com a maneira que Paulo queria ser visto pelas pessoas. O apóstolo queria que a opinião que as pessoas tivessem a respeito dele não fosse baseada nessas revelações e experiências.

Ele se gloriava no fato de Cristo lhe conceder tais experiências. É o que ele próprio diz nos versículos 5 a 6: “De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas. Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve” (ARA). Em outras palavras, Paulo estava dizendo: “De tal coisa me gloriarei. Sim, de que Deus existe, um

Deus que é soberano, poderoso, gracioso e misericordioso o suficiente para tomar uma pessoa e lhe revelar coisas inexprimíveis, inefáveis, não passíveis de serem expressas em linguagem humana. Eu me glorio de um Deus assim. Mas de mim mesmo não vou me gloriar. Mesmo que eu seja o objeto ou receptáculo desse tipo de experiência, ainda assim não vou me gloriar em mim. De mim só me glorio nas minhas fraquezas”.

E ele passa, então, a contar sobre o espinho na carne, que veremos no próximo capítulo. Pois, quando Paulo desceu do céu, o que estava esperando por ele? O Diabo. O Diabo estava esperando Paulo descer. Alguém escreveu certa vez — não me recordo onde — que, depois que Paulo desceu do terceiro céu, Deus o prendeu na terra com um espinho, como se fosse um cravo, para que ele ficasse onde era o seu devido lugar. O espinho na carne foi dado exatamente por conta disso. Por isso Paulo diz: “Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade” (v. 6, ARA). Ou seja, essa experiência aconteceu. E o fato em si de Paulo contá-la não é errado, no que diz respeito à verdade ou à mentira, pois ele está contando uma verdade. Mas Paulo evita contar esse tipo de coisa. Por quê? “Mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve” (v. 6, ARA). Essa frase quer dizer simplesmente o seguinte: Paulo não quer que as pessoas formem opinião a seu respeito por qualquer coisa que vá além do seu testemunho (“do que em mim vê”) ou do que ele prega (“ou de mim ouve”). Ou seja, ele não quer que ninguém forme opinião a seu respeito com base nas experiências que ele conta, pois elas têm um valor limitado. Não convém nem serem contadas. Elas não são base para nada na igreja. Paulo achava que o fundamental para a igreja é a Palavra de Deus, é aquilo que as pessoas viam da Palavra na vida dele, em seu testemunho, e aquilo que elas ouviam da Palavra por ele, por sua pregação: “para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve”. Em outras palavras, o que de fato importa é a presença da Palavra em seu testemunho e em sua pregação. Paulo quer que as pessoas o avaliem por isso, e não pelas experiências que porventura ele viesse a lhes contar.

Conclusão e aplicações práticas

Podemos extrair dessa passagem algumas aplicações para nós. E a primeira —

que na verdade é um resumo do que vimos aqui — é esta: Visões e revelações eram comuns no Antigo Testamento, assim como no período apostólico, quando Deus estava completando a sua revelação final, que é a Escritura Sagrada, sua revelação especial, na qual ele nos diz tudo o que quer dizer. Portanto, não esperamos mais que Deus nos fale ou se comunique conosco através dessas experiências.

Provavelmente, todos nós, ou a maioria de nós, viveremos ou morreremos sem nunca ter uma experiência desse tipo. Eu nunca tive uma experiência assim. Que eu saiba, grandes homens de Deus, que viveram depois do período apostólico até hoje — como Martinho Lutero, João Calvino, Whitefield, Wesley, e uma gama de heróis da fé, os pais das missões modernas, os homens que Deus usou para traduzir a Bíblia, missionários que foram para o interior da China e da África, como Ronaldo Lidório e tantos outros —, nunca tiveram experiências dessa natureza. Nós não esperamos que Deus fale conosco hoje dessa forma. A maneira normal, ordinária, comum pela qual Deus fala ao seu povo hoje é através da sua Palavra, através da providência. Deus guia nossa vida, nos dá sabedoria, ouvimos o conselho dos irmãos, seguimos os princípios bíblicos. É assim que Deus nos guia nas decisões, nas escolhas, e naquilo que devemos fazer.

Contudo, Deus é Deus. Ele é soberano e faz o que quiser. Se, porventura, Deus resolver dar a você uma experiência semelhante à de Paulo, lembre-se de quatro lições que aprendemos neste capítulo. A primeira é que essas experiências não servem para autenticar o pastorado ou o ministério de ninguém. Por isso, é melhor fazer como Paulo, e abster-se de contá-las para a igreja. Paulo recebeu essa revelação muito antes de começar sua primeira viagem missionária, mas nunca usou essa experiência para se firmar como ministro do evangelho. Ele nunca disse: “Vejam o que aconteceu comigo! Eu tive essa experiência. Tenho vida com Deus. Tenho história com Deus! Eu estive no terceiro céu. Conversei com Jesus pessoalmente. Ouvi coisas extraordinárias sobre o futuro!”. Se fosse outra pessoa, provavelmente já teria contado o que viu a respeito da glória que nos espera. Portanto, se Deus lhe conceder alguma experiência — e nem precisa ser uma tão grandiosa como essa de Paulo —, saiba que ela não vai servir de base nem de autoridade para firmar o seu ministério. Não é isso que qualifica um cristão, um pastor, um ministro ou um líder como cristão.

A segunda lição é esta: lembre-se de que, se Deus lhe conceder algum tipo de experiência, ela não serve de regra nem de doutrina para a igreja, pois é algo

pessoal, que Deus mostrou a você, uma experiência entre você e Deus apenas. O problema hoje é que muita gente, quando tem uma “experiência” desse tipo, quer transformá-la em regra para a igreja, dividindo a igreja entre os que tiveram uma experiência assim e os que não tiveram. Segundo a Bíblia, porém, ter visões e revelações nunca foi o critério para a salvação, ou o critério do verdadeiro cristão, ou a marca da verdadeira igreja. Nunca! É apenas uma questão pessoal. Portanto, não transforme sua experiência pessoal em uma regra para a igreja e não julgue os outros por aquilo que Deus lhe deu. Guarde isso no coração, entesoure essa experiência, louve a Deus por ela, beneficie-se dela o quanto puder, mas lembre-se: é uma coisa somente entre você e Deus. Faça como Paulo fez: guardou a experiência para si por 14 anos! Só a contou quando foi obrigado, e mesmo assim disse: “Foi com um homem que conheço. Não me lembro bem dos detalhes e também não vou contar tudo”. Vê a modéstia de Paulo? Ele sabe que essas experiências sobrenaturais têm um valor relativo. Elas confundem às vezes. Às vezes contá-las faz mais mal do que bem, dependendo do contexto.

A terceira lição é que, se Deus lhe conceder essa experiência, lembre-se de que isso não prova que realmente você procede de Deus, pois aqueles falsos apóstolos em Corinto estavam narrando experiências semelhantes. Eles estavam contando experiências místicas. Mas sabemos que eles não procediam de Deus.

Por último, se Deus lhe deu uma experiência assim, lembre-se de que, ao contá-la ou mencioná-la, você corre o risco de parecer arrogante, de se envaidecer porque a teve e outros não, e, de repente, você estará gerando seguidores de si mesmo, e não do Senhor. Há muitos pastores e líderes que constroem seu ministério em torno de experiências, de revelações, de histórias de algo que aconteceu com eles ou com alguém que conhecem, e assim por diante. Mas o ministério pastoral e a liderança da igreja têm de ser construídos, edificados e mantidos não em cima de narrativas assim, mas com base nas duas coisas que Paulo diz no final do versículo 6, ou seja, com base naquilo que as pessoas veem em nós e ouvem de nós, com base em nosso testemunho e pregação. É isso que estabelece o verdadeiro ministério pastoral. É isso que firma um pastor como verdadeiro pastor: seu testemunho de vida e a Palavra que ele ensina.

Capítulo 31

O ESPINHO NA CARNE

2Coríntios 12.7-10

“Minha graça te basta”

Portanto, para que eu não me tornasse arrogante, foi-me posto um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me atormentar, para que eu não me tornasse arrogante. Pedi ao Senhor três vezes que o tirasse de mim. Mas ele me disse: A minha graça te é suficiente, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Por isso, de muito boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que o poder de Cristo repouse sobre mim. Por isso, eu me contento nas fraquezas, nas ofensas, nas dificuldades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.

Nos capítulos anteriores, vimos a descrição que Paulo faz de uma experiência de arrebatamento na qual foi levado até o terceiro céu, o local da presença de Deus, conforme 2Coríntios 12.1-6. Também vimos que Paulo contou essa experiência com extrema relutância, porque tinha de combater fogo com fogo. Ele entrou no jogo dos falsos apóstolos, os quais chegaram em Corinto e estavam querendo ganhar ascendência sobre a comunidade que Paulo plantara. E tentavam fazer isso contando vantagem. Entre as vantagens, estavam experiências espirituais que eles supostamente tiveram. “Ora, se é para comparar experiências espirituais, também tenho uma para contar”, deve ter pensado o apóstolo Paulo, entrando no jogo deles para derrotá-los com suas próprias regras.

Paulo, então, narra essa experiência em que ele foi levado até o terceiro céu. Uma experiência tão profunda que ele não sabe bem se foi um arrebatamento físico ou uma visão. Fato é que ele se viu no próprio paraíso, na presença de Deus, de quem ouviu coisas que não podia revelar, ou as quais não lhe era lícito revelar, e que ele guardava para si.

Vimos ainda que Paulo fala com muita modéstia dessa experiência. Inclusive, fala dela na terceira pessoa do singular. Paulo não diz: “Eu subi até o terceiro céu”. Ele diz: “Conheço um homem em Cristo”. Essa é a expressão mais simples que ele poderia ter escolhido para designar uma pessoa: um homem em Cristo. Ele está falando de si mesmo, mas se refere a si como simplesmente “um homem em Cristo”, ou seja, um cristão, que foi levado até o terceiro céu.

Ele narra a experiência sem dar muitos detalhes. Omite inclusive certas partes do relato, como as palavras que tinha ouvido. O que mais chama a atenção é que a experiência havia acontecido há 14 anos, e ele nunca tinha dito nada a ninguém. Ele nunca tinha contado aos coríntios, nunca tinha compartilhado, nunca deu testemunho sobre ela na frente da igreja, não saiu fazendo campanha em congresso nem falando de sua experiência de arrebatamento até o terceiro céu. Não! Ele guardou aquela experiência consigo mesmo durante 14 anos, e só agora, quando pressionado pelas circunstâncias, ele conta aquilo que aconteceu.

Isso porque Paulo tinha um princípio que guiava seu ministério. Ele queria que as pessoas formassem uma opinião sobre ele com base no exemplo, no testemunho dele e em sua pregação: “Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve” (2Co 12.6, ARA). Paulo queria que as pessoas formassem uma opinião e fizessem uma avaliação dele pelo exemplo de vida que ele tinha dado aos coríntios e pela pregação do evangelho que fizera lá. Ele não queria que as pessoas formassem uma opinião sobre ele com base nas experiências pessoais que Paulo contasse, tais como essa do arrebatamento, mas sim com base em seu testemunho e em sua palavra.

Assim, depois do relato dessa experiência de arrebatamento, Paulo retoma sua prática de se gloriar somente nas fraquezas e nos sofrimentos por causa de Cristo. Ele já tinha contado de um momento de grande fraqueza, quando teve de fugir da cidade de Damasco escondido em um cesto. Ele foi descido dentro de um cesto pelos discípulos, por fora da muralha, para escapar do preposto do rei Aretas. Paulo considera a experiência extremamente humilhante, mas se gloria

de coisas assim, pois é nelas que Deus revela o seu poder. E, na passagem que vamos ver neste capítulo, ele se gloria de uma fraqueza a que chama de “espinho na carne”.

É interessante notar que, na última exposição, mostramos que ele subiu até o terceiro céu. Agora, porém, ele desce ao mais profundo vale de dor e sofrimento. Certa vez, li um comentarista que diz que, depois que Paulo desceu do terceiro céu, Deus o prendeu na terra com um espinho, como se fosse um cravo, para que ele ficasse ali, onde era o seu devido lugar. Paulo narra, então, o efeito dessa revelação, dessa experiência que ele teve de subir até o terceiro céu. Há cinco pontos nessa narrativa que nos ajudam a entender o que o apóstolo Paulo está dizendo. Depois de vermos esses pontos, vamos tirar algumas conclusões.

Para que não me ensoberbecesse

O primeiro ponto de que Paulo fala é a respeito do efeito causado pelas revelações: “E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações” (v. 7, ARA). A experiência de arrebatamento e o que Paulo viu e ouviu no paraíso, no terceiro céu, foram coisas grandiosas. Veja com que palavras ele próprio a descreve: “a grandeza das revelações”. Paulo já tivera muitas revelações, mas essa foi grandiosa. Foi de natureza tal que Paulo corria o risco de se ensoberbecer com ela.

Talvez, ele esteja tratando até mesmo de um arrebatamento físico, algo que só pessoas como Enoque e Elias experimentaram no Antigo Testamento, a experiência de subir aos céus em corpo. Talvez isso tenha acontecido com Paulo. Ele conta que ouviu coisas inefáveis lá, coisas maravilhosas, que não é lícito revelar a ninguém. Então, de fato, essa revelação que o apóstolo Paulo teve foi da maior grandeza, uma experiência extraordinária.

Imagine-se nesta situação: você ser levado fisicamente à presença de Deus, sentar-se com o Senhor Jesus Cristo em seu estado de glória, de imortalidade, no corpo da ressurreição, e conversar, falar sobre a glória eterna, a vida eterna, o que vai acontecer ainda, e todas as demais coisas. Depois, o Senhor Jesus manda você de volta para a terra. Imagine uma situação assim. Pois foi exatamente isso

que o apóstolo Paulo passou.

Essa experiência, contudo, poderia ter tido um efeito nocivo sobre Paulo. Creio que Deus concedeu-lhe essa experiência com o objetivo de encorajá-lo, fortalecê-lo, animá-lo diante da tremenda tarefa que o apóstolo Paulo tinha pela frente. Se a experiência aconteceu 14 anos antes de ele escrever 2Coríntios, então, na época em que a experiência aconteceu, ele não tinha nem feito a primeira viagem missionária ainda. Ele estava na região de Damasco, provavelmente, ou já em Antioquia, com Barnabé, antes da primeira viagem missionária, quando teve essa experiência. Então, só posso entender que isso foi a mão de Deus, preparando Paulo para aquilo que ele enfrentaria nas viagens missionárias, diante da missão que Deus lhe dera.

Quando Paulo é alcançado por Cristo, no caminho de Damasco, e chega na cidade cego, Deus manda um cristão chamado Ananias orar pelo apóstolo. Quando Ananias ouve Deus lhe dizer que fosse orar por Saulo de Tarso, ele diz, em outras palavras: “Mas esse não era o homem que perseguia as igrejas? Não era esse homem que assediava e prendia os cristãos?”. E o Senhor Jesus diz a Ananias: “Vai, porque ele é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios, reis e israelitas; pois eu lhe mostrarei quanto lhe é necessário sofrer pelo meu nome” (At 9.15,16). Então, já no chamado de Paulo lhe foi dito que ele iria sofrer e fora chamado para testemunhar de Cristo aos gentios.

Creio que, não muito tempo depois disso, ele teve essa experiência de arrebatamento até o terceiro céu, exatamente para prepará-lo para a missão que Deus lhe havia dado desde a sua conversão. Contudo, Paulo era um pecador como nós, e aquilo que poderia ser motivo de encorajamento, fortalecimento e ânimo poderia se tornar motivo de ensoberbecimento ou de orgulho, como ele mesmo diz no versículo 7: “Para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações” (ARA). As revelações foram dadas para encorajá-lo, fortalecê-lo, e não para que ele se ensoberbecesse. Mas, por causa da sua natureza humana, havia possibilidade de que a soberba entrasse no coração do apóstolo Paulo. Ele poderia pensar que era melhor do que os outros, que era especial. Ele poderia se exaltar, se tornar alguém arrogante. E, caso isso acontecesse, Deus não poderia usar Paulo nas missões que já tinha planejado para ele, pois Deus não usa arrogantes. Na verdade, a Bíblia diz que “Deus se opõe aos arrogantes, porém dá graça aos humildes” (Tg 4.6). Assim, havia essa possibilidade de que o apóstolo Paulo, diante da grandeza das revelações que recebera, deixasse aquilo lhe subir

à cabeça e desviar seu coração. Ele podia pensar que era importante e exaltar-se, o que entristeceria o Espírito Santo. Se isso tivesse acontecido, Deus não poderia usar uma pessoa arrogante.

O grande amor de Deus pelo apóstolo Paulo

Assim, creio que o segundo ponto da passagem pode ser resumido como o grande amor de Deus pelo apóstolo Paulo. Conhecendo a natureza do seu servo, conhecendo quem era Saulo de Tarso, e, diante da grandeza da revelação que lhe dera, Deus tomou uma providência para evitar que seu servo ficasse arrogante. Deus conhecia Saulo de Tarso. Ele não deveria ser uma pessoa muito humilde. Saulo era um fariseu arrogante, versado na lei. Ele mesmo diz em suas cartas que era mais avançado do que seus colegas no conhecimento das leis de Moisés e em tudo mais. Tomou a iniciativa de pedir autorização para perseguir os cristãos. A índole do apóstolo Paulo deveria tender mais para a arrogância, a violência, a prepotência, a soberba. E Deus conhecia muito bem quem havia resgatado das trevas. Então, Deus lhe deu algo para lembrá-lo de quem ele era. Nisso vemos o grande amor de Deus pelo apóstolo, pois Deus poderia não ter feito nada. E aí, então, o orgulho subiria à cabeça de Paulo. E, como o orgulho sempre precede a queda, Paulo teria caído por sua própria arrogância. Mas Deus, em seu grande amor pelo apóstolo Paulo, deu-lhe algo para lembrá-lo de que era fraco, vulnerável, mortal, e totalmente dependente de Deus para viver e para servir no cumprimento daquela visão.

Embora o Diabo seja mencionado, não resta dúvida de que o espinho na carne procedia de Deus. Justamente por amor ao apóstolo Paulo, Deus colocou-lhe um espinho na carne, para evitar que ele se ensoberbecesse.

O Diabo jamais faria isso, pois quer o contrário. O Diabo queria, na verdade, que Paulo ficasse arrogante, porque sabia que nesse caso Deus derrubaria o apóstolo Paulo. O Diabo não faz nada para nos manter humildes. Tudo que o Diabo faz é para incentivar nossa arrogância e nosso orgulho. Portanto, embora o Diabo seja mencionado, não foi ele quem colocou o espinho na carne de Paulo. Na verdade, foi o próprio Deus. Esse espinho procede de Deus, é um ato de amor e de providência divinos para com esse servo, que ele havia levantado para uma

missão tão gloriosa.

O espinho na carne

O terceiro ponto da passagem, portanto, logicamente diz respeito ao espinho na carne que Deus colocou em Paulo. Mas o que é esse espinho na carne? Qual é a natureza desse espinho na carne?

Essa questão tem desafiado os estudiosos, pois Paulo não entra em detalhes. Ele fala de maneira muito genérica, provavelmente, porque os coríntios deveriam saber do que Paulo estava falando. Então, ele não precisava dar os detalhes. O que quer que fosse, entretanto, era algo extremamente eficaz para mantê-lo humilde. Deus sabia exatamente o que dar ao apóstolo Paulo para mantê-lo humilde e, portanto, útil no ministério.

Os estudiosos tem tentado descobrir o que era esse espinho. Claro que sempre existem os piadistas, que dizem que era a sogra de Paulo; outros ainda dizem que eram os presbíteros da igreja dele. Deixando de lado as brincadeiras, vamos para as possibilidades sérias. O que poderia ser isso que Deus colocou na vida do apóstolo Paulo, para que ele não se envaidecesse diante da grandeza daquele arrebatamento e de outras experiências que certamente teve ao longo da vida?

As hipóteses mais comuns são estas. Primeiro, uma doença dolorosa, talvez reumatismo, ou outra doença crônica que fazia com que Paulo sentisse dores muito intensas. A NTHL traduz assim o versículo: “Deus me deu uma doença dolorosa como se fosse um espinho na carne”. Então, existe essa possibilidade.

Alguns vão um pouco mais além e dizem que, na verdade, essa doença era um problema nos olhos, que Paulo contraiu quando pegou malária, ao visitar a região da Galácia. Essa seria uma segunda hipótese. A Galácia era uma região pantanosa, que tinha muitos mosquitos e outros animais, com muitas possibilidades de pegar doenças típicas de pântano, como, por exemplo, a malária. Existem missionários que já pegaram malária quase trinta vezes! No caso de Paulo, ele teria contraído malária naquela região da Galácia, o que acabou afetando seus olhos. Acreditam alguns que essa é a razão pela qual Paulo

diz, na Carta aos Gálatas: “Porque eu mesmo sou testemunha de que, se fosse possível, teríeis arrancado os próprios olhos para dá-los a mim” (Gl 4.15). Ou seja, os gálatas amavam tanto o apóstolo Paulo que, se pudessem, arrancariam os olhos e lhe dariam, para substituir os olhos de Paulo, supostamente arruinados por essa doença. Isso explicaria por que, no final da carta, Paulo diz: “Vede com que grandes letras vos escrevo de próprio punho” (Gl 6.11). Como ele não podia ver direito, escrevia com letra grande. No entanto, são meras ilações, pois ninguém sabe se o espinho de Paulo era exatamente isso.

Outra hipótese é que o espinho na carne era a rejeição dos judeus. Quando Paulo fala desse assunto, ele fala de algo que parte seu coração. Por exemplo, em Romanos ele fala que a rejeição dos judeus em relação à pregação do evangelho trazia constante dor e aperto em seu coração. Paulo vivia sofrendo com o fato de que o seu próprio povo não acreditava na sua pregação.

Alguns acham que o espinho era alguma aflição mental que o apóstolo Paulo tinha, como, por exemplo, epilepsia. Ele tinha alguma aflição mental, alguma dificuldade nesse sentido, que o atacava de vez em quando.

A grande verdade é que não sabemos o que é. O que sabemos? E o que de fato importa? Alguns dizem que o espinho na carne ficou sem definição e que ninguém sabe o que é, por uma razão muito prática: para que possamos nos identificar com essa experiência. Uma vez que não sabemos o que é, tudo o que causa dor e nos mantém humildes é o nosso espinho na carne. Então, o espinho pode ser uma doença que temos, pode ser um problema que temos com um filho, pode ser dificuldade financeira ou qualquer outra coisa que tenha o mesmo efeito que teve no caso do apóstolo Paulo: manter-nos humildes. Talvez seja por isso que Deus não detalhasse o que era, para que agora, lendo essa passagem, qualquer um de nós pudesse se ver nela. Nós podemos ler as palavras de Paulo e perguntar: “Qual será o espinho que Deus colocou na minha vida para me manter humilde?”.

Enfim, não sabemos o que era esse espinho. O que sabemos é o seguinte. Primeiro, que Paulo sofria com ele há 14 anos — antes mesmo de suas viagens missionárias — e carregou consigo esse sofrimento durante as três viagens. Quando escreveu 2Coríntios, já fazia 14 anos que ele vinha sofrendo com esse espinho na carne.

A segunda coisa que sabemos é que era algo extremamente doloroso. A palavra

usada por Paulo, e traduzida por “espinho” é uma palavra grega — skolops — muitas vezes usada para significar “estaca”. Portanto, não é um espinho daqueles de roseira, mas sim uma estaca. A estaca era usada no empalamento de prisioneiros condenados à morte. Era uma maneira cruel de se matar pessoas naquela época. O Império Romano era especialista em executar pessoas por meio de mortes com grande sofrimento. Uma das maneiras que usavam era crucificar; outra era empalar, que consistia em introduzir uma estaca de madeira no corpo do condenado até que ele morresse empalado. A palavra que se usa para estaca — skolops — é a mesma palavra que é usada nesse versículo que fala do espinho na carne. Por influência das traduções em inglês, essa palavra foi traduzida por espinho, embora traduzi-la por estaca fizesse mais sentido. Porque um espinho — como o espinho de uma flor ou uma farpa de madeira que entra na unha, não é algo que cause tanta dor assim. Já uma estaca causa imensa dor! A ideia de ser empalado por uma estaca faz mais sentido. Talvez a melhor tradução para skolops seja: “uma estaca [fincada] na carne”. Apesar de tudo, isto nós sabemos: que era uma coisa extremamente dolorosa e que quebrava o apóstolo Paulo com a dor que provocava.

A terceira coisa que sabemos a respeito do espinho na carne de Paulo é que era causado pela ação satânica. O próprio Paulo afirma que esse espinho na carne era um mensageiro de Satanás. Se fosse uma doença física, poderíamos entender, porque o Diabo fez coisa semelhante com Jó. O Diabo feriu Jó da cabeça aos pés com úlceras, a ponto de Jó ter de raspar a coceira e as feridas com um caco de telha. Então, o Diabo é capaz de infligir sofrimentos físicos. Certa vez, Jesus libertou uma mulher a quem Satanás trazia presa por 18 anos, que andava encurvada por conta da presença daquele espírito na vida dela. Então, se esse sofrimento era físico, podemos entender que Deus permitiu que Satanás afligisse o apóstolo Paulo com algum tipo de enfermidade, como fez com Jó, por exemplo. Ou, se fosse algo mental, poderia ser opressão, tentação, como, por exemplo, o Diabo fez com Jesus. O Diabo tentou oprimir Jesus por três vezes, no deserto: “Se tu és o Filho de Deus, ordena que esta pedra se transforme em pão. [...] Eu te darei toda a autoridade e glória destes reinos, [...] se me adorares, tudo será teu. [...] Se tu és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo” (Lc 4.3,6,7,9). O Diabo é o pai da mentira, ele é opressor. Portanto, o tal espinho na carne também poderia ser uma opressão constante na vida do apóstolo Paulo, feita por algum espírito na vida dele.

O que quer que fosse, o que vemos, na verdade, é Deus usando a fúria e a ira do Diabo contra o apóstolo Paulo, em benefício do evangelho. Pois, quanto mais o

Diabo tentava, mais Deus usava o apóstolo Paulo. E é interessante a maneira como Deus vence o Diabo. Deus dá corda, e dá corda, e o Diabo vai e se enforca nela. Não foi assim na morte de Jesus? O Diabo achou que o certo era matar Jesus. Entrou em Judas para fazê-lo vender Jesus, porque era esse o plano astucioso do Diabo: “Vou matar o Messias”. E, de fato, Judas, endemoninhado, traiu Jesus e causou a sua morte. Mas a morte de Jesus foi a derrota do Diabo. Deus deu corda e o Diabo se enforcou com ela.

O pessoal se refere ao Diabo como alguém muito inteligente. O Diabo não tem inteligência. Ele pode ser astucioso, mas foi burro. Foi burro ao fazer isso com Paulo, pois, quanto mais ele fazia Paulo sofrer, mais Deus usava o apóstolo. Ele foi burro quando entrou em Judas, pensando que matar o Messias seria a solução para todos os problemas, seria resolver o problema, pois, na verdade, a morte de Cristo significa o esmagamento da cabeça da serpente, como o Diabo viu no jardim do Éden, mas não entendeu.

Segundo Paulo, Satanás tinha um mensageiro, mas não sabemos se físico ou espiritual. Deus, porém, usava isso para sua própria glória e para os seus propósitos, como dizia Lutero: “O Diabo é o Diabo de Deus”. O Diabo não é soberano, autônomo, livre. Ele vai aonde Deus o manda ir, e só vai até onde Deus permite. É como um pitbull preso numa coleira e comandado por Deus. Pois não há criatura alguma no universo que esteja fora do controle e do domínio de Deus. Por isso o apóstolo Paulo pôde dizer assim: “Não veio sobre vós nenhuma tentação que não fosse humana. Mas Deus é fiel e não deixará que sejais tentados além do que podeis resistir” (1Co 10.13). Essa promessa só faz sentido se Deus tiver o Diabo na coleira, não é verdade? Se não tivesse, como Deus poderia prometer que só vamos ser tentados até onde aguentamos? É o caso de Paulo. Deus permite essa ação satânica na vida do apóstolo, mas, ao mesmo tempo, ele usa isso em benefício do evangelho. Pois Paulo revela o objetivo de toda essa dor, no final do versículo 7: “a fim de que não me exalte” (ARA). O Diabo não faz nada para manter alguém humilde, mas sim para que a pessoa se exalte.

Nós sabemos que isso era uma ação satânica. E sabemos que era uma coisa humilhante e constante. Paulo diz que esse mensageiro de Satanás o esbofeteava. A palavra usada no grego traduzida por “esbofetear”, refere-se àquela bofetada que é dada com as costas da mão, e que era uma forma de desprezo no Antigo Oriente. Se você honrasse alguém, dava-lhe um soco de direita no rosto, mas, se você o desprezasse, dava-lhe uma bofetada. Essa é a palavra que foi usada no

versículo 7. Então, além de ser algo doloroso como uma estaca fincada na carne, era algo que humilhava o apóstolo Paulo, como ser esbofetado em público. Além disso, o verbo grego está no presente, indicando que era alguma coisa que acontecia constantemente. Poderia ser traduzido como: “para me esbofetear constantemente”. Assim, era algo que Paulo sentia diariamente. Não era alguma coisa que vinha a cada três meses, mas sim algo que estava presente no dia a dia de sua vida, algo que o humilhava, que o fazia sofrer, que o lembrava de sua situação de dependência e de fraqueza diante de Deus. O alvo de Deus era que Paulo não se exaltasse diante da grandeza daquele arrebatamento até o terceiro céu e também de outras experiências que ele haveria de ter.

A minha graça te é suficiente

O quarto ponto que gostaria de destacar nessa passagem é a resposta de Deus ao pedido de Paulo: “A minha graça te é suficiente” (v. 9). Levou tempo para Paulo entender isso. Ele não entendeu logo no começo, como vemos pelos versículos 8 e 9.

Qual foi a reação de Paulo no versículo 8? “Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim”. (v. 8, ARA). “Por causa disto”, ou seja, por causa dessa dor, por causa dessa humilhação, por causa desse sofrimento. Era algo tão intenso, e incomodava tanto o apóstolo Paulo, que a reação natural dele, de início, foi pedir que Deus tirasse aquela dor humilhante da sua vida. Eu creio que essa seja a reação que qualquer um de nós teria. O que fazemos, quando a estaca chega em nossa vida? Qual é a nossa primeira oração? “Senhor, afasta isso de mim! Não quero sentir dor. Não quero ser humilhado. Não quero passar por decepção. Não quero ser quebrado, moído pelas circunstâncias”. É nossa reação natural fazer isso, e Paulo reagiu normalmente, pedindo que o Senhor afastasse dele esse espinho.

Ele confessa que orou pedindo isso por três vezes. Orou a primeira vez, e não obteve resposta nenhuma. Pode ter pensado: “Talvez eu não tenha tido fé, não? Talvez não tenha orado com tanto fervor. Talvez seja porque não orei no monte. Então, vou orar de novo”. Então, Paulo pediu de novo que o Senhor afastasse aquele espinho, e nada. Silêncio profundo. Paulo deve ter imaginado consigo

mesmo: “Pode ser que eu esteja pedindo alguma coisa errada. Por que Deus não me ouve? Ele sempre me ouve! Eu nunca precisei pedir três vezes uma coisa!”. Não era falta de fé. Então, Paulo decide pedir pela terceira vez. E, na terceira vez, Deus responde.

A resposta de Deus encontra-se no versículo 9: “A minha graça te é suficiente, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Talvez Paulo tenha destacado que pediu isso três vezes, para lembrar que o Senhor Jesus tinha feito a mesma coisa no Getsêmani. Três vezes Jesus pediu a Deus: “Afasta de mim este cálice”. E a resposta de Deus foi não, nas três vezes. Talvez, nessa passagem, Paulo esteja refletindo aquilo que aconteceu com o Senhor Jesus.

Quero destacar alguns aspectos da resposta de Deus ao pedido de Paulo. Primeiro, Deus não atendeu ao pedido. O que mostra que você pode ser crente, pode ser alguém como o apóstolo Paulo, e mesmo assim ter uma resposta negativa para sua oração. Isso revela que uma resposta negativa de Deus nem sempre significa falta de fé, falta de insistência, ou falta de fervor. Apenas significa que Deus é soberano para atender às orações do jeito que ele sabe que é melhor para nós. Pois Deus não deu o que Paulo pediu, mas deu algo melhor do que ele pedia, pois, melhor do que Deus tirar o sofrimento da vida da pessoa é dar-lhe graça para suportar. E essa foi exatamente a resposta de Deus, no versículo 9: “A minha graça te é suficiente, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. A resposta de Deus mostrou a Paulo que, na verdade, o que ele precisava não era que o espinho saísse de sua vida, mas sim que a graça entrasse. Ele precisava da graça de Deus. E isso era melhor do que viver sem aquele espinho.

Portanto, Deus lhe concedeu graça para suportar a estaca na carne. A graça aqui mencionada seria aquele poder extraordinário do Espírito Santo na vida do apóstolo Paulo, para fazê-lo paciente, perseverante, submisso e até mesmo grato por toda aquela dor e humilhação que ele sentia. Só a graça de Deus pode fazer isso na vida de um cristão, pois a nossa tendência é murmurar, reclamar, queixar-nos de Deus, achar que Deus é injusto, perguntar o que fizemos para merecer esse sofrimento, e por que isso aconteceu comigo e não com outras pessoas. Portanto, somente a graça de Deus pode transformar essa experiência de uma estaca na carne em uma experiência que é motivo de gratidão, submissão, louvor e glória a Deus. Em outras palavras, essa foi a resposta de Deus para o apóstolo: “Paulo, você só precisa da minha graça. Não precisa de mais nada. A minha graça lhe basta. Ela basta para você viver, para você servir. Ela vai bastar para as

viagens missionárias às quais eu o enviarei. A minha graça irá com você, e eu vou lhe dar condição. Nada será mais do que você pode suportar. Você vai sentir dor, vai sofrer, vai ser humilhado, vai passar por situações muito difíceis. Mas eu estarei com você, eu o sustentarei e confortarei”.

Lembra-se daquela lista que vimos em 2Coríntios 4.8,9, na qual Paulo descreve seus sofrimentos? Ele diz assim: “Sofremos pressões de todos os lados, mas não estamos arrasados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos”. Suas palavras nos mostram que, em meio ao sofrimento, é como se Deus lhe dissesse: “Eu estarei com você em todos esses momentos. A minha graça lhe é suficiente”. Quando aprendermos a orar assim como Paulo, teremos aprendido a orar do modo certo. Pois, com frequência, pedimos para Deus tirar de nós o sofrimento, nos livrar, impedir o sofrimento, quando a oração certa é pedir: “Senhor, se isso que estou enfrentando é algo que o Senhor tem para mim, para me manter humilde, forjar o meu caráter, me ensinar a ser crente, então, eu só preciso da tua graça. Dá-me graça para que eu entenda isso, para que não reclame, para que tenha uma vida de contentamento, mesmo em meio a esses sofrimentos, sem reclamar, sem murmurar e sem me ressentir”.

Foi nesse mesmo sentido a explicação que Deus deu ao apóstolo Paulo, no versículo 9: “porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (ARA). Embora no original grego não apareça o pronome “meu” — e a tradução da ARA esteja fidelíssima —, o sentido é este: “porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Ou seja, quando somos fracos, o poder de Deus é mais forte. Quando somos fracos — e, às vezes, para nos quebrar, precisamos de um espinho —, nós dependemos de Deus, do poder da ressurreição de Cristo; quando somos fracos, não nos gloriamos em nós mesmos; quando somos fracos, damos toda a glória a Deus. Ou seja, quando somos fracos, estamos prontos para ser usados por Deus.

Eu me gloriarei nas minhas fraquezas

O quinto ponto que quero destacar nessa passagem é a conclusão a que Paulo chegou. Ele entendeu a razão de todo aquele sofrimento, do mensageiro de Satanás, da estaca na carne. Entendeu que aquele espinho tinha como objetivo

impedir que ele se exaltasse, mantê-lo humilde, para ser instrumento de Deus durante as viagens missionárias para as quais o Senhor o havia chamado. E, assim, antes de começar sua primeira viagem, Paulo já tinha aprendido esta lição: “Por isso, de muito boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que o poder de Cristo repouse sobre mim” (v. 9).

O que Paulo precisava para sua missão, para viver e servir a Deus, era do poder de Cristo, do poder da ressurreição. Isso é algo que todos nós queremos, que é tão falado em campanha de avivamento, que é tão prometido nas pregações, nos livros. Quem não quer o poder de Deus, de Cristo? Esse poder, porém, não vem da forma como às vezes muito evangélicos pensam. Ele consiste em pegar criaturas fracas e frágeis como nós e nos usar como vasos de barro, que carregam um tesouro precioso: o evangelho de Cristo. Às vezes, as pessoas ficam impressionadas com o poder de Deus, quando leem biografias, histórias de avivamento, conversões de centenas de pessoas, sinais, prodígios, curas e maravilhas. E pensam que a manifestação maior do poder de Deus é por esse tipo de coisa, quando a maior manifestação do poder de Deus é nos fazer viver humildemente, de maneira grata e satisfeita, mesmo carregando um fardo, uma dor ou um sofrimento por toda a vida. É preciso mais poder espiritual para ser um crente cheio de contentamento do que para ser uma pessoa que faz sinais e prodígios.

Por essa passagem, vemos que o que forjou o apóstolo, o que o preparou para sua obra missionária, não foi a experiência de arrebatamento até o terceiro céu, mas sim a estaca na carne. Foi isso que preparou Paulo para a obra que Deus tinha para ele. Talvez estejamos nos gloriando nas coisas erradas, buscando as coisas erradas. Por isso a resposta de Deus tem sido: “Não”. Por isso Deus não nos responde. Porque não estamos pedindo com sabedoria. Pois tudo de que precisamos, no final, é apenas da graça de Deus.

Paulo aprendeu a lição. Por isso termina dizendo: “Por isso, de muito boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que o poder de Cristo repouse sobre mim” (v. 9)... “Pelo que sinto prazer nas fraquezas” (v. 10, ARA). Imagine isso! Há quase uma ironia em dizer: “Sinto prazer nas fraquezas”. Ninguém gosta de fraqueza! Paulo sentia prazer na fraqueza porque ele entendia qual era o propósito dela. Quando ele era fraco, então, na verdade, é que era forte. Quando era fraco, o poder de Deus se manifestava nele. Por isso ele diz que sente prazer nas fraquezas, e, em seguida, cita tudo aquilo que o coloca naquela posição de fraqueza: “nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições,

nas angústias, por amor de Cristo” (v. 10, ARA). Não se tratava só do espinho, mas de qualquer outra fraqueza que o colocasse, de fato, na dependência de Deus. Ele se gloriava nisso. Sentia prazer nessas coisas. “Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (v. 10).

Para sermos cristãos como Deus deseja, precisamos estar dispostos a renunciar às coisas de que mais gostamos, nas quais temos mais prazer. Nós gostamos, por exemplo, de conforto, lazer, saúde, facilidades, dinheiro, família. Gostamos de todas essas coisas, mas, às vezes, essas coisas precisam nos ser tiradas. Às vezes, Deus as tira de nós: tira saúde, dinheiro, o marido, a esposa, outras vezes não dá nem marido nem esposa; tira um filho etc. O que precisamos é do poder de Deus e de sua graça, para permanecermos crentes quando a estaca chegar em nossa vida, quando o mensageiro de Satanás vier, quando começarmos a ser esbofeteados diariamente. É nessa condição de fraqueza que se manifesta o poder de Deus, e nos torna cristãos submissos, obedientes, perseverantes, resilientes, mesmo em face de todo o sofrimento.

Conclusão e aplicações práticas

A primeira lição que podemos extrair do estudo dessa passagem é que o caminho do poder espiritual não é outro senão o caminho da cruz. Fala-se muito em poder espiritual, mas poucos querem seguir o caminho que esse poder exige. O poder de Deus é a manifestação da vida de Cristo em nós, mas é a manifestação do Cristo crucificado e ressurreto. Nós precisamos morrer para que a vida dele se manifeste em nós. Esse é o verdadeiro poder.

Muitas vezes damos destaque a grandes pregadores, por conta dos seus feitos. E graças a Deus pela vida deles! Mas às vezes também nos esquecemos de que, na igreja, existem pessoas relativamente desconhecidas, que vivem no anonimato durante anos, mas têm o coração cheio de contentamento, um coração feliz com Deus, mesmo às vezes carregando um fardo enorme, no qual só em pensar já ficamos abalados: o fardo de ter uma doença; ter um filho doente; cuidar de uma mãe doente; ser arrimo de família. E essas pessoas às vezes vivem durante anos carregando esse fardo, mas com alegria, renunciando a tudo mais — aos prazeres da vida ou a qualquer outra oportunidade que surja — para servir. E nós não

valorizamos isso. Só valorizamos o superpregador que faz prodígios, sinais, que abre os olhos do cego, faz andar aleijados. Se olharmos para isso da perspectiva de Paulo, veremos que está tudo invertido. Paulo não se gloriava naquela experiência de arrebatamento ao céu. Ele se gloriava no espinho na carne, porque isso o deixava numa posição em que toda a glória era dada a Deus.

Portanto, a segunda lição que podemos extrair é que dor e sofrimento aperfeiçoam muito mais um pregador ou um cristão do que visões, revelações e experiências sobrenaturais. Pois Deus prefere usar, por exemplo, um pregador sofrido a um orador arrogante. E se ele tiver de fazer isso na sua vida, ele fará.

Por último, a terceira lição de que precisamos nos lembrar é que Deus não responde às nossas orações do jeito que queremos. Ele pode, mas nem sempre faz isso. E, quando não responde do jeito que queremos, não é porque ele não nos ame, mas porque não pedimos a coisa certa. Ele tem algo melhor para nós, e, às vezes, o silêncio de Deus ou o não de Deus é melhor do que o sim que queríamos ouvir dele.

Quando penso nas muitas orações que fiz, às quais Deus, em sua graça, respondeu “não”, eu digo: “Senhor, muito obrigado! Porque, se o Senhor tivesse dito sim àquela coisa que pedi, eu teria acabado com a minha vida, com a minha carreira e com o meu ministério”. Deus, em sua misericórdia, nos dá aquilo de que precisamos. Mas nem sempre sabemos de que precisamos. Por isso, confiemos em nosso Deus e descansemos nele. E, se você está vivendo em sofrimento — seja por causa de um problema físico, mental, de família, se teve de abrir mão de oportunidades na vida para servir alguém, ajudar alguém, enfim, eu não sei qual é a sua situação de vida —, quero que você olhe para a sua situação dessa perspectiva de que Deus usa todas essas coisas para o bem. Ou seja: “Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). Nesse versículo, “bem” não significa conforto e tranquilidade, mas sim sermos mais e mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo. Que assim seja!

Capítulo 32

AS CREDENCIAIS DO APOSTOLADO

2Coríntios 12.11-13

Sinais e prodígios

Tornei-me louco. Vós me obrigastes a isso; porque eu devia ser recomendado por vós, visto que em nada fui inferior aos “superapóstolos”, ainda que eu nada seja. De fato, as características de um apóstolo foram manifestas entre vós com grande perseverança, por meio de sinais, feitos extraordinários e milagres. Em que fostes inferiores às outras igrejas, a não ser no fato de que eu mesmo não fui um peso para vós? Perdoai-me essa injustiça!

Temos visto que os membros da igreja em Corinto estavam confusos quanto às marcas de um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo. A confusão foi criada pela chegada, à igreja de Corinto, de homens que se apresentavam como verdadeiros apóstolos e se colocavam em contraste com Paulo, que havia fundado aquela igreja. Também vimos que a estratégia de enfrentamento usada por Paulo é tentar mostrar aos coríntios que em nada ele é inferior a esses tais, que se diziam apóstolos e estavam tentando conquistar a simpatia e o coração da igreja e tirar de Paulo o amor que os coríntios tinham por ele, bem como seu lugar como pioneiro, plantador e apóstolo de Jesus enviado aos gentios e aos coríntios.

Eles diminuía o apóstolo Paulo e diziam que ele não tinha as credenciais de um verdadeiro apóstolo. Eram essas as acusações contra Paulo. A intenção deles era

assumir a liderança das igrejas e aproveitar-se financeiramente dos cristãos em Corinto. Também vimos isso quando Paulo abriu mão de ser sustentado pela igreja, para não dar lugar às intenções dos falsos apóstolos.

Isso tudo levou Paulo a ter de expor o que de fato seriam as marcas de um verdadeiro enviado de Jesus Cristo. Ele faz isso com muita relutância, pois podia parecer que estava se gloriando e se considerando superior a todo mundo. Contudo, por amor ao evangelho, ele parte para a defesa de seu apostolado e da mensagem que pregava.

Nesse texto que estudaremos, Paulo menciona os sinais e prodígios incontestáveis que acompanhavam seu ministério, e que os próprios coríntios tinham visto, experimentado, testemunhado. Então, Paulo apresenta essas credenciais do apostolado, presentes em seu ministério.

Agindo como insensato

No versículo 11, ele começa dizendo que está constrangido em fazer isso. E destacamos exatamente isto: o constrangimento de Paulo em ter de mostrar e comprovar as suas credenciais, diante das acusações daqueles homens: “Tenho-me tornado insensato; a isto me constrangestes” (v. 11, ARA). Paulo começa essa parte do texto dizendo que estava agindo como insensato.

“Insensato”, nesse versículo, significa tolo, louco, imprudente. Paulo estava dizendo que se sentia assim, por ter de fazer o que fez e o que ainda faria. E por que ele se considerava tolo, louco, imprudente, insensato? Evidentemente, por haver se gloriado de seus feitos e experiências, comparando-os com os daqueles tais que se diziam apóstolos de Cristo.

Ele já havia feito isso em 2Coríntios 11.22, em torno da questão de sua descendência judaica. Ele a coloca como uma de suas credenciais: “São hebreus? Eu também sou. São israelitas? Eu também sou. São descendentes de Abraão? Eu também sou” (2Co 11.22). Assim, Paulo usa sua origem israelita e judaica como uma credencial de si mesmo. Ele também diz, nos versículos 23 a 33, que seus trabalhos e sofrimentos mostram a sua credencial de apóstolo. Veja a partir

do versículo 23:

São servos de Cristo? Sou ainda mais (falo como se estivesse louco), muito mais em trabalhos; muito mais em prisões; em chicotadas sem medida; em perigo de morte muitas vezes; cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove chicotadas. Três vezes fui espancado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei um dia e uma noite em mar aberto. Muitas vezes passei por perigos em viagens, perigos em rios, perigos entre bandidos, perigos entre os do meu próprio povo, perigos entre gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos; em trabalho e cansaço, muitas vezes em noites sem dormir, com fome e com sede, muitas vezes sem comida, com frio e com falta de roupas. Além de outras coisas, ainda pesa diariamente sobre mim a preocupação com todas as igrejas. Quem se enfraquece, que eu também não me enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu também não fique indignado? Se é preciso orgulhar-me, haverei de me orgulhar de minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não estou mentindo. Em Damasco, o governador da cidade, sob a autoridade do rei Aretas, vigiava a cidade dos damascenos a fim de prender-me. Mas desceram-me muralha abaixo, num cesto através de uma janela. Assim, escapei das mãos dele (2Co 11.23-33).

Paulo coloca tudo isso como credencial e se compara com aqueles falsos apóstolos, mostrando que ele é muito mais apóstolo, por causa não somente da sua descendência judaica, mas dos trabalhos que realizou e dos seus sofrimentos por causa de Cristo.

Nos primeiros seis versículos do capítulo 12, vimos também o relato de seu arrebatamento ao terceiro céu. Existe a possibilidade de ter sido físico, inclusive, o que colocaria Paulo em numa lista — muito pequena e restrita em toda a Escritura — de pessoas que foram arrebatadas ao céu. Nos versículos 1 a 6 do capítulo 12, ele diz:

É necessário continuar a gloriar-me. Mesmo que isso não sirva para nada, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se isso aconteceu no corpo, ou fora

do corpo, não sei; Deus o sabe. E sei que esse homem, se isso aconteceu no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe, foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inexprimíveis, as quais não é permitido ao homem mencionar. Nesse homem eu me gloriarei, mas não me gloriarei em mim mesmo, a não ser nas minhas fraquezas. Mas, mesmo que quisesse gloriar-me, eu não seria louco, porque estaria dizendo a verdade. No entanto, abstenho-me de fazê-lo, para que ninguém pense de mim além do que em mim vê ou de mim ouve (2Co 12.1-6).

Então, a descendência judaica, por si só, não lhe dava autenticidade ao apostolado. O que lhe dava autenticidade eram também seu trabalho e seus sofrimentos por causa de Cristo, essa experiência singular de arrebatamento ao céu, onde ouviu coisas às quais nem lhe foi permitido fazer referência. Também vimos, no último capítulo, que uma das coisas que marcava essa sua “loucura” era a comparação com o próprio espinho na carne que Deus pusera nele, quando diz: “para que eu não me tornasse arrogante, foi-me posto um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me atormentar, para que eu não me tornasse arrogante” (v. 7). Então, ele já havia se apresentado, e estava dizendo que era louco em fazer essas comparações e trazer essas informações, com o intuito de convencer a igreja em Corinto do seu apostolado.

Mas Paulo atribuiu aos próprios coríntios a responsabilidade dessa loucura que cometeu. Ele diz no versículo 11: “Tornei-me louco. Vós me obrigastes a isso”. Em outras palavras: “Tenho me tornado insensato ao me comparar dessa forma, ao revelar essas coisas. Mas fiz tudo isso por culpa de vocês. Vocês me constrangeram a isso. Foram vocês que me obrigaram a agir assim. Primeiro, por ter acolhido as acusações dos inimigos contra mim. Segundo, porque questionaram a minha autoridade como apóstolo. E, terceiro, por colocarem em risco a obra de Deus na cidade”. Essa era a grande preocupação de Paulo.

Não foi por outro motivo que não esse que Paulo veio a defender o evangelho e a provar a sua autoridade apostólica. Não foi por uma questão pessoal. Não foi por competição nem por vaidade pessoal que ele se comparou àqueles falsos apóstolos. Foi apenas e tão somente por causa do evangelho, porque a verdade do evangelho estava em jogo. Ele diz, em outras palavras: “Porque vocês colocaram em risco a obra de Deus, eu tive de ser louco e me comportar de forma insensata, comparando-me com essas pessoas”.

O que os coríntios deveriam ter feito e que evitaria a necessidade de Paulo se gloriar? Eles deveriam ter louvado Paulo; falado bem dele; defendido o apóstolo; recomendado e apoiado Paulo, quando lhe fizeram essas acusações. Diz o texto: “Tornei-me louco. Vós me obrigastes a isso; porque eu devia ser recomendado por vós, visto que em nada fui inferior aos ‘superapóstolos’, ainda que eu nada seja” (v. 11).

Portanto, Paulo esperava que os coríntios tivessem defendido sua autoridade apostólica, que o tivessem louvado como pioneiro, líder e plantador daquela igreja. Eles deveriam ter reconhecido o ministério e o apostolado de Paulo, em vez de aceitarem as insinuações dos falsos mestres. Por isso, Paulo diz que eles o constrangeram a cometer essa insensatez.

Avaliando o ministério

Depois desse constrangimento, observamos a avaliação que Paulo faz de si mesmo, do seu ministério, e do seu apostolado. A razão pela qual os coríntios deveriam ter louvado Paulo era porque ele em nada tinha sido inferior aos “apóstolos” de Corinto, durante o tempo de seu ministério entre eles. No versículo 11 ele deixa isso claro.

Paulo se refere a seus adversários como “esses tais apóstolos” (ARA). Literalmente, no original grego, essa expressão significa esses “apóstolos excepcionais, inusitados, especiais”. Ele está usando de ironia em relação àqueles que apareceram, na igreja de Corinto, lançando dúvidas sobre sua autoridade apostólica. Ele os chama “esses tais apóstolos” ou, como traduz a NVI e a A21, “superapóstolos”. Enfim, esses “tais apóstolos”, ou esses “excepcionais apóstolos”, ou “esses inusitados apóstolos”, ou esses “especiais apóstolos” se intrometeram no meio dos coríntios, insinuando ou levantando dúvida sobre a autoridade apostólica de Paulo. E o apóstolo, então, mais uma vez usa de ironia quando se refere a essas pessoas.

Era assim que eles haviam se apresentado em Corinto: como superapóstolos; como homens excepcionais; como pessoas especiais, com credenciais emitidas pelas autoridades judaicas. Eles chegaram pregando uma mensagem superior à

mensagem de Paulo, ou seja, que era preciso guardar a lei de Moisés. Também contavam experiências sobrenaturais, provavelmente se vangloriando de sinais e maravilhas por eles realizados, pois se diziam muito superiores a Paulo. Era assim que eles se apresentavam diante da igreja, esses “tais apóstolos” ou “superapóstolos”.

Paulo considera que não era em nada inferior a eles, fosse na nacionalidade, nas experiências, na mensagem anunciada, na sua conduta, no seu caráter, na sua integridade, ou em qualquer outro critério de comparação. E Paulo diz: “em nada fui inferior a esses tais”. Paulo está consciente de quem ele é. Ele não está se colocando acima dos demais, no entanto. Não está fazendo comparações baseadas em peculiaridades ou vaidades pessoais.

Paulo afirma que em nada foi inferior a eles, mas tem consciência de quem ele é. E ele diz: “ainda que eu nada seja” (v. 11). Ainda que ele nada seja, não foi inferior a esses tais apóstolos, a esses superapóstolos.. Nesse trecho há um jogo de palavras interessante no original grego. Paulo diz: “Eu não fui inferior em nada, embora eu nada seja”. Ele faz esse jogo, pois, embora diga ter sido em muito superior aos superapóstolos dos coríntios, ele também tinha consciência de que nada era.

Essa consciência de Paulo já era efeito do espinho na carne. Ele já tinha dito que, por causa da grandeza das revelações que lhe foram dadas, Deus lhe pusera um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, como se o humilhasse, esbofeteasse, dando-lhe tapas de desprezo. Essa linguagem figurada retrata a humilhação que Deus impôs a Paulo, para que ele não se envasilhasse pela grandeza das revelações que recebera. Isso já havia acontecido aproximadamente há 14 anos, mas Paulo nunca falara a respeito dessa experiência. Ele nunca a colocara como carro-chefe de seu ministério. E agora, como ele mesmo diz, fala dela por insensatez, loucura, mas decide falar para que os coríntios saibam que em nada ele era inferior a esses superapóstolos que assim se apresentavam, apesar de saber que nada era.

Paulo já tinha dito isso anteriormente, pois sabia que tudo que tinha feito por Cristo era resultado da graça de Deus em sua vida. Em 1Coríntios 15.9, Paulo havia dito isso com todas as letras:

Pois sou o menor dos apóstolos, indigno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou. E a sua graça para comigo não foi ineficaz. De fato, trabalhei muito mais que todos eles, todavia não eu, mas a graça de Deus que está comigo (1Co 15.9,10).

Observamos com muita clareza que Paulo não está competindo nem se valendo arrogantemente de suas credenciais apostólicas. Não é essa a sua intenção. O objetivo de Paulo é salvaguardar o evangelho pregado e plantado em Corinto, que estava sob risco por causa desses falsos apóstolos, que se apresentavam como superapóstolos e desprezavam Paulo. Este, então, defende sua autoridade apostólica para defender o evangelho que ele pregara, sobre o qual plantara e fundamentara a igreja em Corinto.

Vemos, portanto, o apóstolo confessar seu constrangimento, e vemos também essa autoavaliação de que ele em nada era inferior aos superapóstolos, apesar de saber que não é nada e de ter consciência de que é a graça de Deus que opera sobre sua vida, e não algo de especial que haja nele mesmo.

As credenciais do apóstolo

Após fazer essa autoavaliação, Paulo revela quais são as credenciais de um apóstolo, para que a igreja não tenha dúvidas nem fique confusa quanto a quem é de fato um apóstolo e quanto a quem não é. Paulo então, no versículo 12, passa a apresentar essas credenciais de um apóstolo que, na verdade, são as suas próprias credenciais.

Ele diz que, apesar de não ser nada, tinha consciência de que Deus o havia instituído apóstolo de Jesus Cristo. Disso ele tem plena consciência. Em seguida, ele dá outro motivo pelo qual os coríntios deveriam ter louvado e recomendado o seu ministério. O primeiro motivo que ele havia dado era: “em nada fui inferior aos ‘superapóstolos’” (v. 11). E o segundo motivo, Paulo o deu quando esteve com os coríntios, logo no início, na ocasião em que plantou a igreja em Corinto: as credenciais inegáveis do apostolado. Ele diz: “Pois as credenciais do

apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos” (v. 12, ARA). Portanto, Paulo apresenta essas três coisas — sinais, prodígios e poderes miraculosos — como as credenciais de um verdadeiro apóstolo, concedidas por Cristo aos Doze, para que a mensagem que eles pregassem pudesse ser evidenciada por esses sinais que os acompanhavam, assim como no ministério de Jesus.

Lembra-se de quando Jesus foi procurado à noite por Nicodemos, um dos mestres dos fariseus? Ele procurou Jesus às escondidas porque precisava dizer-lhe algo que estava em seu coração, e que Nicodemos sabia que estava também no coração de todos os demais fariseus. Ele diz: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo de Deus, pois ninguém pode fazer os sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (Jo 3.2). Os fariseus conheciam a lei e os profetas, e sabiam que eles apontavam que o Messias seria acompanhado por sinais e prodígios extraordinários e miraculosos, pois isso comprovaria a sua autoridade messiânica. Muitos messias já haviam se levantado, dizendo ser alguma coisa. Contudo, os sinais que Jesus operava, os milagres que fazia, as curas que realizava, comprovavam, cancelavam que ele era o Messias, porque assim advertiram e anunciaram os profetas. Então, Nicodemos chega para o Senhor Jesus e diz que sabiam que ele é o Messias. Apesar das tentativas de difamar Jesus à luz do dia, dizer que ele era um falsário, os fariseus sabiam quem ele era. É essa a declaração de Nicodemos.

E Jesus, por sua vez, declarou aos seus apóstolos que esses sinais, curas, ações milagrosas e prodígios os acompanhariam, como credenciais do apostolado verdadeiro daqueles que são de Cristo Jesus. Assim, Paulo tinha apresentado esses sinais de poderes e de cura, quando estava plantando a igreja em Corinto, e os coríntios viram isso: “eu devia ser recomendado por vós [...] De fato, as características de um apóstolo foram manifestas entre vós com grande perseverança, por meio de sinais, feitos extraordinários e milagres” (v. 11,12). Ou seja, Paulo estava dizendo que, como ele tinha apresentado as credenciais do apostolado aos coríntios, por causa disso deveria ter sido louvado e defendido por eles diante dessas falsas acusações contra o apóstolo. E, então, Paulo vai trazer essas credenciais e explicá-las para que os coríntios saibam discernir o verdadeiro do falso.

“Credenciais do apostolado” (v. 12, ARA), termo usado por Paulo, significa literalmente “sinais”, “marcas”, coisas que comprovam e evidenciam que ele era verdadeiramente apóstolo de Cristo. As credenciais a que Paulo se refere são os

sinais, prodígios e poderes miraculosos que ele realizou, enquanto pregava em Corinto. Paulo alega que essas coisas foram feitas no meio dos coríntios, que eles as viram, e testemunharam. Eram milagres que se constituíam em provas irrefutáveis do seu apostolado. Elas foram feitas com toda persistência, diz ele: “Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda persistência” (v. 12, ARA). O termo “persistência” significa literalmente paciência e perseverança contínuas. É como se Paulo dissesse: “Esses sinais acompanharam o meu ministério no meio de vocês. Eu os realizei em seu meio com perseverança, com continuidade, até que vocês fossem convencidos de que a mensagem pregada por mim era a mensagem verdadeira de Deus”.

Em meio a sofrimentos e perseguições, Paulo realizou esses sinais, prodígios, e poderes miraculosos durante um longo tempo. A palavra “persistência” (ARA) ou “perseverança” — usada em outras versões, como a NVI e a A21 — evidencia isso.

Mas, afinal, o que eram esses sinais, prodígios e poderes miraculosos? O texto é muito importante, pois traz luz também para a igreja dos nossos dias, na qual essas mesmas confusões se apresentam, e pessoas se utilizam disso para tentar se passar por alguma coisa. Curas, ressurreições, exorcismos, expulsão de demônios e outros eventos sobrenaturais: foram esses sinais, prodígios e poderes miraculosos que acompanharam a pregação de Paulo, bem como o ministério dos verdadeiros apóstolos de Cristo Jesus. Note, no texto, que Paulo não afirma que ele fez essas coisas, mas que elas “foram manifestas” (v. 12), durante o seu ministério e a sua pregação, como prova evidente da sua autoridade apostólica. Ele diz que elas foram manifestas ou apresentadas, indicando que foi Deus quem as realizou, e não o próprio Paulo. O apóstolo nada era, e ele insiste em dizer isso.

Permita-me fazer um parêntese e mostrar qual era a visão da igreja do Novo Testamento em relação a curas, sinais e prodígios. Em Atos 4, vemos o começo da igreja, logo após o Pentecostes, aquele momento inaugural em que o Espírito Santo vem sobre a igreja. Isso dá início à dispensação do Espírito, período em que este é o protagonista e vem agir sobre a humanidade, para convencer o homem do pecado, da justiça e do juízo. Ele vem habitar no coração daquele que foi regenerado, levando à santificação, e assim testificando que é de Deus. “O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus” (Rm 8.16). Esse Espírito — que habita o coração do crente, para levá-lo a uma vida de santificação e torná-lo cada vez mais semelhante a Cristo — vem sobre a

igreja a partir de Pentecostes, dando-lhe poder para testemunhar do evangelho em todas as partes, concedendo-lhe dons, capacitando-a para realizar a missão que Deus lhe confiou. No Pentecostes — aquela conversão em massa, fruto da ação do Espírito Santo, na qual três mil pessoas se renderam, durante aquele primeiro sermão apostólico em que Pedro acusou seus ouvintes de terem crucificado o autor da vida — os que se arrependeram se chegam a Pedro e aos demais apóstolos, perguntando o que deveriam fazer diante dessa culpa que carregavam. “Pedro então lhes respondeu: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa é para vós, para vossos filhos e para todos os que estão longe, a quantos o Senhor nosso Deus chamar” (At 2.38,39).

Daí em diante, a igreja começa a crescer. No capítulo 2 de Atos, Lucas registra como viviam os convertidos, a multidão dos que creram: tinham tudo em comum; viviam em comunhão. No capítulo 3, Lucas fala que Pedro e João se dirigiram ao Templo, na hora nona da oração, às três da tarde, como de costume. Eles iam ao templo e oravam na hora terceira (às nove da manhã), na hora sexta (ao meio dia), e na hora nona (às três da tarde). A igreja e os apóstolos continuavam indo ao templo para orar a Deus. Quando chegaram lá, encontraram um coxo de nascença, que lhes pediu uma esmola. “Então Pedro lhe disse: Não tenho prata nem ouro. Mas o que tenho, isso te dou: Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!”(At 3.6). E aquele homem foi curado. A notícia se espalhou pela cidade de Jerusalém, muitos creram, e isso despertou a ira dos fariseus, que prenderam Pedro e João. Pedro discursa no templo, e é preso. Apresentam-se diante do Sinédrio e sofrem ameaças para não mais pregarem o evangelho. Mas, não tendo como mantê-los presos, por causa da evidência da cura do coxo, os fariseus soltam os discípulos. Estes procuram a igreja, que estava reunida orando pela vida deles. Atos 4.23 diz: “Depois de soltos, foram para os seus companheiros e lhes contaram tudo o que os principais sacerdotes e líderes religiosos lhes haviam falado”. Após darem o testemunho das ameaças que sofreram, o texto relata, a partir do versículo 24:

Ao ouvirem isso, todos juntos elevaram a voz a Deus, dizendo [E aqui Lucas resume a oração deles]: Senhor, tu que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que, pelo Espírito Santo, disseste pela boca de nosso pai Davi, teu servo: Por que os gentios se enfureceram, e os povos imaginaram coisas vãs? Os

reis da terra levantaram-se, e as autoridades aliaram-se contra o Senhor e contra o seu Ungido. Pois, nesta cidade, eles de fato se aliaram contra o teu santo Servo Jesus, a quem ungiste; não só Herodes, mas também Pôncio Pilatos com os gentios e os povos de Israel; para fazer tudo o que a tua mão e a tua vontade predeterminaram que se fizesse (At 4.24-28).

Eles oraram, colocando Deus no lugar de Deus, o Senhor soberano que já havia dito por sua palavra que essas coisas aconteceriam, que essa perseguição aconteceria. Eles constatam que o que Deus havia dito estava acontecendo de fato. E que as autoridades se juntaram contra o Senhor. E agora eles fazem o seu pedido. Mostram a consciência de que tudo isso estava acontecendo sem escapar do controle de Deus:

[Eles se aliaram] para fazer tudo o que a tua mão e a tua vontade predeterminaram que se fizesse. Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças [contra a igreja] e concede aos teus servos que [não se acovardem, não se intimidem, não se calem diante da perseguição e das ameaças, mas] falem a tua palavra com toda coragem (At 4.28,29).

Com essas palavras, demonstram que aquilo com que deveríamos nos ocupar como igreja, a nossa responsabilidade, a nossa missão, a tarefa que nos foi confiada é uma só: pregar, pregar e pregar o evangelho. Mas veja como eles oram, no versículo 30: “[Pregamos] enquanto estendes a mão para curar e para realizar sinais e feitos extraordinários pelo nome de teu santo Servo Jesus”. Veja a consciência da igreja! É a mesma visão de Paulo. O que cabe a nós, igreja, é pregar o evangelho, é anunciar o evangelho. Quem realiza sinais, prodígios e curas é Deus. Eles têm essa consciência. Paulo tem essa mesma consciência, por isso disse que em nada era inferior a esses tais apóstolos, embora soubesse que ele mesmo também não era nada, pois quem realiza todas essas coisas é Deus, por sua graça, por seu favor.

Quais eram esses sinais, prodígios e poderes? Temos vários relatos a respeito dessas manifestações no ministério de Paulo. Se passearmos pelas páginas do livro de Atos, veremos quantos desses sinais acompanharam o ministério do

apóstolo. Por exemplo, em Atos 13.4-12, em Chipre, Lucas registra alguns sinais que acompanharam o apóstolo Paulo:

Assim, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre. Chegando a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus e tinham João como auxiliar. Depois de atravessar a ilha toda até Pafos, acharam um judeu, chamado Barjesus, que era mago e falso profeta. Ele estava com o procônsul Sérgio Paulo, que era um homem sensato. Este chamou Barnabé e Saulo e demonstrou desejo de ouvir a palavra de Deus. Mas Elimas, o mago (pois assim se traduz o seu nome), opunha-se a eles, procurando desviar o procônsul da fé. Todavia, Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando os olhos nele, disse: Ó filho do Diabo, cheio de todo engano e de toda maldade, inimigo de toda justiça, não cessarás de perverter os caminhos retos do Senhor? Agora a mão do Senhor está contra ti e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. Imediatamente, névoa e escuridão caíram sobre ele; e, andando, procurava quem o guiasse pela mão. Então, vendo o que havia acontecido, o procônsul creu, muito impressionado com o ensino do Senhor (At 13.4-12).

Por todo o livro de Atos os sinais seguiam o ministério de Paulo. Em Atos 14.3, quando Paulo estava em Icônio, veja o que aconteceu: “Entretanto, eles se demoraram ali por muito tempo, falando corajosamente acerca do Senhor, que confirmava a palavra da sua graça, concedendo que por suas mãos se realizassem sinais e feitos extraordinários” (At 14.3). Então, os sinais e prodígios eram uma credencial dos apóstolos, uma confirmação para que as pessoas cressem na palavra que era pregada.

Veja, ainda, Atos 14.8-10, que diz: “Em Listra, encontrava-se sentado um homem defeituoso dos pés, aleijado de nascença e que nunca havia andado. E ouvia Paulo falar. Paulo, fixando nele os olhos e, vendo que tinha fé para ser curado, disse em alta voz: Levanta-te e fica em pé! Ele, então, deu um salto e começou a andar” (At 14.8-10).

Veja também o que acontece em Jerusalém, no relato apresentado pelos apóstolos, quando têm de defender o evangelho entre os gentios: “Então toda a

multidão silenciou e passou a ouvir Barnabé e Paulo, que contavam quantos milagres, feitos extraordinários e sinais Deus havia realizado por meio deles entre os gentios” (At 15.12).

Veja também o relato sobre Paulo em Éfeso: “E, por intermédio de Paulo, Deus fazia milagres extraordinários, de tal forma que lenços e panos que haviam tocado nele eram levados aos doentes. E as doenças os deixavam, e os espíritos malignos saíam deles” (At 19.11,12).

Esses sinais e prodígios acompanharam o ministério de Paulo durante toda a trajetória da plantação de igrejas, que difundiu o evangelho pelo mundo romano. O objetivo desses milagres incontestáveis e claros era mostrar que a mensagem pregada por Paulo era de Deus. O objetivo também era demonstrar que Deus o havia chamado e constituído como seu embaixador, ministro e apóstolo, como ele mesmo já havia dito em 2Coríntios, quando diz que fomos chamados para sermos ministros de Cristo, embaixadores em nome de Cristo, e cooperadores do evangelho (2Co 5.20). Paulo tinha consciência de que ninguém senão Deus o constituiu apóstolo e concedeu que esses sinais acompanhassem o seu ministério, para comprovar seu apostolado. Deus tinha por objetivo mostrar que a mensagem que Paulo pregava era de Deus, e também mostrar que o havia chamado e constituído como seu embaixador, ministro e apóstolo.

Paulo só relembra essas coisas porque os coríntios estavam confusos quanto a reconhecer um verdadeiro apóstolo de Cristo Jesus. É importante ressaltar que sinais e prodígios não eram a prova final de autenticidade dos apóstolos. É bom destacarmos isso, pois os milagres verdadeiros serviam para mostrar que nem todo mundo que fazia milagres era apóstolo. Temos o exemplo de Estêvão e de Filipe (At 6.8; 8.6,7). Mas todo verdadeiro apóstolo tinha os dons de curar e de fazer maravilhas, pois os recebera de Cristo Jesus. Então, esses dons estavam sobre os apóstolos, e sobre aqueles em quem os apóstolos impunham as mãos com a missão de evangelizar e pregar o evangelho, como Estêvão e Filipe.

Sinais manifestos claramente entre vós

Apesar de estar constrangido, de estar consciente de que nada era, e apesar de ter

de apresentar as credenciais do seu apostolado, Paulo, no final, ironiza. E o vemos usando de ironia para com os coríntios, os crentes daquela igreja. No versículo 13, ele diz: “Em que fostes inferiores às outras igrejas, a não ser no fato de que eu mesmo não fui um peso para vós? Perdoai-me essa injustiça!” (v. 13). O ponto de Paulo aos seus leitores coríntios parece ser o seguinte: Os sinais do apostolado foram manifestos claramente entre eles. Ora, isso mostra que Paulo os tem na mais alta estima e consideração. Em outras palavras, Paulo está dizendo: “Vocês, coríntios, foram tratados como tratei as demais igrejas por onde passei ministrando o evangelho. O que fiz lá, fiz aqui. O que Deus realizou por minhas mãos na Galácia, na Macedônia, ele também realizou entre vocês: sinais, prodígios e curas. E vocês viram isso. A única diferença é que não recebi salário de vocês, para não lhes ser um peso financeiro. E agora vocês acham que essa minha atitude de renunciar a um salário, na verdade, foi uma desfeita, um ato de desprezo, e que menosprezei vocês? É isso que esses superapóstolos estão dizendo de mim?”.

Então, Paulo ironiza: “Puxa! Se é assim que pensam, perdoem-me essa injustiça! Perdoem-me por não ter recebido salário de vocês”. Paulo evidentemente está usando de ironia, pedindo desculpas pela “injustiça” de não ter recebido dinheiro deles. Nas palavras do Novo Testamento, segundo outra versão bíblica: “Como é que vocês foram tratados pior do que as outras igrejas? A única diferença é que eu não exigi que vocês me ajudassem. Por favor, perdoem essa injustiça!” (2Co 12.13, NTLH).

Percebemos, portanto, que os tais superapóstolos já estavam preparando caminho para exigir sustento, ofertas e dízimos da igreja. Paulo, ao suspeitar disso, renunciou ao seu sustento para que, quando esses falsos apóstolos pedissem sustento, a igreja pudesse pensar: “Espere aí! Paulo abriu mão do sustento. Por que vocês estão exigindo isso de nós?”. Paulo sabia das intenções maliciosas dos falsos apóstolos.

Conclusão e aplicações práticas

Diante do exposto, o que podemos aprender com esse texto? Que conclusões podemos tirar? Que aplicações podemos trazer à vida da igreja hoje? Porque, ao

que me parece, a igreja continua confusa acerca dessa questão de curas, sinais e prodígios. Portanto, eu queria destacar algumas coisas como lições práticas do texto para nós sobre essa questão. Primeiro, o objetivo principal desses sinais, dessas curas, era autenticar, ou seja, comprovar que a mensagem dos apóstolos era da parte de Deus. Por isso eles receberam de Cristo esses dons. A pregação do evangelho precisava de provas inquestionáveis de que sua mensagem não era invenção humana, mas sim algo vindo do próprio Deus. Os judeus também precisavam ter certeza de que Jesus era o Messias prometido nas Escrituras, o Salvador de Israel. Da mesma forma, os gentios precisavam ver que Jesus de Nazaré era Deus, e mais poderoso do que seus próprios deuses.

Por isso Deus concedeu aos apóstolos esses dons extraordinários de cura, milagres e operação de maravilhas. Os apóstolos foram capacitados com dons extraordinários para realizar sinais que acompanhassem a pregação do evangelho.

Todo dom é extraordinário porque o dom não é uma coisa que eu tenho ou que você tem. Nós temos talentos e habilidades, as quais Deus nos concede para desenvolver alguma atividade no dia a dia e dela obter nosso sustento digno. Mas dons são habilidades sobrenaturais, concedidas pelo Espírito Santo para desenvolvermos um ministério ou serviço na igreja. Nesse particular, todo dom é sobrenatural. Mas, dentre os dons sobrenaturais, existem dons extraordinários, dons espetaculares, dons que nos chamam a atenção. E foram esses dons extraordinários e espetaculares que Deus concedeu a seus apóstolos, para comprovar que a mensagem que eles pregavam era de Deus, e não de homens. Somente eles, os apóstolos, realizavam esses sinais e prodígios no Novo Testamento. As exceções eram as pessoas que haviam recebido imposição de mãos dos apóstolos ou eram do círculo próximo dos apóstolos, como Estêvão e Filipe.

Esses sinais e prodígios foram registrados no Novo Testamento, e esse registro foi colocado à disposição de todas as gerações. Eles não precisam ser repetidos. Já foram registrados para que creiamos em Cristo, mesmo sem ter visto os sinais dos apóstolos. É isso que diz o apóstolo João, no final do século 1 a.C., como o último dos apóstolos — pois todos os demais já haviam sido mortos — quando, no final do seu evangelho, aponta a razão pela qual esses milagres e curas foram registrados na Escritura: “Jesus, na verdade, realizou na presença de seus discípulos ainda muitos outros sinais que não estão registrados neste livro. Estes, porém, foram registrados para que possais crer que Jesus é o Cristo, o Filho de

Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.30,31).

Queria destacar algo importante na experiência da ressurreição de Jesus e de sua aparição aos discípulos. Quando estes, maravilhados, viram Jesus lhes aparecer ressurreto em corpo, ficaram tão pasmados com aquilo, tão alegres, que contaram aos discípulos que não estavam presentes. Um deles foi Tomé, que disse: “Se eu não vir o sinal dos pregos nas mãos e não puser o meu dedo no seu lado, de maneira nenhuma creerei” (Jo 20.25).

Diz a Palavra que, oito dias depois, ou seja, no primeiro dia da semana, o dia da ressurreição, Jesus apareceu novamente entre os seus discípulos e se dirigiu a Tomé: “Coloca aqui o teu dedo e vê as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado. Não sejas incrédulo, mas crente!” (Jo 20.27). E Tomé se quebranta e se ajoelha ao lado de Jesus, dizendo: “Senhor meu e Deus meu!” (Jo 20.28). Então, Jesus repreende Tomé, dizendo: “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20.29).

Isso corrobora o que estou afirmando: que esses sinais que seguiram os apóstolos de Jesus foram registrados, e só continuaram enquanto ainda não havia se completado o Novo Testamento. Uma vez que esses sinais foram registrados no Novo Testamento, a razão é para que nós creiamos. Como João disse, Jesus fez muitos outros sinais diante dos apóstolos os quais não estão nas Escrituras, mas esses foram registrados para que creiamos e, crendo, tenhamos vida em seu nome.

O que tem trazido muita confusão na vida da igreja dos nossos dias é o fato de que os crentes de hoje são como Tomé: precisam de sinais para crer. Deus continua fazendo milagres hoje, pois ele é o mesmo Deus. Só não temos mais pessoas como os apóstolos, que receberam esses poderes extraordinários para curar, que lhes foram dados por Cristo e pelo Espírito Santo de Deus. Mas Deus responde às orações e pode curar qualquer pessoa de qualquer mal, se ele assim o desejar.

Vejam a diferença dos dias apostólicos para hoje. Na era apostólica, Deus concedeu aos apóstolos fazerem esses sinais — impor a mão sobre pessoas, curá-las, ressuscitar mortos, dar vista a cegos. Esses sinais acompanhavam os apóstolos, para comprovar a veracidade da mensagem que pregavam. Mas a pergunta é: Existem pessoas em nossos dias com esses dons?

Você conhece alguém, hoje, que imponha a mão sobre uma pessoa doente, ore e essa pessoa fique curada? Se existisse isso, de fato, como um dom particular dado a uma pessoa objetivamente, com toda certeza aconteceria o que aconteceu com os apóstolos: essa pessoa não passaria ilesa. Já estaria na televisão e nos meios de comunicação.

Deus continua sendo o mesmo Deus. Por isso, Deus cura, realiza milagres e prodígios. Mas não o faz através de um indivíduo, e sim em resposta à oração da igreja, do seu povo. Hoje ele o faz em resposta às orações da igreja, e não através de indivíduos.

Para ser crente, preciso apenas crer nos milagres que a Bíblia traz. Não sou obrigado a crer nos milagres modernos, embora esteja aberto para saber que Deus opera, atende e age. Devo ter sabedoria e discernimento para não ser enganado nem iludido por falsos profetas e falsos crentes que operam sinais.

Observe a advertência de Jesus em Mateus 7. Ele falou do perigo dessa credulidade sem critério bíblico. Avisou que falsos profetas e falsos crentes realizariam sinais e prodígios. Isso se comprova hoje:

Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em pele de ovelha, mas interiormente são lobos devoradores. Pelos frutos os conhecereis. Por acaso colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos de plantas com espinhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém, a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar frutos maus, nem uma árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não produz fruto bom é cortada e lançada no fogo. Portanto, vós os conhecereis pelos frutos. Nem todo o que me diz Senhor, Senhor! entrará no reino do céu, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está no céu. Naquele dia, muitos me dirão: Senhor, Senhor, nós não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? Em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; afastai-vos de mim, vós que praticais o mal (Mt 7.15-23).

O Senhor não negou o fato de que eles realizam curas, sinais e prodígios, mas disse que esses sinais, curas e prodígios não autenticam a espiritualidade de um falso profeta. Ora, o Diabo também ilude as pessoas com falsos sinais. Observe o

que Paulo disse em 2 Tessalonicenses. O Diabo opera sinais e prodígios para confundir crentes que buscam essas coisas, com elas se entusiasmam, e não acolhem a simplicidade do evangelho:

Pois o mistério da impiedade já está atuando, e falta apenas ser tirado do caminho aquele que agora o detém [que é Cristo]; e então esse ímpio será revelado, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda. A vinda desse ímpio se dá por meio da força de Satanás com todo o poder, sinais e falsos milagres, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, pois rejeitaram amar a verdade para serem salvos. É por isso que Deus lhes envia a atuação do erro, para que creiam na mentira, para que sejam julgados todos que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça (2Ts 2.7-12).

Esse texto nos diz que Satanás operará, com seus falsos profetas, sinais e prodígios para confundir a vida da igreja.

Portanto, o meu e o seu alvo são o mesmo: sempre deve ser a Palavra e a pregação da Palavra, onde encontram-se registrados os milagres que apontam para Cristo, nosso Salvador. Temos de ter a mesma consciência da igreja do Novo Testamento: “Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que falem a tua palavra com toda coragem, enquanto estendes a mão para curar e para realizar sinais e feitos extraordinários pelo nome de teu santo Servo Jesus” (At 4.29,30). Curar e realizar sinais e feitos extraordinários é com Deus, não é conosco. A tarefa que nos cabe é pregar a Palavra de Deus.

Que Deus nos abençoe, nos ajude e nos dê graça para vivermos nestes dias difíceis com discernimento e com convicção da Palavra. Que nosso objetivo e nossa consciência como igreja sejam de que somos anunciadores, chamados para sermos cooperadores de Deus, anunciando a Palavra, pregando o evangelho. O próprio Senhor é quem vai realizar a salvação e a aplicação dessa palavra no coração daquele a quem ele quer salvar e chamar ao arrependimento.

Capítulo 33

o dinheiro e o ministério

2Coríntios 12.14-18

Agora, já pela terceira vez estou pronto para visitar-vos. Eu não serei um peso para vós, porque não procuro o que é vosso, mas sim a vós mesmos. Pois não são os filhos que devem guardar seus bens para os pais, mas os pais para os filhos. De muito boa vontade gastarei o que tenho e me deixarei gastar pela vossa vida. Se vos amo mais intensamente, serei eu menos amado por vós? De qualquer forma, não fui um peso para vós; mas como sou hábil, vos apanhei com engano! Será que vos explorei por meio de algum daqueles que vos enviei? Eu instruí a Tito e enviei com ele outro irmão. Será que Tito vos explorou? Não vivemos pelo mesmo Espírito? Não seguimos o mesmo caminho?

O dinheiro tem causado o fim de muitos ministérios. Vários pastores, até mesmo promissores, que traziam esperança de renovação na igreja ou de um ministério profícuo, acabaram a carreira exatamente por conta de problemas com finanças, falta de transparência, questionamentos a respeito da sua lisura em lidar com dinheiro e também a respeito de sua motivação. E esse é justamente o tema do apóstolo Paulo nessa passagem que estudaremos neste capítulo.

Paulo já tinha anunciado, antes dessa passagem, sua intenção de fazer uma terceira visita à cidade de Corinto, para tratar de assuntos pendentes, alguns dos quais ele menciona nessa carta.

Já na primeira carta que tinha escrito, ele faz algumas menções de que pretendia visitar a igreja de Corinto. Nessa passagem, porém, ele deixa explícito que está

se preparando para fazer o que prometera: uma terceira visita à cidade de Corinto. Quando passasse por lá, Paulo planejava pegar aquela oferta para os pobres de Jerusalém — sobre a qual tratou nos capítulos 8 e 9 da carta, que estava pendente de conclusão — com o propósito de enviá-la a Jerusalém e, assim, atender às necessidades dos crentes de lá.

Mas o que deveria ser uma visita cordial e fraterna — na qual Paulo chegaria a Corinto, estaria com os irmãos, com os seus filhos na fé, receberia a oferta que eles tinham levantado, juntaria com a oferta da Macedônia, e levaria para os pobres de Jerusalém — poderia vir a se tornar uma visita sombria, penosa, e crítica.

Por isso, a partir deste ponto até o final da carta, Paulo se concentra na preparação dessa visita. Ele está preocupado com o que pode acontecer. Aquela visita poderia vir a ser um divisor de águas no relacionamento do apóstolo com a igreja de Corinto.

No capítulo anterior, vimos como Paulo termina a sua exposição do que seriam as marcas de um verdadeiro apóstolo. Os crentes de Corinto estavam confusos em relação a essas marcas por causa da infiltração de alguns judaizantes, que se passavam por apóstolos de Jesus Cristo e tentavam diminuir o papel do apóstolo Paulo e sua importância, questionando a sua autoridade como apóstolo. Isso levou Paulo, desde o capítulo 10, a se gloriar de suas atividades, suas virtudes e das atividades que Deus exercia através dele, apontando todas essas coisas como evidência de que ele era um verdadeiro apóstolo. No capítulo anterior, o foco concentrou-se nos sinais e prodígios que Paulo realizou, os quais evidenciavam que ele, de fato, havia sido enviado por Deus.

Mas, encerrada essa parte de comprovação do apostolado, Paulo agora se concentra nessa terceira visita que está no horizonte, e que é o próximo passo no relacionamento dele com a igreja de Corinto, um relacionamento tenso, turbulento, e que exigia a presença dele na igreja para uma resolução.

Até o final da carta, veremos pelo menos quatro preocupações do apóstolo Paulo com essa visita. Neste capítulo, vamos nos dedicar à primeira delas, que é a preocupação de que os coríntios pensassem que a insistência de Paulo em ir visitá-los era para, de alguma maneira, aproveitar-se financeiramente dos coríntios e da oferta que eles estavam levantando para os pobres de Jerusalém. Por isso eu disse que o tema desta passagem tem a ver justamente com dinheiro.

Interesse de abençoar a igreja

No versículo 14, iniciando essa seção que vai até o final da carta, Paulo mostra que seu real interesse com essa visita é o de abençoar os coríntios e resolver os problemas da igreja. Veja como ele diz: “Agora, já pela terceira vez estou pronto para visitar-vos” (v. 14). A ênfase, no original grego, está na expressão “terceira vez”. É como se Paulo dissesse: “É a terceira vez que vou visitar vocês! A terceira vez! Já fui à primeira, a segunda, e estou preparado para ir uma terceira vez”. Com isso, Paulo parece querer mostrar que está disposto a ir à igreja de Corinto quantas vezes forem necessárias, para resolver aqueles problemas que haviam surgido entre a igreja e ele, provocados especialmente pelos falsos apóstolos que estavam se infiltrando na igreja.

Como já vimos, a primeira visita de Paulo à igreja de Corinto aconteceu durante a sua segunda viagem missionária, cerca de 4 ou 5 anos antes de Paulo escrever essa carta. De acordo com Atos 18, Paulo ali chega e prega o evangelho. Corinto era uma cidade complicada, difícil, multicultural, famosa pela imoralidade. Mas, através da pregação do apóstolo Paulo, Deus transforma a vida de pessoas e surgem, na cidade de Corinto, várias igrejas hospedadas nas casas dos irmãos.

Depois disso, Paulo parte para pregar o evangelho em outros lugares. Descobre, porém, que, após a sua saída, a situação da igreja deteriorou bastante, tanto em termos doutrinários como em termos morais. Isso o leva a trocar correspondência com a igreja e fazer sua segunda visita a Corinto, para tentar pessoalmente pastorear a igreja e resolver todos esses problemas que tinham aparecido. Mas o clima não foi bom. Paulo foi recebido com hostilidade. Aparentemente, houve confrontos e conflitos, e Paulo saiu de lá disposto a nunca mais voltar à cidade naquelas condições. Essa é uma visita dolorosa, e ele a menciona em 2Coríntios 2.1. Apesar disso, Paulo estava disposto a visitar Corinto por uma terceira vez, tais eram o amor e a preocupação dele para com aquela igreja. Daí a ênfase no fato de ele estar pronto pela terceira vez: “Agora, já pela terceira vez estou pronto para visitar-vos” (v. 14). Ou seja, Paulo não estava somente disposto; ele estava preparado para ir, quando chegasse o momento. Mas, essa que, a princípio, seria uma visita cordial e fraterna, poderia novamente se tornar uma visita dolorosa, uma visita onde iriam acontecer

confrontos, discussões de parte a parte, e Paulo não queria mais passar por essa situação.

Agora esse perigo era ainda maior, pois os falsos mestres tinham levantado suspeitas com relação à intenção de Paulo em continuar o relacionamento com a igreja de Corinto.

Como vimos nos capítulos anteriores, esses falsos mestres andavam dizendo que Paulo, na verdade, era um mercenário, alguém que usava a religião para ganhar dinheiro, e que queria se aproveitar da fé dos coríntios para tirar vantagem. Também andavam insinuando que, se Paulo não tinha recebido ofertas quando esteve em Corinto pela primeira vez — e de fato Paulo nunca recebeu um tostão da igreja de Corinto, pois se sustentou fazendo tendas — é por que ele pretendia receber agora. Ele estava apenas armando um esquema financeiro para explorar os coríntios. Aquela oferta para os pobres de Jerusalém, que ele estava levantando, na verdade, Paulo teria intenção de se apropriar dela. Por isso Paulo nunca queria receber nada dos coríntios, justamente para dissipar qualquer suspeita das suas intenções.

A verdade é que quem já estava recebendo dinheiro da igreja de Corinto eram esses falsos mestres. Paulo diz, em 2Coríntios 11.20, que os coríntios toleravam quem os explorava. Ele estava se referindo à exploração financeira que os falsos apóstolos estavam fazendo. Eles exigiam sustento, talvez até bens, abusavam da hospitalidade dos crentes de Corinto. Por isso estavam fazendo essas acusações contra o apóstolo Paulo.

Para esses falsos mestres, as igrejas deveriam dar grandes somas para seus líderes espirituais e satisfazer todas as suas demandas e exigências econômicas. E eles diziam: “Paulo, no fundo, é assim. Ele só está escondendo o jogo, porque preparou um esquema para dar um golpe e levar muito dinheiro arrecadado entre vocês”. Por isso Paulo diz: “Agora, já pela terceira vez estou pronto para visitar-vos. Eu não serei um peso para vós” (v. 14). Esse trecho final é a segunda afirmação de Paulo. Primeiro, ele afirma que está disposto a ir. Diz que vai andar a terceira milha com eles, que está preparado para isso. Em seguida, ele faz uma promessa, uma declaração: “Eu não serei um peso para vós”. Em outras palavras, estava dizendo que, quando chegasse em Corinto, não exigiria nada deles, não levantaria coleta, não faria apelos nem campanhas, não faria promessas baseadas em dinheiro. Também não diria que Deus não os abençoaria se não contribuíssem para o seu ministério. Paulo faz questão de dizer que não

seria um peso. Não ficaria na casa de ninguém; não comeria do pão de ninguém. Das outras vezes que esteve em Corinto, Paulo também não pedira nada. Ele se sustentaria fazendo tendas. Paulo não quer que os coríntios se preocupem, e mostra que sua ida para lá não tinha o menor interesse financeiro. Seu interesse era totalmente outro. Ele também não tinha um esquema para se apropriar do dinheiro deles. Tudo isso o apóstolo Paulo deixa claro com essas palavras: “Eu não serei um peso para vós”. Ou seja: “Eu não vou custar a vocês absolutamente nada”. A atitude de Paulo estabelecia um imenso contraste com esses falsos mestres, que eram pesados, pois exploravam a igreja de Corinto, como o apóstolo diz em 2Coríntios 11.20.

Quatro garantias

Em seguida, nos versículos 14 a 18, Paulo oferece quatro garantias de que aquilo que está dizendo vai acontecer e é verdade. São quatro pontos que ele oferece de que, ao chegar em Corinto, nessa terceira visita, ele não será pesado.

A primeira garantia está ainda no versículo 14: Paulo afirma que o que procura não são os bens dos coríntios, mas sim a eles mesmos. Depois de dizer: “Agora, já pela terceira vez estou pronto para visitar-vos. Eu não serei um peso para vós”, ele dá a razão por que não vai ser pesado: “porque não procuro o que é vosso, mas sim a vós mesmos”. Ou seja: “Eu não estou indo atrás do dinheiro de vocês. Na verdade, estou indo atrás de vocês. São vocês que eu quero. Não estou interessado nas propriedades, nos bens, nem em quaisquer outros recursos que porventura tenham”. A NTLH traduziu assim: “Eu quero vocês e não o dinheiro de vocês”. Muito boa e apropriada essa tradução.

O que Paulo queria, na verdade, era ganhá-los de volta para Cristo. Essa sempre foi a intenção de Paulo, desde o primeiro dia em que pisou na cidade de Corinto. Ele nunca teve interesse financeiro. O interesse dele era ganhar aquelas pessoas para Cristo: tirá-las do paganismo, da escuridão, da condenação eterna e trazê-las para o conhecimento da verdade. Essa busca pelo pecador, esse interesse pela salvação dos perdidos foi sempre o que norteou o apóstolo Paulo. Era isso que o movia a ir de cidade em cidade. Era isso que o impelia a continuar, apesar das perseguições, das torturas, das varadas, das pedradas. Nós vimos a lista em que

ele enumerou todos os seus sofrimentos por Cristo. O que levava Paulo a fazer isso? É evidente que não era porque ele estava atrás do dinheiro das pessoas. Ele estava atrás das próprias pessoas! Em outras palavras: “Não tenho interesse no dinheiro de vocês, mas tenho interesse em ganhá-los para Cristo”. Essa é a primeira garantia que Paulo oferece. Também é essa a visão que ele sempre teve de seu ministério: seu interesse era salvar pessoas, e não ganhar dinheiro delas.

A segunda garantia que Paulo oferece de que não será pesado é esta: “Pois não são os filhos que devem guardar seus bens para os pais, mas os pais para os filhos.” (v. 14). Ele acredita que os pais é que se doam pelos filhos, e não os filhos pelos pais. Num certo sentido, ele está indo contra o quarto mandamento, que diz: “Honra teu pai e tua mãe” (Dt 5.16). Honrar pai e mãe não significa apenas respeitar e obedecer aos pais, mas também significa honrá-los financeiramente, quando os pais estiverem idosos e os filhos, então, assumirem o cuidado dos pais. O quarto mandamento ensina isso. Mas Paulo não crê que esteja na hora de isso acontecer, pois, nem ele está assim tão velho, nem muito menos, a igreja de Corinto está madura. Então Paulo apela para o costume do mundo greco-romano, no qual o normal era os pais juntarem bens e os deixarem para os filhos, e não o contrário. Paulo apela para essa regra bastante conhecida dos coríntios. Esse é, portanto, um argumento extraído da cultura e baseado no bom senso. Não são os filhos que devem guardar bens para os pais, mas sim o contrário.

É uma questão cultural. Nos Estados Unidos, os pais, quando abastados, deixam propriedades e largas somas em dinheiro para universidades, hospitais e outras instituições, pois acreditam que os filhos têm de aprender a lutar, arrumar emprego e crescer na vida. Essa é a visão nos Estados Unidos. Já no Brasil não é assim. Aqui guardamos dinheiro e deixamos tudo o que podemos para os filhos. Nosso contexto cultural é muito parecido com o contexto greco-romano. Já nos Estados Unidos e na Europa é diferente. Portanto, podemos entender perfeitamente bem o argumento de Paulo: não são os filhos que têm de guardar bens para os pais, mas sim o contrário. Podemos ver o uso implícito que Paulo faz da seguinte analogia: “Eu sou o pai espiritual de vocês, portanto, como pai, quem está interessado na prosperidade de vocês sou eu. Eu é que quero guardar bens para vocês; por isso, não exijo que vocês, que são meus filhos, tenham dinheiro para me dar”. Paulo baseia seu argumento naquilo que acontece na sociedade, e usa esse argumento do senso comum. O que nos mostra que a graça de Deus permite que existam verdades na sociedade, ainda que fora da igreja. E, de vez em quando, os escritores do Novo Testamento fazem uso disso, que é

simplesmente senso comum. Não se trata de nenhuma verdade revelada e inspirada, no sentido de uma voz ter dito isso para Paulo. É apenas uma questão razoável e lógica. E Paulo, então, faz uso desse costume, que é mero senso comum, para argumentar: “Vocês não precisam se preocupar em ter o que me dar. Se alguém tem de se preocupar, esse alguém sou eu, assim como um pai se preocupa em ajudar seus filhos, e não o inverso. Portanto, não se preocupem, meus filhos, não vou ser pesado para vocês”.

A terceira garantia que Paulo oferece de que não será pesado está no versículo 15. Ele diz que se gastaria espiritualmente pelos coríntios: “De muito boa vontade gastarei o que tenho e me deixarei gastar pela vossa vida. Se vos amo mais intensamente, serei eu menos amado por vós?” (v. 15). Paulo está afirmando que, se a questão é gastar, ele não está preocupado com isso. Se os coríntios estavam preocupados em gastar para recebê-lo ou ter de pagá-lo, dar-lhe honorários ou algo do tipo, essa não é a preocupação de Paulo. Ele acha até que isso não cabe. Já ele, por sua vez, está disposto a gastar o que tem e a se gastar em benefício dos coríntios. O que Paulo diz, no versículo 15, é que faria todos os esforços, por mais desgastantes que fossem, para recuperar a comunhão com eles, ainda que tivesse de fazer viagens, gastar dinheiro, pagar sua estadia, participar de reuniões cansativas e chatas, e confrontar falsos profetas e os líderes por estes ludibriados. Pois, afinal, o que estava em jogo não eram os bens dos coríntios, mas sim a alma deles, como o apóstolo deixa claro no versículo 15: “Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma” (ARA). Ou seja, o interesse de Paulo era a alma dos coríntios, o estado eterno deles, sua situação eterna, onde eles passariam a eternidade, o relacionamento deles com Deus e com o Senhor Jesus Cristo, o relacionamento entre eles, de uns com os outros. Então, em prol de tudo isso, Paulo afirma que não faz questão de gastar e de se deixar gastar. Podia custar o preço que fosse; a intenção de Paulo, porém, era fazer tudo que pudesse. Por isso ele faria essa terceira visita, e por isso disse que não seria pesado para eles. Só faltou Paulo dizer: “Vocês é que são pesados para mim. Mas eu não serei de forma nenhuma pesado a vocês. O que está em jogo não são seus bens financeiros, mas sim a sua alma”.

E Paulo termina dizendo, ironicamente: “Se vos amo mais intensamente, serei eu menos amado por vós?”. Ou seja: “Se dou essa demonstração de amor, de que não vou pegar um tostão de vocês, mas, pelo contrário, vou gastar do meu próprio bolso, vocês vão me amar menos por eu amá-los mais?”. É uma pergunta interessante: “Se vos amo mais intensamente, serei eu menos amado por vós?”.

Em outras palavras: “Vocês passarão a gostar menos de mim se eu continuar a não receber um tostão de vocês? Vocês continuarão a ter apreço por mim, mesmo que eu não exija absolutamente nada de vocês para meu sustento e meu ministério?”. Que ironia profunda e impressionante essa do apóstolo Paulo! Ele estava invertendo os valores dos coríntios, pois os falsos mestres estavam dizendo que o normal era que o líder e o pregador recebessem largas somas em dinheiro da igreja, e que isso era prova de que ele tinha a igreja em alto conceito. Era uma forma ardilosa de insinuar que, a partir do momento em que Paulo nunca recebera um tostão sequer da igreja de Corinto, é como se ele dissesse: “Eu não quero dinheiro de vocês”, com uma atitude de desprezo.

Mas Paulo vê o contrário. Ele vê isso como uma atitude de renúncia. E diz: “Se eu amá-los mais, você vão me amar menos? Ou seja, se eu continuar renunciando ao direito de receber sustento, acaso vocês vão me amar menos, julgando que, com isso, estou desprezando vocês?”.

A quarta garantia que Paulo oferece de que não será pesado está nos versículos 16 a 18. Ele usa um argumento baseado em fatos conhecidos dos coríntios. Nem Paulo nem aqueles que ele enviara alguma vez exploraram os coríntios:

Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos preendi com dolo. Porventura, vos explorei por intermédio de algum daqueles que vos enviei? Roguei a Tito e enviei com ele outro irmão; porventura, Tito vos explorou? Acaso, não temos andado no mesmo espírito? Não seguimos nas mesmas pisadas? (v. 16-18, ARA).

O versículo 16 é o mais complicado para traduzir. E acredito que essa tradução não foi muito feliz em nos ajudar a entendê-lo. Considero que a tradução da NTLH expressa muito bem o sentido do texto: “Portanto, vocês vão concordar que eu não exigi nada de vocês. Porém alguém poderá dizer que os enganei e os tapeei com mentiras”.

Paulo está dizendo é o seguinte: “Pois seja assim, eu não vos fui pesado”. É como se ele dissesse: “Então estamos de acordo que não fui pesado para vocês, nas duas primeiras visitas. Entretanto, alguns andam dizendo que fiz isso de propósito, que agi com dolo, que armei uma arapuca para vocês, que a minha

estratégia de não receber seu dinheiro, na verdade, era uma artimanha que eu estava usando, para depois dar um bote em vocês”. Esse é o sentido do versículo, que algumas versões não deixam transparecer, mas em outras já conseguimos perceber. Esse sentido tem lógica e se encaixa melhor no contexto e no fluxo do pensamento.

Em seguida, Paulo rebate tal acusação, como se dissesse: “Vocês estão dizendo que nunca recebi dinheiro porque queria explorar vocês através de um esquema de ofertas?”. E continua: “Será que vos explorei por meio de algum daqueles que vos enviei?”. E ele se refere especialmente a Tito, no versículo 18: “Eu instruí a Tito e enviei com ele outro irmão. Será que Tito vos explorou?”.

Tito foi enviado por Paulo duas vezes aos coríntios. Na primeira vez, Paulo mandou Tito com o objetivo de levantar a oferta para os crentes em Jerusalém, a qual Paulo estava arrebanhando em todas as igrejas que tinha plantado. Esse relato está em 8.6, quando Paulo fala da ida de Tito para preparar a oferta. Depois, Tito foi uma segunda vez, levando aquela carta severa e trazendo a resposta para o apóstolo Paulo (2.4). Tito não pediu dinheiro aos coríntios, nem cobrou alguma coisa em nenhuma das duas vezes em que esteve em Corinto a mando do apóstolo Paulo. E, uma vez que Tito era um homem de confiança da igreja — ele era daquela região da Acaia —, Paulo usa tal fato para argumentar da seguinte maneira: “Que prova vocês têm de que estou preparando um esquema? Ora, se eu estivesse preparando um esquema, seria mais ou menos assim: Paulo não pede dinheiro diretamente, mas pede através de outros que ele manda para cá”. Paulo, então, diz: “Não só eu não pedi dinheiro como também não pediram nenhum dos que eu mandei a Corinto, pois nós andamos no mesmo espírito. O irmão Tito e eu seguimos nas mesmas pisadas. Temos a mesma visão de ministério e temos o mesmo objetivo, que é ganhar vocês, trazê-los ao conhecimento do evangelho, livrá-los da condenação eterna e encaminhá-los para o reino do Senhor Jesus Cristo. Por isso nem eu nem meus enviados jamais exploramos vocês, pedimos dinheiro, nem nada semelhante. Muito pelo contrário, sempre nos demos a vocês”.

Conclusão e aplicações práticas

Gostaria de extrair quatro lições dessa passagem. Creio que elas são extremamente relevantes e bastante atuais. Primeira lição: É um dever bíblico das igrejas sustentar de maneira digna seus pastores e obreiros, tendo condições necessárias para tanto. Esse é o pressuposto que está por trás de tudo isso. É o que Jesus ensinou: “O trabalhador é digno do seu salário” (Lc 10.7). Ele estava se referindo ao trabalho dos discípulos de pregar o evangelho em todo lugar. É o que Paulo também ensinou: “Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9.14, ARA). Portanto, está correto que as igrejas sustentem seus obreiros, pastores e missionários. É isso que a Palavra de Deus ensina. Em 1Timóteo 5.17 o apóstolo Paulo fala, inclusive, que são merecedores de dobrados honorários aqueles presbíteros e pastores que presidem bem e que se afadigam na palavra e no ensino. Na Carta aos Gálatas, o apóstolo Paulo diz que aquele que é instruído na Palavra faça participante dos seus bens aquele o instrui (Gl 6.6). Eu poderia enumerar várias outras passagens, como, por exemplo, a passagem de 1Coríntios 9, na qual o apóstolo Paulo defende seu direito de receber salário da igreja, embora não tenha se valido disso.

Creio que não há discussão sobre o tema: é bíblico que aqueles que servem à igreja, aqueles que são instrumentos de Deus para abençoá-la espiritualmente, devem ser sustentados ou apoiados financeiramente pelos membros da igreja. Esse é um princípio defendido em toda a Escritura. Já no Antigo Testamento Deus havia separado uma tribo, a tribo de Levi, para desempenhar a função de sacerdotes e realizar os serviços no templo. Essa tribo de Levi vivia dos dízimos dos israelitas. Portanto, os levitas viviam dos dízimos dos israelitas para poderem realizar o trabalho no templo. Esse ponto está por detrás de toda essa discussão. Paulo, porém, abriu mão desse direito quando esteve em Corinto. E isso estava sendo mal interpretado pelos coríntios, bem como usado pelos falsos mestres — que queriam derrubar Paulo — como evidência de que ele estava querendo afastar suspeitas de um golpe que estava aplicando na igreja. Entretanto, o fato de algumas pessoas abusarem desse direito não deveria fazer com que esquecêssemos do princípio bíblico de que as igrejas devem sustentar seus obreiros, pastores e missionários de maneira digna, havendo condições para tanto.

A segunda lição que eu gostaria de extrair é esta: Uma das marcas de um verdadeiro servo de Deus é que ele não busca os bens dos membros da igreja. Acredito que isso tenha ficado bem claro também. O verdadeiro servo de Deus não está atrás do dinheiro dos membros da igreja, pois seu interesse não é

financeiro, não é enriquecer. Ele não tem esse interesse. Embora precise de recursos para viver, essa não é a razão pela qual ele entrou no ministério pastoral, no ministério missionário ou de evangelização para servir a Deus. O verdadeiro servo entrou no ministério “em prol da vossa alma” (2Co 12.15, ARA), para usar a expressão de Paulo. É claro que ele precisa de sustento, mas essa não é a sua razão principal. Ele nunca está atrás do dinheiro das pessoas: não faz campanha para arrancar-lhes até o último centavo; não faz promessa que Deus nunca tenha feito só para que as pessoas contribuam; não fica vendendo coisas como o cajado de Moisés ou o kit de beleza da rainha Ester, esse tipo de coisa que não vai produzir absolutamente nada para o reino de Deus e que não traz absolutamente nada a não ser recursos financeiros para ele mesmo. O verdadeiro servo de Deus jamais fará esse tipo de coisa.

Lutero dizia que essas pessoas são lobos vorazes, que procuram muito mais o dinheiro do que a salvação daqueles que lhes estão sujeitos. Ele disse isso pensando nas indulgências vendidas pela Igreja Católica, uma forma que essa igreja encontrou de o papa conseguir dinheiro para terminar a construção da catedral de São Pedro. Por isso vendia indulgências, uma espécie de perdão antecipado que podia ser comprado com dinheiro. Tetzl, o tesoureiro do papa, dizia que, quando uma moeda caía tilintando no cofre, uma alma saía voando do purgatório. Foi então que Lutero escreveu sobre os lobos vorazes, que estão atrás apenas do dinheiro daqueles que lhes estão sujeitos, e que não estão nem um pouco preocupados com a salvação nem com a alma deles. Portanto, a marca do verdadeiro pastor é que ele não está atrás do dinheiro, mas sim do bem espiritual das pessoas.

Terceira lição: As igrejas, no entanto, não deveriam se aproveitar desse princípio para explorar os obreiros financeiramente. Uma vez estabelecido que a busca não é pelo dinheiro, algumas igrejas dizem: “Se é assim, vamos dar ao nosso pastor, ao nosso obreiro, ao nosso evangelista o mínimo necessário para que ele possa viver”. E aí ele é obrigado a servir chorando, gemendo, fazendo a conta na ponta do lápis, e vive debaixo do maior sofrimento.

Eu sei que essa é a situação da maioria dos brasileiros, que vive com grandes dificuldades, fazendo contas na ponta do lápis mesmo. Mas eu estou falando de igrejas que podem, que têm boa condição, mas dizem assim: “Vamos economizar no salário do obreiro. Nós teríamos até o suficiente para lhe dar mais, mas vamos economizar. Não é vocação? Vamos ver se ele é crente mesmo! Deixe que ore e jeje!” Eu não creio que essa seja uma perspectiva bíblica,

contudo.

Há igrejas que, mesmo tendo condição financeira, oferecem um sustento inadequado para seus obreiros, trazendo-lhes muito sofrimento, angústia, e provação desnecessária. No final, o prejuízo é da própria igreja, pois, tendo que compensar e de alguma forma sustentar a sua família, o obreiro não vai poder se dedicar a fazer o que deve — como preparar sermões; visitar doentes e necessitados; aconselhar as pessoas; dirigir a administração da igreja; abrir pontos de pregação —, pois estará preocupado em ganhar o sustento para sua família.

A quarta e última lição é que, diante de tudo que vimos, questões financeiras nas igrejas precisam ser tratadas com muito cuidado, para não dar oportunidade para acusação. Paulo estava sendo acusado de ter feito um esquema para ganhar dinheiro. Ele foi a Corinto, começou uma comunidade, não pediu sequer um tostão. Depois incentivou uma coleta vultosa para os pobres de Jerusalém. Ele manda enviados para preparar a oferta — os quais também não vão pedir nenhum tostão. Mas levantaram uma acusação contra o apóstolo Paulo: uma vez que ele esteja de posse desse dinheiro da oferta, vai embolsar, se não tudo, pelo menos uma parte. Paulo, porém, pode responder a essa acusação com fatos. E contra fatos não há argumentos.

A verdade, porém, é que muitos bons pastores são péssimos administradores: não sabem lidar com dinheiro; não prestam contas; não guardam recibos. O pior é quando o dinheiro fica sob a responsabilidade do pastor, pois, em algumas denominações, é ele quem administra diretamente o dinheiro. Em igrejas mais antigas, que têm larga experiência, o pastor não lida diretamente com questões de dinheiro. Na igreja presbiteriana, por exemplo, nós temos um tesoureiro. Pastor não lida com dinheiro; não assina nem cheque sozinho. Tudo tem de ser tratado com o tesoureiro. No entanto, em certas igrejas, é o pastor quem recebe as ofertas, o dinheiro vai para uma conta a que ele tem acesso, e muitas vezes ele não presta contas de nada.

Nas igrejas mais antigas e experientes, há uma prestação de contas, que mostra em que o dinheiro foi gasto. Já outras arrecadam rios de dinheiro, mas não têm uma prestação de contas sequer que mostre em que aquele dinheiro foi usado. Falta transparência. Aí surge a acusação de que o pastor está enriquecendo e os membros da igreja empobrecendo. Ou que o pastor está com o carro do ano, está viajando para o exterior, etc. Enquanto isso, os crentes vendem a própria cama

ou a geladeira, para cumprir promessa em eventos de prosperidade e tudo mais.

Às vezes o que ocorre não é desonestidade, mas falta de cuidado no trato com valores. E o pastor acaba sendo acusado injustamente. Por isso, a melhor coisa é tomar providências para evitar que isso aconteça.

Termino com duas aplicações práticas. A primeira delas é voltada para pastores e líderes. Peço que examine sua motivação: O que você busca no ministério? Acaso busca os bens e o dinheiro daqueles que lhe foram confiados? Ou busca a alma, a salvação eterna deles? A motivação faz toda a diferença entre o mercenário e o verdadeiro pastor. Examine o seu coração. Às vezes essas motivações são muito sutis. Elas estão lá dentro de você e influenciam decisões como onde você vai servir; por que vai visitar determinada pessoa e não outra; por que dá mais atenção a um membro da igreja que tem dinheiro e não dá a outro. São coisas sutis, mas que influenciam a maneira como você pastoreia. Então, examine o seu coração. Reveja sua maneira de proceder com dinheiro e evite qualquer situação que possa dar margem a dúvida.

Por fim, confie na providência de Deus. Ele não desampara os seus servos fiéis. Ele vai suprir as suas necessidades, vai cuidar delas.

Minha segunda aplicação é voltada para você que está em uma igreja que segue a teologia da prosperidade, na qual claramente os pastores estão atrás do que você tem no bolso, e não no coração. Preste atenção para ver quem é que está prosperando, pois, até hoje, na teologia da prosperidade só prosperaram os líderes, nunca as igrejas. Preste atenção a quem está prosperando na sua igreja, se ela adota a teologia da prosperidade. E veja, por outro lado, se o seu foco para estar nessa igreja é por que você quer prosperar financeiramente. É por isso que você está nessa igreja? Porque você quer que Deus o abençoe, lhe dê dinheiro, faça de você uma pessoa próspera e feliz, é por isso? E a pergunta para você é: Esta é a motivação correta para estar numa igreja, para buscar a Deus, para se tornar um discípulo de Jesus Cristo? Examine também a sua própria motivação.

No final, que Deus nos conceda a graça de sabermos lidar com o dinheiro. Paulo diz, de maneira sábia e inspirada, que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6.10). Mas o mesmo apóstolo Paulo também diz: “... pela terceira vez estou pronto para visitar-vos. Eu não serei um peso para vós, porque não procuro o que é vosso, mas sim a vós mesmos” (2Co 12.14). Que esse seja o lema de cada pastor, líder e cristão!

Capítulo 34

os receios de paulo

2Coríntios 12.19-21

Pensais que estamos nos defendendo diante de vós todo esse tempo? É diante de Deus que falamos em Cristo; amados, tudo isso que fazemos é para a vossa edificação. Porque temo que, quando chegar, não vos encontre do modo que quero vos encontrar, e que eu não seja encontrado por vós do modo que quereis me encontrar. Temo que, de algum modo, haja brigas, invejas, ódio, ambição egoísta, calúnias, falatórios, arrogância e desordem. Temo que, quando for outra vez, o meu Deus me humilhe diante de vós, e que eu lamente por muitos dos que anteriormente pecaram e que ainda não se arrependeram da impureza, imoralidade e libertinagem que cometeram.

Estamos na última parte de 2Coríntios, na qual, conforme temos visto, Paulo está preparando a igreja para sua terceira visita à cidade. Ao fazê-lo, Paulo manifesta vários receios com relação a esse novo encontro com os membros da igreja de Corinto, já que, na última vez em que ele estivera lá, a visita não foi exatamente bem-sucedida. Ele se refere a essa ocasião como uma visita triste, em 2Coríntios 2.1.

Portanto, Paulo tem alguns receios com relação a essa visita, dos quais tratará no final da carta. Na verdade, ele começou a fazer isso desde 2Coríntios 12.11. Ele tinha algumas preocupações, e a primeira delas era que os coríntios interpretassem mal a razão pela qual ele estava fazendo aquela visita.

Havia boatos de que Paulo estava indo visitá-los com um destes propósitos:

exigir pagamento, cobrar sustento, explorá-los financeiramente ou se apropriar daquela coleta que os coríntios estavam levantando para os crentes pobres da Judeia. Haviam levantado essa suspeita de que Paulo era um mercenário e de que, nessa terceira visita, sua intenção era tomar dinheiro dos coríntios.

Havia também o medo de Paulo de que a visita pudesse acabar em discussão e virar um tumulto, ou, como ele mesmo diz, terminar em “desordem” (v. 20). Ele tinha receio de que chegasse a esse ponto, tão tensa estava a relação dele com a igreja de Corinto. E também tinha receio de que, não encontrando a igreja da forma como deveria, ele se visse forçado a usar de sua autoridade para disciplinar os rebeldes e os que estavam andando fora dos caminhos de Deus.

Essas são as preocupações que ele tem e das quais trata no final da segunda carta.

No último capítulo, vimos como ele tratou essa primeira preocupação que tinha a ver com a questão financeira: a suspeita de que ele estava indo em busca dos bens dos coríntios. Paulo argumentou que não estava atrás dos bens dos coríntios, mas sim dos próprios coríntios. Era esse o interesse dele como pastor: queria ganhá-los para Cristo, e não estava interessado em qualquer coisa que, porventura, eles tivessem.

Na passagem que estudaremos neste capítulo, Paulo trata de mais dois receios que tinha em relação a essa viagem, os quais veremos com cuidado, tentando entender o motivo desses receios e de que maneira isso fala ao nosso coração. O primeiro receio de Paulo era que houvesse um desencontro de expectativas. Paulo temia que, quando chegasse em Corinto, ele não fosse o que os coríntios esperavam encontrar, nem os coríntios fossem o que Paulo esperava. Seu outro receio era que, ao chegar lá, ele percebesse que essa carta não tivera efeito nenhum, que os coríntios continuavam exatamente como eram antes e que, então, Deus humilhasse Paulo por ser um fracasso como pastor, como mestre, e por não ter conseguido resolver os problemas da igreja. Paulo tinha receio de ser envergonhado pelo próprio Deus diante deles.

Algumas explicações e correções

Vamos começar com o versículo 19, no qual Paulo corrige uma interpretação equivocada que os coríntios estavam dando às explicações que ele vinha fornecendo até agora: “Pensais que estamos nos defendendo diante de vós todo esse tempo?” (v. 19). Ou seja, “já de longa data estão pensando que estou apresentando desculpas para vocês”. “[Mas] É diante de Deus que falamos em Cristo; amados, tudo isso que fazemos é para a vossa edificação” (v. 19).

Em seu relacionamento com os crentes de Corinto, Paulo várias vezes teve de defender seu ministério, tanto nas cartas que escreveu quanto nas visitas que fez. E agiu assim constrangido por várias razões. Primeiro, porque surgiu na igreja de Corinto um grupo — cujo tamanho não sabemos exatamente, mas era considerável — que começou a questionar a autoridade de Paulo, se ele de fato era apóstolo, quais eram suas intenções. Ele já tratara disso em parte na primeira carta, nos capítulos 4 e 9 de 1Coríntios. Mas o problema cresceu à medida que surgiam partidos ou grupos dentro da igreja, que diziam: “Eu sou de Paulo; eu sou de Apolo; eu sou de Cefas; eu sou de Cristo”. Essa disputa interna girava em torno da pessoa do apóstolo Paulo, o fundador da igreja.

Agora, falsos mestres tinham aparecido na igreja de Corinto, questionando a autoridade de Paulo, querendo com isso ocupar o lugar dele e se aproveitar dos cristãos. Paulo, então, viu-se obrigado, constrangido por todas essas circunstâncias, a dar uma série de explicações, como, por exemplo, reafirmar que era um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo, que tinha todas as credenciais de um apóstolo. Já vimos os sinais e prodígios como marca do apostolado de Paulo. Pois bem, ele tinha essas marcas, e os coríntios as viram muito bem. Ele deu explicações não somente de que era um verdadeiro apóstolo, mas de que não era um mercenário nem estava atrás dos bens dos coríntios. Ele apresentou prova atrás de prova desse fato.

Paulo também explicou que não estava pregando um evangelho adulterado, apenas para ganhar membros, pois, ele estivesse fazendo isso, certamente todos estariam falando bem dele, uma vez que elealaria de modo a agradar o maior número possível de pessoas. Mas a verdade era que Paulo era expulso das cidades, perseguido. Vimos as cinco listas de sofrimentos que Paulo apresenta como prova de que era apóstolo de Jesus Cristo. Esses sofrimentos foram resultados de perseguições. Ora, se a mensagem dele fosse uma mensagem voltada para agradar o público, como explicar esse ódio e essa perseguição, especialmente dos judeus com relação a ele?

Paulo teve de explicar por que os judeus não aceitavam a mensagem que ele pregava. E diz que é porque os judeus estão cegos. Ele dá a explicação do véu de Moisés, que ainda continua sobre o coração dos judeus: a obra do Diabo está cegando o entendimento dos incrédulos.

Ele teve de explicar também por que não tinha recebido dinheiro, salário, nada, quando esteve em Corinto. Mas não fora por desprezo. Eu sei bem como isso funciona. De vez em quando, vou pregar pelo interior, em igrejinhas mais humildes. Quando estou me preparando para ir embora, em geral o pastor chega e diz: “Aqui está uma oferta da igreja para você”. E eu digo: “Pastor, não precisa se preocupar com isso. É perto”. Mas ele diz: “Não, pastor, aceite, por favor”. Se eu não aceitar, ele vai ficar ofendido. Foi a mesma coisa que aconteceu com Paulo. Quando ele esteve em Corinto, não aceitou receber salário da igreja. E os coríntios ficaram ofendidos, como se dissessem: “Você recebe ajuda da igreja de Filipos, das igrejas da Macedônia, mas de nós não quer receber. Por quê?”. Enfim, os coríntios haviam interpretando mal essa renúncia de Paulo.

Paulo tinha aberto mão do seu direito de receber sustento exatamente para não dar razão àqueles que o acusavam de ser um mercenário. É complicado: se aceita receber o sustento, é mercenário; se não aceita, é arrogante. É um dilema que às vezes o pastor tem de enfrentar. Os líderes têm de saber o que fazer exatamente numa situação dessas.

Por isso Paulo continua a dar explicações. Por que ele não recebeu dinheiro, quando esteve em Corinto? Ele também explicou várias vezes as medidas que tinha tomado para que a coleta para os crentes pobres da Judeia fosse a mais transparente possível. Ele mandara Tito. E, como se só Tito não bastasse, ele mandou mais dois irmãos, um deles eleito pelas igrejas, ou seja, alguém da confiança delas. Em síntese, o que era possível fazer, Paulo fez, e ainda explicou tudo isso direitinho.

Mas os coríntios estavam interpretando todas essas explicações como se Paulo estivesse se desculpando diante deles, usando desculpas furadas e esfarrapadas, escondendo seus verdadeiros motivos, apenas querendo se justificar por seus atos e suas cartas — algumas delas pesadas — e pelas palavras duras que em alguns momentos teve de proferir. Ou seja, às vezes acontece isto: Por mais explicações que você dê, se o outro lado não quer entender, não adianta. Paulo explicou, explicou e explicou, mas os coríntios pensaram: “Ele está dando desculpas esfarrapadas”. Então é por isso que Paulo teve de mostrar que a

verdade dos fatos era outra.

A tradução de algumas versões poderia ser um pouco melhor, pois, no grego, a expressão “diante de Deus” inicia o segundo período. Então, literalmente, o grego diz assim: “Pensais que estamos nos defendendo diante de vós todo esse tempo? Diante de Deus é que eu estou falando”. Ou seja, Paulo está dizendo: “Vocês estão pensando que estou apresentando desculpas diante de vocês. Não estou apresentando desculpas diante de vocês, porque, em última análise, eu presto contas diante de Deus! É perante Deus que eu estou falando. Não estou me justificando diante de vocês. Pois meu desejo é agradar a Deus, que conhece os corações, sabe as motivações e diante de quem um dia todos nós vamos comparecer para juízo. Então, se estão pensando que estou apresentando desculpas para vocês, não é isso que estou fazendo. Eu estou falando diante de Deus, a quem vou prestar contas”.

Não que Paulo quisesse com isso dizer que só prestava contas a Deus, e não aos homens. Isso não era verdade. A prova é que ele vinha prestando contas aos homens, dando-lhes explicações para suas ações. O que Paulo quer dizer é que, em última análise, a sua consciência está presa a Deus, pois é ele que, no final, haverá de julgar todas as coisas. Paulo não está preocupado em agradar os coríntios, nem usando desculpas esfarrapadas, furadas ou sem sentido para fazer isso, pois sua preocupação, na verdade, é agradar a Deus, que haverá de julgar todas as coisas. Não somente isso, mas reafirma: “É diante de Deus que falamos em Cristo” (v. 19).

Essa expressão “falamos em Cristo” significa “eu falo como cristão”. Ou seja, “Cristo ensinou a falar a verdade, e é isso que estou fazendo. Cristo ensinou a temer a Deus e a ser verdadeiro para com os homens, e é isso que estou fazendo. Estou falando como um cristão deve falar. Portanto, não há segundas intenções em minhas palavras. O que estou dizendo é realmente a verdade. Vocês não precisam ler nada nas entrelinhas. Por trás das minhas cartas não há outras intenções, absolutamente nada disso. Eu não estou interessado em agradar vocês, nem em arrumar desculpa, pois é a Deus que eu de fato me dirijo, e faço isso como cristão, portanto falando toda verdade. O meu alvo final, amados, é que ‘tudo isso que fazemos [seja] para a vossa edificação’”.

Apesar de tudo, Paulo tinha afeto pela igreja. Veja, ele os chamava de “amados”! Apesar da interpretação deturpada que eles estavam dando para as explicações de Paulo, o apóstolo ainda consegue chamá-los de “amados”, o que mostra a

grandeza do coração desse homem e sua capacidade de amar, de perdoar e de lidar com problemas pastorais até limites em que a maioria de, nós pastores, já teria desistido. Eu, por exemplo, já teria ido embora dessa igreja há muito tempo, se eu fosse seu pastor. Mas Paulo, não! E ainda os chama de “amados”! Em outras palavras, ele está lhes dizendo: “Todas essas explicações, tudo isso que vocês acham que são desculpas, na verdade é por amor a vocês: ‘é para a vossa edificação’. É para que vocês cresçam na fé; é para ajudá-los a escaparem desses falsos profetas que estão aí. É para ajudá-los a verem que esses que estão levantando essas acusações contra mim, na verdade, é que são os mercenários que querem se aproveitar de vocês. Tudo isso que fiz e faço é para o bem de vocês. Não estou querendo me justificar. Faço isso por amor a vocês”.

Esse é o primeiro ponto dessa passagem. Paulo corrige a interpretação equivocada que a igreja tinha de suas palavras e de suas atitudes. Então, Paulo começa a tratar dos dois receios que ele tem.

Os receios de Paulo

O primeiro receio de Paulo é que, em sua visita a Corinto, a terceira delas, haja um desencontro de expectativas: “Porque temo que, quando chegar, não vos encontre do modo que quero vos encontrar, e que eu não seja encontrado por vós do modo que quereis me encontrar. Temo que, de algum modo, haja brigas, invejas, ódio, ambição egoísta, calúnias, falatórios, arrogância e desordem” (v. 20)

Era a terceira vez que Paulo ia ter com eles. Nessa visita, ele planejava acertar as pendências que havia entre ele e a igreja, ou seja, os questionamentos a respeito dele, de suas atitudes e de suas cartas. Paulo esperava que a visita resolvesse, já que por carta nem sempre funcionava. De fato, nada substitui uma conversa olho no olho, falar pessoalmente, tratar as coisas diretamente com as pessoas, em vez de mandar mensagem escritas. O WhatsApp, por exemplo, é muito útil para marcar uma reunião, mas às vezes é melhor só marcar a reunião, e nela, então, você se encontrar com a pessoa e tratar dos assuntos espinhosos.

Paulo estava planejando acertar as pendências com essa terceira visita, portanto.

Mas ele está com receio. Ele diz “temo” por três vezes, nessa passagem. Paulo está com medo de que essa visita seja igual à segunda, senão pior. Primeiro, ele receia que haja um desencontro de expectativas de ambas as partes: que os coríntios não achem Paulo como queriam achar e que Paulo não ache os coríntios como queria. E, segundo, também receia encontrar entre os coríntios “brigas, invejas, ódio, ambição egoísta, calúnias, falatórios, arrogância e desordem” (v. 20). E, por último, ele confessa temer que, “quando for outra vez, o meu Deus me humilhe diante de vós, e que eu lamente por muitos dos que anteriormente pecaram e que ainda não se arrependeram da impureza, imoralidade e libertinagem que cometeram” (v. 21).

Note que Paulo coloca tudo isso de forma muito sábia. Ele não está dizendo que essas coisas vão acontecer. Ele diz, em outras palavras: “Receio/temo que isso aconteça. Tenho medo de que chegue a esse ponto”.

Paulo está sendo cauteloso ao dizer isso, apesar das más notícias que tinha a respeito da igreja de Corinto, de que a situação estava bem complicada lá e de que havia toda essa hostilidade contra ele. Isso até o fez mudar o tom da carta — que do capítulo 10 em diante é bem diferente dos capítulos anteriores. Mas ele é cauteloso, pois, apesar de haver toda essa hostilidade na igreja de Corinto, ele sabe que lá há pessoas que o amam, pessoas sábias, maduras, crentes e experientes. Por isso, ele não generaliza, e diz apenas temer que, ao chegar em Corinto, esse tipo de coisa pudesse acontecer.

Desencontro de expectativas

Como eu disse, a primeira coisa que Paulo receia é que haja esse desencontro de expectativas entre ele e os coríntios. Ele diz: “Porque temo que, quando chegar, não vos encontre do modo que quero vos encontrar, e que eu não seja encontrado por vós do modo que quereis me encontrar” (v. 20). De que modo Paulo queria encontrar os coríntios? Provavelmente ele queria encontrá-los arrependidos, quebrantados aos pés da cruz, dispostos a pedir perdão, sob a influência de sua carta. Paulo esperava que essa carta produzisse um efeito positivo na vida dos coríntios, e que, quando ele chegasse lá, percebesse essa mudança ocasionada pela epístola que estava escrevendo. Portanto, a expectativa de Paulo era

encontrar uma igreja quebrantada, mudada, arrependida, em razão da carta que ele está escrevendo, ou pelo menos uma igreja disposta a conversar e resolver a situação.

Mas Paulo diz que pode ser que ele não os encontrasse desse modo. O apóstolo conhecia o coração humano. Ele sabia que pessoas podem ser exortadas, orientadas, receber todo tipo de explicação e, ainda assim, permanecerem endurecidas, incrédulas e continuarem com a mesma opinião anterior, sem mudar absolutamente nada. Ele sabia que isso podia acontecer. E ele está falando a seus filhos na fé. Imagine! Está falando com pessoas que se converteram através do ministério dele. E, mesmo assim, ele diz: “Pode ser que eu chegue aí e não encontre vocês do jeito que eu gostaria”.

Então, com humildade, ele acrescenta: “[e também temo] que eu não seja encontrado por vós do modo que quereis me encontrar” (v. 20). De que modo os coríntios queriam que Paulo fosse para a cidade? Queriam que ele chegasse humilde, pedindo perdão para eles e dizendo: “De fato, não procedi corretamente. De fato, eu me apossei do dinheiro de vocês, ou tinha intenção de fazer isso. É verdade, eu não sou um apóstolo autêntico como os Doze. É verdade que aquela carta severa que mandei foi muito pesada”. A expectativa dos coríntios, provavelmente, era receber um pedido de perdão da parte de Paulo, algo que o apóstolo não estava disposto a fazer. Porque, muito embora às vezes pedir perdão possa parecer resolver um problema, se o pedido não for verdadeiro e se realmente não houver o que perdoar, não peça, pois é um pedido de perdão não genuíno. Há gente que diz: “Se te magoei em alguma coisa, peço que me perdoe”. “Se”! Isso quer dizer que a pessoa não tem certeza de que magoou. Se você não tem certeza se magoou alguém, como vai pedir perdão? Perdão é coisa séria! Muitas vezes, um pedido de perdão assim é simplesmente para encerrar um problema: “Vamos resolver isso de uma vez. Se te magoei, me perdoe, e vamos embora em paz.”. Isso não resolve o problema. Às vezes o problema, para ser resolvido, precisa de confronto, precisa ir um pouco mais além.

Assim, os coríntios provavelmente esperavam que Paulo chegasse lá pedindo perdão, coisa que Paulo absolutamente não estava disposto a fazer. Porque ele sabia que não tinha cometido nenhuma falta em nada com relação à igreja de Corinto. Por isso ele demonstra receio de que vá haver um desencontro de expectativas. Os coríntios não estarão do jeito que Paulo queria encontrá-los, e vice-versa. E, então, o clima ficaria embaraçoso, estranho, desconfortável: cada

um esperando do outro uma atitude que não haveria de acontecer.

Medo de que houvesse desordem

O segundo receio de Paulo é que, ao chegar em Corinto, ele encontrasse a igreja exatamente do mesmo jeito que estava desde o começo desse desentendimento. Ou seja, ele receava que os coríntios continuassem com aquelas mesmas atitudes que sempre marcaram a vida de igreja e seu relacionamento com Paulo.

E o apóstolo menciona, então, oito atitudes pecaminosas que ele tem medo de encontrar: “brigas, invejas, ódio, ambição egoísta, calúnias, falatórios, arrogância e desordem (v. 20)”. Se a carta não surtisse efeito, se os falsos mestres não fossem expulsos, quando Paulo chegasse à cidade, era exatamente isso que ele encontraria. E o resultado é que Paulo provavelmente seria confrontado pela igreja e, em vez de haver pedido de perdão e humilhação, haveria confronto, muito bate-boca e confusão.

De fato, é preciso lembrar que essas atitudes estavam presentes na igreja já há algum tempo. Na primeira carta que Paulo escreveu, em 1Coríntios 1.10,11, ele disse: “Irmãos, rogo-vos em nome de nosso Senhor Jesus Cristo que entreis em acordo quando discutirdes, e não haja divisões entre vós; pelo contrário, sejais unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer. Pois, meus irmãos, fui informado a vosso respeito, pelos da família de Cloé, que há discórdias entre vós”. As mesmas atitudes que aparecem em 2Coríntios 12 Paulo já tinha observado em 1Coríntios 1.

Quando ele vai tratar da ceia do Senhor, em 1Coríntios 11, ele diz, em outras palavras: “Irmãos, ouvi dizer que quando se reúnem para celebrar a ceia há brigas entre vocês! Há divisões. Por isso não é a ceia do Senhor que vocês estão celebrando. Estão se reunindo para condenação de vocês”. E é nesse contexto que ele diz: “Examine, pois, o homem a si mesmo, e dessa forma coma do pão e beba do cálice” (1Co 11.28). Porque a igreja de Corinto brigava até na hora de celebrar a ceia do Senhor. Era uma igreja que tinha um espírito sectário, belicoso, intransigente. Eles brigavam a respeito de coisas sacrificadas a ídolos: se podia ou se não podia. A igreja estava dividida entre fracos e fortes com

relação a isso. Havia um grupo que dizia que casar era melhor; outro grupo dizia que melhor era ficar solteiro. Havia discussão para qualquer lado! As mulheres estavam querendo armar uma confusão porque não queriam mais usar o véu, que naquela cultura era símbolo de submissão e de respeito. Em resumo, era uma igreja difícil. Era uma igreja em que essas oito atitudes negativas estavam presentes desde o começo do ministério do apóstolo Paulo.

Assim, se essa carta não surtisse efeito, quando Paulo chegasse em Corinto, pela terceira vez, o que ele iria encontrar? Na linguagem de hoje, a lista do que iria encontrar seria assim: “brigas, ciúmeiras, ódio, egoísmo, insulto, falatório, orgulho e desordem”. Curiosamente, quem lê o texto no grego, verá que as quatro primeiras palavras — “brigas, ciúmeiras, ódio, egoísmo” — também aparecem na lista de Gálatas 5.20, na qual o apóstolo Paulo fala das obras da carne. Ou seja, o que Paulo tinha receio de encontrar eram as obras da carne presentes naquela congregação, uma igreja carnal, não transformada.

Permita-me lembrar que essa era uma igreja que se achava espiritual. Ela se achava, inclusive, mais espiritual até do que o apóstolo Paulo. Por quê? Porque, durante os cultos, havia pessoas que falavam em línguas; havia outras que profetizavam. Assim, essa igreja se achava espiritual. Paulo teve de lhes dizer, em 1Coríntios 3.1-3: “Irmãos, não vos pude falar como a pessoas espirituais, mas como a pessoas carnis, como a crianças em Cristo. O que vos dei para beber foi leite, e não alimento sólido, pois não podíeis recebê-lo, nem mesmo agora podeis, porque ainda sois carnis. Visto que há inveja e discórdias entre vós, por acaso não estais sendo carnis, vivendo segundo padrões puramente humanos?”.

Não era meu objetivo discorrer sobre isso, mas creio que há uma inferência válida aqui. Esses são os oito tipos de atitude que caracterizam a natureza humana corrompida, de pessoas não santificadas, que estão andando segundo a carne. Com certeza, várias dessas pessoas, durante o culto, falavam em línguas, profetizavam. Mas tinham o coração cheio de discórdia, contendas, ira, porque era isso que marcava aquela igreja. Daí é importante chegarmos à seguinte conclusão: temos de separar santidade de manifestação sobrenatural, pois uma coisa não está ligada à outra. Uma pessoa pode manifestar dons espirituais e não ser uma pessoa santificada. Na verdade, ela não precisa nem ser crente.

Judas nunca foi convertido, mas esteve entre os Doze durante o ministério de Jesus, e participou dos sinais e prodígios que os Doze fizeram. Judas expulsou

demônios. Judas fez milagres. Daí as palavras de Jesus, em Mateus 7: “Naquele dia, muitos me dirão: Senhor, [...] em teu nome não expulsamos demônios? Em teu nome não fizemos muitos milagres?”. Qual foi a resposta de Jesus? “Nunca vos conheci; afastai-vos de mim, vós que praticais a o mal”. Jesus não negou que eles tinham feito aquilo. Mas a razão de Jesus em não recebê-los não foi porque eles estavam mentindo sobre terem feito sinais e prodígios. Jesus não os receberá porque a vida deles é uma vida de ímpios.

Essa era a atitude da igreja de Corinto. E esse era o medo do apóstolo Paulo: chegar lá e encontrar aquelas atitudes que mostrariam que a carta não surtiu efeito nenhum.

Receio de que Deus o humilhasse

O último receio de Paulo está no versículo 21: “Temo que, quando for outra vez [pela terceira vez], o meu Deus me humilhe diante de vós, e que eu lamente por muitos dos que anteriormente pecaram e que ainda não se arrependeram da impureza, imoralidade e libertinagem que cometeram”.

Outro problema grave era a imoralidade sexual que assolava a igreja de Corinto. E não era de estranhar, levando-se em conta a cultura pagã e imoral da cidade. Corinto era uma cidade conhecida pela imoralidade, pela corrupção de costumes. Paulo já havia tratado de vários problemas de imoralidade dentro da igreja, em 1Coríntios 5. Ele disciplinou à distância um membro que vivia com a madrastra, ou seja, vivia maritalmente com a mulher de seu pai. E a igreja não tinha feito nada a respeito. Paulo, então, manda que ele seja entregue ao Diabo, que a igreja expulse o malfeitor.

Aparentemente, a igreja fez isso. Paulo menciona esse fato, em 2Coríntios 2, de que a igreja tinha disciplinado esse cidadão. Mas, aparentemente, sem muito resultado e sem muito efeito.

Também em 1Coríntios, no capítulo 6, Paulo corrige os que praticavam a prostituição nos templos pagãos, como era costume da cultura daquela época. Alguns cristãos continuavam com o hábito de antes da conversão, de ir aos

templos pagãos e se prostituir com as sacerdotisas da deusa Artemis ou Afrodite, a deusa do amor. Enfim, Corinto era uma cidade conhecida por isso, e Paulo já vinha tratando dos problemas de imoralidade que havia ali.

Agora o apóstolo teme chegar em Corinto e descobrir que o problema persiste na igreja, que os membros ainda continuam na prática da imoralidade, como ele diz: “Temo que, quando for outra vez, o meu Deus me humilhe diante de vós, e que eu lamente por muitos dos que anteriormente pecaram e que ainda não se arrependeram da impureza, imoralidade e libertinagem que cometeram”.

Qual era o medo de Paulo, então? Ele receava que, quando fosse para Corinto outra vez, seu Deus o humilhasse, e ele chorasse por conta dessas pessoas a quem ele havia pregado, discipulado, escrito, exortado, pois elas não tinham mudado. Talvez a humilhação a que Paulo se refira seja o fracasso, ou a sensação de fracasso. Afinal, depois de tudo que ele pregara e ensinara, a igreja continuava na prática da imoralidade. Havia na igreja todas aquelas atitudes nocivas esperando por ele. E Paulo diz, em outras palavras: “Meu medo é que Deus me humilhe, fazendo que me vejam chorando no meio de vocês, porque não mudaram. Chorando porque não se arrependeram, porque a colheita se perdeu toda, e todo o meu trabalho foi em vão”.

De fato, o fantasma da última visita assombrava o apóstolo Paulo.

Conclusão e aplicações práticas

Embora essa passagem nos ensine tanta coisa, destaquei apenas quatro lições.

A primeira é que, mesmo homens de Deus, com a melhor das intenções, podem ser mal interpretados em suas palavras e atos. Na verdade, qualquer pessoa pode ser mal compreendida, mas em especial pessoas que têm uma posição pública e visível, que com frequência fazem pronunciamentos, pregam, falam, ensinam, tomam atitudes e decisões. Não são poucas as vezes que as pessoas interpretam mal aquilo que acontece. Nós temos mania de julgar pela aparência, acabamos interpretando muito rápido determinadas coisas, e nem sempre fazemos um julgamento correto.

Às vezes fazemos juízos precipitados, quando não conhecemos todos os fatos. Mesmo no caso de um homem como o apóstolo Paulo e apesar de todas as explicações que ele deu, ainda assim a igreja de Corinto achava que ele tinha más intenções ou que não era aquilo que dizia ser.

Assim, precisamos ter cuidado e compreender que esse problema acontece. Por isso a Bíblia diz que, se seu irmão pecar contra ti, vá falar primeiro com ele (Mt 18.15), pois pode ser um problema de interpretação. Às vezes, quando conversamos com alguém que supostamente nos ofendeu, a pessoa diz: “Mas eu nunca disse isso! Não era essa minha intenção! Não foi nada disso!”. Por isso é importante ir até a pessoa, em vez de ficar ouvindo boatos. Quem conta um conto, aumenta um ponto. Quando a história chega para você, já é uma situação totalmente absurda e irreal, é fake news. Então, vá lá à origem, uma vez que existe essa possibilidade, especialmente no ambiente de igreja, especialmente se tratando do seu pastor e da sua liderança, dos presbíteros. Por isso Paulo diz: “Não aceites acusação contra um presbítero, se não houver mais duas ou três testemunhas” (1Tm 5.19). Porque existe essa possibilidade de as pessoas interpretarem mal a sua liderança.

A segunda lição que extraímos dessa passagem é que igrejas que tropeçam, moral ou espiritualmente, são motivo de grande tristeza e sofrimento para aqueles que deram sua vida, seu tempo, e investiram para que ela fosse uma igreja de Deus. Da mesma forma, pessoas nas quais investimos tempo, recursos e nosso coração, nossa alma, e que se desviam ou seguem por um caminho errado, também partem o nosso coração.

Pastores, com frequência, são humilhados por Deus, quando percebem que a colheita se perdeu em parte, ou que pessoas nas quais eles investiram e acreditaram traíram sua confiança e seguiram por outros caminhos. Não há nada que fira mais o coração de um pastor do que isso, como Paulo mostra nessa passagem. Ele diz, em resumo: “Eu tenho medo de chegar no meio de vocês, pois vou chorar. E Deus vai me humilhar no meio de vocês, porque verei que estão todos exatamente do mesmo jeito”.

A terceira lição que podemos extrair dessa passagem é que não há nada tão destrutivo para a vida de uma igreja quanto essas oito atitudes carnavais de relacionamento. Já pensou nisso? Eu já ouvi contarem de uma reunião de conselho da igreja em que doze presbíteros partiram para a briga, para a violência física. Já pensou isso acontecendo na reunião de conselho? Eu sei de

muitas outras coisas, e não as conto para não desanimar ninguém. Mas acontecem! Já soube de igreja em que, na assembleia de eleição para pastor, o partido que perdeu chamou a polícia, porque não aceitava o resultado da eleição. A polícia chegou e foi uma confusão só. Pessoas saíram no tapa. Que testemunho belo para a vizinhança!

É lamentável, mas acontece exatamente isso. E não há nada que destrua mais uma igreja e sua reputação do que essas oito atitudes carnaís nos relacionamentos: brigas, ciúmeira, ódio, egoísmo, insulto, falatório, orgulho e desordem. São precisamente as oito coisas que Paulo menciona na passagem que estudamos.

São obras da carne e que, provavelmente, refletem a quarta lição que gostaria de extrair para nós. As obras da carne refletem o fato de que boa parte dos problemas de uma igreja pode ocorrer por causa da presença de membros e líderes não convertidos. Veremos Paulo dizer no próximo capítulo, em 13.5: “Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé. Provai a vós mesmos”. Em outras palavras, Paulo recomenda que se examinem para ver se são crentes de verdade, pois esse tipo de atitude não pode ser de alguém que seja crente.

Ao final da carta, Paulo já está questionando a conversão de uma parte da igreja. Porque esse tipo de atitude só se explica por um coração não regenerado. Eu lamento dizer, mas acredito piamente que boa parte dos problemas das igrejas evangélicas é que há membros que não são convertidos. E também há líderes que não são convertidos. E há até pastores e presbíteros que não são crentes. Só isso explica o grau de carnalidade, de incredulidade, de dureza de coração e de capacidade de fazer o mal sem temor de Deus que encontramos em algumas igrejas. Só pode ser explicado por isso.

De fato, há muita gente nas igrejas que nunca nasceu de novo. Por isso termino esse capítulo com uma súplica a Deus, para que ele tenha misericórdia de nós. As nossas igrejas precisam levar mais a sério a questão da membresia, a questão da eleição de pastores e de presbíteros, ou mesmo de outros dirigentes. Hoje em dia a porta é muito ampla: a pessoa é um pouco eloquente, bem-sucedida no mundo, é um homem de negócios que deu certo, e já querem colocá-lo em alguma posição de liderança na igreja, sem verificar se a conversão dele é legítima. Porque as pessoas podem estar na igreja por vários motivos diferentes: por terem sido atraídas por alguém; porque tiveram uma formação quando criança e cresceram na igreja; porque têm um parente que está por lá; porque se

sentem atraídas pela maneira evangélica de viver. É possível uma pessoa estar na igreja e não ter nascido de novo.

Conta-se que Martin Lloyd-Jones foi pregar em uma igreja na Inglaterra. Ele iria pregar de manhã e à noite. Era uma igreja muito tradicional, antiga, uma igreja centenária. E, então, ele pregou a Palavra de Deus, pregou o evangelho para a igreja, como se a igreja não fosse crente, como se estivesse cheia de incrédulos. E ele disse: “Hoje à noite a minha mensagem será para aquelas pessoas que têm dúvidas a respeito da sua salvação e se de fato gostariam de ter um encontro com Deus”. Ele contava que, na saída, uma das matriarcas de um dos clãs da igreja, que estava na igreja desde pequena, apertou a mão dele e disse: “Hoje à noite eu venho”. A vida toda na igreja, e naquele dia sua fé foi sacudida. Ela disse: “Hoje à noite eu venho. Porque, de fato, preciso me reconciliar com Deus e conhecer esse Deus”.

Capítulo 35

providências tomadas por paulo

2Coríntios 13

Esta é a terceira vez que vou visitar-vos. Pela declaração de duas ou três testemunhas toda questão será confirmada. Já disse isso quando estava presente da segunda vez, e estando agora ausente, volto a dizer aos que anteriormente pecaram e a todos os demais que, quando voltar, eu não os pouparei, visto que exigis uma prova de que Cristo fala por meu intermédio. E ele não é fraco para convosco, antes é poderoso entre vós. Porque, embora tenha sido crucificado em fraqueza, ele vive, mas pelo poder de Deus. Pois nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele pelo poder de Deus para convosco. Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé. Provai a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? A não ser que já estejais reprovados. Mas espero que reconheçais que nós não fomos reprovados. Pedimos a Deus que não causeis mal algum; não para que pareçamos ter sido aprovados, mas que façais o bem, embora aparentemos ter sido reprovados. Porque nada podemos fazer contra a verdade, mas somente em favor dela. Pois nos alegramos quando somos fracos e vós sois fortes; oramos pelo vosso aperfeiçoamento. Por isso, escrevo essas coisas estando ausente, para que, quando estiver presente, não tenha de usar de rigor, segundo a autoridade que o Senhor me deu para a edificação e não para a destruição. Quanto ao mais, irmãos, alegrai-vos, sede maduros, tende ânimo, pensai do mesmo modo, vivei em paz. E o Deus de amor e paz estará convosco. Cumprimentai-vos uns aos outros com o beijo santo. Todos os santos vos cumprimentam. A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

Chegamos ao final de 2Coríntios.

Certo dia eu estava participando de uma banca de doutorado. Eu era um dos orientadores, e a tese do orientando era sobre os princípios do apóstolo Paulo para a fundação de igrejas. O orientador principal era o Dr. Elias Medeiros, um missiólogo brasileiro e teólogo conhecido, que mora nos Estados Unidos e é professor lá. Depois da banca, o Dr. Elias perguntou o que eu estava expondo em minha igreja. Eu disse: “Estou acabando hoje a exposição de 2Coríntios”. E ele falou que era colega do Dr. Simon J. Kistemaker, que escreveu uma série de comentários dos livros do Novo Testamento.

Ele me disse que, uma vez, o Dr. Kistemaker chegou na reunião da congregação, no seminário onde ambos dão aula, e disse: “Irmãos, peço orações, porque comecei a escrever o comentário de 2Coríntios, e é muito difícil!”. Eu disse para o Elias: “Se o Kistemaker achou difícil comentar 2Coríntios, imagine o sofrimento e as angústias que eu tive de passar, durante esse ano todo, expondo 2Coríntios”.

Mas, enfim, chegamos ao final, com a consciência e a sensação de que é uma das cartas mais profundas do apóstolo Paulo. Provavelmente é a carta mais pessoal, na qual ele mais fala a respeito de si, de suas lutas, seus conflitos. Isso com certeza nos traz uma identificação maior com essa carta do que com outras, na quais Paulo é mais técnico e doutrinário, pois em 2Coríntios ele trata de questões tão práticas e pessoais.

Portanto, já é com saudade de 2Coríntios que vamos encerrar nosso estudo com este capítulo.

Neste último capítulo, Paulo avisa a igreja de Corinto a respeito de algumas providências que ele irá tomar por ocasião da sua terceira visita. Paulo está planejando visitá-los por uma terceira vez, e vem dizendo isso ao longo da carta. Mas, ele teme que essa terceira visita não seja amistosa e não acabe bem. Por isso, temos visto que, desde o começo do capítulo 10, ele vem expondo alguns temores que sente em relação a esse encontro. E agora, ao final da carta, ele menciona as providências que pretende tomar quando chegar a Corinto, e se despede dos coríntios.

Não sabemos se essa visita efetivamente aconteceu. Nem sabemos o resultado ou o efeito que essa carta surtiu na igreja de Corinto. A história silencia a respeito

disso. O que sabemos é que, no final do século 1, cerca de 30 anos depois que Paulo escreveu essa carta, Clemente de Alexandria, que tinha sido um dos discípulos dos apóstolos, escreveu também uma carta à igreja de Corinto. E a carta que Clemente escreveu era uma reclamação que ele estava fazendo à igreja, porque eles tinham disciplinado alguns presbíteros sem que tivesse havido uma queixa moral contra eles, sem que eles tivessem cometido alguma falha moral. Clemente achou que a igreja de Corinto fora excessivamente rigorosa com os líderes. Eles simplesmente depuseram alguns presbíteros, sem que houvesse base suficiente para isso. Essa é a última notícia que temos da relação apostólica com Corinto.

Alguns séculos depois, a cidade foi tomada pelos bárbaros, a igreja passou por dificuldades, e não se tem mais notícia do progresso do cristianismo naquela região, até chegar à era moderna. Então, estamos tratando praticamente da última oportunidade, das últimas palavras dirigidas por Deus àquela igreja, por meio do apóstolo Paulo.

Podemos dividir em quatro partes o que Paulo está fazendo nesse último capítulo. Primeiro, Paulo avisa como procederá quando chegar em Corinto. Isso encontra-se nos versículos 1 a 4, nos quais ele diz detalhadamente o que vai fazer.

Na segunda parte, que vai do versículo 5 ao 10, Paulo diz que deseja, na verdade, que não seja necessário usar de rigor para com a igreja, quando lá chegar, pois espera que essa carta produza arrependimento e mudança nos coríntios.

Na terceira parte, que se encontra nos versículos 11 e 12, Paulo se despede deles. E, na quarta parte, no versículo 13, ele os abençoa, e assim termina a carta.

Como Paulo procederá quando chegar

Paulo fala como irá proceder quando chegar a Corinto:

Esta é a terceira vez que vou visitar-vos. Pela declaração de duas ou três testemunhas toda questão será confirmada. Já disse isso quando estava presente da segunda vez, e estando agora ausente, volto a dizer aos que anteriormente pecaram e a todos os demais que, quando voltar, eu não os pouparei, visto que exigis uma prova de que Cristo fala por meu intermédio. E ele não é fraco para convosco, antes é poderoso entre vós. Porque, embora tenha sido crucificado em fraqueza, ele vive, mas pelo poder de Deus. Pois nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele pelo poder de Deus para convosco (v. 1-4).

Nesses versículos há três pontos que eu gostaria de destacar. Primeiro, Paulo avisa que vai a Corinto na condição de apóstolo, com autoridade para punir os coríntios. Ele diz: “Esta é a terceira vez que vou visitar-vos”. É como se estivesse dizendo: “Vocês estão dando muito trabalho. Eu estou indo pela terceira vez para ver se resolvo esses problemas”. Então ele diz: “Pela declaração de duas ou três testemunhas toda questão será confirmada”. A que Paulo se refere ao dizer isso?

Em Deuteronômio 17.6 e 19.5, Moisés tinha dito ao povo que toda questão seria resolvida pela boca de duas ou três testemunhas. Paulo tinha ido a Corinto uma primeira vez, uma segunda vez, e, agora, iria uma terceira vez. Portanto, são essas as três testemunhas de Paulo. Ele estivera por três vezes na cidade, e tinha certeza do que estava falando. O que ele viu, experimentou e sentiu sobre a igreja formou sua convicção de que os coríntios eram repreensíveis. A palavra estava confirmada por essas três visitas que ele tinha feito. Em outras palavras, Paulo está dizendo: “É a terceira vez que vou. E lembrem-se: pelo depoimento de três testemunhas, toda palavra será confirmada, todo assunto será resolvido. Essa minha terceira ida está dentro daquilo que foi previsto pela lei de Moisés, e já é para resolver o assunto. Estou certo do que vou fazer quando chegar aí”.

No versículo 2, Paulo afirma que, quando chegar a Corinto, ele não poupará os culpados, como tinha feito da outra vez: “Já disse isso quando estava presente da segunda vez, e estando agora ausente, volto a dizer aos que anteriormente pecaram e a todos os demais que, quando voltar, eu não os pouparei” (v. 2).

Quando estive lá pela segunda vez, Paulo poupou os coríntios de disciplina. Ele foi bondoso e, inclusive, saiu humilhado da visita. Mas agora ele garante que será o contrário. Ele está indo como apóstolo de Cristo para punir os culpados. E

tem certeza disso, porque já é a sua terceira visita. Ele não poupará aqueles que pecaram, como poupou da vez anterior. Desta feita, Paulo, então, usará de sua autoridade apostólica.

O que ele quer dizer com “eu não os pouparei”? Ele está afirmando, provavelmente, que punirá os responsáveis pela rebelião em Corinto e faria aquilo que fez em sua primeira carta com o indivíduo imoral da igreja de Corinto, a quem Paulo entregou a Satanás, para que aprendesse a não blasfemar. Tratava-se de um membro da igreja que estava vivendo uma relação imoral com a sua madrasta. A igreja não havia tomado medida nenhuma para discipliná-lo. Paulo, à distância, por carta, junto com os coríntios, expulsa da igreja o cidadão, entregando-o ao Diabo para que fosse castigado e isso produzisse arrependimento, podendo ele assim ser restaurado à vida da igreja. Portanto, Paulo está dizendo basicamente: “Eu não vou poupar vocês nessa terceira visita. Farei com vocês o que fiz com aquele imoral que vocês se recusaram a disciplinar. E farei isso visando ao arrependimento de vocês”.

Mas qual era o pecado dos coríntios, afinal? Paulo revela nos versículos 3 e 4. No versículo 2 ele tinha dito “eu não os pouparei”. No versículo 3, Paulo revela o porquê: “visto que exigis uma prova de que Cristo fala por meu intermédio” (v. 3). Essa frase resume todo o pecado da igreja de Corinto. Essa igreja vivia pedindo a Paulo que provasse que Cristo falava por meio dele ou que provasse que ele era um apóstolo de Cristo. Por que isso seria pecado, uma vez que a Bíblia nos exorta a examinarmos as profecias e a sermos criteriosos com aqueles que se apresentam como líderes? Era pecado porque Paulo, desde que estivera em Corinto pela primeira vez, já havia dado provas mais do que suficientes de que Cristo falava por meio dele. Paulo não somente realizou os sinais e prodígios que eram característicos dos discípulos e dos apóstolos de Jesus Cristo, mas também ensinou a mesma doutrina que o Senhor Jesus Cristo ensinava. A vida de Paulo era irrepreensível. Ele não tomou dinheiro dos coríntios, ao contrário dos “apóstolos” mercenários. Paulo tinha dado todas as evidências de que, de fato, ele era um servo de Jesus Cristo, para não falar de todos os sofrimentos que passara e das perseguições que suportara por causa do nome de Cristo.

Apesar de todas as evidências que Paulo tinha dado — e a maior delas era a conversão dos coríntios, através do próprio ministério dele —, os coríntios estavam o tempo todo procurando provas de que Cristo falava por meio de Paulo. Por isso Paulo lhes disse, em resumo: “Já passei por isso as duas vezes em que estive aí. Essa terceira ida confirmará a questão. Vou punir vocês

exatamente por isso. Porque essa atitude é incredulidade, rebelião e franca desobediência. Por isso eu não vou poupá-los desta vez. Este é o pecado de vocês: procuram provas de que Cristo fala por meio de mim, mesmo que essas provas já tenham sido dadas de maneira tão abundante diante de vocês”.

Na verdade, os coríntios não somente queriam provas, mas diziam que a presença de Paulo era fraca, que ele não tinha boa retórica, que sua presença não impressionava, que ele vivia sendo rejeitado pelos judeus. Diziam ainda que ele só era ousado nas cartas, escrevia cartas pesadas, mas, quando presente, não era assim. Ou seja, Paulo não era como aqueles “apóstolos” que chegaram na igreja, garbosos, bonitos, imponentes, contando maravilhas e experiências extraordinárias. Ao contrário, diante daqueles “apóstolos” Paulo parece se encolher. Em síntese, os coríntios não queriam de maneira nenhuma aceitar a autoridade do apóstolo Paulo, apesar de tudo que ele tinha dito ou feito.

A resposta de Paulo, em outras palavras, foi a seguinte: “De fato, Cristo foi crucificado em fraqueza. Essa fraqueza que vocês estão vendo em mim corresponde à fraqueza de Cristo, porque Cristo também parecia fraco. Ele foi julgado como malfeitor, foi pendurado na cruz, morreu uma morte humilhante, que era reservada para os piores criminosos. Aos olhos do mundo, Cristo era fraco. E vocês me consideram fraco, mas essa minha fraqueza é a fraqueza de Cristo”.

“De fato, foi crucificado em fraqueza, mas vive pelo poder de Deus” (v. 4, NAA). Depois de morto, Cristo ressurgiu dos mortos, vencendo a morte, o mundo, o pecado e o Diabo, mostrando o que é o verdadeiro poder. Da mesma forma, Paulo diz: “Pois nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele pelo poder de Deus” (v. 4). Ou seja, ele estava dizendo: “Eu posso parecer fraco para vocês, mas a verdade é que, quando sou fraco, então é que sou forte”.

O padrão de fraqueza/poder dos coríntios era diferente do padrão de fraqueza/poder do apóstolo Paulo. Os coríntios queriam pregadores poderosos, impactantes, de alta retórica, que pudessem impressionar o público com palavras, atos, gestos, e frases de efeito. Exatamente como aqueles “apóstolos” que estavam chegando à cidade de Corinto e querendo minar a autoridade do apóstolo Paulo.

Mas o conceito de Paulo de poder espiritual era bem diferente disso. Começava com fraqueza, humildade, renúncia e sofrimento, por amor a Cristo. Para Paulo,

é nisso que estava o verdadeiro poder do ministério, e não em ostentação exterior, como a daqueles “apóstolos”. Por isso, Paulo diz que também era fraco em Cristo, mas viverá com ele pelo poder de Deus para o bem dos coríntios. Porque, no final, era isso que Paulo desejava.

Nessa primeira parte, o apóstolo Paulo diz quais seriam as providências que ele iria tomar quando chegasse lá. Já era a terceira vez que os visitava. Todo assunto já está mais do que estabelecido. O pecado dos coríntios era procurar prova em Paulo de que Cristo falava por meio dele. A aparente fraqueza de Paulo, na verdade, correspondia à fraqueza de Cristo. E o poder de Cristo fortalecerá Paulo, para ele exercer sua autoridade, se for necessário, embora Paulo espere que não seja.

Examinem-se a si mesmos

Paulo espera que eles se arrependam, e que isso aconteça antes de chegar a Corinto:

Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé. Provai a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? A não ser que já estejais reprovados. Mas espero que reconheçais que nós não fomos reprovados. Pedimos a Deus que não causeis mal algum; não para que pareçamos ter sido aprovados, mas que façais o bem, embora aparentemos ter sido reprovados. Porque nada podemos fazer contra a verdade, mas somente em favor dela. Pois nos alegramos quando somos fracos e vós sois fortes; oramos pelo vosso aperfeiçoamento. Por isso, escrevo essas coisas estando ausente, para que, quando estiver presente, não tenha de usar de rigor, segundo a autoridade que o Senhor me deu para a edificação e não para a destruição (v. 5-10).

Nessa segunda parte, Paulo manifesta o desejo de que não tenha de usar a autoridade que recebeu de Cristo para disciplinar a igreja, excluir pessoas e

entregá-las ao Diabo. Ele espera que isso não aconteça. Ou seja, espera que essa carta, que chegará antes dele a Corinto, produza o efeito desejado de arrependimento e mudança de vida. Paulo, na verdade, ora por isso. Esse é o resumo do que vemos nesse trecho da carta.

Gostaria de destacar três pontos, porém. Nessa parte, Paulo começa com uma exortação para que eles se examinem, para que vejam se Cristo está de fato neles. Isso está nos versículos 5 e 6: “Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé. Provai a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? A não ser que já estejais reprovados. Mas espero que reconheçais que nós não fomos reprovados” (v. 5,6).

Em vez de ficar examinando Paulo e querendo provas da parte dele, os coríntios deveriam estar examinando e provando a si mesmos. É como se Paulo lhes dissesse: “Provem se vocês estão na fé. Examinem-se. Façam uma análise da atitude de vocês. Lembrem-se das palavras de vocês. Lembrem-se de como têm agido diante de mim, como têm me tratado, como têm recebido esses falsos profetas. E perguntem a si mesmos: ‘Um crente verdadeiro age da maneira que estou agindo?’. Se Cristo está em vocês, por que estão tomando essa atitude? Por que estão vivendo dessa maneira? Alguns de vocês ainda vivem em pecado de imoralidade. Alguns de vocês ainda vivem na malícia e na impureza. Examinem-se, provem-se a si mesmos, para ver se estão de fato na fé”.

Paulo quer que os coríntios olhem para dentro de si, pois, na avaliação do apóstolo, não todos, mas alguns dos coríntios provavelmente não tinham se convertido de verdade. Pois, esse tipo de atitude, que Paulo vem combatendo por toda a carta, só pode proceder de corações não convertidos. É concebível que um crente cometa um erro, dois erros, que vacile aqui e ali. Sendo crente, ele vai se arrepender e mudar de vida. Mas, se a pessoa é arrogante, prepotente, não se arrepende e continua com essa atitude de incredulidade, rebelião, zombaria, escárnio, de rejeição daquilo que é obviamente de Deus, isso só pode proceder de um coração não convertido, de pessoas que estão na igreja, mas que nunca realmente nasceram de novo. A sua natureza nunca foi de fato transformada. Elas nunca experimentaram a regeneração do Espírito Santo, uma mudança de orientação em sua vida. Então, a religião delas é mera capa, é exterior, é só por fora. O coração continua o mesmo, não foi mudado. E um coração que não foi mudado pelo poder do Espírito Santo é um coração carnal, corrupto, vendido ao pecado, e que produz as obras da carne, entre elas: contendas, discórdias, malícias, incredulidade, zombaria, maledicência, ódios, invejas, divisões, e todas

essas coisas que Paulo vem combatendo e que estavam acontecendo na igreja de Corinto.

Em outras palavras, Paulo lhes pergunta: “A fé de vocês é genuína? Cristo está realmente em vocês? Vocês não conseguem discernir e não reconhecem que Cristo está em vocês? Não conseguem perceber isso? Se Cristo está em vocês, por que estão me tratando dessa maneira? Por que estão agindo dessa maneira?”.

Paulo primeiro os exorta. Em seguida, Paulo ora por eles. Paulo diz que está orando por eles, para que façam a coisa certa, quando receberem a carta. Ele diz, no versículo 7, que ora para que eles não façam nada de mal: “Pedimos a Deus que não causeis mal algum”. Ou seja: “Pedimos a Deus que vocês não façam nada errado, que não façam nada pecaminoso, que se arrependam, quando receberem essa carta, que mudem de atitude e, depois, recebam-me como apóstolo de Cristo, como já deveriam ter feito”.

O alvo de Paulo, ao pedir que não fizessem nada de mal, não era mostrar que eles estavam errados e Paulo estava certo, como ele mesmo diz no versículo 7: “Pedimos a Deus que não causeis mal algum; não para que pareçamos ter sido aprovados, mas que façais o bem, embora aparentemos ter sido reprovados”. É um jogo de palavras difícil de traduzir e de compreender, mas o que Paulo está dizendo é mais ou menos isto: “Estou orando para que vocês façam a coisa certa, ainda que para isso pareça que eu seja a pessoa que está errada. Porque o que me interessa é que vocês façam o bem. Não importa o que pensem de mim, o que quero é o bem de vocês. Essa é a minha oração. E espero que essa carta produza esse efeito em vocês. Estou orando por vocês”.

Em resumo, primeiro ele diz: “Examinem o coração de vocês, vejam se são da fato convertidos”. Segundo: “Estou orando por vocês, para que façam a coisa certa, ainda que isso signifique que pareça que estou errado”.

É na terceira fala de Paulo nessa parte que ele revela a razão pela qual escreveu essa carta: “Porque nada podemos fazer contra a verdade, mas somente em favor dela” (v. 8). Difícil de entender essa passagem e o que Paulo está dizendo aqui. A única interpretação que acho ser possível é a seguinte: “Se estiverem praticando a verdade, eu, na condição de apóstolo, não vou poder fazer nada contra vocês. Não vou poder, por exemplo, excomungar a igreja toda nem desfazê-la, porque não posso ir contra a verdade. Então, se estiverem fazendo a coisa certa, conforme estou orando, nada posso contra a verdade, somente a

favor dela. Isso significa que, quando eu chegar a Corinto, não vou poder exercer a minha autoridade de apóstolo e dissolver a igreja, nem expulsar vocês dela, nem entregá-los ao Diabo, como já fiz antes. ‘Porque nada podemos fazer contra a verdade, mas somente em favor dela’”.

Eu creio que essa é a melhor interpretação da passagem. Notemos que logo em seguida ele ora a Deus pelo aperfeiçoamento dos coríntios (v. 9), após dizer que se alegrava quando eles estavam fortes, ainda que, na avaliação deles, ele, Paulo, estivesse fraco. “Oro para que vocês pratiquem o bem e a verdade para que, quando eu chegar, possa dizer: ‘Eles estão certos e estão praticando a verdade. Logo, eu nada posso fazer contra eles, porque só posso agir a favor da verdade, e não contra ela’”.

Paulo prossegue e declara o motivo de ter escrito essa carta: “... escrevo essas coisas estando ausente, para que, quando estiver presente, não tenha de usar de rigor, segundo a autoridade que o Senhor me deu para a edificação e não para a destruição” (v. 10). Paulo tem autoridade da parte de Cristo para “destruir” a igreja de Corinto. Como apóstolo de Jesus, ele pode chegar e excomungar os rebeldes, excluí-los da igreja, e entregá-los completamente a Satanás. E ele teria o poder de Cristo atrás de si para confirmar isso. Ele poderia fazê-lo como apóstolo de Cristo. Mas não é o que ele quer fazer. Por isso ele escreve essa carta. Por isso ele ora pelos coríntios. Por isso ele diz que não pode fazer nada contra a verdade e espera que eles sejam corretos, pois não quer usar a autoridade que Cristo lhe deu para destruí-los, já que essa autoridade, na verdade, é para a edificação e não para a destruição.

Que grande coração tem o apóstolo Paulo, não é verdade? Que coração pastoral! Que amor! Que dedicação! Que abnegação! Que humildade! Que renúncia em favor daquela igreja complicada! Se você pensa que sua igreja é complicada, leia de novo 1 e 2Coríntios. Só então você saberá o que é uma igreja complicada, antes de falar mal da sua. E veja que exemplo de pastor, de pai espiritual, o apóstolo Paulo nos dá nessas cartas. Por um lado, vemos um pastor preocupado, amoroso, que ora pelo rebanho; por outro lado, vemos um teólogo exato, preciso, meticuloso, que procura explicar a razão de todas as coisas, corrigir os coríntios em todos os pontos em que eles se encontravam desorientados.

A despedida

A terceira parte do capítulo 13 é composta dos versículos 11 e 12 , nos quais Paulo finalmente se despede dos irmãos:

Quanto ao mais, irmãos, adeus! Procurem aperfeiçoar-se, consolem uns aos outros, tenham o mesmo modo de pensar, vivam em paz. E o Deus de amor e de paz estará com vocês. Saúdem uns aos outros com um beijo santo. Todos os santos mandam saudações (v. 11,12, NAA).

Temos quatro partes nessa saudação de Paulo. Primeiro, gostaria de observar que Paulo ainda os chama de irmãos: “Quanto ao mais, irmãos”! Parece que a palavra irmãos tinha um significado muito amplo para o apóstolo Paulo. Ele chama de irmão quem não necessariamente está em plena comunhão com ele e quem não necessariamente concorda com ele em todos os pontos. Isso é importante destacar, porque, às vezes, só chamamos de irmão e só cumprimos a quem pensa exatamente como nós. Mas Paulo usa o termo “irmão” para toda e qualquer pessoa que professa a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, ainda que haja dificuldades no relacionamento, tensões e diferentes compreensões, como era o caso entre ele e os crentes da igreja de Corinto. Apesar de tudo, Paulo ainda se refere a eles como irmãos, o que é uma lição extraordinária para nós, que vivemos num país em que o evangelicalismo é extremamente fragmentado. A igreja evangélica no Brasil é muito fragmentada, muito dividida. E há esse espírito sectário, em que não enxergamos além dos limites da nossa denominação. Não acreditamos que fora da nossa denominação exista vida espiritual. Mas o apóstolo Paulo tem essa visão mais abrangente do reino de Deus. Ele sabe que, com certeza, o reino de Deus é bem maior do que a princípio possa parecer para observadores desatentos. Por isso ele ainda consegue, no final de 2Coríntios, dirigir-se a eles como irmãos, apesar de tudo que aconteceu

A segunda parte da saudação de Paulo é a exortação final que ele faz, composta de quatro exortações, na verdade. Primeira: “Procurem aperfeiçoar-se” (v. 11). Ou seja: “Aperfeiçoem-se, irmãos. Vocês precisam crescer. Vocês são irmãos em Cristo Jesus, mas isso não significa que não haja espaço para um avanço na fé,

na ética, nos costumes. Cresçam! A vida cristã é constante, não pode parar. Ela é um progresso constante, pois o alvo é que sejamos como o Senhor Jesus. Por isso, aperfeiçoem-se”.

Segunda exortação: “consolem uns aos outros” (v. 11), através de exortações, conselhos, instruções. Paulo tinha compaixão pela igreja. Ele sabia que, apesar da atitude hostil, havia irmãos ali que estavam sofrendo: irmãos que padeciam necessidade, irmãos que estavam sendo oprimidos, passando por momentos difíceis. Por isso Paulo diz: “Consolem essas pessoas. Vocês mesmos se consolem, ajudem-se, animem-se e confortem uns aos outros com conselhos e com a Palavra de Deus”.

Terceira exortação: “tenham o mesmo modo de pensar” (v. 11). A igreja de Corinto era uma igreja muito dividida. Os crentes tinham opiniões diferentes sobre diversos assuntos, como revelam a primeira carta e também a segunda. Paulo está fazendo um apelo para que eles se esforcem para ter o mesmo pensamento, para que haja unidade na igreja, para que a igreja não fosse como uma família cujos membros vivem brigando uns com os outros, quebrando a unidade da igreja. Ao contrário, que eles procurassem conviver bem, apesar das diferenças. Uns diziam que eram de Paulo, outros diziam que eram de Apolo, outros diziam que eram de Pedro, e havia aqueles que diziam que eram de Cristo. Era uma igreja dividida em facções, em grupos, e nisso estava a origem de toda essa confusão. Então, Paulo os aconselha: “Procurem ter o mesmo modo de pensar. Sejam unidos no pensamento, para que possam conviver como igreja”.

E a última exortação de Paulo está no final do versículo 11: “vivam em paz”. A igreja vivia em clima de guerra. Paulo diz para que vivam em paz. Não uma paz ilusória, mas uma paz verdadeira. E, para fazer isso, eles tinham de tomar todas aquelas providências.

Observe a promessa que Paulo faz, se eles andassem nessas atitudes que o apóstolo acabara de recomendar: “E o Deus de amor e de paz estará com vocês” (v. 11). É significativo lembrar que a igreja de Corinto pensava que Deus estava com eles. A razão pela qual os coríntios achavam que Deus estava com eles e que, portanto, eles eram uma igreja espiritual, eram as manifestações extraordinárias que aconteciam na igreja.

A igreja de Corinto é conhecida por ser a igreja do Novo Testamento em que

mais se manifestavam línguas, profecias, revelações. Era uma igreja em que essas coisas estavam presentes no culto. Isso tinha levado os coríntios a pensar que Deus estava com eles, que Deus estava no meio deles. Por isso, eles pensavam ser uma igreja espiritual, ao mesmo tempo em que tinham todos esses problemas. Mas Paulo diz, em outras palavras: “Edifiquem-se uns aos outros; se consolem; se aperfeiçoem; vivam em paz; e aí sim o Deus de amor e de paz estará com vocês”. Deus não pode estar com uma igreja que está nessa condição, uma igreja que tem brigas, discórdias, ciúmes, partidos, onde há imoralidade, ainda que haja manifestações. Paulo já tinha dito em 1Coríntios: “Mesmo que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, mas não tivesse amor, [...] mesmo que eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios, e tivesse todo o conhecimento, e mesmo que tivesse fé suficiente para mover montanhas, mas não tivesse amor, eu nada seria” (1Co 13.1,2). Paulo está dizendo a mesma coisa agora, ou seja: “Pratiquem essas coisas e, então, o Deus de amor estará com vocês. Pois Deus não pode estar em uma igreja em que esse tipo de coisa acontece, a não ser para convencer, converter, trazer ao arrependimento, renovar e reavivar essa igreja”.

Na penúltima parte da saudação, Paulo diz: “Cumprimentai-vos uns aos outros com o beijo santo” (v. 12). O que era o beijo santo? Era um costume oriental de as pessoas se cumprimentarem com beijo: homem beijava homem; mulher beijava mulher; homem beijava mulher; mulher beijava homem. Todo mundo se beijava! Mas era um beijo de saudação. Não tinha nada de malicioso nem sensual. E era um costume extremamente cultural.

Qual é o exemplo de beijo santo mais famoso do Novo Testamento? É o de Judas. Ele chegou perto de Jesus e o beijou, para assim identificar aos soldados aquele que deveria ser preso. Nada tinha de extraordinário o beijo de Judas em Jesus, pois era costume na Palestina, era costume entre os judeus e entre outros povos daquela cultura. No Antigo Oriente era assim que as pessoas se saudavam. Hoje, nós nos cumprimentamos com um aperto de mão. Se conhecemos mais a pessoa, damos um abraço. Esse é o nosso costume ocidental. No Antigo Oriente, as pessoas se cumprimentavam com um beijo.

Ao dizer: “Cumprimentai-vos uns aos outros com o beijo santo” (v. 12), Paulo está dizendo, portanto, que eles se cumprimentem fraternalmente. Se ele escrevesse uma carta para uma igreja brasileira, ele diria: “Deem um abraço um no outro. Abracem-se, em nome de Jesus”. É isso que ele quer dizer quando fala: “Vocês devem se cumprimentar com o beijo santo”.

É claro que algumas igrejas tomam isso literalmente. Aqui no Brasil ao menos, sei que a igreja Congregação Cristã do Brasil pratica esse beijo santo. E é curioso, porque existem outros costumes que estão na Bíblia e que foram adotados como se fossem parte do cristianismo. O beijo santo virou uma questão de doutrina em algumas igrejas, que o adotam como se fosse mandamento bíblico. Outro exemplo é o lava-pés. Quando mandou que os discípulos lavassem os pés uns dos outros, e ele mesmo lavou os pés dos discípulos, Jesus estava fazendo algo típico daquela época. Quando alguém recebia um visitante em sua casa, como as ruas não eram calçadas e todo mundo usava sandálias abertas, a pessoa chegava à casa dos outros com os pés cheios de poeira ou de lama. Então, quando chegava, a pessoa se sentava e o dono da casa ou um servo vinha com uma bacia e uma toalha, e lavava os pés do visitante. Isso era um sinal de boas-vindas, um sinal de um serviço que era prestado com amor. Era como dizer: “Você é querido e bem-vindo”. Então, Jesus usou aquele gesto para dizer aos discípulos: “Lavem os pés uns dos outros”. Ou seja: “Se eu, que sou o chefe e o Senhor, lavei os pés de vocês, vocês também devem lavar os pés uns dos outros”. Ele não estava mandando literalmente que fizéssemos isso. Era uma figura para dizer: “Sirvam uns aos outros. Sejam servos uns dos outros”. Mas a igreja católica adotou como doutrina para si. E existem algumas igrejas protestantes que têm a cerimônia do lava-pés também, como se fosse alguma doutrina.

Outro exemplo é o véu. Toda mulher no Antigo Oriente usava o véu. Usavam na Judeia, em Roma, em todas as partes da Grécia. Era costume que toda mulher honrada e que estava debaixo de autoridade usasse o véu. Paulo, em 1Coríntios 11, faz uma exposição da necessidade de a mulher usar o véu na igreja, porque, naquele contexto, significava que ela estava debaixo de autoridade. Ele faz isso porque algumas irmãs de Corinto não queriam usar o véu, e queriam participar do culto sem algo que, na cultura da época, representava que elas estavam debaixo de autoridade. Assim, da mesma forma que o lava-pés e que o beijo santo, o uso do véu entrou em algumas igrejas como parte do mandamento bíblico. Existe, inclusive, entre os reformados, um grupo muito pequeno que insiste no uso do véu. E, se não me engano, a Congregação Cristã do Brasil também exige que as mulheres usem o véu, algo que não é a prática na tradição reformada.

Por fim, Paulo termina sua saudação: “Todos os santos vos cumprimentam” (v. 12). Sabemos que Paulo estava com Timóteo, quando escreveu essa carta. Então, esse “todos” inclui Timóteo. Provavelmente inclui também os irmãos da

Macedônia, talvez os irmãos de Filipos, o suposto lugar em que Paulo estava quando escreveu essa carta. Ele está dizendo: “Os irmãos daqui estão mandando saudações a vocês”.

Bênção final

A última parte da carta também não passa sem surpresas. No versículo 13, Paulo termina com uma bênção: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós” (v. 13).

Essa bênção de Paulo, no final da carta, é a base para a bênção apostólica no final dos cultos. Por quê? Porque era para essa carta ser lida em Corinto, durante o culto na igreja. E a última coisa que seria lida — depois do sermão de Paulo, registrado na carta — era exatamente a bênção. Por conta disso, tornou-se um hábito, desde a igreja dos primeiros séculos, do período patrístico e da Idade Média, que o final do culto fosse marcado pela leitura da bênção apostólica, que é baseada em 2Coríntios 13.13.

Essa bênção é trinitária, pois inclui as três pessoas da Trindade. Paulo não fala na ordem costumeira que temos: ele começa com “Senhor Jesus Cristo”, depois fala de “Deus” e termina com o Espírito Santo. Ao abençoá-los com essas três bênções (a graça, o amor e a comunhão), enumerando as três pessoas da Trindade, o apóstolo Paulo já manifesta que seu pensamento é trinitário. Ainda que a palavra Trindade não apareça na Bíblia, existem numerosas passagens, como essa, em que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são mencionados. Elas revelam que os primeiros cristãos já tinham a consciência muito clara da divindade de Jesus Cristo, da pessoalidade e divindade do Espírito Santo e de que são três pessoas com a mesma glória, a mesma divindade, a mesma autoridade, a ponto de eles as colocarem juntas na mesma bênção. Se Jesus Cristo fosse apenas homem e se o Espírito Santo fosse somente uma força que vem de Deus, seria uma blasfêmia colocá-los ao lado de Deus Pai numa bênção como essa.

A bênção trinitária é um dos argumentos que usamos para demonstrar que a doutrina da Trindade já está presente no Novo Testamento, mesmo não sendo ali

designada por esse nome. Mais tarde, ela foi sistematizada e explicada pelos concílios da igreja.

Conclusão e aplicações práticas

O que podemos aprender dessa passagem?

Primeiro, aprendemos que, às vezes, a liderança da igreja precisa usar a sua autoridade espiritual para resolver situações de crise. Inicialmente, os pastores tentam resolver as crises e os problemas na igreja pastoralmente, com diálogo, oração, visita, aconselhamento. Entretanto, pode chegar um momento em que é preciso mais do que isso.

Durante a Reforma protestante, os reformadores identificaram a verdadeira igreja através de duas marcas. Igreja verdadeira é aquela em que o evangelho é pregado de acordo com a Bíblia, e os sacramentos ou ordenanças — o batismo e a ceia — são praticados de acordo com a Bíblia.

Calvino acrescentou um terceiro elemento. Na avaliação dele, igreja verdadeira é aquela em que não somente se prega o evangelho e se celebra o batismo e ceia da forma correta, mas na qual se exerce a disciplina sobre os membros da igreja. Os membros da igreja precisam de cuidado pastoral. Precisam ser disciplinados e corrigidos. Às vezes, só a pregação não muda o membro faltoso: a pessoa não se arrepende somente ouvindo sermões. Por isso, é necessário que a igreja use a sua autoridade espiritual para dizer: “Irmão, ou você muda, ou está fora”. E Deus usa isso para transformar e mudar vidas.

Durante meus quase 40 anos de pastorado, já participei de muitas disciplinas de membros faltosos, e tive a alegria de ver muitos resultados positivos, quando a disciplina foi feita da maneira correta: a pessoa se arrependeu, mudou de vida, foi restaurada na igreja. Uma das coisas que tenho mais alegria em fazer é o culto de restauração de um irmão que foi disciplinado, excluído da igreja, e depois de um tempo se arrependeu, voltou e foi recebido na igreja. Isso me dá uma alegria imensa!

Nas igrejas reformadas, quando se tornam membros da igreja, as pessoas prometem que se submeterão à disciplina e à autoridade da igreja, enquanto esta for fiel à Palavra de Deus. Então, para ser tornar membro de uma igreja reformada, a pessoa tem de prometer isso. E a promessa é muito justa: Se a igreja estiver dentro da Palavra de Deus e estiver me disciplinando por eu estar errado, eu tenho de me submeter. Entretanto, se ela estiver fora da Palavra de Deus, então, não tenho esse dever de me submeter. Mas, se a igreja estiver certa, se os pastores estiverem corretos, se o conselho, os presbíteros, os diáconos e os líderes estão corretos e dentro da Palavra de Deus, o membro tem mais é que se submeter mesmo à disciplina, acatá-la e se humilhar.

A segunda lição que aprendemos é a necessidade de não considerar todos os membros da igreja como nascidos de novo e regenerados. Essa é a tendência de todo pastor. Mas o simples fato de alguém vir à igreja todo domingo, ou de frequentá-la desde que nasceu, não significa que essa pessoa seja convertida. Pode não ser. Tem gente que está na igreja desde que nasceu, mas nunca nasceu de novo, não foi regenerado. E seu coração, cedo ou tarde, vai mostrar esse tipo de atitude que encontramos em 2Coríntios. Portanto, os pastores devem pregar, aconselhar e orientar sempre com isso em mente: “Pode ser que essa pessoa não seja de fato convertida”. Por isso, de vez em quando, pode ser que o pastor precise ter uma conversa deste tipo: “Venha cá, vamos conversar. O que lhe garante que você está salvo? Qual é a sua certeza de salvação e de eleição? O que vê em si mesmo que lhe garante que você é um desses nascidos de Deus? Quais são as evidências do novo nascimento que há na sua vida?”. E, pode acreditar, você vai encontrar membro da igreja gaguejando, titubeando.

Uma pergunta muito simples que podemos fazer é a seguinte: “Se você morresse hoje, chegasse à porta do céu, batesse, Jesus atendesse, e você dissesse: ‘Jesus, eu quero entrar’. E Jesus perguntasse: ‘Quero só que você me diga uma razão pela qual eu deixaria você entrar no céu’. Qual seria a sua resposta?”. Eu já ouvi gente dizendo: “Porque eu só fiz o bem, Jesus”, ou “porque eu fui batizado, Jesus”, ou “porque eu fui à igreja a minha vida toda”, ou “porque existe gente pior do que eu”. Qual seria a resposta certa? “Porque o Senhor morreu por mim, pagou a minha culpa, derramou seu sangue precioso pelos meus pecados, quando eu não merecia. É a única razão pela qual o Senhor abriria a porta para mim, porque o Senhor já começou a boa obra, e agora o Senhor vai completá-la. O Senhor já me salvou da culpa dos meus pecados. Salva-me agora da presença deles”. Essa é a verdadeira razão. E, se você fizer essa pergunta, verá que muito crente vai gaguejar e não vai saber direito explicar a razão da sua fé. Por isso,

pastor, pregador, não presuma que os crentes que o estão ouvindo todo domingo são todos convertidos. Antes, parta do pressuposto de que ali pode haver muitos que ainda não compreenderam o evangelho. Por isso é necessária a pregação evangelística. Toda pregação tem de ser evangelística.

Eu não gosto quando anunciam: “Venha a tal lugar porque vai haver uma pregação evangelística!”. Ora, toda a pregação deveria ser! Porque é muito difícil você ter um auditório cem por cento composto de crentes convertidos. Deve haver alguma mistura no meio, sempre.

A terceira lição que aprendemos é o amor pastoral de Paulo para com a igreja de Corinto, apesar de todas as coisas. Paulo quer que eles se arrependam. Ele não queria exercer a disciplina apostólica sobre eles. Espera que essa carta seja instrumento de mudança. Paulo os trata como irmãos. Ele deseja as bênçãos do Deus triúno sobre eles. Como quero que Deus nos dê um coração de pastor como deu ao apóstolo Paulo!

A última observação é a necessidade de fazermos uma distinção entre aspectos culturais e os princípios espirituais que eles representam. A Bíblia é um livro antigo, que foi escrito há mais de 2000 anos, em um contexto diferente, de uma sociedade diferente, e de uma cultura oriental. É claro que os autores bíblicos preservaram aspectos culturais daquela época ao transmitirem a verdade bíblica. Nós, então, precisamos fazer a distinção entre aquilo que é cultural, e, portanto sem validade permanente, e o princípio eterno, universal, válido para todo o sempre, que é transmitido pela cultura. Por exemplo, o beijo santo: O que ele tem de universal? Será o beijo em si? Não! O princípio eterno e universal que ele transmite é o gesto de os irmãos se cumprimentarem e se receberem como irmãos. Esse é o princípio que deve ser usado e praticado sempre. Dependendo da cultura, é um beijo. Ouvi falar que os esquimós se cumprimentam esfregando um nariz no outro — não sei se é verdade. Enfim, os modos usuais pelos quais pessoas de diferentes culturas se saúdam mudam. O importante é o princípio universal que é transmitido pelo gesto.

Nesse ponto, devo confessar que não vejo problema se, de repente, uma senhora da igreja, ao ler a Bíblia, chegar à conclusão de que ela deve usar o véu. Vou respeitar essa posição, desde que ela não venha a dizer que todas as outras mulheres que não usam o véu estão pecando contra Deus. Se ela quiser usar o véu por uma questão de preferência pessoal, ela deve ser respeitada. Se ela quiser cumprimentar, em vez de abraçando, dando um beijo na bochecha das

pessoas, também não tenho nenhuma dificuldade com isso. Se ela quiser praticar o lava-pés, como costume, toda vez que alguém chegar na casa dela, eu também não tenho problema com isso. Eu só vou ter problema se ela disser: “Não pode ser cristã a casa em que não se lavam os pés uns dos outros”.

Em resumo, devemos sempre manter os princípios, que são universais, e respeitar as diferentes manifestações culturais desses princípios. Agindo dessa forma, viveremos em paz uns com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final dessa carta, queria fazer algumas considerações de natureza prática — na verdade, seriam mais aplicações, dirigidas aos meus colegas pastores em primeiro lugar e aos irmãos em Cristo em geral. Seriam resumos ou sínteses das muitas lições que aprendemos na leitura e estudo de 2Coríntios.

Primeira, mesmo os melhores pastores estão sujeitos a enfrentar desafios e frustrações vindas de pessoas que se converteram através de seu ministério. Os coríntios eram filhos espirituais de Paulo. Contudo, causaram-lhe extrema agonia e dor espirituais. Na verdade, nada nos aflige mais do que a dor causada por filhos — as dores vindas dos inimigos já são esperadas. Pastores carecem da graça de Deus para enfrentar com sobriedade e mansidão aquilo que parece frutos amargos de uma safra espiritual que ele plantou.

Segunda, quanto consolo recebemos de Deus em meio a provações como essa! Um dos temas recorrentes da carta é a consolação divina frequentemente mencionada pelo apóstolo em meio às suas tribulações. Através de comunicações diretas do seu Espírito ou mediante as circunstâncias favoráveis da sua providência, Deus nunca abandonou o apóstolo Paulo à mercê das agruras físicas, mentais e espirituais advindas de seu ministério entre lobos ferozes. Dia após dia as consolações de Cristo reanimavam a fé e o ânimo do apóstolo. É o mesmo Deus quem nos consola assim, para podermos igualmente consolar aquelas ovelhas feridas que o Senhor colocou sob nossos cuidados.

Terceira, pastores são fracos e precisam reconhecer isso. São vulneráveis, sensíveis, se cansam e se fadigam, não poucas vezes se desesperam e chegam perto de cometer loucuras. A consciência da própria fraqueza era a chave do poder espiritual de Paulo. Ele sabia seus limites e, portanto, via claramente o quanto dependia do poder de Deus em Cristo para continuar no ministério. Os pastores que são os candidatos mais prováveis a uma queda moral ou a uma crise de burnout são aqueles que não enxergam o real estado em que se encontram e continuam esticando a corda até que ela se parta — as vezes, de maneira irremediável. “Quanto sou fraco, então é que sou forte” confessa o apóstolo dos gentios, após ter sido levado a encarar sua fraqueza mediante o espinho na carne (2Coríntios 12). Depender do poder do Cristo exaltado é uma das lições mais

preciosas para o pastor que pretende chegar bem ao final de seu ministério e de sua vida.

Quarta, o ministério pastoral consiste não somente em apascentar as ovelhas, mas também em espantar os lobos. Falsos mestres causam um dano terrível ao rebanho. Pastores precisam ter o cajado pronto para enfrentar os enviados de Satanás, o pai da mentira e autor dos falsos ensinamentos. Vemos isso mais do que nunca aqui nessa carta, onde Paulo enfrenta os falsos apóstolos enviados pelo falso anjo de luz. Esses falsos mestres nem sempre estão presentes nas nossas igrejas, mas seu ensino vem a galope nas asas da internet e das mídias sociais, invadindo os lares, escritórios e quartos dos membros das igrejas, que como ovelhas ingênuas absorvem todo tipo de ensino sem questionamento. A importância de um ministério que ensine a verdade e combata o erro é imensurável. Pastores também são mestres (Ef 4.11).

Quinta, a carta nos mostra a importância que as Escrituras tinham no ministério do apóstolo Paulo. Com frequência ele embasa suas exortações e seus argumentos com conteúdo tirado dos sagrados escritos da antiga aliança. Embora apóstolo de Cristo e com autoridade delegada diretamente por ele, Paulo sabia que, em última análise, se não pudesse fundamentar na palavra de Deus a defesa que fazia do Evangelho, ele ficaria sem o fundamento sólido e necessário para o seu ministério. Nossa autoridade como pastores não vem da nossa pessoa, mas da Escritura. Como é necessário nos lembrarmos disso, numa época em que toda autoridade é questionada e argumentos são exigidos pelos membros da nossa igreja e daqueles fora dela.

Sexta, a vida irrepreensível de Paulo transparece em cada pedaço dessa carta. Que zelo! Que fervor! Que espírito de renúncia! Quanta dedicação ao seu Senhor e Salvador! Paulo estava disposto a renunciar à própria vida pelo amor do Evangelho. Quanto nos falta disso hoje! Quão fria é nossa dedicação! Quão interesseiros os nossos motivos! Queira Deus levantar pastores como Paulo para abençoar nossa nação, nesses dias de tantos desafios de dentro e de fora das igrejas.

Conheça outras obras do autor

AUGUSTUS NICODEMUS

UM CHAMADO À JUSTIÇA E RETIDÃO

A MENSAGEM DE ANOS PARA
A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

O livro de Amós faz parte do grupo dos livros chamados Profetas Menores. Um livro pouco conhecido, mas nem por isso menos inspirado. Sua mensagem foi impactante para os leitores da época e certamente será para os dias atuais, tirará o leitor de sua zona perigosa de conforto.

Augustus Nicodemus, com sabedoria e coração pastoral, nos mostra a urgência de conhecer mais sobre o Deus dos profetas, que é o mesmo Deus de hoje. Ou seja, Deus não é apenas Senhor dos cristãos, ele é Senhor do mundo. Ele proferiu juízo às nações pagãs da época e também o fará com as nações atuais que insistem em desobedecê-lo. Nada escapará do seu escrutínio.

A COMPANHIA DA VIDA
AUGUSTUS NICODEMUS

A COMPALXÃO DE DEUS

A MENSAGEM DE JONAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

O livro do profeta Jonas mostra que somos responsáveis por nossos atos e decisões diante de Deus e não podemos fugir de sua vontade. A pergunta que Deus faz nos versículos finais ao profeta irado ainda hoje ecoa em nossos ouvidos como um desafio: Somos como Deus, capazes de ter compaixão e perdoar nossos inimigos, assim como ele perdoou aos ninivitas? Conseguimos, de fato, querer o bem deles e nos alegrar quando Deus os abençoa? Que esse livro ajude a igreja de hoje a encontrar a resposta correta.

AUGUSTUS NICODEMUS

A CONQUISTA DA
TERRA
PROMETIDA

A MENSAGEM DE JOSué
PARA A IGREJA DE HOJE



O livro de Josué conta como Deus cumpriu as promessas feitas a Abraão de dar uma terra e descanso à sua descendência. A narrativa de Josué mostra como Deus conduziu os exércitos de Israel a entrar na terra de Canaã (prometida por Deus) e como os israelitas, sob a direção de Josué, conquistaram essa terra, tomando-a de sete povos militarmente superiores a eles.

Esse volume é o resultado de uma série de mensagens que o autor pregou a partir do livro de Josué com o objetivo de ajudar os crentes a enfrentar as dificuldades e os desafios da vida com base nos princípios para o relacionamento com Deus que encontramos nesse livro bíblico.

AUGUSTUS NICODEMUS

O CULTO SEGUNDO DEUS



A MENSAGEM DE MALAQUIAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

Em nossos dias, assim como na época de Malaquias, o culto a Deus tem sido desvirtuado das mais diversas maneiras. Embora muitos pensem que nada temos a aprender com o Antigo Testamento em matéria de culto, estão enganados. Ao levantarem sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haver desvirtuado o culto ao Senhor, os profetas usaram como argumentos princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas.

AUGUSTUS NICODEMUS

LIVRES EM CRISTO

A MENSAGEM DE GÁLATAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

Esse comentário da Carta aos Gálatas é o resultado de exposições bíblicas voltadas para o público brasileiro contemporâneo, o qual, em muitos sentidos, se parece bastante com os destinatários da carta de Paulo.

Paulo combateu em sua carta a mensagem de missionários judeus que se diziam cristãos e ensinavam que a salvação não se dava somente pela fé em Cristo Jesus, mas também pela obediência à Lei de Moisés.

Hoje enfrentamos mensagem semelhante, defendida e disseminada pelos chamados judeus messiânicos e por pseudoapóstolos, os quais reintroduzem as cerimônias judaicas no culto cristão e obrigam os crentes em Cristo a se sujeitar à mesma Lei a que o Senhor deu pleno cumprimento na sua morte e ressurreição.

AUGUSTUS NICODEMUS

O PODER DE DEUS

PARA A SALVAÇÃO

A MENSAGEM DE ROMANOS 1-7
PARA A IGREJA DE HOJE

VERBA

Escrita por volta de 57 d.C, a Carta aos Romanos foi endereçada por Paulo a cristãos que ele não conhecia pessoalmente. No entanto, mais que uma igreja de desconhecidos, o apóstolo escrevia para uma igreja rachada pelas tensões entre cristãos judeus e gentios.

Neste volume, Augustus Nicodemus expõe os 7 primeiros capítulos dessa mensagem poderosa de Paulo aos cristãos de Roma para nos lembrar que a salvação oferecida pelo evangelho só pode ser alcançada mediante a união com Cristo, em sua morte e ressurreição.

AUGUSTUS NICODEMUS

O PODER DE DEUS

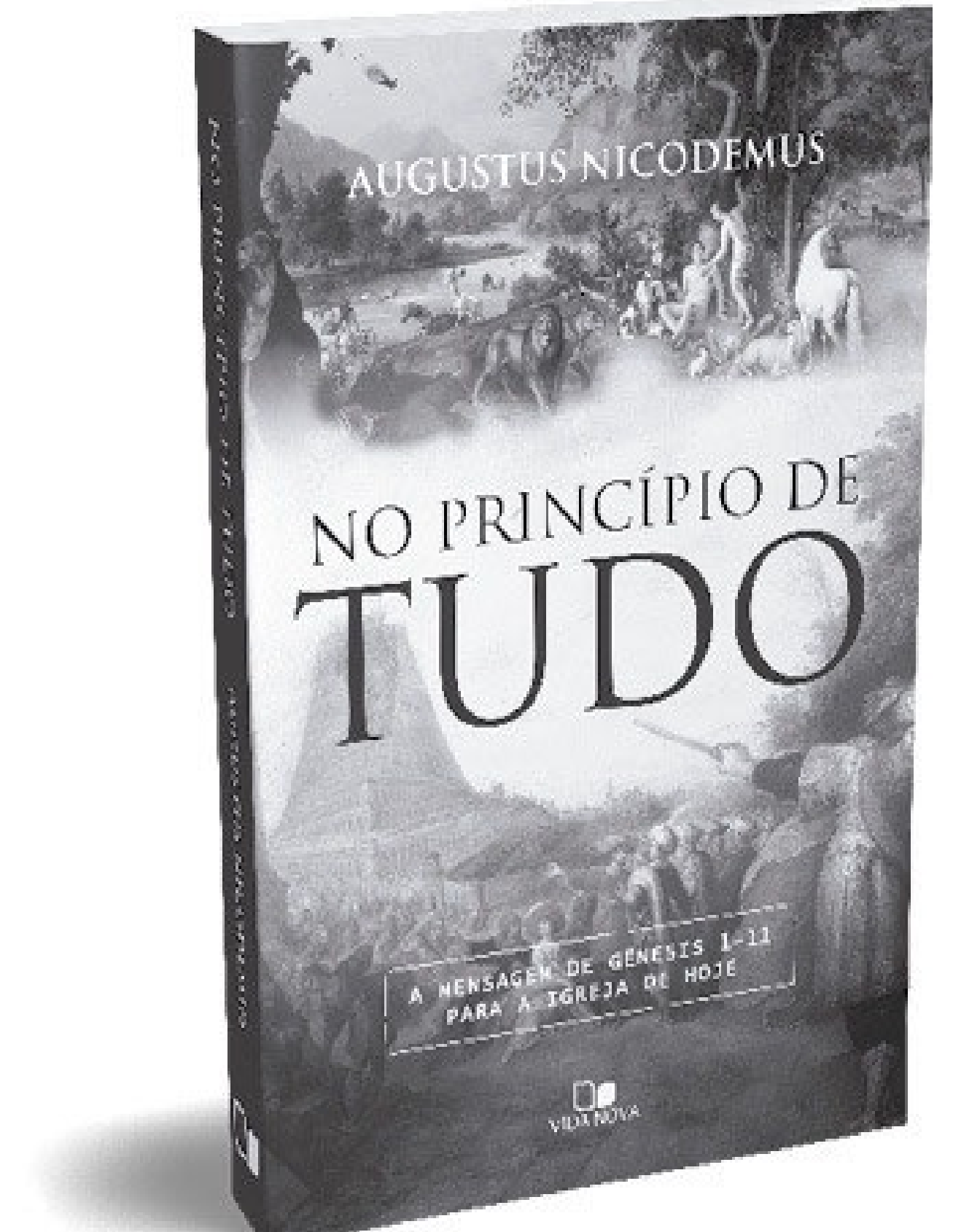
PARA A SANTIFICAÇÃO

A MENSAGEM DE ROMANOS 8-16
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

Na segunda metade da carta, Paulo enfatiza questões fundamentais à fé cristã, tanto no que diz respeito a nossa salvação, quanto a como devemos viver para glória de Deus.

Neste segundo volume de seu comentário de Romanos, Augustus Nicodemus expõe de maneira simples, clara e prática os ensinamentos de Paulo contidos nos capítulos de 8 a 16 de sua carta. Valendo-se de uma abordagem histórico-gramatical, o autor mostra como os princípios alistados pelo apóstolo para resolver os problemas internos da igreja romana ainda são válidos para o nosso tempo, em que ainda deparamos com questões similares às enfrentadas por Paulo.



AUGUSTUS NICODEMUS

NO PRINCÍPIO DE TUDO

A MENSAGEM DE GÊNESIS 1-11
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

Nesta exposição de Gênesis 1—11, Augustus Nicodemus equipa os cristãos a darem respostas a um mundo absolutamente carente de sentido. Perguntas como “Por que existe algo em vez do nada?”, “Por que existe o mal no mundo?”, “Por que as pessoas se matam e se odeiam, apesar de ter Deus feito o mundo bom?” e “Por que precisamos do evangelho e de um Redentor?” são tratadas com profundidade e clareza e, desta maneira, o leitor cristão é capacitado a obter respostas e compartilhá-las com pessoas interessadas à sua volta.

AUGUSTUS NICODEMUS

A SUPREMACIA E A SUFICIÊNCIA DE CRISTO

A MENSAGEM DE COLOSSENSES
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

Em nossos dias, assim como na época de Paulo, a supremacia e a suficiência de Cristo têm sido desafiadas pelos mais variados tipos de heresia. Paulo escreveu a carta aos colossenses em meados do primeiro século para combater um falso ensinamento, conhecido como a heresia de Colossos. No entanto, o leitor atento que esteja familiarizado com a situação da igreja evangélica brasileira não terá dificuldade em identificar nos dias de hoje várias semelhanças com essa heresia. Precisamente por esse motivo a carta que Paulo escreveu aos colossenses é tão relevante para o nosso tempo.